REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, *a* moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.
Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

SÉTIMO ANO- l864

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13.602.970 -Araras - Estado de São Paulo – Brasil

Título original em francês:

REVUESPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA
1ª edição - 1.000 exemplares – 1993

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS
DO SÉTIMO VOLUME

ANO 1864

MAIO
Teoria da Presciência
Vida de Jesus pelo Sr Renan
Sociedade Espírita de Paris; Discurso de abertura do 7- ano
A escola espírita americana
Curso público de Espiritismo em Lyon e em Bordeaux
Variedades - Manifestações de Poitiers
- O Tasso e seu Espírito estouvado
Instruções de Ciro aos seus filhos
Notícias Bibliográficas - A guerra ao diabo e ao inferno - Cartas aos ignorantes
JUNHO
A vida de Jesus, pelo Sr Renan (2- artigo)
Relato completo da cura da jovem obsedada de Marmande
Algumas refutações: - Conspirações contra a fé
-Uma instrução de catecismo
O espírito batedor da irmã Marie
Variedades : - O index da corte de Roma
Perseguições militares
Um ato de justiça
JULHO
Reclamação do Sr Abade Barricand
A religião e o progresso
O Espiritismo em Constantinopla
Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro
Extrato *do Progrès colonial* da Ilha Maurício
Extrato da *Revista Espírita* D'Anvers
Instruções dos Espíritos - O castigo pela Luz
Notícias Bibliográficas -A Educação maternal
O Espiritismo em sua mais simples expressão, edição russa
AGOSTO
Novos Detalhes sobre os possessos de Morzines
Suplemento ao capítulo das preces em *A Imitação do Evangelho*
Perguntas e problemas - Destruição dos aborígines do México
Correspondência - Resposta do redator de *La Vérité* à reclamação do Sr Abade Barricand
Conversas de além-túmulo - Julienne-Marie, a mendiga
Notícias Bibliográficas - *UAvenir,* moniteurdu Spiritisme
Cartas sobre o Espiritismo, escritas a eclesiásticos
Os milagres de nossos dias: relato das manifestações do médium Jean Hillaire
SETEMBRO
Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas
O novo Bispo de Barcelona
Instruções dos Espíritos -Os Espíritos na Espanha
Conversas de além-túmulo - Um Espírito que se crê médium
Estudos Morais - Uma família de monstros
Variedades - Um suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo
Notícias Bibliográficas - *A pluralidade dos mundos habitados,* por Flammarion
A voz de além-túmulo, jornal Espirita

OUTUBRO
O sexto sentido e a visão espiritual - Ensaio teórico sobre os espelhos mágicos
Transmissão do pensamento - Meu fantástico, por Émile Deschamps

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO **NO. 1** **JANEIRO 1864**

AOS ASSINANTES DA REVISTA ESPÍRITA.

A época da renovação das assinaturas da *Revista,* para muitos de nossos leitores, cujo número aumentou este ano numa proporção notável, é uma ocasião de testemunhar seu devotamento à causa, e de manifestar, a nosso respeito, sentimentos dos quais somos vivamente tocados. As cartas que contêm a sua expressão são muito numerosas para que nos seja possível responder a cada uma em particular. Dirigimo-lhes, pois, coletivamente, nossos agradecimentos sinceros pelas coisas obsequiosas que muito querem nos dizer e os votos que fazem por nós e para o futuro do Espiritismo; nossa conduta passada lhes é a garantia de que não faliremos em nossa tarefa, por pesada que seja, e que nos encontraremos sempre no primeiro lugar na luta. Até este dia suas preces foram atendidas, por isso os convidamos a agradecerem os bons Espíritos que nos assistem e nos secundam da maneira mais evidente, afastando os obstáculos que poderiam entravar a nossa marcha, e nos mostrando, cada vez mais claramente, o objetivo que devemos alcançar.

Por muito tempo quase estivemos a sós, mas eis que novos lutadores entram na liça de todos os lados, trabalhando com o ardor, a perseverança e a abnegação que dá a fé, para a defesa e a propagação de nossa santa Doutrina, sem desanimarem com os obstáculos, e sem temerem a perseguição; também a maioria viu a má vontade dobrar-se diante de sua firmeza. Que recebam aqui as nossas sinceras felicitações em nome de todos os Espíritas, presentes e futuros, na memória daqueles

que viverão certamente. Logo terão a satisfação de ver numerosos imitadores caminharem sobre suas marcas, porque, uma vez dado o impulso, não se deterá mais; logo também se verão sustentados por homens tendo autoridade, e que tomarão arrojadamente nas mãos a causa do Espiritismo, que é a do progresso e do bem-estar, material *e* moral, da Humanidade.

Saudações cordiais e fraternas a todos os nossos irmãos em Espiritismo de todos os países.

ALLAN KARDEC.

ESTADO DO ESPIRITISMO EM 1863.

O ano que vem de se escoar não foi menos fecundo do que os precedentes para o Espiritismo, mas ele se distingue por vários traços particulares. Mais do que todos os outros, foi marcado pela violência de certos ataques, sinal característico cuja importância

não escapou a ninguém. Todo o mundo diz para si mesmo: Uma vez que se ponha em cólera, é que se tem medo; tendo-se medo, é que há alguma coisa de séria.

Como é hoje bem verificado que essas agressões fizeram o Espiritismo avançar, antes de detê-lo, ver-se-ão naturalmente diminuir os ataques de viva força; mas não é preciso adormecer sobre a calma aparente, nem crer que os inimigos do Espiritismo logo vão tomar seu partido; é preciso, pois, muito se persuadir de que a luta não está terminada, mas que haverá mudança de tática; é porque dizemos aos Espíritas para vigiarem, sem cessar, sobre o que se passa ao redor deles, e de se lembrarem do que dissemos no número de dezembro último, sobre o período da luta, da guerra surda e os conflitos; que não se admirem, pois, se o inimigo se introduz até em suas fileiras; Deus o permite para experimentar a fé, a coragem, a perseverança de seus verdadeiros servidores. O objetivo será doravante de procurar todos os meios possíveis de comprometer o Espiritismo, a fim de desacreditá-lo; de levar os grupos, sob a aparência do zelo e o pretexto de que é preciso ir adiante a se ocupar de coisas estranhas ao objeto da Doutrina; a tratar das questões políticas ou outras de natureza a provocar discussões irritantes e a semear a divisão, tudo isso para ter pretextos de lhes pedir a firmeza.

A moderação dos Espíritas é o que espanta e contraria mais os seus adversários; tentarão de tudo para fazê-los dela sair, mesmo a provocação; mas saberão frustrar essas manobras por sua prudência, como já o fizeram em mais de uma ocasião, e não caírem nas armadilhas que prepararem; verão, aliás, os instigadores se prenderem em suas próprias redes, porque é impossível que, cedo ou tarde, não mostrem sua intenção. Esse será o momento mais difícil a passar do que aquele da guerra aberta, onde se vê seu inimigo face a face; mas, quanto mais a prova for rude, maior será o triunfo.

De resto, essa campanha teve um imenso resultado, o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido oposto entraram em liça; todos os recursos da argumentação foram desdobrados, e, não tendo o Espiritismo sofrido, cada um permaneceu convencido de que não poderia se lhe opor nenhuma razão peremptória, e a maior prova da penúria de boas razões é que se recorreu ao triste e ignóbil recurso da calúnia: mas muito se quis fazer o Espiritismo dizer o contrário daquilo que ele diz: a Doutrina ali está, escrita em termos tão claros que proíbem toda interpretação falsa, por isso o odioso da calúnia recai sobre aqueles que a empregam, e os convence da impossibilidade. Está aí um fato considerável no ano que acabou, e não tivéssemos obtido senão esse resultado, com isso deveríamos estar satisfeitos; mas há outros não menos positivos.

Este ano, sobretudo, está marcado pelo crescimento do número dos grupos ou sociedade que se formaram numa multidão de localidades onde ainda não havia, tanto na França quanto no estrangeiro, sinal evidente do aumento do número dos adeptos e da difusão da Doutrina; Paris, que tinha ficado para trás, cede, enfim, ao impulso geral e começa a se comover; cada dia vêem-se formarem reuniões particulares num objetivo eminentemente sério e em excelentes condições; a Sociedade que presidimos vê com alegria se multiplicarem, ao redor dela, rebentos vivazes, capazes de espalharem a boa semente. Os grupos particulares, quando são bem dirigidos, são muito úteis para a iniciação dos novos adeptos; a Sociedade principal, em razão da extensão de suas relações, sendo o centro para onde tudo chega das diversas partes do mundo, não pode e não deve se ocupar senão do desenvolvimento da ciência e das questões gerais que absorvem todo o seu tempo; deve forçosamente se abster de tudo o que é elementar e pessoal; os grupos particulares vêm, pois, preencher a lacuna que, forçosamente, ela deixa na prática, e é por isso que encoraja e fecunda com seus conselhos e seu apoio moral às pessoas que se devotam a essa obra de propagação. Se num instante pôde-se conceber alguns temores sobre o efeito de certas dissidências na maneira de encarar o Espiritismo, um fato de natureza a dissipá-los completamente, é o número sempre crescente das Sociedades que, de todos os países, se colocam espontaneamente sob o patrocínio da de Paris, e

erguem a sua bandeira. É notório que a doutrina de *O Livro dos Espíritos é* hoje o ponto para onde converge a imensa maioria dos adeptos; a máxima: *Fora da caridade não há salvação* tem ligado todos aqueles que vêem o lado moral do Espiritismo, porque não há duas maneiras de interpretá-lo, e que satisfaz todas as aspirações. Desde a constituição do Espiritismo em corpo de doutrina, muitos sistemas isolados já caíram, e o pouco de marcas que deixam ainda são sem influência sobre a opinião geral. As bases sólidas sobre as quais ele se apoia triunfarão sem dificuldade das divisões que seus adversários não deixarão de suscitar, porque aqueles contam sem os Espíritos que protegem sua obra, e se servem de seus próprios inimigos para assegurar-lhes o sucesso. Teria sido sem precedente que uma doutrina pudesse se estabelecer sem dissidência, e se se pode espantar de uma coisa, é de ver, quanto ao Espiritismo, a unidade se formar tão prontamente.

Seja como for, o Espiritismo não penetrou ainda por toda a parte, e em alguns lugares é apenas conhecido de nome; os raros adeptos que ali se encontram o atribuem a duas causas: a primeira, ao caráter das populações muito absorvidas pelos interesses materiais; a segunda, a ausência de pregações contrárias; é porque pedem, com todos os seus votos, sermões do gênero daqueles que foram pregados em outras partes, ou alguma manifestação estridente de hostilidade que desperte a atenção e atice a curiosidade; mas que tenham paciência, como é preciso que todo mundo ali chegue, os Espíritos saberão suprir isso por outros meios.

Mas o traço mais característico do ano de 1863 é o movimento que produziu na opinião concernente à Doutrina Espírita; está-se surpreso com a facilidade com a qual o princípio é aceito por pessoas que recentemente o tinham repelido e voltado em zombaria; as resistências, falamos daquelas que não são sistemáticas e interessadas, diminuem sensivelmente. Citem-se vários escritores de boa fé que combateram com todo o exagero o Espiritismo, e que hoje, dominados pela sua sociedade, sem se confessarem vencidos, renunciam a uma luta reconhecida inútil. É que a necessidade de uma transformação moral se faz sentir cada vez mais; a ruína do velho mundo é iminente, porque as idéias que preconizam não estão mais à altura a que chegou a Humanidade inteligente; tudo parece a isso conduzir, e atrás disso se entrevêem vagamente novos horizontes; sente-se que é preciso alguma coisa de melhor do que o que existe, e a procuram inutilmente no mundo atual; alguma coisa circula no ar como uma corrente elétrica precursora, e cada um está à espera; mas cada um diz a si mesmo também que não é a Humanidade que deve recuar.

Um outro fato não menos significativo que muitos notaram, e que é a conseqüência do estado atual dos espíritos, é um número prodigioso de escritos, sérios ou levianos, feitos de fora, e provavelmente sem o conhecimento do Espiritismo, onde se encontram pensamentos espíritas. O princípio da pluralidade das existências, sobretudo, tem uma tendência manifesta a entrar na opinião das massas e na filosofia moderna; muitos pensadores a ele são conduzidos pela lógica dos fatos, e dentro em pouco essa crença se tornará popular; esses são evidentemente os precursores da adoção do Espiritismo, cujos caminhos estão assim preparados e a rota aplainada. São todas essas idéias semeadas em diversos lados, em escritos que vão em todas as mãos, e que lhe tornam a aceitação cada vez mais fácil.

O estado do Espiritismo em 1863 pode, pois, se resumir assim: ataques violentos; multiplicação de escritos pró e contra; extensão notável da Doutrina, mas sem sinais exteriores de natureza a produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, produzem brotos, à espera de que a árvore desdobre seus ramos. O momento de sua maturidade não chegou ainda.

Ao número de publicações que, neste último ano, vieram tomar parte na luta e concorrer para a defesa do Espiritismo, colocamos em primeiro lugar *a Ruche* de Bordeaux e *a Verdade* de Lyon, cujos redatores merecem o reconhecimento e os encorajamentos de todos os verdadeiros Espíritas pela perseverança, o devotamento e o desinteresse dos

quais deram prova. No centro espírita mais numeroso da França, e talvez do mundo inteiro, a Verdade veio se colocar como atleta temido por seus artigos de uma lógica tão rigorosa, que não deixam nenhuma presa à crítica. O Espiritismo logo terá, o esperamos, um novo e importante órgão na Itália, que, como seus primogênitos da França, caminhará de um comum acordo com os grandes princípios da Doutrina.

MÉDIUNS CURADORES.

Um oficial de caçadores, Espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos das reformas morais que o Espiritismo pode operar, nos transmite os detalhes seguintes:

"Caro mestre, aproveitamos nossas longas horas de inverno para nos entregar com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades medianímicas. A tríade do $4^{Ç}$ caçador, sempre unida, sempre vivente, se inspira de seus deveres, e ensaia novos esforços. Sem dúvida, desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Disso podereis julgar pelos detalhes seguintes. Há alguns meses nossos trabalhos têm por objetivo o estudo dos fluidos; esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; também, aplicamo-la agora com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão, bastou para tirar uma nevralgia violenta.

"Madame P... estava afetada, há vinte e oito anos, de uma hiperestesia aguda ou sensibilidade exagerada da pele, enfermidade que a retinha em seu quarto há quinze anos. Ela mora numa pequena cidade vizinha, e, tendo ouvido falar de nosso grupo, veio procurar alívio junto a nós. Ao cabo de trinta e cinco dias, voltou completamente curada. Durante esse tempo, recebeu cada dia um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

"Dávamos, ao mesmo tempo, nossos cuidados a um epiléptico, atingido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se renovavam quase cada noite, e cada vez sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para essa cura importante, e que estava feliz, essa mãe, acompanhando seu filho radicalmente curado! Nós revezávamos, todos os três, de oito dias em oito dias, para a emissão fluídica, colocávamos a mão, ora sobre a cavidade do estômago do enfermo, ora sobre a nuca, no início do pescoço. Cada dia o enfermo podia constatar uma melhora; nós mesmos, depois da evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós, e escapar-se de nossos dedos alongados e de nosso braço estendido para o corpo do sujeito que tratávamos.

"Dávamos nesse momento nossos cuidados a um segundo epiléptico; desta vez, a enfermidade seria talvez mais rebelde, uma vez que é hereditária. O pai deixou, aos seus quatro filhos, o germe dessa afecção; enfim, com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, esperamos reduzi-la em todos os quatro.

"Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e as de nossos irmãos de Paris. Esse socorro será para nós um encorajamento e um estímulo aos nossos esforços. Depois, vossos bons Espíritos podem vir em nossa ajuda, tornar o tratamento mais salutar e abreviar-lhe a duração.

"Não aceitamos por toda recompensa, como bem o pensais, e ela deve ser suficiente, senão a satisfação de ter feito nosso dever e de ter obedecido ao impulso dos bons Espíritos. O verdadeiro amor ao próximo carrega consigo uma alegria sem mistura, e deixa em nós alguma coisa de luminosa, que encanta e que eleva a alma. Também procuramos, tanto quanto nossas imperfeições no-lo permitem, nos compenetrar dos deveres do verdadeiro Espírita, que não devem ser senão a aplicação dos preceitos evangélicos.

"O Sr. G... de L... deve nos conduzir seu cunhado, que um Espírito malfazejo subjuga há dois anos. Nosso guia espiritual Lamennais nos encarrega do tratamento dessa

obsessão rebelde. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim for, não teríamos senão que nos humilhar diante de um tão grande favor, em lugar de nos orgulharmos. Quanto maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorar, para disso testemunhar-lhe nosso reconhecimento e para não perder dons tão preciosos?"

Essa interessante carta, tendo sido lida na Sociedade Espírita de Paris, na sua sessão de 18 de dezembro de 1863, um dos nossos bons médiuns obteve espontaneamente, a esse respeito, as duas comunicações seguintes:

"A vontade, existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, serviu, em todas as épocas, seja para curar, seja para aliviar. É lamentável ser obrigado a constatar que ela foi também a fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, freqüentemente, o ser faz de seu livre arbítrio. A vontade desenvolve o fluido seja animal, seja espiritual, porque, o sabeis todos agora, há vários gêneros de magnetismo, entre os quais estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que pode, segundo a ocorrência, pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

"A vontade foi, freqüentemente, mal compreendida; em geral aquele que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica, senão em derramar seu próprio fluido sobre o paciente submetido a seus cuidados, sem se ocupar se há ou não uma Providência que nisso se interessa tanto e mais do que ele; agindo *só,* não pode obter senão o que sua única força pode produzir; ao passo que nossos médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus, e para reconhecer que, por eles mesmos, não podem nada; fazem, por isso mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se muito fracos por si mesmos, Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos recursos que não pode obter o primeiro, uma vez que se julga suficiente para *a* obra empreendida. Deus recompensa sempre a humildade sincera elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse recurso que envia, são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, que este transmite ao enfermo. Também é por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão poderoso e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador comum se esgota, freqüentemente, em vão, em fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela única imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos; mas esse concurso não é concedido senão à fé sincera e à pureza de intenção."

MESMER *(Médium, Sr. Albert).*

"Uma palavra sobre os médiuns curadores, dos quais vindes de falar; estão todos nas disposições mais louváveis; têm a fé que ergue as montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida, a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência, que empreenderam; que se recordem bem que aquele que pratica as leis sagradas que o Espiritismo ensina, se aproxima constantemente do Criador. Que, quando empregam sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre seu guia, seu ponto de apoio. O Cristo vos deu, em toda *a* sua existência, a prova mais irrecusável da vontade mais firme, mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando dizia às vezes: *Eu quero,* essa palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam seus corações se abrirem a essa santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade de seu Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos de vontade que se possa propor para exemplo."

PAULO, *apóstolo (Médium, Sr. Albert).*

Algumas explicações faraó facilmente compreender o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético comum pode dar, a certas substâncias, propriedades particulares ativas; neste caso, age de alguma sorte como agente químico, modifi-

cando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de espantoso em que possa mesmo modificar o estado de certos órgãos; mas compreende-se, igualmente, que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões de "bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso." Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido que não é outro senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de uma pureza absoluta, e é por isso que sua ação curativa é lenta, algumas vezes nula, algumas vezes mesmo nociva, porque pode transmitir ao enfermo princípios mórbidos. De que um fluido seja bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue, de nenhum modo, que tenha qualidades necessárias para curar; é a força que abate, e não o bálsamo que abranda e repara; assim ocorre com os Espíritos desencarnados de uma ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser malfazejo, o que os Espíritas têm, a cada instante, a ocasião de constatar. *Só* nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; de alguma sorte, ele é *quintessenciado;* sua ação, por conseqüência, deve ser mais salutar e mais pronta; é o fluido benfazejo por excelência. Uma vez que não se pode encontrá-lo entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, é preciso, pois, pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar nas regiões longínquas os remédios que não se encontram na sua. O médium curador emite pouco de seu próprio fluido; ele sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *condutor;* é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem, o outro dos Espíritos. Como se vê, não há aí nada de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica comum, não basta qualquer medicamento; são necessários puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados; pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis; uma vez que esses fluidos benfazejos são o próprio dos Espíritos superiores, é, pois, o concurso destes últimos que é necessário obter; é por isso que a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar, e sobretudo orar com fervor, é preciso a fé; para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um sentimento real de *benevolência e de caridade;* ora, não há de verdadeira caridade sem devotamento, e não há de devotamento sem desinteresse; sem essas condições, o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, nisso está reduzido às suas próprias forças, freqüentemente insuficientes, ao passo que com seu concurso podem ser centuplicados em poder e em eficácia. Mas não há licor, tão puro que seja, que não se altere passando por um vaso impuro; assim ocorre com o fluido dos Espíritos superiores passando pelos encarnados; daí, para os médiuns em que se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, há necessidade de trabalhar para a sua melhoria moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital, que o primeiro magnetiza com seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurados dos Espíritos; de onde se segue que estes últimos dão seu concurso àqueles que querem e quando querem; que podem recusá-lo, e, por conseqüência, tirar a faculdade àquele que dela abusasse ou a desviasse de seu objetivo humanitário e caridoso para dela fazer um tráfico. Quando Jesus disse aos seus apóstolos: *"Ide! expulsai os demônios, curai os enfermos,* "acrescentou: *"Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente."*

Os médiuns curadores tendem a se multiplicar, assim como os Espíritos anunciaram, e isto tendo em vista propagar o Espiritismo pela impressão que essa nova ordem de fenômenos não pode deixar de produzir sobre as massas, porque não há ninguém que não pense em sua saúde, mesmo os mais incrédulos. Quando, pois, se verá obter com o concurso dos Espíritos o que a ciência não pode dar, seria preciso muito convir que há uma

força fora de nosso mundo; a ciência será assim conduzida a sair da via exclusivamente material onde permanece até este dia; quando os magnetizadores anti-espiritualistas, ou anti-espíritas, virem que existe um magnetismo mais poderoso do que o seu, serão muito forçados a remontar à verdadeira causa.

Importa, no entanto, premunir-se contra o charlatanismo, que não faltará em tentar explorar, em seu proveito, essa nova faculdade. Há, para isso, um meio muito simples, é o de recordar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se

há uma faculdade dada por Deus num objetivo santo, sem contradita, é esta, uma vez que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e que esse concurso não pode ser adquirido pelo charlatanismo. E a fim de que se esteja bem edificado sobre a natureza toda especial dessa faculdade que a descrevemos com alguns detalhes. Embora tivéssemos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, dos quais vários se passaram sob os nossos olhos, pode-se dizer que ela é ainda rara, *e* que não existe senão parcialmente nos médiuns que a possuem, seja porque estes não tenham todas as qualidades requeridas para possuí-la em toda a sua plenitude, seja porque ela está em seu início; é porque os fatos não tiveram, até este dia, senão pouca repercussão; mas não tardará a tomar os desenvolvimentos de natureza a fixar a atenção geral; daqui a poucos anos se revelará em algumas pessoas predestinadas a esse efeito, com uma força que triunfará de muitas obstinações; mas não são esses os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá da impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para alcançar esse objetivo de acelerar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que essa qualificação não pode ser dada aos médiuns escreventes, que obtêm prescrições médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico, e como meio de propagação, mas não como recurso habitual; num próximo artigo trataremos de sua aliança possível com a medicina e a magnetização comum.

UM CASO DE POSSESSÃO. *Senhorita Julie.*

(2º artigo. - Ver o número de dezembro de 1863.)

Em nosso precedente artigo descrevemos a triste situação dessa jovem, e as circunstâncias que provam nela uma verdadeira possessão. Estamos felizes ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de ser livrada de seu Espírito obsessor, os violentos abalos que sentira durante mais de seis meses tinham-lhe trazido uma grave perturbação em sua saúde; agora está inteiramente refeita, mas não saiu de seu estado sonambúlico, o que não a impede de aplicar-se aos seus trabalhos habituais. Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas tinham empreendido magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo uma leve e passageira melhora em seu estado patológico; quanto ao Espírito, estava cada vez mais tenaz, e as crises tinham atingido um grau de violência dos mais inquietantes. Teria sido preciso ali um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, quer dizer, penetrando o enfermo de um fluido bastante puro para *eliminar o* fluido do mau Espírito. Se há um gênero de mediunidade que exige uma superioridade moral, é sem contradita no caso de obsessão, porque é necessário ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que foi anunciado, devem se multiplicar com uma grande energia daqui a algum tempo, a fim de que a impossibilidade dos meios empregados até o presente, para combatê-los, esteja bem demonstrada. Uma circunstância mesmo, da qual não podemos ainda falar, mas que

tem uma certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é, pois, duvidoso que surgirão médiuns especiais tendo o poder de expulsar os maus Espíritos, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus coloca sempre o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Julie, como em todos os casos análogos, o magnetismo simples, embora enérgico que fosse, era, pois, insuficiente; seria preciso agir simultaneamente sobre o Espírito obsessor para domá-lo, e sobre o moral do enfermo enfraquecido por todos esses abalos; o mal físico não era senão consecutivo; era um efeito e não a causa; seria preciso, pois, tratar a causa antes do efeito; destruído o mal moral, o mal físico deveria desaparecer por si mesmo. Mas para isso era preciso se identificar com a causa; estudar com o maior cuidado e em todas suas nuanças o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou tal direção mais favorável, porque os sintomas variam segundo o grau de inteligência do sujeito, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta, quase sempre, às existências anteriores.

O insucesso do magnetismo sobre a senhorita Julie fez com que várias pessoas tentassem; no número delas achava-se um jovem dotado de uma grande força fluídica, mas a quem, infelizmente, faltava totalmente a experiência, e, sobretudo, conhecimentos necessários em semelhante caso. Atribuía-se um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, segundo ele, não podiam resistir à sua vontade; essa pretensão, levada ao excesso e fundada sobre sua força pessoal, e não sobre a assistência dos bons Espíritos, devia lhe atrair mais de uma decepção. Só isso teria devido bastar para mostrar, aos amigos da jovem, que lhe faltava a primeira das qualidades requeridas para lhe ser um socorro eficaz. Mas o que, acima de tudo, teria devido esclarecê-los, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de uma natureza fluídica muito etérea para poderem vir sobre a Terra comunicar-se com os homens e assisti-los; isso não é possível senão aos Espíritos inferiores em razão de sua natureza mais grosseira. Essa opinião, que não é outra senão a da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, tinha um erro muito grave de sustentá-la diante do enfermo, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, devia não contar senão consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência que teria podido secundá-lo, assistência da qual, é verdade, acreditava não necessitar; a conseqüência mais lastimável era para o enfermo que desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos bons Espíritos. No estado de enfraquecimento em que estava seu cérebro, uma tal crença, que dava toda presa ao Espírito obsessor, podia se tornar fatal para a sua razão, podia mesmo matá-la. Também repetia-lhe, sem cessar, nos momentos de crise: "Louca... louca... ele me tornará louca... inteiramente louca... não o sou ainda, mas tornar-me-ei." Falando de seu magnetizador, ela pintava perfeitamente sua ação dizendo: "Ele me dá a força do corpo, mas não me dá a força do espírito." Esta palavra era profundamente significativa, e, no entanto, ninguém lhe atribuía importância.

Quando vimos a senhorita Julie, o mal estava em seu apogeu, e a crise, da qual fomos testemunha, foi uma das mais violentas; foi no momento mesmo em que nos aplicamos em elevar seu moral, em que procuramos lhe inculcar o pensamento de que ela *podia* domar esse mau Espírito com a assistência dos bons e de seu anjo guardião, do qual invocaria o apoio, foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se encontrava presente, por uma circunstância providencial, sem dúvida, veio, sem provocação nenhuma, afirmar e desenvolver a sua teoria, destruindo de um lado o que fazíamos de outro. Tivemos que lhe expor com energia que cometia uma ação má, assumindo sobre si a terrível responsabilidade da razão e da vida dessa infeliz jovem.

Um fato dos mais singulares, que todo mundo havia observado, mas do qual ninguém havia deduzido as conseqüências, se produzia na magnetização. Quando ela ocorria durante a luta com o mau Espírito, este último, *sozinho,* absorvia todo o fluido que lhe

dava mais força, ao passo que a enferma se achava enfraquecida e sucumbia sob seus apertos. Deve-se lembrar que ela estava sempre em estado de sonambulismo; via, por conseqüência, o que se passava, e é ela mesma que dá esta explicação. Não se viu nesse fato senão uma malícia do Espírito, e contentou-se em abster-se de magnetizar nesses momentos e de ficar como espectador da luta. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, pode-se facilmente se dar conta desse fenômeno. É evidente, primeiro, que absorvendo o fluido para se dar a força em detrimento da enferma, o Espírito queria convencer o magnetizador da impossibilidade com respeito à sua pretensão; se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, uma vez que se servia da própria arma com a qual este último pretendia derrubá-lo; pode-se dizer que lhe tirava o bastão das mãos. Era não menos evidente que sua facilidade em se apropriar do fluido do magnetizador denotava uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao passo que os fluidos de uma natureza contrária teriam se repelido, como a água e o azeite. Só esse fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos mais graves, e podemos dizer dos mais funestos, o de não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem ter em conta da qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente sobre essas qualidades, como na terapêutica depende da qualidade do medicamento. Não saberíamos muito chamar a atenção sobre este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador que, já, tinha influído sobre as idéias da enferma, dissemos a esta: "Minha filha, tende confiança em Deus; olhai ao vosso redor; não vedes os bons Espíritos? - É verdade, disse ela; vejo-os luminosos, que Frédégonde não ousa olhar. - Pois bem! esses são aqueles que vos protegem e que não permitirão que o mau Espírito tenha o poder; implorai a sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo para Frédégonde. -Oh! para isso, jamais o poderei. - Guardai-vos! vereis com essa palavra os bons Espíritos se afastarem. Se quereis sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, em vos esforçando sobretudo em ser melhor do que vosso inimigo. Como quereis que vos sustentem, se não vaieis mais do que ele? Pensai que, em outras existências, tivestes também censura a vos fazer; o que vos chega é uma expiação; se quereis fazê-la cessar, é preciso vos melhorar, e para provar as vossas boas intenções, é preciso começar por vos mostrar boa e caridosa para com o vosso inimigo. A própria Frédégonde com isso será tocada, e talvez fareis entrar o arrependimento em seu coração. Refleti. - Eu o farei. -Fazei-o em seguida, e dizei comigo: "Meu Deus, eu perdôo a Frédégonde o mal que ela me fez; eu a aceito como uma prova e uma expiação que mereci; perdoai minhas próprias faltas, como lhe perdôo as suas; e vós, bons Espíritos que me cereais, abri seu coração a melhores sentimentos, e dai-me a força que me falta. Prometeis orar todos os dias por ela? - Eu o prometo. - Está bem; de meu lado vou me ocupar convosco e dela; tende confiança. -Oh! obrigado! alguma coisa me diz que isto vai logo acabar."

Tendo dado conta desta cena à Sociedade, as instruções seguintes ali foram dadas a este respeito:

"O assunto do qual vos ocupais emocionou os próprios bons Espíritos que querem, ao seu turno, vir em ajuda a essa jovem com os seus conselhos. Ela apresenta um caso de obsessão, com efeito muito grave, e entre aqueles que tendes visto, e que vereis ainda, pode-se colocar este no número dos mais importantes, dos mais sérios, e sobretudo dos mais interessantes pelas particularidades instrutivas que já apresentou e que vos oferecerá de novo.

"Como já vos disse, esses casos de obsessão se renovarão freqüentemente, e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, para vós primeiro, e para aqueles que o sofrerão em seguida.

"Para vós primeiro, naquilo que, do mesmo modo que vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre aqueles que lhe eram perfeitamente

estranhos, do mesmo modo também esses obsidiados, cujo número se tornará bastante importante para que deles não se ocupe de maneira não superficial, mas grande e profunda, abrirão bastante as portas da ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar, e ocupar, entre as pessoas de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar ao qual tem direito.

"Para eles em seguida, naquilo que, no estado de Espírito, antes de se encarnarem entre vós aceitaram essa luta que lhes proporciona a possessão que sofrem, tendo em vista o seu adiantamento, e essa luta, crede-o bem, faz cruelmente sofrer seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de algum modo, não é mais seu, tem perfeitamente consciência do que se passa. Segundo terão suportado essa prova, da qual podeis abreviar-lhes poderosamente a duração por vossas preces, terão progredido mais ou menos; porque, estejais disto certos, apesar dessa possessão, sempre momentânea, guardam uma suficiente consciência de si mesmos para discernir a causa e a natureza de sua obsessão.

"Para aquela que vos ocupa, um conselho é necessário. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado do qual lhe falastes, são funestas sob todos os aspectos. Esse Espírito é sistemático; e que sistema! Aquele que não relaciona todas as suas ações à maior glória de Deus, que tira a vaidade das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, neste mundo, freqüentemente, infalivelmente no outro. Tratai, pois, meu caro Kardec, que essas magnetizações cessem completamente, ou os inconvenientes mais graves resultarão de sua continuação, não só para a jovem, mas ainda para o imprudente que pensa ter sob suas ordens todos os Espíritos das trevas e os comandar como senhor.

"Vereis, digo, esses casos de possessão e de obsessão se desenvolverem durante um certo período de tempo, porque são úteis ao progresso da ciência e do Espiritismo; será por aí que os médicos e os sábios abrirão, enfim, os olhos e aprenderão que há enfermidades cujas causas não estão na matéria, e que não devem ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão, igualmente, vão abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e levá-lo a dar grande passo adiante pelo estudo, até o presente tão imperfeito, dos fluidos; com a ajuda desses novos conhecimentos, e pela sua aliança íntima com o Espiritismo, obterá as maiores coisas; infelizmente, no magnetismo, como na medicina, haverá por muito tempo ainda homens que crerão não terem mais nada a aprender. Essas obsessões freqüentes terão também um lado muito bom, naquilo que sendo penetrada pela prece e pela força moral, pode-se fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os maus Espíritos, cada um procurará, pela melhoria de sua conduta, adquirir esse direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo."

HAHNEMANN *(Médium, Sr. Albert).*

"Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz possessa; os meios para isto estão implicitamente contidos nas reflexões que foram emitidas há pouco por Allan Kardec. É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que se encontra, como Julie, em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convencido da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessor, é necessário a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrena; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até esta hora essa ação não foi cumprida, é justamente para vos levar ao estudo e à experimentação dessa interessante questão; foi por este efeito que Julie não foi livrada mais cedo: ela deveria servir para os vossos estudos.

"Isso nos demonstra o que tereis a fazer doravante nos casos de possessão manifesta; é indispensável chamar em vossa ajuda

o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, como, por exemplo, o excelente cura d'Ars, e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza do coração e fé verdadeira.

"Resumindo: Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa evocação do cura d'Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós, rogando-lhes agirem contra os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Não é preciso esquecer, não mais, que a prece coletiva tem um poder muito grande, quando é feita por um certo número de pessoas agindo de acordo, com fé viva e um desejo ardente de aliviar."

ERASTO *(Médium, Sr. d'Ambel)*

Estas instruções foram seguidas; vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece em condições desejadas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessor a se emendar, o que deveria, necessariamente, facilitar a cura. Foi o que se fez evocando-o e dando-lhe conselhos; prometeu não mais atormentar a senhorita Julie, e teve palavra. Um de nossos colegas foi especialmente encarregado, por seu guia espiritual, de sua educação moral, e ocorreu de nisso ser satisfeito. Esse Espírito, hoje, trabalha seriamente pela sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino que decorre deste fato e das observações às quais deu lugar, não escapará a ninguém, e cada um nele poderá haurir muitas instruções segundo a ocorrência. Uma nota essencial que esse fato permitiu constatar, e que se compreenderá sem dificuldade, é a influência do bem. É muito evidente que se a companhia secunda por uma comunidade de vista, de intenção e de ação, o enfermo se encontra numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve, necessariamente, facilitar e apressar o sucesso; mas se houver desacordo, oposição; se cada um quer agir à sua maneira, disso resulta desacordos, correntes contrárias que paralisar forçosamente, e às vezes anulam, os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se são maus, são também funestos a certos indivíduos quanto as exalações das regiões pantanosas.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO.

Frédégonde

Damos a seguir as duas evocações do Espírito de Frédégonde, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois precedentes artigos sobre a possessão da senhorita Julie. Esse Espírito não se manifestou com sinais de violência, mas escrevia com uma dificuldade muito grande e cansava extremamente o médium, que com isso ficava mesmo indisposto, e cujas faculdades pareciam, de alguma sorte, paralisá-las. Na previsão desse resultado, tivemos o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Numa outra circunstância, um Espírito, interrogado à conta deste, dissera que, há muito tempo procurava se reencarnar, mas que isso não lhe fora permitido, porque seu objetivo não era ainda de se melhorar, sendo seu objetivo, ao contrário, de ter mais facilidade para fazer o mal, com a ajuda de um corpo material. De tais disposições deviam tornar sua conversa muito difícil; ela não o foi, no entanto, tanto quanto se poderia temê-lo, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que nisso participaram, e talvez também porque tinha chegado o tempo em que esse Espírito deveria entrar no caminho do arrependimento.

(16 de outubro de 1863 - Médium, Sr. Leymarie.)

1. *Evocação. - Resp.* Não sou Frédégonde; que quereis de mim?

2. Quem sois, pois? - R Um Espírito que sofre.

3. Uma vez que sofreis, deveis desejar não mais sofrer; nós vos assistiremos, porque nos compadecemos com todos aqueles que sofrem neste mundo e no outro; mas é preciso que nos secundeis, e, para isso, é preciso que oreis. - *R.* Eu vos agradeço por isso, mas não posso orar.

4. Vamos orar, isto vos ajudará; tende confiança na bondade de Deus, que perdoa sempre àquele que se arrepende .-R Creio em vós; orai, orai; talvez eu possa me converter.

5. Mas não basta que oremos, é preciso orar de vosso lado. - R Eu quis orar, e não pude; agora vou tentar com a vossa ajuda.

6. Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, porque pequei; arrependo-me do mal que fiz. - R Eu o digo; depois.

7. Isso não basta; é necessário escrever. - R Meu.... (Aqui o Espírito não pôde escrever a palavra Deus; não foi senão depois de forte encorajamento que chegou a terminar a frase, de maneira irregular e pouco legível.)

8. Não *é* preciso dizer isso pela forma; é necessário pensá-lo, e tomar a resolução de não mais fazer o mal, e vereis que logo estareis aliviada. - R Vou orar.

9. Se orastes sinceramente, com isso não vos sentis melhor? - R Oh! sim!

10. Agora, dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas de vossa obstinação contra Julie?- R Mais tarde... direi.... mas não posso hoje.

11. Prometeis deixar Julie em repouso? O mal que lhe fazeis recai sobre vós e aumenta os vossos sofrimentos. - R Sim, mas sou impelida por outros Espíritos piores do que eu.

12. É uma desculpa má que dais aí para vos desculpar; em todos os casos, deveis ter uma vontade, e com a vontade pode-se sempre resistir às más sugestões.— R Se eu tivesse a vontade, não sofreria; sou punido porque não soube resistir.

13. Isso mostraríeis, no entanto, bastante para atormentar Julie; mas vindes de tomar boas resoluções, vos convidamos a persistir nisso, e pediremos aos bons Espíritos para vos secundarem.

Nota.-Durante esta evocação, um outro médium obtinha de seu guia espiritual uma comunicação contendo, entre outras coisas, o que se segue: "Não vos inquieteis com as negações que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de se reencarnar fá-lo repelir toda solidariedade com o seu passado, se bem que não lhe suporta senão muito os efeitos. Ela é bem aquela que foi nomeada, mas não quer convir nisso consigo mesma."

(13 de novembro de 1863.)

14. *Evocação. - R.* Estou pronta para responder.

15. Tendes persistido na boa resolução em que estáveis na última vez? - R Sim.

16. Como vos achastes com isso? - R Muito bem, porque orei e estou mais calma, bem mais feliz.

17. Com efeito, sabemos que Julie não foi mais atormentada. Uma vez que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis nos dizer porque vos obstinastes junto dela? - R Estive esquecida durante séculos, e desejava que a maldição que cobre meu nome cessasse um pouco, a fim de que uma prece, uma só, viesse me consolar. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar o seu nome, e certamente é mais do que não poderia esperar do benefício que podeis me conceder,

Nota. - No intervalo da primeira para a segunda evocação, o Espírito era chamado todos os dias por aquele de nossos colegas que foi encarregado de instruí-lo. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Julie deixou de ser atormentada.

18. É muito duvidoso que apenas o desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levou a atormentar aquela jovem; quereis, sem dúvida, ainda procurar encobrir vossos erros; em todo o caso, era um meio mau de atrair sobre vós a compaixão dos homens. - *R.* No entanto, se não tivesse atormentado muito Julie, não ferieis pensado em mim, e eu não teria saído do miserável estado em que me arrastava. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, uma vez que me abristes os olhos.

19. *(Ao guia do médium.) É* bem Frédégonde que dá esta resposta? - *R.* Sim, é ela, um pouco ajudada, é verdade, porque está humilhada; mas este Espírito é muito mais avançado do que não credes; é-lhe preciso o progresso moral com o qual a ajudais a dar o primeiro passo. Ela não vos disse que Julie tirará um grande proveito daquilo que se passou para o seu adiantamento pessoal.

20. *(A Frédégonde.)* A senhorita Julie vivia em vosso tempo, e poderíeis nos dizer o que ela era? - *R.* Sim; era uma de minhas damas de companhia, chamada Hildegarde; uma alma sofredora e resignada que fez a minha vontade; sofreu a pena de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

2,1. Desejais uma nova encarnação? - *R .* Sim, eu a desejo. Ó meu Deus! sofri mil torturas, e se tenho merecido uma pena justa, ai de mim! é tempo que eu possa, com a ajuda de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar de minhas antigas sujeiras. Deus é justo; orai por mim. Até este dia, eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena; tinha como a vertigem; mas no presente vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor com o de minhas vítimas. Meu Deus, quanto é doce o perdão!

22. Dizei alguma coisa de Brunehaut! - *R.* BrunehautL. Esse nome me dá vertigem.... Ela é a grande falta da minha vida, e senti meu velho ódio despertar a esse nome!... Mas meu Deus me perdoará, e poderei doravante escrever este nome sem tremer. Mais feliz do que eu, ela está reencarnada pela segunda vez, e cumpre um papel que eu desejo, o de uma irmã de caridade.

23. Estamos felizes com a vossa mudança, para isso vos encorajamos, vos sustentamos com as nossas preces. - *R.* Obrigada! obrigada! bons Espíritos, Deus vo-lo restituirá.

Nota. - Um fato característico nos maus Espíritos é a impossibilidade em que estão, freqüentemente, de pronunciarem ou escreverem o nome de Deus. Sem dúvida, isto denota uma natureza má, mas, ao mesmo tempo, um fundo de temor e de respeito que os Espíritos hipócritas não têm, menos maus em aparência; estes últimos, longe de recuarem diante do nome de Deus, dele se servem impudentemente para captar a confiança. São eles infinitamente mais perversos e mais perigosos do que os Espíritos francamente maus; é nesta classe que se acha a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é mais difícil de se desembaraçar do que dos outros, porque é do próprio Espírito que se apoderam com a ajuda de uma falsa aparência de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros se apoderam do corpo. Um Espírito que, como o de Frédégonde, recua diante do nome de Deus, está muito mais perto de sua conversão do que aqueles que se cobrem com a máscara do bem. Ocorre o mesmo entre os homens, onde encontrareis essas duas categorias de Espíritos encarnados.

INAUGURAÇÃO DE VÁRIOS GRUPOS E SOCIEDADES ESPÍRITAS.

As reuniões espíritas que se formam são tão numerosas que nos seria impossível citar todas as boas palavras que são ditas a esse respeito, e que testemunham os sentimentos que a Doutrina estimula. O novo grupo que acaba de se formar na ilha de Oléron é tanto mais digno de simpatia quanto o Espiritismo foi, nessas regiões, o objeto de uma oposição bastante viva. Reportamos um dos discursos que foram pronunciados nessa circunstância, para provar de que maneira os Espíritas respondem aos seus adversários.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARENNES.

"Senhores e caros irmãos espíritas de Oléron,

"A extensão que o Espiritismo toma cada dia em nossas regiões, é a prova mais evidente da impotência dos ataques dos quais é objeto; é que, assim como o disse o senhor Alian Kardec: "De duas coisas uma, ou é um erro ou é uma verdade; se for um erro cairá por si mesmo, como todas as utopias que não tiveram senão uma existência efêmera, e que morreram por falta da base sólida, única que pode dar a vida; se for uma dessas grandes verdades que, pela vontade de Deus, devem tomar lugar na história do mundo, e marcar uma era de progresso da Humanidade, nada poderia deter-lhe a marcha."

"A experiência aí está para mostrar em qual dessas duas categorias deve estar alinhado. A facilidade com a qual é aceito pelas massas, dizemos mais: a felicidade, a consolação, a coragem conta a adversidade que se haure nesta crença, a rapidez inaudita de sua propagação, não são o fato de uma idéia sem valor. O sistema mais excêntrico pode formar seita, e agrupar ao seu redor alguns partidários; mas como uma árvore sem raízes, se desfolha prontamente, e morre sem produzir rebentos. Ocorre assim com o Espiritismo? Não, vós o sabeis tão bem quanto eu. Desde o seu aparecimento, não parou de crescer, apesar dos ataques de que foi objeto, e hoje plantou sua bandeira sobre todos os pontos do globo; seus partidários contam-se por milhões; e considerando-se o caminho que fez há dez anos, pode-se julgar o que ele será em dez anos daqui, tanto mais quanto os obstáculos se aplainam, à medida que ele avança, e que o número de seus adeptos aumenta. Pode-se, pois, dizer, com o Sr. Allan Kardec, que hoje o Espiritismo é um fato realizado; a árvore tomou raiz; não lhe resta mais senão desenvolver-se, e tudo concorre para lhe ser favorável; porque, apesar de algumas borrascas, o vento está para o Espiritismo; seria preciso ser cego para não reconhecê-lo.

"Uma circunstância contribuiu poderosamente para *a* sua extensão, é que não é exclusivo de alguma religião; sua divisa: *Fora da caridade não há salvação* pertence a todas; ao mesmo tempo, é a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, ao redor da qual todo o mundo pode se unir sem renunciar à sua crença particular. Começa-se a compreender que é uma garantia de segurança para a sociedade. Quanto a mim, caros irmãos, vou mais longe, e penso que sois de minha opinião quando digo: Quando todos os povos tiverem inscrito sobre a sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação,* a paz do mundo estará assegurada, e todos os povos viverão como irmãos. Não é senão um belo sonho? Não, senhores, é a promessa feita pelo Cristo, e estamos no tempo de seu cumprimento.

"Que somos, nós outros, no grande movimento que se opera? Somos obscuros trabalhadores que trazemos a nossa pedra ao edifício, mas quando milhões de operários tiverem trazido milhões de pedras, o edifício será terminado. Trabalhemos, pois, com zelo e perseverança, sem nos desencorajar pela pequenez do sulco que traçamos, uma vez que numerosos sulcos se traçam ao nosso redor. Permiti-me uma comparação material, mas que responde a este pensamento. No começo das estradas de ferro, cada pequena localidade quis ter a sua parte; cada uma dessas partes era pouca coisa em si mesma, mas quando todas foram reunidas, teve-se essa imensa rede que cobre hoje o mundo e abaixa as barreiras dos povos. As estradas de ferro fizeram cair as barreiras materiais; a

palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação* fará cair as barreiras morais; sobretudo, fará cessar o antagonismo religioso, porque então Judeus, Católicos, Protestantes, Muçulmanos, se estenderão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz que é o mesmo para todos.

"O objetivo *é* grande, como o vedes, senhores e caros irmãos; restar-nos-ia a examinar a organização de nossa pequena esfera, para dela fazer uma organização útil do conjunto. Para isso, nossa tarefa se tornou fácil pelas instruções que encontramos nas obras de nosso chefe venerado, tornadas, pode-se dizer, as obras clássicas da Doutrina. Seguindo-as pontualmente, estamos certos de não nos desviarmos num falso caminho, porque essas instruções são o fruto da experiência. Que cada um de nós medite, pois, com cuidado essas obras, e nelas encontraremos tudo o que nos é necessário; aliás, disto estou seguro, o apoio e os conselhos do mestre jamais nos faltarão. Não é permitido a nenhum de nós esquecer que, se a esperança e a fé reentraram na maioria de nossos corações, se muitos dentre nós foram arrancados ao materialismo e à incredulidade, devemos à sua coragem perseverante, ao seu zelo, que nem as calúnias, nem as diatribes, nem os ataques de todas as espécies não abalaram. O primeiro soube compreender a importância imensa do Espiritismo, e desde então tudo sacrificou para difundir-lhe os benefícios entre seus irmãos da Terra. Dizemos-lhe: evidentemente, foi escolhido para esse grande apostolado, porque é impossível desconhecer que cumpre uma missão moralizadora entre nós. Proponho-vos, senhores, votar-lhe os agradecimentos que todos os verdadeiros e sinceros Espíritas lhe devemos. Pecamos a Deus, ao mesmo tempo, continuar a sustentá-lo numa empresa que é o único que está à altura de fazer frutificar completamente.

"Algumas palavras ainda, senhores, sobre o caráter desta reunião. A máxima que nos serve de guia é de natureza a tranqüilizar aqueles que o nome do Espiritismo poderia assustar. O que se pode, com efeito, temer de pessoas que fazem do princípio da caridade para todos, amigos e inimigos, a regra de sua conduta? E esse princípio é para nós tão sério, que dele nos fazemos a condição expressa de nossa salvação. Não é a melhor garantia que poderíamos dar de nossas intenções pacíficas? Quem poderia, pois, ver com mau olhar, mesmo entre aqueles que não partilham nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é conduzir a Deus aqueles que dele se afastam, de combater o materialismo e a incredulidade que invadem a sociedade e a ameaçam em seus fundamentos?

"Dirijamo-nos, pois, àqueles que não crêem, e o campo a colher é bastante vasto, assim como o disse o senhor Allan Kardec; em virtude mesmo do princípio da caridade que nos serve de guia, guardemo-nos de ir perturbar qualquer consciência; acolhamos como irmãos aqueles que vêm a nós, e não procuremos constranger ninguém em sua fé religiosa. Não viemos elevar altar contra altar, mas elevá-lo onde não o havia. Aqueles que acharem os nossos princípios bons, o adotarão; aqueles que os acharem maus, os deixarão de lado, e por isso não os consideraremos menos como irmãos; se nos atiram uma pedra, pediremos a Deus perdoar-lhes sua falta de caridade, e chamá-los ao Evangelho e ao exemplo de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que orou por seus carrascos.

"Oremos, pois, também, caros irmãos, a fim de que Deus se digne estender sobre nós a sua misericórdia, e nos perdoar nossas faltas, como perdoamos àqueles que nos desejam o mal. Digamos todos, do fundo do coração:

"Senhor, Deus Todo-Poderoso, que vedes no fundo das almas e vedes a pureza de nossas intenções, dignai-vos nos sustentar em nossa obra, e protegei o nosso chefe; dai-nos a força de suportar com coragem e resignação, e como provas para a nossa fé e nossa perseverança, as misérias que a malevolência poderia nos suscitar; fazei que, a exemplo dos primeiros mártires cristãos, estejamos prontos a todos os sacrifícios para vos provar a nossa submissão à vossa santa vontade. Que são, aliás, os sacrifícios dos bens deste mundo quando se tem, como devem tê-lo todos os Espíritas sinceros, a certeza dos

bens imperecíveis da vida futura! Fazei, Senhor, que as preocupações da vida terrestre não nos desviem do caminho santo no qual nos haveis conduzido, e dignai-nos enviar os bons Espíritos para nos manterem no caminho do bem; que a caridade, que é a vossa lei *e a* nossa, nos torne indulgentes para com as faltas de nossos irmãos; que ela abafe em nós todo sentimento de orgulho, de ódio, de inveja e de ciúme, e nos torne bons e benevolentes para todo o mundo, a fim de que preguemos pelos exemplos tanto quanto pelas palavras."

Estando reunidos, nessa ocasião, os delegados de diversos grupos das localidades vizinhas, aos seus novos irmãos em crença; vários outros discursos foram pronunciados, que todos testemunhando e um perfeito acordo de um verdadeiro espírito do Espiritismo; lamentamos que a falta de espaço não nos permita citá-los, assim como uma notável comunicação obtida nessa sessão, assinada por *François-Nicolas Madeleine,* que traça em termos simples e tocantes os deveres do verdadeiro Espírita.

Em Lyon, um novo grupo acaba de se formar em condições especiais, que merecem ser assinaladas, como encorajamento e bom exemplo. Essa reunião tem um duplo objetivo: a instrução e a beneficência. Sob o aspecto da instrução, propõe-se fazer uma parte menor do que se não o faz, geralmente, nas comunicações medianímicas, e disso fazer, em compensação, uma maior às instruções orais, tendo em vista desenvolver e explicar os princípios do Espiritismo. Sob o aspecto da beneficência, a nova sociedade se propõe vir em ajuda às pessoas necessitadas, por doações em natureza de objetos usuais, tais como roupa branca, vestuário, etc. Além disso do que poderia recolher, as senhoras que dela tomam parte fornecem seu contingente por seus trabalhos pessoais para a confecção, e para as visitas aos pobres enfermos. Um dos membros dessa sociedade nos escreveu a esse respeito: "Graças ao zelo da senhora G..., Lyon vai logo contar com uma reunião espírita a mais. Essa reunião alcançará o objetivo a que se propôs? Será o futuro que isso decidirá. Se ela é pouco numerosa ainda, encerra pelo menos elementos devotados, cheios de fé e de caridade. Podemos fracassar em nosso empreendimento, mas nossas intenções ao menos são boas; nos bastará que a sociedade de Paris, sob a égide da qual nos colocamos, nos aprove e nos ajude com seus conselhos, para que perseveremos com a ajuda de seu apoio moral."

Este apoio não faltará jamais a toda obra fundada segundo o verdadeiro espírito do Espiritismo, e que tem por objetivo a realização do bem. A Sociedade de Paris é sempre feliz de ver a Doutrina levar bons frutos; não declinará de toda solidariedade senão a respeito dos grupos ou sociedades que, desconhecendo o princípio de caridade e de fraternidade sem o qual não há verdadeiros Espíritas, veriam as outras reuniões com mau olho, lançando-lhes a pedra ou procurando denegri-las sob um pretexto qualquer. A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras e não por palavras; é uma medida de apreciação que não pode enganar senão àqueles que se cegam quanto ao seu próprio mérito, mas não os terceiros desinteressados; é a pedra de toque pela qual se reconhece a sinceridade dos sentimentos; e quando se fala em caridade, em Espiritismo, sabe-se de que não se trata somente daquela que dá, mas também e sobretudo daquela que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não estivesse fundada sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais nociva do que útil à causa, porque tenderia a dividir em lugar de reunir; levaria, aliás, em si mesma, o seu elemento destruidor. Nossas simpatias pessoais serão, pois, sempre adquiridas de todas aquelas que provarem, por seus atos, o bom espírito que as anima, porque os bons Espíritos não podem inspirar senão o bem.

No próximo número, falaremos das novas sociedades espíritas de Bruxelas, de Turim e de Smyrna, que se colocam igualmente sob o patrocínio da Sociedade de Paris.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Progresso nas primeiras encarnações.

Pergunta. Duas almas, criadas simples e ignorantes, não conhecem nem o bem nem o mal, vindo sobre e Terra. Se, numa primeira existência, uma segue o caminho do bem e a outra o do mal, como é, de alguma sorte, o acaso que as conduz, não merecem nem punição nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão a dar, a cada uma, a consciência de sua existência, consciência que não tinha de início. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas não começam a ser infligidas, ou concedidas, senão a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos sabem distinguir o bem dentre o mal, experiência que lhes falta em sua criação, mas que adquiriram por meio de sua primeira encarnação. Esta opinião é fundada?

Resposta. Embora esta questão já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em quais condições são as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Sabemos somente que elas são criadas simples e ignorantes, tendo todas assim um mesmo ponto de partida, o que está conforme à justiça; o que sabemos ainda, é que o livre arbítrio não se desenvolve senão pouco a pouco e depois de numerosas evoluções na vida corpórea. Não é, pois, nem depois da primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem uma consciência bastante limpa de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é talvez senão depois da centésima, talvez da milésima; ocorre o mesmo com a criança que não goza da plenitude das suas faculdades nem um, nem dois dias depois de seu nascimento, mas depois dos anos. E ainda, então que a alma goza de seu livre arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; assim é, por exemplo, que um selvagem que come seus semelhantes é menos punido do que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Nossos selvagens, sem dúvida, estão muito atrasados com relação a nós, e, no entanto, estão muito longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada está submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes, ou, para melhor dizer, se equilibram com a inteligência; mais tarde, *e sempre gradualmente,* a inteligência domina os instintos; é então somente que começa a responsabilidade séria.

O autor da pergunta comete, além disso, dois erros graves: o primeiro é admitir que o acaso decide do bom ou do mau caminho que o Espírito segue em seu princípio. Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta. Como dissemos, o Espírito está, durante numerosas encarnações, num estado inconsciente; a luz da inteligência não se faz senão pouco a pouco, e a responsabilidade real não começa senão quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é admitir que as primeiras encarnações humanas têm lugar sobre a Terra. A Terra foi, mas não é mais um mundo primitivo; os seres humanos mais atrasados que se acham sobre a sua superfície já despojaram os primeiros cueiros da encarnação, e nossos selvagens estão em progresso comparativamente ao que tinham antes de seu Espírito vir se encarnar sobre este globo. Que se julgue agora no número de existências que são necessárias a esses selvagens para transporem todos os graus que os separam da civilização mais avançada; todos esses graus intermediários se encontram sobre a Terra sem *solução de continuidade,* e pode-se segui-los observando-se as nuanças que distinguem os diferentes povos; não há senão o começo e o fim que aqui não se encontram; o começo se perde para nós nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Isto, de resto, pouco nos importa, uma vez que este conhecimento não nos adiantaria em nada. Nós não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que as nossas imperfeições são os nossos únicos obstáculos para a nossa felicidade futura, estudemo-nos, pois, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto onde estamos, a inteligência está bas-

tante desenvolvida para permitir ao homem julgar sadiamente o bem e o mal, e é neste ponto também que sua responsabilidade está mais empenhada; porque não se pode mais dizer dele o que disse Jesus: "Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem."

VARIEDADES

Fontenelle e os Espíritos batedores.

Devemos ao zelo do Sr. Flammarion a comunicação de uma carta que lhe foi dirigida e que contém o relato seguinte:

Imaginai-vos provavelmente, caro senhor, ser o primeiro astrônomo que tenha se ocupado de Espiritismo; desenganai-vos; há um século e meio, Fontenelle fazia a tiptologia, com a senhorita Letard, médium. Divertindo-me esta manhã em folhear um velho manual epistolar, publicado por Philipon de Ia Madeleine, há cinqüenta anos, encontro uma carta da senhorita de Launai, que foi mais tarde a senhora de Staal, dirigida da parte da duquesa do Maine, ao secretário da Academia das ciências, relativamente a uma aventura da qual eis o resumo.

Em 1713, uma jovem chamada Letard, pretendeu ter com os Espíritos um comércio, tal qual Sócrates o teve com o seu demônio. O Sr. de Fontenelle foi ver essa jovem, e como deixasse ver em seus propósitos algumas dúvidas sobre essa espécie de charlatanismo, a senhora do Maine (que não duvidava) encarregou a senhorita de Launai de lhe escrever a esse respeito.

PHILIPON DE LA MADELEINE.

Acha-se sobre esse fato a nota seguinte numa edição das obras escolhidas de Fontenelle, publicada em Londres em 1761.

Uma jovem, chamada senhorita Letard, despertou no começo desse século a curiosidade do público por um pretenso prodígio. Todo o mundo para ali correu, e o Sr. de Fontenelle, convidado pelo Mons. o duque de Orléans, foi também ver a maravilha. Foi a esse respeito que a senhorita de Launai lhe escrevera. - Eis essa carta:

"A aventura da senhorita Letard fez menos ruído, senhor, do que o testemunho que dela haveis prestado. Espanta-se, e talvez com alguma razão, de que o destruidor dos oráculos, aquele que transtornou o tripé das sibilas, se tenha colocado de joelhos diante da senhorita Letard. O quê! dizem os críticos, esse homem que colocou às claras as fraudes feitas a mil léguas longe, e mais de dois mil anos antes dele, não pôde descobrir uma fraude tramada sob seus olhos! Os requintados pretendem que, como bom pirrônico, achando tudo incerto, vós achais tudo possível. De um outro lado, os devotos parecem muito edificados com as homenagens que prestastes ao diabo; esperam que isso poderá ir mais longe. Por mim, senhor, suspendo meu julgamento até que esteja melhor esclarecida."

Resposta do Sr. de Fontenelle:

'Terei a honra, senhorita, de vos responder a mesma coisa que respondi a um de meus amigos, que me escreveu de Marly, no dia seguinte que estive com o *Espírito.* Participo-lhe que tinha ouvido ruídos dos quais não conhecia a mecânica; mas que, para decidir, seria preciso um exame mais exato do que aquele que tinha feito, e repeti-lo. Não mudei de linguagem; mas porque não decidi absolutamente senão que era um artifício, imputei-lhe de crer que era um duende; e como o público não se detém em tão bom caminho, me fez dize-lo. Não há grande mal nisso. Se não se fizer o erro de me atribuir um discurso que não tive, se me faz a honra da atenção sobre mim, e um irá para o outro. Não acreditei dever descrer das velhas profetisas de Delfos, isso fosse um convite para

destruir uma jovem viva e da qual não se havia falado senão bem. Se, no entanto, acha-se que faltei ao meu dever, uma outra vez tomarei um tom mais impiedoso e mais filosófico. Há muito tempo que se me censura a minha pouca severidade. É preciso que eu seja bem incorrigível, uma vez que a idade, a experiência e as injustiças do mundo nisso não me fazem bem. Eis, senhorita, tudo o que posso vos dizer sobre o *Espírito* que me atraiu uma carta que eu supô-la-ia, de bom grado, ter ditado, uma vez que, enfim, não estou longe de nisso crer. Quando me virá também um demônio familiar, vos diria com mais graça e com um tom mais engenhoso, mas não com mais sinceridade, que sou, etc."

Nota. - Fontenelle, como se vê, não se pronuncia nem pró nem contra, e se limita a constatar o fato; era da prudência, do que falta à maioria dos negadores de nossa época, que decidem sobre o que não se deram mesmo ao trabalho de observar, com risco de receberem mais tarde o desmentido da experiência. No entanto, é evidente que se inclina para a afirmativa, coisa notável para um homem em sua posição e no século de ceticismo por excelência. Longe de acusar a senhorita Letard de charlatanismo, reconhece que dela não se pode falar senão bem. Talvez mesmo estivesse mais convencido do que não queria parecer, e não estava retido senão pelo temor do ridículo, tão poderoso nessa época. Todavia, seria preciso que estivesse bem abalado, para não dizer, sem cerimônia que era uma fraude; ora, sua opinião sobre esse ponto é importante. Descartada a questão do charlatanismo, fica evidente que a senhorita Letard era uma médium espontânea no gênero das senhoritas Fox.

Santo Atanásio, espírita sem o saber.

A passagem seguinte, tirada de Santo Atanásio, patriarca de Alexandria, um dos Pais da Igreja grega, parece ter sido escrita sob a inspiração das idéias espíritas de hoje.

"A alma não morre, mas o corpo morre quando ela dele se afasta. A própria alma é o seu próprio motor; o movimento da alma é a sua vida. Mesmo quando está prisioneira no corpo, e como amarrada nele, ela não se diminui às sua estreitas proporções, não se encerra nele; mas, freqüentemente, quando o corpo está estendido imóvel, e como inanimado, permanece desperta por sua própria virtude; *e, saindo da matéria, embora nela se prenda ainda,* ela concebe, contempla as existências além do globo terrestre; vê os santos desligados do envoltório dos corpos, vê os anjos e sobe até eles na liberdade de sua pura inocência.

"Inteiramente separado do corpo, e quando praza a Deus tirar-lhe a cadeia que lhe impõe, não terá ela, eu vos peço, uma visão muito mais clara de sua natureza imortal? Se hoje mesmo, e nos entraves da carne, ela já vive *de uma vida toda exterior,* viverá muito mais depois da morte do corpo, graças a Deus que, por seu Verbo, a fez assim. Ela compreende, abarca em si as idéias de eternidade, as idéias de infinito, porque é imortal. Do mesmo modo que o corpo, que é mortal, nada percebe senão de material e de perecível, assim a alma que vê e medita as coisas imortais, é necessariamente imortal ela mesma, e viverá sempre: porque os pensamentos e as imagens de imortalidade não a deixam jamais e são nela como um foco vivo que nutre e assegura a sua imortalidade."

(SanctAtan. Oper., t. l, p. 32. - VILLEMAIN, Quadro *da eloqüência cristã rio quarto século.)*

Não está aí, com efeito, uma pintura exata da irradiação exterior da alma durante a vida corpórea, e sua emancipação no sono, o êxtase, o sonambulismo e a catalepsia? O Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, e prova-a pela experiência.

Com as idéias esparsas contidas na Bíblia, nos Evangelhos, nos Apóstolos e nos Pais da Igreja, sem falar dos escritores profanos, pode-se constituir toda a Doutrina Espírita moderna. Os comentários que foram feitos desses escritos, geralmente, o foram sob um ponto de vista exclusivo e com idéias preconcebidas, *e* muitos ali não viram senão o

que queriam ver, ou faltava a chave necessária para ali ver outra coisa; mas, hoje, o Espiritismo é a chave que dá o verdadeiro sentido das passagens mal compreendidas. Até o presente esses fragmentos são recolhidos parcialmente, mas virá um dia em que os homens de paciência e de saber, e cuja autoridade não poderá ser desconhecida, farão desse estudo o objeto de um trabalho especial e completo, que lançará a luz sobre todas essas questões, e, diante da evidência claramente demonstrada, será preciso muito se render. Esse trabalho considerável será, cremos poder dize-lo, a obra de membros eminentes da Igreja, que receberão essa missão, porque compreenderão que a religião deve ser progressiva como a Humanidade, sob pena de ser extravasada, porque há idéias retrógradas em religião como em política; em semelhante caso, não avançar é recuar. O que faz os incrédulos, é precisamente porque a religião se mantém fora do movimento científico e progressivo; ela faz mais: declara esse movimento a obra do demônio, e o tem sempre combatido. Disso resulta que a ciência, sendo repelida pela religião, a seu turno, repele a religião; daí um antagonismo que não cessará senão quando a religião compreender que não só deve caminhar com o progresso, mas que deve ser um elemento de progresso. Todo o mundo crera em Deus, quando ela não o apresentar em contradição com as leis da Natureza, que são obra sua.

Extrato do Opinion nationale.

Num artigo político muito sério sobre a Polônia, assinado por Bonneau, publicado no *Opinion nationale* de 10 de novembro de 1863, lê-se a passagem seguinte:

"Que François-Joseph evoque a sombra em sua ajuda, que peça conselho a Marie-Thérèse, alma sofredora, perseguida pelo remorso da Polônia desmembrada, e a luz se fará de repente a seus olhos."

Essas palavras não têm necessidade de comentário. Tínhamos razão em dizer, mais acima, que a idéia espírita penetra por toda a parte; ali onde é arrastada, apesar de si, logo transbordará.

Um Espírito batedor no século XVI.

Lê-se na *Histoire de saint Martial,* apóstolo das Gálias e notadamente do Aquitaine e do Limousin, pelo Rev. Pé. Bonaventu-re de Saint-Amable, religioso carmelita descalço, 3ª parte, p. 752:

"No ano de 1518, no mês de dezembro, na casa de Pierre Juge, comerciante de Limorges, um Espírito, durante quinze dias, fez grande ruído, batendo sobre as portas, as pranchas e o piso, e mudava os utensílios de um lugar para um outro. Vários religiosos ali foram dizer a missa, e passar a noite em vigília, com as velas acesas e *a* água benta, sem que quisesse falar. Um jovem de dezesseis anos, nativo de Ussel, que servia esse comerciante, confessou que esse Espírito, freqüentemente, o havia molestado em sua casa e em vários outros lugares, e acrescentou que um seu parente, que o fizera herdeiro, tinha morrido na guerra, e que, com freqüência, apareceu a vários de seus parentes, e tinha ferido sua irmã, que morrera três dias depois. O supradito comerciante Juge, tendo despedido esse jovem, todo esse ruído cessou."

Esse jovem, evidentemente, era um médium inconsciente, de efeitos físicos, como sempre o foi. O conhecimento das leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível fazem reentrar todos esses fatos, pretensamente maravilhosos, no domínio das leis naturais.

ALLAN KARDEC.

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO NO. 2 FEVEREIRO 1864

O SR. HOME EM ROMA.

Vários jornais reproduziram o artigo seguinte:

"O incidente da semana, escreveu-se de Roma ao *Times,* é a ordem dada ao Sr. Home, o célebre médium, de deixar a cidade pontifícia em três dias.

"Convidado a se apresentar diante da polícia romana, o Sr. Home sofreu um interrogatório segundo as leis. Perguntou-se-lhe quanto tempo pensava ficar em Roma; se estava entregue às práticas do Espiritismo desde sua conversão ao catolicismo, etc., etc. Eis algumas das palavras trocadas nessa circunstância, tais como o próprio Sr. Home consignou-as em suas notas particulares, que comunica bastante facilmente, ao que parece.

- Depois de vossa conversão ao catolicismo, tendes exercido vosso poder de médium? - Nem depois nem antes exerci esse poder, porque, como não depende de minha vontade, não posso dizer que o exerço. - Considerais esse poder como um dom da Natureza? - Considero-o como um dom de Deus. - Que religião os Espíritos ensinam? - Isso depende. - Que fazeis para fazê-los vir? Respondi que não fazia nada; mas, no mesmo instante, pancadas repetidas e distintas se fizeram ouvir sobre a mesa onde meu interrogador escrevia. "Mas também fazeis as mesas se moverem?" disse-me. No mesmo instante a mesa se pôs em movimento."

"Pouco tocado desses prodígios, o chefe da polícia convidou o mágico a deixar Roma em três dias. O Sr. Home se abrigando, como era seu direito, sob a proteção das leis internacionais, referiu isso ao cônsul da Inglaterra, que obteve do Sr. Matteucci que o muito célebre médium não fosse inquietado e que poderia continuar sua permanência em Roma, desde que pensasse em se abster, durante esse tempo, de toda comunicação com o mundo espiritual. Coisa espantosa! o Sr. Home acedeu a essa condição, e assinou o compromisso que se lhe pediu. Como pôde comprometer-se em não usar de um poder cujo exercício é independente de sua vontade? É o que procuraremos penetrar."

Não sabemos até que ponto esse relato é exato em todos os seus detalhes, mas uma carta escrita recentemente pelo Sr. Home a uma senhora de nosso conhecimento parece confirmar um fato principal. Quanto às pancadas tão a propósito, cremos que se pode, sem medo, colocá-las entre os gracejos aos quais nos habituaram os jornais pouco preocupados em aprofundar as coisas do outro mundo.

O Sr. Home, com efeito, está em Roma neste momento, e o motivo é muito honroso para ele para que não o digamos, uma vez que os jornais creram dever aproveitar esta ocasião para ridicularizá-lo.

O Sr. Home não é rico, e não teme dizer que deve procurar no trabalho um suplemento de recursos para prover os encargos aos quais deve recorrer. Pensou em procurar no talento natural que tem pela escultura, e foi para se aperfeiçoar nesta arte que foi a Roma. Com a notável faculdade medianímica que possui, poderia ser rico, muito rico mesmo, se tivesse querido explorá-la; a mediocridade de sua posição é a melhor resposta

ao epíteto de hábil charlatão que se lhe lançou à face. Mas ele sabe que essa faculdade lhe foi dada com um objetivo providencial, para os interesses de uma causa santa, e acreditaria cometer um sacrilégio se a convertesse em ofício. Ele tem demasiadamente o sentimento dos deveres que ela lhe impõe para não compreender que os Espíritos se manifestam pela vontade de Deus para conduzir os homens à fé na vida futura, e não para fazer demonstração de um espetáculo de curiosidades, em concorrência com os escamoteadores, nem para servir à cupidez daqueles que pretendessem explorá-los. Aliás, ele sabe também que os Espíritos não estão às ordens nem ao capricho de ninguém, e ainda menos de quem quisesse *exibir* seus fatos e gestos a tanto por sessão. Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num instante dado; donde é necessário concluir que a pretensão contrária é a prova de uma ignorância absoluta dos princípios mais elementares da ciência, e então toda suposição é permitida, porque, se os Espíritos não respondem ao chamado, ou não fazem *coisas muito espantosas para* satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é preciso muito encontrar meio de dá-lo aos espectadores por seu dinheiro, se não se quer lhes restituí-lo.

Não saberíamos muito repetir, a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto. Um médium é sempre forte quando pode responder àqueles que suspeitassem de sua boa fé: "Quanto pagastes para vir aqui?"

Ainda uma vez, a mediunidade séria não pode ser, e não será jamais, uma profissão; não só porque estaria desacreditada moralmente, mas porque repousa sobre uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, que nenhum daqueles que a possui hoje não está seguro de possuí-la amanhã; só os charlatães estão sempre certos de si mesmos. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho, que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual é naturalmente permitido tirar partido; a mediunidade não está neste caso; explorá-la é dispor de uma coisa da qual não se é realmente senhor; é desviá-la de seu objetivo providencial; há mais: não é de *si mesmo* do que se dispõe, são os Espíritos, as almas dos mortos cujo concurso é posto a preço. Este pensamento repugna instintivamente. É porque em todos os centros sérios onde se ocupa do Espiritismo santamente, religiosamente, como em Lyon, Bordeaux e tantos outros, os médiuns exploradores seriam completamente desconsiderados.

Que aquele que, pois, não tem de que viver procure em outra parte os recursos e nela não consagre, se for preciso, senão o tempo que pode dar-lhe materialmente; os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, ao passo que punem, cedo ou tarde, aqueles que dela esperam se fazerem um degrau, seja pela retirada da faculdade, afastando-o dos bons Espíritos, as mistificações comprometedoras, seja por meios mais desagradáveis ainda, assim como a experiência o prova.

O Sr. Home sabe muito bem que perderia a assistência de seus bons Espíritos protetores se abusasse de sua faculdade. Sua primeira punição seria perder a estima e a consideração das famílias honradas onde é recebido como amigo e onde não seria mais chamado senão com o mesmo título que as pessoas que vão dar representações a domicílio. Quando de sua primeira estada em Paris, sabemos que lhe foram feitas, por certos círculos, ofertas muito vantajosas para ali dar sessão, e que sempre recusou. Todos aqueles que o conhecem e compreendem os verdadeiros interesses do Espiritismo aplaudirão a resolução que toma hoje. Por nossa conta pessoal, nós lhe somos gratos do bom exemplo que dá.

Se insistimos de novo sobre a questão do desinteresse dos médiuns, é que temos razões de crer que a mediunidade *fictícia e abusiva é* um dos meios que os inimigos do Espiritismo contam empregar para procurar desacreditá-lo e apresentá-lo como uma obra de charlatanismo. É, pois, necessário que todos aqueles que se interessam pela causa da Doutrina se tenham por advertidos, a fim de desmascarar as manobras fraudulentas, se isso ocorrer, e mostrar que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com as paródias

que dele se poderão fazer, e que ele repudia tudo o que se afasta do princípio moralizador que é a sua essência.

O artigo acima reportado oferece vários outros assuntos de observação. O autor crê dever qualificar o Sr. Home de mágico; não há ali nada senão de muito inocente; mas mais adiante disse: "O *muito* célebre médium", expressão empregada a respeito dos indivíduos que adquiriram uma deplorável celebridade. Onde estão, pois, os defeitos e os crimes do Sr. Home? É uma injúria gratuita, não só para ele, mas ainda para todas as pessoas respeitáveis e altamente colocadas que o recebem e que parecem assim patrocinar um homem de má fama.

A última frase do artigo é mais curiosa, porque ela encerra uma dessas contradições flagrantes das quais nossos adversários se inquietam muito pouco, de resto. O autor se admira de que o Sr. Home haja consentido no compromisso que se lhe impôs e se pergunta como pôde prometer de não usar de um poder independente de sua vontade? Se se prendesse em sabê-lo, o remeteríamos ao estudo dos fenômenos espíritas, de suas causas e de seu modo de produção, e saberia como o Sr. Home pode tomar um compromisso que, de resto, não pode concernir às manifestações que obtém na intimidade, fosse mesmo sob os ferrolhos da inquisição. Mas parece que o autor nisso não se prende tanto, porque acrescenta: "É o que procuraremos penetrar." Por essas palavras dá insidiosamente a entender que esses fenômenos não são senão da fraude.

No entanto, a medida tomada pelo governo pontifício prova que este tem medo das manifestações ostensivas; ora, não se tem medo de um malabarismo. Esse mesmo governo interditaria os supostos físicos que se fazem muito em imitar essas manifestações? Não, certamente, porque em Roma permitem-se muitas outras coisas muito menos evangélicas; por que, pois, interditá-las

ao Sr. Home? Por que querer expulsá-lo do país se não é senão um encenador? É no interesse da religião, dir-se-á; seja; mas é, pois, tão frágil essa religião que pode ser tão facilmente comprometida? Em Roma, como em outra parte, os escamoteadores executam com mais ou menos habilidade o jogo da garrafa encantada, e a água se transforma em todas espécies de vinhos, e do chapéu mágico, onde se multiplicam os pães e outros objetos; e, no entanto, não se teme que isso desacredite os milagres de Jesus Cristo, porque se sabe que não são senão imitações. Se se teme o Sr. Home, há, pois, de sua parte, alguma coisa de sério, e não jogo de habilidades.

Tal é a conseqüência que disso tira todo homem que reflete um pouco; não entrará no pensamento de nenhuma pessoa sensata que um governo, que uma corte soberana, composta de homens que, com razão, não passam portelos, se amedronte com um mito. Esta reflexão, não seremos os únicos a fazê-la, seguramente, e os jornais que se apressaram em dar conta desse incidente, tendo em vista torná-lo em ridículo, vão provocá-la muito naturalmente; de sorte que o resultado será, como o de tudo o que já se fez para matar o Espiritismo, de popularizar-lhe a idéia. Assim, um fato insignificante, em aparência, terá conseqüências mais sérias do que não se o havia pensado. Não duvidamos que não haja sido suscitado para apressar a eclosão do Espiritismo na Itália, onde já conta com muitos numerosos representantes, mesmo no clero. Não duvidamos, não mais, que a corte de Roma não se torne, cedo ou tarde, sem o querer, um dos principais instrumentos de propagação da Doutrina nesse país, porque está no destino que seus próprios adversários devem servir para difundi-la por tudo que farão para destruí-la. Cego, pois, aquele que não vê ali o dedo da Providência. Esse será, sem contradita, um dos fatos mais consideráveis da história do Espiritismo; um daqueles que melhor atestam o poder de sua origem.

PRIMEIRAS LIÇÕES DE MORAL DA INFÂNCIA.

De todas as pragas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de desenraizar; ela é tanto mais, com efeito, quanto é entretida pelos próprios hábitos da educação. Parece que se toma, desde o berço, a tarefa de excitar certas paixões que se tornam mais tarde uma segunda natureza, e se espanta dos vícios da sociedade, então que as crianças os sugam com o leite. Eis disso um exemplo que, como cada um pode julgá-lo, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma pequena filha de quatro a cinco anos, de uma inteligência rara, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, quer dizer, que ela é um pouco caprichosa, chorosa, teimosa, e não diz sempre obrigado quando se lhe dá alguma coisa, essa cujos pais têm grandemente interesse em corrigi-la, porque, à parte esses defeitos, ela tem *um coração de ouro,* expressão consagrada. Vejamos como se empenham para tirar essas pequenas nódoas e conservar ao ouro a sua pureza.

Um dia, havia sido trazido um bolo à criança, e, como é geralmente o hábito, se lhe disse: "Tu o comerás se fores obediente;" primeira lição de guloseima. Quantas vezes não chega a dizer, à mesa, a uma criança, que não comerá de tal gulodice se chorar. "Faze isto, faze aquilo, se lhe diz, e tu terás do creme" ou alguma outra coisa que possa lhe fazer inveja; e a criança se constrange, não por razão, mas tendo em vista satisfazer um desejo sensual que a aguilhoa. É bem pior ainda quando se lhe diz, o que não é menos freqüente, que se dará sua porção a um outro; aqui não é mais a gulodice só que está em jogo, é a inveja; a criança fará isso que se lhe manda, não só para ter, mas que um outro não tenha. Quer se lhe dar uma lição de generosidade? diga-se-lhe: "dá esse fruto ou esse ou esse brinquedo a um tal." Se ela recusa, não se deixe de acrescentar, para simular nela um bom sentimento: "Eu te darei um outro dele;" de maneira que a criança não se decida a ser generosa senão quando está certa de nada perder.

Fomos um dia testemunha de um fato muito característico nesse gênero. Era uma criança de dois anos e meio mais ou menos, a quem se havia feito semelhante ameaça, acrescentando-lhe: "Nós o daremos ao irmãozinho, e tu não o terás;" e, para tornar a lição mais sensível, coloca-se a porção sobre o prato deste; mas o irmãozinho, tomando a coisa a sério, come a porção. Em vista disso, a outra se torna vermelha e seria preciso não ser nem o pai nem a mãe para não ver o estrondo de cólera e de ódio que jorra de seus olhos. A semente foi lançada; pode produzir bom grão?

Retornemos à pequenina da qual falamos. Como não toma nenhuma conta da ameaça, sabendo por experiência que será executada raramente, esta vez se fez mais firme, porque compreendeu-se que seria preciso dominar esse pequeno caráter e não esperar que a idade lhe venha dar um mau hábito. E preciso formar as crianças cedo, dizia-se; máxima muito sábia, *e, para* colocá-la em prática, eis como se a toma." Eu te prometo, lhe diz sua mãe, que se tu não obedeceres, amanhã de manhã, a primeira pequena pobre que passar, dar-lhe-ei teu bolo." O que foi dito foi feito; esta vez queria-se resistir e lhe dar uma *boa* lição. No dia seguinte de manhã, pois, tendo percebido uma pequena vizinha na rua, fê-la entrar, e se obrigou a filhinha a tomá-la pela mão e a lhe dar, ela mesma, seu bolo. Sobre isso, louvores dados à sua docilidade. Moralidade: a filhinha disse: "É indiferente, se soubesse disto, teria me apressado em comer meu bolo ontem;" e todo o mundo de aplaudir a essa resposta espirituosa. A criança, com efeito, recebeu uma grande lição, mas uma lição do mais puro egoísmo, do qual não deixará de se aproveitar numa outra vez, porque ela sabe agora o que custa a generosidade forçada; resta saber que frutos dará mais tarde essa semente, quando, mais idosa, a criança fará a aplicação dessa moral em coisas mais sérias do que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que só esse fato pôde fazer germinar nessa jovem cabeça? Como se quer, depois disso, que uma criança não seja egoísta quando, em lugar de despertar nela o prazer de dar, e de lhe re-

presentar a felicidade daquele que recebe, se lhe impõe um sacrifício como punição? Não é inspirar a aversão pelo ato de dar, e por aqueles que têm necessidade? Um outro hábito igualmente freqüente é o de punir uma criança vendo-a comer, na cozinha, com os domésticos. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir à das pessoas de serviço. Assim se encontra inoculado, desde a mais tenra infância, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, em uma palavra, que são, com razão, consideradas como as pragas da Humanidade. É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências, produzidas na idade mais impressionável, onde elas não podem encontrar contrapeso nem na vontade nem na experiência. Por pouco, pois, que o germe das más paixões aí se encontre, o que é o caso mais comum, tendo em vista a natureza da maioria dos Espíritos que se encarnam sobre a Terra, não pode senão se desenvolver sob Essas influências, ao passo que seria preciso tentar descobrir-lhe os menores traços, para abafá-las.

Essa falta, sem dúvida, está nos pais, mas aqueles pecam freqüentemente, é preciso dize-lo, mais por ignorância do que por má vontade; em muitos, incontestavelmente, há uma negligência culpável, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que não vale nada ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam estar instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de cumpri-los; não basta ao médico saber que deve procurar curar, é preciso que saiba como deve fazê-lo. Ora, para os pais, onde estão os meios de se instruírem sobre essa parte tão importante de sua tarefa? Dá-se às mulheres muita instrução hoje; fazem-na suportar exames rigorosos mas jamais foi exigido de uma mãe que ela saiba como deve fazer para formar o moral de seu filho? São-lhes ensinadas receitas do governo da casa; mas se a iniciou nos mil segredos de governar os jovens corações? Os pais são, pois, abandonados sem guia à sua iniciativa, é por isso que, freqüentemente, tomam um falso caminho; também recolhem, nos erros de seus filhos tornados grandes, o fruto amargo de sua experiência ou de uma ternura mal combinada, e a sociedade toda disso recebe o contra-golpe.

Uma vez que está reconhecido que o egoísmo e o orgulho são a fonte da maioria das misérias humanas, que enquanto reinarem sobre a Terra, não se podem esperar nem paz, nem caridade, nem fraternidade, é preciso, pois, atacá-los no seu estado de embrião, sem esperar que sejam vivazes.

Pode o Espiritismo remediar esse mal? Sem nenhuma dúvida, e não hesitamos em dizer que só ele é bastante poderoso para fazê-lo cessar: pelo novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando-lhes a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando-lhes a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando com isso os próprios pais. Já prova sua eficácia pela maneira mais racional da qual as crianças são educadas nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que o Espiritismo abre fazem ver as coisas de maneira diferente; sendo seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá levar a luz sobre a séria questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreender-se-á que esse ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, em uma palavra, que é uma verdadeira ciência; um dia, talvez, se imporá a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como se impõe ao advogado a de conhecer o Direito.

UM DRAMA INTIMO.

Apreciação moral.

O *Monde ilustre* de 7 de fevereiro de 1863 conta o drama de família seguinte, que emocionou, a justo título, a sociedade de Florence. O autor começa assim a sua narração:

"Eis a história. *Ele* era um velho de setenta e dois anos; *ela,* uma jovem de vinte anos. Havia-a esposado há três anos... Não vos revolteis! o velho conde, originário de Viterbe, era absolutamente sem família, o que é muito estranho para um milionário! Amália não era sem família, mas antes sem milhões. Para compensar as coisas, tendo-a visto quase nascer, e sabendo-a de um bom coração e de um encantador espírito, havia dito à sua mãe: "Deixai-me paternalmente esposar Amália; durante alguns anos ela cuidará de mim, e depois..."

"O casamento se fez. Amália compreende os seus deveres; ela cerca o velho dos cuidados mais assíduos, e lhe sacrifica todos os prazeres de sua idade. O conde tendo se tornado cego e um pouco paralítico, passava as mais longas horas do dia fazendo-lhe companhia, fazendo-lhe leituras, a contar tudo o que podia para distraí-lo e encantá-lo. "Quanto sois boa, minha querida criança!" exclamava freqüentemente tomando-lhe as mãos, e atraindo-a para lhe pôr sobre a fronte o casto e doce beijo da ternura e do reconhecimento.

"Um dia, no entanto, notou que Amália se afastava de sua pessoa; que, embora sempre assídua e cheia de solicitude, ela parecia temer sentar-se perto dele. Uma suspeita atravessou o seu espírito. Uma noite quando ela fazia a leitura, ele tomou-lhe o braço, atraiu-a, enlaçou seu corpo; então, lançando um grito terrível, caiu desmaiado de emoção e de cólera aos pés da jovem! Amália perdeu a cabeça; lançou-se na escada, chegando ao andar mais elevado da casa, precipitou-se pela janela e caiu despedaçada. O velho não sobreviveu senão seis horas a essa catástrofe."

Que relação, dir-se-á, essa história pode ter com o Espiritismo? Vê-se aí a intervenção de algum espírito maligno? Essas relações estão nas deduções que o Espiritismo pode ensinar a tirar das coisas em aparência mais vulgares da vida. Quando o cético ou o indiferente não vê num fato senão uma ocasião de exercer sua verve zombeteira, ou passar ao lado sem notá-lo, o Espírita observa-o e dele tira uma instrução remontando às causas providenciais, sondando-lhe as conseqüências para a vida futura, segundo os exemplos que as relações de além-túmulo lhe oferecem da justiça de Deus. No fato reportado acima, em lugar de uma simples historinha divertida entre um velho *ele* e uma jovem *ela,* ele vê duas vítimas; ora, como o interesse que leva aos infelizes não se detém no limiar da vida presente, mas os segue na vida futura, na qual tem fé, se pergunta se não há ali um duplo castigo para uma dupla falta, e se ambos não foram punidos por onde pecaram? Vê um suicídio, e como sabe que esse crime é sempre punido, pergunta-se em qual grau de responsabilidade incorre aquele que o cometeu.

Vós que credes que o Espiritismo não se ocupa senão de duendes, de aparições fantásticas, de mesas girantes e de Espíritos batedores, se vos derdes ao trabalho de estudá-lo sabereis que ele toca a todas as questões morais. Esses Espíritos que vos parecem tão risíveis, e que, no entanto, não são outros senão as almas dos homens, dão àquele que observa suas manifestações a prova de que é ele mesmo Espírito, momentaneamente ligado a um corpo; vê na morte, não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre diante do prisioneiro para restituí-lo à liberdade. Ensina que as vicissitudes da vida corpórea são as conseqüências das próprias imperfeições, quer dizer, das inspirações pelo passado e o presente, e provas para o futuro. Daí é naturalmente conduzido a não ver o cego acaso nesses acontecimentos, mas a mão da Providência. Para ele a equitativa sentença: *A cada um segundo suas obras* não encontra somente sua aplicação para além do túmulo, mas também sobre a própria Terra. E porque tudo o que se passa

ao redor dele tem o seu valor, sua razão de ser; ele estuda para disso tirar seu proveito e regular sua conduta em vista do futuro, que para ele é uma realidade demonstrada. Remontando às causas das infelicidades que o afligem, ensina a não mais disso acusar a sorte ou a fatalidade, mas a si mesmo.

Não tendo esta digressão outro objetivo senão demonstrar que o Espiritismo se ocupa de outra coisa que dos Espíritos batedores, retornemos ao nosso assunto. Uma vez que o fato se tornou público, é permitido apreciá-lo, tanto melhor quando não designamos a ninguém nominalmente.

Examinando-se a coisa do ponto de vista puramente mundano, a maioria ali não verá senão a conseqüência muito natural de uma união desproporcionada, e lançarão ao velho a pedra do ridículo por todo discurso fúnebre; outros acusarão de ingratidão a jovem que enganou a confiança do homem generoso que queria enriquecê-la; mas ela tem para o Espírita um lado mais sério, porque nela procura um ensinamento. Nós nos perguntaremos, pois, se na ação do velho não havia mais egoísmo do que generosidade a prender uma jovem, quase uma criança, à sua caducidade pelos laços indissolúveis que podem conduzi-la à idade onde antes deve-se sonhar na retirada que em gozar do mundo? se, impondo-lhe esse duro sacrifício, isso não era lhe fazer pagar bem caro a fortuna que lhe prometia? Quanto à jovem, não podia aceitar esses laços senão com a perspectiva de vê-los logo quebrados, uma vez que nenhum motivo de afeição a ligava ao velho. Havia, pois, cálculo dos dois lados e esse cálculo foi frustrado; Deus não permitiu que dele aproveitassem nem um nem o outro: a um infligiu a desilusão, ao outro a vergonha, que mataram a ambos.

Resta a responsabilidade do suicídio, que jamais é impune, mas que encontra sempre circunstâncias atenuantes. A mãe da jovem, para encorajá-la a aceitar, lhe havia dito: "Com essa grande fortuna farás a felicidade do homem pobre que amarás. À espera disso, honra e respeita esse grande coração que quis te instituir sua herdeira, durante o que lhe *resta* de vida." Era tomá-la por seu lado sensível; mas para gozar os benefícios desse grande coração, que teria sido muito grande de outro modo se a tivesse dotado sem interesse, seria preciso especular sobre a duração de sua vida. A filha errou em ceder, mas a mãe teve um erro maior em excitá-la, e, seguramente, é ela que incorrerá na maior parte da responsabilidade do suicídio de sua filha. É assim que aquele que se mata para escapar à miséria é culpado de falta de coragem e de resignação, mas muito mais culpável ainda é aquele que *é a* causa primeira desse ato de desespero. Eis o que o Espiritismo ensina pelos exemplos que se coloca sob os olhos daqueles que estudam o mundo invisível. Quanto à mãe, sua punição começa nesta vida, primeiro pela morte terrível de sua filha, cuja imagem talvez irá persegui-la e atormentá-la de remorsos, em seguida pela inutilidade para ela do sacrifício que provocou, porque tendo o marido morrido seis horas depois de sua mulher, toda a sua fortuna torna aos colaterais distantes, e ela não a aproveitará.

Os jornais estão cheios de fatos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que podem oferecer, como o que acabamos de reportar, o assunto de estudos morais sérios; é para os Espíritas uma mina inesgotável de observações e de instruções. O Espiritismo lhes dá os meios de ali descobrir o que passa desapercebido para os indiferentes, e ainda mais para os céticos que nisso não vêem, geralmente, senão o fato mais ou menos picante, sem procurar-lhe nem as causas nem as conseqüências. Para os grupos, é um elemento fecundo de trabalho, no qual os Espíritos protetores não deixarão de ajudar, dando-lhe a sua apreciação.

O ESPIRITISMO NAS PRISÕES.

Na *Revista* de novembro de 1863, página 350, publicamos uma carta de um condenado detido numa casa central, como prova da influência moralizadora do Espiritismo. A carta seguinte, de um condenado numa outra prisão, é um exemplo a mais dessa poderosa influência. Ela é de 27 de dezembro de 1863; nós a transcrevemos textualmente quanto ao estilo; dela não corrigimos senão as faltas de ortografia.

"Senhor,

"Há poucos dias, quando se me falou pela primeira vez do Espiritismo e da revelação de além-túmulo, eu ri, e disse que isso não era possível; falava como um ignorante que sou. Alguns dias depois, teve-se a bondade de me confiar, na minha terrível posição onde me encontro agora, vosso bom e excelente *O Livro dos Espíritos;* de início li algumas páginas com incredulidade, não querendo, ou antes não crendo nessa ciência; enfim, pouco a pouco e sem disso me aperceber, tomei gosto por ele; depois tomei a coisa a sério; depois reli pela segunda vez vosso livro, mas então com um outro espírito, quer dizer, com calma, e com toda a pouca inteligência que Deus me deu. Senti, então, despertar essa velha fé que minha mãe havia me posto no coração e que dormia há muito tempo; senti o desejo de me esclarecer sobre o Espiritismo. A partir desse momento, tive um pensamento muito firme, o de me dar conta, de aprender, de ver, e depois de julgar. Coloquei-me à obra com toda a crença que se pode ter e que é preciso crer em Deus e seu poder; desejava ver a verdade, pedia com fervor, e recomecei as experiências; as primeiras foram nulas, sem nenhum resultado.

"Não me desencorajei, perseverei em minhas experiências e em minha fé, redobrei minhas preces, que talvez não eram bastante fervorosas, e me entreguei ao trabalho com toda a convicção de uma alma crente e que espera. Ao cabo de algumas noites, porque não posso fazer minhas experiências senão à noite, senti, em torno de dez minutos, estremecimento na ponta dos dedos e uma pequena sensação sobre o braço como se tivesse sentido correr um pequeno riacho de água tépida, que parava no punho. Estava então todo recolhido, todo atenção, e cheio de fé. Meu lápis traçou algumas linhas perfeitamente legíveis, mas não bastante corretas para não crer que estavam sob o peso de uma alucinação. Esperei, pois, com paciência a noite seguinte para recomeçar minhas experiências, e esta vez agradeci a Deus de todo o coração, tinha obtido mais do que não ousava esperar.

"Depois, todas as duas noites, me entretenho com os Espíritos que são bastante bons para responderem ao meu chamado, e, em menos de dez minutos, me respondem sempre com caridade; escrevo meias-páginas, páginas inteiras que minha inteligência não poderia fazer sozinha, porque, freqüentemente, são tratados filosófico-religiosos, que jamais sonhei e com mais forte razão coloquei em prática; porque eu me dizia, nos primeiros resultados: Não serias o joguete de uma alucinação ou de tua vontade? E a reflexão e o exame me provavam que estava muito longe dessa inteligência que havia traçado essas linhas. Abaixei a cabeça, acreditei, não podia ir contra a evidência, a menos estar inteiramente louco.

"Remeti duas ou três entrevistas à pessoa que tivera a caridade de me confiar vosso bom livro para que elas sancionasse se estou na verdade. Venho vos pedir, senhor, vós que sois a alma do Espiritismo, consentir me permitir vos enviar o que obtiver de sério em minhas conversas com o além-túmulo, se, no entanto, achares bom. Se isto vos pode ser agradável, enviarei as comunicações de Verger, que feriu o arcebispo de Paris; para bem me assegurar se era bem ele que se manifestava, evoquei São Luís, que me respondeu afirmativamente, assim como um outro Espírito em quem tenho muita confiança, etc........"

As conseqüências morais deste fato se deduzem por si mesmas; eis um homem que havia abjurado toda crença, que, atingido pela lei, se encontra confundido com refugo da sociedade, e esse homem, no meio dessa lama moral, retornou à fé; vê o abismo em que caiu, se arrepende, pede e, dizemo-lo, ai! ele pede com mais fervor do que muitas pessoas que ostentam a devoção. Bastou para isso a leitura de um livro onde encontrou os elementos de fé que sua razão pôde admitir, que reanimou as suas esperanças, e fê-lo compreender o futuro. O que há, além disso, a anotar, é que primeiro leu com prevenção, e que a sua incredulidade não foi vencida senão pelo ascendente da lógica. Se tais resultados foram produzidos por uma simples leitura feita, por assim dizer, às escondidas, que seria se se pudesse juntar a isso a influência das exortações verbais! é bem certo que, na disposição de espírito em que estão hoje esses dois homens (ver o fato narrado no número de novembro último), não só não darão, durante sua detenção, nenhum motivo de lamento, mas que reentrarão no mundo com a resolução de nele viver honestamente.

Uma vez que esses dois culpados puderam ser levados ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem tido preliminarmente essa fé, não teriam cometido o mal. A sociedade, pois, está interessada na propagação de uma doutrina de uma tão grande força moralizadora. É o que se começa a compreender.

Uma outra conseqüência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não estão presos pelos ferrolhos e que vão até o fundo dos calabouços levar suas consolações. Não está, pois, no poder de ninguém impedi-los de se manifestarem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição; eles desafiam todas as proibições, se riem de todas as interdições, ultrapassam todos os cordões sanitários. Que barreiras, pois, podem lhes opor os inimigos do Espiritismo?

VARIEDADES

Cura de uma obsessão.

O Sr. Dombre, o presidente da Sociedade Espírita de Marmande, nos manda o que segue:

"Com a ajuda dos bons Espíritos, livramos em cinco dias de uma obsessão muito violenta e muito perigosa, uma jovem de treze anos, completamente em poder de um mau Espírito, desde 8 de maio último. Cada dia, às cinco horas de tarde, sem faltar um só dia, ela tinha crises terríveis, lamentáveis de ver. Essa criança mora num quarteirão recuado, e os pais, que consideram essa enfermidade como uma epilepsia, disso não falavam mais. No entanto, um dos nossos, que mora na vizinhança, disso foi informado, e uma observação mais atenta dos fatos fê-lo reconhecer a verdadeira causa. Segundo o conselho de nossos guias espirituais, nos pusemos imediatamente à obra. Em 11 deste mês, às oito horas da noite, nossas reuniões começaram por invocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e a vítima, e exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões tiveram lugar cada tarde, e na sexta-feira, 15, a criança sofreu a última crise. Não lhe resta mais senão a fraqueza da convalescência, conseqüência de um tão longo e tão violento abalo, e que se manifesta pela tristeza, a apatia e as lágrimas, assim como isso nos havia sido anunciado. Cada dia estávamos anunciados pelas comunicações dos bons Espíritos, das diferentes fases da enfermidade.

"Essa cura que, em outros tempos, uns teriam olhado como um milagre, e outros como um fato de bruxaria, pelo qual teríamos sido, segundo a opinião, santificados ou queimados, produziu uma certa sensação na cidade."

Felicitamos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram nessa circunstância, e estamos felizes por ver que aproveitaram os conselhos contidos na *Revista,* por ocasião dos casos análogos, que narrou ultimamente. Puderam assim se convence-

rem do poder da ação coletiva quando ela é dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.

Manifestações de Poitiers.

O Journal de la Vienne, de 21 de janeiro, reporta o fato seguinte, que outros jornais reproduziram:

"Há cinco ou seis dias se passa na cidade de Poitiers um fato de tal modo extraordinário, que se tornou o assunto das conversas e dos comentários mais estranhos. Todas as noites, a partir das seis horas, ruídos singulares se fazem ouvir numa casa da rua Neuve-Saint-Paul, habitada pela senhorita d'O..., irmã do Sr. conde d'O.... Esses ruídos, segundo o que nos foi narrado, fazem o efeito de uma detonação de artilharia; violentos golpes parecem batidos sobre as portas e os postigos das janelas. De início acreditou-se atribuir-lhe a causa a alguns gracejos de moleques ou de vizinhos mal intencionados. Uma vigilância das mais ativas foi organizada. Sobre a denúncia da Srta. d'O..... a polícia tomou as medidas mais minuciosas: agentes foram postados no interior e no exterior da casa. As explosões, no entanto, se produziram, e temos a fonte certa de que o senhor M..., brigadeiro, foi, durante a penúltima noite, surpreendido por uma comoção tal que não pode, mesmo hoje, dela se dar conta.

"Nossa cidade inteira se preocupa com esse inexplicável mistério. As investigações feitas pela polícia, até o presente, não levaram a nenhum resultado. Cada um procura a palavra desse enigma. Algumas pessoas iniciadas no estudo do Espiritismo pretendem que os Espíritos batedores são os autores dessas manifestações, às quais não seria estranho um médium famoso, que, no entanto, não habita mais o quarteirão. Outros lembram que, outrora, existiu um cemitério na rua Neuve-Saint-Paui, e não temos necessidade de dizer a quais conjecturas se entregam nesse assunto.

"De todas essas explicações, não sabemos qual é a boa; sempre é que a opinião está muito emocionada desse acontecimento, e que ontem à noite uma multidão tão considerável estava reunida sob as janelas da casa d'O..., que a autoridade teve que requerer um piquete do 10º caçadores para fazer evacuar a rua. No momento em que escrevemos, a polícia e a guarda militar ocupam a casa."

O relato desses fatos nos foi transmitido por várias correspondências particulares. Se bem que não tenha nada de mais estranho do que os fatos averiguados de manifestações que ocorreram em diversas épocas, e que estejam nos limites do possível, convém suspender seu julgamento até mais ampla constatação, não do fato, mas da causa; porque é preciso guardar-se de colocar à conta dos Espíritos todas as coisas que não se compreende. É preciso também desconfiar das manobras dos inimigos do Espiritismo, e das armadilhas que podem estender para torná-lo ao ridículo pela grande credulidade de seus adeptos. Vemos com prazer que os Espíritas de Poitiers, seguindo nisso os conselhos contidos em *O Livro dos Médiuns, e* as advertências que demos na *Revista,* se mantêm, até nova ordem, sobre uma prudente reserva; se for uma manifestação, ela será provada pela ausência de toda causa material; se for uma fraude, os autores terão contribuído, sem o querer, como o fizeram tantas vezes, para despertar a atenção dos indiferentes, e provocar o estudo do Espiritismo. Quando fatos análogos se multiplicarem de diversos lados, assim como isso está anunciado, e que procurarem inutilmente sua causa neste mundo, será preciso muito convir que ela está num outro. Em toda circunstância, os Espíritas provam sua sabedoria e sua moderação; é a melhor resposta a dar aos seus adversários.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Necessidade da encarnação.

(Sociedade Espírita de Sens. - Médium, Sr. Percheron.)

Deus quis que o Espírito do homem fosse ligado à matéria para sofrer as vicissitudes do corpo com o qual se identifica ao ponto de iludir-se e de tomá-lo por si mesmo, ao passo que não é senão a sua prisão passageira; é como se um prisioneiro se confundisse com as paredes de seu cárcere. Os materialistas são bem cegos de não se aperceberem de seu erro; porque se quisessem um pouco seriamente, veriam que não é pela matéria de seu corpo que podem se afirmar; veriam que, uma vez que a matéria desse corpo se renova continuamente, como a água de um rio, não é senão pelo Espírito que podem saber que são bem sempre eles mesmos. Suponhamos que ao corpo de um homem que pesasse sessenta quilogramas se assimile, para a reparação de suas forças, um quilograma de novas substâncias por dia, para substituir a mesma quantidade de moléculas antigas das quais se separa, e que cumpriram o papel que deviam desempenhar na composição de seus órgãos, ao cabo de sessenta dias a matéria desse corpo se encontrará, pois, renovada. Numa mesma suposição, cujas cifras podem ser contestadas, mas verdadeira em princípio, a matéria do corpo se renovaria seis vezes por ano; o corpo de um homem de vinte anos estaria, pois, já renovado cento e vinte vezes; aos quarenta anos, duzentas e quarenta vezes; aos oitenta anos, quatrocentas e oitenta vezes. Mas vosso Espírito, ele, se renovou? Não, porque tendes consciência de que sois sempre bem vós mesmos. É, pois, vosso Espírito que constitui o vosso *eu,* e segundo qual vós vos afirmais, e não vosso corpo, que não é senão uma matéria efêmera e variável.

Os materialistas e os panteístas dizem que as moléculas desagregadas, depois da morte do corpo, retornam todas à massa comum de seus elementos primitivos, ocorre o mesmo com a alma, quer dizer, do ser que pensa em vós; mas que sabem eles disso? Há uma massa comum de substância que pensa? jamais o demonstraram, e é o que deveriam ter feito antes de afirmar. Isso não é, pois, de sua parte, senão uma hipótese; ora, não é mais lógico admitir que, uma vez que durante a vida do corpo as moléculas se desagregam várias centenas de vezes, o Espírito permanece sempre o mesmo, conservando a consciência de sua individualidade, é que a natureza do Espírito não é de se desagregar; por que, pois, se dissolveria de preferência na hora da morte do corpo do que antes?

Depois desta digressão, dirigida aos materialistas, retorno ao meu assunto. Se Deus quis que as suas criaturas espirituais estivessem momentaneamente unidas à matéria, foi, eu o repito, para fazer-lhes sentir e por assim dizer, suportar as necessidades que exige a matéria de seu corpo para a sua conservação e a sua manutenção; dessas necessidades nascem as vicissitudes que vão fazer sentir o sofrimento, e compreender a comiseração que deveis ter para com os vossos irmãos na mesma posição. Esse estado transitório é, pois, necessário para o progresso de vosso Espírito que, sem isso, permaneceria estagnado. As necessidades que vosso corpo vos fazem experimentar estimulam vosso Espírito e o forçam a procurar os meios de provê-las; desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento; o Espírito constrangido a presidir os movimentos do corpo para dirigi-los em vista de sua conservação, é conduzido ao trabalho material, e ao trabalho intelectual, que se necessitam um ao outro e um para o outro, uma vez que a realização das concepções no Espírito exige o trabalho do corpo, e que este não pode fazer senão sob a direção e o impulso do Espírito. O Espírito tendo assim tomado o hábito de trabalhar, e sendo constrangido ao trabalho pelas necessidades do corpo, o trabalho, ao seu turno, se torna uma necessidade para ele, e, quando desligado de seus laços, não tem mais que pensar na matéria, e pensa em trabalhar em si mesmo para o seu adiantamento.

Compreendeis agora a necessidade, para vosso Espírito, de estar ligado à matéria durante uma parte de sua existência, para não ficar estacionário.

Teu pai, PERCHERON, assistido pelo Espírito de Pascal.

Nota. - A estas observações, perfeitamente justas, acrescentaremos que, em tudo trabalhando por si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para a melhoria do mundo em que habita; assim, ele ajuda a sua transformação e o seu progresso material que estão nos objetivos de Deus, do qual é instrumento inteligente. Em sua sabedoria previdente, a Providência quis que tudo se encadeasse na Natureza; que todos, homens e coisas, fossem solidários; depois, quando o Espírito cumpriu a sua tarefa, que está suficientemente avançado, goza do fruto de suas obras.

ESTUDOS SOBRE A REENCARNAÇÁO.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médium, senhorita A. C.)

I

Limites da reencarnação.

A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito; mas do momento em que o Espírito encarnado chegou a dominar a matéria e anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que, tendo chegado a manejar esse instrumento à sua maneira, a lhe imprimir a sua vontade, o trabalho está realizado. É-lhe preciso, então, um outro campo para a sua caminhada, para o seu adiantamento no infinito; lhe é preciso um outro círculo de estudos onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo sobre a Terra, ou em globos análogos, depurado e experimentado suas sensações, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Tendo se elevado acima de todas as sensações corpóreas, não tem mais nenhum desses desejos ou necessidades inerentes à corporeidade: ele é Espírito e vive pelas sensações espirituais que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corpóreas.

II

A reencarnação e as aspirações do homem.

As aspirações da alma ocasionam a sua realização, e esta realização se cumpre na reencarnação enquanto o Espírito está no trabalho material; eu me explico. Tomemos o Espírito em seu início na carreira humana; estúpido e bruto, sente, no entanto, a centelha divina nele, uma vez que adora um Deus, que ele materializa segundo a sua materialidade. Nesse ser, ainda vizinho do animal, há uma aspiração instintiva, quase inconsciente, rumo a um estado menos inferior. Começa por desejar satisfazer seus apetites materiais, e inveja aqueles que vê num estado melhor do que o seu; também, numa encarnação seguinte, ele mesmo escolhe, ou antes, é *arrastado a* um corpo mais aperfeiçoado; e sempre, em cada uma de suas existências, deseja uma melhoria material; não se achando jamais feliz, quer sempre subir, porque a aspiração à felicidade é a grande alavanca do progresso.

À medida que suas sensações corpóreas se tornam maiores, mais refinadas, suas sensações espirituais despertam e crescem também. Então o trabalho moral começa, e a depuração da alma se une à aspiração do corpo para chegar ao estado superior.

Esse estado de igualdade das aspirações materiais e espirituais não é de longa duração; logo o Espírito se eleva acima da matéria, e suas sensações não podem ser satisfeitas por ela; é-lhe preciso mais; lhe é preciso o melhor; mas aí o corpo, tendo sido leva-

do à sua perfeição sensitiva, não pode seguir o Espírito, que então o domina e dele se desliga cada vez mais, como um instrumento inútil. Volta todos os seus desejos, todas as suas aspirações, para um estado superior; sente que as necessidades corpóreas, que lhe eram um objeto de felicidade em suas satisfações, não são mais do que uma tortura, um rebaixamento, do que uma triste necessidade da qual aspira se libertar para gozar, sem entraves, de todas as felicidades espirituais que ele pressente.

III
Ação dos fluidos na reencarnação.

Sendo os fluidos os agentes que colocam em movimento o nosso aparelho corpóreo, são eles também que são os elementos de nossas aspirações, porque há fluidos corpóreos e fluidos espirituais, que todos tendem a se elevarem e se unirem aos fluidos da mesma natureza. Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, no estado encarnado, age por eles sobre a máquina humana que está encarregado de aperfeiçoar, porque tudo é trabalho na criação, tudo concorre para o adiantamento geral.

O Espírito tem seu livre arbítrio, e procura sempre o que lhe é agradável e o satisfaz. Se é um Espírito inferior e material, procura suas satisfações na materialidade, e então dará um impulso aos seus fluidos corpóreos que dominarão, mas tenderão sempre a crescer e a se elevar materialmente; portanto, as aspirações desse encarnado são materiais, e, retornado ao estado de Espírito, procurará uma nova encarnação onde satisfará as suas necessidades e seus desejos materiais; porque, notai bem, a aspiração corpórea não pode pedir, como realização, senão uma nova corporeidade, ao passo que a aspiração espiritual não se prende senão às sensações do Espírito. Ela será solicitada por seus fluidos que deixou se materializarem; e como no ato da reencarnação os fluidos agem para atrair o Espírito ao corpo que foi formado, houve, pois, atração e união dos fluidos, a reencarnação se opera em condições que darão satisfação às aspirações de sua existência precedente.

Ocorre o mesmo com os fluidos espirituais com os fluidos materiais, se são eles que dominam; mas então, quando o espiritual se sobrepôs sobre o material, o Espírito, que julga diferentemente, escolhe ou é atraído por simpatias diferentes; como lhe é necessária a depuração, e que não é senão pelo trabalho que a alcança, as encarnações escolhidas são mais penosas para ele, porque, depois de haver dado a supremacia à matéria e aos seus fluidos, lhe é necessário constrangê-la, lutar com ela e dominá-la. Daí essas existências tão dolorosas e que parecem, freqüentemente, tão injustas, infligidas a Espíritos bons e inteligentes. Aqueles fazem sua última etapa corpórea e entram, saindo deste mundo, nas esferas superiores onde suas aspirações *superiores* acharão a sua realização.

IV
As afeições terrestres e a reencarnação.

O dogma da reencarnação *indefinida* encontra oposições no coração do encarnado que ama, porque em presença dessa infinidade de existências, produzindo cada uma delas novos laços, pergunta-se com medo o que se tornam as afeições particulares, e se elas não se fundem num único amor geral, o que destruiria *a* persistência da afeição individual. Pergunta-se se essa afeição individual não é somente um meio de adiantamento, e então o desencorajamento se insinua em sua alma, porque a verdadeira afeição sente a necessidade de um amor eterno, sentindo que não se deixará jamais de amar. O pensamento de milhares dessas afeições idênticas lhe parece uma impossibilidade, mesmo admitindo faculdades maiores para o amor.

O encarnado que estuda seriamente o Espiritismo, sem tomar partido por um sistema antes que por um outro, se encontra arrastado para a reencarnação pela justiça que decorre do progresso e do adiantamento do Espírito em cada nova existência; mas quando o estuda do ponto de vista das afeições do coração, duvida e se atemoriza apesar dele. Não podendo colocar de acordo esses dois sentimentos, se diz que ali ainda tem um véu a levantar, e seu pensamento nesse trabalho atrai as luzes dos Espíritos para concordar seu coração e sua razão.

Eu disse precedentemente: a encarnação se detém lá onde a materialidade é anulada. Mostrei como o progresso material havia de início refinado as sensações corpóreas do Espírito encarnado; como o progresso espiritual, tendo vindo em seguida, havia contrabalançado a influência da matéria, depois a havia, enfim, subordinado à sua vontade, e, que chegado a esse grau de domínio espiritual, a corporeidade não tinha mais razão de ser, o trabalho estando realizado.

Examinemos agora a questão da afeição sob esses dois aspectos, material e espiritual.

De início, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica atraindo dois seres um para o outro, e unindo-os num mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diferentes, uma vez que os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que ela seja espiritual e desinteressada; é preciso a abnegação, o devotamento, e que nenhum sentimento pessoal seja o móvel desse arrastamento simpático. Do momento em que haja, nesse sentimento, *personalidade,* há *materialidade;* ora, nenhuma afeição material persiste nos domínios do Espírito. Portanto, toda afeição que não seja senão o resultado do instinto animal ou do egoísmo, se destrói à morte terrestre. Também, que seres supostamente amados são esquecidos depois de pouco tempo de separação! Vós os haveis amado por vós e não por eles, aqueles que não são mais, uma vez que os esquecestes e substituístes; procurastes a consolação no esquecimento; eles se vos tornam indiferentes, porque não tendes mais amor.

Contemplai a Humanidade, e vede o quanto há pouca afeição verdadeira sobre a Terra! Também não se deve tanto se amedrontar com a multiplicidade das afeições contraídas nesse mundo; elas são em minoria relativa, mas existem, e as que são reais persistem e se perpetuam sob todas as formas, sobre a Terra, de início, depois continuam no estado de Espírito numa amizade ou um amor inalterável, que não faz senão crescer em se elevando mais.

Vamos estudar esta verdadeira afeição: a *afeição espiritual.*

A afeição espiritual tem por base a afinidade fluídica espiritual, que, agindo *sozinha,* determina a simpatia. Quando ocorre assim, é a alma que ama a alma, e essa afeição não toma força senão pela manifestação dos sentimentos da alma. Dois Espíritos unidos espiritualmente se procuram e tendem sempre a se aproximarem; seus fluidos são atrativos. Que estejam num mesmo globo, serão levados um para o outro; que estejam separados pela morte terrestre, seus pensamentos se unirão na lembrança, e a união se fará na liberdade do sono; e quando a hora de uma nova encarnação soar para um deles, procurará se aproximar de seu amigo entrando nisso que é sua filiação material, e fá-lo-á com tanto mais facilidade quanto seus fluidos *periespirituais materiais* encontrarem afinidade na matéria corpórea dos encarnados que deram a luz ao novo ser. Daí um novo aumento da afeição, uma nova manifestação do amor. Tal Espírito amigo vos amou como pai, vos amará como filho, como irmão ou como amigo, e cada um desses laços aumentará de encarnação em encarnação, e se perpetuará de maneira inalterável quando, vosso trabalho estando feito, vivereis da vida do Espírito.

Mas essa verdadeira afeição não é comum sobre a Terra, e a matéria vem retardá-la, anulando-lhe os efeitos, segundo ela domine o Espírito. A verdadeira amizade, o verdadeiro amor sendo espiritual, tudo o que se relaciona com a matéria não é de sua natureza, nem concorre em nada para a identificação espiritual. A afinidade persiste, mas fica

no estado latente até que o fluido espiritual se sobrepondo, o progresso simpático se efetue de novo.

Para me resumir, a afeição espiritual é a única resistência no domínio do Espírito; sobre a Terra e nas esferas de trabalho corpóreo, ela concorre para o adiantamento moral do Espírito encarnado que, sob a influência simpática, cumpre milagres de abnegação e de devotamento pelos seres amados. Aqui, nas moradas celestes, ela é a satisfação completa de todas as aspirações, e a maior felicidade que o Espírito possa sentir.

V
O progresso entravado pela reencarnação indefinida.

Até aqui a reencarnação foi admitida de um modo muito prolongado; não se pensou senão nessa prolongação da corporeidade, embora cada vez menos material, ocasionando, no entanto, necessidades que deviam entravar o vôo do Espírito. Com efeito, admitindo a persistência da geração nos mundos superiores, atribui-se ao Espírito encarnado necessidades corpóreas, dão-lhe deveres e ocupações ainda materiais que constrangem e detêm o impulso dos estudos espirituais. Que necessidade desses entraves? O Espírito não pode gozar as felicidades do amor sem sofrer as enfermidades corpóreas? Sobre a própria Terra, esse sentimento existe por si mesmo, independente da parte material de nosso ser; os exemplos, embora sejam raros, estão aí, suficientes para provar que deve ser sentido mais geralmente entre os seres mais espiritualizados.

A reencarnação ocasiona a união dos corpos, o *amor puro* somente a união das almas. Os Espíritos se unem segundo suas afeições começadas nos mundos inferiores, e trabalham juntos para o seu adiantamento espiritual. Eles têm uma organização fluídica muito diferente daquela que era a conseqüência de seu aparelho corpóreo, e seus trabalhos se exercem sobre os fluidos e não sobre os objetos materiais. Vão em esferas que, também elas, cumpriram seu período material, em esferas cujo trabalho humano levou a desmaterialização, e que, chegados ao apogeu de seu aperfeiçoamento, também passaram por uma transformação superior, que os torna próprios para sofrer outras modificações, mas num sentido todo fluídico.

Compreendeis, desde hoje a força imensa do fluido, força que não podeis senão constatar, mas que não vedes nem apalpais. Num estado menos pesado do que aquele em que estais, teríeis outros meios de ver, de tocar, de trabalhar esse fluido que é o grande agente da vida universal. Porque, pois, o Espírito teria ainda necessidade de um corpo que está fora das apreciações corpóreas? Dir-me-eis que esse corpo está em relação com os novos trabalhos que o Espírito terá que cumprir; mas uma vez que esses trabalhos serão todo fluídicos e espirituais nas esferas superiores, por que dar-lhe o embaraço das necessidades corpóreas, porque a reencarnação ocasiona sempre, como eu o disse, *geração e alimentação,* quer dizer, necessidade da matéria a satisfazer, e, em compensação, entraves para o Espírito. Compreendeis que o Espírito deve ser livre em seu vôo para o infinito; compreendeis que tendo saído dos cueiros da matéria, ele aspira, como a criança, a caminhar e correr sem ser contido pelas andadeiras maternas, e que essas *primeiras* necessidades da *primeira* educação da criança são supérfluas para a criança crescida, e insuportáveis ao adolescente. Não desejeis, pois, permanecer na infância; considerai-vos como alunos fazendo seus últimos estudos escolares, e se dispondo a entrar no mundo, e a ter nele seu lugar, e a começar os trabalhos de um outro gênero que seus estudos preliminares terão facilitado.

O Espiritismo é a alavanca que levantará de um pulo ao estado espiritual todo encarnado que, querendo bem compreendê-lo e pô-lo em prática, se ligará em dominar a matéria, a dela se tornar senhor, a aniquilá-la; todo Espírito de boa vontade pode se colocar em estado de passar, deixando este mundo, ao estado espiritual sem retorno terres-

tre; somente, lhe é preciso a fé ou *vontade ativa.* O Espiritismo a dá a *todos* aqueles que querem compreendê-lo em seu sentido moralizador.

UM ESPÍRITO PROTETOR DO MÉDIUM.

Nota. - Esta comunicação não leva outra assinatura senão esta acima, o que prova que não há necessidade de haver tido um nome célebre sobre a Terra para ditar boas coisas.

Pôde-se notar a analogia que existe entre a comunicação de Sens narrada mais acima, e a primeira parte desta; esta última é sem contradita mais desenvolvida, mas a idéia fundamental sobre a encarnação é a mesma. Citamos ambas para mostrar que os grandes princípios da Doutrina são ensinados de diversos lados, e que será assim que se constituirá e se consolidará a unidade no Espiritismo. Esta concordância é o melhor critério da verdade. Ora, há a anotar que as teorias excêntricas e sistemáticas ditadas por Espíritos pseudo-sábios, são sempre circunscritas num círculo estreito e individual, e é por isso que nenhuma prevaleceu; é também porque não podem ter senão uma existência efêmera que se apaga como uma pálida luz diante da claridade do dia.

Quanto a esta última comunicação, seria supérfluo fazer ressaltar dela a alta importância como fundo e como forma.

Ela pode se resumir assim:

A vida do Espírito, considerada do ponto de vista do progresso, apresenta três períodos principais, a saber:

1- *O período material,* onde a influência da matéria domina a do Espírito; é o estado dos homens dados às paixões brutais e carnais, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, que são apegados aos bens temporais, ou refratários às idéias espiritualistas.

2- O período de equilíbrio; aquele em que as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; onde o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; onde ele trabalha para sair do estado corpóreo.

Nesses dois períodos o Espírito está submetido à reencarnação, que se cumpre nos mundos inferiores e medianos.

3- *O período espiritual,* aquele em que o Espírito, tendo dominado completamente a matéria, não tem mais necessidade da encarnação nem do trabalho material, seu trabalho é todo espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

A facilidade com a qual certas pessoas aceitam as idéias espíritas, das quais parecem ter a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas entre estas e as outras há uma multidão de graus que o Espírito atravessa tanto mais rapidamente quanto mais próximo estiver do período espiritual; é assim que, de um mundo material como a Terra, ele pode ir habitar um mundo superior, como Júpiter, por exemplo, se seu adiantamento moral e espiritual for suficiente para dispensá-lo de passar pelos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e de prova para ele, ou não retornar a ela senão em missão.

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Revista Espírita de Anvers.

Sob este título um novo órgão do Espiritismo vem de aparecer, em Anvers, a partir de 1º de janeiro de 1864. Sabe-se que a Doutrina Espírita tem feito rápidos progressos nessa cidade onde se formaram numerosas reuniões compostas de homens eminentes pelo seu saber e sua posição social. Em Bruxelas, há muito tempo refratária, a idéia nova ganha também terreno, assim como em outras cidades da Bélgica. Uma sociedade espíri-

ta que ali se formou recentemente consentiu em nos pedir para aceitar a sua presidência de honra; é dizer em que caminho ela se propõe caminhar.

O primeiro número da nova *Revista* contém: um apelo aos Espíritas de Anvers, dois artigos de fundo, um sobre os *adversários do Espiritismo,* o outro sobre *o Espiritismo e a loucura,* e um certo número de comunicações medianímicas das quais algumas em língua flamenga, ou tudo, estamos felizes de dize-lo, em perfeita conformidade de objetivos e de princípios com a Sociedade de Paris. Essa publicação não pode deixar de ser favoravelmente acolhida num país onde as idéias novas têm uma tendência manifesta a se propagarem, se, como o esperamos, ela se mantêm à altura da ciência, condição essencial de sucesso.

O Espiritismo cresce e vê cada dia novos horizontes se abrirem diante dele; ele aprofunda as questões que não fizera senão aflorar em sua origem; os Espíritos se conformando com o desenvolvimentos das idéias, suas instruções, por toda a parte, seguiram esse movimento ascensional; perto das produções medianímicas de hoje, as de outrora parecem pálidas e quase pueris, e, no entanto, então se as achava magníficas; há entre elas a diferença dos ensinos dados a escolares e a adultos; é que à medida que o homem cresce, é preciso à sua inteligência, tanto quanto ao seu corpo, uma alimentação mais substancial. Toda publicação espírita, periódica ou outra, que ficasse atrás do movimento, necessariamente, encontraria pouca simpatia, e isso seria iludir-se crer interessar agora os leitores com coisas elementares ou medíocres; por boa que seja a intenção, toda recomendação seria impotente para lhes dar a vida se não a têm por si mesmas.

Há para as publicações desse gênero uma condição de sucesso mais importante ainda, é de caminhar com a opinião da maioria. Na origem das manifestações espíritas, as idéias não ainda fixadas pela experiência, deram lugar a uma multidão de opiniões divergentes que caíram diante das observações mais completas ou não contam mais senão raros representantes. Sabe-se a que bandeira e a que princípios se unem hoje a imensa maioria dos Espíritas do mundo inteiro; tornar-se o eco de algumas opiniões retardadas, ou caminhar num caminho de reveses, é condenar-se antecipadamente ao isolamento e ao abandono. Aqueles que o fazem de boa fé são de lamentar; aqueles que agem com a intenção premeditada de suscitar obstáculos e de semear a divisão disso não recolherão senão vergonha. Nem uns nem os outros não podem ser encorajados por aqueles que têm no coração os verdadeiros interesses do Espiritismo.

Quanto a nós, pessoalmente, e à Sociedade de Paris, nossas simpatias e nossa apoio moral são adquirido antes, como se sabe, a todas as publicações, como a todas as reuniões úteis à causa que defendemos.

No Céu se se reconhece.

Pelo Rev. Pé. Blot, da Companhia de Jesus (1-(1) Paris, 1863. 1 vol. pequeno in-18.-Preço: 1 fr., casaPoussielgue-Rusand, rua Cassette, n^0 27).

Um de nossos correspondentes, o Sr. doutor C..., nos assinala esse pequeno livro, e nos escreve a este respeito o que segue:

"Há algum tempo palavras que, como cristão e Espírita, abstenho-me de qualificar, foram freqüentemente pronunciadas por homens que receberam a missão de falar aos povos de caridade e de misericórdia. Permiti-me, para vos confortar das penosas impressões que deveram vos causar, como a todo homem verdadeiramente cristão, de vos falar de um pequeno volume do Rev. Pe. Blot. Não penso que ele seja Espírita, mas encontro em sua obra o que, no Espiritismo, faz amar a Deus e esperar em sua misericórdia, e diversas passagens que tocam de muito perto ao que nos ensinam os Espíritos."

Dela anotamos as passagens seguintes, que confirmam a opinião de nosso correspondente:

"No sétimo século, o papa São Gregório o Grande, depois de ter contado que um religioso viu, ao morrer, os profetas virem diante dele, e que os designou por seus nomes, acrescentou: "Esse exemplo nos faz claramente entender quão grande será o conhecimento que teremos uns dos outros na vida incorruptível do céu, uma vez que esse religioso, estando ainda numa carne corruptível, reconheceu os santos profetas que jamais tinha visto."

"Os santos se vêem reciprocamente como o pedem a unidade do reino e a unidade da cidade onde vivem na companhia do mesmo Deus. Eles se revelam espontaneamente uns aos outros seus pensamentos e suas afeições, como as pessoas da mesma casa que estão unidas por um sincero amor. Entre seus concidadãos do céu, conhecem aqueles mesmos que não conheceram neste mundo, e o conhecimento das belas ações os conduz a um conhecimento mais completo daqueles que os cumpriram. (Berti, *De theeologicis disciplinis.)*

"Perdestes um filho, uma filha? recebei as consolações que um patriarca de Constantinopla dirigiu a um pai desolado. Esse patriarca não pode mais ser contado entre os grandes homens senão entre os santos: é Photius, o autor do cisma cruel que separa o Oriente e o Ocidente, mas suas palavras disso não provam senão melhor do que os Gregos pensam sobre este ponto como os Latinos. Ei-los: "Se vossa filha vos aparecesse, se, colocando sua mão em vossa mão e sua fronte jovial sobre vossa fronte, ela vos falasse, não seria a descrição do céu que ela vos faria? Depois ela acrescentaria: "Por que vos afligir, ó meu pai? estou no paraíso, onde a felicidade é sem limites. Vireis um dia com minha mãe muito amada, e então achareis que não vos disse nada de mais deste lugar de delícias, tanto a realidade se imporá sobre as minhas palavras."

Os bons Espíritos podem, pois, se manifestar, se fazer ver, tocar os vivos, falar-lhes, descrever sua própria situação, vir consolar e fortalecer aqueles que amaram; se podem falar e segurar a mão, por que não poderiam fazê-los escrever? "Os Gregos, disse o Pé. Blot, pensando sobre esse ponto como os Latinos;" por que, pois, hoje os Latinos dizem que esse poder não é dado senão aos demônios para enganarem os homens? A passagem seguinte é ainda mais explícita:

"São João Crisóstomo, em uma de suas homílias sobre São Mateus, dizia a cada um de seus ouvintes: "Desejaríeis ver aquele que a morte vos levou! Segui o mesmo caminho que ele no caminho da virtude, e logo gozareis desta santa visão. Mas gostaríeis de vê-lo aqui mesmo? Pois bem! quem, pois, isso vos impede? É-vos permitido e fácil vêlo, se fordes sábio; porque a esperança dos bens a virem é mais clara do que a própria visão."

O homem carnal não pode ver o que é puramente espiritual; se, pois, ele pode ver os Espíritos, é que eles têm uma parte material acessível aos seus sentidos; é o envoltório fluídico, que o Espiritismo designa sob o nome de perispírito.

Depois de uma citação de Dante sobre o estado dos bem-aventurados, o Pé. Blot acrescenta:

"Eis, pois, o princípio de solução para as objeções: Ao céu, *que é menos um lugar do que um estado,* tudo é luz, tudo é amor."

Assim, o céu não é um lugar circunscrito; é o estado das almas felizes; por toda a parte onde elas são felizes, elas estão no céu, quer dizer, para elas tudo é luz, amor e inteligência. É o que dizem os Espíritos.

Fénelon, na morte do duque de Beauvilliers, seu amigo, escreveu à duquesa: "Não, não há senão os sentidos e a imaginação

que tenham perdido seu objeto. Aquele que não podemos mais ver está mais do que nunca conosco. Nós o encontramos sem cessar em nosso centro comum. Ele nos vê ali e ouve, nos proporciona ali os verdadeiros recursos. Ali conhece melhor do que nós as nossas enfermidades, ele que não tem mais as suas; e pede os remédios necessários para a

nossa cura. Por mim, que estou privado de vê-lo há tantos anos, eu lhe falo, abro-lhe meu coração."

Fénelon escreveu ainda à viúva do duque de Chevreusi: "Unamos nosso coração àquele que lamentamos; não está distante de nós tornando-se invisível; ele nos vê, nos ama, é tocado por nossas necessidades. Chega felizmente ao porto, ora por nós que estamos ainda expostos ao naufrágio. Diz-nos com uma voz secreta: "Apressai-vos em vos reencontrar." Os puros Espíritos vêem, ouvem, amam sempre seus verdadeiros amigos em seu centro comum. Sua amizade é imortal como sua fonte. Os incrédulos não amam senão a si mesmos; deveriam se desesperar de perder para sempre seus amigos; mas a amizade divina muda a sociedade visível em uma sociedade de pura fé; ela chora, mas chorando se consola pela esperança de reencontrar seus amigos no país da verdade e no seio do próprio amor."

Para justificar o título de seu livro: *No céu se se reconhece,* o Pé. Blot cita um grande número de passagens de escritores sagrados, de aparições e de manifestações diversas que provam a reunião, depois da morte, daqueles que se amaram, as relações que existem entre os mortos e os vivos, os recursos que se dão *mutuamente* pela prece e inspiração. Em nenhuma parte fala da separação eterna, conseqüência da condenação eterna, nem dos diabos, nem do inferno; mostra, ao contrário, as almas mais sofredoras libertadas pela virtude do arrependimento e da prece e pela misericórdia de Deus. Se o Pé. Blot lançasse anátema contra o Espiritismo, isso seria lançá-lo contra seu próprio livro, e contra todos os santos dos quais ele evocou o testemunho. Quaisquer que sejam suas opiniões sobre esse assunto, diremos que se não tivesse jamais pregado senão nesse sentido, haveria menos incrédulos.

A Lenda do homem eterno,

Pelo Sr. Armand Durantin (1- 1Um vol. in-12. Preço: 3 francos. Casa Dentu e na Livraria central, boulevar dos Italianos, nº 24.).

O Espiritismo conquistou seu lugar nas crenças; se é ainda, para alguns escritores, um assunto de zombaria, é de se notar que entre aqueles mesmos que zombavam dele outrora, a zombaria baixou de tom diante do ascendente da opinião das massas, e se limita a reportar, sem comentários ou com restrições mais reservadas, os fatos que ali narram. Outros, sem nele crerem positivamente, e sem mesmo conhecê-lo a fundo, julgam a idéia bastante importante para nela haurir os assuntos de seus trabalhos de imaginação ou de fantasia. Tal é, isso nos parece, o caso da obra de que falamos. É um simples romance baseado sobre a crença espírita, apresentado do ponto de vista sério, mas ao qual podemos censurar alguns erros, sem dúvida, provenientes de um estudo incompleto da matéria. O autor que quer bordar uma ação de fantasia sobre um assunto histórico deve, antes de tudo, compenetrar-se bem da verdade do fato, a fim de não estar ao lado da história. Assim deverão fazer todos os escritores que quiserem aproveitar a idéia espírita, seja para não serem acusados de ignorar do que falam, seja para conquistar a simpatia dos adeptos, bastante numerosos hoje para pesar na balança da opinião, e concorrer ao sucesso de toda obra que toca, direta ou indiretamente, às suas crenças.

Feita essa reserva do ponto de vista da perfeita ortodoxia, a obra em questão não será por isso menos lida com muito interesse pelos partidários como pelos adversários do Espiritismo, e agradecemos ao autor pela graciosa homenagem que consentiu em nos fazer com o seu livro, chamado a popularizar a idéia nova. Dele citaremos as passagens seguintes, que tratam mais especialmente da Doutrina.

"À época em que o Sr. de Boursonne (um dos principais personagens do romance) perdera sua mulher, uma doutrina mística se difundia surdamente, lentamente, e se propagava na sombra. Ela contava ainda poucos apóstolos; mas não aspirava a nada menos

do que se substituir aos diferentes cultos cristãos. Não lhe faltava ainda, para se tornar uma religião poderosa, senão a perseguição.

"Essa religião, é a do Espiritismo, tão eloqüentemente exposta pelo Sr. Allan Kardec, em sua notável obra *O Livro dos Espíritos.* Um de seus adeptos mais convencidos, era o conde de Boursonne.

"Não acrescentarei mais do que algumas palavras sobre essa doutrina, para fazer compreender aos incrédulos que o poder misterioso do conde era inteiramente natural.

"Os Espíritas reconhecem Deus e a imortalidade da alma. Crêem que a Terra é para eles um lugar de transição e de provas. Segundo eles, a alma é primeiro colocada por Deus num planeta de uma ordem inferior. Ali ela fica encerrada num corpo mais ou menos grosseiro, até o dia em que ela esteja bastante depurada para emigrar para um mundo superior. É assim que, depois de longas migrações e numerosas provas, as almas chegam enfim à perfeição, e são então admitidas no seio de Deus. Depende, pois, do homem abreviar as suas peregrinações e chegar mais prontamente junto ao Senhor, melhorando-se rapidamente.

"É uma crença do Espiritismo, crença tocante, que as almas mais perfeitas podem conversar com os Espíritos. Assim, segundo os Espíritas, podemos conversar com os seres que amamos e que perdemos, se nossa alma for bastante aperfeiçoada para ouvi-los e saber se fazer escutada por eles.

"São, pois, almas melhoradas, os homens mais perfeitos entre nós, que podem servir de intermediários entre o vulgo e os Espíritos; esses agentes, tanto zombados pelo ceticismo, tanto admirados e invejados pelos crentes, chamam-se, em linguagem espírita, *médiuns.*

"Isto explicado, uma vez por todas, anotemos de passagem que a Doutrina Espírita conta, nesta hora, seus adeptos por milhares, sobretudo nas grandeza cidades, e que o conde de Boursonne era um dos médiuns mais poderosos."

Isto é um primeiro erro grave; se fosse preciso ser perfeito para comunicar-se com os Espíritos, bem poucos gozariam desse privilégio. Os Espíritos se manifestam àqueles mesmos que deixam mais a desejar, precisamente para conduzi-los, por seus conselhos, a se melhorarem, segundo esta palavra do Cristo: "Não são aqueles que passam bem que têm necessidade de remédios." A mediunidade é uma faculdade que se prende ao organismo mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos, mas que pode ser dada ao mais indigno, como ao mais digno, com a condição de ser punido o primeiro se dela não aproveita ou se dela abusa. A superioridade moral do médium lhe assegura a simpatia dos bons Espíritos, e o torna apto para receber instruções de uma ordem mais elevada; mas a facilidade de comunicar-se com os seres do mundo invisível, seja diretamente, seja por intermediários, é dada a cada um tendo em vista o seu adiantamento. Eis o que o autor teria sabido se tivesse feito um estudo mais aprofundado da ciência espírita.

"A ciência moderna provou que tudo se encadeia. Assim, na ordem material, entre o infusório, o último dos animais, e o homem, que deles é a expressão mais elevada, existe uma cadeia de criaturas, melhoradas sucessivamente, como o provam com abundância as descobertas dos geólogos. Ora, os Espíritas se têm perguntado por que a mesma harmonia não existiria no mundo espiritual; se têm perguntado por que uma lacuna entre Deus e o homem, como o Sr. Lê Verrier perguntou-se como se fazia que um planeta pudesse faltar em tal lugar do céu, em virtude das leis harmoniosas que regem nosso mundo incompreensível e ainda desconhecido.

"Foi guiado por esse mesmo raciocínio que conduziu o eminente diretor do observatório de Paris à sua maravilhosa dedução, de que os Espíritas vieram para reconhecer os seres materiais entre o homem e Deus, antes de disso ter a prova palpável que adquiriram mais tarde."

Há igualmente aí um erro capital. O Espiritismo foi conduzido às suas teorias pela observação dos fatos, e não por um sistema preconcebido. O raciocínio do qual fala o

autor é racional, sem dúvida, mas não foi assim que as coisas se passaram. Os Espíritas concluíram a existência dos Espíritos, porque os Espíritos se manifestaram *espontaneamente;* indicaram a lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível, porque observaram essas relações; admitiram a hierarquia progressiva dos Espíritos, porque os Espíritos se mostraram a eles em todos os graus de adiantamento; adotaram o princípio da pluralidade das existências não só porque os Espíritos lhes ensinaram, mas porque esse princípio resulta, como lei da Natureza, da observação dos fatos que temos sob os olhos. Em resumo, o Espiritismo não admitiu nada a título de hipótese preliminar; tudo na doutrina é um resultado da experiência. Eis tudo o que temos muitas vezes repetido em nossas obras.

Cremos útil levar o aviso seguinte às pessoas que a ele podem dizer respeito.

Na recepção de toda carta o primeiro cuidado é de ver a sua assinatura. Na ausência de assinatura e de uma designação suficiente, a carta é imediatamente lançada nos papéis velhos sem ser lida ainda mesmo quando levasse a menção: *Um de vossos assinantes, um Espírita,* etc. Estes últimos tendo menos razão do que todos os outros de se fazer incógnito diante de nós, tornam, por isso mesmo, suspeita a origem de suas cartas, e é por isso que dela não é tomado conhecimento, sendo a correspondência autêntica tão numerosa e suficiente para absorver a atenção. A pessoa encarregada de examiná-la tem por instrução formal rejeitar, sem exame, toda carta da natureza daquelas das quais falamos.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO NO. 3 MARÇO 1864

DA PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS.

Pergunta-se, por vezes, se Deus não poderia ter criado Espíritos perfeitos para poupar-lhes o mal e todas as suas conseqüências.

Sem dúvida, Deus teria podido, uma vez que é todo-poderoso, e se não o fez, foi porque julgou, em sua soberana sabedoria, mais útil que isso fosse de outro modo. Não cabe ao homem escrutar os seus desígnios, e ainda menos julgar e condenar as suas obras. Uma vez que não pode se admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça, que se tem incessantemente sob os olhos as milhares de provas de sua solicitude por suas criaturas, deve-se pensar que essa solicitude não pôde fazer falta na criação dos Espíritos. O homem, sobre a Terra, é como a criança, cuja visão limitada não se estende além do círculo estreito do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas. Ele deve, pois, se inclinar diante do que está ainda acima de sua capacidade. No entanto, tendo Deus lhe dado a inteligência para se guiar, não lhe está proibido de procurar compreender, tudo em se detendo humildemente diante do limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas ficadas no segredo de Deus, ele não pode senão estabelecer sistemas mais ou menos prováveis. Para julgar aquele desses sistemas que mais se aproxima da verdade, tem um critério seguro, que são os atributos essenciais da Divindade; toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um único desses atributos, pecaria pela base, e seria, por isso mesmo, maculada de erro; de onde se segue que o sistema mais verdadeiro seria aquele que concordasse melhor com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não pôde criar o mal para fazer contrapeso ao bem; *se* tivesse feito do mal uma lei necessária, teria enfraquecido voluntariamente o poder do bem, porque o que é mal não pode senão alterar e não fortalecer o que é bem. Estabeleceu leis que são muito justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação da qual experimenta o contragolpe, daí todas as suas vicissitudes; é, pois, ele mesmo que é a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus criou-o livre para escolher seu caminho; aquele que tomou o mau, fê-lo por sua vontade, e não pode senão se acusar das conseqüências que disso lhe resulte. Pela destinação da Terra, não vemos senão os Espíritos dessa categoria, e é isso que faz crer na necessidade do mal; se pudéssemos *abarcar o* conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diferentes fases de sua existência em condições todas outras, e que desde que o mal não sendo geral, não saberia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber porque Deus não criou os Espíritos perfeitos. Essa questão é análoga a esta; Por que a criança não nasce toda desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Há uma lei geral que rege todos os seres da criação, animados e inanimados: é a lei do progresso; os Espíritos a ela estão submetidos pela força das coisas, sem isso essa

exceção perturbaria a harmonia geral, e Deus quis nisso dar um exemplo abreviando-o no progresso da infância. Mas o mal não existindo como necessidade na ordem das coisas, uma vez que não é senão o fato dos Espíritos prevaricadores, a lei do progresso não os obriga, de nenhum modo, a passarem por essa fieira para chegarem ao bem; ela não os submete senão a passar pelo estado de inferioridade intelectual, dito de outro modo, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes, e por isso mesmo imperfeitos, ou melhor, *incompletos,* eles devem adquirir por si mesmos e pela sua própria atividade a ciência e a experiência que não podem ter no início. Se Deus os tivesse criado perfeitos, teria devido dotá-los, desde o instante de sua criação, da universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia assim isentado de todo o trabalho intelectual; mas ao mesmo tempo ter-lhes-ia tirado a atividade que devem se desdobrar por adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua própria inferioridade eles tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da criação. De um outro lado, se os tivesse criado infalíveis, quer dizer, isentos da possibilidade de fazer mal, teriam sido fatalmente como máquinas bem montadas que cumprem maquinalmente as obras de precisão; mas então não mais de livre arbítrio, e, por conseqüência, não mais de independência; teriam se assemelhado a esses homens que nascem com a fortuna toda feita, e se crêem dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, Deus quis que tivessem o mérito de suas obras para terem direito à recompensa e gozarem da satisfação de terem eles mesmos conquistado a sua posição.

Sem a lei universal do progresso aplicada a todos os seres, teria havido uma ordem de coisas diferentes a estabelecer. Deus, sem dúvida, disso tinha a possibilidade; por que não o fez? Teria feito melhor em agir de outro modo? Nesta hipótese teria, pois, se enganado! Ora, se Deus pôde se enganar, é que não era perfeito; se não é perfeito, é que não é Deus. Desde que não se pode concebê-lo sem a perfeição infinita, disso é preciso concluir que o que fez é pelo melhor; se não estamos ainda aptos para compreender seus motivos, sem dúvida, podê-lo-emos mais tarde, num estado mais avançado. À espera disso, se não podemos sondar as causas, podemos observar os efeitos, e reconhecer que tudo, no universo, é regido por leis harmônicas cuja sabedoria e a admirável previdência confundem nosso entendimento. Bem presunçoso seria, pois, aquele que pretendesse que Deus deveria reger o mundo de outro modo, porque isso significaria que, em seu lugar, teria feito melhor do que ele. Tais são os Espíritos dos quais Deus castiga o orgulho e a ingratidão, relegando-os aos mundos inferiores, de onde não sairão senão quando, curvando a cabeça sob a mão que o fere, reconhecerão o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que ele seja voluntário e o fruto de suas observações, é por isso que os deixa livres e espera que, vencidos pelo próprio mal que atraem, retornem a ele.

A isso responde-se: "Compreende-se que Deus não haja criado os Espíritos perfeitos, mas se julga a propósito de submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem sujeitá-los a todas as misérias da vida? A rigor, o sofrimento se compreende para o homem, porque pôde desmerecer, mas os animais sofrem também; comem-se entre si; os grandes devoram *os* menores. Há os que cuja vida não é senão um longo martírio; têm, como nós, seu livre arbítrio e desmereceram?"

Tal é ainda a objeção que se faz algumas vezes e à qual os argumentos acima podem servir de respostas; lhe acrescentaremos, no entanto, algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto, diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição; uma vez que as vicissitudes são o produto da imperfeição, criar os Espíritos perfeitamente felizes, teria sido criá-los perfeitos.

A questão dos animais pede alguns desenvolvimentos. Eles têm um princípio inteligente, isto é incontestável. De que natureza é esse princípio? Que relações tem com o do

homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo passando de uma espécie à outra? Qual é para ele o limite do progresso? Caminha paralelamente ao homem, ou bem é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber mais tarde novas faculdades e sofrer a transformação humana? São tantas questões que ficaram insolúveis até este dia, e se o véu que cobre esse mistério não foi ainda levantado pelos Espíritos, é que isso teria sido prematuro: o homem não está ainda maduro para receber tanta luz. Vários Espíritos deram, isto é verdade, teorias a esse respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; não se podem, pois, considerá-las, até nova ordem, senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes uma consagração, porque aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. É por isso que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo o que ensinam individualmente; um princípio, qualquer que seja, para nós não adquire autenticidade senão pela universalidade do ensinamento, quer dizer, pelas instruções idênticas dadas sobre todos os pontos por médiuns estranhos uns aos outros e não sofrendo as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos, é preciso ouvir aqueles que provam a sua superioridade pela elevação de seus pensamentos, a alta importância de seus ensinos, não se contradizendo jamais, e não dizendo jamais nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Foi assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em O *Livro dos Médiuns.* Tal não é ainda o caso da questão dos animais, é porque não resolvemos o dilema; até constatação mais séria, não é preciso aceitar teorias que podem ser dadas a esse respeito senão em benefício de inventário, e à espera da confirmação ou da negação.

Em geral, não se poderia trazer muita 'prudência em fato de teorias novas sobre as quais pode-se iludir; também quantas delas se viram, desde a origem do Espiritismo, que, prematuramente entregues à publicidade, não tiveram senão uma existência efêmera! Assim o será com todas aquelas que não tiverem senão um caráter individual e não tiverem sofrido o controle da concordância. Em nossa posição, recebendo as comunicações de perto de mil centros Espíritas sérios, disseminados sobre os diversos pontos do globo, somos capazes de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; foi essa observação que nos guiou até este dia, e será igualmente a que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo está chamado a explorar. É assim que, há algum tempo, notamos nas comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do exterior, uma tendência a entrar numa via nova, pelas revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, freqüentemente feitas com palavras veladas, passaram desapercebidas para muitos daqueles que as obtiveram; muitos outros acreditaram só eles tê-las; tomadas isoladamente, seriam para nós sem valor, mas a sua coincidência lhes dá uma alta seriedade, da qual será capaz de julgar mais tarde, quando chegar o momento de entregá-las à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o julgamento, sem dúvida, são os primeiros meios de controle dos quais é preciso fazer uso; em muitos casos isto basta; mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, seria preciso presunção em se crer infalível na apreciação das coisas; é aliás um dos caracteres distintivos da revelação nova, de ser feita sobre todos os pontos ao mesmo tempo; assim ocorreu em diversas partes da Doutrina. A experiência aí está para provar que todas as teorias arriscadas pelos Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral e nem pôde suportar o controle da concordância; várias mesmo caíram sob o ridículo, prova evidente de que elas não estavam na verdade. Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura da Doutrina.

Esta digressão nos afastou um pouco de nosso assunto, mas era útil para nos fazer conhecer de que maneira procedemos em fato de teorias novas concernentes ao Espiri-

tismo, que está longe de ter dito a sua última palavra sobre todas as coisas. Não emitimos jamais uma que não haja recebido a sanção da qual acabamos de falar, é por isso que algumas pessoas, um pouco impacientes, se espantam de nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa deve vir ao seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, de qualquer parte que ela venha, sabendo a sorte daqueles que querem ir muito depressa e têm em si mesmos, e em suas próprias luzes, uma confiança muito grande; não queremos colher um fruto antes de sua maturidade; mas pode-se estar seguro de que, quando estiver maduro, nós o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, nos resta pouca coisa a dizer sobre a questão proposta, não podendo ainda ser resolvido o ponto capital.

Está constatado que os animais sofrem; mas é racional imputar esses sofrimento à imprevidência do Criador, ou uma falta de bondade de sua parte, porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vêem manifestar-se suas solicitudes pelas mais ínfimas de suas criaturas? Os animais não são providos de meios de conservação apropriados ao meio em que devem viver? Não se vêem seus pêlos se proverem mais ou menos segundo o clima? seu aparelho de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionais aos obstáculos que têm a vencer e aos inimigos que têm a combater?

Em presença desses fatos tão multiplicados, e cujas conseqüências escapam ao olho do materialista, é-se fundado a dizer que não há Providência para eles? Não, certamente; tanto quanto que nossa visão é muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos cerca, não nos deixa ver senão as irregularidades aparentes; mas quando nos elevamos pelo pensamento acima do horizonte terrestre, essas irregularidades se apagam diante da harmonia geral.

O que mais choca nessa observação localizada, é a destruição dos seres uns pelos outros. Uma vez que Deus prova sua sabedoria e sua bondade em tudo o que podemos compreender, é preciso também admitir que a mesma sabedoria preside ao que não compreendemos. De resto, não se exagere a importância dessa destruição senão pelo que se lhe liga à matéria, sempre em conseqüência do ponto de vista estreito em que o homem se coloca. Em definitivo, não há senão o envoltório físico a destruir, mas o princípio inteligente não é aniquilado; o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem o é à de sua roupa. Essa destruição dos envoltórios temporários é necessária à formação e à manutenção dos novos envoltórios que se constituem com os mesmos elementos, mas o princípio inteligente nisso não sofre nenhum prejuízo, não mais entre os animais do que entre os homens.

Resta o sofrimento que acarreta às vezes a destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina *e* nos prova que o sofrimento, no homem, é útil para o seu adiantamento moral; quem nos diz que aqueles que suportam os animais não tem também a sua utilidade; que ele não é, em sua esfera e segundo uma certa ordem de coisas, uma causa de progresso? Isso não é senão uma hipótese, é verdade, mas que, ao menos, se apoia sobre os atributos de Deus: a justiça e a bondade, ao passo que os outros lhes são a negação.

A questão da criação dos seres perfeitos, tendo sido debatida numa sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Eras-to ditou, *a* este respeito, a comunicação seguinte.

Sobre a não-perfeição dos seres criados.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Por que Deus não criou todos os seres perfeitos? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a economia desta lei. Aquele que caminha está no movimen-

to, quer dizer, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que se acha por essência estacionário, incontestavelmente, não pertence à gradação ou hierarquia humanitária. Eu me explico, e compreendereis facilmente o meu raciocínio. O homem que nasce numa posição mais ou menos elevada encontra em sua situação ativa um estado de ser dado; pois bem! é certo que se toda sua vida inteira escoasse nessa condição de ser, sem que tivesse trazido modificações por seu feito ou pelo feito de outrem, ele declararia que sua existência é monótona, aborrecida, cansativa, insuportável, em uma palavra; acrescento que teria perfeitamente razão, tendo em vista que o bem não é bem senão relativamente àquilo que lhe é inferior. Isto é tão verdade, que, se colocardes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progrida mais, ele achará, num tempo dado, a sua existência e essa morada um inferno impiedoso. Disso resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para a frente; quer dizer que todo Espírito que é criado está submetido inevitavelmente a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a própria lei humana.

Não existe senão um único ser perfeito, e não pode dele existir senão um único: Deus! Ora, pedir ao Ser supremo para criar os Espíritos perfeitos, isso seria pedir-lhe para criar alguma coisa semelhante e igual a ele. Emitir uma semelhante proposição, não é condená-la antecipadamente? Ó homens! por que sempre pedir a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre de que só Deus pode permanecer e viver em sua imobilidade gigantesca. Ele é o *summum* e o *máximum* de todas as coisas, o *alfa e* o *ômega* de toda a vida. Ah! crede-me, meus filhos, não procureis jamais levantar o véu que cobre esse grandioso mistério, que ps maiores Espíritos da criação não abordam senão tremendo. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação, tudo o que posso vos afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus ou do Criador, e que o homem e tudo o que é criado têm, como atributo, a mobilidade. Compreendei se puderdes compreender, ou então esperai que seja chegada a hora de uma explicação mais inteligível, quer dizer, mais à altura de vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, tendo querido vos provar somente que não estava estranho à vossa discussão; sobre todo o resto refiro-me ao que foi dito, uma vez que todo o mundo me pareceu da mesma opinião. Dentro em pouco falarei de outros fatos que foram assinalados (os fatos de Poitiers).

ERASTO.

UM MÉDIUM PINTOR CEGO.

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, Sr. doutor C..., nos transmite o fato seguinte:

"Eis um curioso exemplo da faculdade medianímica aplicada ao desenho, e que se manifestou vários anos antes que o Espiritismo fosse conhecido, e mesmo antes das mesas girantes. Há três semanas, estando em Bressuire, eu explicava o Espiritismo e as relações dos homens com o mundo invisível, a um advogado de meus amigos, que não lhe conhecia a primeira palavra; ora, eis o fato que me contou como tendo uma grande relação com o que lhe dizia. Em 1849, disse ele, ia com um amigo visitar a aldeia de Saint-Laurent-sur-Sèvres e seus dois conventos, um de homens e o outro de mulheres. Fomos recebidos da maneira mais cordial pelo Padre Dallain, superior do primeiro, e que tinha também autoridade sobre o segundo. Depois de ter nos levado a passear nos dois conventos, nos disse: "Quero agora, senhores, vos mostrar uma das coisas mais curiosas do convento das senhoras." Fez trazer um álbum onde admiramos, com efeito, aquarelas de uma grande perfeição. Eram flores, paisagens e marinhas. "Estes desenhos, tão bem sucedidos, nos disse, foram feitos por uma de nossas jovens religiosas que é cega." E eis o que ele nos contou de um adorável buquê de rosas das quais um botão era azul: "Há al-

gum tempo, em presença do Sr. marquês de La Rochejaquelein e vários outros visitantes, chamei a religiosa cega e lhe pedi para colocar-se em uma mesa para desenhar alguma coisa. Diluíram-se-lhe as cores, deram-lhe papel, lápis, pincéis, e ela começou imediatamente o buquê que vedes. Durante seu trabalho, colocou-se várias vezes um corpo opaco, seja cartão ou prancheta entre seus olhos e o papel, e o pincel por isso não continuou menos a caminhar com a mesma calma e a mesma regularidade. Sobre a observação de que o buquê era um pouco magro, ela disse: "Pois bem! vou fazer partir um botão da axila deste ramo." Enquanto ela trabalhava nessa retificação, mudou-se o carmim do qual se servia pelo azul; ela não se apercebeu da mudança, e eis porque vedes um botão azul."

Os Sr. abade Dallain, acrescenta o narrador, era tão notável pela sua ciência, sua grande inteligência, quanto por sua alta piedade; não encontrei, disse ele, ninguém que me haja inspirado mais de simpatia e de veneração.

O fato não prova, em nossa opinião, de maneira evidente, uma ação medianímica. Pela linguagem da jovem cega, é certo que ela via, de outro modo não teria dito: "Vou fazer partir um botão da axila deste ramo." Mas o que não é menos certo, é que ela não via pelos olhos, uma vez que continuava seu trabalho apesar do obstáculo que se lhe colocava à frente. Ela agia com conhecimento de causa, e não maquinalmente como um médium. Parece, pois, evidente que era dirigida pela *segunda vista;* via pela visão da alma, abstração feita da visão do corpo; talvez mesmo estava, de maneira permanente, num estado de sonambulismo desperto.

Fenômenos análogos foram muitas vezes observados, mas contentava-se de achá-los surpreendentes. Sua causa não podia ser descoberta, pela razão que, ligando-se essencialmente à alma, seria preciso primeiro reconhecer a existência da alma; mas admitido esse ponto, não bastaria ainda; faltaria o conhecimento das propriedades da alma e o das leis que regem suas relações com a matéria. O Espiritismo, revelando-nos a existência do perispírito, nos fez conhecer, podendo exprimir-se assim, a fisiologia dos Espíritos; por aí nos deu a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, qualificados, à falta de melhores razões, de *sobrenaturais* por uns, e pelos outros de *extravagâncias da Natureza.* Pode a Natureza ter extravagâncias? Não, porque as extravagâncias são caprichos; ora, a Natureza sendo a obra de Deus, Deus não pode ter caprichos, sem isso nada seria estável no Universo. Se há uma regra sem exceção, seguramente, essa deve ser a que rege as obras do Criador; as exceções seriam a destruição da harmonia universal. Todos os fenômenos se ligam a uma lei geral, e uma coisa não nos parece extravagante senão porque não a observamos senão de um único ponto, ao passo que considerando-se o conjunto, se reconheceria que a irregularidade desse ponto não é senão aparente e depende de nosso ponto de vista limitado.

Isto posto, diremos que o fenômeno do qual se trata não é nem maravilhoso nem excepcional, isso é o que vamos tratar de explicar.

No estado atual de nossos conhecimentos, não podemos conceber a alma sem seu envoltório fluídico, perispiritual. O princípio inteligente escapa completamente à nossa análise; não o conhecemos senão por suas manifestações, que se produzem com a ajuda do perispírito; é pelo perispírito que a alma age, percebe e transmite. Liberta do envoltório corpóreo, a alma ou Espírito é ainda um ser complexo. A teoria, de acordo com a experiência nos ensina que a visão da alma, do mesmo modo que todas as outras percepções, é um atributo do ser inteiro; no corpo ela está circunscrita ao órgão da visão; e é preciso o concurso da luz; tudo o que está sobre o trajeto do raio luminoso a intercepta. Não ocorre assim com o Espírito, para o qual não há nem obscuridade nem corpos opacos. A comparação seguinte pode ajudar a compreender essa diferença. O homem, a céu aberto, recebe a luz de todos os lados; mergulhado no fluido luminoso, o horizonte visual se estende todo ao redor. Se está fechado numa caixa na qual não é praticada senão uma pequena abertura, tudo ao redor de si está na obscuridade, salvo o ponto por onde chega o raio luminoso. A visão do Espírito encarnado está neste caso, a do Espírito desencarnado está

no primeiro. Esta comparação é justa quanto ao efeito, mas não o é quanto à causa; porque *a* fonte da luz não é a mesma para o homem e para o Espírito, ou, melhor dizendo, não é a luz que lhe dá a faculdade de ver.

A cega de que se trata via, pois, pela alma e não pelos olhos; eis porque o corpo opaco colocado diante de seu desenho não a dificultava mais do que se diante dos olhos de um vidente fosse colocado um cristal transparente; é também porque ela podia desenhar à noite tão bem quanto de dia.

O fluido perispiritual irradiando tudo ao seu redor, penetrando tudo, levava a imagem, não sobre a retina, mas à sua alma. Nesse estado, a visão abarca tudo? Não; ela pode ser geral ou especial segundo a vontade do Espírito; pode ser limitada ao ponto onde concentra a sua atenção.

Mas, então, dir-se-á, por que não percebeu ela a substituição da cor? Pode-se primeiro que a atenção levada sobre o lugar que ela queria colocar a flor a tenha desviado da cor; aliás, é preciso considerar que a visão da alma não se opera pelo mesmo mecanismo que a visão corpórea e que assim há efeitos dos quais não poderíamos nos dar conta; além disso, é preciso notar que *nossas* cores são produzidas pela refração de nossa luz; ora, as propriedades do perispírito sendo diferentes das de nossos fluidos ambientes, é provável que a refração ali não produziu os mesmos efeitos; que as cores não têm para o Espírito a mesma causa que para o encarnado; ela podia, pois, pelo pensamento, ver rosa o que nos parecia azul. Sabe-se que o fenômeno da substituição das cores é bastante freqüente na visão comum. O fato principal é o da visão bem constatada sem o concurso dos órgãos da visão. Esse fato como se vê, não implica a ação medianímica, mas não exclui não mais, em certos casos, a assistência de um Espírito estranho. Essa jovem podia, pois, ser ou não ser médium, e que um estudo mais atento teria podido revelar.

Uma pessoa cega gozando dessa faculdade seria um sujeito precioso de observação; mas para isso ser-lhe-ia necessário conhecer a fundo a teoria da alma, a do perispírito, e por conseguinte o sonambulismo e o Espiritismo. Nessa época não se conheciam essas coisas; hoje mesmo não é nos meios onde se os considera como diabólicos que se poderia entregar-se a esses estudos. Isso não é não mais naqueles onde se nega a existência da alma que se pode fazê-lo. Um dia virá, sem dúvida, em que se reconhecerá que existe uma *física espiritual,* como se começa a reconhecer a existência da *medicina espiritual.*

VARIEDADES

Uma tentação.

Conhecemos pessoalmente uma senhora médium dotada de uma notável faculdade tiptológica: ela obtém facilmente, e, o que é muito raro, quase constantemente, coisas de precisão, como nome de lugares e de pessoas em diversas línguas, datas e fatos particulares, em presença dos quais a incredulidade, mais de uma vez, foi confundida. Essa senhora, toda devotada à causa do Espiritismo, consagra todo o tempo do qual pode dispor ao exercício de sua faculdade num objetivo de propaganda, e isso com desinteresse tanto mais louvável quanto sua posição de fortuna toca mais de perto à mediocridade. Como o Espiritismo é para ela uma coisa séria, ela procede sempre por uma prece dita com o maior recolhimento para chamar o concurso dos bons Espíritos, rogar a Deus e afastar os maus, e termina assim: "Se eu fosse tentada a abusar, no que quer que seja, da faculdade que aprouve a Deus me conceder, peço-lhe me *retirá-la,* antes que permitir que ela seja desviada de seu fim providencial."

Um dia um rico estrangeiro, -foi dela mesma que obtivemos o fato, - veio encontrar essa senhora para rogar-lhe dar-lhe uma comunicação. Ele não tinha a menor noção do Espiritismo, e ainda menos de crença. Disse-lhe, depondo sua pasta de papéis sobre a mesa: "Senhora, eis dez mil francos que vos dou se me disserdes o nome da pessoa na qual penso." Isto basta para mostrar onde ele estava em conhecimento da Doutrina. Essa senhora lhe fez, a esse respeito, as observações que todo verdadeiro Espírita faria em semelhante caso. No entanto, ela tentava e não obtinha absolutamente nada. Ora, logo depois da partida desse senhor, ela teve, por outras pessoas, comunicações muito de outro modo difíceis e complicadas do que a que lhe tinha pedido.

Esse fato deveria ser, para esse senhor, assim como lhe dissemos, uma prova da sinceridade e da boa fé do médium, porque os charlatães têm sempre recursos à sua disposição quando se trata de ganhar dinheiro. Mas disso ressaltam vários ensinamentos de uma outra gravidade. Os Espíritos quiseram provar que não é com dinheiro que se lhes faz falar quando não o querem; além disso, provaram que, se não tinham respondido à sua pergunta, isso não era impossibilidade de sua parte, uma vez que disseram coisas mais difíceis a pessoas que nada ofereciam. A lição era maior ainda para o médium; era demonstrar-lhe sua impossibilidade absoluta fora de seu concurso, e ensinar-lhe a humildade; porque, se os Espíritos estivessem às suas ordens, se bastasse a sua vontade para fazê-los falar, era o caso de jamais exercer o seu poder.

Está aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos no número da *Revista* de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que estão os médiuns de contar com uma faculdade que pode lhes fazer falta no momento em que seria necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de tê-lo à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas a mediunidade não é um talento; ela não existe senão pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício é anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino.

O senhor em questão admirou-se que, vindo para se convencer, os Espíritos não se prestaram para isso. A isto lhe respondemos que, se ele pode ser convencido, o será por outros meios que não lhe custarão nada. Os Espíritos não quiseram que ele pudesse dizer tê-lo a preço de dinheiro, porque se o dinheiro fosse necessário para se convencer, como fariam aqueles que não podem pagar? É para que a crença possa penetrar nos mais humildes redutos que a mediunidade não é um privilégio; ela se encontra por toda a parte, a fim de que todos, pobres como ricos, possam ter a consolação de comunicar-se com seus parentes e amigos de além-túmulo. Os Espíritos não quiseram que fosse convencido dessa maneira, porque a repercussão que isso teria dado teria falseado sua própria opinião e a de seus amigos sobre o caráter essencialmente moral e religioso do Espiritismo. Não o quiseram no interesse do médium e dos médiuns em geral, dos quais esse resultado teria superexcitado a cupidez, porque diriam a si mesmos que se obteve sucesso nessa circunstância, o poderia igualmente em outras. Não é a primeira vez que ofertas semelhantes foram feitas, que brindes foram ofertados, mas sempre sem sucesso, tendo em vista que os Espíritos não se colocam ao concurso e não se dão ao que mais oferece.

Se essa senhora tivesse conseguido, teria ela aceito ou recusado? Nós o ignoramos, porque dez mil francos são bem sedutores, sobretudo em certas posições. Em todos os casos, a tentação foi grande; e quem sabe se uma recusa não foi seguida de um lamento que lhe atenuou o mérito? Notemos que, na prece, ela pede a Deus de retirar sua faculdade antes de permitir que seja tentada de desviá-la de seu fim providencial; pois bem! sua prece foi atendida; sua mediunidade lhe foi retirada para esse fato especial, a fim de poupar-lhe o perigo da tentação, e todas as conseqüências deploráveis que isso teria em conseqüência, para ela mesma primeiro, e também pelos maus efeitos que isso teria produzido.

Mas não é somente contra a cupidez que os médiuns devem se colocar em guarda; como os há em todas as classes da sociedade, a maioria está acima dessa tentação; mas há um perigo bem de outro modo grande, porque todos a ele estão expostos, que é o orgulho, que nisso perde um tão grande número; é contra este escolho que as mais belas faculdades, muito freqüentemente, vêm se quebrar. O desinteresse material é sem proveito se não for acompanhado do desinteresse moral mais completo. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos bons Espíritos.

Manifestações de Poitiers.

Os fatos dos quais demos conta em nosso último número, e sobre os quais havíamos suspendido nosso julgamento, parecem ser definitivamente obtidos pelos fenômenos espíritas. Um exame atento das circunstâncias de detalhe não permite confundi-los com os atos da malevolência ou da travessura. Parece-nos difícil que os mal intencionados possam escapar à atividade da vigilância exercida pela autoridade, e possam sobretudo agir no próprio momento em que são espiados, sob os olhos daqueles que os procuram, e que certamente não faltam de boa vontade para descobri-los.

Os exorcismos tinham sido feitos, mas depois de alguns dias de suspensão, os ruídos começaram com outro caráter. Eis o que disto disse o *Journal de Ia Vienne* em seus números de 17 e 18 de fevereiro:

"Lembra-se que no mês de janeiro último os Espíritos batedores, fazendo a sua solene aparição em Poitiers, vieram sitiar, rua Saint-Paul, a casa situada perto da antiga igreja designada por este vocábulo; mas sua permanência entre nós não foi senão de curta duração, e estava-se no direito de crer que tudo tinha acabado, quando, anteontem, os ruídos que tinham tão fortemente agitado a população se reproduziram com uma nova intensidade.

"Os diabos negros, pois, retornaram à casa da senhorita d'O...; somente que não são mais Espíritos batedores, mas Espíritos atiradores, procedendo por meio de detonações formidáveis. Celebraremos, sua festa no dia de Santa Bárbara, patrona dos artilheiros. É sempre quando a isso se dão de coração alegres, que as procissões de curiosos recomeçam, e que a

polícia interroga todos *os* ecos para se guiar através do nevoeiro do outro mundo.

"É preciso esperar, no entanto, que desta vez descubram-se os autores dessas mistificações de mau gosto, e que a justiça saberá muito provar aos exploradores da credulidade humana que os melhores Espíritos não são aqueles que fazem mais barulho mas aqueles que sabem se calar ou não falam senão a propósito.

A. PIOGEARD."

"Retornamos sempre à rua Saint-Paul, sem podermos penetrar o *mistério infernal.*

"Quando interrogamos uma pessoa que passeia com ar preocupado diante da casa da senhorita d'O..., ela nos responde invariavelmente: "De minha parte, nada ouvi, mas um tal me disse que as detonações eram muito fortes." O que não deixa de ser embaraçante para a solução do problema.

"É certo, no entanto, que os Espíritos possuem algumas peças de artilharia, e mesmo de um calibre bastante grande, porque os ruídos que delas resultam têm uma certa violência, e se assemelham, diz-se, àqueles que produzem pequenas bombas.

Mas de onde vêm eles? Impossível, até este dia, determinar a sua direção. Não provêm do subsolo, tendo em vista que os tiros de pistola dados nas adegas não se ouvem no primeiro andar.

"É pois nas regiões superiores que é preciso se esforçar por agarrá-los, e, no entanto, todos os procedimentos indicados pela ciência, ou pela experiência, para atingir esse resultado permaneceram impotentes.

"Seria preciso, então, disso concluir que os Espíritos podem impunemente atirar sua pólvora nos pardais e perturbar o repouso dos cidadãos sem que seja possível atingi-los? Esta solução seria muito rigorosa; pode-se, com efeito, para certos procedimentos, ou em virtude de alguns acidentes do terreno, produzir efeitos que surpreendem à primeira vista, mas dos quais se espanta mais tarde não ter compreendido o mecanismo elementar. São sempre as coisas mais simples que escapam à apreciação do homem.

Há muito a crer, pois, que, se os atiradores do outro mundo têm neste momento os galhofeiros de seu lado, estão longe de ser incompreensíveis. Os mistificadores podem disto estarem persuadidos; os mistificadores terão a sua vez.

A. PIOGEARD."

O Sr. Piogeard nos parece singularmente se debater contra a evidência. Dir-se-ia que, com seu desconhecimento, uma dúvida se insinua em seu pensamento; que ele teme uma solução contrária às suas idéias; em uma palavra, nos faz o efeito de pessoas que, recebendo o aviso de má notícia, exclamam: "Não, isso não é; isso não se pode; não quero nisso crer!" e que se fecham os olhos para não verem, a fim de poderem afirmar que não viram nada. Por um dos parágrafos acima parece lançar dúvidas sobre a própria realidade dos ruídos, uma vez que, segundo ele, todos aqueles que se interroga dizem nada terem ouvido. Se ninguém nada ouviu, não compreendemos por que tanto rumor; não haveria então ali mais de malevolência do que de Espíritos.

Num terceiro artigo não assinado, e que o jornal anuncia dever ser o último, ele dá, enfim, a solução desse problema. Se os interessados não a acham concludente, isto será sua falta e não a dele.

"Recebemos há algum tempo cartas em cada correio, seja de nossos assinantes, seja de pessoas estranhas ao departamento, nas quais nos pedem dar informações mais circunstanciadas sobre as cenas da qual a casa d'O... é o teatro. Dissemos tudo o que sabemos; repetimos em nossa folha tudo o que se contou em Poitiers sobre esse assunto. Uma vez que as nossas explicações não pareceram completas, eis, pela última vez, nossa resposta às perguntas que nos são dirigidas:

"É perfeitamente verdadeiro que ruídos *singulares* se fazem ouvir cada dia, de seis horas à meia-noite, à rua Saint-Paul, na casa d'O... Esses ruídos parecem àqueles que seriam produzido pelas descargas sucessivas de um fuzil de dois tiros; eles abalam as portas, as janelas e as divisões. Não se percebe nem luz nem fumaça; nenhum odor se faz sentir. Os fatos foram constatados pelas pessoas mais dignas de fé em nossa cidade, por atas da polícia e da guarda civil, a requerimento da família do Sr. conde d'Ò...

"Existe em Poitiers uma associação de Espiritistas; mas, apesar da opinião do Sr. D..., que nos escreve de Marseille, não veio ao pensamento de nenhum de nossos concidadãos, muito espirituosos por isso, que os Espiritistas estivessem no que quer que seja na *aparição dos fenômenos.* O Sr. H., de Orange, crê em causas físicas, a de gás se libertando de um antigo cemitério sobre o qual teria sido construída a casa d'O...A casa d'O... está construída sobre a rocha, e não existe nenhum subterrâneo confinante.

"Pensamos, por nossa conta, que os fatos estranhos e inexplicados, ainda que há mais de um mês perturbem o repouso de uma família honrada, não permanecerão sempre no estado de mistério. Cremos numa fraude muito hábil e esperamos ver logo os fantasmas da rua Sain-Paul corrigir-se pela polícia correcional."

A jovem obsidiada de Marmande
(Continuação.)

Narramos, no número precedente (página 46), a notável cura obtida por meio da prece, pelos Espíritas de Marmande, de uma jovem obsidiada dessa cidade. Uma carta posterior confirma o resultado dessa cura, hoje completa. O rosto da criança, alterada por oito meses de torturas, retomou a sua frescura, sua aparência física e sua serenidade.

A qualquer opinião que se pertença, qualquer idéia que se tenha do Espiritismo, toda pessoa animada de um sincero amor ao próximo deveu se alegrar de ver a tranqüilidade reentrar nessa família, e o contentamento suceder à aflição. É lamentável que o Sr. cura da paróquia não haja crido dever associar-se a esse sentimento, e que essa circunstância lhe tenha fornecido o texto de um discurso pouco evangélico numa de suas práticas dominicais. Suas palavras, tendo sido ditas em público, são do domínio da publicidade. Se se tivesse limitado a uma crítica leal da Doutrina no seu ponto de vista, disso não falaríamos, mas cremos dever realçar os ataques que dirigiu contra as pessoas mais respeitáveis, tratando-as de saltimbancos, a propósito do fato acima.

"Assim, disse ele, o primeiro *engraxate que chegue* poderá, pois, se for médium, evocar o membro de uma família honrada, quando ninguém nessa família poderá fazê-lo? Não creiais nesses absurdos, meus irmãos; é do malabarismo, é da asneira. De fato, que vedes nessas reuniões? Carpinteiros, marceneiros, carpinteiros de carro, que sei ainda?.....Algumas pessoas me perguntaram se eu tinha contribuído para a cura da criança. "Não, lhes respondi; não estou nisso em nada; não sou médico."

"Não vejo lá, dizia aos pais, senão uma afecção orgânica da alçada da medicina;" acrescentando que se tivesse acreditado que as preces pudessem operar algum alívio, tê-las-ia feito há muito tempo.

Se o Sr. cura não crê na eficácia da prece em semelhante caso, fez bem em não falar disso; de onde é preciso concluir que, sendo homem consciencioso, se seus pais tivessem vindo lhe pedir missas pela cura da criança, ter-lhe-ia recusado o pagamento, porque se fosse aceito, teria feito pagar por uma coisa que considera sem valor. Os Espíritas crêem na eficácia das preces pelas doenças e as obsessões; eles pediram, curaram, e não pediram nada; bem mais, se seus pais estivessem na necessidade, lhes teriam dado.

"Esses são, disse ele, os charlatães e os malabaristas." Desde quando foram vistos charlatães fazerem seu ofício por nada? Fizeram dar aos doentes os amuletos? Fizeram sinais cabalísticos? Pronunciaram palavras sacramentais ligando-lhes uma virtude eficaz? Não, porque o Espiritismo condena toda prática supersticiosa; eles oraram com fervor, em comunhão de pensamentos; essas preces eram do malabarismo? Aparentemente não; uma vez que tiveram sucesso, é que foram escutadas.

Que o Sr. cura trate o Espiritismo e as evocações de absurdos e de asneiras, disso é o senhor, se tal é sua opinião, e ninguém tem nada a lhe dizer. Mas quando, para denegrir as reuniões espíritas, disse que não se vêem ali senão carpinteiros, marceneiros e carpinteiros de carro, etc., não é para apresentar essas profissões como degradantes, e aqueles que as exercem como pessoas desprezíveis? Esqueceis, pois, senhor cura, que Jesus era carpinteiro, e que seus apóstolos eram todos pobres artesãos ou pescadores. E evangélico lançar, do alto do púlpito, o desdém sobre a classe dos trabalhadores que Jesus quis honrar nascendo entre eles? Haveis compreendido a importância de vossas palavras quando dissestes: "O primeiro engraxate que chegue poderá, pois, evocar o membro de uma família honrada?" Vós o desprezais muito, pois, esse pobre engraxate quando limpa os vossos sapatos? Óh quê! porque sua posição é humilde não o achais digno de evocar a alma de um nobre personagem? Temeis, pois que essa alma não seja enlameada quando, por ela, se estenderão para os céus as mãos enegrecidas pelo trabalho? Credes, pois, que Deus faz uma diferença entre a alma do rico e a do pobre? Jesus não disse: Amai ao vosso próximo como a vós mesmos? Ora, amar seu próximo como a si mesmo, é não fazer nenhuma diferença entre si mesmo e o próximo; é a consagração do princípio: Todos os homens são irmãos, porque são filhos de Deus. Deus recebe com

mais distinção a alma do grande do que a do pequeno? a do homem a quem fizestes um pomposo serviço, largamente pago, do que aquela do infeliz a quem não concedestes senão as mais curtas preces? Falais do ponto de vista exclusivamente mundano, e vos esquecestes que Jesus disse: "Meu reino não é deste mundo; lá as distinções da Terra não existem mais; lá, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos?" Quando ele disse: "Há várias moradas na casa de meu pai," isto significa que há ali uma para o rico e uma para o proletário? uma para o senhor e uma para o servidor? Não; mas que ali há uma para o humilde e uma outra para o orgulhoso, porque ele disse: "Que aquele que quiser ser o primeiro no céu seja o servidor de seus irmãos sobre a Terra." E, pois, àqueles que vos apraz chamar profanos de vos lembrar o Evangelho?

Senhor cura, em todas as circunstâncias, tais palavras seriam pouco caridosas, sobretudo no templo do Senhor, onde não deveriam ser pregadas senão palavras de paz e de união entre todos os membros da grande família; no estado atual da sociedade, é uma imperícia, porque é semear os fermentos do antagonismo. Que tivésseis uma tal linguagem na época em que os servos, habituados a dobrar-se sob o jugo, se acreditavam de uma raça inferior, porque se lhes havia dito, conceber-se-ia; mas na França de hoje, onde todo homem honesto tem o o direito de levantar a cabeça, quer seja ele plebeu ou patrício é um anacronismo.

Se, como é provável, houvesse no auditório carpinteiros, marceneiros, carpinteiros de carros e engraxates, deveram ser mediocremente tocados desse discurso; quanto aos Espíritas, sabemos que pediram a Deus para perdoar ao orador suas imprudentes palavras, e que eles mesmos perdoaram àquele que lhes disse: Racca; é o conselho que damos a todos os nossos irmãos.

Extrato da ordem do Mons. bispo de Strasbourg.

Citamos pura e simplesmente a passagem dessa ordenação concernente ao Espiritismo, sem comentários e sem reflexões. Dando sua opinião sobre esse assunto, do ponto de vista teológico, o monsenhor está em seu direito, e desde que não ataca senão as coisas e não às pessoas, nada há a dizer; não haveria ali a discutir senão sua teoria, ora, é o que foi feito tantas vezes, e seria supérfluo se repetir, tanto mais quanto ali não encontramos nenhum argumento novo. Colocamo-la sob os olhos de nossos leitores, a fim de que todos possam dela tomar conhecimento, e tirarem proveito segundo o julgarem a propósito.

"O demônio se esconde sob todas as formas possíveis, para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens, para continuar sua obra de sedução. No paraíso, está disfarçado sob a forma da serpente; se for preciso, ou se isso puder contribuir para a realização de seus projetos, transforma-se em anjo de luz, como o provam mil exemplos consignados na história.

"Numa época mais recente, retirou mesmo do arsenal do inferno armas usadas na época e cobertas de ferrugem das quais se tinha servido em tempos mais recuados, mais particularmente no segundo ou terceiro século, para combater o cristianismo. As mesas girantes, os Espíritos batedores, as evocações, etc., são tantos artifícios, e Deus o permite para o castigo dos homens ímpios, curiosos e levianos. Se os maus gênios, como o asseguram as santas Escrituras, enchem o ar, se se unem aos homens em seus corpos e em suas almas (vede o livro de Job e muitas outras passagens das Escrituras), se podem fazer falar de madeira, uma pedra, uma serpente, as cabras, uma mula; se, junto do lago de Genesaré, recebem, a seu próprio pedido, a permissão de entrar nos animais imundos, lhes é também possível falar por meio de mesas, de escrever com os pés de uma mesa ou de uma cadeira, de adotar a linguagem e de imitar a voz dos mortos ou dos ausentes, de contar coisas que nos são desconhecidas ou que nos parecem impossíveis, mas que, em sua qualidade de Espíritos podem ver e ouvir. Todavia, infelicidade aos homens in-

sensatos, ociosos, imprevidentes e criminosamente indiscretos que procuram seu passatempo nos malabarismos diabólicos, que não temem recorrer a esses meios supersticiosos e proibidos para chegarem ao conhecimento do futuro e de outros mistérios que o demônio ignora ou não conhece senão imperfeitamente! Quem gosta do perigo perecerá no perigo; quem joga com as serpentes venenosas não escapará ao seu dardo assassino; quem se precipita nas chamas será reduzido a cinzas; quem procura a sociedade dos mentirosos e dos velhacos se tornará necessariamente sua vítima. Está aí um comércio com os maus anjos, aos quais os profetas do Antigo Testamento dão o nome que não se leva de boa vontade numa cátedra cristã. Quando essas evocações ocorrem, o maligno Espírito poderá bem dizer, de início, uma ou outra verdade, e falar segundo os desejos dos curiosos, a fim de ganhar sua confiança. Mas as pessoas impacientes de penetrar os mistérios são seduzidas, ofuscadas, quando se aproxima de seus lábios a taça envenenada; são saciadas de todas as espécies de mentiras e de impiedades, são despojadas de todos os princípios cristãos, de todos os piedosos sentimentos. Feliz aquele que se apercebe a tempo que caiu entre mãos diabólicas e que pode, com o socorro de Deus, repelir os laços dos quais estava carregado!..."

Enquanto nossos antagonistas permanecerem no terreno da discussão teológica, convidamos aqueles de nossos irmãos que querem bem ouvir nossos conselhos, a se absterem de toda recriminação, porque a liberdade de opinião deve ser para eles quanto para nós. Ó Espiritismo não se impõe, aceita-se; ele dá suas razões e não acha mau que as combata, uma vez que isso seja com armas leais, e remete-se ao bom senso público para pronunciar-se. Se ele repousa sobre a verdade, triunfará apesar de tudo; se seus argumentos são falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; ele quer o livre exame; sua propaganda se faz dizendo: Vede o pró e o contra; julgai o que satisfaça melhor vosso julgamento, o que responda melhor às vossas esperanças e às vossas aspirações, o que toque mais vosso coração, e decidi-vos em conhecimento de causa.

Censurando, em nossos adversários, o inconveniente das palavras e as personalidades, os Espíritas não devem incorrer na mesma censura; a moderação fez a sua força; nós os adjura-mos para disso não renunciar. Em nome dos princípios do Espiritismo, e no interesse da causa, declinamos toda solidariedade com toda polêmica agressiva e inconveniente de qualquer parte que venha.

Ao lado de alguns fatos lamentáveis, como o de Marmande, deles poderíamos citar bom número de um outro caráter, se não temêssemos atrair desagregação aos seus autores, é porque não o fazemos senão com a maior reserva.

Uma senhora que conhecemos pessoalmente, bom médium, fervorosa Espírita assim como seu marido, estava, há seis meses, em artigo da morte; ela hauria em sua crença e em sua fé no futuro uma consoladora resignação nesse momento supremo, que via se aproximar sem temor. A seu pedido, o cura da paróquia, respeitável velhinho, veio para administrar-lhe. Sabeis, disse-lhe ela, que somos Espíritas; me dareis, apesar disso, os sacramentos da Igreja? -Por que não? respondeu o bom cura; esta crença vos consola; torna-vos ambos piedosos e caridosos; não vejo nada de mal nisso, conheço, *O Livro dos Espíritos;* não vos direi que me convenceu sobre todos os pontos, mas contém a moral que todo cristão deve seguir, e não vos censuro por lê-lo; somente, se há bons Espíritos, há deles também os maus; é contra estes que é preciso vos pôr em guarda; são estes que é preciso vos interessar em distinguir. Aliás, vede, meu filho, a verdadeira religião consiste na prece do coração e na prática de boas obras; tendes fé em Deus, orais com fervor, assistis vosso próximo tanto quanto o podeis, posso, pois, vos dar a absolvição."

Uma rainha médium.

Não teríamos tomado a iniciativa do fato seguinte, mas não temos nenhum motivo de nos abster, uma vez que está reproduzido em vários jornais, entre outros a *Opinion nationale* e o *Siècle* de 22 de fevereiro de 1864, segundo o *Bulletin diplomatique.*

"Uma carta emanando de uma pessoa bem informada revela que, recentemente, num conselho privado, onde era agitada a questão dinamarquesa, a rainha (Vitória) declarou que nada faria sem consultar o *príncipe Albert,* e, com efeito, depois de ter se retirado algum tempo em seu gabinete, ela retornou dizendo: que o príncipe se pronunciara contra a guerra. Este fato e *outros semelhantes* transpiraram e deram nascimento ao pensamento de que seria oportuno estabelecer uma regência."

Tínhamos, pois, razão quando escrevemos que o Espiritismo tem adeptos até sobre os degraus dos tronos; teríamos podido dizer: até sobre os tronos. Mas vê-se que os próprios soberanos não escapam à qualificação dada àqueles que crêem nas comunicações de além-túmulo. Os Espíritas, que são tratados como loucos, devem se consolar de estar em tão boa companhia. O contágio é, pois, grande, uma vez que sobe tão alto! Entre os príncipes estrangeiros sabemos um bom número deles que têm essa pretensa fraqueza, uma vez que fazem parte da Sociedade Espírita de Paris. Como se quer que a idéia não penetre a sociedade inteira quando ela parte de todos os graus da escala?

O Sr. cura de Marmande pode ver por aí que não há médiuns senão entre os engraxates.

O *Journal de Poitiers,* que narra o mesmo fato, o faz seguir desta reflexão:

"Cair assim no domínio dos Espíritos, não é abandonar o das únicas realidades que têm direito de conduzir o mundo?"

Somos, até um certo ponto, da opinião do jornal, mas num outro ponto de vista. Para ele os Espíritos não são realidades, porque, segundo certas pessoas, não há de realidades senão naquilo que se vê e que se toca; ora, nessa conta, Deus não seria uma realidade, e, no entanto, quem ousaria dizer que ele não conduz o mundo? que nele não há acontecimentos providenciais para conduzir a tal resultado determinado? Pois bem! os Espíritos são os instrumentos de sua vontade; eles inspiram os homens, os solicitam, com seu desconhecimento, a fazer tal ou tal coisa, a agir num sentido antes que num outro, e isto nas grandes resoluções como nas circunstâncias da vida privada. Sob esse aspecto, pois, não somos da opinião do jornal.

Se os Espíritos inspiram de maneira oculta, é a fim de deixar ao homem seu livre arbítrio e a responsabilidade de seus atos. Se ele recebe a inspiração de um mau Espírito, pode estar *certo* de receber, ao mesmo tempo, a de um bom Espírito, porque Deus não deixa jamais o homem sem defesa contra as más sugestões; cabe a ele pesar e decidir segundo a sua consciência.

Nas comunicações ostensivas por via medianímica, o homem não deve mais fazer abnegação de seu livre arbítrio; seria um erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e providências segundo o conselho dos Espíritos, porque os há que podem ter ainda as idéias e os preconceitos da vida; não há senão os Espíritos muito superiores que disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando vivos; então pode-se pesar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons não se recusam jamais a isso; aqueles que repelem todo exame, que prescrevem uma submissão absoluta, provam que contam pouco sobre a bondade de suas razões para convencer, e devem ser tidos por suspeitos.

Em princípio, os Espíritos não vêm para nos conduzir ao limite; o objetivo de suas instruções é nos tornar melhores, dar a fé àqueles que não a têm, e não nos *poupar o trabalho de pensar por nós mesmos.*

Eis o que não sabem aqueles que criticam as relações de além-túmulo; acham-nos absurdas, porque as julgam sobre a idéia que se fazem delas, e não sobre a realidade que não conhecem. Não é preciso, não mais, julgar as manifestações sobre os abusos ou

as falsas aplicações que dela podem fazer algumas pessoas, não mais do que não seria racional julgar a religião pelos maus sacerdotes; ora, para saber se há boa ou má aplicação de uma coisa, é preciso conhecê-la, não superficialmente, mas a fundo. Se fordes a um concerto para saber se a música é boa, e se *os* músicos a executam bem, é preciso, antes de tudo, saber a música.

Estando isto posto, pode servir de base para apreciar o fato do qual se trata. Censurar-se-ia a rainha se ela tivesse dito: "Senhores, o caso é grave, permiti-me recolher-me um instante e orar a Deus para me inspirar a resolução que devo tomar?" O príncipe não é Deus, é verdade; mas como ela é piedosa, é provável que terá pedido a Deus para inspirar a resposta do príncipe, o que se torna o mesmo; ela o faz intervir como intermediário, em razão da afeição que lhe tem.

As coisas podem ainda ter se passado de outra maneira. Se quando vivo o príncipe, a rainha tinha o hábito de nada fazer sem seu conselho, estando este morto, pede-lhe a opinião como se estivesse vivo, e não *porque é Espírito,* porque, para ela, ele não está morto; está sempre junto dela, seu guia, seu conselheiro oficial; não há entre ambos senão o corpo de menos; se o príncipe vivesse ela teria feito o mesmo; não há, pois, nada de mudado em sua maneira de agir.

Agora, a política do príncipe-Espírito é boa ou má? é o que não nos compete examinar. Ó que devíamos salientar é a opinião daqueles a quem pareceu bizarro, pueril, estúpido mesmo que uma pessoa em seu bom senso possa crer na realidade de alguém que não tem mais corpo, porque lhes apraz pensar que eles mesmos, quando estiverem mortos, não serão mais nada do todo. Aos seus olhos, a rainha não fez um ato mais sensato do que se ela tivesse dito: "Senhores, vou interrogar minhas cartas, ou um astrólogo."

Se esse fato é sem grande conseqüência para a política, não ocorre o mesmo do ponto de vista espírita, pela repercussão que teve. A rainha poderia seguramente se abster de dizer o motivo de sua ausência e que tal era o conselho do príncipe. Dize-lo numa circunstância tão solene era fazer ato de alguma sorte público de crença nos Espíritos e em suas manifestações, e se reconhecer médium; ora, quando um tal exemplo vem de uma cabeça coroada, isto pode bem dar a coragem da opinião aos colocados menos alto.

Não se pode senão admirar a fecundidade dos meios empregados pelos Espíritos para obrigar os incrédulos a falar do Espiritismo e fazer sua idéia penetrar em todas as classes da sociedade. Nesta circunstância, forçoso lhe é criticar com comedimento.

Participação espírita.

Recebemos do Havre uma participação de decesso com esta subscrição:

"Rogamos

"Que o Deus todo-poderoso e misericordioso, e os *bons Espíritos,* queiram bem acolhê-lo favoravelmente."

A carta continha a menção: "Munido dos sacramentos da Igreja."

É a primeira vez, pelo menos de nosso conhecimento, que uma semelhante profissão de fé pública foi feita em semelhante circunstância. É preciso estar contente com a família pelo bom exemplo que vem de dar. Poucas pessoas, em geral, com exceção dos parentes mais próximos, têm conta do convite contido nas participações de orar pelo defunto. Estamos persuadidos de que todos os Espíritas, mesmo estranhos à família, que terão recebido este, terão considerado como um dever a cumprir o voto que ali está expresso. A prece não é para eles uma fórmula banal; sabem a influência que ela exerce no momento de sua morte, sobre o desligamento da alma.

Sr. Home em Roma. – (Conclusão).

A ordem que havia sido dada ao Sr. Home, pelas autoridades pontifícias, de deixar Roma em três dias, havia sido de início informada, assim como se viu em nosso último número; mas não se domina o medo e se reconsiderou; a permissão de permanência foi definitivamente retirada, e o Sr. Home teve que partir instantaneamente sob prevenção de bruxaria. É bom dizer que o fato das pancadas e da mesa erguida durante o interrogatório, que não narramos senão sob forma duvidosa, não se tendo disso a certeza, é exato; esse devia ser um motivo a mais de pensar que o Sr. Home levava com ele a Roma o diabo, que ali jamais penetrou, ao que parece. Ei-lo, pois, bem e duramente convencido, pelo governo romano, de ser um feiticeiro; não um feiticeiro para rir, mas um verdadeiro feiticeiro, de outro modo não se teria tomado a coisa a sério. Tivemos sob os olhos o longo interrogatório que se lhe fez suportar, e essa leitura, pela forma das perguntas, involuntariamente nos reportou ao tempo de Jeanne d'Arc; ali não faltou senão a conclusão comum nessa época para essas espécies de acusações. Os jornais zombeteiros se admiram que no século dezenove se creia ainda em feiticeiros; é que há pessoas que dormem o sono de Epiménide há quatro séculos; como, aliás, o povo nisso não creria, quando sua existência está atestada pela autoridade que melhor devê isso conhecer, uma vez que tantos deles fez queimar? É preciso nele ser cético como jornalista para não se dar conta de uma prova tão evidente. O que é mais surpreendente é que façam reviver os feiticeiros nos Espíritas, eles que vêm provar, peças na mão, que não há nem feiticeiros nem maravilhosos, mas somente leis naturais.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

Jacquard e Vaucanson.

Nota. - Nosso colega, Sr. Leymarie, levado por uma força involuntária, tendo se levantado um destes dias mais cedo do que de hábito, sentiu-se involuntariamente solicitado a escrever, e obteve a dissertação espontânea seguinte:

Uma geração de operários amaldiçoou meu nome; tinham razão? estavam errados? Ah! será o futuro que deverá responder.

Eu tinha uma idéia fixa, a de aperfeiçoar, e sobretudo de economizar, suprimindo algumas mãos; queria simplificar o serviço à moda Vaucanson, que pegava a criança em baixa idade para dela fazer esse pária singular, pálido, raquítico, de ar assustado, na linguagem burlesca, que formava uma população à parte de minha cidade natal.

Meu espírito estava em tensão contínua; adormecia para encontrar ao despertar um plano novo; em lugar de imagens e de sentimentos, meu pensamento era uma engrenagem, um cilindro, motores, polias, alavancas; em meus sonhos vi aparecer meu anjo guardião que punha em movimento todas as minhas aspirações, todas as obras das mãos do homem. Disse-se com razão: "Os mecânicos são os poetas da matéria;" as mais belas máquinas saíram todas feitas do cérebro de um operário; as noções mecânicas que não possui, as recria de novo; a paciência e a imaginação são seus únicos recursos. É verdade, é uma inspiração de bons Espíritos desprezada pelas academias ou sábios de profissão; mas não é menos verdadeiro que se Arquimedes e Vaucanson são os gênios da mecânica, os Virgílios, se quereis, não é senão essa paciência, unida a uma imaginação viva, que cria todas as descobertas das quais se a Humanidade se honra, e isto por quem? pelos monges, pelos fabricantes de louças, pelos cardadores de lã, pelos pastores, pelos marinheiros, um operário em seda, um ferreiro ignorante.

Humilde operário, eu não era um gênio, mas, como tantos outros, um predestinado chamado a simplificar um ofício que deslocava os membros abreviando a vida de milhares

de crianças. Suprimi um suplício físico; tudo em servindo à indústria, servi o gênero humano.

É preciso admirar *a* Providência, que se serve de um pobre Jacquard para transformar um ofício que alimenta milhares, que digo eu, milhões de homens sobre a Terra; e é um inseto que o túmulo assalaria, que transforma e nutre os dois quintos do globo. Deus não é um mecânico maravilhoso? Ele criou o verme para a seda, esse engenhoso artista no qual fez encontrar o mais vasto problema de economia política. Que ensinamento para os orgulhosos e os indiferentes!

Questão de máquinas! questão terrível! Cada invenção arranca a ferramenta e o pão à populações inteiras; o inventor, portanto, é um inimigo de perto, um benfeitor à distância; decupla a força da arte e da indústria; multiplica o trabalho no futuro; merece muito da Humanidade, mas também não causa um mal presente? O primeiro inventor da máquina de fiar destruiu o recurso de muitas pessoas. Quem fiava a matéria bruta, senão a mãe de família, a pastora, as mulheres velhas? Tão mínimo que fosse o seu salário, pelo menos habilitava-as, fazia-as viver tão bem quanto mal.

Semelhantes aos inventores de verdades religiosas, políticas ou morais, os inventores de máquinas revolucionam a matéria; precursores do futuro, abrem violentamente seus caminhos através dos interesses, esmigalhando sob seus pés o passado; também são, à espera de sua recompensa distante, amaldiçoados por seus concidadãos.

Pobre Humanidade! tu és estúpida se te deténs, cruel se tu caminhas; deves, segundo Deus, não ficar estacionaria se não quiseres perpetuar o mal, mas para cumprir o bem, és revolucionária apesar de tudo.

E é por isso que, neste tempo de transição, Deus vos disse: Sede Espíritas; quer dizer, profundamente imbuídos de iniciativa moral e desinteressada; quer dizer prontos para todos os sacrifícios, a fim de que a vossa existência se cumpra.

Como o verme da seda, rastejei penosamente, sustentado pelos bons Espíritos; como ele, fiei minha prisão, dei tudo o que tinha; como ele, meus contemporâneos me desdenharam; mas também, como ele, o Espírito renasce de suas cinzas para viver verdadeiramente e admirar essa mecânica dos mundos, esse Deus de luz e de bondade que consentiu em ensinar à minha cidade natal esse Espírito de verdade que a vivifica e a consola.

JACQUARD.

Tendo sido lida essa comunicação na Sociedade de Paris, na sessão de 12 de fevereiro de 1864, evocou-se o Espírito de Jacquard, ao qual foram endereçadas as perguntas seguintes. Delas deu a resposta adiante.

(Sociedade Espírita de Paris, 12 de fevereiro de 1864. - Médium, Sr. Leymarie.)

Pergunta. - Devestes, sem dúvida, vos comunicar em Lyon, no entanto não me lembro de ter visto comunicações vossas?

Como ocorre que viestes dar a dissertação que acabamos de ler ao Sr. Leymarie, em Paris, antes que num dos centros espíritas de Lyon?

Por que, o Sr. Leymarie, de alguma sorte, foi constrangido a se levantar de madrugada para escrever essa comunicação?

Enfim, que pensais do Espiritismo em Lyon?

Resposta.-É natural que me haja me comunicado em Paris tão bem quanto em minha cidade natal, porque os pais do médium são Lioneses, e particularmente conheci seu avô, que me prestou um serviço importante numa circunstância excepcional. E depois, esse médium me foi designado pelo Espírito de seu avô, que cumpre no mundo dos Espíritos missão idêntica à minha; e como essa missão me deixa um pouco de instantes livres, acreditei não medir o sono do médium cujo devotamento, como o de tantos outros, alcança a causa a que serve.

Desejava também que meus compatriotas tivessem minhas notícias pela *Revista Espírita.* Estando sempre junto deles, partilhando suas alegrias e suas dificuldades, não cessando de lhes dizer: "Amai-vos e estimai-vos," eu queria, unindo minha voz a outras vozes mais influentes do que a minha, convidá-los nesse tempo de paralisação de trabalho e de dificuldades, a se prepararem contra as eventualidades, contra o inimigo.

Por Lyon, podeis compreender o que o Espiritismo pode interpretar como bom senso. Em que se tornaram as violências do passado, essas recriminações injustas, esses levantamentos que ensangüentaram a colmeia lionesa? E esses cabarés, outrora testemunhas de cenas licenciosas, por que se esvaziam hoje? É que a família retomou seus direitos por toda a parte onde o Espiritismo penetrou, por toda parte onde sua influência benfazeja se fez sentir; e por toda parte os operários espíritas retornaram à esperança, à ordem, ao trabalho inteligente, ao desejo de fazer bem, à vontade de progredir.

Em meu tempo, foi minha invenção que, não tornando mais o tecelão escravo da máquina, pôde regenerar todo um mundo de trabalhadores; foi o Espiritismo, a seu turno, que transformou o espírito dessa população dando-lhe a verdadeira iniciação à vida; é toda uma legião de bons Espíritos que vem descerrar os olhos e abrir à inteligência, ao amor, os corações até então pervertidos.

Hoje, o Espiritismo entra em uma nova fase, porque é o tempo das aspirações generosas. A burguesia, submetida ainda ao alto clero, fica expectadora do combate pacífico que a idéia nova entrega ao *non possumus* do passado; e todos esperam o fim da batalha, a fim de se alinharem ao lado dos vencedores.

Também, caros compatriotas, escutai e segui os conselhos de Allan Kardec: são os dos vossos Espíritos protetores. Será por eles que afastareis o perigo das colisões e mesmo das coalizões. Quanto mais íordes humildes e sinceros, mais sereis fortes. Os arrogantes abaixarão o pavilhão diante da verdade que os cega; e será então que ocorrerá a transformação espiritual dessa grande cidade que todos nós amamos e que ama particularmente a Sociedade Espírita de Paris, por sua fé no futuro e as boas esperanças que ela soube realizar.

JACQUARD.

Na mesma sessão, e enquanto Jacquard escrevia a comunicação que se acaba de ler, um outro médium, o Sr. d'Ambel, obteve uma delas sobre o mesmo assunto, assinada pelo Espírito de Vaucanson.

Objetivo final do homem sobre a Terra.

Outrora os homens eram atrelados à charrua; eram sacrificados em trabalhos gigantescos, e a construção das muralhas da Babilônia, onde vários carros caminhavam de frente, a edificação das Pirâmides e a instalação da Esfinge custaram mais do que dez sangrentas batalhas. Mais tarde, os animais foram escravizados concorrentemente aos homens e viu-se, na jovem Lutécia, os bois emparelhados sob o jugo, arrastar o carro onde se refestelavam os reis preguiçosos da segunda raça.

Este preâmbulo tem por objeto mostrar, àqueles que nos escutam, que todas as questões colocadas neste centro simpático aos Espíritos obtêm sua solução, seja por um, seja por outro dentre nós. Esse caro Jacquard, essa glória da profissão de tecelão, esse artesão engenhoso que caiu como um valente soldado no campo de honra e trabalho, tratou um lado das questões econômicas que se ligam ao labor humanitário. De alguma forma, me colocou em causa; falando das modificações que eu mesmo trouxe à arte do tecido e do tecelão, por assim dizer, ele me chamou para desempenhar minha parte neste concerto espiritual. É porque, achando entre vós um médium nascido como eu na velha cidade dos Allobroges, esse reino de Grésivaudan, dele me apodero com a permissão de

seus guias habituais, e venho completar, por uma parte, a exposição que meu ilustre amigo de Lyon vos deu por um outro médium.

Em sua dissertação, muito notável de resto, ele expressa ainda alguns lamentos que, sob o inventor, vão encontrar o operário ciumento de seu ganha-pão e temendo a inatividade homicida; sente-se que o pai de família se espanta de uma suspensão de trabalho do qual depende a vida dos seus; adivinha-se o cidadão que treme diante do desastre que pode atingir a maioria de seus compatriotas. Esse sentimento, certamente, é dos mais honrados, mas denota um ponto de vista de uma certa estreiteza; venho tratar a mesma questão que Jacquard, senão mais longamente do que ele, pelo menos num ponto de vista mais geral; no entanto, devo constatar, para homenagear a quem de direito, que a generosa conclusão da comunicação de meu amigo recompensa amplamente o lado defeituoso que assinalo.

O homem não foi feito para permanecer um instrumento ininteligente de produções: por suas aptidões e seu lugar na criação, por seu destino, é chamado a uma outra função que a da máquina, a um outro papel que o de um cavalo astucioso; deve, nos limites postos por seu estado de adiantamento, chegar a produzir cada vez mais intelectualmente e *se* emancipar, enfim, desse estado de servidão e de máquina ininteligente, ao qual durante tantas gerações permaneceu escravizado. O operário está chamado a se tornar engenhoso, e a ver substituir seu braço laborioso por máquinas mais ativas, mais infatigáveis e mais precisas do que ele; o artesão deve tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço de seu pensamento e não mais por um esforço de seus braços. Aí está a prova irrecusável dessa lei tão ampla do progresso, que rege todas as humanidades.

Agora que vos é permitido entrever, por uma escapada sobre a vida futura, a verdade dos destinos humanos; agora que estais convencidos de que esta existência não é senão um elo de vossa vida imortal, posso bem exclamar: Que importa que cem mil indivíduos sucumbam quando uma máquina é descoberta para fazer o trabalho desses cem mil indivíduos! Para o filósofo, que se eleva acima dos preconceitos e dos interesses terrestres, esse fato prova unicamente que o homem não estava mais em seu caminho quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência. Com efeito, é no campo de sua inteligência que o homem, doravante, deve fazer passar a grade da charrua que fecunda; será só pela sua inteligência que poderá, que deverá chegar ao melhor.

Não dai, eu vos peço, às minhas palavras, um sentido muito revolucionário; não! mas deixai-lhe seu sentido amplo e superior que comporta um ensino espírita que se dirige às inteligências já avançadas e prontas a compreenderem toda a importância de nossas instruções.

É constante que se, de hoje para amanhã, o artesão abandonasse o ofício que o faz viver, sob pretexto de que, num tempo dado, este será substituído por um mecanismo ou toda outra invenção, é constante que seguiria um caminho fatal e contrário a todas as lições que o Espiritismo deu.

Mas todas as nossas reflexões não têm senão um objetivo, é o de demonstrar que ninguém deve gritar contra um progresso que substitui os braços humanos pelos motores e as engrenagens de um mecanismo. De resto, é bom acrescentar que a Humanidade pagou seu largo resgate à miséria, e que, a instrução, penetrando cada vez mais todas as camadas sociais, cada indivíduo se torna cada vez mais apto às funções tão inteligentemente chamadas liberais.

É difícil para um Espírito, que se comunica pela primeira vez a um médium, exprimir bem nitidamente o seu pensamento; desculpareis, pois, o desordenado de minha comunicação, da qual eis a conclusão em duas palavras: O homem é um agente espiritual que deve chegar, num período não afastado, a abrandar ao seu serviço e por todas as operações materiais, a própria matéria, dando-lhe por único motor a inteligência que desabrocha nos cérebros humanos.

VAUCANSON.

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Annali dello Spiritismo in Itália
(Anais do Espiritismo na Itália).

Sob este título a Sociedade Espírita de Turim começou uma publicação mensal da qual recebemos os dois primeiros números. O objetivo eminentemente sério que se propõe essa sociedade, o talento e as luzes dos membros que dela fazem parte, fazem muito augurar da direção que será dada a esse novo órgão da Doutrina; graças a ele, e em razão de que é escrito em sua língua nacional, o Espiritismo fará seu caminho na Itália, onde já encontra tão numerosas simpatias. A sociedade e seu jornal ergueram claramente a bandeira da Sociedade de Paris. A passagem seguinte, traduzida do primeiro número, é uma espécie de profissão de fé que indica suficientemente o espírito que preside à redação.

"..... Que aquele, pois, que quiser se entregar ao estudo do Espiritismo comece, antes de tentar as experiências, por ler as obras que tratam da matéria, e por estudá-las atentamente, para não fazer como o viajante que, atravessando um país desconhecido, sem guia nem conselhos, se arrisca a cada passo se desviar; e uma vez que outros já aplainaram o caminho, a razão quer que se esclareça de seus estudos para aprender a maneira de distinguir os bons Espíritos dos maus, e para saber como se deve nisso se ligar para se livrar destes últimos, para não ser ludibriado por suas mentiras, nem vítima dos males que poderiam delas resultar.

Para esse efeito se recomendam, como da mais alta utilidade, as obras escritas em francês por um infatigável e sábio Espírita, o Sr. Allan Kardec, e nas quais não se sabe o que se deve mais louvar, da justiça das intenções, da altura da filosofia ou da clareza da dicção. Entre essas obras, as principais e as primeiras a ler são *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns.* No primeiro se encontra a teoria filosófica revelada, assim como o afirma o autor, pelos Espíritos superiores, e no segundo um tratado completo da prática do Espiritismo e da maneira de adquirir, se for possível, a faculdade medianímica.

"Mas nem uma nem a outra dessas obras estão ainda traduzidas para o italiano, e quando mesmo poderiam, em seu texto, serem abordadas por todo o mundo, sua extensão seria um obstáculo para muitos. O próprio autor sentiu essa dificuldade; foi por isso que resumiu a parte mais essencial de *O Livro dos Espíritos* num opúsculo intitulado: *O Espiritismo em sua mais simples expressão,* o qual foi traduzido para nossa língua e publicado em Turim. Esta tradução fez, pode-se dize-lo, a volta da península inteira, e dela foi vendido um grande número de exemplares em todas as cidades da Itália.

"Mas como o autor não fez um resumo de *O Livro dos Médiuns,* e na espera de que esse livro completo possa ser traduzido em italiano, tivemos a idéia de publicá-lo em resumo que, se não se pode comparar ao do Sr. Allan Kardec, contém pelo menos as principais advertências que são de primeira necessidade para aqueles que têm a intenção de se aplicar ao estudo do Espiritismo prático; bastará, nós o esperamos, para indicar o caminho que é preciso seguir para triunfar ao se pôr em relação com os bons Espíritos, e a afastar os Espíritos inferiores e perversos.

"O Espiritismo, estudado com pureza de sentimento, pode se tornar a fonte das mais doces consolações para todos os homens de bem e desejosos do progresso."

Um novo jornal acaba de aparecer em Bordeaux, sob o título de: *o Salvador dos Povos, jornal do Espiritismo, propagador da unidade fraterna.* Diretor-geral, A. LEFRAISE.

Aparece todas as semanas. - Este título promete muito e impõe grandes obrigações, porque hoje não basta mais a etiqueta. Disso falaremos quando tivermos podido apreciar a matéria da qual o justificará. Se vem trazer uma pedra útil ao edifício, se vem, como o disse, unir em lugar de dividir, se a verdadeira caridade de palavras e de ação é seu guia para com seus irmãos em crença, se a polêmica cornos adversários de nossa Doutrina não se afaste dos limites da moderação e de uma leal discussão, será bem-vindo, e ficaremos felizes de encorajá-lo e de apoiá-lo.

Uma nova obra do Sr. Allan Kardec, do mesmo volume em torno de *O Livro dos Espíritos,* está no prelo desde o fim de dezembro; ela deveria aparecer em fevereiro, mas os atrasos involuntários na impressão, e os cuidados que esta exige, não o permitiram. Tudo nos faz esperar que poderemos anunciá-la posta à venda no próximo número. E destinada a substituir a obra anunciada sob o título: *As vozes do mundo invisível,* e da qual o plano primitivo foi radicalmente mudado.

NECROLOGIA. Sr.
P.-F. Matthieu,

Antigo farmacêutico-em-chefe do exército, membro de várias Sociedades de sábios.

O Sr. Matthieu, morto em 12 de fevereiro de 1864, era muito conhecido no mundo espírita parisiense, onde freqüentava diversas reuniões nas quais tomava uma parte ativa. Ocupou-se com os fenômenos espíritas desde a sua origem; nós o conhecemos na época em que fazíamos nossos primeiros trabalhos preliminares. A natureza de seu espírito levava-o à dúvida, e muito tempo depois dele mesmo ter experimentado com a ajuda da prancheta, recusava-se a nisso reconhecer a ação dos Espíritos. Depois, suas idéias tendo se modificado, e mesmo, nos últimos tempos, não se mostrava mais tão radicalmente contrário à reencarnação. O Sr. Matthieu não admitia senão dificilmente, e depois de muito tempo, o que não estava em suas idéias; mas esse não era um adversário sistemático, e, se bem que não partilhasse inteiramente as doutrinas de *O Livro dos Espíritos,* devemos fazer-lhe essa justiça de que, em sua polêmica, jamais se afastou dos limites de uma perfeita conveniência. Sua doçura e a honradez de seu caráter fizeram-no estimar e lamentar por todos aqueles que o conheceram. Morreu num momento em que vinha de colocar a última mão numa importante obra sobre os convulsionários, que os Srs. Didier e Cie. acabam de editar.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO **NO. 4** **ABRIL 1864**

BIBLIOGRAFIA

À VENDA:

IMITAÇÃO DO EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO (1-)

(1) Um grande vol. in-12. Casa Srs. Didier e Cie., 35, cais dos Grands-Augustins; Ledoyen, no Palais-Royal, e no escritório da *Revista Espírita,* Preço: 3 fr. 50 c.).

Contendo: a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo, e sua aplicação às diversas posições da vida.

Por ALLAN KARDEC,

Com esta epígrafe: "Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade."

Abstemo-nos de toda reflexão sobre esta obra, nos limitando a extrair da introdução a parte que lhe indica o objetivo.

"Podem-se dividir as matérias contidas nos Evangelhos em quatro partes: Os *atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as predições, o ensino moral.* Se as três primeiras partes foram objeto de controvérsia, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se inclina; é o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque ela jamais foi o objeto de disputas religiosas, sempre e por toda a parte levantadas pelas questões de dogmas; discutindo-as, aliás, as seitas aí teriam encontrado a sua própria condenação, porque a maioria está mais ligada à parte mística, do que à parte moral que exige a reforma de si mesmo. Para os homens em particular é uma regra de conduta abarcando todas as circunstâncias da vida privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça; é, enfim, e acima de tudo, *a* rota infalível da felicidade futura, um canto do véu levantado sobre a vida futura. É esta parte que se faz o objeto exclusivo desta obra.

'Todo o mundo admira a moral evangélica; cada um lhe proclama a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem em confiança, sobre o que ouviram dizer, ou sobre a fé em algumas máximas que se tornaram proverbiais; mas poucos a conhecem a fundo, menos ainda a compreendem e sabem deduzir-lhe as conseqüências. A razão disso está em grande parte na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, ininteligível para a maioria. A forma alegórica, o misticismo intencional da linguagem, fazem com que a maior parte o leiam para descargo de consciência e por dever, como lêem as preces sem compreendê-las, quer dizer, sem fruto. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, confundidos na massa dos outros relatos, passam desapercebidos; torna-se, então, impossí-

vel apreender-lhe o conjunto, e dele fazer objeto de uma leitura e de uma meditação separadas.

"Fizeram-se, é verdade, tratados de moral evangélica, mas o arranjo em estilo literário moderno lhes tira a ingenuidade primitiva que, ao mesmo tempo, lhes deu o encanto e a autenticidade. Ocorre o mesmo com as máximas destacadas, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; não são mais, então, senão aforismos que perdem uma parte de seu valor e de seu interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias nas quais foram dadas.

"Para obviar esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de culto; nas citações conservamos tudo o que era útil ao desenvolvimento do pensamento, não podando senão as coisas estranhas ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, assim como a divisão por versículos. Mais em lugar de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real num semelhante assunto, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente segundo a sua natureza, de maneira que, tanto quanto possível, se deduzam uma das outras. A chamada dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite_ recorrer à classificação vulgar, julgando-se oportuno.

"Não estivesse aí senão um trabalho material sozinho, não teria sido senão de uma utilidade secundária; o essencial era colocá-lo ao alcance de todos, pela explicação das passagens obscuras, e o desenvolvimento de todas as conseqüências tendo em vista a aplicação às diferentes posições da vida. Foi o que tentamos fazer com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

"Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sacros em geral, não são ininteligíveis, muitos mesmo não parecem irracionais, senão por falta da chave para compreender-lhes o verdadeiro sentido; esta chave está inteiramente no Espiritismo, assim como já se puderam *se* convencer disso aqueles que o estudaram seriamente, e assim como se o reconhecerá melhor ainda mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda a parte na antigüidade e em todas as épocas da Humanidade; por toda a parte dele se encontram os traços nos escritos, nas crenças, e sobre os monumentos; é por isso que, se abrem horizontes novos para o futuro, lança uma luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

"Como complemento de cada preceito, juntamos algumas instruções escolhidas entre aquelas que nos foram ditadas pelos Espíritos em diversos países, e por intermédio de diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem saído de uma fonte única, teriam podido sofrer uma influência pessoal ou a do meio, ao passo que a diversidade de origens prova que *os* Espíritos dão seus ensinos por toda a parte, e que ninguém tem privilégio sob esse aspecto.

"Esta obra é para o uso de todo o mundo; cada um pode nela haurir os meios de conformar a sua conduta à moral do Cristo. Os Espíritas nela encontrarão outras aplicações que lhes concernem mais especialmente. Graças às comunicações estabelecidas doravante de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica ensinada em todas as nações pelos próprios Espíritos, não será mais uma letra morta, porque cada um a compreenderá, e será incessantemente solicitado a pô-la em prática, pelos conselhos de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens, e convidá-los *à imitação* do Evangelho."

AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA.

Controle universal do ensinamento dos Espíritos.

Já afloramos esta questão em nosso número anterior, a propósito de um artigo especial (da perfeição dos seres criados); mas ela é de uma tal gravidade, tem conseqüências de tal modo importantes para o futuro do Espiritismo, que acreditamos dever tratá-la de maneira completa.

Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, ela não teria por garantia senão as luzes daquele que a tivesse concebido; ora, ninguém nesse mundo poderia ter a pretensão fundada de possuir sozinho a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelavam tivessem se manifestado a um único homem, nada lhe garantiria a origem, porque seria crer sob palavra em quem dissesse ter recebido seu ensinamento. Admitindo-se de sua parte uma perfeita sinceridade, no máximo poderia convencer as pessoas que o acompanham; poderia ter sectários, mais não chegaria jamais a reunir todo o mundo.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica, foi por isso que encarregou os Espíritos de irem levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado, pode-se enganar a si mesmo; isso não poderia ser assim quando milhões de homens vêem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Aliás, pode-se fazer desaparecer um homem, não se fazem desaparecer as massas; podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos; ora, queimem-se todos os livros, a fonte da doutrina por isso não seria menos inesgotável, por isso mesmo que ela não está sobre a Terra, que surge por toda a parte, e que cada um pode hauri-la. À falta de homens para difundi-la, haverá sempre os Espíritos que atingem todo o mundo e que ninguém pode atingir.

Em realidade, são, pois, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda dos inumeráveis médiuns que suscitam de todos os lados. Se não tivesse tido senão um único intérprete, embora favorecido que fosse, o Espiritismo seria dificilmente conhecido; o próprio intérprete, a qualquer classe que pertencesse, teria sido objeto de prevenções da parte de muitas pessoas; todas as nações não o teriam aceito, ao passo que os Espíritos, se comunicando por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos; o Espiritismo não tem nacionalidade; está fora de todos os cultos particulares; não é imposto por nenhuma classe da sociedade, uma vez que cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Seria preciso que isso fosse assim para que pudesse chamar todos os homens à fraternidade; se ele não estivesse colocado num terreno neutro, teria mantido dissenções ao invés de acalmá-las.

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo que a voz de um único homem, mesmo com o recurso da imprensa, empregaria séculos antes de chegar ao ouvido de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente sobre todos os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem da qual não goza nenhuma das doutrinas que apareceram até hoje. Se, pois, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem os transtornos físicos do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas esta não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; o Espiritismo nisso encontra uma garantia poderosíssima contra os cismas que poderiam suscitar, seja a ambição de alguns, seja as contradições de certos Espíritos. Essas contradições, seguramente, são um escolho que leva em si o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em conseqüência da diferença que existe em suas capacidades, estão longe de estar individualmente de posse de toda a verdade; que não é da-

do a todos penetrar certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares dela não sabem mais que os homens, e menos do que certos homens; que há entre eles, como entre estes últimos, os presunçosos e os pseudo-sábios que crêem saber o que não sabem; os sistemáticos que tomam suas idéias pela verdade; enfim, que os Espíritos de ordem mais elevada, aqueles que estão completamente desmaterializados, são os únicos despojados das idéias e dos preconceitos terrestres; mas sabe-se também que os Espíritos enganadores não fazem escrúpulo de se abrigarem sob nomes emprestados, para fazer aceitar as suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensinamento exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter, têm um caráter individual sem autenticidade; que elas devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou tal Espírito, e que haveria imprudência em aceitá-las e promulgá-las levianamente como verdade absolutas.

O primeiro controle, sem contradita, é o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que se possui, por respeitável que seja o nome assinado, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, em conseqüência da insuficiência das luzes de certas pessoas, e da tendência de muitos em tomar seu próprio julgamento por único árbitro da verdade. Em semelhante caso, que fazem os homens que disso não têm, em si mesmos, uma confiança absoluta? Tomam a opinião da maioria, e a opinião da maioria é seu guia. Assim, deve-se estar em guarda a respeito do ensino dos Espíritos, que disso eles mesmos nos fornecem os meios.

A concordância no ensino dos Espíritos é, pois, o melhor controle; mas é preciso ainda que ela ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga, ele mesmo, vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é muito evidente que, se estiver sob o domínio de uma obsessão, e se tem negócio com um Espírito enganador, esse Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há, não mais, uma garantia suficiente na conformidade que se possa obter pelos médiuns de um único centro, porque podem sofrer a mesma influência. *A única garantia séria está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos países.* Concebe-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas do que se ligue aos próprios princípios da Doutrina. A experiência prova que, quando um princípio novo deve receber a sua solução, ele é ensinado *espontaneamente* sobre diferentes pontos ao mesmo tempo, e de maneira idêntica, senão pela forma, ao menos pelo fundo. Se, pois, apraz a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente sobre as suas idéias e fora da verdade, pode-se estar certo de que esse sistema ficará *circunscrito,* e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por todas outras partes, assim como isso já ocorreu em vários exemplos. Foi esta unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais eclodidos na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos quando formulamos um princípio da Doutrina; não é porque ele está segundo as nossas idéias que o damos como verdadeiro; não nos colocamos de nenhum modo como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: "Crede em tal coisa, porque o dizemos." Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, senão uma opinião pessoal que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que um outro. Não é, não mais, porque um princípio nos é ensinado que seja para nós a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, procurar-se-á o critério da verdade. O que fez o sucesso da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em O *Livro dos*

Médiuns, é que, por toda a parte, cada um pode receber diretamente dos Espíritos a confirmação daquilo que encerram. Se, de todas as partes, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros teriam depois de muito tempo sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas. O próprio apoio da imprensa não os teria salvo do naufrágio, ao passo que, privados desse apoio, por isso não deixaram de fazer um caminho rápido, porque tiveram o dos Espíritos cuja boa vontade compensou, e além, a má vontade dos homens. Assim o será com todas as idéias emanadas dos Espíritos ou dos homens, que não puderem suportar a prova desse controle, do qual ninguém pode contestar o poder.

Suponhamos, pois, que agrade a certos Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário: suponhamos mesmo que, numa intenção hostil, e tendo em vista desacreditar a Doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas, que influência poderiam ter esses escritos se são desmentidos, de todos os lados, pelos Espíritos? É da adesão destes últimos que é preciso se assegurar antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um único ao de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem mesmo todos os argumentos dos detratores sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, partidas do espaço, vêm de todos os pontos do globo, e no seio de cada família, atacá-los vivamente? A experiência, sob este aspecto, já não confirmou a teoria? Que se tornaram todas essas publicações que deveriam, supostamente, aniquilar o Espiritismo? Qual é aquela que dele somente deteve a marcha? Até este dia não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais sérios, sem contradita; cada um contou consigo mesmo, mas sem contar com os Espíritos.

Ressalta disto tudo uma verdade capital, é que quem quisesse se colocar como obstáculo da corrente de idéias estabelecida e sancionada, poderia bem causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, e ainda menos no futuro.

Além disso disto ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da Doutrina não elucidados ainda, não poderiam fazer lei, enquanto estiverem isolados; que elas não devem, por conseqüência, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade de levar à sua publicação a maior prudência; e, no caso em que se cresse dever publicá-las, importa de não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas tendo, em todos os casos, necessidade de confirmação. É essa confirmação que é preciso esperar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quer ser acusado de leviandade ou credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem, em suas revelações, com uma extrema sabedoria; não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender as verdades de ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova. É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda não disseram tudo hoje, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas, que querem colher os frutos antes de sua maturidade. Seria, pois, supérfluo querer anteceder o tempo assinalado a cada coisa pela Providência, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam positivamente seu concurso; mas os Espíritos levianos, pouco se importando com a verdade, respondem a tudo; é por esta razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o fato de uma teoria pessoal, mas a conseqüência forçada das condições nas quais os Espíritos se manifestam. É bem evidente que, se um Espírito disse uma coisa de um lado, ao passo que milhões de Espíritos dizem o contrário em outra parte, a presunção de verdade não pode estar para aquele que está só, ou quase, em sua opinião; ora, pretender ter a única razão contra todos, seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não decidem *jamais* de

maneira absoluta; declaram não tratá-la senão no seu ponto de vista, e eles mesmos a-conselham esperar-se a sua confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma idéia, é impossível que ela una, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a conseqüência inevitável do movimento que se opera; são mesmo necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e é útil que ocorram no começo, para que as idéias falsas sejam mais prontamente gastas. Os Espíritas que concebam algumas delas, tementes devem, pois, estar perfeitamente tranqüilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas diante do grande e poderoso critério do controle universal. Não é à opinião de um homem que se unirá, é à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *não mais nós do que um outro,* que fundará a ortodoxia espírita; não será, não mais, um Espírito vindo se impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos se comunicando sobre toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita; aí está a sua força, aí está a sua autoridade. Deus quis que a sua lei se assentasse sobre uma base inabalável, foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um único homem.

Será diante desse poderoso areópago, que não conhece nem os grupos, nem as rivalidades invejosas, nem as seitas, nem as nações, que virão se quebrar todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; que nos quebraríamos nós mesmos se quiséssemos substituir as nossas próprias idéias aos seus decretos soberanos; só ele decidirá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências, e dará razão ou não a quem de direito. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do céu,* que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no Oceano, menos que a voz da criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, pois, o juiz supremo, aquele que decide em última instância; ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, não tem senão seu peso relativo na balança; se é falsa, não pode se impor sobre todas as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, e está aí um novo fracasso para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se desenha; ora, este século não passará se não o o-cupar com todo o seu brilho, de maneira a fixar todas as incertezas; porque aqui e lá vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir para unir os homens sob a mesma bandeira, desde que o campo esteja suficientemente lavrado. A espera disso, a-quele que flutuar entre dois sistemas opostos, poderá observar em que sentido se forma a opinião geral; é o indício certo do sentido no qual se pronuncia a maioria dos Espíritos sobre os diversos pontos onde se comunicam; é um sinal não menos certo daquele dos dois sistemas que se imporá.

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPIRITAS.

Esta instrução foi feita sobretudo tendo em vista as pessoas que não possuem nenhuma noção do Espiritismo, e às quais se quer dele dar uma idéia sucinta em poucas palavras. Nos grupos ou reuniões espíritas, onde se encontrem assistentes novatos, ela pode utilmente servir de preâmbulo às sessões, segundo as necessidades.

As pessoas estranhas ao Espiritismo, não lhe compreendendo nem os objetivos nem os meios, quase sempre, fazem dele uma idéia completamente falsa. O que lhes falta, sobretudo, é o conhecimento do princípio, a chave primeira dos fenômenos; na falta disso, o que vêem e o que ouvem é sem proveito, e mesmo sem interesse, para elas. Há um fato adquirido pela experiência, é que só a visão ou o relato dos fenômenos não basta para convencer. Aquele mesmo que é testemunha de fatos capazes de confundi-lo, é mais espantado do que convencido; quanto mais o efeito lhe parece extraordinário, mais o suspeita. Um estudo preliminar sério é o único meio de conduzir à convicção; freqüente-

mente mesmo ele basta para mudar inteiramente o curso das idéias. Em todos os casos, ele é indispensável para a compreensão dos fenômenos mais simples. À falta de uma instrução completa, que não pode ser dada em algumas palavras, um resumo sucinto da lei que rege as manifestações bastará para fazer encarar a coisa sob a sua verdadeira luz, para as pessoas que nela não estão ainda iniciadas. É esse primeiro degrau que damos na pequena instrução adiante. No entanto, uma observação preliminar é necessária.

A propensão dos incrédulos, geralmente, é suspeitar da boa fé dos médiuns, e de supor o emprego de meios fraudulentos. Além de que, ao olhar de certas pessoas, essa suposição é injuriosa, é preciso, antes de tudo, se perguntar qual interesse poderiam ter em enganar e em desempenhar, ou fazer desempenhar, a comédia. A melhor garantia da sinceridade está no desinteresse absoluto, porque ali onde não há nada a ganhar, o charlatanismo não tem razão de ser.

Quanto à realidade dos fenômenos, cada um pode constatá-la, colocando-se nas condições favoráveis e se leva à observação dos fatos a paciência, a perseverança e a imparcialidade necessárias.

1. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.

2. Os Espíritos não são, como se pensa freqüentemente, seres à parte na criação; são as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros mundos. As almas ou Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; de onde se segue que quem crê na existência da alma, crê, por isso mesmo, na dos Espíritos.

3. Geralmente, faz-se um idéia muito falsa do estado dos Espíritos; estes não são, como alguns o crêem, seres vagos e indefinidos, nem chamas como os fogos fátuos, nem fantasmas como nos contos de assombrações. São seres semelhantes a nós, tendo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível no estado normal.

4. Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, ela tem um duplo envoltório: um pesado, grosseiro e destrutível que é o corpo; o outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito.* O perispírito é o laço que une a alma e o corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir, e que percebe as sensações sentidas pelo corpo.

5. A morte não é senão a destruição do envoltório grosseiro; a alma abandona esse envoltório, como se despe de uma roupa usada, ou como a borboleta deixa a sua crisálida; mas ela conserva o seu corpo fluídico ou perispírito.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui *o homem; a* alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado *Espírito.*

6. A morte do corpo livra o Espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer; uma vez livre desse fardo, não há mais do que seu corpo etéreo, que lhe permite percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento.

7. O fluido que compõe o perispírito penetra todos os corpos, e os atravessa como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria lhe faz obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram por toda a parte, nos lugares o mais hermeticamente fechados; é uma idéia ridícula crer que se introduzem por uma pequena abertura, como o buraco de uma fechadura ou o tubo da chaminé.

8. Os Espíritos povoam o espaço; constituem o mundo invisível que nos cerca, no meio do qual vivemos, e com o qual, sem cessar, estamos em contato.

9. Os Espíritos têm todas as percepções que tinham sobre a Terra, mas em um grau mais alto, porque as suas faculdades não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não permitem nem ver nem ouvir. Para eles não há obscuridade, salvo aqueles cuja punição é estar temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos repercutem ne-

les, e os lêem como num livro aberto; de sorte que o que poderíamos responder a alguém quando vivo, não o poderemos mais desde que seja Espírito.

10. Os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham sobre a Terra; se comprazem em retornar àqueles que amaram, sobretudo quando a eles são atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos que lhes têm, ao passo que são indiferentes por aqueles que não têm senão da indiferença.

11. Os Espíritos podem se manifestar de muitas maneiras diferentes: pela visão, pela audição, pelo toque, pelos ruídos, ou movimento dos corpos, a escrita, o desenho, a música, etc. Eles se manifestam por intermédio de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada gênero de manifestação, e que se distinguem sob o nome de médiuns. É assim que se distinguem os médiuns videntes, falantes, auditivos, sensitivos, de efeitos físicos, desenhistas, tiptólogos, escreventes, etc. Entre os médiuns escreventes há variedades numerosas, segundo a natureza das comunicações que são aptos a receber.

12. O perispírito, embora invisível para nós no estado normal, por isso não é menos matéria etérea. O Espírito pode, em certos casos, fazê-lo sofrer uma espécie de modificação celular que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário do que aquele do vapor que é invisível quando é muito rarefeito, e que se torna visível quando está condensado.

Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, quase sempre, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer.

13. É com ajuda de seu perispírito que o Espírito atua sobre o seu corpo vivo; é ainda com esse mesmo fluido que se manifesta agindo sobre a matéria inerte, que produz do ruídos, os movimentos das mesas e outros objetos que levanta, tomba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente considerando-se que, entre nós, os mais possantes motores se acham nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer se manifestar, serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apodera, que faz agir como se fosse seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele.

14. É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la mover-se sem significação determinada, seja para fazê-la bater golpes inteligentes indicando as letras do alfabeto, para formar as palavras e as frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia.* A mesa não é aqui senão um instrumento do qual se serve, como o faz do lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea pelo fluido do qual a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, em sua emoção, vendo se manifestar um ser que lhe é caro, abraçam a mesa, fazem um ato ridículo, porque é absolutamente, como se elas abraçassem o bastão do qual um amigo se serve para bater as pancadas. Ocorre o mesmo com aquelas que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, e como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações ocorrem por esse meio, é preciso se representar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, tal qual era quando vivo, e tal qual seria visto se, nesse momento, pudesse se tornar visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela escrita; ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo a sua mão, ou transmitindo-lhe o seu pensamento por uma corrente fluídica.

Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de seu braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o faz o ar para os balões e os papagaios de papel. O fluido com a qual ela está penetrada lhe dá, momentaneamente, uma leveza específica maior. Quando ela está pregada ao solo, está num caso análogo ao da campânula pneumática sob a qual se faz o vácuo. Estas não são aqui senão

comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a semelhança absoluta das causas.

Compreende-se, segundo isso, que não é mais difícil ao Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, de transportar um objeto de um lugar a um outro, ou de lançá-lo em qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode permanecer tranqüilamente no mesmo lugar, mas que lhe dá o impulso por uma corrente fluídica com a ajuda da qual faz movê-la à sua vontade.

Quando pancadas se fazem ouvir na mesa ou noutra parte, o Espírito não bate nem com sua mão, nem com um objeto qualquer; ele dirige sobre o ponto de onde parte o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica, como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

15. Pode-se ver, por estas poucas palavras, que as manifestações espíritas, de qualquer natureza que sejam, não têm nada de sobrenatural nem de maravilhoso. Esses são fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível, lei toda tão natural quanto as da eletricidade, da gravidade, etc. O Espiritismo é a ciência que nos faz conhecer essa lei, como a mecânica nos faz conhecer a lei do movimento, a ótica a da luz. Estando as manifestações espíritas na Natureza, produziram-se em todas as épocas; sendo conhecida a lei que as rege, explica-nos uma multidão de problemas considerados como insolúveis; é a chave de uma multidão de fenômenos explorados e ampliados pela superstição.

16. Estando o maravilhoso completamente descartado, esses fenômenos nada têm mais que repugne a razão, porque vêm tomar lugar ao lado dos outros fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância, todos os efeitos dos quais não se conhecia a causa, eram reputados sobrenaturais; as descobertas da ciência restringiram sucessivamente o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei veio reduzi-lo a nada. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso, provam, por isso mesmo, que falam de uma coisa que não conhecem.

17. Uma idéia quase geral entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo é de crer que os Espíritos, só pelo fato de estarem livres da matéria, devem tudo saber e possuir a soberana sabedoria. Está aí um erro grave. Deixando o seu envoltório corpóreo, eles não se despojam imediatamente de suas imperfeições; não é senão com o tempo que se depuram e se melhoram.

Sendo os Espíritos as almas dos homens, como há homens de todos os graus de saber e de ignorância, dê bondade e de maldade, encontra-se a mesma coisa entre os Espíritos. Há deles que não são senão levianos e traquinas, outros são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus, vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber num grau desconhecido sobre a Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, porque explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem; é *a* distingui-las que é preciso sobretudo se empenhar.

Disso resulta que não basta se dirigir a um Espírito qualquer para ter uma resposta justa a toda pergunta; porque o Espírito responderá segundo o que sabe, e, freqüentemente, não dará senão a sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa. Se for sábio, confessará a sua ignorância sobre o que não sabe; se for leviano ou mentiroso, responderá sobre tudo sem se importar com a verdade; dará sua idéia como uma verdade absoluta. Foi por isso que São João o evangelista disse: *"Não creiais em todo Espírito, mas experimentai se os Espíritos são de Deus."* A experiência prova a sabedoria deste conselho. Haveria, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos.

Os Espíritos não podem responder senão sobre aquilo que sabem, e, além disso, sobre o que lhes é permitido dizer, porque há coisas que não devem revelar, porque não é dado ainda aos homens tudo conhecerem.

18. Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de toda trivialidade, puerilidade ou contradição; ela respira a sabedoria, a benevolência e a modéstia; é concisa e sem palavras inúteis. A dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos carece dessas qualidades; o vazio das idéias nela é quase sempre compensado pela abundância das palavras.

19. Um outro ponto igualmente essencial a considerar é que os Espíritos são livres; comunicam-se quando querem, a quem lhes convém, e também quando o podem, porque têm as suas ocupações. Não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e não é dado a ninguém fazê-los vir contra a sua vontade, nem fazê-los dizer o que querem calar; de sorte que ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá ao seu chamado num momento determinado, ou responderá a tal ou a tal questão. Dizer o contrário é provar ignorância absoluta dos princípios mais elementares do Espiritismo; só o charlatanismo tem fontes infalíveis.

20. Os Espíritos são atraídos pela simpatia, a semelhança dos gostos e dos caracteres, a intenção que faz desejar sua presença. Os Espíritos superiores não vão mais à reuniões fúteis do que um sábio da Terra não iria a uma assembléia de jovens estouvados. O simples bom senso nos diz que isso não pode ser de outro modo; ou, se ali vão algumas vezes, é para dar um conselho salutar, combater os vícios, tratar de conduzir no bom caminho; se não são escutados, retiram-se. Seria ter uma idéia completamente falsa crer que os Espíritos sérios possam se comprazem em responder a futilidades, a questões ociosas que não provam nem ligam, nem respeito por eles, nem desejo real de se instruir, e ainda menos que possam vir se dar em espetáculo para *a* diversão dos curiosos. Não o tivessem feito de sua vida não podem fazê-lo depois de sua morte.

21. Do que precede, resulta que toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e recolhida; que tudo nela deve se passar respeitosamente, religiosamente, e com dignidade, querendo-se obter o concurso habitual dos bons Espíritos. Não é preciso esquecer que se esses mesmos Espíritos ali estivessem presentes quando vivos, teriam tido por eles considerações aos quais têm ainda mais direito depois de sua morte.

Em vão alegue-se a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas para convencer os incrédulos: é a um resultado todo oposto que se chega. O incrédulo, já levado a zombar das crenças mais sagradas, não pode ver uma coisa séria naquilo que se faz um gracejo; não pode ser levado a respeitar o que não lhe é apresentado de maneira respeitável; também, as reuniões fúteis e levianas, daquelas onde não há nem ordem, nem seriedade, nem recolhimento, ele leva sempre uma impressão má. O que pode sobretudo convencê-lo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara; é diante de suas palavras sérias e solenes, é diante das revelações íntimas que se o vê comover-se e empalidecer. Mas, por isso mesmo que ele tem mais respeito, veneração, apego para a pessoa cuja alma se lhe apresenta, fica chocado, escandalizado de vê-la vir a uma assembléia sem respeito, num meio de mesas que dançam e das chocarrices dos Espíritos levianos; todo incrédulo que seja, sua consciência repele essa aliança do sério e do frívolo, do religioso e do profano, é por isso que ele tacha tudo isso de malabarismo, e, freqüentemente, sai menos convencido do que não estava ao entrar.

As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal do que bem, porque afastam da Doutrina mais pessoas do que para ela não trazem, sem contar que elas oferecem flanco à crítica dos detratores que nelas encontram os motivos fundados de zombaria.

22. É errado que se faça um jogo das manifestações físicas; se elas não têm a importância do ensino filosófico, têm sua utilidade, do ponto de vista dos fenômenos, porque

são o alfabeto da ciência da qual dão a chave. Embora menos necessárias hoje, ajudam ainda a convicção de certas pessoas. Mas não excluem, de nenhum modo, a ordem e a boa atitude nas reuniões onde se as experimenta; se fossem sempre praticadas de maneira conveniente, convenceriam mais facilmente e produziriam, sob todos os aspectos, bem melhores resultados.

23. Essas explicações, sem dúvida, são muito incompletas e podem, necessariamente, provocar numerosas perguntas, mas não é preciso perder de vista que este não é um curso de Espiritismo. Tais como são, elas bastam para mostrar a base sobre a qual repousa, o caráter das manifestações e grau de confiança que podem inspirar segundo as circunstâncias.

Quanto à utilidade das manifestações, ela é imensa, por suas conseqüências; mas não tivessem por resultado senão de fazer conhecer uma nova lei da Natureza, de demonstar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, seria já muito, porque este seria um largo caminho aberto à filosofia.

CORRESPONDÊNCIA.

Sociedades d'Anvers e de Marseille.

Anvers, 27 de fevereiro de 1864.

Caro mestre, temos a honra de vos informar que acabamos de constituir, em Anvers, uma nova sociedade sob a denominação de: *Círculo espírita, amor e caridade.*

Como o vereis pelo art. *2*- do regulamento, nos colocamos sob o patrocínio da sociedade central de Paris, assim como sob a vossa. Declaramos em conseqüência nos unirmos à doutrina emitida em *O Livro dos Espíritos* e em O *Livro dos Médiuns.*

Temos a firme vontade de nos manter no caminho dos verdadeiros Espíritas; é vos dizer que a caridade é o objetivo principal de nossas reuniões. A fim de que estejais bem convencido da sinceridade de nossos sentimentos, consenti em consultar o presidente espiritual de vossa sociedade; por fracos que tenham sido os nossos esforços até aqui, foram sinceros, e neste ponto de vista, temos a convicção de que não somos mais estranhos para ele.

Junto a esta, temos a satisfação de vos dirigir uma das comunicações obtidas em nosso círculo, por meio de um médium falante, a fim de que possais julgar de nossas tendências... etc.

Nota. - Esta carta é com efeito seguida de uma comunicação muito extensa que testemunha do bom caminho no qual está essa sociedade.

Recebemos, no mesmo sentido, uma da parte da sociedade espírita de Bruxelas.

Marseille, 21 de março de 1864.

Senhor Presidente, temos a felicidade de vos anunciar a formação de nossa nova sociedade que toma o título de: *Sociedade marselhesa de estudos espíritas, e* cuja autorização acaba de ser concedida pelo Sr. senador encarregado da administração do departamento de Bouches-du-Rhône.

Ajudados por vossos bons conselhos, caro mestre, faremos todos nossos esforços para caminhar nas pegadas de nossos irmãos de Paris, dos quais adotamos o regulamento para a ordem de nossas sessões. Colocando-nos sob o patrocínio da honorável Sociedade de Paris, inscreveremos, como ela, sobre a nossa bandeira: *Fora da caridade não há salvação.*

O Sr. doutor C..., nosso presidente, terá também a honra de vos escrever logo após a inauguração.

Nós vos pedimos, senhor, no interesse da causa, consentir em dar à nossa sociedade a publicidade que julgardes útil, a fim de reunir *os* adeptos sinceros.

Recebei, etc.

Já dissemos que, entre as sociedades espíritas que se formam, tanto na França quanto no estrangeiro, a maioria declara colocar-se sob o patrocínio da Sociedade de Paris. Todas as cartas que nos são dirigidas, a esse efeito, são concebidas no mesmo espírito daquelas acima. Essas adesões dão espontaneamente testemunho dos princípios que prevalecem entre os Espíritas, *e a* Sociedade de Paris não pode ser senão muito sensível a essas marcas de simpatia que provam a séria intenção de caminhar sob a mesma bandeira. Isto não é dizer que todas aquelas que não fizeram a declaração oficial seguem uma outra, longe disso; a correspondência que elas mantêm conosco é uma garantia suficiente de seus sentimentos e da boa direção de seus estudos. O número muito grande de reuniões, aliás, não têm o caráter de sociedades propriamente ditas, e não são elas, em grande parte, senão simples grupos. Fora das sociedades e dos grupos regulares, as reuniões de famílias, onde não se recebem senão os conhecimentos íntimos, são inumeráveis, e se multiplicam cada dia, sobretudo nas classes elevadas.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

Progressão do globo terrestre.

DITADO ESPONTÂNEO, FAZENDO PARTE DE UMA SÉRIE DE INSTRUÇÕES SOBRE A TEORIA DOS FLUIDOS.

(Paris, 11 de novembro de 1863. - Médium, senhorita A. C.)

A progressão de todas as coisas, necessariamente, conduz à *transubstanciação,* e a mediunidade espiritual é uma das forças da Natureza que a ela fará chegar mais depressa nosso planeta, porque deve, como todos os mundos, sofrer a lei do adiantamento e da transformação. Não só seu *pessoal humano,* mas todas as suas produções minerais, vegetais e animais, seus gases e seus fluidos imponderáveis, devem também se aperfeiçoar e se transformar em substâncias mais depuradas. A ciência, que já trabalhou essa questão tão interessante da formação do mundo, e reconheceu que não foi criado de uma palavra, assim como o disse a Gênese, numa sublime alegoria, mas que sofreu, durante uma longa seqüência de séculos transformações que produziram camadas minerais de diversas naturezas. Seguindo a gradação dessas camadas, vêem-se aparecer sucessivamente e se multiplicar as produções vegetais; acha-se mais tarde o traço dos animais, o que indica que só nessa época os corpos organizados tinham encontrado a possibilidade de ali viver.

Estudando a progressão dos seres animados, como se fez para os minerais e os vegetais, reconhece-se que esses seres, moluscos no início, elevaram-se gradualmente na escala animal, e que a sua progressão seguiu a das produções e da depuração do solo; nota-se, ao mesmo tempo, o desaparecimento de certas espécies, desde que as condições físicas necessárias à sua vida não existem mais. Assim é que, por exemplo os grandes sáurios, monstros anfíbios, e os mamíferos gigantes, dos quais não se acham mais senão só fósseis, desapareceram totalmente da Terra com as condições de existência que as inundações tinham criado para eles. Os dilúvios, sendo um dos meios de transformação da Terra, foram quase gerais; quer dizer que, durante um certo período, eles transtornaram o globo e trouxeram assim as produções vegetais e os fluidos atmosféricos

diferentes. O homem, do mesmo modo que todos os seres orgânicos, apareceu sobre a Terra, quando pôde encontrar nela as condições necessárias à sua existência.

Aí se detém a *criação material* pelas únicas forças da Natureza; aí começa o papel do Espírito encarnado no homem para o trabalho, porque ele deve concorrer à obra comum; deve, trabalhando por si mesmo, trabalhar para a melhoria geral. Também o vemos, desde as primeiras raças, cultivar a Terra, fazê-la produzir para suas necessidades corpóreas, e por aí levar a transformações no solo, em seus produtos, em seus gases e em seus fluidos. Quanto mais a Terra se povoa, mais os homens a trabalham, a cultivam, a saneiam, mais seus produtos são abundantes e variados; a depuração de seus fluidos conduz pouco a pouco ao desaparecimento de espécies vegetais e animais, venenosas e nocivas ao homem, que não podem mais existir num ar muito depurado e muito sutil para seu organismo, e não lhe fornece mais os elementos necessários à sua manutenção. O estado sanitário do globo está sensivelmente melhorado desde a sua origem; mas como deixa ainda muito a desejar, é o indício de que se melhorará ainda pelo trabalho e pela indústria do homem. Não é sem designo que este é levado a estabelecer-se nas regiões mais ingratas e mais insalubres; já tornou habitável regiões infestadas pelos animais imundos e os miasmas deletérios; pouco a pouco as transformações que faz o solo sofrer levarão à depuração completa.

Pelo trabalho, o homem aprende a conhecer e a digirir as forças da Natureza. Pode-se seguir, na história, o fio das descobertas e das conquistas do espírito humano, e a aplicação que delas fez em suas necessidades e em suas satisfações. Mas seguindo essa fieira, deve-se notar também que se desbastou, desmaterializou-se; e querendo-se fazer o paralelo do homem de hoje com os primeiros habitantes do globo, julgar-se-á do progresso já realizado; ver-se-á que quanto mais o homem progride, mais *é* excitado a progredir mais, e que a progressão está em razão do progresso realizado. Hoje o progresso caminha a grande velocidade e arrasta forçosamente os retardatários.

Acabamos de falar do progresso *físico, material, inteligente;* mas vejamos o progresso moral e a influência que deve ter sobre o primeiro.

O progresso moral desperta ao mesmo tempo que o desenvolvimento material, mas foi mais lento, porque o homem, encontrando-se no meio de uma criação toda material, tinha necessidade de aspirações em harmonia com o que o cercava. Avançando, sentiu *o espiritual* se desenvolver e crescer nele, e, ajudado pelas influências celestes, começou a compreender a necessidade da direção inteligente do Espírito sobre a matéria; o progresso moral continuou seu desenvolvimento, e, em diferentes épocas, Espíritos avançados vieram guiar a Humanidade, e dar um maior impulso à sua marcha ascendente; tais são Moisés, os profetas, Confúcio, os sábios da antigüidade e o Cristo, o maior de todos embora o mais humilde sobre a Terra. O Cristo deu ao homem uma idéia maior de seu próprio valor, de sua independência e de sua personalidade espiritual. Mas seus sucessores, sendo muito inferiores a ele, não compreenderam a idéia grandiosa que brilha em todos os seus ensinos; materializaram o que era espiritual; daí a espécie de *statu quo moral* no qual se deteve a Humanidade. O progresso científico e inteligente continua a sua marcha, o progresso moral se arrasta lentamente. Não é certo que, se depois do Cristo, todos aqueles que professaram a sua doutrina a tivessem praticado, os homens se teriam poupado de muitos males, e estariam hoje mais avançados moralmente?

O Espiritismo vem apressar este progresso, relevando à Humanidade terrestre os seus destinos, e já vemos a sua força pelo número de seus adeptos e a facilidade com a qual é compreendido. Vai trazer uma *transformação moral ativa,* e, pela multiplicidade das comunicações medianímicas, o coração e o Espírito de todos os encarnados serão trabalhados pelos Espíritos amigos e instrutores. Dessa instrução vai nascer um novo impulso científico, porque novos caminhos vão ser abertos à ciência que, dirigirá suas pesquisas para as novas forças da Natureza, que se revelam. As faculdades humanas que já se desenvolvem, se desenvolverão ainda mais pelo trabalho medianímico.

O Espiritismo, acolhido de início pelas almas ternas e inconsoláveis pela perda de seus parentes e amigos, o foi depois pelos infelizes deste mundo, cujo número é grande, e que foram encorajados e sustentados em suas provas por sua doutrina, ao mesmo tempo tão doce e tão fortalecedora; propagou-se assim rapidamente, e muitos incrédulos *espantados,* que o estudaram de início por curiosidade, foram *convencidos* quando nele encontraram, por si mesmos, esperanças e consolações.

Hoje os sábios começam a se emocionar, e alguns dentre eles o estudam seriamente, e o admitem como *força natural* desconhecida até o presente; aplicando-lhe sua inteligência, seus conhecimentos já adquiridos, farão dar um passo científico imenso à Humanidade.

Mas os Espíritos não se limitam à instrução científica; seu dever é duplo, e devem sobretudo cultivar o vosso moral. Ao lado dos estudos da ciência, vos farão, e vos fazem desde o presente, trabalhar o vosso *vós mesmos;* os encarnados inteligentes e desejosos de avançar, compreenderão que a sua desmaterialização é a melhor condição para o estudo progressivo, e que a sua felicidade presente e futura a isso está ligada.

Nota.-É assim que o mundo, depois de alcançar um certo grau de elevação no progresso intelectual, vai entrar no período do progresso moral, do qual o Espiritismo abre-lhe o caminho. Esse progresso se cumprirá pela força das coisas e conduzirá naturalmente à transformação da Humanidade, pelo alargamento do círculo das idéias no sentido espiritual, e pela prática inteligente e raciocinada das leis morais ensinadas pelo Cristo. A rapidez com a qual as idéias espíritas se propagam no próprio meio do materialismo que domina a nossa época, é o indício certo de uma pronta mudança na ordem das coisas; basta para isso a extinção de uma geração, porque já a que se levanta se anuncia sob todos os outros auspícios.

A IMPRENSA.

(Comunicação espontânea. - Sociedade Espírita de Paris, 19 de fevereiro de 1864. Médium, Sr. Leymarie.)

Foi no décimo-quinto século que foi inventada a imprensa. Como tantas outras conhecidas ou desconhecidas, foi preciso pegar o cálice e beber-lhe o fel. Não venho a vós, Espíritas, para vos contar meus dissabores ou meus sofrimentos; porque nesses tempos de ignorância e de tristeza, onde vossos pais tinham no peito esse pesadelo chamado feudalidade e uma teocracia cega e invejosa de seu poder, *todo homem de progresso tinha a cabeça supérflua.* Quero somente vos dizer algumas palavras a respeito de minha invenção, de seus resultados, e de sua afinidade espiritual convosco, com os elementos que fazem a vossa força expansiva.

A revolução mãe, a que levava em seus flancos o modo de expressão da Humanidade, o pensamento humano se despojando do passado, de sua casca simbólica, é a invenção da imprensa. Sob esse forma, o pensamento se mistura ao ar, se espiritualiza, será indestrutível; senhor dos séculos futuros, toma seu vôo inteligente para ligar todos os pontos do espaço, e desse dia, senhor da velha maneira de falar. Aos povos primitivos, eram necessários monumentos representando um povo, montanhas de pedra dizendo àqueles que sabem ver: eis a minha religião, minha lei, minhas esperanças, minha poesia.

Com efeito, a imprensa substitui o hieróglifo; sua linguagem é acessível a todos, seu aparato é leve; é que um livro não pede senão um pouco de papel, um pouco de tinta, algumas mãos, ao passo que uma catedral exige várias vidas de um povo e ouro em toneladas.

Aqui, permiti-me uma digressão. O alfabeto dos primeiros povos foi composto de quartos de rocha que o ferro não tinha tocado. As pedras levadas dos Celtas se encontram tanto na Sibéria quanto na América. Eram as lembranças humanas tornadas confu-

sas, escritas em monumentos duráveis. O Galgai hebreu, os crombels, os dolmens, os túmulos, exprimiram mais tarde palavras.

Depois vieram a tradição e o símbolo; esses primeiros monumentos não bastam mais, cria-se o edifício, e a arquitetura torna-se monstruosa; ela se fixou como um gigante, repetindo às gerações novas os símbolos do passado; tais foram os pagodes, as pirâmides, o templo de Salomão.

É o edifício que encerra o Verbo, essa idéia mãe das nações; sua forma, seu local representam todo um pensamento, e é por isso que todos os símbolos têm as suas grandes e magníficas páginas de pedras.

A maçonaria é a idéia escrita, inteligente, pertencente a esses homens que se uniram por um símbolo, tomando Iram por padrão e compondo essa franco-maçonaria tão desdenhada, que levou nela o germe de toda a liberdade. Ela soube semear seus monumentos e os símbolos do passado no mundo inteiro, substituindo a teocracia das primeiras civilizações pela democracia, esta lei da liberdade.

Depois dos monumentos teocráticos da índia e do Egito, vêm suas irmãs, as arquiteturas grega e romana, depois o estilo romano tão sombrio, representando o absoluto, a unidade, o sacerdote; as cruzadas nos trazem a ogiva, e o senhor quer partilhar, a espera do povo que saberá muito bem tomar seu lugar; a feudalidade vê nascer a comuna, e a face da Europa, muda, por que a ogiva destrona o romano; o pedreiro torna-se artista e poetiza a matéria; se dá o privilégio da liberdade na arquitetura, porque o pensamento não tinha então senão esse modo de expressão. Quantas sedições escritas também na fronte de nossos monumentos! E é por isso que os poetas, os pensadores, os deserdados, tudo o que era inteligente, cobriu a Europa de catedrais.

Vede-o, até o pobre Guttemberg, a arquitetura é a escrita universal; a seu turno, a imprensa derruba o gótico; a teocracia é o horror do progresso, a conservação mumificada dos tipos primitivos; a ogiva é a transição da noite ao crepúsculo onde cada um pode ler a pedra fácil de compreender; mas a imprensa é a luz completa, derrubando o manuscrito, pedindo um espaço maior que doravante ninguém poderá restringir.

Como o Sol, a imprensa fecundou o mundo com seus raios benfazejos; a arquitetura não representa mais a sociedade; ela será clássica e renascente, e esse mundo de artistas, divorciando-se do passado, faz rudes brechas nas teogonias humanas para seguir a rota traçada por Deus; deixa simples manobras aos movimentos da renascença para se fazer estatuária, pintor, músico; a força da harmonia se despende em livros, e já, no décimo-sexto século, ela é tão robusta, tão forte essa imprensa de Nuremberg, que é o acontecimento de um século literário; ela é ao mesmo tempo Lutero, Jean Goujon, Rousseau, Voltaire; entrega à velha Europa esse combate lento, mas seguro, que sabe reconstruir depois de ter destruído.

E agora que o pensamento está emancipado, qual é a força que poderia escrever o livro arquitetura! de nossa época? Todos os milhões de nosso planeta não saberiam a isso bastar, e ninguém saberá salientar o que é do passado e lhe pertença exclusivamente.

Sem desdenhar o grande livro da arquitetura, que é o passado e seu ensinamento, agradecemos a Deus que sabe, nas épocas próprias, colocar em nosso poder uma arma tão forte que se torna o pão do Espírito, a emancipação do corpo, o livre arbítrio do homem, a idéia comum a todos, a ciência, um *a, b, c,* que fecunda a terra em nos tornando melhores. Mas se a imprensa vos emancipou, a eletricidade vos fará verdadeiramente livre, será ela que destronará a imprensa de Guttemberg para colocar em vossas mãos um poder de outro modo temível, e isto será logo.

A ciência espírita, a salvaguarda da Humanidade, vos ajudará a compreender a nova força de que vos falo. Guttemberg, a quem Deus deu uma missão providencial, sem dúvida, fará parte da segunda, quer dizer, daquela que vos guiará no estudo dos fluidos.

Logo estareis prontos, caros amigos; mas também, não se trata mais somente de ser Espíritas fervorosos, é preciso também estudar, a fim de que tudo o que vos foi ensinado sobre a eletricidade e todos os fluidos em geral seja para vós uma gramática segura para o coração. Nada é estranho à ciência dos Espíritos; quanto mais vossa bagagem intelectual seja sólida, menos estareis admirados das novos descobertas; devendo ser os iniciadores das novas formas de pensamento, devereis estar fortes e seguros de vossas faculdades espirituais.

Eu tinha, pois, razão de vos falar de minha missão, irmã da vossa. Sois os eleitos entre os homens. Os bons Espíritos vos dão um livro que percorre toda a Terra, e sem a imprensa não serieis nada. Para vós, a obsessão que vela a verdade aos homens desaparecerá; mas, eu o repito, preparai-vos e estudai

para não serdes indignos do novo benefício, e para saber, ao contrário, mais inteligentemente do que outros, difundi-lo e fazê-lo aceitar.

GUTTEMBERG.

Nota. - A imprensa, pela difusão das idéias que ela tornou imperecível e que difunde nos quatro cantos do mundo, produziu uma revolução intelectual que ninguém pode desconhecer. Foi porque esse resultado era entrevisto que ela foi, no início, qualificada, por alguns, de invenção diabólica; é uma relação a mais que ela tem com o Espiritismo, e do qual Guttemberg deixou de falar. Pareceria verdadeiramente, no entender de certas pessoas, que o diabo tem o monopólio de todas as grandes idéias; todas aquelas que tendem a fazer a Humanidade dar um passo, lhe são atribuídas. O próprio Jesus, sabe-se, foi acusado de agir por intermédio do demônio que, em verdade, deve estar orgulhoso de todas as boas e belas coisas que retiram a Deus para lhes atribuir. Não foi ele que inspirou Galileu e todas as descobertas científicas que fizeram a Humanidade avançar? Segundo isso, seria preciso que fosse muito modesto para não se crer o senhor do universo.

Mas o que pode parecer estranho, é sua imperícia, uma vez que não há um único progresso da ciência que não tenha por efeito arruinar o seu império. É um ponto no qual não se pensou.

Se tal foi a força desse meio de propagação toda material, o quanto não será maior a do ensino dos Espíritos se comunicando por toda a parte, penetrando lá onde o acesso dos livros está interditado, se fazendo ouvir àqueles mesmos que não querem escutá-los! Que poder humano poderia resistir a uma tal força?

Essa notável dissertação provocou, no seio da Sociedade, as reflexões seguintes da parte de um outro Espírito.

Sobre a arquitetura e a imprensa, a propósito da comunicação de Guttemberg.
(Sociedade Espírita de Paris. - Méd. Sr. A. Didier.)

O Espírito de Guttemberg muito poeticamente definiu os efeitos positivos e tão universalmente progressivos da imprensa e do futuro da eletricidade; no entanto, permito-me, em minha qualidade de antigo talhador de castelos, de balcões de muralhas, de aterros e de catedrais, de expor certas teorias sobre o caráter e objetivo da arquitetura da Idade Média.

Todo o mundo sabe, ilustres professores arqueólogos ensinaram em nossos dias, que a religião, a fé ingênua levantaram com o gênio do homem esses soberbos monumentos góticos, esparramados sobre a face da Europa; e aqui, mais do que nunca, a idéia expressa pelo Espírito de Guttemberg está cheia de elevação.

Cremos, no entanto, dever emitir, não contra, mas ao lado, a nossa opinião.

A idéia, essa luz da alma, centelha real que comunica a vontade e o movimento ao organismo humano, se manifesta de diferentes maneiras, seja pela arte, pela filosofia, etc. A arquitetura, essa arte elevada que talvez melhor exprima o natural e o gênio de um povo, foi consagrada, nas nações impressionáveis e crentes, ao culto de Deus e às cerimô-

nias religiosas. A Idade Média, forte na feudalidade e na sua crença, teve a glória de fundar duas artes essencialmente diferentes em seus objetivos e suas consagrações, mas que exprime perfeitamente o estado de sua civilização: o castelo forte, habitado pelo senhor ou o rei; a abadia, o monastério e a Igreja; em uma palavra, a arte arquitetura! militar, e a arte arquitetura! religiosa. Os Romanos, essencialmente administradores, guerreiros, civilizadores, colonizadores universais, forçados que estavam pela extensão de suas conquistas, não tiveram jamais uma arte arquitetural inspirada por sua fé religiosa; somente a avidez, o amor do ganho e do poder executivo, os fizeram construir esses formidáveis amontoados de pedras, símbolos de sua audácia e de suas bases intelectuais. A poesia do Norte, contemplativa e nebulosa, unida à suntuosidade da arte oriental, criou o gênero gótico, de início austero e pouco a pouco florido. Com efeito, vemos na arquitetura a realização das tendências religiosas e do despotismo feudal.

Essas ruínas famosas de muitas das revoluções humanas, mais do que do tempo, se impõem ainda por seu aspecto grandioso e formidável. Parece que o século que as viu se levantarem era duro, sombrio e inexorável como elas; mas não é preciso concluir disso que a descoberta da imprensa, à força de estender o pensamento, haja simplificado a arte da arquitetura.

Não, a arte que é uma parte da idéia, será sempre uma manifestação ou religiosa, ou política, ou militar, ou democrática ou principesca. A arte tem seu papel, a imprensa tem o seu; sem ser exclusivamente especialista, não é preciso confundir o objetivo de cada coisa; é preciso dizer somente que não é necessário misturar as diferentes faculdades e as diferentes manifestações da idéia humana.

ROBERT DE LUZARCHES.

O Espiritismo e a franco-maçonaria.

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de fevereiro de 1864.)

Nota. - Nesta sessão, agradecimentos foram dirigidos ao Espírito de Guttemberg, com pedido de consentir em tomar parte em nossas conversas, quando o julgasse oportuno.

Na mesma sessão, a presença de vários dignatários estrangeiros da Ordem Maçônica, motivou a pergunta seguinte:

Que *concurso o Espiritismo pode encontrar na Franco-Maçonaria?* Várias dissertações foram obtidas sobre este assunto.

I

Senhor Presidente, agradeço-vos pelo vosso amável convite; foi a primeira vez que uma de minhas comunicações foi lida na Sociedade Espírita de Paris, e esta não será, eu o espero, a última.

Talvez encontrastes em minhas reflexões um pouco longas sobre a imprensa alguns pensamentos que não aprovais completamente; mas, refletindo na dificuldade que sentimos para nos colocarmos em relação com os médiuns e empregar as suas faculdades, consenti em passar ligeiramente sobre certas expressões ou certos torneios de linguagem que não estamos sempre no estado de dominar. Mais tarde, a eletricidade fará sua revolução medianímica, e como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito, não encontrareis mais dessas lacunas, algumas vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante dos estrangeiros.

Falastes da franco-maçonaria, e tendes razão de esperar encontrar nela bons elementos. Que se pede a todo maçon iniciado? De crerem na imortalidade da alma, no divino Arquiteto, de serem benfazejos, devotados, sociáveis, dignos e humildes. Ali se pratica

a igualdade na mais ampla escala; há, pois, nessas sociedades uma afinidade com o Espiritismo de tal modo evidente que fere os olhos.

A questão do Espiritismo foi levada à ordem do dia em várias lojas, e eis qual foi o resultado disso: leram-se volumosos relatórios desordenados sobre esse assunto, mas não se o estudou a fundo, o que fez que ali, como em muitos outros lugares discutiu-se sobre uma coisa que não se conhece, julgando-o sobre o ouvir dizer muito mais do que sobre a realidade. No entanto, muitos maçons são Espíritas, e trabalham grandemente para propagar esta crença; todos os ouvidos escutam, e se o hábito diz: Não; a razão diz: Sim.

Esperai, pois; porque o tempo é um recrutador sem igual; por ele as impressões se modificam, e, necessariamente, no vasto campo dos estudos abertos nas lojas, o estudo espírita entrará como complemento; porque isso já está no ar; riu-se, falou-se: não se ri mais, medita-se.

Então, pois, tereis um viveiro espírita nessas sociedades essencialmente liberais; por elas, entrareis plenamente nesse segundo período que deve preparar os caminhos prometidos. Os homens inteligentes da maçonaria vos bendirão por sua vez; porque a moral dos Espíritos dará um corpo a essa seita tão comprometida, tão temida, mas que fez mais bem do que não se crê.

Tudo tem uma laboriosa criação, uma afinidade misteriosa; e se isso existe por aquilo que perturba as camadas sociais, isso é muito mais verdadeiro por aquilo que conduz ao adiantamento moral dos povos.

GUTTEMBERG *(Médium,* Sr. Leymarie.)

II

Meu caro irmão em doutrina (o Espírito se dirige a um dos franco-maçons espíritas presentes à sessão), venho com alegria ao benevolente chamado que fazes aos Espíritos que amaram e fundaram as instituições franco-maçônicas. Para cimentar essa associação generosa, duas vezes derramei meu sangue; duas vezes as praças públicas desta cidade tingiram-se com o sangue do pobre Jacques Mole. Caros irmãos, seria preciso dar-lhe uma terceira? Direi com alegria: Não. Foi-nos dito: Nada mais de sangue, nada mais de despotismo, nada mais de carrascos! Uma sociedade de irmãos, de amigos, de homens cheios de boa vontade que não desejam senão uma coisa: conhecer a verdade para fazer o bem! Não tinha ainda me comunicado nesta assembléia; enquanto faláveis em ciência espírita, filosofia espírita, cedi o lugar aos Espíritos que são mais aptos para vos dar conselhos sobre estes diversos pontos, e esperei pacientemente, sabendo que minha vez chegaria; há tempo para tudo, do mesmo modo há momentos para todos; também, creio que a hora soou e que o momento é oportuno. Posso, pois, vir vos dizer qual é minha opinião a respeito do Espiritismo e a franco-maçonaria.

As instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento para a felicidade. Numa época em que toda idéia liberal era considerada como um crime, era necessária aos homens uma força que, embora estando submetida às leis, não fosse menos emancipada: emancipada por suas crenças, por suas instituições e pela unidade de seu ensinamento. A religião, nessa época, era ainda, não mãe consoladora, mas uma força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo curvar sob a sua vontade; ela era um objeto de temor para quem quisesse, como livre pensador, agir e dar aos homens sofredores algum encorajamento, e na infelicidade, algumas consolações morais. Unidos pelo coração, pela fortuna e pela caridade, nossos templos foram os únicos altares onde não se havia desconhecido o verdadeiro Deus, onde o homem podia ainda se dizer homem, onde a criança podia esperar encontrar mais tarde um protetor, e o abandonado dos amigos.

Vários séculos se passaram e todos acrescentaram algumas flores a mais na coroa maçônica. Foram mártires, homens letrados, legisladores, que juntaram à sua glória em

se lhe fazendo os defensores e os conservadores. No décimo nono século, o Espiritismo vem, com a sua clara bandeira, dar a mão aos comendadores, aos rosacruzes, e com voz trovejante lhes gritar: Vamos, meus irmãos, sou verdadeiramente a voz que se faz ouvir no Oriente e à qual o Ocidente responde, dizendo: Glória, honra, vitória aos filhos dos homens! Alguns dias ainda, e o Espiritismo terá transposto o muro que separa a maioria do recinto do templo dos segredos; e, desse dia, a sociedade verá florescer em seu seio a mais bela flor espírita que, deixando cair as suas pétalas, dará uma semente regeneradora de verdadeira liberdade. O Espiritismo fez progressos, mas do dia em que terá dado a mão à franco-maçonaria, todas dificuldades serão vencidas, todo obstáculo será levantado, a verdade se fará luz, e o maior progresso moral será realizado; terá transposto os primeiros degraus do trono onde logo deve reinar.

A vós, saudação fraterna e amiga.

JACQUES DE MOLE *(Médium,* Srta. Béguet).

III

Fiquei muito encantado em misturar-me às discussões deste centro tão profundamente espiritualista, e retorno atraído por Guttemberg, como fora outro dia por Jacquart.

A maior parte da dissertação do grande tipógrafo tratou a questão de um ponto de vista de ofício, e não viu principalmente nessa bela invenção senão o lado prático, material, utilitário. Ampliemos o debate, e tomemos *a* questão de mais alto.

Seria um erro crer que a imprensa veio substituir a arquitetura, porque esta permanecerá para continuar o seu papel historiográfico, por meio de monumentos característicos, tocados com a marca do espírito de cada século, de cada geração, de cada revolução humanitária. Não; digamo-lo claramente, a imprensa não veio nada derrubar; veio para completar, e por sua obra especial, grande e emancipadora; ela chegou em sua hora, como todas as descobertas que eclodem providencialmente neste mundo. Contemporâneo do monge que inventou a pólvora, e que, por aí, transtornou a velha arte das batalhas, Guttemberg trouxe uma nova alavanca para a expansão das idéias. Não o esqueçamos: a imprensa não podia ter a sua legítima razão de ser senão para a emancipação das massas e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Sem essa necessidade a satisfazer, sem esse alimento, esse maná espiritual a distribuir, a imprensa teria se debatido por muito tempo ainda no vazio, e não teria sido considerada senão como o sonho de um louco, ou como uma utopia sem importância. Não foi assim que foram tratados os primeiros inventores, dizemos melhor, aqueles que, os primeiros, descobriram e constataram as propriedades do vapor? Fazei nascer Guttemberg nas ilhas Andaman, e a imprensa aborta fatalmente.

Portanto, a idéia: eis a alavanca primordial que é preciso considerar. Sem a idéia, sem o trabalho fecundo dos pensadores, dos filósofos, dos ideólogos, e mesmo dos monges sonhadores da Idade Média, a imprensa teria permanecido letra morta. Guttemberg pode, pois, queimar mais de uma vela em honra dos dialéticos da escola que fizeram germinar a idéia, e desbastar as inteligências. A idéia fervorosa, que reveste uma forma plástica no cérebro humano, é e será sempre o maior motor das descobertas e das invenções. Criar uma necessidade nova no meio das sociedades modernas é abrir um novo caminho à idéia perpetuamente inovadora; é impelir o homem inteligente à procura do que satisfará essa nova necessidade da Humanidade; é porque, por toda a parte onde a idéia for soberana, por toda parte onde ela for acolhida com respeito, por toda a parte, enfim, onde os pensadores forem honrados, se estará seguro de progredir para Deus.

A franco-maçonaria, contra a qual tanto se gritou, contra a qual a Igreja romana não teve bastante anátemas, e que por isso não sobreviveu menos, a franco-maçonaria abriu seus templos a dois batentes ao culto emancipador da idéia. Em seu seio, todas as questões mais graves foram tratadas, e, antes que o Espiritismo fizesse a sua aparição, os veneráveis e os grandes mestres sabiam e professavam que a alma é imortal, e que os

mundos visíveis e invisíveis se comunicam entre si. É lá, nesses santuários onde os profanos eram admitidos, que os Swedenborg, os Pascal, os Saint-Martin, obtiveram fulminantes resultados; foi lá onde a grande *Sofia,* essa inspiradora etérea, veio ensinar a esses primogênitos da Humanidade os dogmas emancipadores onde 89 hauriu seus princípios fecundos e generosos; foi lá onde., bem antes de vossos médiuns contemporâneos, dos precursores de vossa mediunidade, grandes desconhecidos, tinham evocado e feito aparecer os sábios da antigüidade e os primeiros séculos da era; foi lá... Mas detenho-me; o quadro restrito de vossas sessões, o tempo que se escoa, não me permitem estender-me, como o queria, sobre este interessante assunto. A ele voltaremos mais tarde. Tudo o que direi é que o Espiritismo encontrará, no seio das lojas maçônicas, uma falange numerosa e compacta de crentes, não de crentes efêmeros, mas sérios, resolutos e inquebrantáveis em sua fé.

O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da franco-maçonaria; ele sanciona as crenças que ela professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; conduz a Humanidade ao objetivo que ela se propôs: a união, a paz, a fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro. É que os Espíritas sinceros de todas as nações, de todos os cultos e de todas as classes, não se olham como irmãos? Não há entre eles uma verdadeira franco-maçonaria, com essa diferença de que em lugar de ser secreto, ela se pratica à luz do dia? Homens esclarecidos como aqueles que ela possui, que as suas luzes colocam acima dos preconceitos de grupos e da castas, não podem ver com indiferença o movimento que essa nova doutrina, essencialmente emancipadora, produz no mundo. Repelir um elemento tão poderoso de progresso moral seria abjurar seus princípios e se colocar ao nível dos homens retrógrados. Não, disso estou seguro, não se deixarão transbordar, porque vejo nisso que, sob a nossa influência, vão tomar em mão essa grave questão.

O Espiritismo é uma corrente de idéias irresistível, que deve ganhar todo o mundo: isso não é senão uma questão de tempo; ora, seria desconhecer o caráter da instituição maçônica, crer que ela consentirá em se aniquilar, e a desempenhar um papel negativo no meio do movimento que eleva a Humanidade para a frente; sobretudo, crer que ela lançará o apagador sobre a chama, como se tivesse medo da luz.

É bem entendido que não falo aqui senão da alta franco-maçonaria, e não dessas lojas feitas pela ilusão, onde se reúnem antes para comer e beber, ou para rir das perplexidades que inocentes provas causam aos neófitos, senão para discutir as questões de moral e de filosofia. Seria bem preciso, para que a franco-maçonaria pudesse continuar a sua missão sem entraves, que tivesse de distância em distância, de raio em raio, de meridiano em meridiano, templos fora do templo, lugares profanos fora dos lugares sagrados, falsos tabernáculos fora do arco. É nesses centros que os adeptos do Espiritismo têm inutilmente tentado se fazerem ouvir.

Imperativa, a franco-maçonaria ensinou o dogma precursor do vosso, e professou em segredo o que proclamais bem alto. Eu retornarei, disse, sobre estas questões, se, no entanto, os grandes Espíritos que presidem os vossos trabalhos o permitirem. À espera, eu vo-lo afirmo, a Doutrina Espírita pode perfeitamente se unir às das grandes lojas do Oriente Médio, Agora, glória ao grande Arquiteto!

Um antigo franco-maçon,
VAUCANSON *(médium,* Sr. d'Ambel).

Aos Obreiros.

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de janeiro de 1864. - Médium, senhora Costel.)

Venho a vós, meus amigos, vós que sois os experimentados e os proletários do sofrimento; venho vos saudar, bravos e dignos obreiros, em nome da caridade e do amor. Sois os bem-amados de Jesus, de quem eu fui o amigo; confortai-vos na crença espírita,

como eu me confortei no seio do enviado divino. Obreiros, sois os eleitos no caminho doloroso da prova, onde caminhais com os pés sangrantes e o coração desencorajado. Irmãos, esperai! Toda dificuldade traz consigo seu o salário; toda jornada laboriosa tem a sua noite de repouso. Crede no futuro que será vossa recompensa, e não procureis o esquecimento, que é ímpio. O esquecimento, meus amigos, é a embriaguez egoísta ou brutal; é a fome para os vossos filhos e as aflições para as vossas mulheres. O esquecimento é uma covardia. Que pensaríeis de um obreiro que, sob o pretexto de uma leve fadiga, desertasse da oficina e interrompesse covardemente a jornada começada? Meus amigos, a vida é a jornada da eternidade; cumpri bravamente o vosso trabalho; não sonheis com o repouso impossível; não avanceis a hora do relógio dos tempos; tudo vem a propósito: a recompensa à coragem e a bênção ao coração emocionado, que se confia à justiça eterna.

Sede Espíritas: tornar-vos-eis fortes e pacientes, porque aprendereis que as provas são uma garantia segura de progresso, e que elas vos abrirão a entrada das moradas felizes, onde bendireis os sofrimentos que dela vos terão aberto o acesso.

A vós todos, obreiros e amigos, minhas bênçãos. Assisto às vossas assembléias, porque sois bem-amados daquele que foi

JOÃO O EVANGELISTA.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO **NO. 5** **MAIO 1864**

TEORIA DA PRESCIÊNCIA.

Como o conhecimento do futuro é possível? Compreendem-se as previsões dos acontecimentos que são a conseqüência do estado presente, mas não daqueles que não têm com ele nenhuma relação, e ainda menos aqueles que são atribuídos ao acaso. As coisas futuras, diz-se, não existem; elas estão ainda no nada; como, então, saber que ocorrerão? Os exemplos de predições realizadas, no entanto, são bastante numerosos, de onde é preciso concluir que se passa ali um fenômeno do qual não se tem a chave, porque não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar procurar, e é ainda o Espiritismo, ele mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, e que, além disso, nos mostrará que o próprio fato das predições não sai das leis naturais.

Tomemos, como comparação, um exemplo nas coisas usuais, e que ajudará a fazer compreender o princípio que teremos de desenvolver.

Suponhamos um homem colocado sobre uma alta montanha e considerando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa, e poderá facilmente abarcar de um só golpe de vista, todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim do caminho. O viajor que segue esse caminho, pela primeira vez, sabe que nele caminhando chagará ao fim: está aí uma simples previsão da conseqüência de sua marcha; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a transpor, as matas a atravessar, os precipícios em que pode cair, os ladrões colocados para lhe roubar dinheiro, as hospedarias onde poderia repousar, tudo isso é independente de sua pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque sua visão não se estende além do pequeno círculo que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que põe para percorrer o caminho; tirai-lhe os pontos de referência e a duração se apagará. Para o homem que está sobre a montanha e. que segue com o olhar o viajante, tudo isso é o presente. Suponhamos que esse homem desça junto ao viajante e lhe diga: "Em tal momento encontrareis tal coisa, sereis atacado e socorrido," lhe predirá o futuro; o futuro é para o viajante; para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais, e se entrarmos pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno se produzir numa maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração se apagam para eles. Mas a extensão e a penetração de sua visão são proporcionais à depuração e à elevação na hierarquia espiritual; são, com relação aos Espíritos inferiores, como um homem armado de um possante telescópio, ao lado daquele que não tem senão seus olhos. Entre esses últimos, a visão é circunscrita, não só porque não podem, senão dificilmente, se afastar do globo ao qual estão ligados, mas porque a grosseria de seu perispírito vela as coisas afastadas, como o faz um nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, segundo o grau de perfeição, um Espírito pode abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos e mesmo de vários milhares de anos, por-

que, o que é um século em presença do infinito? Os acontecimento não se desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes da rota do viajante; ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os acontecimentos que, nesse período, são o futuro para o homem da Terra, para eles são o presente. Poderia, pois, vir nos dizer com certeza: Tal coisa acontecerá em tal época, porque ele vê essa coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante no caminho. Se não o faz, é porque o conhecimento do futuro é nocivo ao homem; entravaria seu livre arbítrio; o paralisaria no trabalho que deve realizar para seu progresso; o bem e o mal que o espera, estando no desconhecido, são a prova para ele.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, em que grau de poder deve se elevar no Criador que abarca o infinito? Para ele, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

No entanto, como o homem deve concorrer ao progresso geral, e certos acontecimentos devem resultar de sua cooperação, pode ser útil, em certos casos, que seja pressentido desses acontecimentos, a fim de que lhe prepare os caminhos, e esteja pronto para agir quando o momento chegar; é porque Deus permite, às vezes, que um canto do véu seja levantado; mas é sempre num objetivo útil, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão pode, pois, ser dada, não a todos *os* Espíritos, porque entre estes há os que não conhecem mais o futuro do que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente avançados para isso; ora, há que se notar que essas espécies de revelações são sempre feitas espontaneamente, e jamais, ou pelo menos mais raramente, em resposta a uma pergunta direta.

Essa missão pode igualmente ser mostrada a certos homens, e eis de que maneira.

Aquele a quem está confiado o encargo de revelar uma coisa oculta pode dela receber, com seu desconhecimento, a inspiração dos Espíritos que a conhecem, e, então, a transmite maquinalmente, sem disso se dar conta. Sabe-se, além disso, que, seja durante o sono, seja no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se liberta e possui, num grau mais ou menos grande, as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito avançado, se, sobretudo, como os profetas, recebeu uma missão especial para esse fim, ele goza, nesses momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e vê, como presentes, os acontecimentos desse período. Pode, então revelá-los no mesmo instante, ou conservar-lhes a memória em seu despertar. Se esses acontecimentos devem permanecer no segredo, deles perderá a lembrança ou não lhe restará senão uma vaga intuição, suficiente para guiá-lo instintivamente. É assim que *se* vê essa faculdade se desenvolver providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maioria das seitas perseguidas tiveram numerosos *videntes; é* ainda assim que se vêem grandes capitães marcharem resolutamente ao inimigo, com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir um objetivo predizendo, por assim dizer, o momento em que o alcançarão: é que viram esse objetivo, que não é desconhecido para seu Espírito.

Todos os fenômenos cuja causa era ignorada foram reputados maravilhosos; uma vez conhecida a lei segundo a qual eles se cumpriam, reentraram na ordem das coisas naturais. O dom da predição não é mais sobrenatural do que uma multidão de outros fenômenos; ele repousa sobre as propriedades da alma e a lei das relações do mundo visível *e* do mundo invisível, que o Espiritismo vem fazer conhecer. Mas como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admite a alma, ou se se a admite sem individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente consigo mesmo; resta saber se ele mesmo é conseqüente com a lei natural.

Essa teoria da presciência talvez não resolva, de maneira absoluta, todos os casos que a previsão do futuro pode apresentar, mas não se pode deixar de convir que nela re-

pousa o princípio fundamental. Se não se pode tudo explicar, é pela dificuldade, para o homem, de se colocar nesse ponto de vista extra-terrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento, incessantemente conduzido para os caminhos estreitos da vida material, freqüentemente, está impossibilitado de se destacar do solo. A esse respeito, certos homens são como os pássaros jovens, cujas asas muito fracas não lhes permitem se elevarem no ar, ou como aqueles cuja visão é muito curta para verem ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem faltam um sentido para certas percepções. No entanto, com alguns esforços e o hábito da reflexão, chega-se a isto: os Espíritos mais facilmente do que outros, porque, melhor do que outros, podem se identificar com a vida espiritual, que compreendem.

Para compreender as coisas espirituais, quer dizer, para delas fazer uma idéia tão límpida quanto aquela que fazemos de uma paisagem que está sob nossos olhos, nos falta verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão a distância. Também não será por um esforço de imaginação que a isso chegaremos, e com a ajuda de comparações hauridas nas coisas que nos são familiares. Mas as coisas matérias não podem dar senão idéias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não é preciso tomar essas comparações pela letra, e crer, por exemplo, no caso de que se trata, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos prende-se à sua elevação efetiva, e que não têm necessidade de estar sobre uma montanha ou acima das nuvens para abarcar o tempo e o espaço. Essa faculdade é inerente ao estado de espiritualização, ou, querendo-se, de desmaterialização; quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da visão do conjunto do homem que está sobre a montanha; essa comparação tinha simplesmente por objetivo mostrar que os acontecimentos que para uns estão no futuro, estão no presente para outros, e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza do mesmo modo.

Para gozar dessa percepção o Espírito tem, pois, necessidade de se transportar sobre um ponto qualquer do espaço; aquele que está na Terra, ao nosso lado, pode possuí-la em sua plenitude, tão bem quanto se estivesse a mil léguas dela, ao passo que não vemos nada fora do horizonte visual. A visão, nos Espíritos, não se produzindo do mesmo modo nem com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é diferente; ora, está precisamente aí o sentido que nos falta para concebê-la; o Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado de um cego.

É preciso figurar-se, além disso, que essa percepção não se limita à extensão, mas que compreende a penetração de todas as coisas; é, repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade *é diminuída* pela encarnação, mas não é completamente anulada, porque a alma não está encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, em razão do adiantamento do Espírito, embora sempre num grau menor do que quando está inteiramente liberto; é isso que dá a certos homens um poder de penetração que falta totalmente a outros, uma maior justeza no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extra-materiais; não só o Espírito percebe, mas se lembra do que viu no estado de Espírito, e essa lembrança é como um quadro que se retrata em seu pensamento. Na encarnação ele vê, mas vagamente e como através de um véu; no estado de liberdade ele vê e concebe claramente. O princípio da visão não está fora dele, mas nele; é por isso que não tem necessidade de nossa luz exterior; pelo desenvolvimento moral, o círculo das idéias e da concepção se amplia; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das percepções; de onde é fácil compreender que a extensão de todas as faculdades segue o progresso do Espírito.

É o grau de extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, torna-o mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, essa aptidão não é a conseqüência necessária do desenvolvimento intelectual; a ciência vulgar não a dá; é por isso

que se vêem homens de uma grande inteligência e de um grande saber, tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; são refratários *a* elas porque não as compreendem; isso prende-se a que seu progresso não está *ainda* realizado nesse sentido, ao passo que se vêem pessoas de uma instrução e de uma inteligência vulgares aprendê-los com a maior facilidade, o que prova que tinham disso intuição prévia.

A faculdade de mudar seu ponto de vista e de tomá-lo do alto não dá somente a solução do problema da presciência; é além disso a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque, daí, a vida terrestre, aparece como um ponto da imensidão, compreende-se o pouco valor das coisas que, vistas daqui de baixo, parecem tão importantes; os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desenrola o imenso e esplêndido horizonte do futuro. Aquele que vê assim as coisas deste mundo não é senão pouco alcançado pelas vicissitudes, e, por isso mesmo, é tão feliz quanto se pode ser neste mundo. É preciso, pois, lamentar aqueles que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque sentem, em toda a sua força, o contragolpe de todas as tribulações, que, como tantos aguilhões, os assediam sem cessar.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar-lhe o triunfo próximo, apesar dos entraves que se lhe opõem; essa previsão lhes é fácil, primeiro, porque a sua propagação é sua obra pessoal, e sabem, consequentemente, o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhe abarcar um período de curta duração, e que, nesse período, vêm em seu caminho os poderosos auxiliares que Deus lhes suscita, e que não tardarão a se manifestar. Sem serem Espíritos desencarnados, que os espíritas se levem a apenas trinta anos à frente, no meio da geração que se levanta; que, dali, considerem o que se passa hoje; que lhes sigam a fieira, e verão se consumir em vãos esforços aqueles que se crêem chamados a derrubá-lo; eles os verão pouco a pouco desaparecer da cena, ao lado da árvore que cresce e cujas raízes se estendem cada dia mais.

Completaremos este estudo pelas relações que existem entre a presciência e a fatalidade. À espera disso, remetemos ao que foi dito sobre este último ponto, em *O Livro dos Espíritos,* nº 851 e seguintes.

VIDA DE JESUS PELO SR. RENAN.

Esta obra é muito conhecida hoje para que seja necessário dela dar uma análise; limitar-nos-emos, pois, a examinar o ponto de vista no qual o autor se colocou e disso deduzir algumas conseqüências.

A tocante dedicatória à alma de sua irmã, que o Sr. Renan coloca na cabeça do volume, embora muito curta, na nossa opinião, é um trecho capital, porque é toda uma profissão de fé. Citamo-la integralmente, porque ela nos dará lugar a fazer algumas notas importantes, de um interesse geral.

A alma pura de minha irmã Henríette.

FALECIDA EM BYBLOS, A 24 DE SETEMBRO DE 1861.

"Lembras-te, do seio de Deus onde repousas, dessas longas jornadas de Ghazir, onde, só contigo, eu escrevia essas páginas inspiradas e dos lugares que acabávamos de percorrer? Silenciosa ao meu lado, relias cada folha e recopiavas tão logo escrita, enquanto que o mar, as aldeias, os barrancos, as montanhas, se desenrolavam aos nossos pés. Quando a acabrunhante luz havia tomado lugar ao inumerável exército das estrelas,

tuas perguntas finas e delicadas, tuas dúvidas discretas, me levavam ao objeto sublime de nossos pensamentos comuns. Tu me dizias um dia que este livro tu o amarias, primeiro porque fora feito contigo, e também porque te agradava. Se temias, às vezes, por ele, os estreitos julgamentos do homem frívolo, estavas sempre persuadida de que as almas verdadeiramente religiosas acabariam por se amarem. Em meio a essas doces meditações, a morte nos atinge a ambos com a sua asa; o sono da febre nos toma na mesma hora; despertei só!...Tu dormes ainda na terra de Adonis, junto da santa Byblos e das águas sagradas onde as mulheres dos mistérios antigos vinham misturar suas lágrimas. Revela-me, ó bom gênio, a mim que amavas, estas verdades que dominam a morte, impedem o medo, e fazem quase amar."

A menos que se suponha que o Sr. Renan tenha desempenhado uma comédia indigna, é impossível que tais palavras venham sob a pena de um homem que crê no nada. Sem dúvida, vêem-se escritores, de talento flexível, jogar com as idéias e as crenças mais contraditórias, ao ponto de iludir sobre seus próprios sentimentos; é que, como o ato, eles possuem a arte da imitação. Uma idéia não tem necessidade de ser, para eles, um artigo de fé; é um tema sobre o qual trabalham, por pouco que ela se preste à imaginação, e que arranjam, ora de um modo, ora de um outro, segundo as necessidades e as circunstâncias. Mas há assuntos aos quais o incrédulo mais endurecido não saberia tocar sem se sentir sacrílego; tal é o da dedicatória do Sr. Renan. Em semelhante caso, um homem de coração se abstém antes do que falar contra a sua convicção; não são aqueles que se escolherem para fazer efeito.

Tomando as formas dessa dedicatória pela expressão conscienciosa do pensamento do autor, aí se encontra mais do que um vago pensamento espiritualista. Com efeito, essa não é a alma perdida nas profundezas do espaço, absorvida numa eterna e beata contemplação, ou nas dores sem fim; não é, não mais, a alma do panteísta, se aniquilando no oceano da inteligência universal; é o quadro da alma individual, tendo a lembrança de suas afeições e de suas ocupações terrestres, retornando aos lugares onde habitou junto das pessoas amadas. O Sr. Renan não falaria assim a um mito, a um ser submergido no nada; para ele, a alma de sua irmã está ao seu lado; ela o vê, o inspira, interessa-se por seus trabalhos; há entre ambos troca de pensamentos, comunicação espiritual; sem disso duvidar, ele faz, como tantos outros, uma verdadeira evocação. O que falta a essa crença para ser completamente espírita? A comunicação material. Por que, pois, o Sr. Renan a rejeita entre as crenças supersticiosas! Porque ele não admite nem o sobrenatural nem o maravilhoso. Mas se conhecesse o estado real da alma depois da morte, as propriedades de seu envoltório perispiritual, compreenderia que o fenômeno das manifestações espíritas não sai das leis naturais, e que não há necessidade para isso de recorrer ao maravilhoso; que desde que esse fenômeno teve que se produzir em todos os tempos e entre todos os povos, e que aí está a fonte de uma multidão de fatos falsamente qualificados de sobrenaturais por uns, ou atribuídos à imaginação por outros; que não está no poder de ninguém impedir essas manifestações, e que é possível provocá-las em certos casos. Que faz, pois, o Espiritismo, senão nos revelar uma nova lei da Natureza? Ele faz, com relação a uma certa ordem de fenômenos, o que faz para outros a descoberta das leis da eletricidade e da gravitação, da afinidade molecular, etc. Teria a ciência, pois, a pretensão de ter a última palavra da Natureza? Há algo de mais surpreendente, de mais maravilhoso, em aparência, do que corresponder-se, em alguns minutos, com uma pessoa que está a quinhentas léguas? Antes do conhecimento da lei da eletricidade, um tal fato teria passado por magia, feitiçaria, diabrura, ou por um milagre, sem nenhuma dúvida, um sábio a quem se tivesse contado, o teria repelido, e não teria falta de excelentes razões para demonstrar que era materialmente impossível. Impossível, sem dúvida, segundo as leis então conhecidas, mas muito possível segundo uma lei que não se conhece. Por que, pois, seria antes possível se comunicar instantaneamente com um ser vivo cujo corpo está a quinhentas léguas, do que com a alma desse mesmo ser que está ao nosso lado? É, diz-

se, que não tem mais corpo. E quem vos disse que ela não o tem mais? O Espiritismo vem provar precisamente o contrário, demonstrando que se sua alma não tem mais o envoltório material, compacto, ponderável, ela tem dele um fluídico, imponderável, mas que não é uma espécie de matéria; que esse envoltório, invisível em seu estado normal, pode, em circunstâncias dadas e por uma espécie de modificação molecular, tornar-se visível, como o vapor pela condensação; não há aí, como se vê, senão um fenômeno muito natural, do qual o Espiritismo dá a chave pela lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível.

O Sr. Renan, persuadido de que a alma de sua irmã, ou seu Espírito, o que é a mesma coisa, estava junto dele, o via, e ouvia-o, devia crer que essa alma era alguma coisa. Se alguém tivesse vindo lhe dizer: Essa alma, da qual vosso pensamento adivinha a presença, não é um ser vago e indefinido; é um ser limitado e circunscrito por um corpo fluídico, invisível como a maioria dos fluidos: a morte não foi para ela senão a destruição de seu envoltório corporal, mas ela conservou seu envoltório etéreo indestrutível; de sorte que tendes junto a vós a vossa irmã, tal qual era quando viva, menos o corpo que ela deixou sobre a Terra, como a borboleta deixa a sua crisálida; morrendo, ela não fez senão se despojar do vestido que não podia mais lhe servir, que a retinha à superfície do solo, mas ela conservou uma veste leve que lhe permite transportar-se por toda parte onde quer, transpor o espaço com a rapidez do relâmpago; no moral, é a mesma pessoa com os mesmos pensamentos, as mesmas afeições, a mesma inteligência, mas com percepções novas, mais amplas, mais sutis, não estando suas faculdades mais comprimidas pela matéria pesada e compacta através da qual elas devem se transmitir; dizei se esse quadro nada tem de insensato? O Espiritismo, provando que isso é real é, pois, tão ridículo quanto alguns o pretendem? Que faz ele, em definitivo? Demonstra, de maneira patente, a existência da alma; provando que é um ser definido, dá um objetivo real às nossas lembranças e às nossas afeições. Se o pensamento do Sr. Renan não fosse senão um sonho, uma ficção poética, o Espiritismo vem fazer dessa ficção uma realidade.

A filosofia, de todos os tempos, esteve ligada à procura da alma, de sua natureza, de suas faculdades, de sua origem e de seu destino; inumeráveis teorias foram feitas a esse respeito, e a questão sempre ficou indecisa. Por que isso? Aparentemente nenhuma encontrou o nó do problema, e não o resolveu de maneira bastante satisfatória para convencer todo o mundo. O Espiritismo veio por sua vez dar a sua; ele se apoia sobre a psicologia experimental; estuda a alma, não só durante a vida, mas depois da morte; observa-a no estado de isolamento; ele a vê agir em liberdade, ao passo que a filosofia comum não a vê senão em sua união com o corpo, submissa aos entraves da matéria, é porque ela confunde muito, freqüentemente, a causa com o efeito. Ela se esforça em demonstrar a existência e os atributos da alma por fórmulas abstratas, ininteligíveis para as massas; o Espiritismo dela dá provas palpáveis e, por assim dizer, fá-la tocar com o dedo e com os olhos; exprime-se em termos claros, ao alcance de todo mundo. É que a simplicidade da linguagem tirar-lhe-ia o caráter filosófico, assim como o pretendem certos sábios?

No entanto, a filosofia espírita, tem um grave erro aos olhos de muitas pessoas, esse erro está em uma única palavra. A palavra *alma,* mesmo para os incrédulos, tem alguma coisa de respeitável e que impõe; a palavra *Espírito,* ao contrário, desperta neles as idéias fantásticas das lendas, dos contos de fadas, dos fogos-fátuos, dos lobisomens, etc.; admitem de boa vontade que se possa crer na alma, embora não crendo nela por si mesmos, mas não podem compreender senão com bom senso se possa crer nos Espíritos. Daí uma prevenção que os faz olhar essa ciência como pueril e indigna de sua atenção; julgam-na pela etiqueta, a crêem inseparável da magia e da feitiçaria. Se o Espiritismo tivesse se abstido de pronunciar a palavra *Espírito,* se tivesse em todas as circunstâncias substituído a palavra *alma,* a impressão, para eles, teria sido diferente. A grande rigor, esses profundos filósofos, esses livres pensadores, admitirão bem que a *alma* de um ser que nos foi caro ouve nossos lamentos e vem nos inspirar, mas não admitirão que ela

seja a mesma de seu *Espírito.* O Sr. Renan pôde colocar no frontispício de sua dedicatória: *À alma pura de minha irmã Henriette;* não teria colocado: *Ao Espírito puro.*

Por que o Espiritismo se serviu da palavra *Espírito? É* um erro? Não, ao contrário. Primeiro, esta palavra estava consagrada desde as primeiras manifestações, antes da criação da filosofia espírita; uma vez que se tratasse de deduzir as conseqüências morais dessas manifestações, havia utilidade em conservar uma denominação passada em uso, a fim de mostrar a conexão dessas duas partes da ciência. Além disso, era evidente que a prevenção ligada a esta palavra, circunscrita a uma categoria especial de pessoas, deveria se apagar com o tempo; o inconveniente não poderia senão ser momentâneo.

Em segundo lugar, se a palavra *Espírito era* um repelente para alguns indivíduos, era um atrativo para as massas, e deveria contribuir mais do que a outra para popularizar a doutrina. Seria preciso, pois, preferir o maior número ao menor.

Um terceiro motivo é mais sério do que os dois outros. As palavras *alma* e *Espírito,* se bem que sinônimas e empregadas indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma idéia. A *alma,* propriamente falando, é o princípio inteligente, princípio inapreensível e indefinido como o pensamento. No estado de nossos conhecimentos, não podemos concebê-la isolada da matéria de modo absoluto. O perispírito, embora formado de matéria sutil, dela fez um ser limitado, definido, e circunscreveu a sua individualidade espiritual; de onde se pode formular esta proposição: *A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado ESPÍRITO.* Nas manifestações, não *é,* pois, só a alma que se apresenta; ela está sempre revestida de seu envoltório fluídico; esse envoltório é o intermediário necessário com a ajuda do qual age sobre a matéria compacta. Nas aparições, não é a alma que se vê, mas o perispírito; do mesmo modo que quando se vê um homem se vê seu corpo, mas não *se* vêem o pensamento, a força, o princípio que o faz agir.

Em resumo, a *alma é* o ser simples, primitivo; o *Espírito é* o ser duplo; o *homem* é o ser triplo; confundindo-se o homem com suas roupas, ter-se-á um ser quádruplo. Nas circunstâncias das quais se trata, a palavra *Espírito é a* que corresponde melhor à coisa expressa. Pelo pensamento, representa-se um Espírito, não se representa uma alma.

O Sr. Renan, convencido de que a alma de sua irmã o via e o ouvia, não podia supor que ela estivesse só no espaço; uma simples reflexão deveria dizer-lhe que deve ocorrer o mesmo com todas aquelas que deixam a Terra. As almas ou Espíritos assim distribuídos na imensidade constituem o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual nós vivemos; de sorte que esse mundo não é composto de seres fantásticos, de gnomos, de duendes, de demônios chifrudos e com pés tendidos, mas dos mesmos seres que formaram a Humanidade terrestre. Que há nisso de absurdo? O mundo visível e o mundo invisível achando-se assim perpetuamente em contato, disso resulta uma reação incessante de um sobre o outro; daí uma multidão de fenômenos que entram na ordem dos fatos naturais. O Espiritismo moderno nem os descobriu nem os inventou; melhor os estudou e melhor observou; procurou-lhes as leis e, por isso mesmo, as tirou da ordem dos fatos maravilhosos.

Os fatos que se prendem ao mundo invisível e às suas relações com o mundo visível, mais ou menos bem observados em todas as épocas, se ligam à história de quase todos os povos, e sobretudo à história religiosa; é porque fez alusão em muitas passagens dos escritores sagrados e profanos. É por falta de reconhecer essa relação que tantas passagens ficaram ininteligíveis, e foram tão diversamente e tão falsamente interpretadas.

É pela mesma que o Sr. Renan tão estranhamente desprezou sobre a natureza dos fatos narrados no Evangelho, sobre o sentido das palavras do Cristo, seu papel e seu verdadeiro caráter, assim como o demonstraremos num próximo artigo. Estas reflexões, às quais nos levaram seu preâmbulo, eram necessárias para apreciar as conseqüências tiradas do ponto de vista em que se está colocado.

SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.

DISCURSO DE ABERTURA DO SÉTIMO ANO SOCIAL, 1º DE ABRIL DE 1864.

Senhores e caros colegas,

A Sociedade começa seu sétimo ano, e esta duração não é sem significação quando se trata de uma ciência nova. Um fato que não tem uma menor importância, é que, constantemente, ela seguiu uma marcha ascendente. No entanto, vós o sabeis, senhores, é menos em seu sentido material do que em seu sentido moral que seu progresso se realizou. Não só ela não abriu suas portas a qualquer um, nem solicitou a quem quer que seja fazer isso, mas antes visou circunscrever-se do que estender-se indefinidamente.

O número dos membros ativos, com efeito, é uma questão secundária para toda sociedade que, como esta, não visa entesourar; não são *subscritores que ela procura,* eis porque não se prende à quantidade; assim o quer a própria natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais é preciso a calma e o recolhimento, e não o movimento da multidão.

O sinal de prosperidade da Sociedade não está, pois, nem no número de seu pessoal, nem no de seus valores em caixa; está inteiramente no progresso de seus estudos, na consideração que ela adquiriu, no ascendente moral que ela exerce fora, enfim, no número dos adeptos que se ligam aos princípios que professa, sem por isso disso fazer partido. Sob esse aspecto, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões; e, coisa notável, não é somente na França que ela exerce esse ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros Espíritas, todos os homens são irmãos, qualquer que seja a nação a que pertençam. Disso tendes a prova material pelo número das sociedades e dos grupos que, em diversos países, vêm se colocar sob seu patrocínio e reclamar seus conselhos. Isto é um fato notório e tanto mais característico quanto essa convergência para ela se faz espontaneamente, porque não é menos notório que ela nem nada provocou nem solicitou. É, pois, muito voluntariamente que se vêm alinhar sob a bandeira que ela desfralda. A que se prende isso? Suas causas são múltiplas; e não é inútil examiná-las, porque isso entra na história do Espiritismo.

Uma dessas causas vem naturalmente de que a primeira regularmente constituída foi também a primeira que alargou o círculo de seus estudos e abarcou todas as partes da ciência espírita. Quando o Espiritismo apenas saía do período de curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico, que de alguma sorte o inaugurou; por isso mesmo, desde o início fixou a atenção das pessoas sérias.

Mas isso não teria servido para nada se ela tivesse permanecido fora dos princípios ensinados pela generalidade dos Espíritos. Se não tivesse professado senão as suas próprias idéias, jamais os teria imposto à imensa maioria dos adeptos de todos os países. A Sociedade representa os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos; sendo* esses princípios ensinados por todo a parte, muito naturalmente se reuniram ao centro de onde partiam, ao passo que aqueles que se colocaram fora desse centro, ficaram isolados, porque não encontraram eco entre os Espíritos.

Repetirei aqui o que disse em outro lugar, porque não saberia muito dize-lo de novo: A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem nem de um Espírito; ela está na universalidade do ensino dado por estes últimos; o *controle universal,* como o *sufrágio universal,* decidirá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina bem melhor do que um concilio de homens. Esse princípio, disto estejamos certos, senhores, fará o seu caminho, como aquele de: *Fora de caridade não há salvação,* porque está fundado sobre a mais rigorosa lógica e a abdicação da personalidade. Não poderá contra-

riar senão os adversários do Espiritismo, e aqueles que não têm fé senão em suas luzes pessoais.

É porque a Sociedade de Paris jamais se afastou em nada desse caminho traçado pela sã razão, que ela conquistou o lugar que ocupa; confia-se nela, porque sabe-se que ela não avança nada levianamente, que não impõe suas próprias idéias, e que, por sua posição, ela está, mais do que o que seja, no estado de constatar o sentido no qual se pronuncia o que se pode justamente chamar o *sufrágio universal dos Espíritos.* Se jamais ela se colocasse ao lado da maioria, cairia, *porque tem seu ponto de apoio por toda a parte,* mas a sociedade não tendo mais o seu *por toda a parte,* cairia. O Espiritismo, com efeito, por sua natureza toda excepcional, não repousa mais *sobre uma sociedade* do que sobre um indivíduo; a de Paris jamais disse: *Fora de mim, não há Espiritismo;* ela viria, pois, a cessar de existir, que não seguiria menos seu curso, porque tem raízes na multidão inumerável dos intérpretes dos Espíritos, no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual.

Os testemunhos que a Sociedade recebe provam que é estimada e considerada, e, certamente, é do que mais se felicita. Se a causa primeira disso está na natureza de seus trabalhos, é justo acrescentar que o deve também à boa opinião que levaram de suas sessões os numerosos estrangeiros que vieram visitá-la; a ordem, a conservação, a gravidade, os sentimentos de fraternidade que viram ali reinar, os convenceram melhor do que todas as palavras de seu caráter eminentemente sério.

Tal é, senhores, a posição que, como fundador da Sociedade, tive a lhe assegurar; tal é também a razão pela qual jamais cedi a nenhuma incitação tendente a fazê-la desviar do caminho da prudência. Deixei dizer e fazer os impacientes de boa ou de má-fé; sabeis em que se tornaram, ao passo que a Sociedade está ainda de pé.

A missão da Sociedade não é fazer de adeptos para ela mesma, é por isso que ela não convoca jamais o público; o objetivo de seus trabalhos, como o indica seu título, é o progresso da ciência espírita. Para esse efeito, aproveita, não só as suas próprias observações, mas as que se fazem em outra parte; ela recolhe os documentos que lhe chegam de todas as partes; estuda-os, perscruta-os e os compara, para deduzir-lhes os princípios e deles tirar as instruções que ela difunde, mas que não dá jamais levianamente. Assim é que seus trabalhos aproveitam a todos, e *se* adquiriram alguma autoridade, é porque se os sabe conscienciosamente feitos, sem prevenção sistemática contra as pessoas ou as coisas.

Compreende-se, pois, que, para atingir esse objetivo, um número de membros mais ou menos considerável é coisa indiferente; o resultado seria obtido com uma dúzia de pessoas tão bem *e* melhor ainda do que com várias centenas. Não tendo em vista nenhum interesse material, é a razão pela qual não procura o número; sendo seu objetivo grave e sério, não faz nada em vista da curiosidade; enfim, como os elementos da ciência não lhe ensinariam nada de novo, não perde seu tempo em repetir o que já sabe. Seu papel, como o dissemos, é de trabalhar pelo progresso da ciência pelo estudo; não é junto dela que aqueles que nada sabem vêm se convencer, mas que os adeptos já iniciados vêm haurir novas instruções; tal é o seu verdadeiro caráter. O que lhe é preciso, o que lhe é indispensável, são as vastas relações que lhe permitem ver do alto o movimento geral, para julgar o conjunto, conformar-se com ele e fazê-lo conhecer; ora, essas relações, ela as possui; vieram por si mesmas, e aumentam todos os dias, assim como disso tendes a prova pela correspondência.

O número das reuniões que se formam sob seus auspícios e solicitam seu patrocínio pelos motivos desenvolvidos acima, é o fato mais característico do ano social que acaba de se escoar. Este fato não é somente muito honroso para a Sociedade, e é, além disso, de uma importância capital, naquilo que testemunha, ao mesmo tempo, a extensão da doutrina e o sentido no qual tende a se estabelecer a unidade.

Aqueles que nos conhecem sabem a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as sociedades estrangeiras, mas é essencial que todo o mundo o saiba, para evitar os enganos aos quais as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Não é, pois, supérfluo repetir: Que os Espíritas não formem entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as sociedades diversas não haja sem solidariedade material, nem filiação oculta ou ostensiva; que não obedeçam a nenhuma palavra secreta; que aqueles que dela fazem parte estão sempre livres de se retirarem se isso lhes convém; que se não abrem suas portas ao público, não é porque ali se passe nada de misterioso nem de oculto, mas porque não querem ser perturbadas pelos curiosos e os importunos; longe de agirem na sombra, estão sempre prontas, ao contrário, para se submeterem às investigações da autoridade legal e às prescrições que lhes serão impostas. A de Paris não tem sobre as outras senão a autoridade moral que tem de sua posição e de seus estudos e que se quer muito lhe conceder. Dá os conselhos que se reclama de sua experiência, mas não se impõe a ninguém; a única palavra de ordem que ela dá, como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros Espíritas, é esta: *Caridade para com todos, mesmo para com os nossos inimigos.* Declinaria, pois, toda solidariedade moral daquelas que se afastassem desse princípio, que tivessem um móvel de interesse material, que, em lugar de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque se colocariam, por isto mesmo, fora da Doutrina.

A Sociedade de Paris não pode incorrer na responsabilidade dos abusos que, por ignorância ou outras causas, pode-se fazer do Espiritismo; não entende, de nenhum modo, cobrir com seu manto aqueles que os cometem; ela não pode nem deve tomar sua defesa diante da autoridade, em caso de perseguição, porque isso seria aprovar o que a Doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a esses abusos, não temos em que refutá-la, mas somente responder-lhe: Se vos désseis ao trabalho de estudar o Espiritismo, saberíeis o que ele diz, e não o acusaríeis daquilo que ele condena. Cabe, pois, aos Espíritas sinceros evitar com cuidado tudo o que poderia dar lugar a uma crítica fundada; a isso não chegarão seguramente em se contendo nos preceitos da Doutrina. Não é porque uma reunião se intitule grupo, círculo ou sociedade espírita, que deve necessariamente ter nossas simpatias; a etiqueta jamais foi uma garantia absoluta da qualidade da mercadoria; mas, segundo a máxima: "Reconhece-se a árvore pelo seu fruto.", nós a apreciamos em razão do sentimento que a animam, do móvel que a dirige, e a julgamos por suas obras. A Sociedade de Paris se felicita quando pode inscrever, na lista de seus adeptos, reuniões que oferecem todas as garantias desejáveis de ordem, de boa correção, de sinceridade, de devotamento e de abnegação pessoal, e que pode lhes oferecer como modelos aos seus irmãos em crença.

A posição da Sociedade Espírita de Paris é, pois, exclusivamente moral, e jamais ambicionou outra. Aqueles de nossos antagonistas que pretendem que todos os Espíritas são seus tributários; que ela se enriquece às suas expensas, repassando-lhe seu dinheiro em seu proveito; que supõem suas pretensas rendas sobre o número de adeptos, provam, ou uma notável má-fé, ou a ignorância mais absoluta do que fala. Sem dúvida, ela tem por si a sua consciência, mas tem mais, para confundir a impostura, os seus arquivos, que testemunharão sempre da verdade, no presente como no futuro.

Sem desígnio premeditado, e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde chegam as informações de toda natureza concernentes ao Espiritismo; ela se acha, sob este aspecto, numa posição que se pode dizer excepcional, pelos elementos que possui para assentar a sua opinião. Melhor do que quem quer que seja, pode, pois, conhecer o estado real dos progressos da Doutrina em cada região, e apreciar as causas locais que podem favorecer-lhe ou retardar-lhe o desenvolvimento. Essa estatística não será um dos elementos menos preciosos da história do Espiritismo, ao mesmo tempo que permite estudar as manobras de seus adversários, e calcular a importância dos golpes que dão para o derrubar. Só esta observação bastaria para fazer prever o resultado defini-

tivo e inevitável da luta, como se julga o sucesso de uma batalha vendo o movimento de dois exércitos.

Pode-se dizer, em toda verdade, que, sob esse aspecto, estamos em primeiro plano para observar, não só a tática dos homens, mas a dos Espíritos. Com efeito, vemos da parte destes, uma unidade de vista e de plano sabiamente e providencialmente combinado, diante do qual forçosamente devem se quebrar todos os esforços humanos, porque os Espíritos podem atingir os homens e feri-los, ao passo que escapam destes últimos. Como se vê, a parte não é igual.

A história do Espiritismo moderno será uma coisa verdadeiramente curiosa, porque será a da luta do mundo visível e do mundo invisível; os Antigos teriam dito: *A guerra dos homens contra os deuses.* Isso será também a dos fatos, mas sobretudo e forçosamente a dos homens que tiverem desempenhado nele um papel ativo, num sentido como no outro, de verdadeiros sustentáculos, como de adversários da causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento; é preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora, e que não haja glórias usurpadas.

O que dará a essa história um caráter particular é que em lugar de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos tarde demais, sobre a fé da tradição e da lenda, ela se faz à medida dos acontecimentos, e sobre peças autênticas das quais possuímos, por uma correspondência incessante vinda de todos os países onde a Doutrina se encontra, a coleção mais vasta e mais completa que seja no mundo.

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas alegações mentirosas de seus adversários, com ajuda das quais tentam mascará-lo; mas elas poderiam, no entanto, dar uma falsa idéia de seu começo e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nisso terão cooperado, se se lhes desse uma contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que levantará todas as dúvidas, uma mina onde os comentaristas futuros poderão haurir com certeza. Vede, senhores, de que importância é esse trabalho no interesse da verdade histórica; a nossa própria Sociedade nisso está interessada, em razão da parte que ela toma no movimento.

Há um provérbio que diz: "Quem é nobre deve proceder com nobreza;" a posição da Sociedade lhe impõe também obrigações para conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é de não se afastar, quanto à teoria, da linha que ela tem seguido até este dia, uma vez que lhe recolhe os frutos; a segunda está no bom exemplo que ela deve dar justificando, pela prática, a bondade da doutrina que professa. Esse exemplo, sabe-se, provando a influência moralizadora do Espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda, ao mesmo tempo que é o melhor meio de fechar a boca dos detratores. Um incrédulo, que não conhecesse senão a filosofia da Doutrina, diria que *com tais princípios um Espírita deveria necessariamente ser um homem honesto.* Esta palavra é profundamente verdadeira; mas, para ser completa, seria preciso acrescentar que um verdadeiro Espírita deve necessariamente ser bom e benevolente para com seus semelhantes, quer dizer, praticar a caridade evangélica em sua mais larga acepção.

É a graça que todos devemos pedir a Deus nos conceder, tornando-nos dóceis aos conselhos dos bons Espíritos que nos assistem. Pecamos igualmente este de nos continuar a sua proteção durante o ano que acaba de se abrir, e nos dar a força de nos tornamos dignos disso; é o meio mais seguro de justificar e de conservar a posição que a Sociedade adquiriu.

A. K.

A ESCOLA ESPÍRITA AMERICANA.

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continente, e em que consiste a diferença. É o que iremos tentar explicar.

As manifestações, como se sabe, ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje que se dá conta da coisa, lembra-se uma multidão de fatos que passaram desapercebidos, e deles se encontra uma multidão consignados nos escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos, se produziram nos Estados Unidos, numa escala bastante vasta para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade que existe naquele país ali favoreceu a eclosão de idéias novas, e foi por isso que os Espíritos escolheram-no como o primeiro teatro de seus ensinos.

Ora, ocorre freqüentemente que uma idéia nasce num país, e se desenvolve em um outro, assim como se vê pelas ciências e pela indústria. Sob esse aspecto o gênero americano fez suas provas, e nada tem a invejar à Europa; mas se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em conseqüência dessa diferença no caráter norma! dos povos, o Espiritismo experimental estava sobre seu terreno na América, ao passo que a parte teórica e filosófica achava na Europa os elementos mais propícios ao seu desenvolvimento; também foi ali que ela nasceu: em poucos anos conquistou o primeiro lugar. Os fatos lá primeiro despertaram a curiosidade; mas constatados os fatos e satisfeita a curiosidade, logo deixaram as experiências materiais sem resultados positivos; não ocorreu mais o mesmo desde que se desenvolveram as conseqüências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade; desde esse momento o Espiritismo tomou lugar entre as ciências filosóficas; caminhou a passos de gigante, apesar dos obstáculos que lhe suscitaram, porque satisfazia as aspirações das massas, porque se compreendeu prontamente que vinha preencher um vazio imenso nas crenças, e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América, pois, foi o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. Na América há lugar para disso ter ciúme? Não, porque sobre outros pontos teve a vantagem. Não foi na Europa que as máquinas a vapor nasceram, e não foi na América que se tornaram em condições práticas? A cada um seu papel segundo as suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular.

O que distingue principalmente a escola espírita dita americana da escola européia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se liga mais especialmente, e, na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa prontamente difundiu-se, porque ofereceu, desde o início, um conjunto completo, que mostrou o objetivo e alargou o horizonte das idéias; incontestavelmente, é a que prevalece hoje no mundo inteiro. Os Estados Unidos, até este dia, afastaram-se um pouco de suas idéias primeiras; quer dizer, sozinhos, ficaram atrás do movimento geral? Isso seria injuriar a inteligência desse povo. Os Espíritos, aliás, estão lá para impeli-lo na via comum, dando ali o ensino que dão em outra parte; triunfarão pouco a pouco das resistências que poderiam nascer do amor-próprio nacional. Se os Americanos recusassem a teoria européia, porque vem da Europa, aceitarão quando ela surgir no meio deles pela voz dos mesmos Espíritos; cederão ao ascendente, não da opinião de alguns homens, mas o do controle universal do ensino dos Espíritos, esse poderoso critério, assim como o demonstramos em nosso artigo sobre a *autoridade da Doutrina Espírita;* não é senão uma questão de tempo, sobretudo quando as questões de pessoas tiverem desaparecido.

De todos os princípios da Doutrina, aquele que encontrou mais oposição na América, e pela América é preciso entender exclusivamente os Estados Unidos, foi o da reencarnação; pode-se mesmo dizer que é a única divergência capital, as outras prendendo-se antes à forma do que ao fundo, e isso, porque os Espíritos não o ensinaram ali; disso

explicamos os motivos. Os Espíritos procedem por toda a parte com sabedoria e prudência; para fazer-se aceitar, evitam chocar muito bruscamente as idéias recebidas; não irão dizer inconsideradamente a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos, o dogma da reencarnação viria se chocar contra os preconceitos de cor, tão profundamente enraizados nesse país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; as questões de detalhe deveriam vir em outro tempo. Ora, não é duvidoso que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra atual será o enfraquecimento gradual dos preconceitos que são uma anomalia numa nação tão liberal.

Se a idéia da reencarnação não é ainda aceita nos Estados Unidos de maneira geral, o é individualmente por alguns, senão como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, julgando sem dúvida que o momento se torna propício, começam a ensiná-la com comedimento em certos lugares, e sem cerimônia em outros; uma vez levantada a questão, fará seu caminho. De resto, temos sob os olhos comunicações já antigas obtidas nesse país, onde, sem ela estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a conseqüência forçada dos princípios emitidos; vê-se ali despontar a idéia. Não é, pois, duvidoso que, num tempo dado, o que se chama hoje ainda a escola americana se fundirá na grande unidade que se estabelece de todas as partes.

Como prova do que avançamos, citaremos o artigo seguinte, publicado no *Union,* jornal de *San Francisco,* e um extrato da carta de envio que o acompanhava.

"Senhor Allan Kardec,

"Embora não tenha a honra de vos ser conhecido, tomo, como médium, a liberdade de vos dirigir a notícia aqui juntada que esses senhores do jornal abreviaram um pouco; no entanto, tal qual ela é, muitas pessoas parecem desejar dela saber mais; também todos os vossos livros se difundem, e nossas livrarias terão logo que fazer novos pedidos...

"Recebei, etc.

"PAULINE BOULAY;

Notícia sobre o Espiritismo.

"Basta exprimir bem alto idéias que todo mundo não compreende para ser tratado de exaltado, de extravagante e de louco. Não é necessário ser ESCRITOR para escrever o que o coração e a alma nos ditam.

"Um espírito forte dizia a uma senhora médium: Como vós, que sois inteligente, podeis crer nos Espíritos invisíveis e na pluralidade das existências? - É talvez porque sou inteligente que acredito nisso, respondeu a senhora, o que sinto me inspira mais confiança do que o que vejo, tendo em vista que o que vemos nos engana algumas vezes, o que sentimos não nos engana jamais; estais livre de nisso não crer. Aqueles que crêem na pluralidade das existências não são maus, e são mais desinteressados do que aqueles que nela não crêem: os incrédulos os tratam de loucos, isso não prova que dizem a verdade; ao contrário: duvidar do poder de Deus é ofendê-lo, negar o que existe além daquilo que podemos apalpar é um ultraje dirigido ao Criador.

'Tem-se o hábito, quando nos acontece alguma coisa extraordinária, de atribuí-la ao acaso. Pergunto-me, o que é o acaso? O nada, responde a voz da verdade; ora, portanto, o nada não podendo nada produzir, o que existe nos vem de uma fonte produtiva: não seria senão mais justo pensar que o que ocorre independentemente de nossa vontade é obra da Providência, dirigida pelo Senhor de nossos destinos.

"O que quer que digais, o que quer que façais, espíritos fortes, não destruireis jamais essa Doutrina, que sempre existiu. A ignorância das almas primitivas, não lhes permitindo

compreendê-la em toda a sua extensão, pensam que depois desta vida tudo acaba. Errado! Nós outros médiuns, mais ou menos avançados, acabaremos por vos convencer.

"Não só o Espiritismo é uma consolação, mas ainda ele desenvolve a inteligência, destrói todo pensamento de egoísmo, de orgulho e de avareza, nos coloca em comunicação com aqueles que nos são caros, e prepara o progresso; progresso imenso que destruirá insensivelmente todos os abusos, as revoluções e as guerras.

"A alma tem necessidade de se reencarnar para se aperfeiçoar, não pode em uma única vida material aprender tudo o que deve saber para compreender a obra do Todo-Poderoso. O corpo não é senão um envoltório passageiro no qual Deus envia uma alma para se aperfeiçoar e sofrer as provas necessárias ao seu adiantamento e ao cumprimento da grande obra do Criador, que somos todos chamados a servir quando tivermos feito nossas provas e tivermos adquirido todas as perfeições. Todas as nossas celebridades contemporâneas são tantas almas que progrediram pela renovação das encarnações; muitas dentre elas são médiuns escreventes, gênios que trazem em cada existência nova os progressos da ciência e das artes.

"A lista dos homens de gênio aumenta cada ano: são igualmente guias que Deus coloca em nosso meio para nos esclarecer, nos instruir, em uma palavra, nos ensinar o que ignoramos e que é preciso absolutamente que saibamos; eles nos mostram a praga

social, tratam de destruir os nossos preconceitos, colocam à luz e sob nossos olhos todo o mal produzido pelo egoísmo e pela ignorância. Esses gênios são animados por Espíritos superiores; fizeram mais para o progresso e a civilização do que todos os vossos fuzileiros e os vossos canhões, e fazem derramar mais lágrimas de reconhecimento e de ternura do que todos os vossos belos feitos de armas.

"Refleti, pois, seriamente no Espiritismo, homens inteligentes, nele encontrareis grandes ensinamentos; não há charlatanismo nessa lei divina, tudo nela é belo, grande, sublime; ela só tende a nos conduzir para a perfeição e a verdadeira felicidade moral.

"O livro escrito pelos médiuns, sob o ditado dos Espíritos superiores e errantes, é um livro de alta filosofia e de uma instrução tão profunda quanto etérea, tratando de tudo. É verdade que todo o mundo não está ainda preparado para esta crença, e para compreendê-la é necessário que a alma já tenha se reencarnado várias vezes.

"Quando todo o mundo compreender o Espiritismo, nossos poetas serão mais apreciados e serão lidos com mais atenção e respeito. Todos os nossos literatos serão compreendidos por todos os povos, serão admirados sem ciúme deles, porque se conhecerão a causa e os efeitos.

"O estudo da ciência é a mais nobre ocupação, o Espiritismo dela é a divindade; por ele nos associamos ao gênio, e, como disse um de nossos sábios, junto ao homem de gênio vem aquele que sabe compreendê-lo.

"A instrução feita do Espírito, o que um hábil joalheiro faz do espécime, ela lhe dá o brilho, o brilhante que encanta e seduz, ressaltando-lhe o valor.

"A alma não tem forma propriamente dita, é uma espécie de luz que difere pela sua intensidade segundo o grau de perfeição que adquiriu. Quanto mais a alma progrediu, mais a sua cor é luminosa.

"Quando fordes todos médiuns, podereis conversar com os Espíritos como já o fazemos, vos dirão que são mais felizes do que nós; nos vêem, nos ouvem, assistem às nossas reuniões, conversam com nossa alma durante o nosso sono, se transportam e penetram por toda a parte onde Deus os envia.

"PAULINE BOULAY."

Nota. - O princípio da reencarnação se encontra igualmente num manuscrito que nos foi dirigido de Montreal (Canadá), e do qual falaremos proximamente.

CURSO PÚBLICO DE ESPIRITISMO EM LYON E EM BORDEAUX.

Não se trata aqui, como se poderia crê-lo, de uma demonstração aprovadora da Doutrina, mas, ao contrário, de uma nova forma de ataque, sob um título atraente e um tanto enganador, porque aquele que sob a fé do programa, irá lá crendo assistir a lições de Espiritismo, será muito desapontado. Os sermões estão longe de terem o resultado que deles se espera; não se dirigem, aliás, senão aos fiéis; depois exigem uma forma muito solene, muito exclusivamente religiosa; ao passo que a tribuna de ensino permite maneiras mais livres, mais familiares; o orador eclesiástico faz abstração de sua qualidade de sacerdote: torna-se professor. Esse meio triunfará? Ó futuro no-lo ensinará.

O Sr. abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, começou no Pequeno-Colégio uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo. O jornal *la Vérité,* em seu número do dia 10 de abril de 1864, dá a análise de uma sessão consagrada ao Espiritismo, e salienta várias afirmações do orador; promete manter seus leitores ao corrente da continuação, ao mesmo tempo que trata de refutá-lo, o que, disso não duvidamos cumprirá muito bem, a julgá-lo pelo seu início. A conveniência e a moderação da qual deu prova até este dia, em sua polêmica, nos são garantia de que dela não renunciará nesta circunstância, no caso mesmo onde seu contraditor dela se afastar.

Enquanto o Sr. abade Barricand permanecer sobre o terreno da discussão dos princípios da Doutrina, estará em seu direito; não podemos estar descontente de não ser de nossa opinião, de dize-lo, e de procurar provar que tem razão. Gostaríamos que, em geral, o clero fosse partidário do livre exame, como nós mesmos o somos. O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais, e sobretudo as personalidades maldosas; é quando, pelas necessidades de sua causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos daqueles que os defendem. Semelhantes meios são sempre uma prova de fraqueza e testemunham pouca confiança que tem nos argumentos tirados da própria culpa. São esses desvios da verdade que é essencial salientar na ocasião, permanecendo tudo no limite das conveniências e da urbanidade.

A *Vérité* resume assim como se segue uma parte da argumentação do Sr. abade Barricand:

"Quanto aos Espíritas que são muito mais numerosos, igualmente me empenho em vos provar que descem hoje do pretensioso pedestal sobre o qual o Sr. A. Kardec os fazia dominar em 1862. Em 1861, com efeito, o Sr. Kardec efetuou uma viagem em toda a França, viagem da qual complacentemente deu conta ao público. Oh! então, senhores, tudo estava para o melhor; os adeptos dessa escola se contavam por trinta mil em Lyon, por dois ou três mil em Bordeaux, etc., etc. O Espiritismo parecia ter invadido toda a Europa! Ora, o que se passa em 1863? O Sr. A.

Kardec não faz mais viagem......não mais de relatório enfático! É que, provavelmente, constatou bom número de deserções, e a fim de não desencorajar o que resta ainda de Espíritas, por um estado pouco a seu favor, julgou prudente e sagaz abster-se. Perdão, senhores, eu me engano, o Sr. A. Kardec consagra algumas páginas de sua *Revista Espírita* (janeiro de 1864), a nos dar algumas notícias gerais sobre a campanha de 1863. Mas aqui, não mais cifras ambiciosas! Mas disso se guarda bem e com razão!.....O Sr. Kardec se contenta em nos anunciar que o Espiritismo está sempre florescente, mais florescente do que nunca. Como prova ao apoio, cita a criação de dois novos órgãos da escola, a *Ruche* de Bordeaux e a *Vérité* de Lyon; a *Vérité* sobretudo, que veio, disse ele, *colocar-se como atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão apertada, que não deixam nenhuma presa à crítica.* Espero, senhores, vos demonstrar sexta-feira que a *Vérité* não é assim tão terrível quanto se quer dize-lo.

"É fácil ao Sr. Allan Kardec colocar esta afirmação: *O Espiritismo está mais poderoso do que nunca,* e de citar como principal prova a *Ruche e a Véritél* Senhores, que comédia tudo isso!.....Esses dois jornais podem bem existir, sem ser precisamente obrigado a concluir que o Espiritismo dê um passo adiante?.....Se me objetardes que esses jornais têm despesas e que para pagá-las são necessários assinantes ou se impor sacrifícios por muito deprimentes, vos responderei ainda: Comédia!.....

A caixa do Sr. A. Kardec está bem abastecida, diz-se; não é justo, racional, que venha em ajuda aos seus discípulos?"

O redator da *Vérité,* Sr. Edoux, acompanha essa citação da nota seguinte: "Ao sair do curso, tivemos um momento de conversa com o Sr. abade Barricand que, de resto nos recebeu de maneira muito cortês. Nosso objetivo era oferecer-lhe uma coleção da *Vérité,* a fim de que dela fale comodamente."

Veremos se o Sr. Barricand será mais feliz do que seus confrades, e se encontrará, enfim, o que tantos outros procuraram: argumentos esmagadores contra o Espiritismo. Mas para que tanto trabalho, uma vez que este morreu? Uma vez que o Sr. Barricand o crê, deixemos-lhe essa doce crença, porque isso não será nem mais nem menos.

Não temos nenhum interesse de dissuadi-lo. Diremos somente que se não tem motivos de segurança mais sérios do que aqueles que faz valer, suas razões não são quase nada concludentes, e se todos os seus argumentos contra o Espiritismo são da mesma força, podemos dormir tranqüilos.

Pode-se admirar que um homem sério tire conclusões tão arriscadas do que não fizemos de viagens no ano último, e se imiscua em nossos atos privados supondo o pensamento que devêramos ter para viajar ou não. De uma suposição ele tira uma conseqüência absoluta, o que não é de uma lógica muito rigorosa, porque, se as premissas não estão certas, a conclusão não saberia sê-lo. Isso não é responder, direis; mas não temos nenhuma intenção de satisfazer a curiosidade de quem quer que seja; o Espiritismo é uma questão humanitária; seu futuro está na mão de Deus, e não depende de tal ou tal providência de um homem. Lamentamos que o Sr. abade Barricand o veja de um ponto de vista tão estreito.

Quanto a saber se nossa caixa está bem ou mal abastecida, nos parece que supor o que há no fundo da bolsa de alguém, que não deu o direito de nela olhar, poderia passar por indiscrição; fazendo disso um texto de um ensino público, é uma violação da vida privada; supor o uso que uma pessoa deva fazer daquilo que se *supõe* que ela deva possuir, pode, segundo as circunstâncias roçar à calúnia.

Parece que o sistema do Sr. Barricand é de proceder por suposições e por insinuações; com um semelhante sistema, pode-se se expor a receber desmentidos; ora, nós lhe damos um formal desmentido a respeito de todas as alegações, suposições e deduções acima relatadas. Discuti quanto quiserdes os princípios do Espiritismo, mas o que fazemos ou não fazemos, o que temos ou não temos, é estranho à questão. Um curso não é uma diatribe; é uma exposição séria, completa e conscienciosa do assunto que se trata; se é contraditória, a lealdade quer que se coloque em frente os argumento pró e contra, a fim de que o público julgue de seu valor recíproco; às provas é preciso opor provas mais preponderantes; é dar uma pobre idéia da força de seus próprios argumentos, procurando lançar o descrédito sobre as pessoas. Eis como compreendemos um curso, sobretudo da parte de um professor de teologia que deve, antes de tudo, procurar a verdade.

Bordeaux também tem seu curso público de Espiritismo, quer dizer, contra o Espiritismo, pelo Rev. Pé. Delaporte, professor da faculdade de teologia dessa cidade. A *Ruche* o anuncia nestes termos:

"Assistimos quarta-feira última, 13 do corrente, ao curso público de dogma, no qual o Rev. Pé. Delaporte tratou esta questão:

Da hipótese de uma nova religião revelada pelos Espíritos, ou o Espiritismo. O sábio professor não tendo ainda concluído, seguiremos com atenção suas lições, e dele dare-

mos conta com essa imparcialidade e essa moderação das quais um Espírita não deve jamais se afastar."

O *Sauveur dês peuples,* em seus números de 17 e 24 de abril, dá o relatório das duas primeiras lições e delas faz uma crítica séria e cerrada que não deve deixar de causar algum embaraço ao orador. Assim, eis dois professores de teologia de incontestável talento, que, nos dois principais centros do Espiritismo na França, empreendem contra ele uma nova guerra, e se acham lutando, sobre os dois pontos com defensores que têm o que lhes responder. É que hoje se encontra o que era mais raro há alguns anos: homens que estudaram seriamente, e que não temem se estar sempre lutando. O que disso sairá? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão por todo o mundo; aqueles que não leram quererão ler; aqueles que não viram quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele não vêem ainda senão uma mistificação, uma vez que sábios teólogos o julgam digno de fazer o assunto de uma discussão pública séria. Um terceiro resultado, enfim, será de fazer calar o medo do ridículo que retém ainda muitas pessoas. Quando uma coisa é publicamente discutida por homens de valor, pró e contra, não se teme mais dela falar por si mesmo.

Do púlpito religioso a discussão passará muito seriamente na cátedra científica e filosófica. Essa discussão, pela elite dos homens inteligentes, terá por efeito esgotar os argumentos contraditórios que não poderão resistir à evidência dos fatos.

A idéia espírita, sem dúvida, está muito difundida; mas não se pode dizer que está ainda no estado de opinião individual; o que se passa hoje tende a dar-lhe postura na opinião geral, e lhe determinará, num tempo próximo, o lugar oficial entre as crenças recebidas.

Aproveitamos com alegria a ocasião que nos é oferecida para dirigir as nossas felicitações e nossos encorajamentos a todos aqueles que, desafiando todo medo, tomam resolutamente na mão a causa do Espiritismo; somos felizes em ver o número deles que cresce todos os dias. Que perseverem, e verão logo os apoios se multiplicarem ao seu redor; mas que se persuadam também que a luta não terminou, e que a guerra a céu aberto não é mais de se temer; o inimigo mais perigoso é aquele que age na sombra e, freqüentemente, se esconde sob uma máscara falsa. Nós lhes diremos, pois: Desconfiai das aparências; julgai os homens não pelas suas palavras, mas por seus atos; temei sobretudo as armadilhas.

VARIEDADES

Manifestações de Poitiers.

Os ruídos que tinham comovido a cidade de Poitiers cessaram completamente, segundo o que nos foi dito, mas parece que os Espíritos barulhentos transportaram o teatro de suas façanhas para as redondezas. Eis o que se lê, a esse respeito, no *Pays:*

"Os Espíritos batedores de Poitiers começam a fazer descendência, e povoam os campos vizinhos. Escreveu-se da Ville-au-Moine, de 24 de fevereiro, no *Courrierde Ia Vienne* (não confundir com o *Journal de Ia Vienne,* especial para a casa d'O.):

"Senhor redator,

"Há alguns dias nossa região está preocupada com a presença, em Bois-de-Doeuil, de Espíritos batedores que difundem o terror nos pequenos burgos. A casa do senhor Perroche é seu lugar de encontro: todas as noites, entre onze horas e meia-noite, o Espírito se manifesta por nove, onze ou treze pancadas de dois e um, e as seis horas da manhã pelo mesmo barulho.

"Notai, senhor, que esses golpes se fazem ouvir no encosto de uma cama na qual dorme uma mulher, meio morta de medo, que pretende receber as comunicações de um tio de seu marido, falecido em nossa aldeia há um mês. É de não se crer nisso: também temos vários de meus amigos e eu, querido conhecer a verdade, e por isso, fomos dormir no Bois-de-Doeuil, onde fomos testemunha dos fatos que se nos haviam assinalado; ouvimos mesmo agitar no sentido de seu comprimento o berço de uma criança, que parecia não estar em comunicação com ninguém.

De início tomamos a coisa rindo; mas vendo que todas as precauções que tínhamos tomado para descobrir um estratagema não tinham chegado a nada, nos retiramos com mais estupor do que vontade de rir.

"Se o ruído continuar, a casa do senhor Perroche não será mais bastante grande para receber os curiosos, porque de Marsais, Priaire, Migre, Doeuil e mesmo de Villeneuve-la-Comtesse, para lá vão por bandos de vários indivíduos para ali passar as noites e tratar de descobrir as profundezas desse mistério.

"Aceitai, etc."

Não faremos sobre esses acontecimentos senão uma curta reflexão. O *Journal de la Vienne,* relatando-os, havia anunciado, com várias repetições, que se estava sobre os vestígios do ou dos maus gracejadores que causam essas perturbações, e que não se tardaria a agarrá-los. Se não foi feito, não se pode ligar isso à negligência da autoridade. Como ocorre que, numa casa ocupada, de alto a baixo, por seus agentes, esses gracejadores hajam podido continuar suas manobras em sua presença, sem que se pudesse colocar-lhes a mão em cima? É preciso convir que tinham, ao mesmo tempo, muito de audácia e muito de agilidade, uma vez que puderam agarrar um brigadeiro sem serem vistos. E preciso, alem disso, que esse bando de traquinas seja bem numeroso, uma vez que pregam a mesma peça em diferentes cidades e com anos de distância, sem jamais terem sido agarrados; porque os embaraços da rua dos Grès e da rua dos Noyers em Paris, das Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e tantos outros não levaram a mais resultados. Como ocorre que a polícia, que possui tão grandes recursos e despista os malfeitores mais sagazes e mais velhacos, não possa ter razão com alguns barulhentos. Refletiu-se bem nisso?

De resto, esses fatos não são novos, assim como pode se ver pelo relato seguinte.

O TASSO E SEU ESPÍRITO ESTOUVADO.

Escrevem-nos de Saint-Pétersbourg:

"Venerável mestre, tendo lido no primeiro número da *Revista Espírita* de 1864 o fato de um Espírito batedor no século dezesseis, me lembrei de um outro deles; talvez o julgueis digno de obter um pequeno lugar em vosso jornal. Eu extraí de uma biografia sobre a vida e o caráter de Tasso, escrita pelo Sr. Suard, secretário perpetuo da classe da língua e da literatura francesas, e inserida na tradução da *Jerusalém libertada,* publicada em 1803.

Depois de ter dito que os sentimentos religiosos de Tasso, exaltados em conseqüência de sua disposição melancólica e das infelicidades que dela foram o resultado, levaram-no a se persuadir seriamente de que era o objeto das perseguições de um Espírito estouvado que queria seu dinheiro, e lhe tirava de sobre sua mesa e sob seus olhos tudo o que se lhe servia, e acrescenta, com seu historiador: "Eis a maneira pela qual o próprio Tasso dá conta dessa perseguição:

"O irmão R... (informa ele a um de seus amigos) trouxe-me duas cartas vossas, mas uma das duas desapareceu, desde que a li, e creio que o Espírito estouvado a levou, tanto mais que era aquela em que faláveis dele. É um desses prodígios dos quais, freqüen-

temente, fui testemunha no hospital, o que não permitia duvidar que fossem a obra de algum mágico, e disso tenho muitas outras provas. Hoje mesmo, tirou um pão diante de mim, e outro dia um prato de frutas."

Lamenta-se em seguida dos livros e papéis que lhe rouba, e acrescenta: "Aqueles que desapareceram enquanto eu não estava aqui, pode terem sido tomados por homens que, eu creio têm as chaves de todas as minhas caixinhas, de sorte que não tinha mais nada que pudesse defender contra as empresas de meus inimigos ou das do diabo, se isso não é minha vontade, que não consentirá jamais em nada aprender dele ou de seus sectários, nem a contrair nenhuma familiaridade com ele ou seus mágicos."

Numa outra carta, ele diz: 'Tudo vai de mal a pior; o diabo não me deixa nunca, quer dormisse ou passeasse, vendo que não podia obter de mim o acordo que desejava, tomou a decisão de roubar-me abertamente o meu dinheiro."

"Outras vezes, continua o autor da notícia, crê ver a Virgem Maria aparecer-lhe, e o abade Serassi conta que numa doença que ele teve na prisão, o Tasso se recomendou com tanto ardor à santa Virgem, que ela lhe apareceu e curou-o. O Tasso consagrou esse milagre por um soneto.

"Em seguida, o Espírito estouvado se mudou em um demônio mais tratável com quem o Tasso pretendia conversar familiarmente, e que lhe ensinava coisas maravilhosas. No entanto, pouco lisonjeado com esse estranho comércio, o Tasso atribuía-lhe à importância que tivera em sua juventude de compor um diálogo onde ele supunha-se em conversa com um Espírito; "o que eu não quis fazer seriamente, acrescenta ele, mesmo quando isso me foi possível."

"O Sr. Suard termina esse relato dizendo: "Não se pode negar a uma triste reflexão pensando que foi há trinta anos, depois de ter escrito uma obra imortal, que o infortunado foi escolhido para dar o mais deplorável exemplo da fraqueza de espírito."

"Mas vós, senhor, graças *à* luz do Espiritismo, vos dirigireis a um outro julgamento, e vereis, disso estou seguro, nesses fatos, um elo a mais na cadeia dos fenômenos espíritas que ligam os tempos antigos à época atual."

Sem nenhuma dúvida, os fatos que se passam hoje, perfeitamente constatados e explicados, provam que o Tasso poderia se encontrar sob o domínio de uma dessas obsessões das quais diariamente somos testemunhas, e que nada têm de sobrenatural. Se disso tivesse conhecido a verdadeira causa, não teria estado mais impressionado do que é agora; mas, nessa época, a idéia do diabo, dos feiticeiros e dos mágicos estava com toda a sua força, e como, longe de combatê-la não se procurava senão mantê-la, e poderia reagir de maneira deplorável sobre os cérebros fracos. É, pois, mais do que provável que o Tasso não era mais louco do que não o são os obsidiados de nossos dias, aos quais são necessários cuidados morais e não medicamentos.

Instruções de Ciro aos seus filhos, no momento de sua morte.
(Extraído da *Cyropédie* de Xénophon, liv. VIII, cap. VII.)

Conjuro-vos, pois, meus filhos, em nome dos deuses de nossa pátria, de terem considerações um pelo outro, se conservais algum desejo de chorar por mim: porque não imagino que consideraríeis como certo que eu não seria mais nada quando cessasse de viver. Minha alma foi até aqui ocultada aos vossos olhos; mas em suas operações, reconheceríeis que ela existia.

Não notastes, do mesmo modo, de quais terrores são agitados os homicidas pelas almas dos inocentes que fizeram morrer, e que vinganças elas tiram desses ímpios? Pensais que o culto que se rende aos mortos fosse constantemente sustentado acreditando-se suas almas destituídas de todo poder? Por mim, meus filhos, jamais pude me persuadir de que a alma, que vive enquanto está num corpo mortal, se extinga desde que dele tenha saído; porque vejo que é ela que vivifica esses corpos destrutíveis, enquanto os

habita. Jamais pude me persuadir de que ela perde sua faculdade de raciocinar no momento em que ela se separa de um corpo incapaz de raciocínio; é natural crer que a alma, então mais pura e livre da matéria, goze plenamente de sua inteligência. Quando um homem está morto, vêem-se as diferentes partes que o compunham se juntar aos elementos aos quais elas pertencem: só a alma escapa aos olhares, seja durante sua estada no corpo, seja quando o deixa.

Sabeis que é durante o sono, imagem da morte, que a alma mais se aproxima da Divindade, e que nesse estado, freqüentemente, ela prevê o futuro, sem dúvida porque então ela está inteiramente livre.

Ora, se as coisas são como penso, e que a alma sobrevive ao corpo que abandona, fazei, por respeito à minha, o que vos recomendo; se estou no erro, se a alma fica com o corpo e perece com ele, temei pelo menos os deuses que não morrem, que vêem tudo, que podem tudo, que mantêm no Universo essa ordem imutável, inalterável, invariável, cuja magnificência e majestade estão acima da expressão.

Que esse temor vos preserve de toda ação, de todo pensamento que fira a piedade ou a justiça......mas sinto que minha alma

me abandona; sinto os sintomas que anunciam comumente a nossa dissolução.

Nota. - Um Espírita teria muito pouca coisa a acrescentar a essas notáveis palavras, dignas de um filósofo cristão, e onde se encontram admiravelmente descritos os atributos especiais do corpo e da alma: o corpo material, destrutível, cujos elementos se dispersam para se unirem aos outros similares, e que, durante a vida, não age senão pelo impulso do princípio inteligente; depois a alma, sobrevivendo ao corpo, conservando a sua individualidade, e gozando de maiores percepções quando está desligada da matéria; a liberdade da alma durante o sono; enfim, a ação da alma dos mortos sobre os vivos.

Pode-se, além disso, notar que ali está feita uma distinção entre os deuses e a Divindade propriamente dita. Os deuses não eram outros senão só Espíritos em diferentes graus de elevação, encarregados de presidir, cada um em sua especialidade, a todas as coisas deste mundo, na ordem moral e na ordem material. Os deuses da pátria eram os Espíritos protetores da pátria, como os deuses lares eram os protetores da família. Os deuses, ou Espíritos superiores, não se comunicavam aos homens senão por intermédio de Espíritos subalternos, chamados *demônios.* O vulgo não ia mais além; mas os filósofos e os iniciados reconheciam um ser supremo, criador e ordenador de todas as coisas.

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A GUERRA AO DIABO E AO INFERNO, *a imperícia do diabo, o diabo convertido;* por Jean de la Veuze, Brochura in-18, preço, 1 fr. - Bordeaux, casa Ferrei, livraria. - Paris, casa Didier et C"., 35, cais dos Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor, falando desse ponto de que o Espiritismo é uma concepção do diabo em vista de atrair a si um maior número de almas, traça-lhe um rápido esboço desde as primeiras manifestações da América até este dia, e mostra que o diabo se enganou em seus cálculos, uma vez que salva as almas que estavam perdidas, e deixa desastradamente escapar aquelas que eram suas; o que vendo, ele se converte por si mesmo, assim como uma parte de seus acólitos. É uma crítica espirituosa e alegre do papel que se faz o diabo desempenhar nestes últimos tempos, mas onde pensamentos sérios, profundos e de uma perfeita justiça, ressaltam através do tom de brincadeira.

Esse pequeno livro será lido, disso não duvidamos, com prazer, não dizemos por todo o mundo.

CARTAS AOS IGNORANTES, *filosofia do bom senso;* por V. Tournier, Brochura in-18, preço, 1 fr. - Casa Dentu, Palais-Royal.

O autor, Espírita fervoroso e esclarecido, reproduziu em versos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita segundo *O Livro dos Espíritos.* Nós o felicitamos sinceramente da intenção que presidiu seu trabalho; sob qualquer forma que a Doutrina se apresente, é sempre um indício da vulgarização da idéia, e tanto de sementes espalhadas que frutificam mais ou menos segundo a forma de que estão revestidas; o essencial é que o fundo seja exato, e está aqui o caso.

ALLAN KARCEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO	NO. 6	JUNHO 1864

A VIDA DE JESUS, PELO SR. RENAN.

(2º artigo. - Ver o número de maio de 1864.)

Este livro é um daqueles que não podem ser completamente refutados senão por um outro livro. Seria preciso discuti-lo artigo por artigo; é uma tarefa que não empreenderemos, pela razão de que toca em questões que não são de nossa alçada, e que muitos outros disso se encarregarão; limitar-nos-emos ao exame das conseqüências que o autor tirou do ponto de vista em que se colocou.

Há nessa obra, como em todas as obras históricas, duas partes muito distintas: a relação dos fatos, e a apreciação desses fatos. A primeira é uma questão de erudição e de boafé: a segunda depende inteiramente da opinião pessoal. Dois homens podem perfeitamente ter o mesmo pensamento sobre uma, e diferir completamente sobre a outra.

É natural que a parte religiosa haja sido atacada, porque é uma questão de crença, mas a parte histórica não parece ser invulnerável, julgando-as pelas críticas dos teólogos que lhe contestam não só a apreciação, mas a exatidão de certos fatos. Deixaremos aos mais competentes do que nós o cuidado de decidir esta última questão; no entanto, sem nos constituir juiz do debate, reconhecemos que certas críticas são evidentemente fundadas, mas que, sobre vários pontos importantes da história, as notas do Sr. Renan são perfeitamente justas. Entre as numerosas refutações que foram feitas de seu livro, cremos dever assinalar a do Pe. Grafry como uma das mais lógicas e das mais imparciais; ele fez sobretudo ressaltar, com muita clareza, as contradições que ali se encontram em cada passo (1-(1) Brochura in-18, - Preço: 1fr. casa Plon, 8, rua Garancière.).

Admitamos, no entanto, que o Sr. Renan não tenha em nada se afastado da verdade histórica, isso não implica a justeza de apreciação, porque fez esse trabalho em vista de uma opinião e com idéias preconcebidas. Ele estudou os fatos para neles procurar a prova dessa opinião, e não para dele se formar uma; naturalmente não viu senão o que lhe pareceu conforme com a sua maneira de ver, ao passo que não viu o que lhe era contrário. Sua opinião é a sua medida; ele disse-o, de resto, ele mesmo, nesta passagem de sua introdução, página 5: "Estarei satisfeito se, depois de ter escrito a vida de Jesus, me der de *contar como entendo* a história dos apóstolos, o estado da consciência cristã durante as semanas que seguiram a morte de Jesus, a formação do *círculo legendário,* da ressurreição, os primeiros atos da Igreja de Jerusalém, a vida de São Paulo, etc. "Ele pode ter várias maneiras de apreciar um fato, mas o fato em si mesmo é independente da opinião. É, pois, uma história dos apóstolos à sua *maneira* que o Sr. Renan se propõe a dar, como deu *á sua maneira, a* história da vida de Jesus. Encontra-se nas condições de imparcialidade requeridas para que sua opinião faça fé? Ele nos permitirá disso duvidar.

Persuadido de que estava na verdade, pôde agir, e cremos que agiu de boa-fé, e que os erros materiais que se lhe censura não são resultado de um desígnio premeditado de alterar a verdade, mas de uma falsa apreciação das coisas. Ele está na posição de um

homem consciencioso, partidário exclusivo das idéias do antigo regime, e que escreveu uma história da Revolução francesa. Seu relato poderá ser de uma escrupulosa exatidão, mas o julgamento que fará sobre os homens e sobre as coisas será o reflexo de suas próprias idéias; reprovará o que outros aprovarão. Em vão terá percorrido os lugares onde os acontecimentos se passaram, esses lugares lhe confirmarão os fatos, mas não os fará encarar de outra maneira. Tal foi o Sr. Renan percorrendo a Judéia, com o Evangelho à mão; ele encontrou as marcas do Cristo, de onde concluiu que o Cristo havia existido, mas não viu o Cristo de outro modo do que não o via antes. Ali onde não viu senão os passos de um homem, um apóstolo da fé ortodoxa teria percebido o cunho da Divindade.

Sua apreciação vem do ponto de vista em que se colocou. Ele se defende do ateísmo e do materialismo, porque não crê que a matéria pense, que admite um princípio inteligente, universal, repartido em cada indivíduo em doses mais ou menos fortes. Em que se torna esse princípio inteligente na morte década indivíduo? Crendo-se nisso a delicadeza do Sr. Renan com a alma de sua irmã, ele conserva sua individualidade e suas afeições; mas se a alma conserva sua individualidade e suas afeições, há, pois, um mundo invisível, inteligente e amante; ora, esse mundo, uma vez que é inteligente, não pode permanecer inativo; deve desempenhar um papel qualquer no Universo. Pois bem! a obra inteira é a negação desse mundo invisível, de toda inteligência ativa fora do mundo visível; por conseqüência, de todo fenômeno resultante da ação de inteligências ocultas, de toda relação entre os mortos e os vivos; de onde é preciso concluir que sua tocante delicadeza é uma obra de imaginação suscitada pelo pesar sincero que sente pela perda de sua irmã, e que ali exprime seu desejo mais do que sua crença; porque se tivesse acreditado seriamente na existência individual da alma de sua irmã, na persistência de seu afeto por ele, em sua solicitude, em sua inspiração, essa crença ter-lhe-ia dado idéias mais verdadeiras sobre o sentido da maioria das palavras do Cristo.

O Cristo, com efeito, preocupando-se com o futuro da alma, fez incessantemente alusão à vida futura, ao mundo invisível, por conseqüência, que o apresenta como bem mais invejável do que o mundo material, e como devendo fazer parte de todas as aspirações do homem. Para aquele que não vê nada fora da humanidade tangível, estas palavras: "Meu reino não é deste mundo; Há muitas moradas na casa de meu Pai; Não procureis *os* tesouros da Terra, mas os do céu; Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados," e tantas outras, não devem ter senão um sentido quimérico. É assim que as considera o Sr. Renan: "A parte de verdade, disse ele, contida no pensamento de Jesus, o havia levado sobre *a quimera* que o obscurecia. Não desprezemos, no entanto, essa quimera que foi o esboço grosseiro do bulbo sagrado do qual vivemos. Esse *fantástico reino do céu,* essa perseguição sem fim de uma cidade de Deus, que sempre preocupou o cristianismo em sua longa carreira, foi o princípio do grande instinto do futuro que animou todos os reformadores, discípulos obstinados do Apocalipse, desde Joachim de Flore até o sectário protestante de nossos dias." (Cap. XVIII, página 285, 1[a] ed.) (1(1) Todas as citações são tiradas da 1[a] edição.

A obra do Cristo era toda espiritual; ora, o Sr. Renan não crendo na espiritualização do ser, nem no mundo espiritual, deveria naturalmente tomar o contrapeso de suas palavras e o julgar no ponto de vista exclusivamente material. Um materialista ou um panteísta, julgando uma obra espiritual, é como um surdo julgando um trecho de música. O Sr, Renan julgando o Cristo no ponto de vista em que se colocou, teve que se equivocar sobre suas intenções e seu caráter. A prova mais evidente disso está nesta estranha passagem de seu livro: "Jesus *não é um espiritualista, porque tudo chegava para ele a uma realização palpável; não há a menor noção de uma alma separada do corpo.* Mas é um idealista realizado, a matéria não sendo para ele senão o sinal da idéia, e a real expressão viva daquilo que não parece." (Cap. VII, página 128.)

Concebe-se o Cristo, fundador da doutrina espiritualista por excelência, não crendo na individualidade da alma da qual não tem a menor noção, e por conseqüência na vida

futura? Se não é espiritualista, é, pois, materialista e, por conseqüência, o Sr. Renan é mais espiritualista do que ele. De tais palavras não se discutem; elas bastam para indicar a importância do livro, porque provam que o autor leu os Evangelhos, ou com muito de leviandade, ou com o espírito tão prevenido que não viu o que salta aos olhos de todo o mundo. Pode-se admitir a sua boa-fé, mas não se admitirá certamente a justeza de seu golpe de vista.

Todas suas apreciações decorrem dessa idéia de que o Cristo não tinha em vista senão as coisas terrestres. Segundo ele, era um homem essencialmente bom, desinteressado dos bens deste mundo, de costumes muito brandos, de uma instrução limitada ao estudo dos textos sagrados, de uma inteligência natural superior, a quem as disputas religiosas dos Judeus deram a idéia de fundar uma doutrina. Nisso foi favorecido pelas circunstâncias, que ele soube habilmente explorar. Sem idéia preconcebida e sem plano combinado, vendo que não triunfava junto aos ricos, procurou seu ponto de apoio nos proletários naturalmente animados contra os ricos; bajulando-os, devia deles fazer amigos. Se ele disse que o reino dos céus é para as crianças, foi para bajular as mães, que prende pelo seu lado fraco e delas faz partidários; também religião nascente foi, sob muitos aspectos, um movimento de mulheres e crianças. Em uma palavra, tudo era calculado e combinado nele, e, o amor ao maravilhoso ajudando, ele triunfou. De resto, não muito austero, porque amou muito Madalena, pela qual foi muito" amado. Várias mulheres ricas proviam as suas necessidades. Ele e seus apóstolos eram bons viventes que não desdenhavam os repastos alegres. Vede antes o que ele disse:

'Três ou quatro Galiléias devotadas acompanhavam sempre o *jovem Mestre* e se disputavam o prazer de escutá-lo e dele cuidar alternadamente. Elas traziam na seita nova o elemento de entusiasmo e de maravilhoso do qual já se pode sentir a importância. Uma delas, Maria de Magdala, que tornou tão célebre no mundo o nome de seu pequeno burgo, parecia ter sido uma pessoa muito exaltada. Segundo a linguagem do tempo, ela estava possuída por sete demônios; quer dizer, que estava afetada por doenças nervosas e, em aparência, inexplicáceis. Jesus, *por sua bondade* pura e doce, acalma essa organização perturbada. A Magdalense lhe foi fiel até o Gólgota, e desempenhou no segundo dia depois de sua morte um papel de primeira ordem; porque ela foi o órgão principal pelo qual se estabeleceu a fé na ressurreição, assim como o veremos mais tarde. Joana, mulher de Cusa, um dos intendentes de Antipas, Suzana, e outras que ficaram desconhecidas, o seguiram sem cessar e o serviram. Algumas eram ricas, e colocavam *pela sua fortuna o jovem profeta em posição de viver sem* exercer o ofício que professara até então." (Cap. IX, p. 151.)

"Jesus compreendeu bem depressa que o mundo oficial de seu tempo não se prestaria de nenhum modo ao seu reino. Tomou seu partido com uma audácia extrema. Deixando lá todo esse mundo de coração seco e de estreitos preconceitos, se voltaria para os simples. O reino de Deus é feito para as crianças e para aqueles que se lhes assemelham; para os rejeitados deste mundo, vítimas da arrogância social que repele o homem bom, mas humilde... O puro *ebionismo,* quer dizer que só os pobres *(ebionistas)* serão salvos, quando o reino dos pobres chegar, foi, pois, a doutrina de Jesus." (Cap. XI, p. 178).

"Ele não apreciava os estados da alma senão em proporção ao amor que a eles se junta. As mulheres, o coração cheio de lágrimas e dispostas, por suas faltas, aos sentimentos de humildade, estavam mais perto de seu reino do que as naturezas medíocres, as quais têm, freqüentemente, pouco mérito por não terem falido. Concebe-se, de um outro lado, que essas almas ternas, encontrando em sua conversão à seita um meio de reabilitação fácil, se ligavam a ele com paixão."

"Longe de que procurasse abrandar as murmurações que levantava seu desdém pelas suscetibilidades sociais do tempo, parecia ter prazer em excitá-las. Jamais confessou mais abertamente seu desprezo ao mundo, que é a condição das grandes coisas e da

grande originalidade. Ele não perdoava ao rico senão quando o rico, em conseqüência de algum preconceito, era mal visto da sociedade. Ele preferia abertamente as pessoas de vida equivocada e de pouca consideração aos notáveis ortodoxos. "Os publicanos e os *cortesãos,* lhes dizia ele, vos precederão no reino de Deus. João veio; os publicanos e os *cortesãos* creram nele, e apesar disso não vos convertestes." Compreende-se que a censura de não seguir o bom exemplo que lhes dava as *filhas da alegria* deveria ser ofensivo para as pessoas fazendo profissão de gravidade e de uma moral rígida.

"Não havia nenhuma afetação exterior, nem mostra de austeridade. Ele não fugia da alegria, ia voluntariamente às festas dos casamentos." *Um de seus milagres foi feito para alegrar uma núpcia de pequena cidade.* As núpcias no Oriente ocorrem à noite. Cada um leva uma candeia; as luzes que vão e vêm fazem um efeito muito agradável. Jesus gostava desse aspecto alegre e animado, e tirava daí as parábolas." (Cap. XI, p.187.)

"Os Fariseus e os doutores gritavam com o escândalo. "Vede, diziam, com que pessoas ele come! " Jesus tinha, então, finas respostas que exasperavam os hipócritas: "Não são as pessoas que se portam bem que têm necessidade de médico." (Cap. XI, p. 185.)

O Sr. Renan tem cuidado de indicar, por notas de retorno, as passagens do Evangelho aos quais faz alusão, para mostrar que se apoia sobre o texto. Não é a verdade das citações que se lhe contesta, mas a interpretação que lhes dá. É assim que a profunda máxima deste último parágrafo foi convertida numa simples réplica espirituosa. Tudo se materializa no pensamento do Sr. Renan; ele não vê em todas as palavras de Jesus nada além do terra-a-terra, porque ele mesmo não vê nada fora da vida material.

Depois de uma descrição idílica da Galiléia, de seu clima delicioso, de sua fertilidade luxuriante, do caráter doce e hospitaleiro de seus habitantes, dos quais faz verdadeiros pastores da Arcádia, encontra na disposição de espírito que deveria disso resultar a fonte do cristianismo.

"Essa vida contente e facilmente satisfeita não chegava ao grosseiro materialismo de nosso camponês, à grossa alegria de uma Normandia abundante, à pesada alegria dos Flamengos. Ela se espiritualizava em sonhos etéreos, em uma espécie da misticismo poético, confundindo o céu e a terra... A alegria fará parte do reino de Deus. Não é a filha dos humildes de coração, dos homens de boa vontade?

'Toda a história do cristianismo nascente, veio da sorte de uma deliciosa pastoral. Um Messias no repasto de núpcias, a cortesã e o bom Zaqueu chamado aos seus festins, os fundadores do reino do céu, como um cortejo de paraninfos: eis o que a Galiléia ousou, e o que ela fez aceitar." (Cap. IV, p. 67.)

"Um sentimento de uma admirável profundidade dominou em tudo isso Jesus, assim como o bando de *alegres crianças* que o acompanhavam, e fez dele pela eternidade o verdadeiro criador da paz da alma, o grande consolador da vida." (Cap. X, p. 176.)

"As utopias de vida bem-aventurada fundada sobre a fraternidade dos homens e o culto puro do verdadeiro Deus preocupam as almas elevadas e produzem, de todas as partes, experiências audaciosas, sinceras, mas de pouco futuro." (Cap. X, p. 172.)

"No Oriente, a casa onde desce um estrangeiro se torna em seguida um lugar público. Toda a aldeia a isso se assemelha; as crianças as invadem; *os* criados as afastam: elas retornam sempre. Jesus não podia sofrer senão tratando severamente esses ingênuos ouvintes; fazia-os se aproximar de si e os abraçava. As mães, encorajadas por uma tal acolhida, levavam-lhe suas criancinhas para que as tocasse... Também as mulheres e as crianças o adoravam...

"A religião nascente foi assim, em muitos aspectos, um movimento de mulheres e de crianças. Estas últimas faziam, ao redor dele, como um jovem guarda para a inauguração de sua *inocente realeza,* e lhe concediam pequenas ovações com as quais se alegravam muito, chamando-o: filho de Davi, gritando: *Hosannal* e levando palmas ao redor deles. Jesus, como Savonarola, fazia-as talvez servir de instrumento à missões piedosas; *era*

muito fácil ver esses jovens apóstolos, que não o comprometiam, lançarem-se para a frente, e conceder-lhe títulos que não ousava tomar por si mesmo." (Cap. XI, p. 190.)

Jesus é assim apresentado como um ambicioso vulgar, de paixões mesquinhas, que age por debaixo *e* não tem a coragem de se confessar. À falta de uma realeza efetiva, contenta-se com aquela mais inocente e menos perigosa que lhe concedem as criancinhas. A passagem seguinte faz dele um egoísta:

"Mas de tudo isso não resulta nenhuma Igreja estável em Jerusalém, nem um grupo de discípulos hierosolimitas. O *encantador doutor,* que perdoava a todos *desde que se o amasse,* não podia encontrar muito eco nesse santuário de vás disputas e de velhos sacrifícios."

"Sua família não parece tê-lo amado, e, por momentos, se a encontra dura para ele. Jesus, como todos os homens exclusivamente preocupados com uma idéia, chegava a levar em pouca conta os laços do sangue... Logo, na sua audaciosa revolta contra a natureza, deveria ir mais longe ainda, e o veremos esmigalhar sob os pés tudo o que é do homem, do sangue, do amor, da pátria, *não guardar da alma e do coração senão para a idéia que se apresentava a ele* como a forma absoluta do bem e do verdadeiro. "(Cap. III, p. 42, 43.)

Eis o que o Sr. Renan intitula: *Origens do cristianismo.* Quem jamais teria acreditado que um bando de alegres viventes, uma multidão de mulheres, de corteses e de crianças, tendo à sua frente um idealista, que não tinha a menor noção da alma, pudesse, com ajuda de uma utopia, da quimera de um reino celeste, mudar a face do mundo religioso, social, e político? Num outro artigo examinaremos a maneira pela qual ele encara os milagres e a natureza na pessoa do Cristo.

RELATO COMPLETO DA CURA DA JOVEM OBSEDADA DE MARMANDE.

(Ver os números de fevereiro e março de 1864.)

O Sr. Dombre, de Marmande, nos transmitiu o relatório circunstanciado dessa cura da qual já conversamos com nossos leitores; os detalhes que ele encerra são do mais alto interesse no duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. É tudo, ao mesmo tempo, como se verá, um curso de ensino teórico e prático, um guia para os casos análogos, e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, em suas relações com o mundo visível.

Fui advertido, disse o Sr. Dombre em sua narração, por um dos membros de nossa sociedade Espírita, das crises violentas que experimentava, cada tarde regularmente há oito meses, a chamada Thérèse B...; fui, acompanhado pelo Sr. L..., médium, em 11 de janeiro último, às quatro horas e meia, numa casa vizinha à da doente, para procurar ser testemunha da crise que, segundo o que havia ocorrido cada dia, deveria chegar às cinco horas. Encontramos lá a jovem e sua mãe, em conversa com os vizinhos. A meia hora logo decorreu; vimos, de repente, a jovem se levantar de sua cadeira, abrir a porta, atravessar a rua e entrar em sua casa seguida de sua mãe que a toma e a coloca habilmente sobre sua cama. As convulsões começaram; seu corpo se dobrava; a cabeça tendia a se juntar aos calcanhares; seu peito se inchava; em uma palavra, fazia mal vê-la. O médium e eu entramos na casa vizinha, perguntamos ao Espírito de Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico. O Espírito respondeu:

"Pobre criança! ela se acha com efeito, sob uma fatal influência, muito perigosa mesmo; vindes em sua ajuda. Renitente e mau, esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto isto esteja em vosso poder, deixá-la tratar por medicamentos que prejudicariam o organismo. A causa é toda moral; tentai a evocação desse Espírito; moralizai-o com comedimento: nós vos secundaremos. Que *todas as almas sinceras que co-*

nheceis se reúnam para orar e combater a grande influência perniciosa desse Espírito mau. Pobre pequena vítima de um ciúme! "LOUIS DAVID."

P. - Sob que nome chamaremos esse Espírito? - *R.* Jules.

Evoquei-o imediatamente. O Espírito se apresentou de maneira violenta, injuriando-nos, rasgando o papel, e se recusando a responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com esse Espírito, o Sr. B.,., médico, que tinha ido examinar a crise, chegou junto a nós e nos disse com um certo espanto: "É singular! a criança cessou, de repente, de se torcer; está agora estendida sem movimento em sua cama. - Isso não me espanta, disse-lhe, porque o Espírito obsessor, neste momento, está junto de nós." Convidei o Sr. B... a retornar para a doente, e continuamos a interpelar o Espírito que, no momento dado, não respondeu mais. O guia do médium nos informou que ele tinha ido continuar sua obra; recomendou-nos de não mais evocá-lo durante as crises, no interesse da criança, porque, retornando junto dela com mais raiva, torturá-la-ia de maneira mais aguda. No mesmo instante, o médico reentrou e nos informou que a crise acabava de começar mais forte do que nunca. Eu lhe fiz ler o conselho que vinha de nos ser dado, e permanecemos todos tocados por essas coincidências, que não podiam deixar nenhuma dúvida sobre a causa do mal.

A partir dessa noite, e sob a recomendação dos bons Espíritos que nos assistem em nossos trabalhos espíritas, nos reunimos cada noite, até a cura completa.

No mesmo dia, 11 de janeiro, recebemos a comunicação seguinte do Espírito protetor de nosso grupo:

"Guardião vigilante da infância infeliz, venho me associar aos vossos trabalhos, unir meus esforços aos vossos para livrar essa jovem dos constrangimentos cruéis de um mau Espírito. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e pedi sem jamais vos deixar cansar, até a completa cura.

"PEQUENA CÁRITA."

Esse Espírito, que toma o nome de *Pequena Cárita,* é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade, e que, desde sua terna infância, tinha dado as provas do caráter mais angélico e de uma bondade rara.

A evocação do Espírito obsessor não nos valeu senão as injúrias mais grosseiras e as mais obscenas que é inútil reportar; nossas exortações e nossas preces deslizaram sobre ele e foram sem efeito.

"Amigos, não vos desencorajeis; ele se crê forte porque vos vê desgostosos com a sua linguagem grosseira. Abstende-vos de lhe pregar moral para o momento. Conversai com ele familiarmente e com um tom amigável; ganhareis assim a sua confiança, salvo em retornar ao sério mais tarde. Amigos, perseverança.

"VOSSOS GUIAS."

De acordo com esta recomendação, nos tornamos leves em nossas interpelações, às quais respondia no mesmo tom.

No dia seguinte, 12 de janeiro, a crise foi tão longa e tão violenta quanto a dos dias precedentes; durou quase uma hora e meia. A criança se endireitava sobre sua cama, repelia com força o Espírito dizendo-lhe: "Vai-te! vai-te!" O quarto da doente estava cheio de gente. Estávamos, alguns de nós, junto ao leito para observar atentamente as fases da crise.

Na reunião da noite, tivemos a comunicação seguinte:

"Meus amigos, vos convido a seguir, como tendes feito, passo a passo, esta obsessão que é um fato novo para vós. Vossas observações nos serão de um grande socorro, porque casos semelhantes poderão se multiplicar, e onde tereis que intervir.

"Esta obsessão, toda física de início, será, eu o creio, seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Vereis logo momentos de alegria no meio dessas torturas exercidas por esse mau Espírito: Reconhecereis ali a presença e a mão dos bons Espíritos. Se as torturas duram ainda, notareis, depois da crise, a paralisação completa do corpo, e, depois dessa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que abrandarão a dor da obsessão.

"Observai muito; outros sintomas se manifestarão, e neles encontrareis novos objetos de estudo.

"O Senhor disse aos seus anjos: Ide levar uma palavra aos filhos dos homens. Ferimos a terra com a vara, e a terra cria prodígios. Curvai-vos, filhos: é a onipotência do Eterno que se manifesta em vós.

"Amigos, velai e orai; estamos junto de vós e junto do leito dos sofrimentos para secar as lágrimas.

"PEQUENA CÁRITA."

O Espírito de Jules evocado foi menos intratável do que na véspera; na verdade, respondemos aos seus gracejos com os gracejos, o que lhe agradava. Antes de nos deixar, fizemo-lo prometer ser menos duro a respeito de sua vítima. "Tratarei de me moderar," disse ele; e como lhe prometemos por nossa vez fazer-lhe preces, nos respondeu: "Eu aceito, se bem que não conheça o valor dessa mercadoria."

(Ao Espírito). Uma vez que não conheceis a prece, quereis aprender a conhecê-la, e escrever uma delas sob nosso ditado? *-R.* Quero muito.

O Espírito escreveu sob o ditado a prece seguinte: "Ó meu Deus! prometo abrir minha alma ao arrependimento; fazei penetrar em meu coração um raio de amor por meus irmãos, que, só, pode me purificar; e, como garantia deste desejo, faço aqui a promessa de..." (o fim da frase era: *Cessar minha obsessão;* mas o Espírito não escreveu estas três últimas palavras.) "Alto lá! acrescentou; quereis me induzir sem me advertir; tomai guarda! não gosto de armadilhas; andais muito depressa." E, como queríamos saber a origem do ciúme e da vingança que exercia, ele retomou: "Não me faleis jamais da criança; não faríeis senão me afastar de vós."

A crise do dia 13 não durou senão meia hora, e a luta com o Espírito foi seguida de sorrisos de alegria, de êxtase e de lágrimas de alegria; a criança, os grandes olhos abertos, juntava suas duas mãos, levantava-se sobre seu leito, e, olhando o céu, apresentava um quadro encantador. As predições da pequena Cárita estavam em todos os pontos realizadas.

Na evocação que ocorreu à noite, como nos dias precedentes, o Espírito de Jules se mostra mais brando, mais submisso, e promete de novo se moderar em seus ataques contra a criança, da qual não queria jamais nos dizer a história; prometeu mesmo orar.

O guia do médium nos disse: "Não vos fieis muito em suas palavras; elas podem ser sinceras, mas poderão muito vos enganar para se desembaraçar de vós; permanecei atentos; tende-lhe conta de suas promessas, e se tiverdes mais tarde censuras a lhe endereçar, fazei-o com doçura, afim de que sinta os bons sentimentos que tendes a seu respeito.

"LOUIS DAVID."

No dia 14, a crise foi tão curta quanto da véspera e ainda menos viva; foi igualmente seguida de êxtase e de manifestações de alegria; as lágrimas que corriam ao longo das duas faces da criança, causavam em todos os assistentes uma emoção que não podiam esconder.

Reunidos à noite, às oito horas, como de hábito, recebemos no início *a* comunicação seguinte:

"Como deveram notar, uma melhora sensível se produziu hoje na criança. Devemos dizer que nossa presença influi muito sobre o Espírito; nós lhe lembramos a sua promessa de ontem. A jovem hauriu novos conhecimentos no êxtase, e tentou repelir os ataques de seu obsessor. Na evocação de Jules, não façais rodeios; evitai os detalhes que cansam uns e outros; sede francos e benevolentes com ele, tê-lo-eis mais cedo. Ele deu um grande passo para seu adiantamento, o que podemos notar nesta última crise.

"PEQUENA CÁRITA."

Evocação de Jules. - R. Eis-me, senhores.

P. Como estão vossas disposições hoje? - *R.* Estão boas.

P. Devestes ter sentido os efeitos de nossas preces? - *R.* Não muito.

P. Perdoai à vossa vítima e experimentareis uma satisfação que não conheceis; é o que sentimos no perdão das injúrias. - *R.* Comigo é tudo ao contrário; encontrava mais satisfação na vingança de uma injúria; chamo isto pagar suas dívidas.

P. Mas o sentimento de ódio que conservais em vossa alma é um sentimento penoso que está longe de vos deixar a tranqüilidade? -*R.* Se vos dissesse que é a afeição, crer-me-íeis?

P. Cremos em vós, no entanto, dai-nos o prazer de nos explicar como conciliais essa afeição com a vingança que exerceis. Que foi para vós o Espírito desta criança numa outra existência, e que vos fez ela para merecer esse rigor? - *R.* Inútil que me o pergunteis; já vos disse: não me faleis desta criança.

P. Pois bem! ela não será mais questão; devemos vos felicitar pela mudança que se operou em vós; estamos felizes com isso. -*R.* Fiz progresso em vossa escola... O que vão dizer os outros?... Vão me vaiar e me gritar: Ah! te fazes ermitão!

P. Que vos importa a sua ironia, se tendes os louvores dos bons Espíritos? -RÉ verdade.

P. Escutai! para provar aos maus Espíritos, vossos antigos companheiros, que rompestes completamente com eles, deveríeis perdoar inteiramente, a partir deste dia; mostrar-vos generoso e bom deixando de maneira absoluta a jovem pela qual nos interessamos. - *R.* Meu caro senhor, é impossível; *isto não pode vir de maneira tão pronta. Deixai-me desfazer-me pouco a pouco daquilo que é uma necessidade para mim.* Sabeis a que vos arriscais, se eu cessasse subitamente? a isso me tornar de repente. No entanto, quero vos prometer uma coisa, é de poupar a criança e torturá-la amanhã menos do que hoje; mas para isso coloco uma condição: é de não me levar a isso pela força; quero me entregar ao vosso apelo livremente, e se falto á minha palavra, consinto em perder vosso favor. Devo vos dizer que essa mudança em mim é devida a esta figura risonha que está ali, junto de vós, e que vejo também junto ao leito da jovem, todos os dias, no momento da luta. Ê-se tocado apesar de si; sem isto, vós e vossos santos não teríeis fio a retorcer por alguns dias. (O Espírito queria falar da Pequena Cárita.)

P. Ela é, pois, bela? - *R.* Bela, muito bela, oh sim!

P. Mas ela não está apenas junto de vós durante as lutas? - *R.* Oh não! Há os outros, os antigos *do corpo,* os amigos; isso não ri nunca, isso; mas zombo muito deles, agora.

Nota. - O interrogador queria, sem dúvida, falar dos outros bons Espíritos, mas Jules fazia alusão aos Espíritos maus, seus companheiros.

P. Vamos! antes de nos deixar, vos prometemos dizer, por vós, esta noite, uma prece.

R. Peço dez delas, e *dizei de bom coração,* e estareis contentes comigo amanhã.

P. Pois bem! seja, dez. E uma vez que estais em tão boas disposições, quereis escrever de coração uma prece de três palavras, sob meu ditado? - *R.* De boa vontade.

O Espírito escreveu: "Ó meu Deus, dai-me a força de perdoar."

Em 15 de janeiro, a crise ocorreu, como sempre, às cinco horas depois do meio dia, mas não durou senão um quarto de hora. A luta foi fraca, e foi seguida de êxtase, de sorrisos e de lágrimas que exprimiam a alegria e a felicidade.

Na reunião da noite, a pequena Cárita nos deu a comunicação seguinte:

"Meus caros protegidos, como vos fizemos esperar, o fenômeno espírita que se passa sob nossos olhos, se modifica, melhora cada dia, perdendo seu caráter de gravidade. Um conselho de início: Que isto seja para vós um assunto de estudo, do ponto de vista das torturas físicas, e de estudos morais. Não façais, aos olhos do mundo, sinais exteriores; não digais palavras inúteis. Que vos importa o que se dirá! Deixai a discussão aos ociosos. Que o objetivo prático, quer dizer, a libertação desta jovem e a melhoria do Espírito que a obsidia, seja o elemento de vossas conversas íntimas e sérias; não faleis em cura, de voz alta; pedi a Deus no recolhimento da prece.

"Esta obsessão, estou feliz em vos dize-lo, chega ao seu fim. O Espírito de Jules está sensivelmente melhorado. Eu também, com todo o meu poder, agi sobre o Espírito da criança, afim de que essas duas naturezas tão opostas fossem compatíveis entre si. A combinação dos fluidos não oferecerá mais nenhum perigo real com relação ao organismo; o abalo que esse jovem corpo sentia ao contato fluídico, desaparece sensivelmente. Vosso trabalho não acabou; a prece de iodos deve sempre preceder e seguir a evocação.

"PEQUENA CÁRITA."

Depois da evocação de Jules, e a prece em que é qualificado de Espírito mau, ele disse:

"Eis-me! peço, em nome da justiça, a reforma de certa palavras em vossa prece. Reformei meus atos, reformai as qualificações que me endereçais."

P. Tendes razão; nisso não faltaremos mais. Viestes sem constrangimento hoje?

R. Sim, vim livremente; levei em conta as minhas promessas.

P. Agora que estais calmo e com bons sentimentos, vos convém nos confiar os motivos de vosso rigor a respeito dessa criança?

R. Deixai, pois, o passado, se vos apraz; quando o mal está cauterizado, para que reavivar a ferida? Ah! sinto que o homem deve se tornar melhor. Tenho horror ao meu passado e olho o futuro com esperança. Quando uma boca de anjo vos disse: A vingança é uma tortura para aquele que a exerce; o amor é a felicidade para aquele que o prodigaliza; pois bem! esse fermento que irrita e murcha o coração se desfaz: é preciso amar.

"Estais espantados com minhas palavras? Elas não são de minha crença; foram me ensinadas, e tenho prazer em vo-las repetir.

Ah! quanto serieis felizes por perceber somente por um minuto este anjo, irradiando como um sol, boa, doce como um orvalho refrescante que cai em gotas finas sobre uma planta queimada pelos calores do dia! Como vedes, não estou com dificuldade de falar, bebo na fonte.

"Um golpe de vista rápido sobre minha vida destegra:

"Nascido no seio da miséria unida ao vício, cedo gostei dos grosseiros amores da vida. Eu sugava com o leite a bebida envenenada que me ofereciam todas as paixões. Errei sem fé, sem lei, sem honra. Quando se deve viver ao acaso, tudo é bom. A galinha do camponês, como o carneiro do castelão, servia aos nossos repastos. O saque era minha ocupação, quando o acaso, sem dúvida, porque não creio que a Providência vele sobre semelhantes celerados, me toma e me equipa. Orgulhoso da roupa ralada que substituía meus farrapos, alabarda no braço, me integrava num bando de... más companhias, vivendo às expensas de um senhor medroso que, a seu turno, podava sobre os camponeses; mas que nos importava, a nós, a fonte de onde corriam em suas mãos a moeda e as provisões! Não entrarei no detalhe dos fatos que me são pessoais: São maus, odiosos e indignos de serem contados. Compreendei que aluno em uma semelhante escola se possa tornar um homem de bem?

"O bando, dividido pela morte, vai se reconstituir no mundo dos Espíritos. Longe de evitar as ocasiões de fazer o mal, nós as procurávamos; em meus passeios errantes, encontrei uma presa a fazer; eu a fiz: sabeis o resto.

"Orai também pelo bando, senhores, se vos aprouver. Espantai-vos freqüentemente de que uma região esconda mais malfeitores do que outras regiões; é muito simples. *Não querendo se separar, se abatem sobre uma região como uma nuvem de gafanhotos:* aos lobos as florestas, aos pombos os pombais.

"Vivi essa existência terrestre sob Luís XIII. Minha última existência se passou sob o império. Fiz guerrilhas; o bacamarte e o chapéu cênico enfitado me davam muito prazer. Amava o perigo, o roubo e as presas audaciosas. Triste gosto, direis; mas que fazer em outro lugar? Estava habituado a viver nos bandos. Deveis estar admirados desta mudança súbita: é obra de um anjo.

"Não vos prometo nada para amanhã; julgar-me-eis pelos meus atos. Uma prece, se vos apraz; de minha parte vou fazer uma:

"Pequeno anjo, abra tuas asas; alça teu vôo para o trono do Senhor; pedi-lhe meu perdão colocando a seus pés o meu arrependimento.

"JULES."

P. Uma vez que estais em tão bom caminho, pedi a Deus pela pobre criança... - *R.* Não posso... Isso seria da zombaria ou da crueldade que o carrasco abraçasse sua vítima.

No dia seguinte, 16 de janeiro, a criança não teve crise, mas somente languidez do estômago. A nossos olhos, a libertação estava operada.

À noite, às oito horas, o Espírito de Jules, respondendo ao nosso chamado, nos deu a comunicação seguinte:

"Meus amigos, permiti-me este nome; eu, o Espírito obsessor, mau, velhaco e perverso; eu que, há ainda poucos dias, estagnava no mal e nele me alegrava, vou com a ajuda do anjo, vou pregar a moral. Eu me acho surpreso desta mudança; me pergunto se sou bem eu que falo.

"Acreditava todo sentimento extinto em minha alma; uma fibra vibrava ainda; o anjo adivinhou-a e tocou-a; comecei a ver e a sentir. O mal me causa horror. Lancei um olhar sobre o meu passado, e não vi senão crimes. Uma voz doce me disse: Espera; contempla a alegria e a felicidade dos bons Espíritos; purifica-te; perdoa em lugar de vingar-te; amai em lugar de odiar. Eu te amarei também, eu, se quiseres ama, se te tomares melhor. Senti-me emocionado. Compreendo agora a felicidade que os homens experimentarão quando souberem praticar a caridade.

"Terna criança (se dirige à sua vítima presente à sessão) , tu que escolhi por minha presa, como o abutre a doce pomba, ora por mim, e que o nome de condenado se apague de tua memória. Recebi o batismo de amor das mãos do anjo do Senhor, e hoje visto a roupa da inocência. Pobre criança, desejo que tuas preces dirigidas por mim ao Senhor me livrem logo do remorso que vai me seguir como uma expiação justamente merecida.

"Meus amigos, consenti em continuariam bem as vossas preces por meus miseráveis companheiros que me perseguem com seu ciúme mau, porque lhes escapo. Ainda ontem, me perguntava o que diriam de mim; hoje eu lhes digo: Eu venci; meu passado me é perdoado, porque soube me arrepender. Fazei como eu, travai batalha com o mal que vos mantém cativos nesse lugar de tormentos e de desespero; saí disso vencedores, se minha mão criminosa molhou como a vossa no sangue, ela vos levara a água santa da prece que lava os estigmas do condenado. Meu Deus, perdão!

"Obrigado, meus amigos, pelo bem que me fizestes. Pedir-vos-ei para permanecer junto de vós, *a* contar de hoje, para assistir *às* vossas reuniões. Tenho necessidade de haurir em boa fonte conselhos para cumprir uma nova existência que pedirei a Deus

quando tiver suportado a expiação de meu passado infame, que minha consciência me reprova.

"JULES."

Em 17 de janeiro, segundo a promessa de Jules a menina não sentiu absolutamente nenhum mal-estar nem nenhuma fraqueza de estômago. A pequena Cárita nos anunciou que ela sofreria uma prova moral, seja às cinco da tarde, durante alguns dias, seja durante seu sono, prova que nada teria de penosa para ela e da qual os únicos sintomas seriam os sorrisos e as lágrimas ternas, o que ocorreu, com efeito, durante dois dias. Nos dias seguintes houve ausência completa do menor indício de crise. Não continuamos menos a observar a criança e a orar.

Em 18 de fevereiro, a Pequena Cárita nos ditou a instrução seguinte:

"Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que vos parecerão logo muito naturais, seja talvez a conseqüência dessa obsessão, mas não a obra de Jules. Alguns desenvolvimentos são necessários aqui como ensinamento.

"A obsessão ou a subjugação do ser material se apresenta aos vossos olhos, hoje que conheceis a Doutrina, não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

"O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsidiado recebe como um envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho, e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material sente a pressão sobre ele de maneira indireta.

"Pareceu espantoso que a alma pudesse agir fisicamente sobre a matéria animada; é ela, no entanto, que *é* a autora de todos esses fatos. Tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua vontade ela dirige, e o perispírito, de maneira semi-material, é o instrumento do qual ela se serve.'

"O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica que vossos sentidos não podem perceber esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da Doutrina considerada do ponto de vista científico.

"Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a marca que recebeu o perispírito pelo fluido estranho do qual foi carregado, não se apaga de repente, e continua ainda algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, apatia, insônias, perturbações vagas, tais são os efeitos que poderão produzir em seguida a essa libertação, mas tranqüilizai-vos, tranqüilizai a criança e sua família, porque essas conseqüências serão para ela sem perigo.

"Meu dever me chama de maneira especial a conduzir a bom fim o trabalho que comecei convosco; é preciso agora agir sobre o próprio Espírito da criança, por uma doce e salutar influência moralizadora.

"Quanto a vós, meus amigos, continuai a pedir e *a* observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto, é vasto. Fazei conhecer e compreender todas estas coisas, e as idéias espíritas se introduzirão pouco a pouco no espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da Doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.

"PEQUENA CÁRITA."

Nota .- Devemos um justo tributo de elogio aos nossos irmãos de Marmande, pelo tato, a prudência e o devotamento esclarecido dos quais deram prova nessa circunstância. Por este brilhante sucesso, Deus recompensou sua fé, sua perseverança e seu desinteresse moral, porque nisso não procuraram nenhuma satisfação de amor-próprio; provavelmente, não teria ali ocorrido o mesmo se o orgulho tivesse deslustrado a sua boa ação. Deus retira seus dons a quem não os use com humildade; sob o império do orgulho, as

mais eminentes faculdades medianímicas se pervertem, se alteram e se aniquilam, porque os bons Espíritos retiram seu concurso; as decepções, os dissabores, os efeitos infelizes desde esta vida, freqüentemente, são a conseqüência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial; disso poderíamos citar mais de um triste exemplo entre os médiuns que davam as mais belas esperanças.

A esse respeito, não se saberia muito se penetrar das instruções contidas em *A Imitação do Evangelho, n°*- 285, 326 e seg., 333,392 e seg.

Recomendamos às preces de todos os bons Espíritas o Espírito de Jules, precedentemente obsessor, afim de fortalecê-lo em suas boas resoluções, e fazê-lo compreender o que se ganha fazendo o bem.

ALGUMAS REPUTAÇÕES.

Conspirações contra a fé.

A história registrará a singular lógica dos contraditores do Espiritismo, da qual vamos dar algumas outras amostras.

Dirigem-nos do departamento da Haute-Marne a ordenação do Mons. o bispo de Langres, onde se nota a passagem seguinte:

".... E eis o (a fé) que os homens que se dizem os amigos da humanidade, da liberdade e do progresso, mas que na realidade, a sociedade deve contar entre os seus mais perigosos inimigos, se esforçam, por todos os meios, de extirpar do coração das populações cristãs. Porque, é preciso dize-lo, nossos muito caros irmãos, e é nobre dever vos advertir disso, a nós que estamos encarregados de velar pela guarda de vossas almas, a fim de que nossas advertências vos tornem prudentes e precavidos: Talvez jamais se viu uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa, mais sabiamente, quer dizer, mais satanicamente organizada contra a fé católica, do que a que existe hoje. Conspirações de sociedades secretas, que trabalham na sombra para aniquilar, se o pudessem, o catolicismo; conspiração do protestantismo que, por uma propaganda ativa, procura se insinuar por toda parte; conspiração dos filósofos racionalistas e antícristãos, que rejeitam, sem razão e contra toda razão, o sobrenatural e a religião revelada, e que se esforçam para fazer prevalecer no mundo letrado sua falsa e funesta doutrina; conspiração das sociedades espíritas que, pela superstição prática da evocação dos Espíritos, se entregam, e incitam outros a se entregarem, à pérfida maldade do espírito de mentira e de erro; conspiração de uma literatura ímpia ou corrupta; conspiração dos maus jornais e dos maus livros, que se propagam de maneira assustadora, na sombra de uma tolerância ou de uma liberdade que se gaba como um progresso do século, como uma conquista daquilo que se chama o espírito moderno, e que não é isso menos um encorajamento para o gênio do mal, um justo motivo de dor para uma nação católica, uma armadilha e um perigo muito evidente para todos os fiéis, a qualquer classe a que pertençam, que não são suficientemente instruídos da religião, e o número deles é grande, infelizmente; conspiração, enfim, desse materialismo prático que não vê, que não procura, que não persegue senão o que interessa ao corpo e ao bem-estar físico; que não *se* ocupa mais da alma e de seus destinos como se não existissem, e cujo exemplo pernicioso seduz e arrasta facilmente as massas. Tais são, para notar, nossos muito caros irmãos, os perigos que correm hoje a fé.... etc."

Estamos perfeitamente de acordo com o monsenhor no que toca às funestas conseqüências do materialismo; mas pode se admirar de vê-lo confundir, na mesma reprovação, o materialismo que nega tudo: a alma, o futuro, Deus, a Providência, com o Espiritismo que vem combatê-lo e dele triunfa pelas provas materiais que dá da existência da alma, precisamente com a ajuda dessas mesmas evocações pretensamente supersticiosas. Seria porque ele triunfa ali onde a Igreja é impotente? O monsenhor partilharia a opi-

nião desse eclesiástico que dizia do púpito: "Prefiro um ateu que não crê em nada a um Espírita que crê em Deus e em sua alma." É uma opinião como outra, e não se podem disputar os gostos. Qualquer que seja *a* do monsenhor sobre esse ponto, ficaremos encantados se consentisse em resolver as duas questões seguintes: "Como ocorre que, com a ajuda dos meios poderosos de ensino que a Igreja possui para fazer a verdade brilhar a todos os olhos, ela não haja podido deter o materialismo, ao passo que o Espiritismo, nascido ontem, reconduz cada dia incrédulos endurecidos? - O meio pelo qual se alcança um objetivo é pior do que aquele com a ajuda do qual não se o alcança?"

O monsenhor expõe uma profusão de conspirações que se dirigem ameaçadoras contra a religião; sem dúvida, não refletiu que, por esse quadro pouco tranqüilizados para os fiéis, vai precisamente contra seu objetivo, e pode provocar mesmo, nestes últimos, deploráveis reflexões. Ao ouvi-lo, os conspiradores seriam cedo os mais numerosos.

Ora, que adviria num Estado se toda a nação conspirasse? Se a religião se vê atacada por tão numerosas coortes, isso não provaria em favor das simpatias que ela encontra. Dizer que a fé ortodoxa está ameaçada é confessar a fraqueza de seus argumentos. Se está fundada sobre a verdade absoluta, ela não pode temer nenhum argumento contrário. Soar o alarme, em semelhante caso, é da imperícia.

Uma instrução de catecismo.

Num catecismo de perseverança da diocese de Langres, por ocasião da ordenação acima relatada, foi feita uma instrução sobre o Espiritismo e dado como assunto a tratar pelos alunos.

Eis a narração textual de um deles:

"O Espiritismo é a obra do diabo que o inventou. Entregar-se a isso, é colocar-se em relação direta com o demônio. Superstição diabólica! Deus *freqüentemente permite essas coisas para reavivar* a *fé dos fiéis.* O demônio faz o bom, faz o santo; ele cita as palavras das Escrituras santas."

Esse meio de reavivar a fé nos parece muito mal escolhido.

"Tertuliano, que viveu no segundo século, nos conta que faziam as cabras e as mesas falarem; é a essência da idolatria. Essas operações satânicas eram raras em certos países cristãos, e hoje são muito comuns. Esse poder do demônio é mostrado em todo seu estrondo na aparição do protestantismo.

Eis as crianças muito convencidas do grande poder do demônio; não seria de temer que isso lhes fizesse duvidar um pouco do poder de Deus, quando se vê o primeiro se impor tão freqüentemente sobre o segundo?

"O Espiritismo nasceu na América, no seio de uma família protestante, chamada Fox. O demônio apareceu primeiro por golpes que despertavam em sobressalto; enfim, impaciente com os golpes, procurou-se o que isso poderia ser. A filha do Sr. Fox se pôs a dizer um dia; Bate aqui, bate lá, e batia-se onde ela queria."

Sempre a excitação contra os protestantes! Eis, pois, crianças instruídas pela religião no ódio contra uma parte de seus concidadãos, freqüentemente contra os membros de sua própria família! Felizmente o espírito de tolerância que reina em nossa época aí faz contrapeso, sem isso ver-se-ia renovarem-se as cenas sangrentas dos séculos passados.

"Essa heresia logo se tornou vulgar; cedo contou com quinhentos mil sectários. Os Espíritos invisíveis se prendem a fazer todas as espécies de coisas. À simples pergunta de um indivíduo, mesas carregadas de várias centenas de livros se moviam; mãos sem corpo se faziam ver. Eis o que se passa na América, e isso chegou à França pela Espanha. Primeiro, o Espírito foi forçado por Deus e os anjos para dizer que era o diabo, para que não prenda mais em suas armadilhas as pessoas honestas."

Cremos estar bastante ao corrente da marcha do Espiritismo, e jamais ouvimos dizer que ele veio para a França pela Espanha. Seria um ponto da história do Espiritismo a retificar?

Vê-se, da confissão dos adversários do Espiritismo, com que rapidez a idéia nova ganhou terreno; uma idéia que, apenas eclodida, conquista quinhentos mil partidários não é sem valor e prova o caminho que fará mais tarde; também, há dez anos daqui, um deles lhe traz a cifra de vinte milhões só na França, e predisse que dentro em pouco a heresia terá ganhado outros vinte milhões. (Ver a *Revista Espírita,* de junho de 1863.) Mas então, se todo mundo é herético, que restaria à ortodoxia? Não seria o caso de aplicar a máxima: Quando todo mundo está errado, todo mundo tem razão? Que teria respondido o instrutor, se uma criança terrível de seu jovem auditório lhe tivesse feito esta pergunta: "Como ocorre que a primeira pregação de São Pedro não teve senão três mil Judeus convertidos, ao passo que o Espiritismo, que é obra de Satã, fez logo em seguida quinhentos mil adeptos? É que Satã é mais poderoso do que Deus? -Talvez lhe tivesse respondido: "É porque eram protestantes."

"Satã disse que é um bom Espírito; mas é um mentiroso. Um dia se quis fazer uma mesa falar; ela não quis responder; acreditou-se que era a presença de eclesiásticos, que estavam lá, que a isso impediam. Enfim, dois golpes violentos vieram advertir que o Espírito estava ali. Perguntou-se-lhe: - Jesus Cristo é filho de Deus? - Não. - Reconheces a santa Eucaristia? - Sim. - A morte de Jesus Cristo aumentou teus sofrimentos? - Sim."

Há, pois, eclesiásticos que assistem a essas reuniões diabólicas. A criança terrível teria podido perguntar por que, quando eles vêm, não fazem o diabo fugir?

"Eis uma cena diabólica." Eis o que dizia o Sr. Allan Kardec: A esperteza dos Espíritos mistificadores ultrapassa tudo o que se pode imaginar: eram dois Espíritos, um fazendo o bom e o outro o mau; ao cabo de alguns meses um disse: -Aborreço-me em vos repetir as palavras melosas que não penso. - És, pois, o Espírito do mal? - Sim. - Não sofres por não falar de Deus, da santa Virgem e dos santos? - Sim. - Queres o bem ou o mal? - O mal. - Não eras tu o Espírito que falou há pouco? - Não. -Onde estás? - No inferno.

- Sofres? - Sim. - Sempre? - Sim. - És submisso a Jesus Cristo?

- Não, a Lúcifer. - Ele é eterno? - Não. - Gostas do que tenho na mão? (eram medalhas da santa Virgem) - Não: acreditei vos inspirar confiança; o inferno me reclama, adeus!"

O relato é muito dramático, sem dúvida, mas aquele que provar que nele estamos por alguma coisa será muito hábil. É triste ver a que expedientes se é obrigado a recorrer para dar a fé. Esquece-se que essas crianças se tornarão grandes e refletirão. A fé que repousa sobre tais provas tem razão de temer as conspirações.

"Acabamos de ver o Espírito do mal forçado a confessar que era tal. Eis uma outra frase que o lápis escreveu por um médium: "Se queres te entregar a mim, alma, espírito e corpo, satisfarei teus desejos; se queres estar comigo, escreve teu nome sob o meu;" e ele escreveu: *Giefle* ou Satã. O médium tremia, e não escrevia; tinha razão. *Todas* essas sessões terminam com estas palavras: *Queres alistar-te?* "O demônio queria que se fizesse um pacto com ele. Entrega-me tua alma! disse um dia a alguém. - Quem és tu? respondeu-se. - Eu sou o demônio. - Que queres? - Ter-te. O purgatório não é mais; os celerados, os maus, tudo isso ao céu."

Que dirão essas crianças quando forem testemunhas de algumas evocações, e que, em lugar de um pacto infernal, ouvirão os Espíritos dizerem: "Amai a Deus acima de todas as coisas, e a vosso próximo como a vós mesmos; praticai a caridade ensinada pelo Cristo; sede bons para todo mundo, mesmo para vossos inimigos; orai a Deus, e segui seus mandamentos para serdes felizes neste mundo e no outro?

'Todos esses prodígios, todas essas coisas extraordinárias, vêm dos Espíritos das trevas. O Sr. Home, fervoroso Espírita, nos disse que algumas vezes o solo estremesse

sob os pés, os apartamentos tremem, arrepia-se; uma mão invisível vos apalpa sobre os joelhos, as espáduas; uma mesa que salta. Pergunta-se-lhe: Estás tu ali? - Sim. - Dê provas disso. E a mesa se ergue duas vezes!"

Ainda uma vez, tudo isso é muito dramático; mas, entre os jovens ouvintes, mais de um, sem dúvida, desejou ver e não deixará de fazê-lo na primeira ocasião. Encontrar-se-ão também moças impressionáveis, de organização delicada, que, ao menor prurido, crerão sentir a mão do diabo e se sentirão mal.

Todas essas coisas são ridículas; a santa Igreja, nossa mãe de todos, nos faz ver que isso não é senão uma mentira."

Se tudo isso é ridículo e mentira, por que, pois, dar-lhe tanta importância? Por que assustar as crianças com quadros que não têm nenhuma realidade? Se há mentira, não é nesses mesmos quadros?

"Por exemplo, a evocação dos mortos, não é preciso crer que sejam nossos parentes que nos falam; é Satã que nos fala e que se dá por um morto. Certamente estamos em comunicação pela comunhão dos santos. Temos, na vida dos santos, exemplos de aparição de mortos; mas é um milagre da sabedoria divina, e esses milagres são raros. Eis o que se nos disse: Os demônios se dão algumas vezes por mortos; se dão algumas vezes também por santos."

Algumas vezes, não sempre; portanto, pode ocorrer que o Espírito que se comunica não seja um demônio.

"Podem fazer muito outra coisa. Um dia, um médium que não sabia desenho, reproduziu, a mão conduzida por um Espírito, as imagens de Jesus Cristo *e da* Santa Virgem, que apresentadas a alguns de nossos melhores artistas, foram julgadas dignas de serem expostas."

Ouvindo isso, um aluno poderia bem dizer: Se um Espírito pode conduzir-me a mão para fazer meu dever e me fazer ganhar um prêmio! Tentemos!

"Saul consultou a Pitonisa de Endor, e Deus permitiu que Samuel lhe aparecesse para dizer-lhe: Por que perturbas meu repouso? Amanhã estarás comigo no túmulo. Nossos Sauis de salão deveriam pensar muito nessa história. São Felipe de Neri nos disse: Se a santa Virgem vos aparecesse, ou mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, *escarrai-lhe no rosto,* porque isso não seria senão uma mentira do demônio para vos induzir em erro.

Em que se torna então a aparição de Nossa Senhora da Salette a duas pobres crianças? Segundo essa instrução de catecismo, deveriam escarrar-lhe no rosto.

"Nosso santo pai o papa Pio IX proibiu expressamente entregar-se a essas coisas. Mons. o bispo de Langres, e muitos outros ainda, fizeram isso igualmente. Há perigo para a sua vida: dois velhos se suicidaram, porque os Espíritos lhes disseram que depois de sua morte gozariam duma felicidade infinita; perigo para a razão: vários médiuns se tornaram loucos, e se contam numa casa de alienados mais de quarenta indivíduos que o Espiritismo tornara loucos."

Não conhecemos ainda a bula do papa que proíbe expressamente de se ocupar com essas coisas; se ela existisse, Mons. de Langres e outros não teriam deixado de mencioná-la. A história dos dois velhos, aos quais fez alusão, é inexata; foi provada, por peças oficiais, depositadas em tribunal, e notadamente duas cartas escritas por eles antes de sua morte, que se suicidaram em conseqüência de perdas de dinheiro, e do medo de cair na miséria (Ver a *Revista Espírita* de abril de 1863). A de quarenta indivíduos doentes numa casa de alienados não é mais verídica. Estar-se-ia muito embaraçado em justificá-la pelos nomes desses pretensos loucos, dos quais um primeiro jornal trouxe o nome de quatro, um segundo de quarenta, um terceiro de quatrocentos, um quinto disse que se trabalhava para o aumento do hospício. Um instrutor de catecismo deveria haurir essas notícias históricas em outro lugar do que nos boatos de jornais. As crianças às quais se vende seriamente semelhantes coisas as aceitam de confiança; quanto mais a confiança

for grande, maisforte será a reação no sentido inverso quando, mais tarde, vêm a saber a verdade. Isto dito em geral e não exclusivamente para o Espiritismo.

Se analisamos esse trabalho de uma criança, seja bem entendido que não é a opinião da criança que refutamos, mas a da qual sua narração é o resumo. Se se pesquisassem com cuidado todas as instruções dessa natureza, estar-se-ia menos espantado dos frutos que delas se recolhem mais tarde. Para instruir a criança é preciso um grande tato e muito de experiência, porque não se imagina a importância que pôde ter uma única palavra imprudente que, do mesmo modo que a semente de uma má erva, germina nessas jovens imaginações como numa terra virgem.

Parece que os adversários do Espiritismo não acham que a sua idéia esteja bastante difundida; dir-se-ia que impelidos, apesar deles, a engenhar os meios de difundi-la ainda mais. Depois dos sermões, cujo resultado é conhecido, não se poderia encontrar um mais eficaz do que fazê-lo o assunto das instruções e dos deveres do catecismo. Os sermões agem sobre a geração que se vai; essas instruções dispõem ali a geração que chega. Estaríamos, pois, bem errados em não lhes ser agradecidos.

O ESPÍRITO BATEDOR DA IRMÃ MARIE.

O relato seguinte está contido numa carta cujo original está em nossas mãos, e que transcreveremos textualmente.

"A Viviers, em 10 de abril de 1741.

"Ninguém no mundo, meu caro de Noailles, pode melhor que eu vos instruir de tudo o que *se* passou na cela de nossa irmã Marie, e se o relato que disso vos fizeram de um ridículo em nossa cidade, quero partilhá-lo convosco; a força da verdade se imporá sempre em mim sobre o medo de passar por um visionário e um homem muito crédulo.

"Eis aqui, pois, um pequeno relato de tudo o que vi e ouvi durante quatro noites que ali passei, e comigo mais de quarenta pessoas, todas dignas de fé. Não vos reportarei senão os fatos mais notáveis.

"Em 23 de março, dia da Anunciação, tomei conhecimento pela voz pública que, há três dias, ouviam-se, todas as noites, grandes ruídos no quarto da irmã Marie; qua as duas irmãs de São Domingos que moram com ela, estavam tão amedrontadas que fizeram chamar o Sr.Chambon, cura de Saint-Laurent, o qual tendo chegado a uma hora depois da meia-noite, nesse quarto ouviu mesas baterem contra a parede, uma pia de faiança deslocar-se com ruído e viu uma cadeira de madeira colocada no meio dessa cela, cair por seis vezes. Confesso-vos, senhor, que neste relato não deixarei de fazer gracejos; os devotos, por atacado e varejo, sujeitaram-se à minha crítica, e, desde então, resolvi ir passar a noite seguinte com essa irmã Marie, muito persuadido de que com minha presença tudo ficaria no silêncio ou eu descobriria a impostura. Com efeito, fui, nesse mesmo dia, às nove horas da noite para aquela casa. Questionava muito essas irmãs, sobretudo a Irmã Marie que me pareceu instruída da causa de todos esses ruídos, mas que não queria disso me dar conhecimento. Então, fiz uma pesquisa muito exata nesse quarto; olhei por cima, por baixo da cama; as paredes, os quadros, tudo foi examinado com muito cuidado, e nada tendo descoberto que pudesse ocasionar esses ruídos, fiz sair todo mundo desse quarto, com ordem de que ninguém ali entrasse senão eu. Coloquei-me junto do fogo no quarto seguinte; deixei a porta da cela aberta, e sobre o limiar da porta, ali coloquei uma vela por meio do qual via, do meu lugar, a um passo da cama, a cadeira que tinha colocado e quase todo o quarto inteiro. Às 10 horas os Srs. d'Entrevaux e Archambaud vieram juntar-se a mim, e com eles dois artesãos da nossa cidade.

"Pelas as onze horas e meia, ouvi a cadeira se deslocar e acorri logo, e tendo-a encontrada caída, levantei-a. Peguei uma segunda delas e coloquei numa maior distância da cama da doente; não queria perdê-la de vista. Os Srs. d'Entrevaux e Archambaud tomaram a mesma precaução um momento depois a vimos se deslocar uma segunda vez, a pia colocada na cama da irmã Marie, mas numa altura que ela não poderia atingi-la, tocou várias vezes, e um quadro bateu vários golpes contra a parede. Nesse momento, fiz falar à nossa doente; eu a achava extremamente oprimida, e da opressão caiu num desvanecimento que a fez perder o conhecimento e o uso de todos os seus sentidos que se reduziram ao ouvido; eu mesmo fui seu médico; por meio da água de lavanda, em pouco tempo, voltou a si mesma. De quarto de hora em quarto de hora ouvíamos o mesmo ruído, e achando sempre os quadros no mesmo estado, ordenava a esse barulhento, quem fosse, para bater com o quadro três golpes contra a parede e voltá-lo para adiante e para trás: fui obedecido no momento; um instante depois ordenava-lhe remeter o quadro à primeira situação, recebi uma segunda prova de sua submissão às minhas ordens.

"Como percebi que não havia nada de barulhento nesse quarto senão uma cadeira, dois quadros, e uma pia, apoderei-me de todos esses modos, então, o ruído se prende às imagens que ouvimos deslocar várias vezes, e num pequeno crucifixo que estava suspenso num prego contra a parede. Não ouvimos nem vimos nada de mais particular nessa noite; tudo foi calmo e tranqüilo às cinco horas da manhã. Não guardamos segredo sobre tudo o que tínhamos visto e ouvido e vos deixo a pensar se não fui gracejado em minha visão. Convidaria os mais incrédulos a participarem; ali fomos três noites em seguida, e eis o que me pareceu o mais surpreendente. Não vos relatarei senão certos fatos, seria muito longo se quisesse entrar nesse detalhe; deve bastar vos dizer aqui que os Srs. Digoine, Bonfils, d'Entrevaux, Chambon, Faure, Allier, Aousi, Grange, Bouron, Bonnier, Fontenès, Robert o *hucanteur* e muitos outros disso foram testemunhas.

'Tendo se difundido na cidade o boato de que a irmã Marie podia ser a atriz dessa comédia, desisti então da boa opinião que tinha dela; quis muito supo-la de embuste, e embora ela seja paralítica, segundo testemunho de nosso médico e de todos aqueles que a cercam, que nos asseguram que há mais de três anos ela não tem a liberdade senão de movimentar a cabeça, quis muito supor que ela podia agir, e nessa suposição eis, senhor, de que modo a isso me prendi:

"Fui durante três dias consecutivos, às nove horas da noite, na casa da irmã. Preveni-a sobre os expedientes que ia tomar para não ser enganado, em presença de cinco a seis dos senhores que aqui já nomeei. Fi-la coser em suas vestes; ela estava colocada e enrolada em seu leito como uma criança de um mês em seu berço. Além disso tomei dois papelotes que coloquei em forma de cruz sobre o peito de modo que ela não pudesse fazer nenhum movimento sem que essa cruz fosse desarranjada.

"Nesse dia ela tinha revelado o mistério ao Sr. Chambon, que a dirige na ausência do Sr. Bispo e do Sr. Davi, diretor de nosso seminário, o primeiro pede-lhe e lhe permite ensinar-me a causa de todos esses ruídos; entrei, então, na confidencia, e ela me explicou que havia lá uma alma sofredora que me nomeou e que veio pela permissão de Deus para que aliviassem suas penas. Assim instruído e precavido contra o erro, não deixei ninguém no quarto. Estávamos em oito nessa noite e todos determinados a não crer em nada. Pelas 11 horas, os quadros e a pia se fizeram ouvir. Então, o Sr. Digoine e eu fomos nos colocar à porta com um castiçal à mão; é preciso observar que essa cela é pequena, que do meio podemos alcançar as quatro paredes sem fazer outros movimentos senão estender os braços. Apenas nos colocamos e o quadro bateu contra a parede; acorremos logo, encontramos o quadro sem movimento e a doente na mesma situação; retomamos nosso mesmo posto e tendo o quadro batido uma segunda vez acorremos ao primeiro golpe e vimos esse quadro girar no ar e voltar sobre o leito. Eu o colocara na janela; um momento depois esse quadro bateu três golpes diante de todos esses senhores. Querendo cada vez mais me convencer da verdade do fato que me fora adiantado pela

irmã Marie, ordenei a esse Espírito sofredor que tomasse o crucifixo que estava na parede e levá-lo sobre o peito da doente; ele obedeceu no momento; todos os senhores que estavam comigo foram disso testemunhas. Ordenei-lhe recolocar o crucifixo em seu lugar e movimentar a pia com força; ele obedeceu igualmente, e como então tivera o cuidado de colocar a pia à vista de todo o mundo, ouvimos ruído e vimos o movimento. Todos esses sinais não sendo capazes de me convencer, eu exigia novas provas; coloquei uma mesa ao pé da cama da doente, e disse ao Espírito sofredor que lhe oferecíamos de boa vontade nossos votos e nossas preces, mas que sendo o sacrifício da missa o mais no alívio de suas penas, ordenei-lhe que batesse tantos golpes sobre essa mesa quanto quisesse que se lhe dissesse missas por ele. Bateu no instante, contamos trinta e três golpes; então tomamos a disposição entre nós para pagá-los antes, e no mesmo tempo que conferimos a esse sujeito, os quadros, a pia, o crucifixo bateram todos em conjunto e com mais ruído do que nunca.

"Eram duas horas depois da meia-noite e fui fazer levantar-se o Sr. Chambon que foi testemunha de tudo o que nós lhe tínhamos contado, uma vez que, em sua presença, lhe fizemos repetir os 33 golpes. O Sr. Chambon lhe ordenou de tomar o crucifixo e levá-lo sobre uma tal cadeira; logo ouvimos bater uma pancada sobre essa cadeira, acorremos e encontramos o crucifixo inteiramente debaixo da cama, a um passo dessa cadeira. Eu pedia, alternadamente, ao Sr. cônego de Goine, Sr. Chambon e Sr. Robert de se esconderem na cela para examinar se não veriam nada; ouviram duas vozes diferentes na cama da doente; distinguiram perfeitamente a da doente que fez várias perguntas; quanto à outra, não puderam discernir sua resposta, ela se explicava de um tom muito baixo e muito rápido; esses senhores me informaram disso e fui conferi-lo com a irmã Marie, que me confessou o fato.

"Propus a esses senhores de dizer um *De profundis* para o alívio das penas dessa alma sofredora, e terminada essa prece, a cadeira caiu, os quadros bateram e a pia tiniu. Disse a esse Espírito que iríamos dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em honra das cinco chagas de Nosso Senhor, e que se lhe ordenou, por prova de que essa prece lhe agradava, de derrubar uma segunda vez a cadeira, mas com mais força do que na primeira. Apenas a vemos flexionado o joelho e essa cadeira, colocada diante de nossos olhos e a dois passos de nós, tombou para frente, se levantou e tombou. "Vendo a docilidade desse Espírito e sua prontidão em obedecer, acreditei poder tudo tentar; coloquei sobre a cama da irmã 40 peças de dinheiro e ordenei contá-las; imediatamente ouvimo-lo contar numa caneca de vidro que eu tinha colocado junto; eu tomei esse moedeiro e coloquei-o sobre a mesa; ordenei-lhe a mesma coisa e ele obedeceu no momento. Ali coloquei um escudo de seis francos e ordenei-lhe para que me designasse com esse escudo o número dos meses que lhe são necessários; ele bateu com o escudo 33 pancadas contra a parede. Fiz entrarem os Srs. Digoine, Bonfils, d'Entrevaux no quarto, tiramos as cortinas do leito, colocamos o castiçal sobre a cama *e* ordenamos a esse Espírito para bater e nos designar o número dos meses. Vemos, todos os quatro, a irmã Marie sempre no mesmo estado, sem movimento e os dois papelotes em forma de cruz de nenhum modo desarranjados e contamos as 33 pancadas contra a parede. Há a observar que no quarto vizinho que corresponde a essa parede, não havia alma que viva; tínhamos tomado o cuidado de afastar tudo o que poderia fazer nascer em nós a menor suspeição.

"Enfim, senhor, tentei um outro caminho: escrevi sobre o papel estas palavras: Ordeno-te, alma sofredora, nos dizer quem tu és, tanto para nossa consolação quanto para a manutenção de nossa fé. Escreva, pois, teu nome sobre este papel, ou pelo menos faça nele alguma marca, conheceremos por aí a necessidade que tens de nossas preces. Coloco este escrito debaixo da cama da doente com uma prancheta e uma caneta; um instante depois ouvi tinir a pia; acorremos todos ao ruído, encontramos o papel ao mesmo tempo e o crucifixo derrubado em cima; ordenei-lhe para colocar o crucifixo em seu lugar e marcar o papel; demos para então as ladainhas da Virgem e terminada a nossa prece,

encontramos o crucifixo em seu lugar e debaixo no baixo do papel formadas as duas cruzes com a caneta. O Sr. Chambom, que estava muito perto do leito, ouviu o ruído da caneta sobre o papel. Poderia vos contar muitos outros fatos igualmente surpreendentes, mas esse detalhe me levaria muito longe.

"Sem dúvida, me perguntareis, meu caro senhor, o que penso dessa aventura; vou vos fazer minha profissão de fé. Estabeleço, em primeiro lugar, que o ruído que vi e ouvi foi produzido por uma causa. Esses quadros, essa cadeira, essa pia, etc., são seres inanimados que não podem se mover por si mesmos. Qual é, pois, a causa que lhes deu o movimento? Necessariamente, é preciso que ela seja natural ou sobrenatural; se ela é natural, não pode ser senão a irmã Marie, uma vez que não havia senão ela no quarto. Não se pode pretender que esse ruído seja feito por elasticidade; examinamos o todo com a última atenção, até desmontar os quadros, e não houvesse senão um cabelo da cabeça que tivesse respondido à pia ou à cadeira, nós o teríamos percebido.

"Ora, digo que a irmã Marie não lhes foi a causa; ela não o quis, digo mais, não podia nos enganar. Ela não o quis, porque seria possível que uma filha que está em odor de santidade, uma filha cuja vida é um milagre contínuo, uma vez que foi averiguado que, desde três anos ela não comeu nem bebeu e que não saiu de seu corpo outra coisa senão uma quantidade de pedras; que uma filha que sofre, desde 6 anos tudo o que se pode sofrer e sempre com uma paciência admirável; que uma filha que não abre a boca senão para orar e que faz parecer, em tudo o que ela diz, a humildade mais profunda; é possível, digo eu, que ela tenha querido nos enganar impondo- nos assim, a todo um público, a seu bispo, a seu confessor e à quantidade de padres que se questionaram a esse respeito? Encontramos em tudo o que ela disse um acordo maravilhoso, jamais a menor contradição, caráter único da verdade, a mentira não poderia se sustentar. Não creio que os mártires tenham sofrido mais do que sofre essa santa jovem; há tempos no ano que todo seu corpo não é senão uma chaga; vêem-se-lhe sair o sangue e o pus pelos ouvidos, e freqüentemente se lhe arrancam vermes de um grande comprimento que saem pelas narinas; ela sofre e pede continuamente e Deus para fazê-la sofrer. Uma coisa maravilhosa, é que todos os anos, na quinzena da Páscoa, se lhe toma um vômito de sangue; esse vômito passa, sua garganta se desentope; ela recebe a santa comunhão, e um instante depois ela se fecha totalmente, foi o que lhe ocorreu na última quarta-feira.

"Digo, em segundo lugar, que ela não pôde nos enganar; está fora do estado de agir; ela é paralítica como já disse, e uma senhorita de nossa cidade disso ficou plenamente convencida quando lhe enfiou uma agulha grossa na barriga da perna. Aliás, vedes as precauções que tomamos; nós a costuramos em suas roupas e muito freqüentemente deixada à vista; isso não é, pois, nada dela. O que é, pois, que me dizeis? A conseqüência é fácil de tirar de tudo o que tenho a honra de vos dizer neste relato.

"Assinado: Abade de Saint-Ponc, cônego apresentador."

Nota. Há uma analogia evidente entre estes fatos e os do Espírito batedor de Bergzabern e de Dibbelsdorf, narrados na *Revista Espírita* de maio, junho, julho e agosto de 1858, salvo que, neste, o Espírito nada tinha de mau. Foi constatado por um homem cujo caráter não pode ser suspeito, e que não observou levianamente. Se, como o pretendem certas pessoas, só o diabo se manifesta, como viria junto de uma jovem em odor de santidade? Ora, há a se notar que ela não estava nem com medo nem atormentada; ela própria sabia, e as experiências constataram, que era uma alma sofredora. Se não é o diabo, outros Espíritos podem, pois, se comunicar?

Duas circunstâncias têm uma analogia particular com o que vemos hoje; é, de início, o primeiro pensamento de que há fraude da parte da pessoa junto da qual se produzem os fenômenos, apesar das impossibilidades materiais que, às vezes, existem. Na situação física e moral dessa jovem, não se compreende que a suposição de um jogo desempenhado haja podido entrar no espírito dos outros religiosos.

O segundo fato é mais importante. Se alguns dos fenômenos ocorreram à vista das pessoas presentes, a maioria se produziu quando elas estavam na peça ao lado, desde que tinham as costas voltadas, e em ausência da luz direta, assim como se tem muitas vezes observado em nossos dias. A que se prende isso? É o que não está ainda suficientemente explicado. Esses fenômenos tendo uma causa material, e não *sobrenatural,* poder-se-ia que, assim como isso ocorre para certas operações químicas, a luz difusa fosse mais favorável à ação dos fluidos dos quais se servem o Espírito. A física espiritual está ainda na infância.

VARIEDADES

O Index da corte de Roma.

A data de 1º de maio de 1864 marcará, nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1862; ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Index* concernente às nossas obras sobre o Espiritismo. Se uma coisa há para os Espíritas admirarem, é que essa decisão não haja sido tomada mais cedo. De resto, não há senão uma opinião sobre os bons efeitos que ela deve produzir, e que estão já confirmados pelas notícias que nos chegam de todos os lados. A essa novidade, a maioria das livrarias se apressaram em colocar essas obras mais em evidência. Alguns, mais timoratos, crendo numa proibição de vendê-los, os retiraram da prateleira, mas não venderam menos por baixo do pano. Tranqüilizou-se-lhes fazendo observar que a lei orgânica traz que: "Nenhuma bula, breve, decreto, mandato, provisão, assinatura servindo de provisão, nem outro despacho da corte de Roma, *mesmo não concernente senão aos particulares,* não poderão ser recebidos, publicados, impressos nem de outro modo *postos em execução* sem a autorização do governo."

Quanto a nós, essa medida, que é uma daquelas que nós esperamos, é um indício de que os colocamos em proveito, e que nos servirá de guia para *os* nossos trabalhos ulteriores.

Perseguições militares.

O Espiritismo conta numerosos representantes no exército, entre os oficiais de todos os graus, que nele constatam a benfazeja influência sobre si mesmos e sobre seus inferiores. Em alguns regimentos, no entanto, ele encontra entre os chefes superiores, não negadores, mas adversários declarados que interditam formalmente a seus subordinados de se ocuparem dele. Conhecemos um oficial que foi riscado do quadro dos propostos para a Legião de honra, e outros que foram postos em parada forçada, por causa do Espiritismo. Nós lhes aconselhamos submeterem-se, sem murmurar, à disciplina hierárquica, e esperar pacientemente um tempo melhor que não pode tardar, porque será trazido pela força da opinião. Convidamo-los mesmo a se absterem de toda manifestação espírita exterior, se for absolutamente preciso, porque nenhum constrangimento pode ser exercido sobre sua crença íntima, nem lhes levar as consolações e os encorajamentos que nela haurem. Essas pequenas perseguições são provas para a sua fé, e servem o Espiritismo em lugar de prejudicá-lo. Devem sentirem-se felizes de sofrer um pouco por uma causa que lhe é cara. Não têm orgulho em deixar um membro sobre um campo de batalha para a pátria terrestre? O que são, pois, alguns aborrecimentos e alguns desgostos suportados pela pátria eterna e a causa da Humanidade?

Um ato de justiça.

Domingo, 3 de abril de 1864, foi um dia de grande festa para a comunidade de Cempuis, perto de Grandvilliers (Oise). Vários milhares de pessoas ali se encontraram reunidas para uma tocante cerimônia que deixará inapagáveis lembranças no coração de todos aqueles que dela foram testemunhas. Nosso colega, Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris, fundador da casa de refúgio, e da sociedades de socorros mútuos da circunscrição administrativa, dela foi o modesto herói. Um imenso cortejo, precedido da banda da cidade de Grandvilliers, conduziu-o ao conselho municipal, onde recebeu, das mãos da autoridade departamental, a medalha de honra que mereceu seu nobre devotamento à causa da humanidade sofredora. No discurso pronunciado nessa ocasião, pelo delegado da prefeitura, anotamos a seguinte passagem:

"Se nessa revista sumária cheguei afazer, senhores, a cada um a parte merecida que lhe cabe na consagração deste grande dia, que me seja permitido com ela alegrar-me convosco, como da execução de um dever que me era muito caro a todos os títulos.

"É, pois, com uma indizível alegria e um legítimo orgulho que todos verão, sobre o nobre peito do Sr. Prévost esse sinal honorífico que o Imperador quis nele ver pregado em seu nome, à espera de que, disso não duvidemos, que a estrela da honra ali venha a brilhar com o seu mais vivo brilho.

"Antes de terminar esta bela cerimônia, à qual com razão impaciente de fazer suceder sua alegre animação, façamos remontar nosso contentamento e nossa gratidão, até seu augusto autor, o Imperador, assim como ao seu fiel intérprete, o Sr. prefeito de Oise."

A Sociedade Espírita de Paris está também orgulhosa da honra prestada a um de seus membros altamente devotados. (Ver, para os detalhes sobre a casa de refúgio de Cempuis, a *Revista Espírita* de outubro de 1863, p. 303.)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO **NO. 7** **JULHO 1864**

RECLAMAÇÃO DO SR. ABADE BARRICAND.

O número *da Revista* do mês de junho estava composto e em parte tirado, quando nos chegou a carta adiante do Sr. abade Barricand, ao qual fizemos responder o que segue:

"Senhor.

"O Sr. Allan Kardec encarrega-me de vos acusar o recebimento da carta que lhe endereçastes, *e* vos dizer que era supérfluo requerer para inseri-la na *Revista',* bastaria que lhe tivésseis dirigido uma retificação motivada para que a considerasse como um dever de imparcialidade e de lhe fazer direito. O número da *Revista* de 1fi de junho, estando tirado no momento do recebimento de vossa carta, ela não poderá aparecer senão no número seguinte.
"Recebei, etc."

"Lyon, 19 de maio 1864.

"Senhor,

"Acabo de ler, no número da *Revista Espírita* domes de maio de 1864, um artigo onde meu curso é de tal modo mascarado e desfigurado, que me vejo na necessidade de lhe dar uma resposta, para destruir a impressão desfavorável que esse artigo por certo deixou aos vossos leitores, com respeito à minha pessoa e ao meu ensinamento.
"Esse artigo é intitulado: *Curso público de Espiritismo em Lyon.* Jamais se viu figurar essa designação sobre nenhum de meus programas, e se alguém foi ao meu curso na crença de que assistiria a lições de Espiritismo, não é, como o insinuais, porque foi seduzido por um título *atraente e um pouco enganador,* mas unicamente porque não se deu ao trabalho de ler o que levam nossos cartazes.
"Ensinais aos vossos leitores que o *Journal* LAVÉRITÉ *salienta várias de nossas afirmações,* e além disso que se *encarrega* de nos *refutar, ao que, disso não duvidamos,* acrescentais, e *cumprirá muito bem, julgando-o por seu início.* Mas não dais a conhecer essas afirmações. Nosso contraditor afirma, e é verdade, que *não é necessário ter feito a sua teologia para ter uma caneta,* e que não teme de vos perseguir *unicamente com as armas da razão e da fé em Deus que o Espiritismo dá;...* que a *tese paradoxal* que *sustentamos não se discute;...* que não *cederemos com dificuldade por acompanhar o Espiritismo ao cemitério, mas que não é preciso se apressar muito em soar o dobre de finados;...* que, por sua própria conta, está em condições *de amamentar por si mesmo, e sem muita dificuldade, essa pequena criança que se chama a Verdade;... que o sangue do futuro corre mais quente do que nunca nas veias do Espírita, e que tem a confiança íntima de que um dia nos será dado o tom definitivo do mais magnífico* TE DEUM.

"O Sr. Allan Kardec está muito senhor, seguramente, de se imaginar que essas afirmações copiam as nossas e de prometer, aos seus leitores, que, julgando-o, pelo seu início, o diretor da *Vérité* cumprirá sem dificuldade atarefa que se impôs de nos refutar; mas nós temos dificuldade em crer que, fora da escola espírita, tenha-se a mesma opinião, e não iríamos mesmo até supor que, se aprouvesse ao Sr. diretor da *Revista Espírita* de colocar inteiramente sob os olhos de seus assinantes o artigo onde nosso antagonista inicia a luta, muitos dentre eles teriam hesitado em considerá-lo como um início que promete uma refutação maravilhosa de nossas lições contra o Espiritismo.

"Mas digais talvez: o resumo que a *Vérité* dá de uma parte de vossa argumentação não a reproduziu com fidelidade? Não, senhor, esse resumo não é senão uma burlesca paródia dela. Tudo ali está falsificado, e nossa linguagem, e nossas idéias, e nosso raciocínio. Essas expressões altivas: *Fiz-me muito em vos provar, pretensioso pedestal... relatório enfático, cifras ambiciosas, comédia que tudo isso. A caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida, não é justo que ela venha em ajuda aos seus discípulos,* etc., jamais entraram nas lições, e o Sr. diretor da *Vérité* ter-se-ia poupado o trabalho de colocá-la sobre nossa conta, se tivesse compreendido ou querido compreender o verdadeiro estado da questão que tratamos diante dele.

"De que se trata, com efeito? De dar *a* conhecer ao nosso auditório qual era, no fim de 1862 e no fim de 1863, a situação do Espiritismo em Lyon. Ora, para não nos apoiarmos senão sobre os dados que nenhum espírita pode recusar, em lugar de falar de vossas viagens e de supor o que poderia conter a vossa caixa, estamos contentes de pôr em oposição a vossa brochura intitulada: *Viagem espírita em 1862,* e vosso artigo da *Revista Espírita* (janeiro de 1864), no qual dais conta, aos vossos assinantes, da situação do Espiritismo em 1863. Da diferença tão marcante de tom e de linguagem que se nota nesses dois documentos, acreditamos dever concluir, não como nos fez dizer a *Vérité,* que o Espiritismo está morto ou morrendo, mas que sofre, pelo menos em Lyon, um tempo de parada, se é que já não entrou num período de decadência. Em apoio a essa conclusão, lembramos as confissões do diretor da *Vérité;* porque, enquanto o Sr. Allan Kardec afirma que em 1862 podia-se, sem exagero, contar de 25 a 30 mil Espíritas lioneses, o Sr.Edoux não tem dificuldade de reconhecer que seu número hoje não passa de dez mil; ora, que outro nome, senão o de decadência, pode-se dar a uma tão sensível diminuição?

"Nada era mais fácil, isso nos parece, do que tomar o verdadeiro sentido de uma tão simples argumentação, *e* dele fazer uma análise exata; mas o Sr. diretor da *Vérité,* em lugar de se limitar a reproduzir fielmente a nossa exposição, pensou que seria mais picante dar aos seus leitores a bonita mostra de nosso curso que inseriu em seu jornal.

"Foi, todavia, nesse relatório, onde se descobre a cada linha a falta de lógica e de sinceridade, que acreditastes poder dar por fundamento a essas insinuações malévolas que tendem a nos apresentar, aos vossos leitores, como um homem *que se imiscui em vossos atos particulares,* que *de uma simples suposição tira uma conseqüência absoluta;* que *supões o que há no fundo de vossa caixa para disso fazer um texto de um ensino público.* Tais acusações, lançadas ao acaso e sem sombra de provas, cai por si mesmas: basta, segundo a palavra de um antigo autor, traze-las a luz para refutá-las: *Vestra exposuisse refellisse est.*

Acreditastes dever, terminando vosso artigo, nos ensinar como se deve fazer um curso de teologia; guardar-nos-emos muito de querer, ao nosso turno, vos dar a lição; mas que nos seja permitido, pelo menos, vos dar o conselho caridoso, se quereis vos poupar de muitos desmentidos, de não aceitar doravante, senão com uma certa desconfiança, os relatórios de vossos correspondentes; porque, para emprestar a linguagem de nosso bom La Fontaine:

Nada é mais perigoso do que um ignorante amigo,
Mais vale um sábio inimigo.

"Eu vos peço, e por necessidade vos requero, inserir integralmente esta resposta em vosso próximo número. "Aceitai a segurança de meus sentimentos distintos.

"A. Barricand.

"Decano da Faculdade de Teologia."

As palavras contra as quais reclama o Sr. abade Barricand são estas: "É fácil ao Sr. Allan Kardec colocar esta afirmativa: *O Espiritismo está mais poderoso do que nunca,* e de citar como principal prova da criação da *Ruche* e da *Vérité* Senhores, comédia que tudo isso!. . .Esses dois jornais podem bem existir, sem serem precisamente obrigados a concluir que o Espiritismo deu um passo avante...Se me objetais que esses jornais têm despesas, e que para pagá-las são necessários assinantes, ou sem impor sacrifícios muito deprimentes, eu responderia ainda: Comédia!... A caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida, diz-se; não é justo, racional, que venha em ajuda aos seus discípulos?"

Elas são extratos textuais do jornal *la Vérité* de 10 de abril de 1864; não fizemos senão acrescentar as reflexões muito naturais que nos sugeriram, dizendo que não reconhecemos a ninguém o direito de supor o fundo de nossa bolsa, e de prejulgar o uso que fazemos daquilo que se supõe que possuímos, e ainda menos disso fazer o texto de um ensino público. (Ver a *Revista* do mês de maio, pág. 154.)

Sem procurar se o Sr .Barricand pronunciou as palavras que ele contesta, ou o equivalente, pode-se admirar de que não haja pedido, desde o início, a retificação ao jornal ao qual não fizemos senão lhes emprestar. Esse jornal é de 10 de abril; aparece em Lyon todas as semanas e lhe é endereçado; ora, sua carta é de 19 de maio, e cinco números tinham aparecido no intervalo. De duas coisas uma: essas palavras são justas ou elas são falsas; se são falsas, é que o redator, que declara, no artigo, ter assistido à lição do professor, inventou-as; como ocorre então, nesse mesmo artigo, ele protesta contra a alegação de ser subvencionado por nós, dizendo que não tem necessidade do socorro de ninguém, e pode caminhar sozinho? Seria, pois, estranho desprezo. Como ocorre que, em presença desta dupla afirmação, o Sr. Barricand tenha deixados passar mais de um mês sem protestar? Seu silêncio, então que não podia isso ignorar, deveu ser considerado por nós como um assentimento, porque é muito evidente que, se tivessem sidos retificados na *Vérité,* nós não os teríamos reproduzido.

O Sr. abade Barricand retorna, em sua carta, sobre a tese que sustentou concernente à suposta decadência do Espiritismo, restringindo, todavia, a importância de suas expressões. Uma vez que esse pensamento o tranqüiliza, nós lhe o deixamos de boa vontade, porque não temos nenhum interesse em dissimulá-lo. Que ele tire, pois, da ausência de estipulações precisas sobre o número de Espíritas todas as induções que queira, isso não impedirá às coisas seguirem seu curso. Pouco nos importa que nossos adversários creiam ou não creiam no progresso do Espiritismo; ao contrário, quanto menos nisso crerem, menos disso se ocuparão, e mais nos deixarão tranqüilos; de boa vontade nos faremos mesmo os mortos se isso puder lhe ser agradável. Caberia a eles não nos despertar; mas enquanto crerem, fulminarão, anatematizarão, usarão de violência e perseguições, e não farão crer a ninguém que somos mortos seriamente.

Até o presente o clero acreditava que um meio de amedrontar com respeito ao Espiritismo, e de fazê-lo repelir, era de exagerar desmedidamente o número de seus adeptos. Em muitos sermões, ordenações e publicações de todos os gêneros, estes não estavam apresentados como invadindo a sociedade e colocando, pelo seu crescimento, a Igreja em perigo? Afirmamos o progresso das idéias espíritas que, melhor do que quem que seja, estamos em condições de constatar; mas jamais caímos nesses cálculos hiperbólicos; jamais dissemos, como um certo pregador, que só em Bordeaux venderam-se, em pouco tempo mais de 170.000 francos de nossos livros. Não fomos nós que dissemos que havia

20 milhões de Espíritas na França, nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que eqüivaleria a mais da metade da população total do globo. O resultado desses quadros foi diferente daquilo que deles se esperava; ora, se quiséssemos proceder por indução, suporíamos o Sr. abade Barricand de querer seguir uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo ao invés de exaltá-los.

O que quer que seja, a estatística exata dos Espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à idéia, e que não têm nenhum motivo de se porem em evidência, não sendo os Espíritas arregimentados como numa confraria. Enganar-se-ia muito tomando-se por base o número dos grupos oficialmente conhecidos, tendo em vista que não há a milésima parte dos adeptos que os freqüentam; conhecemos tais cidades onde não existe nenhuma sociedade regular, e onde há mais Espíritas do que numa tal outra que delas conta várias. Dissemos, aliás, as sociedades não são de nenhum modo uma condição necessária à existência do Espiritismo; elas se formam hoje, que cessem amanhã, sem que a sua marcha seja entravada no que quer que seja; *o Espiritismo é uma questão de fé e de crença e não de associação.*

Quem partilha nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos, e das conseqüências morais que disso decorrem, é Espírita de fato, sem que tenha necessidade de estar inscrito num registro de matrícula ou de receber um diploma. Uma simples conversação basta para fazer conhecer aqueles que são simpáticos à idéia ou que a repelem, e, por aí, julga-se se ela ganha ou perde terreno.

A avaliação aproximada do número dos adeptos repousa sobre as relações íntimas, porque não existe nenhuma base para o estabelecimento de uma cifra rigorosa, cifra, de resto, incessantemente variável; tal carta, por exemplo, vai nos revelar toda uma família espírita, e, freqüentemente, várias famílias, das quais não tínhamos nenhum conhecimento. Se o Sr. Barricand visse a nossa correspondência, talvez mudasse de opinião, mas nós não a temos.

A oposição que se faz a uma idéia está sempre em razão de sua importância; se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teria ocupado mais do que de tantas outras teorias; a obstinação da luta é indício certo de que se o toma a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a história dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias dos quais foi objeto forçaram devolver as armas que se lhe lançaram, e de mostrar os lados vulneráveis de seus adversários; estes, assediando-o, detiveram sua caminhada? Não; é um fato adquirido. Se o tivessem deixado em repouso, o próprio nome do clero não teria sido pronunciado, e talvez aquele nisso teria ganho. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçou a discussão do valor das objeções e, por isso mesmo, de entrar sobre um terreno que não tinha a intenção de abordar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos,

de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem, de provar o futuro àqueles que crêem no nada; por que, pois, a Igreja lança anátema àqueles a quem dá essa fé, mais do que quando não acreditavam em nada? Repelindo aqueles que crêem em Deus e em sua alma por ele, é constrangê-los a procurar um refúgio fora da Igreja. Quem, o primeiro, a proclamar que o Espiritismo era uma religião nova com seu culto e seus sacerdotes, se não foi o clero? Onde, até o presente, viram-se o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se jamais tornar-se uma religião, foi o clero que terá provocado.

A RELIGIÃO E O PROGRESSO.

Pensa-se, muito geralmente, que a Igreja admite hoje o fogo do inferno como um fogo moral e não como um fogo material; tal é, pelo menos, a opinião da maioria dos teólogos e de muitos eclesiásticos esclarecidos; mas isso, todavia, não é senão uma opinião individual e não uma crença adquirida pela ortodoxia, de outro modo seria universalmente

professada. Pode-se julgá-lo pelo quadro adiante, que um pregador traçou do inferno, durante a última quaresma, em Montreuil-sur-Mer:

"O fogo do inferno é dez milhões de vezes mais intenso do que o da Terra, e se um dos corpos que ali queimam sem se consumir viesse a ser atirado sobre o nosso planeta, ele o empestaria desde um canto até o outro!

"O inferno é uma vasta e sombria caverna, eriçada de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas bem afiadas, de lâminas de navalhas bem afiadas, na qual são atiradas as almas dos condenados!"

Seria supérfluo refutar essa descrição; poder-se -ia, no entanto , perguntar ao orador onde hauriu um conhecimento tão preciso desse lugar que descreve; certamente, não foi no Evangelho onde não há questão nem de pregos, nem de espadas, nem de navalhas. Para saber que essas lâminas eram bem acerradas e bem afiadas, é preciso tê-las visto e provado; é que, novo Enéas ou Orfeu, teria ele mesmo descido a essa sombria caverna, que tem, de resto, um grande ar de familiaridade com o Tártaro dos pagãos? Além disso, teria devido explicar a ação que os pregos e as navalhas podem ter sobre as almas, e a necessidade de que fossem bem afiadas e de boa tempera. Uma vez que conhece tão bem os detalhes interiores do local, teria devido dizer também onde ela está situada. Isso não *é* no centro da Terra, uma vez que supõe o caso de que um dos corpos que ela encerra seria lançado sobre nosso planeta. É, pois, no espaço? Mas a astronomia nele mergulhou seus olhares bem longe, sem nada descobrir; é verdade que não o olhou com os olhos da fé.

O que quer que ele seja, esse quadro faz para conduzir os incrédulos? é mais do que duvidoso, porque é mais próprio a diminuir o número dos crentes.

Como contrapartida, citaremos o fragmento seguinte de uma carta escrita de *Riom,* e reportada pelo jornal *la Vérité,* no número de 20 de março de 1864:

"Ontem, para minha grande surpresa e a minha grande satisfação, ouvi com meus próprios ouvidos essa confortadora confissão sair da boca de um eloqüente pregador, em presença de um numeroso auditório espantado: *Não há mais inferno... o inferno não existe mais... ele foi trocado por uma admirável substituição: os fogos da caridade, os fogos do amor resgatando as nossas faltas!*

Nossa divina doutrina (o Espiritismo) não está encerrada inteiramente nestas poucas palavras?

É inútil dizer qual dos dois teve mais simpatia no auditório; mas o segundo poderia mesmo ser acusado de heresia pelo primeiro. Outrora teria infalivelmente expiado sobre uma fogueira ou num calabouço a audácia de ter proclamado que Deus não faz queimar as suas criaturas.

Estas duas citações nos sugerem as reflexões seguintes:

Se uns crêem na materialidade das penas, ao passo que outros nisso não crêem, necessariamente uns estão errados e os outros certos.

Esse ponto é mais capital do que não parece à primeira vista, porque é o caminho aberto às interpretações numa religião fundada sobre a unidade absoluta de crença, e que repele a interpretação em princípio.

É muito certo que, até este dia, a materialidade das penas faz parte das crenças dogmáticas da Igreja; por que, pois, todos os teólogos não crêem nelas? Como nem uns nem os outros não verificaram as coisas por si mesmos, o que leva alguns a não ver senão uma figura ali onde outros vêem a realidade, se não é a razão que neles se impõe sobre a fé cega? Ora, a razão é o livre exame.

Eis, pois, a razão e o livre exame entrados na Igreja pela força da opinião; poder-se-ia dizer, sem metáfora, pela porta do inferno; é a mão levada sobre o santuário invariável dos dogmas, não pelos laicos, mas pelo próprio clero.

Que não se creia essa questão de mínima importância; leva ela em si o germe de toda uma revolução religiosa e de um imenso cisma, muito mais radical do que o protes-

tantismo, porque ameaça não só o catolicismo, mas o protestantismo, a Igreja grega e todas as seitas cristãs. Com efeito, entre a materialidade das penas e as penas puramente morais, há toda a distância do sentido próprio ao sentido figurado, da alegoria à realidade; desde que se admitam as chamas do inferno como alegoria, fica evidente que as palavras de Jesus: "Ide ao fogo eterno," têm um sentido alegórico; daí a conseqüência de que deve ocorrer o mesmo com muitas outras de suas palavras.

Mas a conseqüência mais grave é esta: Do momento em que se admite a interpretação sobre um ponto, não há motivo de rejeitá-la sobre outros; é, pois, como dissemos, a porta aberta à livre discussão, um golpe mortal ao princípio absoluto da fé cega. A crença na materialidade das penas se liga intimamente a outros artigos de fé que lhes são o corolário; essa crença transformada, os outros se transformarão pela força das coisas e, assim, passo a passo.

Eis disso já uma aplicação. Há poucos anos ainda o dogma: Fora da Igreja não há salvação estava com toda a sua força; o batismo era de condição tão imperiosa, que bastava que o filho de um herético o recebesse clandestinamente, e malgrado a vontade de seus pais, para ser salvo, porque tudo o que não era rigorosamente ortodoxo era irremissivelmente condenado. Mas a razão humana tendo se lembrado desses bilhões de almas votadas às torturas eternas, então que não havia dependido que fossem esclarecidas da verdadeira fé, das inumeráveis crianças que morrem antes de terem a consciência de seus atos, e que por isso não são menos condenadas, se a negligência ou a fé religiosa de seus pais a privaram do batismo, a Igreja renunciou ao seu absolutismo a esse respeito. Ela diz hoje, ou pelo menos a maioria dos teólogos dizem, que essas crianças não são responsáveis pelas faltas de seus pais; que a responsabilidade não começa senão do momento em que tendo a possibilidade de ser esclarecida, não se lhe recusa, e que desde então essas crianças não são condenadas por não terem recebido o batismo; que ocorre o mesmo com os selvagens e os idolatras de todas as seitas. Alguns vão mais longe; reconhecem que, pela prática das virtudes cristãs, quer dizer, da humildade e da caridade, pode-se ser salvo em todas as religiões, porque depende também da boa vontade de um Hindu, de um judeu, de um muçulmano, de um protestante quanto de um católico viver cristãmente; que aquele que vive assim está na Igreja pelo Espírito, se não está pela forma. Não está aí o princípio: Fora da Igreja não há salvação ampliado e transformado neste: Fora da caridade não há salvação? É precisamente o que o Espiritismo ensina, e, no entanto, por isso é declarado ser a obra do demônio. Por que essas máximas seriam antes o sopro do demônio na boca dos Espíritas do que na dos ministros da Igreja? Se a ortodoxia da fé está ameaçada, não o é, pois, pelo Espiritismo, mas pela própria Igreja, porque ela sofre, com seu desconhecimento, a pressão da opinião geral, e que, entre seus membros, são encontrados os que vêem as coisas de mais alto, e nos quais o poder da lógica se impõe sobre a fé cega.

Sem dúvida, parece temerário dizer que a Igreja caminha ao encontro do Espiritismo; no entanto, é uma verdade que se reconhecerá mais tarde; caminhando inteiramente para combatê-lo, ela não se assimila menos, pouco a pouco, seus princípios sem disso desconfiar.

Essa nova maneira de encarar a questão da salvação é séria; o Espírito colocado acima da forma é um princípio eminentemente revolucionário na ortodoxia. Sendo reconhecida possível a salvação fora da Igreja, a eficácia do batismo é relativa e não absoluta: torna-se simbólica. A criança não batizada, não levando a pena da negligência ou da má vontade de seus pais, em que se torna a incorrida para todo gênero humano pela falta do primeiro homem? em que se torna também o pecado original, tal qual o entende a Igreja?

Os maiores efeitos, freqüentemente, têm as menores causas; sendo admitido na questão o direito de interpretação e de livre exame, pueril em aparência, da materialidade das penas futuras, é um primeiro passo cujas conseqüências são incalculáveis, porque é uma brecha feita na imutabilidade dogmática, é uma pedra levantada que arrasta outras.

A posição da Igreja é embaraçosa, é preciso nisso convir; no entanto, não há senão um desses dois partidos a tomar: quando mesmo permanecer estacionário, ou ir avante; mas, então, ela não pode escapar deste dilema: se ela se imobiliza, de maneira absoluta, nos trâmites do passado, será infalivelmente transbordada, como já o é, pelas ondas das idéias novas, depois isoladas, depois desmembradas, como o seria hoje se tivesse persistido em repelir de seu seio aqueles que crêem no movimento da Terra, nos princípios geológicos da criação; se entrar na via da interpretação dos dogmas, se transformará, e ela aí entrará pelo único fato de renunciar à materialidade das penas e à necessidade absoluta do batismo.

O perigo de uma transformação, de resto, está nitidamente e energicamente formulado na passagem seguinte de uma pequena brochura, publicada pelo Rev. Pe. Marin de Boylesve, da Companhia de Jesus, sob o título de: O Milagre e o diabo, em resposta à Revue dês Deux-Mondes.

"Há, entre outras, uma questão que para a religião cristã é a vida ou a morte, a questão do milagre. A do diabo não o é pouco menor. Tirai o diabo, o cristianismo desaparece. Se o diabo não é senão um mito, a queda de Adão e o pecado original entram nas regiões da fábula; a redenção, por conseqüência o batismo, a Igreja, o cristianismo, em uma palavra, não têm menos razão de ser. Também a ciência não se poupa para apagar o milagre e para suprimir o diabo."

De sorte que se a ciência descobre uma lei da Natureza que faça reentrar nos fatos naturais um fato reputado miraculoso; se ela prova a anterioridade da raça humana e a multiplicidade de suas origens, todo edifício desmorona. Uma religião é muito frágil, quando uma descoberta científica é para ela uma questão de vida e de morte. Está aí uma confissão imprudente. Por nossa conta, estamos longe de partilhar as apreensões do Pé. Boylesve com relação ao cristianismo; dizemos que o cristianismo tal como saiu da boca de Jesus, mas somente tal como dele saiu, é invulnerável, porque é a lei de Deus.

A conclusão disto é: Nada de concessão, sob pena de morrer. O autor esquece de examinar se há mais chances de viver na imobilidade; nossa opinião é que nela há menos, e que vale mais viver transformado do que não viver de todo.

Num e noutro caso, uma cisão é inevitável; pode-se mesmo dizer que ela já existe; a unidade doutrinária está rompida, uma vez que não há acordo perfeito no ensinamento; que uns aprovam o que outros censuram; que, então, os absolvem o que outros condenam. Também vêem-se os fiéis irem de preferência àqueles cujas idéias mais lhe convém; os pastores se dividem, o rebanho se divide igualmente. Dessa divergência a uma separação, a distância não é grande; um passo a mais, e aqueles que estão adiante serão tratados de heréticos por aqueles que ficam atrás. Ora, eis o cisma estabelecido; aí está o perigo da imobilidade.

A religião, ou melhor todas as religiões, sofrem, apesar delas, *a* influência do movimento progressivo das idéias. Uma necessidade fatal as obriga ase manterem ao nível do movimento ascensional, sob pena de serem submergidas; também todas foram constrangidas, de tempos em tempos, a fazer concessões à ciência, e de fazer curvar o sentido literal de certas crenças diante da evidência dos fatos; aquela que repudiasse as descobertas da ciência e suas conseqüências, do ponto de vista religioso, perderia cedo ou tarde sua autoridade e seu crédito, e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela ciência, a falta não é da ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas. Repudiar a ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza, e, por isso mesmo, negar a obra de Deus; fazê-lo em nome da religião seria colocar Deus em contradição consigo mesmo, e fazê-lo dizer: Estabeleci leis para reger o mundo, mas não creiais nessas leis.

O homem, em todos os tempos, não esteve apto para conhecer todas as leis da Natureza; a descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, *a* necessidade de colocar suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob

pena de receber o desmentido dos fatos constatados pela ciência; somente com essa única condição uma religião é invulnerável. Na nossa opinião, *a* religião deveria fazer mais do que se meter a reboque do progresso, que ela não segue senão como constrangida e forçada, deveria ser dele a sentinela avançada, porque é honrar a Deus em proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis.

A contradição que existe entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que o conhecimento dessas leis se populariza. Se o acordo entre a ciência e a religião fosse impossível, não haveria religião possível. Proclamamos claramente a possibilidade e a necessidade desse acordo, porque, em nossa opinião, a ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus, e devem se completar uma pela outra, em lugar de se desmentir uma pela outra. Elas se estenderão as mãos quando a ciência não vir na religião nada incompatível com os fatos demonstrados, e que a religião hão terá mais a temer a demonstração dos fatos. O Espiritismo, pela revelação das leis que regem as relações do mundo visível e do mundo

invisível, será o traço de união que lhes permitirá se olharem face a face, uma sem rir e a outra sem tremer. É pelo acordo da fé e da razão que ele conduz, cada dia, tantos incrédulos a Deus.

O ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA.

Sob esse título, o jornal de Constantinopla publicou, no mês de março último, três artigos muito extensos sobre, ou melhor, contra o Magnetismo e o Espiritismo, que têm, nessa capital, numerosos e fervorosos adeptos. Como em todas as críticas em geral, neles procuramos em vão alguns argumentos sérios, ao passo que ali vimos a prova evidente de que o autor fala de uma coisa que não conhece, ou que não conhece senão superficialmente; ele julga o Espiritismo sobre as aparências, sobre o ouvir-dizer, sobre a leitura de alguns fragmentos incompletos, sobre o relato de alguns fatos excêntricos repudiados pelo próprio Espiritismo, isso lhe parece suficiente para pronunciar um julgamento. Como se vê, é uma nova amostra da lógica de nossos antagonistas. O que parece ter lido melhor é o Sr. de Mirville, a magia do Sr. Dupotet e ávida do Sr. Home; mas da ciência espírita propriamente dita, não se vêem nem estudos nem observações sérias.

Estamos longe de pretender que aquele que estuda o Espiritismo deve necessariamente aprová-lo; mas, se está de boa fé, em sua própria censura não se afastará da verdade; não nos fará dizer o contrário daquilo que dizemos, o que chegará necessariamente se não sabe tudo o que dissemos. Não reconheceríamos por crítico sério senão aquele que, saindo das generalidades, opusesse aos nossos argumentos peremptórios, e provasse, sem réplica possível, que os fatos sobre os quais nos apoiamos são falsos, controversos e radicalmente impossíveis; é o que ninguém ainda fez, não mais o redator do jornal de Constantinopla do que os outros. O Espiritismo foi atacado de todas as maneiras, com todas as armas que se acreditou mais mortíferas; nada foi poupado para aniquilá-lo, nem mesmo a calúnia; não será o mais medíocre escritor que, num opúsculo ou num folhetim, não se sinta lisonjeado em lhe dar um golpe de misericórdia; entre seus adversários, se encontram homens de um valor real que deveram rebuscar até o fundo o arsenal das objeções, com um ardor tanto maior quanto tinham interesse em abafá-lo. No entanto, o que quer que se haja feito, não só ele está ainda de pé, mas se estende cada dia mais; se implanta por toda parte; o número de seus adeptos cresce sem cessar; isto é um fato notório. Que é preciso disso concluir? é que não se lhe pode opor nada de sério e de concludente. Nosso contraditor de Constantinopla será mais feliz? Disso duvidamos muito se não tem melhores argumentos para fazer valer. Seus artigos, longe de deter o movimento espírita no Oriente, não podem senão favorecê-lo, como fizeram todos os do mesmo gênero, porque se voltam exatamente no mesmo círculo; é por isso que não temos de outro

modo que nos preocupar com isso. Limitar-nos-emos a citar alguns fragmentos que resumem a opinião do autor.

Não há uma das objeções feitas contra o Espiritismo que não encontre sua refutação em nossas obras; se nos fosse necessário realçar todos os absurdos debitados a esse respeito, nos seria preciso, sem cessar, nos repetir, o que é inútil, uma vez que, em definitivo, essas críticas não tendo nenhum fundo sério servem bem mais do que prejudicam.

"Ao lado dos práticos hábeis, tais quais os mágicos como o Sr. Dupotet, ou os médiuns como o Sr. Home, vêm se colocar os operadores de uma ordem diferente, nas primeiras linhas dos quais figura o Sr. Allan Kardec. Este pode ser apresentado como o padrão sobre o qual são calcados todo um quadro de Espíritas cuja boa fé não poderia ser colocada em dúvida.

"Os Espíritas de Constantinopla pertencem, assim como já o dissemos, a essa escola literária e artística, que milita principalmente por seus escritos, dos quais a *Revista Espírita* de Allan Kardec é o tipo mais perfeito. Foram os adeptos dessa categoria que estabeleceram a Doutrina. A teoria dos Espíritos não tem nenhum segredo para eles; também desdenham, o mais freqüentemente, recorrer aos procedimentos materiais empregados pelos médiuns do comum. Eles têm manifestações diretas. Seu procedimento, tão simples quanto eles mesmos, consiste em pegar, como o faria o primeiro profano que chegasse, um lápis comum com ajuda do qual se colocam em relação imediata com os Espíritos, e escrevem sob seu ditado. Entre outras vantagens, esse método lhes permite colocar toda modéstia de lado, e de dar, às suas próprias obras, os louvores mais exagerados, cobrindo-se com o nome dos seus supostos autores.

"Antes de crer na exatidão de um médium escrevente *mecânico,* gostar-se-ia de ver escrever por um idiota alguma bela página, tal como os Espíritos que agem por via mediúnica jamais a ditaram. O médium *intuitivo é* mais aceitável; mas nos parece muito difícil que a experiência ensine a distinguir o pensamento do Espírito do

do médium. O papel desempenhado por este último pode, de resto, se explicar facilmente. Na maioria dos casos, é sincero, *e* é antes a ele do que aos operadores da ordem dos Srs. Home e Dupotet que se aplicaria com justeza o julgamento dado pelo Sr. conde Gasparin. Quanto à opinião do Sr. de Mirville, não há lugar de discutir aqui, porque está perfeitamente averiguado que nenhum médium, em Constantinopla pelo menos, não é feiticeiro.

"Se nos fosse preciso defender os Espíritas contra acusações tão odiosas quanto aquelas que rejeitamos aqui, nos bastaria demonstrar sua completa *inocência* em citar alguns dos ensinos que os Espíritos dão.

"Os diferentes planetas que circulam no espaço são povoados como nossa Terra. As *observações astronômicas* induzem a pensar que os meios onde vão seus habitantes respectivos são bastante diferentes para necessitar de organizações corpóreas diferentes; mas o *perispírito se* acomoda à variedade dos tipos e permite ao Espírito que ele recobre se encarnar na superfície de planetas diferentes.

"O estado moral, intelectual e físico desses mundos forma uma série progressiva, na qual nossa Terra não ocupa nem o primeiro nem o último lugar; no entanto, ela é um dos globos mais materiais e mais atrasados. Há os que onde o mal moral é desconhecido; onde as artes e as ciências são levadas a um grau de perfeição que não podemos compreender; onde a organização física não está sujeita nem aos sofrimentos, nem às doenças; onde os *homens* vivem em paz, sem procurar se prejudicar, isentos de desgostos e de cuidados."

"Com meus novos instrumentos, esta noite, verei homens na lua..." disse em alguma parte o rei Alphonse; mais feliz do que ele, os Espíritas os viram, mas é muito errado que invejem a sorte dos lunáticos; nada poderia, cremos, impedi-los de gozar desses mundos comodamente.

'Vê-se, por tudo o que precede, ao que se reduz o maravilhoso e o sobrenatural do Espiritismo; basta, para reduzi-los a nada, examinar todos os fatos que citamos, sem partidarismo antecipado de nele encontrar as práticas da feitiçaria mais repreensível, ou a ação de um fluido dos quais os sábios negam a existência. Para quem quiser se dar ao trabalho de assistir às suas sessões sem se condenar a tomar os fatos que produzem por aquilo que eles os dão, *os* Srs. Home e Dupotet, assim como todos os operadores da mesma ordem, serão muito evidentemente mistificadores interessados. Suas operações são mais ou menos comparáveis, no que concerne à habilidade, às do Sr. Bosco, e este tem a mais a sinceridade, o que não permite levar mais longe a comparação entre eles.

"Bem diferentes dos mágicos dos quais acabamos de falar, os médiuns da categoria do Sr. Allan Kardec, categoria à qual pertencem geralmente os Espíritas de Constantinopla, são ao contrário os mistificados. Todos os seus esforços tendem a tornar cada vez mais completa a mistificação que dão a si mesmos. Apesar de toda boa vontade que nisso se possa pôr, é verdadeiramente impossível levar a sério nenhuma de suas práticas. Todavia, é permitido lamentar que pessoas honestas passem assim a maior parte de seu tempo a se compenetrarem de erros que para elas se tornam realidade. Por inofensivos que possam parecer no fundo esses erros, não é menos verdadeiro que eles não podem produzir senão resultados funestos, uma vez que tomam o lugar da verdade; é nesse sentido que são condenáveis."

Os próprios Espíritas de Constantinopla se encarregaram de responder, por dois artigos que o jornal publicou em seus números de 21 e 22 de março último. Um é de um médium que dá conta da maneira pela qual a faculdade se desenvolve nele e triunfou de sua incredulidade. O outro, que reproduzimos adiante, está em nome de todos.

"Senhor redator,

'Vosso jornal acaba de publicar três longos artigos intitulados: *o Espiritismo em Constantinopla,* em seguida dos quais vimos vos pedir consentir em nos dar lugar para as poucas linhas seguintes:

“O VERDADEIRO ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA”

"A doutrina que se baseia sobre a crença de um Deus infinitamente justo e infinitamente bom: o amor infinito; que indica por objetivo, aos Espíritos criados por esse mesmo Deus, a marcha para a perfeição cada vez mais completa; e por castigo, no estado de Espírito, a percepção perfeita desse objetivo com o desgosto de dele estar distanciado, ao mesmo tempo que a necessidade de recomeçar essa marcha ascensional por novas encarnações.... A doutrina que ensina a moral mais pura: ali está mesmo a que o Cristo expunha tão bem por estas simples palavras: *Amai-vos uns aos outros...* Uma tal doutrina de amor, dizemos claramente, pode perfeitamente abster-se das manifestações que o autor dos artigos, *O Espiritismo em Constantinopla,* depois de ter prometido explicá-la, fora do Espiritismo, limita-se a qualificar de mistificações.

"Mas essas manifestações, hoje tão completamente averiguadas, e das quais se encontra a prova a quase cada página da história humanitária, Deus as permite continuamente, a fim de dar a todos a prova da solidariedade que existe entre os Espíritos encarnados e os não encarnados; e

isto, a fim de que uns e outros se ajudem mutuamente, e que o ser espiritual, chamado à vida eterna, possa alcançar mais facilmente e sobretudo mais seguramente o objetivo providencial assinado à criação.

Se os fatos de onde decorrem semelhantes teorias, que são a base da Doutrina Espírita, podem ser tomados, *por certas pessoas,* por mistificações, ao menos deveriam elas indicar-lhes as razões, e, o que valeria ainda mais, apresentar outras *teorias mais racionais* e sobretudo mais verdadeiras.

"Agora, chamai a verdade *feitiçaria, magia, prestidigitação* e outros epítetos ainda mais ridículos, não impedireis, a *esta verdade* de se propagar e de estender seus raios benfazejos sobre todo o gênero humano.

"Eis por que o Espiritismo se propagou tão rapidamente sobre toda a superfície da Terra; e, apesar das críticas do gênero dos supracitados artigos, isso não impede seus adeptos de se contarem por milhões.

"OS ESPÍRITAS DE CONSTANTINOPLA."

Dirigimos aos nossos irmãos Espíritas de Constantinopla, tanto em nosso nome pessoal quanto no dos membros da Sociedade de Paris, as sinceras felicitações que sua resposta merece, ao mesmo tempo digna e moderada. A carta seguinte, que a esse respeito nos escreveu o Sr. Repôs, advogado, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, testemunha muito bem seu devotamento à causa da Doutrina, para que não nos façamos um dever e um sincero prazer de publicá-la, a fim de que os Espíritas de todos os países saibam que têm na capital do Oriente irmãos sobre a fraternidade dos quais podem contar. Falando do Oriente, não devemos nos esquecer os de Smirna; eles também têm direito a todas as suas simpatias.

"Constantinopla, 15 de junho de 1864."

"Caro mestre e muito honrado irmão em Espiritismo, "Recebi, em tempo a vossa boa carta de 8 de abril último, que me deu o maior prazer, assim como aos irmãos Espíritas, aos quais não deixei de dar-lhes conhecimento em sessão.

'Todos os Espíritas de Constantinopla se juntam a mim, em conjunto, para assegurar de nossos sentimentos fraternos a vós e a todos os Espíritas que fazem parte da Sociedade de Paris; e todos, vos agradecendo pelos encorajamentos que nos dais para nos ajudar a combater por nossa grande causa, ficai bem persuadido de que não falharemos na tarefa que empreendemos, e que todos os nossos esforços tenderão à propagação da verdade, do amor ao bem, e da emancipação intelectual dos outros homens, nossos irmãos em Deus, devêssemos sustentar as lutas mais obstinadas contra os nossos inimigos. Se há homens bastante servis e bastante frouxos para ousar combater a verdade, há também os bastante independentes e bastante corajosos para defendê-la, obedecendo nisso ao sentimento de justiça e de amor fraterno que fazem do ser humano um verdadeiro filho de Deus.

"Foi com um interesse muito vivo que li os detalhes interessantes contidos em vossa supradita carta, com relação ao progresso do Espiritismo na França e por todas as outras partes; esperamos que, no futuro, a idéia crescerá cada vez mais, e desejamo-lo ardentemente para nossos irmãos terrestres, de todos os países e de todas as religiões.

"O jato poderoso da revelação jorra de todas as partes: cego quem não o vê, imprudente quem o nega, insensato quem o combate procurando reprimi-lo em sua fonte; sua água pura e límpida, não parte do pé do trono eterno para se derramar em doce e fecundo orvalho sobre toda a Terra, que ela deve regenerar? Nenhuma força humana poderá, pois, comprimi-la!... E, com efeito, não vemos que, desde que um jato surge em qualquer parte, se alguém faz esforços para comprimi-lo, logo se vêem milhares de jatos surgirem em todas as direções e em todos os degraus da escala social? tanto é verdade que a vontade divina é onipotente, e que num momento dado nenhum obstáculo pode lhe ser oposto sob pena de ser derrubado e esmagado pelo carro brilhante da justiça e da verdade.

"Caro mestre, tenho um bem doce dever a cumprir, o de vos cumprimentar, tanto em meu nome como em nome de todos os nossos irmãos do Oriente, daquilo que as nossas obras sofreram a condenação da muito santa inquisição do pensamento, quero dizer, a condenação do Index. Rejubilai-vos, pois, com todos os nossos irmãos, se vossas obras levantaram tão altas cóleras que não puderam vos atingir senão se ridicularizando e dei-

xando ver, cada vez mais a realidade. Esse julgamento já foi declarado nulo e o dito pelo não dito pela opinião pública de todos os países.

"Sem dúvida, recebestes os jornais de Constantinopla que lhe remeti, e nos quais se achava a maior parte dos artigos publicados contra o Espiritismo e contra os Espíritas. Vistes as nossas duas pequenas respostas; como as achou? Aqui elas produziram bom efeito, e agora fala-se do Espiritismo mais do que nunca. Esperamos impacientemente o que direis para nos ajudar a combater o embuste e a mentira, que são o único apanágio dos inimigos de nossa bela Doutrina.

"Aqui a perseguição surda que anunciastes começou; um de nossos irmãos, devido à sua qualidade de Espírita, perdeu seu emprego; outros são perseguidos, ameaçados em seus mais caros interesses de família, ou em seus meios de existência, pelas manobras tenebrosas dos eternos inimigos da

luz, e que ousam dizer que o Espiritismo é a obra do anjo das trevas! Se é assim que crêem abafá-lo, enganam-se. A perseguição, longe de deter, faz engrandecer toda idéia que vem do alto; apressa a sua eclosão e sua maturidade, porque é o adubo que a fecunda; ela prova a ausência de todo meio inteligente para combatê-la. É que a idéia cristã foi abafada no sangue dos mártires?

"Até à vista, caro mestre; crede em meu devotamento muito sincero por vós e nossos irmãos Espíritas de Paris, aos quais vos peço fazer meus cumprimentos.

"B. REPÔS júnior, advogado."

EXTRATO DO *JORNAL DO COMMERCIO* DO RIO DE JANEIRO
De 23 de setembro de 1863

CRÔNICA DE PARIS.

A propósito dos espectros dos teatros, o correspondente conclui assim, depois de deles fazer o histórico:

"Por sorte, no próximo inverno, cada um poderá regalar aos seus amigos do espetáculo, tornado popular, de alguns fantasmas e outras curiosidades sobrenaturais. De sobremesa, se apagarão as velas e ver-se-ão aparecer, envolvidos em seus lençóis, os espectros modernos que substituirão assim as tiradas que outrora cantavam nossos avós. Nos bailes, em lugar dos refrescos, far-se-ão desfilar os fantasmas. Que encantador divertimento! nada que disso pensar se tem dele o arrepio."

O autor passando ao Espiritismo:

"Uma vez que falamos de coisas sobrenaturais, não passaremos em silêncio *O Livro dos Espíritos.* Que título atraente! quantos mistérios não se escondem! E se nos reportarmos ao ponto de partida, que caminho que essas idéias fizeram há alguns anos! -No início, esses fenômenos, ainda não explicados, consistiam em uma simples mesa posta em movimento pela imposição das mãos; hoje, as mesas não se contentam mais em girar, em saltar, em se endireitar sobre um pé, em fazer mil cabriolas, elas vão mais longe; falam! que digo eu: elas falam, é que têm um alfabeto próprio e mesmo vários. Basta dirigir-lhe uma pergunta, e a resposta é logo dada por pequenos golpes seguidos, batidos com o pé, ou bem por meio de um lápis que, preso à mão, põe-se a traçar sinais sobre o papel, palavras, frases inteiras ditadas por uma vontade estranha e desconhecida; a mão se torna então um simples instrumento, um porta-lápis, e o espírito da pessoa fica completamente estranho a tudo o que se passa.

"O Espiritismo, é assim que se chama a ciência desses fenômenos, fez, em poucos anos, grandes progressos nos fatos, na prática; mas a teoria, na minha opinião, não fez o

mesmo caminho, está estacionaria, e direi porque. - É incontestável, a menos que as pessoas que se ocupam dessa matéria não tenham interesse em se enganar e em nos enganar, é incontestável que os fatos existem. Eles não se revelam unicamente por meio das mesas, se nos apresentam todos os dias e a toda hora. Excitam e espantam a todos, mas todos permanecem aí. - Duas pessoas concebem a mesma idéia ou se reencontram simultaneamente sobre a mesma palavra; alguém que não vemos, freqüentemente e no qual acabamos de pensar se nos apresenta inopinadamente; bate-se à nossa porta, e, se bem que nada vem de fora nos indicar a pessoa, adivinhamos que ela está; uma carta com dinheiro nos chega num momento de urgência; e tantos outros casos tão freqüentes, tão numerosos e conhecidos de todo o mundo; tudo isso pode ser atribuídos ao acaso? Não, isso não pode ser o acaso em nenhum caso; e por que não seria isso uma comunicação fluídica inapreciável por nosso organismo material, um sexto sentido, enfim, de uma natureza mais elevada? Ninguém sabe onde reside a alma; ela não é nem visível, nem ponderável, nem tangível, e, no entanto, cheios de convicção que somos, afirmamos a sua existência. - Qual é a natureza do agente elétrico? O que é o imã?... E no entanto os efeitos da eletricidade e do magnetismo são continuamente patentes aos nossos olhos. - Estou persuadido de que um dia deverá ocorrer o mesmo com o Espiritismo, ou qualquer que seja o nome que em último lugar praza à ciência lhe dar.

"Há algum tempo vi numerosos fatos de catalepsia, de magnetismo, de Espiritismo, e não posso conservar a menor dúvida a seu respeito; mas o que me parece mais difícil é poder explicá-los e atribuí-los a tal ou tal causa. É preciso, pois, proceder com prudência e reservar sua opinião, abstendo-se de cair nos dois extremos: ou de negar todos os fatos ou de submetê-los todos a uma teoria prematura.

"A existência dos fenômenos é incontestável; sua teoria está ainda para descobrir-se: eis hoje o estado da questão. Não se pode negar que haja alguma coisa de singular e digna de ser examinada nessa idéia que agitou o mundo inteiro, que reaparece com mais intensidade do que nunca, nessa idéia que tem seus órgãos periódicos,, seus anais de observações, que emocionou os espíritos na Áustria, na Itália, na América, que fez nascer reuniões na França, país onde se formam raramente, e onde o governo as tolera dificilmente.

"Essa invasão geral, além deter produzido uma viva impressão, tem uma muito alta importância. É preciso, pois, sem precipitação nem idéias preconcebidas, verificar de boa fé esses fenômenos, até que venham a ser explicados, o que ocorrerá um dia, se aprouver a Deus nos revelar a natureza desse agente misterioso."

O autor, como se vê, não é muito avançado; mas ao menos não julga aquilo que não sabe; reconhece a existência dos fatos e a sua causa primeira, mas não conhece seu modo de produção. Ele ignora os progressos da parte teórica da ciência, e dá a esse respeito um conselho muito sábio: poderão fazer teorias arriscadas, assim como se estava muito apressado de fazê-lo no início da aparição dos fenômenos, onde cada um se apressou em explicá-los à sua maneira; assim, a maioria desses sistemas prematuros caíram diante das experiências ulteriores, que vieram contradizê-los. Hoje se possui disso uma teoria racional da qual *nenhum ponto foi admitido a título de hipótese;* tudo é deduzido da experiência e da observação atenta dos fatos; pode-se dizer que, sob este aspecto, o Espiritismo foi estudado à maneira das ciências exatas.

Esta ciência, nascida ontem, não disse tudo, tanto lhe é preciso, e nos resta ainda muito a aprender, mas disse o bastante para ser fixada sobre as bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais; não foram qualificados de sobrenaturais e maravilhosos senão por falta de conhecer a lei que os rege, assim como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Natureza. O Espiritismo, fazendo conhecer essa lei, restringe o círculo do maravilhoso em lugar de estendê-lo; dizemos mais, é que ele lhe dá o último golpe. Aqueles que dele falam de outro modo provam que não o estudaram.

Constatamos com prazer que a idéia espírita fez progressos sensíveis no Rio de Janeiro, onde conta com numerosos representantes fervorosos e devotados. A pequena brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão,* publicada em língua portuguesa, não contribuiu pouco para ali difundir os princípios da Doutrina.

EXTRATO DO *PROGRÈS COLONIAL,* JORNAL DAILHA MAURÍCIO.
De 28 de março de 1864.

Ao Senhor Redator do PROGRÈS COLONIAL

Senhor,
Conhecendo vosso liberalismo e sabendo também que vos ocupais do Espiritismo, consenti na cortesia de inserir em vosso próximo número a carta que vos envio, dirigida ao Sr. abade de Régnon, vos deixando a liberdade de fazer as reflexões que julgais conveniente fazê-lo, no interesse da verdade.
Contando com a vossa imparcialidade, ouso acreditar que me abrireis as colunas de vosso jornal, para todas as reclamações do gênero daquela que tenho a honra de vos enviar.
Sou, senhor, vosso muito humilde servidor,

C.

Ao Senhor abade de RÉGNON.

"Port-Louis, 26 de março de 1864.

"Senhor abade,

"Em vossa conferência de quinta-feira última (24 de março), atacastes o Espiritismo, e gosto de crer que o fizestes de boa fé, se bem que os argumentos dos quais vos servistes contra ele não hajam talvez sido de uma inteira exatidão.
"Há a lamentar por nós, Espíritas bem convencidos, que hauristes em outra parte senão no conhecimento positivo dessa ciência; estudando-a um pouco, teríeis aprendido que rejeitamos, assim como vós, todas as comunicações emanadas de Espíritos grosseiros ou enganadores, que com a menor experiência é fácil de reconhecer, e que nos ligamos somente àquelas que se apresentam de maneira clara, racional, e segundo as leis de Deus, que, vós o sabeis como nós, permitiu em todos *os* tempos as manifestações espíritas; as santas Escrituras estão aí para disto fazer fé.
"De resto, não negais a existência dos Espíritos, ao contrário; somente não admitis deles senão os maus; eis a diferença que existe entre nós.
"Estamos seguros de que há os bons, e que seus conselhos, quando são seguidos, e todo verdadeiro Espírita nisso não falha, conduzem mais almas a Deus e fazem muito mais prosélitos para a religião do que não pensais. Mas compreender e praticar esta ciência, assim como todas as outras, é preciso primeiro dela se instruir e conhecê-la a fundo.
"Convido-vos, pois, senhor abade, primeiro no vosso interesse, depois no daqueles que têm a felicidade de vos ouvir, a ler uma das principais obras que apareceram sobre este assunto, *O Livro dos Espíritos,* ditado por eles ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris, composta de pessoas sérias e muito instruídas, em sua maioria.
"Ali, vereis como só os ignorantes se deixam enganar por falsos nomes e palavras mentirosas, e que *pelos frutos é muito fácil reconhecer a arvorei* Tenho necessidade, de

resto, de vos lembrar da 4a. epístola de São João, versículos 1,2,3, sobre a maneira de provar os Espíritos?

"Sim, convenho com isto, o Espiritismo é uma ciência que, assim como o que há de melhor neste mundo, pode algumas vezes produzir grandes males, quando é exercido por aqueles que não a estudaram e a praticam ao acaso; mas deveis, pois, vós homem sábio, julgá-la assim sem conhecê-la?

"E nossa bela religião cristã, em nome da qual um tão grande número de insensatos, de ignorantes, e mesmo de celerados cometeram tantos crimes, e fazem derramar tanto sangue, é preciso, pois, também julgá-la sobre as ações loucas ou criminosas desses infelizes?

"Não, senhor abade, não é nem justo, nem racional ter um julgamento temerário sobre coisas das quais primeiro não se estar assegurado; deixai a superfície, ide ao fundo para o estudo; então dela podereis tratar com conhecimento de causa e vos escutaremos com recolhimento, porque, então, estareis sem dúvida na verdade, e não sorriremos mais em nos falando baixinho:

"Ele fala do que ignora."

"UM ESPÍRITA."

Se o Espiritismo tem detratores, tem também por toda a parte defensores, mesmo nas regiões mais distantes; o autor desta carta publicou-a em folhetins, nesse mesmo jornal, um romance muito interessante do qual o Espiritismo forma a base e que contribuiu poderosamente para difundir estas idéias no país. Disso daremos conta ulteriormente.

EXTRATO DA *REVISTA ESPÍRITA D'ANVERS,* SOBRE A CRUZADA CONTRA O ESPIRITISMO.

(Número de junho de 1863.)

"Decididamente o Espiritismo é uma coisa horrível, porque jamais nem ciência, nem doutrina herética, nem o próprio ateísmo, não levantaram contra si um tão forte motim no seio da Igreja, quanto o fez o Espiritismo. Todos os recursos imagináveis, louváveis ou não, foram postos em jogo para abafá-lo primeiro, e depois, quando a impossibilidade desse aniquilamento foi demonstrada, para desnaturá-lo e apresentá-lo sob um aspecto negro de pecados. Pobre Espiritismo! não pedia senão um pequeno lugar ao sol para fazer o mundo desfrutar gratuitamente de seus benefícios; não pedia a essas pessoas que, na qualidade de discípulos em título do Cristo, do Homem-Amor, são levados a colocar a palavra de caridade inscrita em letras brilhantes sobre seus paramentos, e não lhes pedia senão poder conduzir, ao bom caminho, esses milhares de ovelhas que não foram capazes de nele se manter; não lhes pedia senão poder secundá-lo em sua obra de devotamento, curando-o por uma esperança fundada os pobres corações roídos pela gangrena da dúvida, - a esse pedido tão desinteressado, tão puro de intenção, não respondeu senão por um decreto de prescrição! Verdadeiramente se vêem estranhas coisas neste mundo: os mensageiros oficiais da caridade condenam mais de nove décimos dos homens por que escapam à sua influência e condenam mais profundamente aqueles que querem salvar esses infelizes!

"Sem dúvida, pois, o Espiritismo é coisa muito culpável uma vez que é de tal modo combatido, e é muito espantoso que uma doutrina tão perversa haja caminhado tanto em um tão curto lapso de tempo. Mas o que deve parecer muito mais espantoso ainda, é que esse abominável Espiritismo é tão solidamente estabelecido e tão lógico, que todos os argumentos que se lhe opõem, longe de fazê-lo abater e reduzi-lo a nada, longe mesmo

de abalá-lo, vêm todos, ao contrário, contribuir, pela sua inanidade e sua impotência manifestas, à sua solidificação e à sua propagação. É, com efeito, aos entraves que quiseram suscitar-lhe, que ele deve em notável parte a rapidez de sua extensão, e as pregações sem freio de certos de nossos adversários, certamente, não ajudaram pouco a generalizá-lo. Está ele assim na ordem das coisas: a verdade nada tem a temer de seus detratores, e são eles mesmos que contribuem involuntariamente para fazê-la triunfar. O Espiritismo é um imenso foco de calor e de luz, e que sopra sobre esse braseiro, além de que infalivelmente se não queima um pouco, não obtêm outro resultado senão que reavivá-la mais.

"Entretanto, mandamentos e conferências parecem insuficientes para destruir o Espiritismo (estamos longe de negar essa insuficiência patente), também a Congregação romana vem colocar no *Index* todos os livros do Sr. Allan Kardec, livros que contêm o ensino universal dos Espíritos, e aos quais, Espíritas, todos nos ligamos. Que se nos permita fazer a este respeito as duas reflexões seguintes: Os livros espíritas em questão encerram em toda a sua

pureza e com os desenvolvimentos que o estado atual do espírito humano exige, os ensinos e os preceitos de Jesus, em que os Espíritos reconhecem um Messias: condenar estes livros, não é, pois, condenar ao mesmo tempo as palavras do Cristo, e colocar estes livros no *Index,* não é colocar ali de alguma sorte os evangelhos que estão de acordo conosco? Parece-nos que sim, mas é verdade que não o somos *infalíveis* como vós! Segunda reflexão: Esta medida que se toma hoje, não é tanto que seja pouco tardia? Por que esperar tão longo tempo? Além de que é mais ou menos inexplicável (a menos de crer que o Espiritismo vos pareça de tal modo verdadeiro e que estais de tal modo persuadidos de seu triunfo, que haveis hesitado por muito tempo em atacá-lo decididamente de frente, e que um interesse pessoal muito poderoso (porque não vos faremos a injúria de crer-vos ultra-ignorantes) só vós pudestes decidir a fazê-lo), além disso, dizemos nós, que é mais ou menos inexplicável, é ainda muito inábil. Com efeito, *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns* e *A Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo,* estão atualmente nas mãos de milhares de pessoas, e duvidamos muito que a condenação da Congregação de Roma possa fazer achar agora mau e abjeto o que cada um julgou grande e nobre.

"O que quer que seja, os livros espíritas estão colocados no *Index.* Tanto melhor, porque muitos daqueles que ainda não os leram os devorarão; tanto melhor! porque de dez pessoas que os percorrerem, pelo menos sete serão convencidas, ou fortemente abaladas e desejosas de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços não chegarem senão a resultados contrários àqueles que deles esperavam, se juntarão a nós, se possuem a sinceridade, o desinteresse e as luzes que seu ministério comporta. Assim o quer, aliás, a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, mas tudo progride, e a idéia religiosa deve seguir o progresso geral, se ela não quiser desaparecer.

"Que os nossos adversários, pois, continuem a sua cruzada. Já colocaram em jogo as ordenações, os sermões, os cursos públicos, as influências ocultas e freqüentemente vitoriosas na aparência, por causa do estado dependente daqueles sobre os quais elas pesam tiranicamente; usaram do auto-de-fé, queimando publicamente nossos livros em Barcelona; não podendo ali queimar senão alguns exemplares e estes se substituindo em número espantoso, puseram-nos, enfim, no *Index.* A inquisição não sendo, ah! mais tolerada, embora esteja bem longe de não mais existir sob uma outra forma e com a ajuda das influências ocultas das quais acabamos de falar, não lhes resta mais senão a excomunhão de todos os Espíritas em massa, quer dizer, de uma notável fração de homens e, em particular, de uma muito notável fração de cristãos (não falamos senão dos Espíritas confessos, porque o número daqueles que o são sem sabê-lo é inapreciável)."

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

O CASTIGO PELA LUZ.

Nota. - Numa das sessões da Sociedade Espírita de Paris, onde se havia discutido a questão da perturbação que segue geralmente à morte, um Espírito se manifestou espontaneamente à senhora Gostei, pela comunicação seguinte que não assina:

Que falais da perturbação? por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais perfeitamente as coisas das quais pretendeis vos ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo talvez nos vossos cérebros. Estou tão francamente morto quanto possível; vejo claro em mim, ao redor de mim, por toda parte.... A vida é uma lúgubre comédia! Inábeis, aqueles que se fazem sair da cena antes da queda da cortina... A morte é um terror, um castigo, um desejo, segundo a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou a imploram. Para todos ela é uma amarga zombaria!... A luz me deslumbra e penetra, como uma flecha afiada, a sutileza de meu ser... Fui castigado pelas trevas da prisão, e me acreditei castigado pelas trevas do túmulo, ou aquelas sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem! sois vós, senhores, que suportais a obscuridade, e eu, o degradado social, plano acima de vós.... Quero continuar eu!... Forte pelo pensamento, desdenho as advertências que ressoam ao meu redor... Vejo claro... Um crime! é uma palavra! O crime existe por toda a parte. Quando é executado por massas de homens, o glorificam; no particular, é infame. Absurdo!

Não quero ser lamentado... Não peço nada... Eu me basto e saberei muito lutar contra essa odiosa luz.

AQUELE QUE ERA ONTEM UM HOMEM.

Esta comunicação tendo sido analisada na sessão seguinte, reconheceu-se, no próprio cinismo da linguagem, um ensinamento sério, e viu-se, na situação desse infeliz, uma nova fase do castigo que espera os culpados. Com efeito, ao passo que uns são mergulhados nas trevas ou num isolamento absoluto, outros suportam, durante muitos anos, as angústias de sua última hora, ou se crêem ainda neste mundo; a luz brilha para aquele; seu Espírito goza da plenitude de suas faculdades; ele sabe perfeitamente que está morto, e não se lamenta de nada; não pede nenhuma assistência, e ainda desafia as leis divinas e humanas. É, pois, que escaparia à punição? Não, mas é que a justiça de Deus se cumpriu sob todas as formas, e o que faz a alegria de uns é para outros um tormento; essa luz faz seu suplício contra o qual ele se enrijece, e, apesar de seu orgulho, confessa-o quando disse: "Eu me basto e saberei muito lutar contra essa luz odiosa"; e nesta outra frase: "A luz me deslumbra e penetra, como uma flecha afiada, a sutileza de meu ser." Estas palavras: *sutileza de meu ser* são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz o traspassa como uma flexa pontiaguda.

Nossos guias espirituais, chamados a darem a sua apreciação sobre este assunto, ditaram as três comunicações adiante, e que merecem uma séria atenção:

(Médium, Sr. A. Didier.)

Há provas sem expiação, do mesmo modo que há expiações sem provas. Os Espíritos, evidentemente, na erraticidade, estão, do ponto de vista das existências, inativos e na espera; mas, no entanto, podem expiar, contanto que seu orgulho, a tenacidade formidável e teimosa de seus erros não os retenham, no momento de sua ascensão progressiva. Disso temos um exemplo terrível nas últimas comunicações relativamente ao criminoso

que se debate contra a justiça divina que o constrange junto à dos homens. Então, nesse caso, a expiação, ou antes o sofrimento fatal que o oprime, em lugar de aproveitar-lhe e de lhe fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta, e lhe faz produzir essas murmurações que as Escrituras, em sua poética eloqüente, chama *ranger de dentes;* imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! perdido na dor, mas da qual a revolta é ainda muito grande para recusar a reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Os grandes erros, freqüentemente, continuam, e mesmo quase sempre, no mundo dos Espíritos. Do mesmo modo as grandes consciências criminosas. Ser ele apesar de tudo e se exibir diante do infinito, parece-se a essa cegueira do homem que contempla as estrelas e as toma pelos arabescos de um teto, tal como o acreditavam os Gauleses do tempo de Alexandre.

Há o infinito moral! Miserável é aquele, ínfimo é aquele que, sob o pretexto de continuar as lutas e as fanfarrices abjetas da Terra, nela não vê mais longe no outro mundo do que neste mundo! Àquele a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a parada do progresso! Não é muito verdadeiro, ó homens, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro deixado sobre a Terra, e a imortalidade que realmente guardam os Espíritos em suas provas sucessivas.

LAMENNAIS.

Nota. - Para compreender o sentido desta frase: "Há provas sem expiação, e expiações sem prova", é preciso entender por *expiação* o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado. O pensamento de Lamennais é este: Segundo as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas de arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de torná-las aproveitáveis para sua própria melhoria, há ou não expiação, quer dizer, reabilitação. Assim, os maiores sofrimentos podem ser sem proveito para aquele que os suporta, se não o tornam melhor, se não o elevam acima da matéria, se ele não vê a mão de Deus, enfim, se não lhe fazem dar um passo adiante, porque isso será, para ele, recomeçar em condições ainda mais penosas. Deste ponto de vista, ocorre o mesmo com as penas suportadas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre, sem ser tocado pelo arrependimento; é porque ele pode prolongá-los indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara.

(Médium, Sr. d'Ambel.)

Precipitar um homem nas trevas ou nas ondas de claridade: o resultado não é o mesmo? Num e noutro caso, não vê nada do que o cerca, e se habituará mesmo muito mais rapidamente na sombra do que na tripla claridade elétrica na qual pode ser imergido. Portanto, o Espírito que se comunicou na última sessão, exprime bem a verdade de sua situação, quando exclama: "Oh! me livrarei bem desta odiosa luz!" Com efeito, essa luz é tanto mais terrível quanto mais excessiva, que ela o traspasse completamente, e que torne visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Aí está um dos lados mais rudes de seu castigo espiritual. Encontra-se, por assim dizer, internado na casa de vidro que pediu Sócrates, e está aí ainda um ensinamento, porque o que teria sido a alegria e a consolação do sábio, torna-se a punição infamante e contínua do mau, do criminoso, do parricida, espantado em sua própria personalidade.

Compreendei, meus filhos, a dor e o terror que deve oprimir aquele que, durante uma existência sinistra, se comprazia em combinar, em maquinar os mais tristes crimes no fundo de seu ser, onde se refugiava como um animal feroz em sua caverna, e que hoje se encontra expulso desse covil íntimo, onde se ocultava aos olhares e à investigação de seus contemporâneos? Agora, sua máscara de impassibilidade lhe foi arrancada, e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente sobre sua fronte!

Sim, doravante, nenhum repouso, nenhum asilo para esse formidável criminoso! Cada mau pensamento, e Deus sabe se sua alma assim se exprime, se trai fora e dentro dele, como em um choque elétrico superior. Quer se esconder da multidão, e a luz odiosa o penetra continuamente até hoje. Quer fugir, foge numa carreira esbaforida e desesperada através dos espaços incomensuráveis, e por toda a parte a luz! por toda a parte os olhares que mergulham nele! e ele se precipita de novo na perseguição da sombra, à procura da noite, e a sombra e a noite não estão mais para ele. Chama a morte em sua ajuda; mas a morte não é senão um vazio de sentidos. O infortunado foge sempre! Caminha para a loucura espiritual, castigo terrível! dor horrível! onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si mesmo. Porque tal é a lei suprema além da Terra: é o culpado que se torna, por si mesmo, seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo isso durará? Até a hora em que a sua vontade, enfim vencida, se curvará sob o peso pungente do remorso, e em que a sua fronte soberba se humilhará diante de suas vítimas apaziguadas e diante dos Espíritos de justiça. E notai a alta lógica das leis imutáveis, nisso ainda ele cumprirá o que escrevia, nessa comunicação orgulhosa, tão limpa, tão lúcida e tão tristemente cheia de si mesmo, que ele deu na última sexta-feira, livrando-se por um ato de sua própria vontade.

O ESPÍRITO PROTETOR DO MÉDIUM.

(Médium. Sr. Costel.)

A justiça humana não dá preferência à individualidade dos seres que ela castiga; medindo o crime pelo próprio crime, fere indistintamente aqueles que o cometeram, e a mesma pena alcança o culpado sem distinção de sexo, e qualquer que seja a sua educação. A justiça divina procede de outro modo; as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são infligidas; a igualdade do crime não constitui a igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados pela mesma cabeça podem estar separados pela distância das provas que mergulham um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, ao passo que o outro, tendo-os ultrapassado, possui a lucidez que isenta o Espírito da perturbação. Não são mais, então, as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela traspassa a inteligência terrestre, e a faz sentir a angústia de uma ferida posta ao vivo.

Os seres desencarnados que perseguem a representação material de seu crime suportam o choque da eletricidade psíquica: sofrem pelos sentidos; aqueles que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila em suas ondas amargas a recordação dos fatos, para não deixar subsistir senão *a* ciência de suas causas.

O homem pode, pois, apesar da criminalidade de suas ações, possuir um adiantamento interior, e, ao passo que as paixões o fazem agir como um animal, suas faculdades aguçadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é, pois, bem o raio espiritual inundando de claridade os refúgios secretos de seu orgulho, e lhe descobre a inanição de seu ser fragmentário. Estão aí os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual que anunciam a separação ou dissolução dos elementos intelectuais materiais que compõem a primitiva dualidade humana, e devem desaparecer na grande unidade do ser perfeito.

JEAN REYNAUD.

Nota. Estas três comunicações, obtidas simultaneamente, se completam uma pela outra, e apresentam o castigo sob um novo aspecto, eminentemente filosófico, um tanto mais racional do que as chamas do inferno, com suas cavernas guarnecidas de lâminas de navalhas *(ver acima, página 119).* É provável .que os Espíritos, querendo tratar esta

questão segundo um exemplo, terão provocado, nesse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A EDUCAÇÃO MATERNAL.

Conselho às mães de família (1).

(1) Broch.in-8; preço 50 c; pelo correio 60c.- Paris, casa Ledoyen, Palais-Royal, galeria d'Orleans, n.31. Bordeau, casa Ferret, livr.,15,Fossés-de-l'Intendance, e no escritório do jornal lê Sauveur, 57, curso d'Aquitaine.

Este opúsculo é o produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à senhora Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que assina *Étienne,* e que é desconhecido do médium. Essas instruções, publicadas primitivamente em artigos destacados pelo jornal *lê Sauveur,* foram reunidas em corpo de brochura.

Estamos felizes em poder dar uma aprovação sem reserva a esse trabalho, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo; estilo simples, claro, conciso, sem ênfase nem palavras de enchimento vazias de sentido, pensamentos profundos, de uma lógica irrepreensível, está bem ali a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso dos Espíritos que crêem compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos dar-lhe estes elogios, porque sabemos que a senhora Collignon não os tomará para ela, e que seu amor-próprio por isso não será de nenhum modo superexcitado, do mesmo modo que ela não se formalizaria com a crítica mais severa.

Nesse escrito, a educação é encarada em seu verdadeiro ponto de vista sob o aspecto do desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerada desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor do que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que ela encerra, e é por isso que nós a recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.

A brochura é completada por um pequeno poema intitulado: *o Corpo e o Espírito,* igualmente produto mediúnico que mais de um autor de renome poderia assinar sem medo. Eis dele o início:

Morfeu tinha mergulhado meus sentidos;
Meu Espírito, livre desse pesado aparelho,
Quis se emancipar e vagar no espaço,
Abandonando seu corpo como um soldado a praça.
Semelhante ao prisioneiro que geme nos ferros,
Quis, livre enfim, se elevar nos ares;
Era essa uma lembrança, um capricho, um mistério
Que levava meu Espírito a abandonar a Terra?
Eu não saberia dize-lo, e ele mesmo, no retorno,
A essa pergunta responde por um rodeio.
Mas compreendi logo o motivo de sua astúcia
E me irritei muito, não gostando que me enganem.
"Ao menos, dir-me-eis, Espírito caprichoso,
O que haveis visto nessa viagem aos céus? "
- Para te contentar, é preciso muito dizer-te alguma coisa;
"De outro modo, o carcereiro, em seu humor triste,
"Estenderia ao prisioneiro algum discurso brutal
"E o pobre cativo com isso não estaria senão mais mal...
"Saiba pois... - Esperai. É muito da história
"Que me ireis contar? - Oh! sim, tu podes nisso crer-me.
"Sabe, pois, que antigamente, no mundo dos Espíritos

"Deixei parentes e bom número de amigos:
"Eu queria revê-los: porque o exílio sobre a Terra
"Não foi feito, crede-me bem, para divertir e agradar!
"Aproveitando o sono que te pregava ao leito,
"Deixei lá meu corpo, e logo, todo Espírito,
“Transpus os degraus que separam os mundos,
"Fazendo esse longo trajeto em menos de dois segundos.
"Seria preciso apressar-se, porque o menor atraso
"Poderia comprometer-te. Ai de mim! Se por acaso
"Me achasse esquecido num caminho distante,
"No retorno, vê tu bem, era coisa certa,
"Eu encontraria um cadáver em lugar de um corpo.
"Quis evitar-me um semelhante remorso.
"Sabia que ali ficando cometeria um crime,
"Só Deus devendo quebrar a nossa união íntima.
" - Obrigado pela lembrança, caro Espírito diligente;
"Não é menos verdadeiro que estaria trespassado
"Se o menor atraso... Ah! fé de corpo honesto,
"Sinto todos os meus cabelos se levantarem na minha cabeça!"

O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO,

POR ALLAN KARDEC
Edição em língua russa,

Impresso em LEIPZIG, casa Baer et Hermann. - Paris, casa Ledoyen, Palais-Royal; Didier et Co, 35, cais dos Augustins; e no escritório da Revista Espírita. - Preço: 20 c.; pelo correio, 25 c.

AVISO. - *O Sr. doutor Chavaux, presidente da Sociedade dos Estudos Espíritas de Marselha, nos pede para anunciar que a sede da dita Sociedade é à rua do Petit-Saint-Jean, n. 24 ao primeiro.*

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO **NO. 8** **AGOSTO 1864**

NOVOS DETALHES SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINES.

Na *Revista Espírita* dos meses de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863, demos um relatório circunstanciado e uma apreciação da epidemia demoníaca de Morzines (Hau-te-Savoie), e demonstramos a insuficiência dos meios empregados para combatê-la. Embora o mal não tenha jamais cessado completamente, teve uma espécie de tempo de parada. Vários jornais, assim como a nossa correspondência particular, assinalam o reaparecimento do flagelo com uma nova intensidade. O *Magnétiseur,* jornal do magnetismo animal, publicado em Genève pelo Sr. Lafontaine, em seu número de 15 de maio de 1864, dá-lhe o relato detalhado adiante:

"A epidemia demoníaca que reina desde 1857, no burgo de Morzines e nos lugarejos vizinhos, situados no meio das montanhas do Haute-Savoie, ainda não cessou. O governo francês, desde que Savoie lhe pertence, com isso está tocado. Enviou aos lugares homens especiais, inteligentes e capazes, inspetores de casas de alienados, etc., para estudar a natureza e observar a marcha dessa doença. Tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento, e fizeram transportar essas jovens doentes a Chambéry, a Annecy, a Evian, a Thonon, etc.; mas os resultados dessas tentativas não foram satisfatórios; apesar dos tratamentos médicos que se julgaram convenientes juntar-lhe, as curas foram pouco numerosas; e quando as infelizes jovens retornaram ao lugar, retomaram o mesmo estado de sofrimento.

"Depois deter atingido primeiro as crianças, as moças, essa epidemia se estendeu às mães de família, e às senhoras idosas. Poucos homens sentiram-lhe a influência; no entanto, há um ao qual ela custou a vida; esse infeliz estava colocado num espaço estreito, entre um fogareiro e uma parede, do qual pretendia não poder sair; ficou ali durante um mês, sem querer tomar nenhum alimento; ali morreu de esgotamento e de inanição, vítima de sua imaginação ferida.

"Os enviados do governo francês fizeram relatórios, num dos quais o Sr. Constant, entre outras, declarou que o pequeno número de curas realizadas nessa população eram devidas ao magnetismo empregado por mim, em Genève, nas jovens e nas mulheres que me foram conduzidas em 1858 e 1859.

"Nossos leitores sabem que esse flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzines, e, o que é mais deplorável, por seus condutores espirituais, *ao poder do demônio,* se manifesta naqueles que toma por convulsões violentas acompanhadas de gritos, de males do estômago e dos fatos da mais espantosa ginástica, sem falar dos juramentos e outros procedimentos escandalosos dos quais os doentes se tornam culpados tão depressa assim que são constrangidos a entrar numa igreja.

"Chegamos a curar vários desses doentes, que não sofreram nenhum outro ataque enquanto moraram longe das influências deploráveis do contágio e dos Espíritos atingidos de sua região; mas em Morzines o mal horrível não cessou de fazer estrago entre essa infeliz população, e o número de suas vítimas é, ao contrário, ali crescente; em vão se

prodigalizaram preces e exorcismos, em vão se transportaram doentes para os hospitais de diferentes cidades distantes, o flagelo, que se abate em geral nas jovens cuja imaginação é mais viva, obstinou-se sobre sua presa, e as únicas curas que se puderam constatar são as que realizamos e das quais demos conta em vosso jornal.

"Enfim, a cabo de meios, quiseram tentar um grande golpe; Mons. Maguin, bispo de Annecy, fez anunciar ultimamente que iria a Morzines, tanto para confirmar aqueles dos habitantes que não tinham ainda recebido esse sacramento quanto para achar os meios de vencer a terrível doença. As pessoas boas do vilarejo esperavam maravilhas dessa visita.

"Ela ocorreu sábado, 30 de abril, e domingo, 1S de maio, e eis as circunstâncias que se lhe assinalaram.

Sábado, pelas quatro horas, o prelado se aproximou da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado de um grande número de eclesiásticos. Procurou-se reunir os doentes na igreja; constrangeu-se a alguns para ali irem. "Desde que o bispo pôs os pés nas terras de Morzines, disse uma testemunha ocular, os possessos, sentindo que ele se aproximava, foram tomados das convulsões mais violentas; e em particular, as que estavam encerradas na igreja soltavam gritos e uivos, que nada tinham de humano. Todas as jovens que, em diversas épocas, foram atingidas pela doença, sofreram-lhe o retorno, e viram-se várias delas que, há cinco anos não tinham recebido nenhum ataque, tombarem vítimas ao paroxismo, o mais apavorante, dessas horríveis crises." O próprio bispo empalideceu ao ouvir os uivos que acolhiam a sua chegada; no entanto, ele continuou a avançar para a igreja, apesar das vociferações de algumas doentes, que tinham escapado das mãos de seus guardas para se lançarem diante dele e injuriá-lo. Ele pôs o pé na terra, à porta do templo, e nele penetrou com dignidade. Mas apenas entrou ali, e a desordem redobrou; essa foi, então, uma cena verdadeiramente infernal.

"Os possessos, em número em torno de setenta, com um único jovem, juravam, rugiam, saltando em todos os sentidos; isso durou várias horas, e quando o prelado quis proceder à confirmação, sua fúria redobrou, se é possível; deveu-se arrastá-los junto ao altar; sete, oito homens deveram várias vezes reunir seus esforços para vencer a resistência de algumas; os soldados lhes deram mão forte. O bispo deveria partir às quatro horas; às sete da noite ele estava ainda na igreja, onde não se lhe podia conseguir mais lhe conduzir três doentes; chegou-se a lhe arrastar duas ofegantes, a espuma à boca, a blasfêmia nos lábios até os pés do prelado. A última resistiu a todos os esforços; o bispo, batido pela fadiga e emoção, deveu renunciar a lhe impor as mãos; saiu da igreja, tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas dos possessos enquanto que se debatiam sob sua bênção.

"Deixou a aldeia deixando nela, aos habitantes, boas palavras, mas sem lhes esconder a impressão profunda de estupor que tinha sentido em presença de um mal que não se podia imaginar tão grande. - Ele terminou isto confessando "que não esteve bastante forte para conjurar a praga que veio curar, e prometendo retornar o mais cedo munido de poderes maiores."

'Não fazemos hoje nenhuma reflexão; limitamo-nos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez diremos, no próximo número, tudo o que provocaram de penoso em nós."

CH. LAFONTAINE.

Eis o relato sucinto que o *Courrier dês Alpes* deu desses fatos, e que vários jornais reproduziram sem comentários:

"Ocupa-se muito em Annecy de um incidente tão doloroso quanto inesperado, que assinalou a viagem do Mons. Maguin, nosso digno prelado. Todos conhecem a triste e singular doença que aflige há muitos anos a comuna de Morzines, e a qual não se sabe qual nome dar; a ciência ali se perde. Certo público caracterizou essa doença, que pesa principalmente sobre as mulheres, chamando àqueles que são por ela atingidos: os *pos-*

sessos; muitos habitantes da comuna, com efeito, estão na persuasão de que uma sorte se lançou sobre essa localidade.

"Lembra-se, também, que, em 1862, um certo número de pessoas atingidas por essa doença, que produz todos os efeitos da loucura furiosa sem dela ter o caráter, foram disseminadas em diversos hospitais, em diversos pontos da França, nisso tornando-se perfeitamente curadas. Este ano, a doença ganhou outras pessoas e tomou, há algum tempo, proporções assustadoras.

"Foi nessas circunstâncias que o Mons. Maguin, não ouvindo senão sua caridade, fez sua viagem pastoral a Morzines, e foi no momento em que administrava o sacramento da confirmação que uma crise, de repente, se apoderou de um certo número desses infelizes que assistiam à cerimônia ou dela faziam parte. Um horrível escândalo ocorreu então na igreja. Os detalhes dessa cena são muito aflitivos para serem relatados.

"Limitar-me-ei a dizer que a administração superior comoveu-se com esse triste caso, e que um destacamento de trinta homens de infantaria já f oi enviado para os lugares; tenho também de boa fonte que esse destacamento será dobrado e comandado por um oficial superior, encarregado de instruções extensas. Ele vai sem dizer que outras medidas serão tomadas, tais, por exemplo, como o envio de médicos especiais encarregados de estudar a doença; a força armada terá por missão proteger as pessoas."

A ciência ali se perde é uma confissão de impotência; então, que farão os médicos? Já não foram enviados para lá os mais capazes? Vão, dizem, enviar-lhe especiais; mas como estabelecer sua especialidade numa afecção da qual não se conhece a natureza, e onde a ciência se perde? Concebe-se a especialidade dos oculistas para as afecções da visão, dos toxicologistas nos casos de envenenamento; mas aqui, em que categoria se os tomará? Entre os alienistas? Muito bem, se estiver demonstrado que é uma afecção mental; mas os próprios alienistas fracassaram; não estão de acordo nem sobre a causa nem sobre o tratamento; ora, uma vez que a ciência ali se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especiais do que os cirurgiões. É verdade que se vai lhe juntar a força armada; mas já se empregou esse meio sem sucesso; não duvidamos muito que triunfasse melhor desta vez.

Se, pois, a ciência fracassa, é que ela não está com a verdade. A isso o que há de espantoso? Tudo revela uma causa moral, e se lhe enviam homens que não crêem senão na matéria; eles procuram na matéria e nela não encontram nada; isto prova super abundantemente que não procuram onde é preciso. Querendo-se médicos mais especiais que se os tomem entre os espiritualistas e não entre os materialistas; aqueles, pelo menos, poderão compreender que pode ali haver alguma coisa fora do organismo.

A religião não foi mais feliz; ela usou suas munições contra os diabos sem poder colocá-los na razão; portanto, é que os diabos são os mais fortes, ou que não são os diabos. Seus fracassos constantes, em semelhantes casos, provam de duas coisas uma, ou que ela não está na verdade, ou que ela é vencida por seus inimigos.

O mais claro de tudo isso é que nada do que se empregou não triunfou, e não triunfará melhor enquanto se obstinar a não procurar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas, demonstra com a última evidência que ela está na ação do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra *as* quais a ciência fracassa pela razão de que se ataca ao efeito e não à causa. Em uma palavra, é o que o Espiritismo designa sob o nome de *obsessão,* levada ao mais alto grau, quer dizer, de *subjugação* e *possessão.* As crises são os efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessor; é, pois, sobre este ser que é preciso agir, como nas convulsões ocasionadas pelos vermes, age-se sobre os vermes.

Sistema absurdo, dir-se-á; absurdo, para aqueles que não admitem nada fora do mundo tangível, mas muito positivo para aqueles que constataram a existência do mundo espiritual, e a presença de seres invisíveis ao nosso redor; sistema, aliás, baseado sobre a experiência e a observação, e não sobre uma teoria preconcebida. A ação de um ser

invisível malfazejo foi *constatada* numa multidão de casos isolados, tendo uma completa analogia com os fatos de Morzines, de onde é lógico concluir que a causa é a mesma, uma vez que os efeitos são semelhantes; a diferença não está senão no número. Todos os sintomas, sem exceção, observados nos doentes dessa localidade, estiveram nos casos particulares dos quais falamos; ora, uma vez que se libertaram doentes atacados pelo mesmo mal, sem exorcismo, sem medicamentos e sem soldados, o que se fez em outro lugar poderia se fazer em Morzines.

Se assim é, dir-se-á, por que os meios espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis disso a razão.

A Igreja crê nos demônios, quer dizer, em uma categoria de seres de natureza perversa e votados ao mal pela eternidade, conseqüentemente, imperfectíveis. Com essa idéia ela não procura melhorá-los. O Espiritismo, ao contrário, reconheceu que o mundo invisível é composto das almas ou Espíritos dos homens que viveram sobre a Terra, e que, depois de sua morte, povoam o espaço; entre eles há bons e maus, como entre os homens; daqueles que fizeram o mal durante sua vida, muitos nisso se comprazem ainda depois de sua morte; mas, por isso mesmo que pertencem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e podem se melhorar. Não são, pois, demônios no sentido da Igreja, mas Espíritos imperfeitos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e sobre o moral; daí uma multidão de afecções que não têm sua sede no organismo, de loucuras aparentes que são refratárias a toda medicação. É um novo rumo da patologia, que se pode designar sob o nome de *patologia espiritual.* A experiência ensina distinguir os casos dessa categoria, daqueles que pertencem à patologia orgânica.

Não tentaremos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicado em outra parte; limitar-nos-emos em lembrar que consiste numa tripla ação: a ação fluídica que liberta o perispírito do doente do constrangimento daquele do mau Espírito, o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que dá sobre ele a superioridade moral, e a influência moralizadora dos conselhos que se lhe dá. A primeira não é senão o acessório das duas outras; só ela é insuficiente, porque se chega momentaneamente a afastar o Espírito, nada o impede de retornar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente aos seus maus propósitos que é preciso se prender, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer que exige tato, paciência, devotamento, e, acima de tudo, uma fé sincera. A experiência prova, pelos resultados obtidos, a força desse meio; mas ela demonstra também que, em certos casos, o concurso simultâneo de várias pessoas unidas de intenção, é necessário.

Ora, que faz a Igreja em semelhante circunstância? Convencida de que ela tem relações com demônios incorrigíveis, não se ocupa de nenhum modo com a sua melhoria; crê assustá-los e afastá-los por sinais, fórmulas *e* aparelhos do exorcismo, do que se riem, e com isso estão mais do que excitados para redobrar de malícia, como isso é visto em todas as vezes que se tentaram exorcizar os lugares onde se produziam os barulhos e as perturbações. É um fato adquirido pela experiência que os sinais e os atos exteriores não têm sobre eles nenhum império, ao passo que se viu, entre os mais endurecidos e os mais perversos, cederem a uma pressão moral e retornarem aos bons sentimentos. Têm, então, a dupla satisfação de libertar um obsedado e conduzir *a* Deus uma alma transviada.

Perguntar-se-á, talvez, por que os Espíritas, uma vez que estão convencidos da causa do mal e dos meios de combatê-lo, não foram a Morzines para ali operar seus milagres? Primeiro, os Espíritas não fazem milagres; a ação curativa que se pode exercer em semelhante caso nada tem de maravilhoso nem de sobrenatural; ela repousa sobre uma lei da Natureza: a das relações do mundo visível e do mundo invisível, lei que, dando a razão de certos fenômenos incompreendidos por falta de conhecê-los, vem recuar os limites do maravilhoso, em lugar de estendê-los. Em segundo lugar, é preciso perguntar

se seu concurso teria sido aceito; se não teriam encontrado uma oposição sistemática; se, longe de serem secundados, não teriam sido entravados por aqueles mesmos que fracassaram; se não teriam sido entregues aos insultos e aos maus tratos de uma população superexcitada pelo fanatismo, acusados de feitiçaria junto dos próprios doentes, e de agirem em nome do diabo, assim como se viram isso nas amostras em outras localidades. Nos casos individuais e isolados, aqueles que se devotam ao alívio dos aflitos são geralmente secundados pelas famílias e pelas amizades, freqüentemente pelos próprios doentes, sobre o moral dos quais é preciso agir por boas e encorajadoras palavras, que é preciso excitar à prece. Semelhantes curas não se obtêm instantaneamente; aqueles que as empreendem têm necessidade de calma e de um profundo recolhimento; nas circunstâncias atuais, estas condições seriam possíveis em Morzines? É mais do que duvidoso.

Quando chegar o momento de deter o mal, Deus o provera.

De resto, os fatos de Morzines e suas conseqüências têm sua razão de ser, do mesmo modo que as manifestações do gênero das de Poitiers; multiplicar-se-ão, seja isoladamente, seja coletivamente, afim de convencer da impotência dos meios empregados até este dia para colocar-lhe um fim, e forçar *a* incredulidade a reconhecer, enfim, a existência de uma força extra-humana.

Para todos os casos de obsessão, de possessão e de manifestações desagradáveis quaisquer, chamamos a atenção sobre o que está dito a este respeito em *O Livro dos Médiuns,* cáp. da *obsessão;* sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzines e lembrados acima; sobre nossos artigos no mês de fevereiro, março e junho de 1864, relativos à jovem obsedada de Marmande; enfim, sobre os n^{Q}s 325 a 335 de *A Imitação do Evangelho.* Encontrar-se-ão ali as instruções necessárias para se guiar nas circunstâncias análogas.

SUPLEMENTO AO CAPÍTULO DAS PRECES EM A *IMITAÇÃO DO EVANGELHO.*

Vários de nossos assinantes nos testemunharam o lamento de não terem encontrado, em nossa *A Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo,* uma prece especial, para a manhã e a noite, para o uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria delas conter um muito maior número. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as juntamos, no capítulo consagrado ao exame da prece, como juntamos, a cada um dos outros capítulos, as comunicações que poderiam a eles se relacionar. Omitindo, de propósito, as da manhã e da noite, quisemos evitar de dar, à nossa obra, um caráter litúrgico; por isso nos limitamos às que têm uma relação direta com o Espiritismo, cada um podendo encontrar as outras nas de seu culto particular. Todavia, para obtemperar o desejo que nos foi manifestado, damos a seguir a que nos parece melhor responder ao objetivo que se propôs. No entanto, fá-la-emos preceder de algumas observações para fazer delas compreender melhor a importância.

Em *A Imitação,* nº 274, fizemos ressaltar a necessidade das preces *inteligíveis.* Aquele que ora sem compreender o que diz se habitua a dar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele são as palavras que são eficazes, mesmo quando o coração nelas não está por nada; também muitos se crêem quites quando recitaram algumas palavras que os dispensam de se reformarem. É fazer-se uma estranha idéia da Divindade crer que ela se paga com palavras antes do que com atos que atestem uma melhoria moral.

Eis, de resto, sobre este assunto, a opinião de São Paulo:

"Se não entendo o que significam as palavras, serei bárbaro para aquele com quem eu fale, e aquele que me fale ser-me-á bárbaro. -Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência está sem fruto. - Se não louvais a Deus senão

do coração, como um homem entre aqueles que não entendem senão a sua própria língua, responderá *Amém,* ao fim de vossa ação de graça, uma vez que não entende o que dissestes? - Não é que a vossa ação de graça não seja boa, mas os outros não estão dela edificados." (São Paulo, 1a. Ep. aos Coríntios, cap. XIV, v. 11, 14, 16, 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso de preces ininteligíveis. Pode-se admirar que seja tão pouco levada em conta a autoridade de São Paulo sobre esse ponto, desde que ela é tão freqüentemente evocada sobre outros. Poder-se-ia dizer outro tanto da maioria dos escritores sacros considerados como as luzes da Igreja, e dos quais todos *os* preceitos estão longe de serem postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, de ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito; para isto não basta que seja dita numa língua compreendida por aquele que ora; há preces em linguagem vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que *se* estivessem em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras idéias que elas contêm, freqüentemente, são abafadas sob a superabundância das palavras e do misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos que não são senão enfeites de lantejoulas; cada palavra deve ter sua importância, revelar um pensamento, movimentar uma fibra; em uma palavra, deve fazer refletir; só com esta condição a prece pode alcançar seu objetivo, de outro modo não é senão ruído. Também vedes com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas na maioria do tempo; vêem-se os lábios que se movimentam, mas, pela expressão da fisionomia, mesmo ao som da voz, reconhece-se um ato maquinai, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão com relação à prece, sem contradita, é a *Oração dominical,* verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade; sob a forma mais restrita ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. No entanto, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras das quais ele se compõem, escapa à maioria; os comentários que f oram dados a esse respeito não estão sempre presentes na memória, ou mesmo são desconhecidos da maioria; é porque dizem-na, geralmente, sem dirigir-se o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes, é dita como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida; ora, é quase sempre um dos números cabalísticos *três, sete ou nove,* tirados da antiga crença na virtude dos números, e em uso nas operações da magia. Pensai ou não penseis naquilo que dizeis, mas repeti a prece tantas vezes, isto basta. Então que o Espiritismo repele expressamente toda eficácia atribuída às palavras, aos sinais e às fórmulas, a Igreja veio mal em acusá-lo de ressuscitar as velhas crenças supersticiosas.

Todas as religiões antigas e pagas têm sua linguagem sacra, língua misteriosa, inteligível somente para os iniciados, mas da qual o sentido verdadeiro está oculto ao vulgo, que a respeita tanto mais quanto não a compreende. Isto podia ser aceito na época da infância intelectual das massas; mas hoje, que elas estão emancipadas espiritualmente, as línguas místicas não têm mais razão de ser e são um anacronismo; também quer se ver claro nas coisas da religião quanto nas da vida civil; não se pergunta mais de crer e de saber, mas se quer saber porque se crê e o que se pede orando.

O latim, de um uso habitual nos primeiros tempos do Cristianismo, tornou-se para a Igreja uma língua sacra, e é por um resto do velho prestígio dado a essas línguas, que a maioria daqueles que não o sabem dizem a Oração dominical antes nessa língua do que na sua; dir-se-ia que lhe dão mais virtude quanto a compreendem menos. Certamente, tal não foi a intenção de Jesus quando a ditou, e tal não foi mais o pensamento de São Paulo quando disse: "Se falo numa língua que não entendo, minha inteligência está sem fruto ."Ainda se, à falta de inteligência, o coração orasse sempre, não haveria ai senão meio mal; infelizmente, é que, muito freqüentemente, o coração não ora mais do que o espírito.

Se o coração orasse realmente, não se veriam tantas pessoas, entre aquelas que oram muito, aproveitar disso tão pouco, não serem nem mais benevolentes, nem mais caridosas, nem menos maldizentes para com seu próximo.

Feita esta reserva, diremos que a melhor prece da manhã e da noite, sem contradita, é a *Oração dominical,* dita com inteligência, do coração e não dos lábios. Mas para suprir o vago que a sua concisão deixa no pensamento, a ela acrescentamos, segundo o conselho e com a assistência dos bons Espíritos, um desenvolvimento a cada proposição.

Segundo as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se, pois, dizer a *Oração dominical* simples, ou com os comentários. Pode-se também a ela juntar algumas das preces contidas em *A Imitação do Evangelho,* tomadas entre aquelas que não têm um fim especial, como por exemplo: a prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores, nº 293; a para afastar os maus Espíritos, nº 297; para as pessoas pelas quais se tem afeição, *nº* 358; para as almas sofredoras que pedem preces, nº360, etc. Fica entendido que é sem prejuízo das preces especiais do culto ao qual se pertence por convicção, e ao qual o Espiritismo não manda renunciar.

Àqueles que nos pedem uma linha de conduta a seguir, no que concerne às preces cotidianas, aconselhamos delas fazer por si mesmo uma coletânea apropriada às circunstâncias em que se encontra, para si, para outro ou para aqueles que deixaram a Terra; de estendê-las ou restringi-las segundo a oportunidade.

Uma vez por semana, o domingo, por exemplo, pode-se a elas consagrar um tempo mais longo e dize-las todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar; juntar-lhe a leitura de algumas passagens de *A Imitação do Evangelho,* e a de algumas boas instruções ditadas pelos Espíritos. Isto é mais especialmente no interesse das pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo, e que sentem mais a necessidade de se unirem a Deus pelo pensamento com elas.

Mas, excetuado esse caso, nada se opõe a que, aqueles que se fazem um dever de assistir, nos dias consagrados, às cerimônias de seu culto, de dizer ali, ao mesmo tempo, algumas das preces em relação com suas crenças espíritas; isto não pode senão contribuir para elevar sua alma a Deus pela união do pensamento e das palavras. O Espiritismo é uma fé íntima; está no coração e não nos atos exteriores; não prescreve nada que seja de natureza a escandalizar aqueles que não partilham esta crença; recomenda, ao contrário, disso se abster por espírito de caridade e de tolerância.

Em consideração e como aplicação das idéias que precedem, damos a seguir a *Oração dominical desenvolvida.* Se algumas pessoas acham que aqui não há lugar para um documento desta natureza, lembrar-lhes-íamos que a nossa *Revista* não é só uma coletânea de fatos, e que seu quadro abarca tudo o que pode ajudar ao desenvolvimento moral. Foi um tempo em que os fatos de manifestações só tinham o privilégio de interessar os leitores; mas hoje que o objetivo sério e moralizador do Espiritismo é compreendido e apreciado, a maioria dos adeptos nele procuram antes o que toca o coração do que aquilo que apraz ao espírito; é, pois, àqueles que nos dirigimos nesta circunstância. Por esta publicação, sabemos ser agradáveis a um grande número, senão a todos. Só isto nos teria decidido, sem outras considerações, sobre as quais devemos guardar silêncio, e nos teriam determinado fazê-lo neste momento antes que num outro.

Oração dominical desenvolvida.

I. PAI NOSSO, QUE ESTAIS NOS CÉUS, QUE O VOSSO NOME SEJA SANTIFICADO!

Cremos em vós, Senhor, porque tudo revela o vosso poder e à vossa bondade. A harmonia do Universo testemunha uma sabedoria, uma prudência e uma previdência que ultrapassam todas as faculdades humanas; o nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da criação, desde o talo de erva e o menor inseto

até os astros que se movem no espaço; por toda a parte vemos a prova de uma solicitude paternal; por isso, cego é aquele que não vos reconhece em vossas obras, orgulhoso aquele que não vos glorifica, ingrato aquele que não vos dá ações de graça.

II. QUE VOSSO REINO CHEGUE!

Senhor, destes aos homens leis cheias de sabedoria e que fariam a sua felicidade, se as observassem. Com essas leis, fariam reinar entre eles a paz e a justiça; se entreajudariam mutuamente, em lugar de se prejudicarem, como o fazem; o forte sustentaria o fraco no lugar de esmagá-lo; evitaria os males que engendram os abusos e os excessos de todos os gêneros. Todas as misérias deste mundo vêm da violação de vossas leis, porque não há uma só infração que não tenha suas conseqüências fatais.

Destes ao animal o instinto que lhe traça o limite do necessário, e com isso ele se conforma maquinalmente; mas ao homem, além desse instinto, destes a inteligência e a razão; deste-lhe também a liberdade de observar ou de infringir aquelas de vossas leis que lhe concernem pessoalmente, quer dizer, de escolher entre o bem e o mal, afim de que haja o mérito e a responsabilidade de suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância de vossas leis, porque, em vossa previdência paternal, quisestes que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de culto nem de nações; aqueles que as violam, é que vos desconhecem.

Dia virá, segundo a vossa promessa, em que todos as praticarão; então, a incredulidade terá desaparecido; todos vos reconhecerão como soberano Senhor de todas as coisas, e o reino de vossas leis será vosso reino sobre a Terra.

Dignai-vos, Senhor, apressar esse advento, dando aos homens a luz necessária para conduzi-los no caminho da verdade.

III. QUE A VOSSA VONTADE SEJA FEITA NA TERRA, COMO NO CÉU!

Se a submissão é um dever do filho com relação ao pai, do inferior para com seu superior, quanto não deve ser maior a da criatura com relação ao seu Criador! Fazer a vossa vontade, Senhor, é observar vossas leis e submeter-se sem murmurar aos vossos decretos divinos; o homem a elas se submeterá quando compreender que sois a fonte de toda sabedoria, e que sem vós nada pode; então fará a vossa vontade na Terra, como os eleitos no céu.

IV. DAI-NOS O NOSSO PÃO DE CADA DIA.

Dai-nos a alimento para a manutenção das forças do corpo; dai-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento de nosso Espírito.

O animal encontra sua pastagem, mas o homem a deve à sua atividade e aos recursos de sua inteligência, porque o criastes livre.

Vós lhe dissestes: 'Tirarás teu alimento da terra com o suor de teu rosto." Por aí, fizeste-lhe uma obrigação do trabalho, a fim de que ele exercite a sua inteligência pela procura dos meios de prover suas necessidades e seu bem-estar, uns pelo trabalho material, os outros pelo trabalho intelectual; sem o trabalho, ele permaneceria estacionará e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Secundais o homem de boa vontade que se confia a vós para o necessário, mas não aquele que se compraz na ociosidade e gostaria de tudo obter sem trabalho, nem aquele que procura o supérfluo.

Quantos deles sucumbem por sua própria falta, por sua incúria, sua imprevidência ou sua ambição, e por não ter querido se contentar com aquilo que lhes tínheis dado! Aqueles são os artífices de seu próprio infortúnio e não têm o direito de se lamentarem, porque são punidos por onde pecaram. Mas aqueles mesmos, não os abandonais, porque

sois infinitamente misericordioso; vós lhes estendeis mão de socorro desde que, como o filho pródigo, retornem sinceramente a vós.

Antes de nos lamentar de nossa sorte, perguntemo-nos se não é obra nossa; a cada infelicidade que nos chegue, perguntemo-nos se não dependeu de nós evitá-la; mas digamos também que Deus nos deu inteligência para nos tirar do lamaçal, e que depende de nós dela fazer uso.

Uma vez que a lei do trabalho é a condição do homem sobre a Terra, dai-nos a coragem e a força para cumpri-la; dai-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perder-lhe o fruto.

Dai-nos, pois, Senhor, nosso pão de cada dia, quer dizer, os meios de adquirir pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porque ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se o trabalho não nos for possível, nos confiamos à vossa divina Providência.

Se entra em vossos desígnios de nos experimentar pelas mais duras privações, apesar de nossos esforços, as aceitamos como uma justa expiação das faltas que pudemos cometer nesta vida ou numa vida precedente, porque sois justo; sabemos que não há penas imerecidas, e que não castigais jamais sem causa.

Preservai-nos, ó meu Deus, de conceber a inveja contra aqueles que possuem o que não temos, nem mesmo contra aqueles que têm o supérfluo, quando nos falta o necessário. Perdoai-lhes se esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo, que vós lhes ensinastes.

Afastai também de nosso espírito o pensamento de negar a vossa justiça, vendo a prosperidade do mau que acabrunha às vezes o homem de bem. Sabemos, agora, graças às novas lu*zes* que vos aprouve nos dar, que a vossa justiça recebe sempre seu cumprimento e não falta a ninguém; que a prosperidade material do mau é efêmera, como sua existência corpórea, e que ela terá terríveis retornos, ao passo que a alegria reservada àquele que sofre com resignação será eterna.

V. PERDOAI AS NOSSAS DÍVIDAS, COMO NÓS AS PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS DEVEM. - PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, COMO PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS OFENDERAM.

Cada uma de nossas infrações às vossas leis, Senhor, é uma ofensa para convosco, e uma dívida contraída que nos será preciso, cedo ou tarde, pagar. Solicitamo-lhes a remissão de vossa infinita misericórdia, sob a promessa de fazer nossos esforços para não contrair novas dívidas.

Fizeste-nos uma lei expressa da caridade; mas a caridade não consiste somente em assistir seu semelhante na necessidade; ela está também no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a vossa indulgência, se ela faltasse em nós mesmos com relação àqueles dos quais temos a nos lamentar?

Dai-nos, ó meu Deus! a força de abafar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; fazei com que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração. Se vos aprouver nos retirar hoje mesmo deste mundo, fazei com que possamos nos apresentar a vós puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujas últimas palavras foram por seus carrascos.

As perseguições que os maus nos fazem suportar fazem parte de nossas provas terrestres; devemos aceitá-las sem murmurar, como todas as outras provas, e não maldizer aqueles que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, porque nos dissestes, pela boca de Jesus: "Bem-aventurados aqueles que sofrem pela justiça!" Bendigamos, pois, a mão que nos fere e nos humilha, porque as contusões do corpo fortalecem a nossa alma, e seremos elevados de nossa humildade.

Bendito seja o vosso nome, Senhor, por nos terdes ensinado que *a* nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; e encontraremos, em outras existências, o

meio de resgatar e de reparar nossas faltas passadas, de cumprir numa nova vida o que não podemos fazer nesta, pelo nosso adiantamento.

Por aí se explicam, enfim, todas as anomalias aparentes da vida; é a luz lançada sobre o nosso passado e o nosso futuro, o sinal manifesto de vossa soberana justiça e de vossa bondade infinita.

VI. NÃO NOS ABANDONEIS À TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL.

Dai-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos maus Espíritos que tentarem nos desviar do caminho do bem, nos inspirando maus pensamentos.

Mas nós somos, nós mesmos, Espíritos imperfeitos, encarnados sobre esta Terra para expiar e nos melhorar. A causa primeira do mal está em nós, e os maus Espíritos não fazem senão aproveitar nossos pendores viciosos, nos quai nos mantêm, para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta à sua influência, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. Tudo o que poderíamos fazer para afastá-los é inútil, se não lhes opomos uma vontade inabalável no bem, e uma renúncia absoluta ao mal. É, pois, contra nós mesmos que devemos dirigir nossos esforços, e então os maus Espíritos se afastarão naturalmente, porque é o mal que os atrai, ao passo que o bem os repele.

Senhor, sustentai-nos em nossa fraqueza; inspirai-nos, pela voz de nossos anjos guardiães e dos bons Espíritos, a vontade de nos corrigir de nossas imperfeições, a fim de fechar, aos Espíritos impuros, o acesso à nossa alma.

O mal não é obra vossa, Senhor, porque a fonte de todo bem não pode nada engendrar de mal; somos nós mesmos que o criamos, infringindo vossas leis, e pelo mau uso da liberdade que nos destes. Quando os homens observarem as vossas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu nos mundos mais avançados.

O mal não é uma necessidade fatal para ninguém, e não parece irresistível senão àqueles que a ele se entregam com complacência. Se temos a vontade de fazê-lo, podemos ter também a de fazer o bem; é porque, ó meu Deus, pedimos, a vossa assistência e a dos bons Espíritos para resistir à tentação.

VII. ASSIM SEJA.

Praze a vós, Senhor, que nossos desejos se cumpram! Mas nós nos inclinamos diante de vossa sabedoria infinita. Sobre todas as coisas que não nos é dado compreender, seja feito segundo vossa santa

vontade, e não segundo a nossa, porque não quereis senão nosso bem, e sabeis melhor do que nós o que nos é útil.

Nós vos dirigimos esta prece, ó meu Deus! por nós mesmos, e por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos aqueles que reclamam a nossa assistência.

Pedimos sobre todos a vossa misericórdia e a vossa bênção.

Nota. Pode-se formular aqui o que se agradece a Deus, e o que se pede para si mesmo e para outrem.

PERGUNTAS E PROBLEMAS

DESTRUIÇÃO DOS ABORÍGENES DO MÉXICO.

Escrevem-nos de Bordeaux:

"Lendo, no *Civilisateur,* de Lamartine, as cartas de Cristóvão Colombo sobre o estado do México no momento de sua descoberta, a passagem seguinte chamou particularmente a nossa atenção:

"A Natureza, disse Colombo, ali é tão pródiga, que a propriedade não criou o sentimento de avareza ou de cupidez. Esses homens parecem viver numa idade de ouro, felizes e tranqüilos no meio de jardins abertos e sem limites, que não são nem cercados de fossos, nem divididos por paliçadas, nem defendidos por muralhas. Agem lealmente um para com o outro, sem leis, sem livros, sem juizes. Consideram como um homem mau aquele que tem prazer em fazer mal a um outro. Este horror dos bons contra os maus parece ser toda a sua legislação.

"Sua religião não é senão o sentimento de inferioridade, de reconhecimento e de amor para com o Ser invisível que lhes tinha prodigalizado a vida e a felicidade.

"Não há, no universo, uma melhor nação e um melhor país; eles amam seus vizinhos, como a si mesmos; têm sempre uma linguagem doce e graciosa, e o sorriso da ternura sobre os lábios. São nus, é verdade, mas vestidos com a sua candura e a sua inocência."

"Segundo esse quadro, esses povos eram infinitamente superiores, não só aos seus invasores, mas o seriam ainda hoje, comparando-os com os dos países mais civilizados. Os Espanhóis nada aprenderam de suas virtudes e lhes comunicaram seus vícios; em troca de sua boa acolhida, não lhes levaram senão a escravidão e a morte; esses infelizes foram, em grande parte, exterminados, e o pouco que deles resta, se perdeu ao contato dos conquistadores.

"Diante desses resultados, pergunta-se:

"Onde está o progresso, e que bem moral a Humanidade tirou de tanto sangue derramado? Não seria melhor que a velha Europa ignorasse o Novo Mundo, tão feliz antes dessa descoberta?

"Responder-te-íamos com prazer se teu espírito estivesse no estado de tratar, neste momento, um assunto sério, necessitando de alguns desenvolvimentos espírito-filosóficos. Dirige-te a Kardec; essa ordem de idéias já foi debatida, mas a ela se chegará de maneira mais lúcida do que tu não poderias fazê-lo, porque tens sempre o espírito tenso e à escuta; é uma conseqüência de tua posição atual, é preciso a isto submeter-te."

Ressalta disto uma primeira instrução, é que não basta ser médium, mesmo formado e desenvolvido, para obter à vontade comunicações sobre o primeiro assunto ventilado. Aquele fez suas provas, mas, nesse momento, seu próprio Espírito fortemente e penosamente preocupado com outras coisas, não podia ter a calma necessária. Assim é que mil circunstâncias podem se opor ao exercício da faculdade medianímica; a faculdade nele não subsiste menos, mas nada é sem o concurso dos Espíritos, que o dão ou recusam segundo julgam a propósito, e isto, muito freqüentemente, no próprio interesse do médium.

Quanto à pergunta principal, eis a resposta obtida na Sociedade de Paris:

(8 de julho de 1864. - Médium, Sr. d'Ambel.)

"Sob as aparências de uma certa bondade natural e com os costumes antes doces do que virtuosos, os Incas viviam negligentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta para essas raças primitivas, e se as batalhas sangrentas não as dizimavam; se uma ambição individual não exercia ali uma pressão dominadora para lançar essas populações à conquista, elas não eram menos atingidas por um vírus perigoso que conduzia sua raça à extinção. Seria preciso retemperar as fontes vitais destes Incas abastardados, dos quais os Aztecas representavam a decadência fatal que deveria atingir todos esses povos.

A essas causas todas fisiológicas, se juntarmos *as* causas morais, notamos que o nível das ciências e das artes ficou ali igualmente numa infância prolongada. Havia, pois, utilidade para esses países pacíficos de serem colocados ao nível das raças ocidentais. Hoje crê-se que a raça desapareceu, porque ela se fundiu com a família dos conquistado-

res espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação jovem e vivaz que, por um impulso vigoroso, não tardará a alcançar os povos do velho continente. De tanto sangue derramado que resta, pergunta-se de Bordeaux? Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crê-lo. Diante das armas de fogo e diante de alguns soldados de Pizarro, todo o continente invadido se submeteu como diante dos semi-deuses saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob mais de um aspecto, semelhante àquelas que defendiam o Tosão de ouro."

A esta judiciosa explicação, acrescentaremos algumas reflexões.

Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo; do ponto de vista da filosofia, é ainda um problema; do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, admitindo-se para o homem uma única existência corpórea decidindo seu futuro pela eternidade. Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores àquelas que sucedem; podem ter na vida futura uma posição idêntica à das raças mais aperfeiçoadas? O simples bom senso repele esta idéia, de outro modo o trabalho que fazemos para nos melhorar seria inútil, e tanto teria valido permanecermo-nos selvagens. A não preexistência da alma implica, forçosamente, para cada raça, a criação de novas almas mais perfeitas em sua saída das mãos do Criador, hipótese inconciliável com o princípio de toda justiça. Admitindo-se, ao contrário, um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas, tudo se explica.

Na extinção das raças, geralmente, não se leva em conta senão o ser material que é unicamente destruído, ao passo que se olvida o ser espiritual que é indestrutível *e* não faz senão mudar de roupa, porque o primeiro não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda raça negra destruída; mas o Espírito, que vive sempre, revestirá primeiro um corpo intermediário entre o negro e o branco, e mais tarde um corpo branco. Assim é que o ser colocado no último degrau da Humanidade alcançará, num tempo dado, a soma das perfeições compatíveis com o estado de nosso globo.

Não é preciso, pois, perder de vista que a extinção das raças não alcança senão o corpo e não afeta em nada o Espírito; aquele, longe de sofrer com isso, ganha um instrumento mais aperfeiçoado, provido de cordas cerebrais respondendo a um maior número de faculdades. O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um sábio europeu, com isto não seria mais sábio, não saberia o que fazer de seu instrumento, cujas cordas inativas se atrofiariam; o Espírito de um sábio, encarnado no corpo de um selvagem, nele seria como um grande pianista diante de um piano faltando a maioria das cordas. Esta tese foi desenvolvida num artigo da *Revista* do mês de abril de 1862, *sobre a perfectibilidade da raça negra.*

A raça branca caucásica, sem contradita, é a que ocupa o primeiro lugar na Terra, mas atingiu ela o apogeu da perfeição? Todas *as* faculdades da alma nela estão representadas? Quem ousaria dize-lo? Suponhamos, pois que os Espíritos dessa raça, progredindo continuamente, acabem por nela se encontrar pobremente, a raça desapareceria para dar lugar a uma raça de uma organização mais ricamente provida; assim o quer a lei do progresso. Já na própria raça branca, não se vêem nuanças muito acentuadas como desenvolvimento moral *e* intelectual? Pode-se estar certo de que os mais avançados absorverão os outros.

O desaparecimento das raças se opera de duas maneiras: numa, pela extinção natural, conseqüência das condições climatéricas e do abastardamento, quando ficam isoladas; nas outras, pelas conquistas e pela dispersão que os cruzamentos conduzem. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça intermediária muito superior à primeira, em que é como um degrau para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue conduz à aliança dos Espíritos dos quais os mais avançados ajudam o progresso dos outros. Quem pode prever, sob esse aspecto, as conseqüências da última guerra da China? as modificações que vão produzir, nesse país por tanto tempo estacionário, os novos e-

lementos fisiológicos e psicológicos que ali são levados? Em alguns séculos, talvez, não será mais reconhecível do que é o México de hoje comparado ao dos tempos de Colombo.

Quanto aos indígenas do México, diremos, como Erasto, que havia neles costumes antes dóceis do que virtuosos, e acrescentaremos que, sem dúvida, foi um pouco poetizada sua pretensa idade de ouro. A história da conquista nos ensina que, se faziam a guerra entre eles, isso não anuncia um grande respeito pelos direitos de seus vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; estão hoje no ardor da juventude; mais tarde, alcançarão a idade viril. Se não têm ainda a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a isso os conduzirá, quando estiverem amadurecidos pela experiência; mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos Romanos? E os Bárbaros estariam civilizados se não tivessem invadido a Gábia? A sabedoria gaulesa e a civilização romana unidas ao vigor dos povos do Norte fez o povo francês atual.

Sem dúvida, é penoso pensar que o progresso, às vezes, tem necessidade de destruição; mas é muito preciso destruir os velhos casebres para substituí-los pelas casas novas, mais belas e mais cômodas. É preciso, aliás, levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade não está ainda senão no progresso material e intelectual; quando ela tiver entrado no período do progresso moral e espiritual, as necessidades morais se imporão sobre as necessidades materiais; os homens se governarão segundo a justiça e não terão mais que reivindicar seu lugar pela força; então a guerra e a destruição não terão mais sua razão de ser; até lá, a luta é uma conseqüência de sua inferioridade moral.

O homem, vivendo mais materialmente do que espiritualmente, não encara as coisas senão do ponto de vista atual e material, e conseqüentemente limitado. Até o presente, ignorou que o papel principal é do Espírito; viu os efeitos, mas não conheceu a causa, foi por isso que, por tão longo tempo, se enganou nas ciências, em suas instituições e em suas religiões. O Espiritismo, ensinando-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, alarga o seu horizonte e muda o curso de suas idéias; ele abre a era do progresso moral.

CORRESPONDÊNCIA.

Resposta do redator de La Vérité *à reclamação do Sr. Abade Barricand.*

Caro Senhor Allan Kardec,

Serieis bastante bom para inserir as poucas linhas seguintes no mais próximo número de vossa Revista?

Fiquei muito surpreendido, abrindo vosso último número (julho de 1864), de encontrar ali uma carta assinada Barricand, na qual esse teólogo me toma a partir do assunto do relatório que publiquei sobre um de seus cursos anti-espíritas. (La *Vérité* de 10 de abril de 1864.)

As observações muito judiciosas das quais fizestes seguir esse inqualificável e muito tardio protesto, certamente, ter-me-iam dispensado de respondê-lo eu mesmo, *se* nãotivesse medo de que, aos olhos de alguns, meu silêncio passasse por um defeito ou uma falta. Declaro abertamente que a minha consciência não poderia se associar à censura grave que me é feita de ter travestido, *falsificado* o curso do qual se trata; eu o afirmo diante de Deus: Se nem sempre reproduzi as mesmas frases, as mesmas palavras pronunciadas por meu contraditar, estou *convencido* de lhes ter dado o verdadeiro sentido.

Segundo isso, que a alta inteligência do Sr. abade Barricand julgue a minha muito ínfima e muito pesada por não ter podido agarrar o tema verdadeiro de seu discurso, através dos caminhos sinuosos, mas floridos, onde o conduziu; que o Sr. abade Barricand tire dessa premissa a indução que, em semelhante ocorrência, não me é mais permitido nem afirmar, nem negar; é, minha fé, muito possível! Neste caso, e para ser fiel aos meus princípios de tolerância, consentiria quase reprender-me por ter defendido *la Vérité* e os outros jornais espíritas contra as acusações ilusórias, eclodidas em meu cérebro em delírio; a me bater no peito por ter compreendido que em lugar de soar o dobre de finados sobre nossas cabeças, contentar-se-ia, parece, em nos tatear o pulso.

Assim se acalmará, eu o espero, a ira do Sr. decano da Faculdade de teologia; assim estarão reabilitados aos olhos do mundo a sua pessoa e o seu ensino.

Aceitai, etc.

E. EDOUX, *Diretor de la Vérité.*

CONVERSAS DE ALEM TÚMULO.

Julienne-Marie, a mendiga.

Na comuna de Villatte, perto de Nozai (Loire-Inferieure), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma, e que vivia da caridade pública. Um dia, ela caiu numa lagoa de onde foi retirada por um habitante do lugar, Sr. Aubert, que lhe dava habitualmente os recursos. Transportada ao seu domicílio, ela morreu pouco tempo depois em conseqüência do acidente. A opinião geral foi de que ela teria querido se suicidar. No mesmo dia de seu decesso, o Sr. Aubert, que é Espírita e médium, sentiu sobre toda a sua pessoa como o roçamento de alguém que estaria junto dele, sem no entanto explicar-lhe a causa; quando lembrou a morte de Jeanne-Marie, lhe veio o pensamento que talvez fosse seu Espírito que tinha vindo visitá-lo.

Segundo o conselho de um de seus amigos, Sr. Cheminant, membro da Sociedade Espírita de Paris, e que lhe dera conhecimento do que tinha se passado, ele fez evocação dessa mulher, com o objetivo de lhe ser útil; mas, preliminarmente, pediu conselho aos seus guias protetores, dos quais recebeu a resposta seguinte:

'Tu o podes, e isso lhe dará prazer, embora o serviço que te propões a lhe prestar seja inútil; ela está feliz e toda devotada àqueles que lhe foram compassivos. Tu és um de seus bons amigos; ela não te deixa mais e conversa contigo, freqüentemente, com o teu desconhecimento. Cedo ou tarde os serviços prestados são recompensados, se não o for pelo obsequiado, será por aqueles que se interessam por ele, antes de sua morte, como depois; quando o Espírito não teve o tempo de se reconhecer, são outros Espíritos simpáticos que testemunham, em seu nome, todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia de seu decesso. Agora é ela que te ajuda no bem que desejas fazer. Lembra-te o que Jesus disse: "Aquele que foi rebaixado será elevado"; terás a medida dos serviços que ela pode te prestar, se no entanto não lhe pedes assistência senão para ser útil ao teu próximo."

Evocação. Boa Julienne-Marie, sois feliz, é tudo o que eu queria saber; isto não me impedirá de pensar freqüentemente em vós, e de jamais vos esquecer em minhas preces. - *Resp.* Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera, e terás sucesso quase sempre. Jamais te ocupes com a recompensa que disso advirá, ela será além de tua espera. Deus sabe sempre recompensar, como o merece, aquele que se devota ao alívio de seus semelhantes, e traz em suas ações um desinteresse completo; sem isto tudo não é senão ilusão e quimera; antes de tudo é preciso a fé, de outro modo, nada. Lembra-te desta máxima e ficarás espantado com os resultados que obterás. Os dois doentes que curaste, disto são a prova; nas circunstâncias em que se encontravam, com os simples remédios terias fracassado.

Quando pedires a Deus permitir aos bons Espíritos derramarem sobre ti o seu fluido benfazejo, se esse pedido não te fizer sentir um estremecimento involuntário, é que a prece não foi bastante fervorosa para ser escutada; ela não é senão nas condições que te menciono. É o que sentes quando disseste do fundo do coração: "Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limite, atendei a minha prece, e permiti aos bons Espíritos me assistirem na cura de...; tende piedade dele, meu Deus, e devolvei-lhe a saúde; sem vós, nada posso. Que a vossa vontade seja feita."

Fizeste muito bem em não desdenhar os humildes; a voz daquele que sofreu e suportou com resignação as misérias desse mundo é sempre escutada; e, como o vês, todo serviço prestado recebe sempre a sua recompensa.

Agora, uma palavra sobre mim, e isto te confirmará o que foi dito acima.

O Espiritismo te explica a minha linguagem como Espírito; não tenho necessidade de entrar em detalhes sobre este assunto. Creio também inútil te participar de minha existência precedente. A posição que me conheceste sobre a Terra deve te fazer compreender e apreciar as minhas outras existências, que nem sempre foram sem censuras. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei toda a minha vida. Não entesourei; sobre meus velhos dias, minhas economias se limitavam a uma centena de francos, que reservava para quando minhas pernas não mais pudessem me levar. Deus julgou minha prova e minha expiação suficientes, e lhe pôs um termo livrando-me sem sofrimento da vida terrestre; porque não morri por suicídio, como se acreditou de início .Caí fulminada sobre a margem da lagoa, no momento em que dirigia minha última prece a Deus; a inclinação do terreno foi a causa da presença de meu corpo na água. Não sofri; estou feliz de ter podido cumprir a minha missão sem entraves e com resignação. Fiz-me útil, na medida de minhas forças e de meus meios, evitei de fazer mal ao meu próximo. Disso hoje recebo a recompensa, e disso dou graças a Deus, nosso divino Senhor, que, no castigo que inflige, abranda-lhe a amargura fazendo-nos esquecer, durante a vida, nossas antigas existências, e coloca sobre o nosso caminho almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossas faltas passadas.

Persevera também, tu, e como eu, disso serás recompensado.

Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste. Não o esquecerei jamais. Um dia nos reveremos, e muitas coisas te serão explicadas; para o momento, isto seria supérfluo. Saiba somente que te sou toda devotada, freqüentemente junto de ti, 'e sempre quando tiveres necessidade de mim para aliviar aquele que sofre.

A pobre mulher JULIENNE-MARIE.

O Espírito de Julienne-Marie, tendo sido evocado na Sociedade de Paris em 10 de junho de 1864 (médium, senhora Patet), ditou a comunicação adiante:

Obrigada por terem consentido me admitirem em vosso meio, caro presidente; sentistes bem que minhas existências anteriores foram mais elevadas como posição social, e, se retornei para sofrer esta prova da pobreza, foi para me punir de um vão orgulho que me fazia repelir o que era pobre e miserável. Então sofri essa lei justa do talião, que me deu a mais terrível pobreza desta região; e, como para me provar a bondade de Deus, não era repelida portados; era todo o meu medo; suportei também minha prova sem reclamar, pressentindo uma vida melhor de onde não deveria mais retornar sobre esta Terra de exílio e de calamidade. Que felicidade o dia em que nossa alma, jovem ainda, pode reentrar na vida espiritual para rever os seres amados! porque, eu também, amei e sou feliz de ter reencontrado aqueles que me precederam. Obrigada a esse bom Aubert, ele me abriu a porta do reconhecimento; sem sua mediunidade, não teria podido agradecer-lhe, provar-lhe que a minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração, e recomendar-lhe propagar a sua divina crença. Ele está chamado a conduzir almas desviadas; que se persuada bem de meu apoio. Sim, posso lhe renderão cêntuplo o que me fez, instruindo-o no caminho que seguis. Agradecei ao Senhor de ter permitido que os

bons Espíritos possam vos dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e deter o rico em seu orgulho. Sabei compreender a vergonha que há em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de evitar de vir, como eu, expiar vossas faltas por essas dolorosas posições sociais, que vos colocam tão baixo e fazem de vós o refugo da sociedade.

JULIENNE-MARIE.

Nota. Este fato está cheio de ensinamento para quem meditar as palavras desse Espírito nessas duas comunicações; todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira, o Espírito mostra a sua superioridade por sua linguagem; como uma fada benfazeja, vem proteger aquele que não desanimou sob os andrajos da miséria. E uma aplicação destas máximas do Evangelho: "Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados; muito felizes os humildes; muito felizes os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, porque aquele que é pequeno neste mundo pode ser maior do que o credes." Que aqueles que negam a reencarnação como contrária à justiça de Deus, expliquem a posição dessa mulher votada à infelicidade desde o seu nascimento por suas enfermidades, de que outro modo senão por uma vida anterior!

Tendo essa comunicação sido transmitida ao Sr. Aubert, de sua parte obteve a que se segue, e que lhe é a confirmação.

P. Boa Julienne-Marie, uma vez que consentis em me ajudar com vossos bons conselhos, a fim de me fazer progredir no caminho de nossa divina doutrina, dignai-vos comunicar comigo; farei todos os meus esforços para aproveitar os vossos ensinamentos. - *R.* Lembra-te da recomendação que vou fazer-te, e dela não te afastes jamais. Sé sempre caridoso na medida de teus meios; compreendes bastante a caridade tal qual se deve praticá-la em todas as posições da vida terrestre. Não tenho, pois, necessidade de vir te dar um ensinamento a este respeito; tu mesmo serás teu melhor juiz, seguindo, no entanto, a voz de tua consciência, que não te enganará jamais quando escutá-la sinceramente.

Não abuses sobre as missões que tens a cumprir sobre a Terra; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi bem penosa, mas eu merecia uma semelhante punição, por minhas existências precedentes, como disso vim me confessar ao bom presidente da Sociedade mãe de Paris, a qual vos ligareis todos um dia. Esse dia não está tão longe quanto o pensas; o Espiritismo caminha a passos de gigante, apesar de tudo o que se faz para entravá-lo. Caminhai, pois, todos sem medo, fervorosos adeptos da Doutrina, e os vossos esforços serão coroados de sucesso. Pouco vos importa o que se dirá de vós; colocai-vos acima da crítica irrisória que recairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! eles se crêem fortes e pensam vos abater facilmente; vós, meus bons amigos, ficai tranqüilos, e não temais vos medir com eles; são mais fáceis de se vencer do que não o credes; muitos dentre eles têm medo, e temem que a verdade não venha, enfim, lhes ofuscar os olhos; esperai, eles virão a seu turno no coroamento do edifício.

JULIENNE-MARIE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS (1).

(1) Ver os anúncios detalhados adiante das Obras diversas sobre o Espiritismo.

UAVENIR. Moniteur du Spiritisme.

Durante muito tempo estivemos sozinhos lutando para sustentar a luta iniciada contra o Espiritismo, mas eis que os defensores surgiram dos diversos lados e entraram audaciosamente na liça, como para dar um desmentido àqueles que pretendem que o Espiritismo com isso se vai. Primeiro *la Vérité* em Lyon; depois em Bordeaux: *la Ruche, lê*

Sauveur, Ia Lumière; na Bélgica: a *Revista Espírita d'Anvers;* em Turim: os *Annalis du Spiritisme en Italie.* Estamos felizes em dizer que todos bravamente sustentaram a bandeira, e provaram aos nossos adversários que encontrariam com quem contar. Se damos justos elogios à firmeza das quais esses jornais deram prova, as suas refutações cheias de lógica, devemos sobretudo louvá-las por não terem se afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo, ao mesmo tempo que a prova da verdadeira força; de não terem seguido nossos antagonistas sobre o terreno da personalidade e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porque não se chega a esse extremismo senão quando se está sem boas razões. Aquele que, em presença de argumentos sérios, os faz valer; não os substitui, ou se guarda de enfraquecê-los por uma linguagem indigna de uma boa causa.

Em Paris, um recém-chegado se apresenta sob o título sem pretensão de o *Avenir, Moniteur du Spiritisme.* A maioria de nossos leitores já o conhece, assim como seu redator-chefe, Sr. d'Ambel, e puderam julgá-lo pelas suas primeiras armas; o melhor reclame é o de provar o que se pode fazer; em seguida é o grande júri da opinião que pronuncia o veredicto; ora, não duvidamos que não lhe seja favorável, a julgá-lo pela acolhida simpática que recebeu em seu aparecimento.

A ele, pois, também as nossas simpatias pessoais, adquiridas de antemão por todas as publicações de natureza a servir validamente à causa do Espiritismo; porque não poderíamos conscienciosamente apoiar nem encorajar aquelas que, pela forma ou pelo fundo, voluntariamente ou por imprudência, lhes seriam antes nocivas do que úteis, prestando-lhe flanco aos ataques e às críticas fundadas de nossos inimigos. Em semelhante caso, a intenção não pode ser refutada pelo fato.

CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO.

Escritas a eclesiásticos pela senhora J. B., com essa epígrafe de circunstância, e que é o sinal característico de nossa época:

> Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não poderíeis suportá-las agora. - Quando esse Espírito de verdade vier, vos ensinará toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas a virem. - E quando vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, no que respeita à justiça, e no que respeita ao julgamento. (S. João, cap. XVI, v. 8, 12, 13.)

As reflexões que fizemos acima, a propósito do *Avenir,* não se aplicam somente às folhas periódicas, mas às publicações de toda natureza, volumes ou brochuras, cujo número se multiplica sem cessar, e cujos autores são igualmente combatentes que tomam parte na luta, e trazem sua pedra ao edifício. Saudação fraternal de boas vindas a todos esses defensores, homens e mulheres, que, sacudindo o jugo dos velhos preconceitos, arvoram a bandeira sem pensamento dissimulado pessoal, sem outro interesse do que aquele do bem geral, e fazem ecoar o grito libertador e emancipador da Humanidade: *Fora da caridade não há salvação! Apenas* esse grito foi pronunciado pela primeira vez, e todos compreenderam que encerrava toda uma revolução moral há muito tempo pressentida e desejada, e que encontra ecos simpáticos nas cinco partes do mundo. Foi saudada como a aurora de um futuro feliz, e, em alguns meses, tornou-se a palavra de união de todos os Espíritas sinceros; é que depois de uma tão longa e tão cruel luta contra o egoísmo, fazia, enfim, entrever o reino da fraternidade.

A brochura que anunciamos aqui é devida a uma senhora, membro da Sociedade Espírita de Paris, excelente médium, chefe de um grupo particular admiravelmente dirigido e a quem não se poderia censurar senão por um excesso de modéstia, se pudesse ali haver excesso no bem. Se ela não assinou seu escrito senão por iniciais, é que pensou que um nome desconhecido não é uma recomendação, e que não se prende de nenhum modo a se colocar como escritora; mas ela não tem por isso menos a coragem de sua opinião, da qual não faz mistério a ninguém.

A senhora J. B. é sinceramente católica, mas católica muito esclarecida, o que quer tudo dizer; sua brochura é escrita nesse ponto de vista, e, por isto mesmo, se dirige principalmente aos eclesiásticos. É impossível refutar com mais talento, elegância na

forma, moderação e lógica, os argumentos que uma fé exclusiva e cega opõe às idéias novas. Recomendamos este interessante trabalho aos nossos leitores; eles podem sem medo propagá-lo entre as pessoas de uma suscetibilidade desconfiada com relação à ortodoxia, e dá-la em resposta aos ataques dirigidos contra o Espiritismo do ponto de vista religioso.

OS *MILAGRES DE NOSSOS DIAS, PORAUG. BEZ.*

Sob esse título, o Sr. Aug Bez, de Bordeaux, acaba de publicar o relato das manifestações de Jean Hillaire, médium notável, cujas faculdades lembram, sob vários aspectos, as do Sr. Home, e mesmo as ultrapassam em certos aspectos.

O Sr. Home é um homem do mundo, de maneiras brandas e cheias de urbanidade, que não se mostra senão à mais alta aristocracia. Jean Hillaire é um simples cultivador de Charente-lnférieure, pouco letrado, e vivendo de seu trabalho; suas maiores excursões foram, parece, de Sonnac, sua aldeia, a Saint-Jean-d'Angély e a Bordeaux; mas Deus, na repartição de seus dons, não leva em conta *as* posições sociais; quer que a luz se faça a todos os graus da escala, é porque a concede ao menor quanto ao maior.

A crítica e a odiosa calúnia não pouparam o Sr. Home; sem consideração para com as altas personagens que o honraram com a sua estima, que o receberam e que o recebem ainda em sua intimidade, a título de comensal e de amigo, a zombeteira incredulidade, que nada respeita, se aprouve a achincalhá-lo, a apresentá-lo como um vil charlatão, um hábil escamoteador, em uma palavra, como um saltimbanco de boa companhia; ela não se deteve mesmo pelo pensamento de que tais ataques atingiam a honorabilidade das pessoas mais respeitáveis, acusadas, por isso mesmo, de cooperar com um pretenso fazedor de ingênuos. Dissemos a seu respeito que basta tê-lo visto para julgar que seria o mais desajeitado charlatão, porque não tem nem as maneiras marcantes, nem a eloqüência, que não concordariam com a sua timidez habitual. Quem, aliás, poderia dizer que jamais tenha posto um preço às suas manifestações? O motivo que o conduziu recentemente a Roma, de onde foi expulso, para ali aperfeiçoar-se na arte da escultura e disso fazer-se um recurso, é o desmentido mais formal dado aos seus detratores; mas que importa! disseram que é um charlatão, e disso não querem desistir.

Aqueles que conhecem Hillaire puderam se convencer igualmente de que seria um charlatão ainda mais desajeitado. Não saberíamos muito repeti-lo: o móvel do charlatanismo é sempre o interesse; onde nada há a ganhar, o charlatanismo está sem objetivo; onde há *a* perder, isso seria uma estupidez. Ora, que proveito material Hillaire tirou de suas faculdades? Muita fadiga, uma grande perda de tempo, aborrecimento, perseguições, calúnias. O que ele ganhou, e que para ele não tem preço, foi uma fé viva que ele não tinha, em Deus, em sua bondade, na imortalidade da alma e na proteção dos bons Espíritos; não está precisamente aí o fruto que o charlatanismo procura. Mas sabe também que essa proteção não se obtém senão em se melhorando; e é o que se esforça em fazer, e isso não é mais o que toca os charlatães. E também o que o faz suportar com paciência as vicissitudes e as privações.

Uma garantia de sinceridade, em semelhante caso, está, pois, no desinteresse absoluto; antes de acusar um homem de charlatanismo, é preciso perguntar-se que proveito ele encontra em fazer ingênuos, porque os charlatães não são bastante tolos para nada ganharem, e ainda menos para perder em lugar de ganhar. Também os médiuns têm uma resposta peremptória a dar aos detratores, em lhes dizendo: *Quanto me pagaste* para fazer o que faço? Uma garantia não menos grande, e de natureza a fazer uma viva impressão, é a reforma de si mesmo. Só uma convicção profunda pode levar um homem a

vencer-se, a se desembaraçar daquilo que há de mau nele, e a resistir aos perniciosos arrastamentos. Não é mais, então, só a faculdade que se admira é a pessoa que se respeita e que se impõe à zombaria.

As manifestações que Hillaire obtém são para ele uma coisa santa; considera-as como um favor de Deus. Os sentimentos que elas lhe inspiram estão resumidos nas palavras seguintes, extraídas do livro do Sr. Bez:

"O boato desses novos fenômenos se difundiu por todas as partes com a rapidez do relâmpago. Todos aqueles que, até ali, não tinham ainda assistido a manifestações espíritas foram devorados pela inveja de ver. Mais do que nunca Hillaire foi assediado de pedidos, de convites de toda sorte. Oferecimentos de dinheiro lhe foram feitos por várias pessoas, afim de decidi-lo a dar sessões em suas casas; mas Hillaire teve sempre a convicção profunda de que as suas faculdades não lhe são dadas senão num objetivo de caridade, a fim de levar a fé na alma dos incrédulos, e de arrancá-los assim ao materialismo que os rói sem piedade e os mergulha no egoísmo e no deboche. Depois que Deus lhe deu a graça de se servir dele para esclarecer seus compatriotas, desde que manifestações de uma ordem tão elevada se produziram por seu intermédio, o simples médium de Sonnac considerou sua mediunidade como um puro sacerdócio, e está persuadido de que, do dia em que aceitar a menor retribuição, suas faculdades lhe seriam tiradas, ou seriam entregues como joguete aos Espíritos maus ou levianos, que delas não se serviriam senão para fazerem o mal ou mistificarem todos aqueles que tivessem ainda a imprudência de se dirigirem a ele. E, no entanto, *a* posição pecuniária desse humilde instrumento está num estado muito precário. Sem fortuna, é preciso que ganhe seu pão com o suor de seu rosto, e, freqüentemente, a grande fadiga que sente quando se produzem algumas manifestações importantes, prejudicam muito as forças que lhe são necessárias para manejar a picareta e a pá, esses dois instrumentos que lhe são necessário, sem cessar, ter entre as mãos."

Nos momentos de aflição que, como para Job, tinham por objetivo provar sua fé e sua resignação, Hillaire encontrou asilo e assistência entre os amigos reconhecidos que lhe deviam seu consolo pelo Espiritismo. Está aí o que se pode chamar pôr um preço às manifestações dos Espíritos? Não certamente; é um recurso que Deus lhe enviou, que podia e devia mesmo aceitar sem escrúpulo; sua consciência pode estar em repouso, porque não traficou os dons que recebeu gratuitamente; não vendeu as consolações aos aflitos nem a fé que dava aos incrédulos. Quanto àqueles que vieram em sua ajuda, cumpriram um dever de fraternidade do qual serão recompensados.

As faculdades de Hillaire são muito múltiplas; ele é médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e além disso escrevente. Obteve escrita direta e transportes muito notáveis. Várias vezes se elevou e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver se levantar uma mesa. Todas as comunicações e todas as manifestações que obteve atestam a assistência de Espíritos muito bons, e ocorrem sempre em plena luz. Freqüentemente, ele entra espontaneamente no sono sonambúlico, e é quase sempre nesse estado que se produzem os fenômenos mais extraordinários.

A obra do Sr. Bez está escrita com simplicidade e sem exaltação. Não só o autor diz o que viu, mas cita as numerosas testemunhas oculares das quais a maioria achava-se pessoalmente interessada nas manifestações; aquelas não teriam faltado de protestar contra as inexatidões, sobretudo se lhes tivessem feito desempenhar um papel contrário ao que se passou; o autor, justamente estimado e considerado em Bordeaux, não se exporia a receber semelhantes desmentidos. Pela linguagem se reconhece o homem consciencioso que se faria um escrúpulo alterar conscientemente a verdade. De resto, não há um só desses fenômenos cuja possibilidade não esteja demonstrada pelas explicações que se acham em *O Livro dos Médiuns.*

Essa obra difere da do Sr. Home, naquilo que, em lugar de ser uma simples coletânea de fatos muitas vezes freqüentemente repetidos, sem deduções nem conclusões, encerra sobre quase todos aqueles que são narrados, apreciações morais e considerações filosóficas que dele fazem um livro ao mesmo tempo interessante e instrutivo, e onde se reconhece o Espírita, não só convencido, mas esclarecido.

Quanto a Hillaire, felicitando-o pelo seu devotamento, convidamo-lo a jamais perder de vista que o que faz o principal mérito de um médium, não é a transcendência de suas faculdades, que podem lhe ser retiradas de um momento para outro, mas o bom uso que delas faz; desse uso depende a continuação da assistência dos bons Espíritos, porque há uma grande diferença entre um médium bem dotado e aquele que é bem assistido. O primeiro não excita senão a curiosidade, o segundo, ele mesmo toca o coração, reage moralmente sobre os outros em razão de suas qualidades pessoais. Desejamos, tanto em seu próprio interesse quanto no da causa, que os elogios de amigos, freqüentemente mais entusiastas do que prudentes, não lhe roubem nada de sua simplicidade e de sua modéstia, e não o façam cair na armadilha do orgulho que já perdeu tantos médiuns.

A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS;

Estudo onde se expõem as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da astronomia, da fisiologia e da filosofia natural, por CAMILLE FLAMMARION, ligado ao Observatório de Paris. Um muito grande volume in-12, com mapas astronômicos. Preço: 4 francos. - Edição de biblioteca, in-8,7 francos. -Livraria acadêmica de Didier e Co., 35, cais dos Augustins.

A falta de espaço nos obriga a remeter ao próximo número o relatório dessa importante obra.

Para as condições das obras acima, ver adiante, na lista das *Obras diversas sobre o Espiritismo.*

AVISO.

Por exceção, e em conseqüência de circunstâncias particulares, as férias da Sociedade Espírita de Paris começarão este ano a 1[9] de agosto. A Sociedade retomará suas sessões na primeira sexta-feira de outubro.

ALLAN KARDEC.

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO NO. 9 SETEMBRO 1864

INFLUENCIA DA MUSICA SOBRE OS CRIMINOSOS, OS LOUCOS E OS IDIOTAS.

A Revista musical do *Siècle,* de 21 de junho de 1864, continha o artigo seguinte:

"Sob este título: *Um Orfeão sob os ferrolhos,* o Sr. de Pontécoulant acaba de publicar uma excelente notícia em favor de uma boa causa. Parece que o diretor de uma casa central de detenção concebeu a engenhosa idéia de fazer penetrar a música nas celas dos condenados; compreendeu que seu dever não era só punir, mas de corrigir.

"Para agir com certeza sobre o caráter do prisioneiro, magoado pelo castigo, dirigiu-se diretamente à música. Começou por criar uma escola de canto. Os detentos que eram distinguidos por sua boa conduta consideravam como uma recompensa fazer parte desse orfeão.

"O penitenciário se encontrava assim transformado. Cerca de mil pensionistas mais ou menos, escolheram cem que foram chamados a concorrer aos primeiros ensaios. O efeito foi muito grande sobre o moral desses infelizes. Uma infração às regras poderia fazê-los mandar embora da escola; eles se organizaram para respeitar obrigações, até então desdenhadas por eles.

"A fim de melhor fazer compreender a importância que dão à instituição desses coros, lembrarei que o silêncio lhes era habitualmente imposto. Eles pensam, não falam. Poderiam esquecer sua língua, da qual momentaneamente não mais se serviam. Nessas condições, compreende-se, esses trechos de conjunto, falados e cantados, lhes cai como um maná do céu. É a ocasião de se reunir, de ouvir vozes, de quebrar sua solidão, de se emocionar, de existir.

"Eu o repito, os resultados são excelentes. Sobre setenta cantores dos quais o orfeão se compõe esse ano, dezesseis graças puderam ser concedidas. Não é concludente?

"Esquecia-me de dizer que a experiência foi feita em Melun. É uma prova para encorajar, um exemplo a seguir. Quem sabe? esses corações endurecidos sentirão talvez seu gelo fundir-se, e cuidarão de amar ainda alguma coisa. Em lhes ensinando a cantar, se lhes ensina não mais maldizerem. Seu isolamento se povoa, sua cabeça se acalma, e o trabalho forçado lhes parece menos duro. Depois de seu tempo terminado, freqüentemente encurtado pela aplicação e a boa conduta, sairão de outro modo do que pervertidos pelo ódio.

'Visitei um dia a casa de saúde do doutor B..., em companhia de um *alienista;* percorrendo o caminho, este último dizia:

-As duchas! as duchas!... Não conheço senão as duchas e a camisa de força. É a panacéia... Todos os outros paliativos são insuficientes quando se está em presença de um louco furioso.

"Nesse momento gritos atraíram a nossa atenção ao fundo do jardim.

- Escuta, retomou ele, percebo um deles que vai sofrer um dos dois suplícios, talvez mesmo todos os dois. Quereis que o sigamos? deles vereis o efeito.

"O pobre diabo se debatia desesperadamente na mão de seus guardas. Tinha ameaça na boca, fogo nos olhos. Tentar um apaziguamento parecia impossível sem o concurso dos grandes meios.

"De repente, uma voz se fez ouvir na outra extremidade do jardim. Vinha de um pavilhão isolado, que se teria acreditado sem ninguém, com sua vinha virgem e seus parasitas pendendo do teto, num buquê de espinheiros em flor. A voz cantava o romance do *Saulo,* de Desdêmona.

"Detive-me para escutá-lo. Não sei se devo a impressão que senti à influência da atmosfera do lugar, mas o que afirmo é que jamais, em tempo algum, não me senti tão profundamente comovido. Soube depois que a cantora era uma senhora do mundo, à qual as infelicidades tinham feito perder a razão.

"O louco furioso se deteve logo, cessando de se debater e de blasfemar.

" - A voz! a voz! disse ele... Silêncio!

"E, de ouvido atento, não sentia mais do que o êxtase.

"Ele tinha se acalmado.

- Pois bem! disse eu ao *alienista* embaraçado, que dizeis de vosso famoso tópico?

"Ele teria se deixado cortar em pedaços antes de retroceder sobre sua brutal afirmativa. As pessoas sistemáticas são a<=sim feitas. Os fatos nada provam sobre elas. Tratam o que as contrariam como uma exceção. Não tenteis combatê-las; têm sua idéia fixa, e quando tiverdes dispensado todos os vossos argumentos, rirão na cara. Nada de concessão! está-se convencido ou não se está.

"Em vários hospitais de alienados, notadamente em Bicêtre, compreende-se o partido que se pode tirar da música, e dela se serviu vitoriosamente. As missas ali são cantadas pelos loucos; salvo raros acidentes, tudo se cumpre segundo o programa, sem que se tenham que reprimir os menores desvios.

"Há uma doença mais horrível do que *a* loucura; quero falar do cretinismo. Os loucos têm suas horas de lucidez; algumas vezes mesmo não são afetados senão de uma mania. Falam razoavelmente sobre todos os assuntos, exceto sobre aquele que os faz divagar. Um se crê de vidro e vos recomenda tocá-lo com precaução; o outro vos aborda e vos diz, mostrando um de seus vizinhos: 'Vede bem esse pequeno moreno? Ele se pretende o filho de Deus; mas sou eu, o Cristo." Um terceiro vos convida a suas grandes caças, em seu parque esplêndido; ele ouve a matilha, os criados que o apoiam, as fanfarras que lhe respondem, a presa a gritar; é feliz em seu sonho; é quase sempre um ambicioso caído mais ou menos longe do objetivo perseguido. Todos os curáveis e os incuráveis têm um ponto de referência para a sua imaginação.

"Mas os outros, mas os idiotas, os cretinos, que lhes resta? Estão agachados no ângulo de um muro, sobre uma pedra, a face apatetada, como um horrível pacote de carne, não tendo jamais um brilho de inteligência, e não possuindo mesmo instinto dos animais inferiores. Estão muito perdidos, não é, de corpo e de alma? muito rebaixados em sua dignidade de homens, muito degradados, muito paralíticos física e moralmente? têm ouvidos para não ouvirem, olhos para não verem, sentidos aniquilados; são mortos vivos.

Tentou-se em vão ressuscitar alguma coisa neles, ora pela rudeza, ora pela doçura. Era de desesperar.

"Então vocalizaram-se notas em sua presença, até que repetissem maquinai mente. E ensinaram-lhes motivos simples e curtos que repetiram. Eles cantam agora; é uma festa para eles cantar. Pelo canto, se os prende; é sua punição ou sua recompensa; eles obedecem; têm consciência de suas ações. São ocupados com os mesmos trabalhos; hei-los no caminho de uma semi-reabilitação intelectual.

"Há regiões onde essa cruel enfermidade se reproduz incessantemente. E o ar ou a água que a provoca?

"Certa manhã, depois de uma noite de caça laboriosa através da vertente meridional dos Pireneus, eu tinha entrado na cabana de um pastor, para me refrescar. Ali encontrei o

pai fraco, sua mulher débil, e três crianças mirradas, das quais uma enovelada sobre uma cama de palha apodrecida. Como eu examinava esse infeliz embrutecido, o pai me disse:

" - Oh! aquele jamais viveu; nasceu como é, o cretinismo o toma um sobre três por aqui. Paguei a minha dívida.

" - Ele vos reconhece? perguntei-lhe.

" - Nem eu, nem seus irmãos; ele permanece na posição em que o vedes; não desperta do entorpecimento senão quando o sol se deita e chamo os rebanhos esparsos, então ele se agita, parece contente, como se alguma coisa feliz chegasse.

" - A que credes poder atribuir esse movimento?

" - Não sei.

" - De que sinal vos servis?

" - Do refrão de todos os pastores.

" - Vejamos, dizei esse refrão, como se os animais fossem reentrar.

"O velho dócil foi até a porta, e, de pé sobre o planalto, as mãos em cometa, recomeçou seu canto de chamada. Um fato estranho se produziu: a criança doente se levantou de um salto, dando gritos inarticulados. Advinhou-se que queria falar. Expliquei que a música agia poderosamente sobre os seus nervos. O pai compreendeu, e me disse em seu dialeto acentuado:

" - Eu sei canções; eu lhas direi.

"Dois anos mais tarde, tive ocasião de rever essas pobres pessoas, às quais levava uma camurça ferida.

"A criança tinha se tornado dócil.

"Publiquei a história antes que se pensasse em se servir da música como procedimento curativo em casos semelhantes. Meu relato foi considerado como uma fábula.

"O meio prático fez seu caminho depois, com os cretinos como com os loucos, - o que não impediu o meu *alienista* de sustentar que nada não valem a camisa de força e as duchas. Disso está seguro."

Não sabemos se o autor do artigo, Sr. Chadeuil, é anti-espiritualista, mas o que é certo, é que é anti-Espírita antes de qualquer outro, a se julgar pelos sarcasmos que não poupou à crença nos Espíritos, quando acreditou disso encontrar ocasião em sua *Revista musical.* Para negar uma doutrina baseada sobre fatos, e aceita por milhões de indivíduos, ele viu, observou e estudou? Consultou escrupulosamente todas as fontes? Seus próprios artigos testemunham da ignorância do que fala. Sobre o que, pois, se apoia ele para afirmar que é uma crença ridícula? Sobre a sua opinião pessoal, que acha ridícula a idéia dos Espíritos se comunicando aos homens, absolutamente como todas as idéias novas de alguma importância foram achadas ridículas pelos homens, mesmo os mais capazes. É assim, sem disso duvidar, a aplicação destas notáveis e verídicas palavras de seu artigo:

"As pessoas sistemáticas são feitas assim. Os fatos nada podem sobre elas. Tratam o que as contraria como uma exceção. Não tentai combatê-las; elas têm sua idéia fixa, e quando tiverdes despendido todos os vossos argumentos, vos rirão na cara."

Não é sempre a história da trave e da palha no olho? É verdade que não sabemos se essa reflexão é dele ou de Sr. de Pontécoulant; o que quer que seja, ele a cita com elogio, portanto, é que a aceita. Mas deixemos aí a opinião do Sr. Chadeuil, que pouco nos importa, e vejamos o artigo em si mesmo, que constata um fato importante: a influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.

De todos os tempos, reconheceu-se à música uma influência salutar para o abrandamento dos costumes; a sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e não poderia ter senão resultados satisfatórios; ela comove as fibras entorpecidas da sensibilidade, e as predispõe a receber as impressões morais. Mas isto é suficiente? Não; é um trabalho sobre um terreno inculto, que é preciso semear de idéias próprias a fazerem, sobre essas naturezas desencaminhadas uma profunda impressão. É preciso

falar à alma depois de ter amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé fundada sobre a certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida, a música pode a isso predispor, mas ela não a dá. Por isso não é menos uma auxiliar que não é preciso negligenciar. Essa tentativa e muitas outras, às quais a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude para o moral dos condenados; mas resta ainda alcançar o mal em sua raiz; um dia se reconhecerá toda a extensão que se pode tirar nas idéias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que elas operam sobre as naturezas em aparência as mais rebeldes. Aqueles que aprofundaram essa doutrina e meditaram sobre as suas tendências e as suas conseqüências inevitáveis, só eles podem compreender o poder do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. Esse poder prende-se a que ela se dirige à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito,* ao passo que *a* maior parte do tempo não se a procura senão na *imperfeição da matéria.* O Espiritismo, como doutrina moral, hoje não está mais no estado de simples teoria; entrou na prática, ao menos para um grande número daqueles que lhe admitem o princípio; ora, segundo o que se passa, e em presença dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem medo que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. À espera disso, que a experiência se faça numa mais vasta escala, se faça todos os dias individualmente. A *Revista* disso fornece numerosos exemplos; limitar-nos-emos a lembrar as cartas dos dois prisioneiros, publicadas nos números de novembro de 1863, página 350, e fevereiro de 1864, página 44.

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciar o fato acima, relativo à loucura; sem contradita, é a mais amarga crítica dos alienistas que não conhecem senão as duchas e a camisa de força. O Espiritismo vem lançar uma luz toda nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano, e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sem cessar crescente dos médicos que entram nesta nova ordem de idéias, necessariamente, conduzirá a grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita de idéia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhante caso é um passo no caminho espiritualista da qual os alienistas, geralmente, estão afastados até este dia, com grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Os loucos, quase sempre, foram homens inteligentes; ocorre de outro modo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados, pela própria Natureza, a uma nulidade moral absoluta. O Espiritismo experimental vem ainda lançar aqui a luz provando, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que esses são, geralmente, Espíritos desenvolvidos e não atrasados, como poder-se-ia crer, mas unidos a corpos imperfeitos. A igualdade de inteligência, há esta diferença entre o louco e o cretino, que o primeiro é provido, no nascimento do corpo, de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que se desorganizam mais tarde; ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo cujos órgãos atrofiados, desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o seu pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem se teria tirado a liberdade de seus movimentos. Esse constrangimento, para o Espírito, é um verdadeiro suplício, porque ele não tem menos a faculdade de pensar, e sente, como Espírito, a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, pois, que num instante dado se possa, por um tratamento qualquer, desligar os órgãos, o Espírito recobraria a sua liberdade, e o maior cretino se tornaria um homem inteligente; seria como um prisioneiro saindo de sua prisão, ou como um bom músico posto em presença de um instrumento completo, ou ainda, como um mudo recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são as faculdades, mas as cordas cerebrais respondendo a essas faculdades pelas suas manifestações. Na criança normalmente constituída, o exer-

cício das faculdades do Espírito leva ao desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que não oferecem nenhuma resistência; no idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento, permanecendo num estado rudimentar, como um fruto abortado. A cura radical do idiota, portanto, é impossível; tudo o que se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto, não se conhece nenhum tratamento aplicável aos órgãos; é ao Espírito que é preciso se dirigir. Estudando as faculdades das quais se descobre o germe, é preciso provocar-lhe o exercício de parte do Espírito, e então este, superando a resistência, poderá obter uma manifestação, se não completa, pelo menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos, sem contradita, é a música. Ela chega a abalar essas fibras entorpecidas, como um grande barulho que chegue ao ouvido de um surdo; o Espírito a isso se comove, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para aquele que não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao funcionamento desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções; é por isso que, o mais freqüentemente, se fere ao lado do mal; bem mais: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo é apalpadela nas instituições sociais; é por isso que se faz, tão freqüentemente, falso caminho. Admiti, somente a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é para ele senão um envoltório temporário, e tudo se explica. O Espiritismo, por experiências positivas, fez desta hipótese uma realidade, nos revelando a lei que rege as relações do Espírito e da matéria.

Ride, pois, céticos, da Doutrina dos Espíritos, saída do vulgar fenômeno das mesas girantes, como a telegrafia elétrica saiu das rãs dançantes de Galvani; mas pensai que, negando os Espíritos, estais negando a vós mesmos, e que se riu das maiores descobertas.

O NOVO BISPO DE BARCELONA.

Escrevem-nos da Espanha, a 1º de outubro de 1864:

"Caro mestre,

'Tomo a liberdade de vos dirigir a nova ordenação que o Mons. Pantaléon, bispo de Barcelona, vem de publicar no jornal: *El* D/aro *de Barcelona,* de 31 de julho. Como podereis notá-lo, quis caminhar sobre as marcas de seu predecessor. Para mim, Espírita sincero, perdôo-lhe os palavrões que nos dirige, mas não posso me impedir de pensar que poderia empregar a ciência que possui de maneira mais aproveitável para o bem da fé e de seus semelhantes. Para não citar senão um exemplo, temos, a cada instante, o espetáculo desses abomináveis cursos de toureiro, nos quais os pobres cavalos, depois de terem dispensado sua existência ao serviço do homem, vêm morrer desventrados nessas tristes arenas, a maior alegria de uma população ávida de sangue e cujos jogos bárbaros desenvolvem os maus instintos.

"Eis contra o que deveríeis fulminar, Monsenhor, e não contra o Espiritismo que vos conduz, cada dia, ao redil as ovelhas que havíeis perdido; porque eu, que creio sinceramente em Deus, que reconheço a sua grandeza nos menores detalhes da Natureza, antes de ser Espírita, não podia me aproximar de uma igreja, tanto aos meus olhos havia dissemelhança entre aqueles que se dizem os representantes de Deus sobre a Terra e essa grande figura do Cristo, que o Evangelho nos mostra todo amor e abnegação. Sim, dizia-me, Jesus se sacrifica por nós; faz sua entrada triunfal em Jerusalém, coberto de burel, montado sobre um asno; e vós, que vos dizeis seus representantes, estais cobertos de seda, de ouro e de diamantes. Está aí o desprezo das riquezas que o divino Messias

pregava aos seus apóstolos? Não; e no entanto, eu vos confesso, Monsenhor, desde que sou Espírita, pude reentrar em vossas igrejas, pude ali orar a Deus com fervor, apesar da música mundana que ali desempenha ares de ópera; pude orar pensando que, entre todas essas pessoas reunidas, talvez houvesse aquelas a quem essa pompa teatral fosse útil para elevar sua alma a Deus; então pude perdoar o vosso luxo, e compreendê-lo num certo sentido. Vede, pois, bem, Monsenhor, que não é sobre os Espíritas que. deveríeis trovejar; e se tendes, como disso não duvido, unicamente o bem de vosso rebanho em vista, retornai de vossa maneira de ver sobre o Espiritismo, que não nos prega senão o amor de nossos semelhantes, o perdão das injúrias, a doçura, a caridade e mesmo o amor por nossos inimigos.

"Caro mestre, perdoai-me estas poucas linhas que me foram sugeridas por essa nova ordenação. O Espiritismo veio reavivar a minha fé, me explicando todas as misérias da vida que, até então, a minha inteligência não havia podido compreender. Persuadido pessoalmente de que trabalhamos por nosso adiantamento e o da Humanidade, não cessarei de propagar esta doutrina no círculo que me cerca, empregando para isso uma convicção profunda e os meios que Deus me deu.

"Dignai-vos receber, caro mestre, etc."

Damos a seguira tradução do Monsenhor o bispo. Nós a reproduzimos *in extenso* para não lhe enfraquecer a importância. Mons. de Barcelona passa com razão por um homem de mérito; portanto, deveu reunir os argumentos mais poderosos contra o Espiritismo; nossos leitores julgarão se é mais feliz do que seus confrades, e se o golpe de misericórdia nos será dado do outro lado dos Pireneus. Limitamo-nos a juntar-lhe algumas notas.

"Nós, D. D. Pantaléon Monserra e Navarro, pela graça de Deus e da Santa-Sé apostólica, bispo de Barcelona, cavaleiro grande cruz da Ordem americana de Isabel a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

"Aos nossos amados e fiéis diocesanos,

"O homem, colocado sobre a Terra como num lugar de trevas que lhe impede de ver as coisas colocadas numa ordem superior, não pode dar um passo para procurá-las se não estiver esclarecido pelo facho da fé. Se ele se separa desse guia, não fará senão tropeçar, caindo hoje no extremo da incredulidade que tudo nega, e amanhã no da superstição que tudo crê. Nossa época, que pretende se conduzir pela razão e os sentidos, não admitindo por verdadeiro senão o que lhe mostrem esses falaciosos testemunhos, se vê atravessada por uma imensa corrente de idéias se arrastando em conseqüência, a negação do sobrenatural e uma excessiva credulidade. Uma e outra são o produto do orgulho da inteligência humana, que repugna prestar uma atenção razoável à palavra revelada de Deus. A geração atual se vê obrigada a assistir a esse triste espetáculo que nos dão hoje os povos mais avançados em ciência e em civilização. Os Estados Norte-Americanos, essa nação chamada modelo, que algumas partes da França, aí compreendida a colônia de Arge, empenham-se, há algum tempo, no estudo ridículo e na aplicação do Espiritismo que vem, sob esse nome, ressucitar as antigas práticas da necromancia pela evocação dos Espíritos invisíveis, que repousam no lugar de sua destinação, colocado além do túmulo, e que os consultam para descobrir os segredos ocultos sob o véu estendido por Deus entre o tempo e a eternidade."

Nota. Se fosse repreensível ter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja impedisse estes de virem sem ser chamados; porque é notório que há uma multidão de manifestações espontâneas entre as próprias pessoas que nunca ouviram falar do Espiritismo. Como as senhoritas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram a sua presença naquele país, foram postas no caminho das evocações, se isso não foi pelos Espíritos que vieram se manifestar a elas, então que nisso pensavam o mínimo do mundo? Por que esses Espíritos deixaram seu lugar, que lhes estava assinalado além do túmulo? Foi com ou sem a permissão de Deus?

O Espiritismo não saiu do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação; se os *próprios Espíritos não tivessem se manifestado, não teria havido Espiritismo.* Se não se pode impedi-

los de se manifestarem, não se pode deter o Espiritismo, não mais -do que não se pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. Pretender que os Espíritos não se manifestem é uma questão de fato e não de opinião; contra a evidência não há negação possível.

"Esse desejo exagerado de tudo conhecer por meios ridículos e reprovados não é outro senão o fruto dessa necessidade, desse vazio que o homem sente quando rejeitou tudo o que lhe foi proposto como verdade pela sua soberana legítima e infalível: a Igreja."

N. Se o que essa soberana infalível propõe como verdade é demonstrada como erro pelas observações da ciência, é falta do homem se a repele? A Igreja é infalível, quando condena às penas eternas àqueles que crêem no movimento da Terra e nos antí podas? Quando ela condena, ainda hoje, aqueles que crêem que a Terra não foi formada em seis vezes vinte e quatro horas? Para que a Igreja fizesse acreditar sob palavra, seria preciso que ela não ensinasse nada que pudesse ser desmentido pelos fatos.

"Num momento de ardor de tudo conhecer por si mesmo, ele repeliu como superstição esta mesma verdade, porque seu entendimento não a compreendia ou não concordava com as noções que dela tinha recebido. Mas, mais tarde, julgou necessário o que havia desprezado; quis se reabilitarem sua fé; examinou de novo, e segundo esse exame foi feito por pessoas de uma imaginação viva, ou por outras de um temperamento nervoso e irritável, elas admitiram, em seu sistema de crença, tudo o que acreditaram ver e ouvir dos Espíritos evocados num momento de melancólica exaltação."

N. Não havíamos jamais pensado que a *fé,* quer dizer, a adoção ou a rejeição das verdades ensinadas pela Igreja, depois de exame por aquele que quer sinceramente a ela retornar, fosse uma questão de temperamento. Se, para lhe dar a preferência sobre outras crenças, não precisa ser nem nervoso nem irritável, nem ter uma imaginação viva, há muitas pessoas que dela estão fatalmente excluídas em conseqüência de sua compleição. Cremos, nós, que neste século de desenvolvimento intelectual, a fé é uma questão de *compreensão.*

"Foi assim que se chegou a criar uma religião que, renovando os desvios *e as* aberrações do paganismo, ameaça levar a sociedade ávida de maravilhoso à loucura, à extravagância e ao cinismo mais imundo (y *ai cinismo más inmundo)."*

N. Eis ainda um príncipe da Igreja que proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que se cria. É aqui o caso de repetir o que já dissemos a este respeito: Se jamais o Espiritismo se tornar uma religião, foi a Igreja que, a primeira, ter-lhe-á dado a idéia. Em todos os casos, essa religião nova, se tanto é que seja uma, se afastaria do paganismo pelo fato capital de que ela não admite um inferno localizado, com penas materiais, ao passo que o inferno da Igreja, com suas chamas, suas forcas, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos que rasgam os condenados, e seus diabos que atiçam o fogo, é uma cópia ampliada do Tártaro.

"O propagador dessa seita de modernos iluminados, Allan Kardec, ele mesmo confessa em seu *O Livro dos Espíritos,* dizendo: "Que às vezes aqueles se comprazem em responder ironicamente e de maneira equivocada que desconcerta os infelizes que os consultam." E, se bem que advirta da necessidade que há de discernir os Espíritos sérios dos Espíritos superficiais, não pode nos dar as regras necessárias a esse discernimento, confissão que revela toda a vaidade e toda a falsidade do Espiritismo, com suas deploráveis conseqüências."

N. Reenviamos o Mons. de Barcelona ao *O Livro dos Médiuns* (cap. XXIV, página 327).

"Se esse sistema, que estabelece um monstruoso comércio entre a luz e as trevas, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, em uma palavra, entre Deus e Belial, não tem prosélitos na Espanha, há, disso não se pode duvidar, ardentes propagadores, e a metrópole de nossa diocese é o teatro escolhido para pôr em prática todos os meios que podem sugerir o Espírito de mentira e de perdição. A prova disso está na introdução frau-

dulenta que se opera, apesar do zelo empregado pelas autoridades locais, de milhares de exemplares de O *Livro dos Espíritos,* escrito pelo primeiro pregador dessas mentiras, Allan Kardec, e traduzido em espanhol."

N. É bastante difícil conciliar essas duas afirmativas, a saber: que o Espiritismo *não* tem proséiitos na Espanha, e que há, disso não se pode duvidar, ardentes propagadores. Não se compreende a vantagem que, num país onde não há Espíritas, se encontre a venda fácil de *O Livro dos Espíritos* aos milhares.

"Lendo essa produção original, nos dissemos: cada século tem suas preocupações, seus erros favoritos, e os de nosso século são uma tendência a negar o que é invisível e a não procurar a certeza senão na matéria sensível; não seria, pois, coisa incrível, se não a tivéssemos visto, que o século dezenove, tão rico em descobertas sobre as leis da Natureza, tão rico em observações e em experiências tenha vindo a adotar os sonhos da magia e das aparições dos Espíritos com a única evocação de um simples mortal? E, no entanto, isso é! E essa nova heresia, importada, segundo as aparências, de países idolatras aos povos do novo mundo, invadiu o antigo, e encontrou adeptos e partidários neste, apesar do facho do Cristianismo que o clareia há dezoito séculos, e condena semelhantes ridicularias, apesar da luz que difundiu sobre toda a sua superfície e particularmente sobre toda a Europa."

N. Uma vez que o Mons. de Barcelona se espanta de que o século dezenove aceite tão facilmente o Espiritismo, apesar de suas tendências positivas e da riqueza de suas descobertas em relação às leis da Natureza, dir-lhe-emos que foi precisamente a aptidão a essas descobertas que produziu esse resultado. As relações do mundo visível e do mundo invisível são uma das grandes leis naturais que estava reservada ao século dezenove revelar ao mundo, assim como tantas outras leis. O Espiritismo, fruto da experiência e da observação, baseado sobre fatos positivos até hoje incompreendidos, mal estudado e ainda mais mal explicado, é a expressão dessa lei; por isso mesmo vem destruir o fantástico, o maravilhoso e o sobrenatural falsamente atribuído a esses fatos, fazendo-os reentrar na categoria dos fenômenos naturais. Como ele vem explicar *o* que era inexplicável, que demonstra o que adianta *e* dá-lhe razão, que não quer ser acreditado sob palavras, que provoca o exame e não quer ser aceito senão com conhecimento de causa, por esses motivos, responde às idéias e às tendências positivas do século. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia é uma conseqüência de sua natureza que lhe dá lugar entre as ciências de observação. Se ele estivesse cercado de mistérios e se tivesse exigido uma fé cega, se o repeliria como um anacronismo.

Jovem ainda, encontra oposição, como todas as idéias novas de uma certa importância; tem contra ele:

1- Aqueles que não crêem senão na matéria tangível, e negam todo poder intelectual fora do homem;

2- Certos sábios que crêem que a Natureza não tem segredos para ele, ou que só a eles compete descobrir o que está ainda oculto;

3- Aqueles que, em todos *os* tempos, se esforçaram por entravar a marcha ascendente do espírito humano, porque temem que o desenvolvimento das idéias, fazendo ver muito claro, prejudique o seu poder e os seus interesses;

4- Enfim, por aqueles que, não tendo tomado partido, e não o conhecendo, julgam-no sobre a deturpação que lhe fazem sofrer seus adversários, tendo em vista desacreditá-lo.

Esta categoria compõe a grande maioria dos opositores; mas ela diminui todos os dias, porque todos os dias o número daqueles que estudam aumenta; as prevenções caem diante de um exame sério, e se prende tanto mais a coisa sobre a qual se reconhece ter se enganado. A julgá-lo pelo caminho que o Espiritismo fez em tão curto espaço de tempo, é fácil prever que dentro em pouco não terá mais contra ele senão os antagonistas de partido tomado; e como eles formam uma pequeníssima minoria, sua influência será nula; eles mesmos sofrerão a influência da massa, e serão forçados a seguir a torrente.

A manifestação dos Espíritos não é somente uma crença, é um fato; ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos de provar que ele não existe, e é o que ninguém ainda demonstrou. Como sobre todos os pontos do globo a realidade do fato é cada dia constatada, crê-se no que se vê; é o que explica a impotência dos negadores para deterem o movimento da idéia. Uma crença não é ridícula senão quando ela é falsa, e não o é mais desde que repouse sobre uma coisa positiva; o ridículo é para aquele que se obstina em negar a evidência.

"Isto deve vos convencer, meus caros filhos e irmãos, da necessidade que o homem tem de crer, e que quando despreza as verdadeiras crenças, abraça com entusiasmo mesmo as falsas.

Foi porque o profundo Pascal disse, num de seus pensamentos: "Os incrédulos são os homens mais levados a tudo crerem." O Espírito de trevas prende os homens por joguete e por instrumento de seus maus desígnios, servindo-se de sua vaidade, de sua credulidade, de sua presunção para fazerem de si mesmos os propagadores e os apóstolos do que riram na véspera, do que qualificam de invenção quimérica e de espantalho para as almas fracas."

"Não, meus irmãos, a verdadeira fé, a doutrina do cristianismo, o ensino constante da Igreja, têm sempre reprovado a prática dessas evocações que levam a crer que o homem tem sobre os Espíritos um poder que não pertence senão unicamente a Deus. "Não está no poder de um mortal que as almas separadas dos corpos depois da morte lhe revelem os segredos que cobrem o véu do futuro." (Mat.,XVI,4.)"

N. O Espiritismo diz também que não é dado aos Espíritos revelar o futuro, e condena formalmente o emprego das comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação; diz que os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos dizer a sorte; diz além disso que nada pode constranger os Espíritos a virem e a falarem quando não o querem. É desnaturá-lo maldosamente o objetivo de pretender que faz da necromancia. (O *Livro dos Médiuns,* cap. XXVI, página 386.)

"Se a sabedoria divina tivesse julgado útil à felicidade e ao repouso do gênero humano instruí-lo sobre as relações entre o mundo dos Espíritos e o dos seres corpóreos, ela no-lo teria revelado de maneira a que nenhum mortal pudesse ser enganado em suas comunicações; teria nos ensinado um meio para reconhecer quando nos tivessem dito a verdade, ou insinuado o erro, e não nos teria abandonado por este discernimento à luz da razão que é um brilho muito fraco para descobrir essas regiões que se estendem além da morte."

N. Uma vez que Deus permite hoje que essas relações existam, -por que é preciso bem admitir que nada chega sem a permissão de Deus,- é que ele julga útil à felicidade dos homens, a fim de lhes dar a prova da vida futura, na qual há tantos que não crêem mais, e porque o número sem cessar crescente dos incrédulos prova que só a Igreja é impotente para retê-los nos redil. Deus lhe envia auxiliares nos Espíritos que se manifestam; repeli-los não é fazer prova de submissão à sua vontade; negá-los, é desconhecer o seu poder; injuriá-los é maltratar seus intérpretes, é agir como os Judeus com respeito aos profetas, o que fez Jesus derramar lágrimas sobre a sorte de Jerusalém.

"Quando, pois, um miserável mortal, desviado por sua imaginação pretende nos dar novidade sobre as sorte das almas no outro

mundo; quando homens de visão curta têm a audácia de querer revelar à Humanidade e ao indivíduo sua destinação indefectível no futuro, usurpam um poder que pertence a Deus, e do qual não se despoja, se não for para o bem da própria Humanidade e dos povos, advertindo-os ou reprimindo-os por intermédio de enviados que, como os profetas, trazem com eles a prova de sua missão, nos milagres que operam, e no cumprimento constante daquilo que anunciaram."

N. Vós negais, pois, as predições de Jesus, uma vez que não reconheceis no que chega o cumprimento do que ele anunciou. Que significam estas palavras; "Derramarei o Espírito sobre toda a carne; vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, vossos filhos terão visões e os velhos sonhos?"

"Podemos considerar como visionários aqueles que, abandonando a verdade e dando o ouvido às fábulas, querem que se escute como revelações os caprichos, os sonhos fantásticos de sua imaginação em delírio. São Paulo, escrevendo a Timóteo, coloca-o em guarda contra tudo isso, ele e as gerações futuras, (l Tim. IV, *v.* 7.) O apóstolo já pressentia, dezoito séculos antes, o que à nossa época a incredulidade deveria oferecer para encher com alguma coisa o vazio que deixa na alma a ausência da fé."

N. Com efeito, a incredulidade é a praga da nossa época; deixa na alma um vazio imenso; por que, pois, a Igreja não a combate? Porque não pode ela reter os fiéis na fé? Os meios materiais e espirituais não lhe faltam, no entanto; não tem imensas riquezas, um inumerável exército de pregadores, a instrução religiosa da juventude? Se seus argumentos não triunfam da incredulidade, é, pois, que não são bastante peremptórios. O Espiritismo não vai sobre seus destroços: *ele faz o que ela não faz,* dirige-se àqueles em que é impotente em conduzir e triunfa dando-lhes a fé em Deus, em sua alma e na vida futura. Que se diria de um médico que, não podendo curar um doente, se opusesse a que ele aceitasse os cuidados de um outro médico que poderia salvá-lo?

É verdade que não preconiza um culto às expensas do outro, que não lança o anátema a ninguém, sem isso seria o bem-vindo daquele do qual teria abraçado a causa exclusiva; mas é precisamente porque *é* portador de uma palavra de união, à qual todos podem responder: "Fora da caridade não há salvação," que vem fazer cessar os antagonismos religiosos, que fizeram derramar mais sangue do que as guerras de conquistas.

"Depois de ter tentado a adivinhação, o sonambulismo pelo magnetismo animal, sem ter podido obter outra coisa senão a reprovação de todo homem sensato; depois de ter visto cair em descrédito as mesas girantes, desenterraram o cadáver infecto desse Espiritismo com os absurdos da transmigração das almas; desprezando os artigos de nosso símbolo, tais como os ensina a Igreja, quiseram substituí-los por outros que os anulem, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno muito diferentes daqueles que nos ensina nossa fé católica."

N. Isto é muito justo; o Espiritismo não admite um inferno onde há chamas, forcados, caldeiras e lâminas de navalha; não admite não mais de que isso seja uma alegria para os eleitos, levantar a tampa das caldeiras para ver nela ferver os condenados, talvez um pai, mãe ou filho; não admite que Deus se compraza em ouvir, durante a eternidade, os gritos de desespero de suas criaturas, sem ser tocado das lágrimas daqueles que se arrependem, mais cruel nisso do que esse tirano que fez construir um respiradouro ligando os calabouços de seu palácio ao seu quarto de dormir, para se dar o *prazer* de ouvir o gemido de suas vítimas; não admite, enfim, que a suprema felicidade consiste numa contemplação perpétua, que seria uma inutilidade perpétua, nem que Deus haja criado as almas para não lhes dar senão alguns anos ou alguns dias de existência ativa, e mergulhá-las em seguida, pela eternidade, nas torturas ou numa inútil beatitude. Se estiver aí a pedra angular do edifício, a Igreja tem razão de temer as idéias novas; não é com tais crenças que fechará o abismo escancarado da incredulidade.

"Com isso, como o disse muito a propósito o sábio bispo de Alger, tudo que pôde fazer os incrédulos foi mudar de face para arrastar essa porção de crentes, cuja fé simples e pouco esclarecida é fácil a se prestar a tudo o que é extraordinário, e, ao mesmo tempo, de conseguir opor um novo obstáculo a conversão dessas almas amortalhadas na indiferença religiosa, que, vendo que se quer reduzir o cristianismo a um enredo de superstições, acabaram por blasfemar contra, ele e o seu autor."

N. Eis uma coisa bem singular! é o Espiritismo que impede a Igreja de converter as almas amortalhadas na indiferença religiosa; mas, então, porque não as converteu antes do aparecimento do Espiritismo? Ele é, pois, mais poderoso do que a Igreja? Se os indiferentes se ligam a ele de preferência, é que, aparentemente, o que ele dá lhes convém mais.

"A fim de que os homens de pouca fé não se escandalizem lendo as doutrinas de *O Livro dos Espíritos, e* não creiam, um único instante, que elas estão em harmonia com todos os cultos e todas as crenças, aí compreendida a fé católica, assim como o pretende Allan Kardec, lhes lembramos que as Escrituras santas as condenam como loucura, dizendo pela boca do Eclesiastes: "As adivinhações, os augúrios e os sonhos são coisas vãs, e o coração sofre com essas quimeras; todas as vezes que não serão enviados pelo Mais Alto, desconfiai disso; porque os sonhos entristecem os homens, e aqueles que se apoiam neles são caídos." (Ecl. XXXVI, *v.* 5, 7.)

"Jesus Cristo censura os seus discípulos por terem acreditado na visão de um fantasma, vendo-o caminhar sobre as águas, e não quer que disso se assegurem de outro modo senão pelos sinais que lhes dá da realidade de sua pessoa. (Luc. XXIV, *v.* 39.)

"A Igreja e os santos Pais, como intérpretes da palavra divina, constantemente repeliram esses meios enganadores pelos quais se crê que os Espíritos se comunicam com os homens, e a razão esclarecida os repele também, porque, compreendendo que, por ela só e sem o recurso da fé, não pode abarcar as coisas nem as verdades que se relacionam ao passado na ordem sobrenatural; como pode ela pretender alcançar, por si mesma, num estado de transporte, ou arrastada por uma imaginação ardente, o que não pode se verificar senão de uma maneira, num lugar, e em circunstâncias imprevistas?

"Se, pois, em outras ocasiões, elevamos a voz contra esse materialismo ímpio, essa incredulidade sistemática que nega a imortalidade da alma separada do corpo nos diferentes estados aos quais a destina a justiça divina pela eternidade, hoje nos vemos obrigados a protestar contra essa comunicação ativa que se atribui à evocação dos mortos, e que pretende revelar o que não é perceptível senão à penetração infinita de Deus.

"Não vos deixeis arrastar, meus irmãos, meus filhos amados, por essas fábulas vãs, recebendo os erros e as preocupações dos povos bárbaros e ignorantes, e todas as invenções absurdas de pessoas cujo espírito, enfraquecido pela falta da fé verdadeira e pela superstição, abjuraa religião revelada pelo filho de Deus, corrompe a razão humana e expulsa a pureza da alma. Longe de nossos bem-amados diocesanos, e sobretudo desses leitores reputados, com razão, esclarecidos e civilizados, de juntar a fé aos contos de sonhadores tais como Allan Kardec, homens de imaginação exaltada e em delírio! Longe de nós, pois, essa crença anti-cristã que faz os fantasmas saírem do túmulo, os Espíritos errantes; longe de vós essa superstição importada em nossa religião pelos pagãos convertidos ao cristianismo, e que os escritos de seus sábios apologistas dela afastarão logo."

N. Os Espíritas jamais fizeram os fantasmas saírem dos túmulos, pela razão muito simples de que nos túmulos não há senão o despojo mortal que se destrói e não ressuscita. Os Espíritos estão por toda a parte no espaço, felizes de estarem livres e desembaraçados do corpo que os fazia sofrer; é porque não se prendem aos seus restos, e fogem deles mais do que os procuram. O Espiritismo tem sempre repelido *a* idéia de que as evocações eram mais fáceis junto aos túmulos, de onde não se pode fazer sair o que ali não está. Não é senão no teatro que se vêem essas coisas.

'Tende cuidado que vossos filhos, levados pela curiosidade da jovem idade, não leiam semelhantes produções, e não se impressionem com suas imagens que fizeram perder o senso comum a um grande número de pessoas, que gemem hoje nas casas de alienados, vítimas do Espiritismo.

"Fazei todos os vossos esforços, meus filhos e meus irmãos, para conservar pura a doutrina que nosso divino Mestre nos ensinou; tranqüilizai-vos e apoiai-vos unicamente sobre sua santa palavra com respeito ao futuro. E sabendo que é à Providência divina, sempre sábia, que cabe conduzir o homem através das vicissitudes desta vida, para provar a sua fé, e avivar a sua esperança, sem querer sondar vossa sorte futura, procurai assegurá-lo por meio das boas obras, tornando certa por elas a vossa vocação de filhos de Deus, chamados à herança do Pai celeste."

N. Antes de deter a curiosidade dos filhos, não seria preciso aguilhoar a dos pais, o que esse mandamento não pode deixar de produzir. Quanto à loucura, é sempre a mesma história, que começa ser singularmente usada, e cujo resultado não foi mais feliz do que a dos pretensos fantasmas. As experiências se fazem de todos os lados, muito mais ainda na intimidade das famílias do que em público, e os médiuns se encontrando por toda a parte, em todas as classes da sociedade, e de todas as idades, cada um sabe em que se prender sobre o verdadeiro estado das coisas; é por isso que os esforços que se fazem para mascarar o Espiritismo são sem importância. O número daqueles que de falsas alegações chegam a se enganar é muito fraco, e deles muitos, querendo ver por si mesmos, reconhecem a verdade. Como persuadir a uma multidão de pessoas que é noite, então que todos estão em condições de ver que é claro? Essa faculdade

de controle prático, dada a todo o mundo, é um dos caracteres especiais do Espiritismo, e é o que faz a sua força. Isso ocorre de outro modo com doutrinas puramente teóricas que se pode combater pelo raciocínio; mas o Espiritismo é fundado sobre os fatos e as observações que cada um tem, sem cessar, sob a mão.

Toda a argumentação do Mons. de Barcelona se resume assim: As manifestações dos Espíritos são fábulas imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião; não é preciso crer no que dizemos, porque só nós estamos de posse da verdade; não examineis nada além, de medo que não sejais seduzidos.

"Para prevenir os perigos aos quais poderíeis sucumbir, e em virtude da autoridade divina que nos foi dada para vos assinalar e vos afastar disso, conforme *a* faculdade que nos é reconhecida pelo artigo 3 da última concordata, e de acordo com o que foi previsto pelos cânones sagrados, *e as* leis do reino, no tocante aos erros que assinalamos e combatemos, condenamos *O Livro dos Espíritos,* traduzido em espanhol sob o título de *El Libro de los Espíritos,* por Allan Kardec, como compreendido nos artigos 8 e 9 do catálogo promulgado em virtude da prescrição, para esse efeito, do concilio de Trento. Nós lhe proibimos a leitura a todos os nossos diocesanos, sem exceção, e lhes ordenamos entregar aos seus curas respectivos os exemplares que poderão cair em suas mãos, para que nos sejam remetidos com toda a segurança possível.

"Dado em nossa santa visita de Mataro, a 27 de julho de 1864."

PANTALEON, *bispo de Barcelona.*

Por ordem de S. E. S. Monsenhor bispo,
DON LÁZARO BAULUZ, *secretário.*

A proibição feita pelo Mons. de Barcelona a todos os seus diocesanos, sem exceção, de se ocupar do Espiritismo, está calcada sobre a do Mons. de Argel. Duvidamos muito que ela tenha mais sucesso, embora isso seja na Espanha; porque neste país as idéias fermentam como em toda a parte, mesmo sem abafá-las, e talvez por causa do abafamento que elas ficam como em estufa quente. O auto-de-fé de Barcelona apressou a sua eclosão. O efeito que se tinha prometido dessa solenidade aparentemente não respondeu à espera, uma vez que não se renovou; mas a execução que não se usa mais fazer em público, se quer fazê-la em particular. Convidando seus administrados a lhe remeter todos os livros espíritas que lhes caírem nas mãos, o Mons. Pantaléon, sem dúvida, não tinha em vista deles fazer coleção. Sua interdição de evocar os Espíritos, é seu direito; mas em sua ordenação esqueceu uma coisa essencial, a de fazer proibição aos Espíritos de entrarem na Espanha.

Admira-se que o Espiritismo tome tão facilmente raiz no século dezenove; deve se admirar ainda mais de ver neste século ressuscitar os usos e costumes da idade média; e o que é surpreendente ainda, é que aí se encontram pessoas, instruídas de resto, compreendendo muito pouco a natureza e o poder da idéia, para crer que se pode deter-lhe a passagem, como se detém um pacote de mercadoria na fronteira.

Não lamenteis, monsenhor, de que os incrédulos e os indiferentes permaneçam surdos à voz dos pastores da Igreja, ao passo que se entregam à do Espiritismo; é que eles são mais tocados pelas palavras de caridade, de encorajamento e de consolo do que pelos anátemas. Crê-se conduzi-los por imprecações como a que pronunciou recentemente o cura de Villemayor-de-Ladre contra um pobre mestre escola que havia feito erro de desagradá-lo? Eis esta fórmula canônica narrada pela *Correspondência* de Madri, do mês de junho de 1864, e junto da qual a famosa imprecação de Camille é quase da doçura; o poeta pôde pô-la na boca de um pagão, e não ousou pô-la na de um cristão.

"Maldito seja Auguste Vincent; malditas sejam as vestes com as quais se cobre, a terra sobre a qual caminha, a cama onde dorme e a mesa onde come; malditos sejam o pão, e além disso, todos os outros alimentos dos quais se nutre, a fonte onde bebe, e além disso, todos os líquidos que toma.

"Que a terra se abra e que ele seja enterrado neste momento; que Lúcifer esteja ao seu lado direito. Ninguém pode falar com ele, sob pena de serem todos excomungados, somente lhe dizendo adeus; maldi-

tos também sejam seus campos, sobre os quais não cairá mais água, a fim de que nada lhe produzam; malditos sejam o jumento que monta, a casa onde mora e as propriedades que possui.

"Malditos sejam também seus pais, os filhos que tem e que tiver, que serão em pequeno número e maus; eles irão mendigar e não haverá ninguém que lhes dará esmola, e se lhe a derem, que não possam comê-la. Além do mais, que sua mulher, neste instante, fique viúva, seus filhos órfãos e sem pai."

É bem num templo cristão que podem ressoar tão horríveis palavras? É bem um ministro do Evangelho, um representante de Jesus Cristo que pôde pronunciá-las? que, por uma injúria pessoal, lance um homem à execração de seus semelhantes, *à* condenação eterna e a todas as misérias da vida, seu pai, sua mãe, seus filhos presentes e futuros, e tudo que lhe pertence? Jesus jamais teve uma semelhante linguagem, ele que orava por seus carrascos, e que disse: "Perdoai aos vossos inimigos;" que nos faz cada dia repetir, na Oração dominical: "Senhor, perdoai as nossas ofensas, como nós perdoamos àqueles que nos ofenderam." Quando pronuncia a maldição contra os Escribas e os Fariseus, chama sobre eles a cólera de Deus? Não; mas lhes prediz as infelicidades que os esperam.

E vós vos espantais, monsenhor, do progresso da incredulidade! Espantai-vos antes de que no século dezenove a religião do Cristo seja tão mal compreendida por aqueles que estão encarregados de ensiná-la. Não estejais, pois, surpreso se Deus envia seus bons Espíritos para lembrar o sentido verdadeiro de sua lei. Eles não vêm destruir o Cristianismo, mas livrá-lo das falsas interpretações e dos abusos que os homens nele introduziram.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

OS *ESPÍRITOS NA ESPANHA.*

(Barcelona, 13 de junho de 1864. - Médium, senhora J.)

Venho junto a vós para que tenhais a bondade de me recomendar a Deus em vossas preces, porque sofro, e desejo que as almas caridosas encarnadas tenham compaixão de um pobre Espírito que pede a Deus o seu perdão. Por muito tempo estagnei no mal, mas hoje venho dizer aos Espíritos que o fazem: Cessai, almas impuras em nossas iniqüidades, cessai de ser incrédulos e de levar uma vida errante tal qual a vossa; cessai, pois, de fazer o mal, porque Deus disse aos seus bons Espíritos: "Ide, e purificai essas almas perversas que jamais conheceram o bem; é preciso que o mal cesse, porque estão próximos os tempos em que a Terra deve ser melhorada. Para que ela seja melhor, é preciso que essas almas enlameadas, que cada dia vêm povoá-la, se purifiquem, a fim de habitar essa nova Terra, melhores e caridosas."

Foi o que Deus disse aos seus bons Espíritos; e eu que era um dos mais cruéis nas obsessões, venho hoje dizer àqueles que fazem o que eu fazia: Almas desviadas, segui-me; pedi perdão a Deus e a essas almas puras que vos estendem os braços; implorai, e Deus vos perdoará; mas perdoai também, vós, e arrependei-vos; o perdão é tão doce! Ah! se vós o conhecêsseis, não tardaríeis um instante em vos retirar da lama do mal em que estagnais; voaríeis logo nos braços dos anjos que estão junto de vós. Cessai, cessai, irmãos, isto vos peço; cessai e segui-me; arrependei-vos.

Meus amigos, permiti que vos dê este nome, embora não me conheçais: Sou um desses Espíritos que tudo fizeram fora do bem; mas a todo pecado misericórdia, e uma vez que Deus me concede o meu perdão, e que os anjos consentiram em me dar o nome de irmão, espero que vós, que praticais a caridade, orareis por mim, porque tenho provas bem duras a suportar; mas elas são merecidas.

P. Há muito tempo que tomastes o caminho do bem? - *R.* Não, meus amigos, há pouco tempo, porque sou o Espírito obsessor da jovem de Marmande; sou Jules, e venho

junto às almas caridosas pedir-lhes para orarem por mim, e dizer também aos meus antigos companheiros: "Parai! não façais mais o mal, porque Deus perdoa aos pecadores arrependidos; arrependei-vos, e sereis absolvidos. Venho vos trazer as palavras de paz; recebei do anjo que está aqui presente o santo batismo, como eu mesmo recebi."

Caros amigos, eu vos deixo, recomendando-vos não vos esquecer de mim em vossas boas preces. Adeus.

JULES.

Tendo perguntado ao Espírito se o da Pequena Cárita, sua protetora, o acompanhava, ele respondeu afirmativamente. Pedi-mos a esse bom Espírito consentir em nos dizer algumas palavras relativamente às obsessões que combatemos há muito tempo. Eis o que nos disse:

"Meus amigos, as obsessões que fazem o tormento dessas pobres almas encarnadas são muito dolorosas, sobretudo para os médiuns que desejam se servir de sua faculdade para fazer o bem, e não o podem, porque Espíritos malévolos se abatem sobre eles e não lhes deixam tranqüilidade; mas é preciso esperar que essas obsessões cheguem ao seu fim. Orai muito, pedi a Deus, a bondade mesmo, que consinta em abreviar os vossos sofrimentos e as vossas provas. Evocai, caras almas, esses Espíritos desviados; orai por eles; moralizai-os; pedi conselhos aos bons Espíritos. Estais bem assistidos; não tendes junto a vós várias dessas almas etéreas que querem velar sobre vós e vos protegem, e procuram vos fazer progredir, para que chegueis junto a Deus; aí está a sua tarefa; trabalham sem cessar para vos preparar a vida que jamais se acaba. Se não estais livres, meus caros amigos, sem dúvida é que não estais bastante purificados para a tarefa que vos impusestes. Escolhestes vossa prova livremente e deveis vos esforçar por levá-la a bom fim, porque os Espíritos vos guiam e vos sustentam para vos ajudar a terminar a vida terrestre santamente, vos depurando pela expiação do sofrimento e pela caridade.

"Adeus, caros amigos; eu vos deixo, pedindo a Deus por vós e por esses pobres obsidiados, e peço-lhe que sejais sempre protegidos pelos Espíritos purificados de vosso grupo. (Ver a *Revista* de fevereiro, março e junho de 1864: a cura da jovem obsidiada de Marmande.)

PEQUENA CÁRITA."

Eis dois Espíritos que violaram a ordenação e passaram os Pireneus sem permissão, sem levar em conta a ordenação do Mons. Pantaléon, e, o que mais é, sem haverem sido chamados nem evocados. E verdade que a ordenação não tinha ainda aparecido; veremos se agora serão mais atrevidos. Poder-se-ia dizer que se, nessa reunião, não se os chamou, tinha-se o hábito de chamá-los em outras, e que, encontrando a porta aberta, aproveitaram para entrar; mas não se tardará, se isso já não foi feito, em ver ali se introduzirem, ali como em outra parte, como em Poitiers, por exemplo, aquelas pessoas que jamais terão ouvido falar do Espiritismo, e mesmo aqueles que, escrupulosos observadores da ordenação, lhes fecharão a entrada de suas casas, e isso apesar dos policiais.

Uma vez que aqueles que são referidos aqui se permitiram essa injúria, perguntaremos ao Monsenhor o que há de ridículo nesse fato, *e* onde está o *cinismo imundo* que, segundo ele, é o fruto do Espiritismo: Uma jovem de Marmande, que nem ela nem seus pais pensavam nos Espíritos, que talvez nem neles acreditavam, é atingida, há mais de um ano, de uma doença terrível, bizarra, diante da qual a ciência fracassou. Alguns Espíritas creram ali reconhecer a ação de um mau Espírito; empreenderam a sua cura sem medicamentos, pela prece *e* pela evocação desse mau Espírito, e em cinco dias, não só lhe devolveram a saúde, mas conduziram o mau Espírito ao bem. Onde está o mal? onde está o absurdo? Depois, esse mesmo Espírito vem a Barcelona, sem ser chamado, reclamar preces das quais tem necessidade para terminar a sua purificação; se dá por exemplo e convida seus antigos companheiros a renunciar ao mal; o bom Espírito que o

acompanha prega uma moral evangélica; o que há ainda aí de ridículo e de imundo? O que é ridículo, dizeis, é crer na manifestação dos Espíritos. Mas o que são esses dois seres que vêm de se comunicar? São um efeito da imaginação? Não, uma vez que nem pensavam neles, nem no fato dos quais vêm falar. Quando estiverdes morto, Monsenhor, vereis as coisas de outro modo, e pedimos a Deus que vos esclareça, como fez para o vosso predecessor, hoje um dos protetores do Espiritismo em Barcelona.

Entre as comunicações que deu à Sociedade Espírita de Paris, eis a primeira que já foi publicada nesta Revista; nós a reproduzimos, no entanto, para a e edificação daqueles que não a conhecem. (Ver a Revista de agosto de 1862, página 231: A morte do bispo de Barcelona, e, para os detalhes do auto-de-fé, os números de novembro e dezembro de 1861.)

"Ajudado por vosso chefe espiritual (São Luís), pude vir vos ensinar pelo meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias acumuladas gritarão como a voz do anjo: Caim, que fizeste de teu irmão? Que fizeste de nosso poder, que deveria consolar e elevar a Humanidade? O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são de corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que sua preguiça e seu orgulho lhe fizeram evitar; e essa terrível voz me disse: Tu queimaste as idéias, e as idéias te queimarão. Orai por mim; orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe dirige o perseguido por seu perseguidor.

"Aquele que foi bispo e não é mais do que um penitente." Os Espíritos não se detêm em Barcelona; Madri, Cadiz, Sevilha, Múrcia e muitas outras cidades recebem suas comunicações, às quais o auto-de-fé deu um novo impulso, aumentando o número dos adeptos. Sem ter o dom de profecia, podemos dizer com certeza que meio século não passará sem que toda a Espanha seja Espírita.

(Múrcia (Espanha) 28 de junho de 1864.)

Pergunta a um Espírito protetor. Poderíeis nos falar do estado das almas encarnadas nos mundos superiores ao nosso?

Resposta. Tomo como ponto de comparação com o vosso, um mundo sensivelmente mais avançado, onde a crença em Deus, na imortalidade da alma, na sucessão das existências para alcançar a perfeição, são tantas verdades reconhecidas e compreendidas por todos, onde a comunicação dos seres corpóreos com o mundo oculto, por isso mesmo, é muito mais fácil. Os seres ali são menos materiais do que sobre a vossa Terra, e não estão sujeitos a todas as necessidades que vos pesam; formam a transição dos corpóreos aos incorpóreos. Ali nada de barreiras que separem os povos, nada de guerras; todos vivem em paz, praticando entre si a caridade e a verdadeira fraternidade; as leis humanas ali são inúteis; cada um traz consigo a sua consciência que é o seu tribunal. O mal ali é raro, e ainda esse mal seria quase o bem para vós. Com relação a vós, seriam perfeitos, mas da perfeição de Deus, estão ainda muito longe; lhes é preciso ainda mais de uma encarnação sobre diversas terras para terminar a sua purificação. Aquele que vos parece perfeito sobre a Terra seria considerado como um revoltado e um criminoso no mundo do qual vos falo; os vossos maiores sábios ali seriam os últimos ignorantes.

Nos mundos superiores, as produções da Natureza não têm nada de comum com as de vosso globo; tudo ali é apropriado à organização menos material dos habitantes. Não é pelo suor de seu rosto e pelo trabalho manual que deles tiram a sua nutrição; o solo produz naturalmente o que lhes é necessário. No entanto, não são inativos; mas suas ocupações são diferentes das vossas; não tendo que prover às necessidades do corpo, provêm à do Espírito; cada um compreendendo porque foi criado, está positivamente certo de seu futuro, e trabalha sem descanso para a sua melhoria e a purificação de sua alma.

A morte ali é considerada como um benefício. O dia em que uma alma deixa o seu envoltório é um dia feliz. Sabe-se onde vai; passa-se primeiro para ir esperar mais tarde seus parentes, seus amigos e os Espíritos simpáticos que são deixados atrás de si.

Terra de paz, morada afortunada, onde *as* vicissitudes da vida material são desconhecidas, onde a tranqüilidade da alma não é perturbada nem pela ambição, nem pela sede de riquezas, felizes aqueles que a habitam! Tocam o objetivo que perseguiram há tantos séculos; vêem, sabem, compreendem; regozijam-se pensando no futuro que os espera, e trabalham com mais ardor para chegar mais prontamente.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

Esta comunicação não oferece nada que não haja sido dito sobre os mundos avançados; mas nela não é menos interessante ver *a* concordância que se estabelece no ensino dos Espíritos sobre os diversos pontos do globo. Com tais elementos, como a unidade da Doutrina não se faria?

Até o presente, os pontos fundamentais da Doutrina estando constituídos, os Espíritos têm poucas coisas novas para dizer; não podem mais que repeti-las em outros termos, desenvolver e comentar os mesmos assuntos, o que estabelece uma certa uniformidade em seus ensinos. Antes de abordar novas questões, deixam àquelas que estão resolvidas o tempo de se identificarem com o pensamento; mas, à medida que o momento é propício para dar um passo adiante, se os vê abordar novos assuntos que, mais cedo, teriam sido prematuros.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO.

UM ESPÍRITO QUE SE CRÊ MÉDIUM.

A senhora Gaspard, amiga da senhora Delanne, era uma fervorosa espírita; lamentava não ser médium; sobretudo desejava ser médium vidente. Há muito tempo sofria muito de um aneurisma; no dia 2 de julho último, a ruptura desse aneurisma levou, na noite, à morte súbita dessa senhora. A senhora Delanne não fora ainda informada do acontecimento, quando, no dia, ela ouviu pancadas nas diferentes partes de seu quarto; no início não prestou grande atenção, mas a persistência desses golpes fê-la pensar que algum Espírito pedia para se comunicar. Como ela era muito bom médium, tomou o lápis e escreveu o que se segue:

Oh! boa senhora Delanne, como me fizestes esperar! Eu corri para vos contara minha nova faculdade: sou médium vidente. Vi minha cara Émile, meus filhinhos, minha mãe, a mãe do Sr. Gaspard. Oh! quanto vai ficar feliz, quando o souber! Obrigada, meu Deus! por um tão grande favor.

P. - É bem vós, senhora Gaspard, que me falais neste momento?

R-Como! não me vedes? Vim até vós porque já faz muito tempo. Estava impaciente porque não me respondíeis. Vamos! vais vir, não é? é vossa vez agora. E depois, isso vos fará bem; iremos passear, agora que estou bem. Oh! quanto se é feliz em rever aqueles que se ama! é, no entanto, o que me curou. Como o bom Deus é bom, e como ele cumpre as suas promessas, quando se é fiel aos seus mandamentos!- Hein, meu Émile! e dizer que meu pobre pai vai me dizer ainda que sou louca! Isso não faz nada, lhe direi tudo do mesmo modo.-Vamos, partamos? É preciso levar a vossa mãe, isso lhe fará bem. Pobre mulher! ela tem o ar tão bom.

P. - Vejamos, boa senhora Gaspard, partamos, eu vos sigo; vamos em sua casa, em Châtillon? Dizei-me o que vedes, ou antes, o que se passa ali nesse momento.

R. - Coisas singulares!

A esta palavra, o Espírito se foi dali, e a senhora Delanne nada mais pôde obter.

Para *a* compreensão desta última parte da comunicação, diremos que, há algum tempo, uma partida de campanha a Châtillon era projetada entre essas duas senhoras. A senhora Gaspard, surpreendida por uma morte súbita, não se deu conta de sua posição, e se crê ainda viva; como ela vê os Espíritos daqueles que lhe são caros, pensou ter se tornado médium vidente; é uma particularidade notável da transição da vida corpórea à vida espiritual. Além disso, a senhora Gaspard, achando-se livre de seus sofrimentos, crê estar curada, e vem renovar seu convite à senhora Delanne. No entanto, as idéias nela estão confusas, porque vem adverti-la batendo golpes ao seu redor, sem compreender que ela não seria ali notada desse modo se estivesse viva.

A senhora Delanne compreendeu em seguida a singularidade da posição, mas, para não desenganá-la, convida-a a ver o que se passa em Châtillon. Sem dúvida, o Espírito para lá se transporta e é chamado à realidade por alguma circunstância imprevista, uma vez que exclama: "Coisa singular!" e interrompe a sua comunicação.

De resto, a ilusão não foi de longa duração; a partir do dia seguinte, a senhora Gaspard estava completamente desligada, e ditou uma excelente comunicação dirigida ao seu marido e aos seus amigos, se felicitando por ter conhecido o Espiritismo, que lhe havia proporcionado morte isenta das angústias da separação.

ESTUDOS MORAIS.

UMA FAMÍLIA DE MONSTROS.

Escreveu-se de Brunswick ao *Pays:*

"Uma camponesa das cercanias de Lutter vem de colocar no mundo uma criança que tem todas as aparências de um macaco, porque seu corpo, quase inteiramente, é coberto de pêlos negros e espessos, e o próprio rosto não é isento dessa estranha vegetação.

"Casada há doze anos, e embora admiravelmente conformada, essa infeliz mulher não pôde ainda colocar no mundo um único filho que não fosse atingido por enfermidades mais ou menos medonhas.

"Sua filha primogênita, com idade de dez anos é completamente corcunda, e sua fisionomia parece copiar, traço por traço, a do Polichinelo. Seu segundo filho é um menino de sete anos; ele não tem pernas e coxas. O terceiro, que vai fazer seu quinto ano, é surdo-mudo e idiota. Enfim, a quarta, uma pequena de dois anos e meio, é completamente cega.

"Qual deve ser a causa desse estranho fenômeno? Está aí um ponto que a ciência deve esclarecer.

"O pai é um homem perfeitamente constituído e que apresenta todas as aparências da mais robusta saúde, e nada pode explicar a espécie de fatalidade que pesa sobre a sua raça."

(*Moniteurde* 20 de julho de 1864.)

"Está aí, disse o jornal, um ponto que a ciência deve esclarecer." Há muitos outros fatos diante dos quais a ciência permanece impotente, sem contar os de Morzines e os de Poitiers. A razão disso é muito simples, é que ela se obstina em não procurar as causas senão na matéria, e não levar em conta senão as leis que conhece. Ela está, com relação a certos fenômenos, na posição em que se achava se não tivesse saído da física de Aristóteles, se tivesse desconhecido a lei da gravidade ou da eletricidade; onde se achava a religião enquanto esta desconheceu a lei do movimento dos astros; onde estão ainda hoje aqueles que desconhecem a lei geológica de formação do globo?

Duas forças dividem o mundo: o espírito e a matéria. O espírito tem suas leis, como a matéria tem as suas; ora, essas duas forças reagindo incessantemente uma sobre a outra, disso resulta que certos fenômenos materiais têm como causa a ação do espírito, e que umas não podem ser compreendidas se não se levar em conta as outras. Fora das leis tangíveis, há, pois, uma outra que desempenha no mundo um papel capital, é a das relações do mundo visível e do mundo invisível. Quando a ciência reconhecer a existência dessa lei, nela encontrará a solução de uma multidão de problemas contra os quais se choca inutilmente.

As monstruosidades, como todas as enfermidades congênitas, sem dúvida, têm uma causa fisiológica que é da competência da ciência material; mas, supondo que ela venha a surpreender os segredos desses desvios da Natureza, ficará sempre o problema da causa primeira, e a conciliação do fato com a justiça de Deus. Se a ciência diz que isso não lhe concerne, isso não poderia ser assim com a religião. Quando a ciência demonstra a existência de um fato, à religião incumbe o dever de procurar-lhe a prova da soberana sabedoria. Ela jamais procurou, do ponto de vista da divina eqüidade, o mistério dessas existências anormais? dessas fatalidades que parecem perseguir certas famílias, sem causas atuais conhecidas? Não, porque ela sente a sua impossibilidade, e se assusta com essas questões temíveis para seus dogmas absolutos. Até hoje se havia aceito o fato sem ir mais longe; mas hoje pensa-se, reflete-se, se quer saber; interroga-se a ciência, que procura nas fibras e permanece muda; interroga-se a religião, que responde: Mistério impenetrável!

Pois bem! o Espiritismo vem rasgar esse mistério, dele faz sair a brilhante justiça de Deus; prova que essas almas deserdadas desde o seu nascimento neste mundo já viveram, e que expiam, em seus corpos disformes, faltas passadas; a observação o demonstra e a razão o diz, porque não se poderia admitir que elas sejam castigadas ao sair das mãos do Criador antes de nada terem feito.

Bem, dir-se-á, para o ser que nasce assim; e os pais? mas essa mãe que não dá o dia senão aos seres infelizes; que é privada de ter a alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que ela possa mostrar com orgulho? A isso o Espiritismo responde: Justiça de Deus, expiação, prova para a sua ternura maternal, porque é um bem muito grande não ver ao seu redor senão os pequenos monstros em lugar de filhos graciosos. Ele acrescenta: Não há uma única infração às leis de Deus que não tenha, cedo ou tarde, suas conseqüências funestas, sobre a Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta vida ou numa vida seguinte. Pela mesma razão: não uma única vicissitude da vida que não seja a conseqüência e a punição de uma falta passada, e isso será assim para cada um, enquanto não estiver arrependido, não terá expiado e reparado o mal que fez; ela retorna à Terra para expiar e reparar; cabe-lhe se melhorar bastante neste mundo, para nele não retornar mais *como condenado.* Freqüentemente, Deus se serve daquele que é punido para nisso punir outros; é assim que os Espíritos dessas crianças devendo, por punição, se encarnar em corpos disformes, são, com o seu desconhecimento, instrumentos de expiação para a mãe que lhe deu nascimento. Essa justiça distributiva, proporcional à duração do mal, vale mais de que a das penas eternas, irremissíveis, que fecham para sempre o caminho do arrependimento e da reparação.

Tendo sido o fato acima lido na Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo filosófico, um Espírito deu a explicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 29 de julho de 1864.)

Se pudésseis ver as forças ocultas que fazem mover o vosso mundo, compreenderíeis como tudo se encadeia, desde as menores coisas até as maiores; compreenderíeis sobretudo a ligação íntima que existe entre o mundo físico e o mundo moral, essa grande lei da Natureza; veríeis a multidão das inteligências que presidem a todos os fatos e os

utilizam para fazê-los servir ao cumprimento dos objetivos do Criador. Suponde-vos um instante diante de uma colmeia cujas abelhas seriam invisíveis; o trabalho que veríeis cada dia realizado vos espantaria, e vos exclamaríeis talvez: Singular efeito do acaso! Pois bem! estais em realidade em presença de uma oficina imensa, conduzida por inumeráveis legiões de trabalhadores invisíveis para vós, dos quais uns não são senão manobradores que obedecem e executam, ao passo que outros comandam e dirigem, cada um em sua esfera de atividade proporcional ao seu desenvolvimento e ao seu adiantamento, e assim de passo em passo, até a vontade suprema que dá impulso a tudo.

Assim se explica a ação da Divindade nos detalhes mais ínfimos.

Do mesmo modo que os soberanos temporários, Deus tem seus ministros, e estes os agentes subalternos, órgãos secundários do grande governo do Universo. Se, num país bem administrado, o menor lugarejo sente os efeitos da sabedoria e da solicitude do chefe do Estado, o quanto a sabedoria infinita do Mais Alto deve se estender aos pequenos detalhes da criação! Não creiais que essa mulher, da qual acabais de falar, seja a vítima do acaso ou de uma cega fatalidade; não, o que lhe chega tem a sua razão de- ser, estejais disto bem convencidos. Ela é castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres infelizes dos quais desviava seu olhar com nojo, em lugar de cercá-los com um olhar de comiseração; tirou vaidade da beleza física de seus filhos, às expensas de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque a beleza do corpo, aos seus olhos, tinha mais valor do que a beleza da alma; assim desenvolveu neles os vícios que lhes retardaram o adiantamento, em lugar de desenvolver as qualidades do coração. Foi porque Deus permitiu que, em sua existência atual, ela não tivesse senão filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer a sua repugnância pelos infelizes. É, pois, para ela uma punição e um meio de adiantamento; mas, nessa própria punição, brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma mão, e com a outra dá sem cessar ao culpado os meios de se remir.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

VARIEDADES

UM SUICIDO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO.

O *Moniteur* de 6 de agosto contém o artigo seguinte, que o *Siècle* reproduziu no dia seguinte:

"Ontem, quinta-feira, às duas horas depois do meio dia, um jovem, com a idade de apenas dezenove anos, filho de um médico, se suicidou em seu domicílio do aterro dos Martyrs, se dando um tiro de pistola na boca.

"A bala despedaçou-lhe a cabeça e no entanto a morte não foi instantânea; conservou a sua razão durante alguns instantes, e, às perguntas que lhe foram dirigidas, respondeu que à parte do desgosto que iria causar ao seu pai, não tinha nenhum arrependimento do que havia feito. Depois o delírio se apossou dele, e, apesar dos cuidados com que o cercaram, morreu na mesma noite, depois de uma agonia de cinco horas.

"Há algum tempo esse infeliz jovem nutria, diz-se, pensamentos de suicídio, e presume-se, *certo ou errado, que o estudo do Espiritismo,* ao qual se entregou com ardor, não é estranho a essa fatal resolução."

Esta notícia, sem dúvida, circulará pela imprensa, como outrora a dos quatro pretensos loucos de Lyon, que foi a cada vez repetida com a adição de um zero, tanto nossos adversários procuram com avidez as ocasiões de encontrar do que falar mal contra o Espiritismo. A verdade não tarda a ser conhecida, mas que importa! espera-se que de uma boa pequena calúnia vendida ao povo reste sempre alguma coisa. Sim, disso fica alguma

coisa: uma mancha sobre os caluniadores. Quanto à Doutrina, não se percebe que haja sofrido com isso, uma vez que não prosseguiu menos em sua marcha ascendente.

Felicitamos o diretor do *Avenir,* Sr. d'Ambel, em sua pressa em se informar da verdadeira causa do acontecimento. Eis o que disse a esse respeito, em seu número de 11 de agosto de 1864:

"Confessamos que a leitura desse fato nos mergulhou na mais profunda estupefação. Nos é impossível não protestar contra a leviandade com a qual o órgão oficial acolheu uma semelhante acusação. O *Espiritismo é* completamente estranho ao ato desse infeliz jovem. Nós que somos vizinhos do lugar do sinistro, sabemos pertinentemente que tal não foi a causa desse suicídio espantoso. Não é senão com a maior reserva que devemos indicar a verdadeira causa dessa catástrofe; mas, enfim, a verdade é a verdade, e nossa Doutrina não pode ficar sob o golpe de uma tal imputação.

"Há muito tempo, esse jovem, que se apresenta como se entregando com ardor ao estudo de nossa Doutrina, havia fracassado em várias vezes em seus exames para o bacharelado. O estudo lhe era antipático, tanto quanto a profissão paterna; deveria proximamente passar por um outro exame, e foi em seguida de uma viva discussão com o seu pai que, temendo fracassar ainda, ele tomou e pôs em execução a fatal resolução.

"Acrescentamos que se tivesse realmente conhecido o *Espiritismo,* nossa Doutrina tê-lo-ia detido sobre a inclinação fatal, mostrando-lhe todo o horror que nos inspira o suicídio e todas as conseqüência terríveis que esse crime arrasta consigo. (Ver *O Livro dos Espíritos, p.* 406 e seguintes.)"

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS
Pelo Sr. Camille Flammarion.

Nossos leitores se lembram de uma brochura, sob o mesmo título, publicada pelo Sr. Flammarion, e da qual demos conta, com o elogio que ela merecia, na *Revista Espírita* de janeiro de 1863. O sucesso desse opúsculo convidou o autor a desenvolver a mesma tese numa obra mais completa, onde a questão é tratada com todos os desenvolvimentos que ela comporta, no ponto de vista da astronomia, da fisiologia e da filosofia natural.

Nesta obra é feita abstração do Espiritismo, do qual não falou, e, por isso mesmo, se dirige aos incrédulos tanto quanto aos crentes; mas, como a teoria da pluralidade dos mundos habitados se liga intimamente à Doutrina Espírita, é muito importante vê-la consagrada pela ciência e pela filosofia. Sob esse aspecto esta notável e sábia obra tem seu lugar marcado na biblioteca dos Espíritas.

É neste mesmo ponto de vista, quer dizer, fora da revelação dos Espíritos, que será tratada a importante questão da *pluralidade das existências,* numa obra nesse momento no prelo, editada pelos Srs. Didier e Co. O nome do autor, conhecido no mundo sábio, é uma garantia de que seu livro estará à altura do assunto.

A VOZ DE ALÉM-TÚMULO,
Jornal do Espiritismo, publicado em Bordeaux, sob a direção do Sr. Aug. Bez.

Eis a quarta publicação periódica espírita que aparece em Bordeaux, e estamos felizes de compreender nas reflexões que fizemos no nosso último número sobre as publicações do mesmo gênero. Conhecemos o Sr. Bez de longa data como um dos firmes sustentáculos da causa; sua bandeira é a mesma que a nossa, temos fé em sua prudência e em sua moderação; é, pois, um órgão a mais que vem juntar sua voz às que defendem os verdadeiros princípios da Doutrina; que seja bem-vindo!

Anunciam-nos que logo Marseille terá também seu jornal espírita.

A multiplicação desses jornais especiais nos sugeriu importantes reflexões em seu interesse, mas que a falta de espaço nos obriga a remeter a um próximo número.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO | NO. 10 | OUTUBRO 1864

O SEXTO SENTIDO E A VISÃO ESPIRITUAL.

ENSAIO TEÓRICO SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS.

Dá-se o nome de *espelhos mágicos a* objetos, geralmente de reflexo brilhante, tais como vidraça, placas metálicas, garrafas, vidros, etc., nos quais certas pessoas vêem imagens que lhes traçam os acontecimentos distantes, passados, presentes e algumas vezes futuros, e os colocam nos caminhos das respostas que lhes são dirigidas. Esse fenômeno não é extremamente raro; os espíritos fortes o tacham de crença supersticiosa, de efeito de imaginação, de superstição, como tudo o que não podem explicar pelas leis naturais conhecidas; assim o são, para eles, todos os efeitos sonambúlicos e medianímicos. Mas se o fato existe, sua opinião não poderia prevalecer contra a realidade e se é bem forçado a admitir a existência de uma nova lei ainda inobservada.

Até o presente, não nos estendemos sobre este assunto, apesar dos numerosos fatos que nos foram relatados, porque temos por princípio nada afirmar sobre aquilo do que não podemos nos dar conta, querendo sempre, tanto quanto possível, dizer o porquê e o como das coisas, quer dizer, juntar ao relato uma explicação racional. Mencionamos o fato sobre o testemunho de pessoas sérias e honradas; mas, admitindo a possibilidade do fenômeno e mesmo a sua realidade, não tínhamos ainda visto bastante claramente a qual lei podia se ligar para estar na medida de dar-lhe a solução, foi porque nos abstivemos. Os relatos que tínhamos sob os olhos podiam, aliás, estarem cheios de exagero; carecem sobretudo de certos detalhes de observação que, só eles, podem ajudar a fixar as idéias. Hoje que vimos, observamos e estudamos, podemos falar com conhecimento de causa.

Relatemos de início sumariamente os fatos dos quais fomos testemunhas. Não pretendemos convencer os incrédulos; queremos somente tentar esclarecer um ponto obscuro da ciência espírita.

No curso da excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das vizinhanças, torneiro de seu estado, que goza da faculdade de descobrir as fontes, e de ver num copo as respostas às perguntas que se lhe dirigem. Para descobertas das fontes, ele se transporta algumas vezes sobre os lugares, e se serve da vara usada em semelhante caso; de outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez.

Na propriedade do Sr. de W... existia um conduto muito longo para as águas; mas, em conseqüência de certas causas locais, foi preferível que a tomada de água ficasse mais próxima. A fim de se poupar, se fosse possível, de escavações inúteis, recorreu à descoberta de fontes. Este, sem deixar seu quarto, disse-lhe olhando em seu copo: "No percurso dos tubos, existe uma outra fonte; ela está a tantos pés de profundidade abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto." A coisa foi encontrada tal qual havia indicado. A ocasião era muito favorável para não aproveitá-la no interesse de nossa instrução.

Fomos, pois, à casa desse homem com o Sr. e a Sra. de W... e duas outras pessoas. Algumas informações sobre seu estado não são sem utilidade.

É um homem de sessenta e quatro anos, bastante grande, delgado, de uma boa saúde, embora estropiado, e podendo se transportar com grande dificuldade. Ele é protestante, muito religioso, e faz sua leitura habitual da Bíblia e de livros de prece. Sua enfermidade, conseqüência de uma doença, data da idade de trinta anos. Foi nessa época que a sua faculdade se revelou nele; diz que foi Deus que quis lhe dar uma compensação. Seu rosto é expressivo e alegre, seu olhar vivo, inteligente e penetrante. Ele não fala senão o dialeto alemão da região, e não entende uma palavra de francês. Ele é casado e pai de família; vive do produto de algumas partes de terra, *e* de seu trabalho pessoal; de sorte que, sem estar numa posição fácil, não está na necessidade. Quando pessoas desconhecidas se apresentam em sua casa para consultá-lo, seu primeiro movimento é o da desconfiança; ele fareja de alguma sorte suas intenções, e, por pouco que sua impressão seja desfavorável, responde que não se ocupa de fontes, e recusa toda experiência com seu copo. Ele se recusa, sobretudo, a responder às perguntas que tenham por objetivo a cupidez, como a procura de tesouros, *as* especulações temerárias, ou o cumprimento de algum mau desejo, a todas aquelas, em uma palavra, que feririam a lealdade e a delicadeza; ele diz que se se ocupasse dessas coisas, Deus lhe retiraria a faculdade. Quando se lhe é apresentado por pessoas conhecidas, e sendo-lhe simpático, sua fisionomia torna-se aberta e benevolente. Se o motivo pelo qual se o interroga é sério e útil, interessa-se por ele e se compraz nas pesquisas; se as perguntas são fúteis e de pura curiosidade, se se dirige a ele como a um ledor de boa sorte, não responde.

Graças à presença e à recomendação do Sr. de W..., fomos bastante felizes por estar em boas condições frente a frente a ele, só tivemos que nos louvar de sua acolhida cordial e de sua boa vontade.

Esse homem é da mais completa ignorância no que concerne ao Espiritismo; não tem a menor idéia dos médiuns, nem das evocações, nem da intervenção dos Espíritos, nem da ação fluídica; para ele sua faculdade está em seus nervos, numa força que não se explica, que jamais procurou se explicar, porque, quando quisemos fazê-lo dizer de que maneira ele via em seu copo, nos pareceu que era a primeira vez que sua atenção era levada a esse ponto; ora, era para nós uma coisa essencial, e não foi senão depois de perguntas sucessivas que chegamos a compreender, ou melhor, a elucidar o seu pensamento.

Seu copo é um copo de beber comum, vazio; mas é sempre o mesmo, e que não serve senão para esse uso; não poderia nisso empregar outro. Na previsão de um acidente, foi indicado onde poderia encontrar um deles para substituí-lo; tendo-o procurado, o mantém de reserva. Quando ele o interroga, o tem na concha da mão, e olha no interior; se o copo está colocado sobre a mesa, nada vê. Quando fixa seu olhar sobre o fundo, seus olhos parecem se velar um instante, depois retomam logo seu brilho habitual; então, olhando alternativamente seu copo e seus interlocutores, fala como de hábito, dizendo o que vê, respondendo às perguntas, de maneira simples, natural e sem ênfase. Em suas experiências não faz nenhuma evocação, não emprega nenhum sinal cabalístico, não pronuncia nem fórmulas, nem palavras sacramentais. Quando uma pergunta lhe é feita, concentra, diz ele, sua atenção e sua vontade sobre o assunto proposto olhando no fundo do copo, onde se formam na hora as imagens das pessoas e das coisas relativas ao objeto do qual se ocupa. Quanto às pessoas, as pinta ao físico e ao moral, como o faria um sonâmbulo lúcido, de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Ele descreve também, com mais ou menos precisão, os lugares que não conhece; isso destrói a idéia de que o que vê é um jogo de sua imaginação. Quando disse ao Sr. de W... que a fonte estava a tantos pés abaixo do décimo-quarto tubo, não podia certamente tomá-lo em seu próprio cérebro. Para se tornar mais inteligível, tendo necessidade, serve-se de um pedaço de giz, com o qual traça sobre a mesa os pontos, os círculos, as linhas

de diversos tamanhos, indicando as pessoas e os lugares dos quais fala, sua posição relativa, etc., de maneira a não ter senão a lhes mostrar, quando ali retorna, dizendo: Foi este que fez tal coisa, ou é em tal lugar que tal coisa se passa.

Um dia, uma senhora o interrogou sobre a sorte de uma jovem filha levada pelos Boêmios há mais de quinze anos, sem que se tivesse podido ter notícias dela desde então. Partindo, à maneira dos sonâmbulos do lugar onde a coisa havia ocorrido, seguiu as marcas da criança que dizia ver em seu copo, e que havia, segundo ele, seguido as margens de uma grande água, quer dizer, o mar. Afirmou que ela vivia, descreveu sua situação, sem no entanto poder precisar o lugar de sua residência, porque, disse ele, a época desejada para que ela fosse entregue à sua mãe não havia chegado ainda; que seria preciso primeiramente que certas coisas, que ele especificou, se cumprissem, e então uma circunstância fortuita faria que a mãe reconhecesse sua filha. A fim de poder melhor precisar a direção *a* seguir para reencontrá-la pediu que, numa outra, vez se lhe levasse uma carta geográfica. Essa carta lhe foi mostrada em nossa presença no dia de nossa visita; mas, como ele não tem nenhuma noção de geografia, se foi obrigado a lhe explicar o mar, os rios, as cidades, as estradas e as montanhas; então, colocando o dedo sobre o ponto de partida, indicou o caminho que conduzia ao lugar em questão. Embora tivesse escoado um certo tempo desde a primeira constatação, recordou-se perfeitamente de tudo o que havia dito, e foi o primeiro a falar da criança antes que se lhe perguntasse.

Não tendo esse assunto recebido ainda seu desfecho, não podemos nada pre-julgar sobre o resultado de suas previsões; diremos apenas que com respeito às circunstâncias passadas e conhecidas, a sua visão foi muito justa. Não reportamos esse fato senão como espécime de sua maneira de ver.

Pelo que nos concerne pessoalmente, igualmente podemos constatar a sua lucidez. Sem pergunta preliminar, e mesmo sem que nisso pensássemos, ele nos falou espontaneamente de uma afecção da qual sofremos há um certo tempo e da qual nos assinala o termo; *e,* coisa notável, é que esse termo é precisamente aquele que havia indicado a sonâmbula, senhora Roger, que tínhamos consultado para esse efeito, seis meses antes.

Ele não nos conhecia nem de vista nem de nome, e embora, em sua ignorância, lhe fosse difícil compreender a natureza de nossos trabalhos por circunlóquios, imagens e expressões à sua maneira, indicou-lhe, e não é para isso desprezar, o objetivo, as tendências e o resultado inevitável; este último ponto sobretudo parecia interessá-lo vivamente, porque repetia sem cessar que a coisa deveria se realizar, que a isso estávamos destinados desde o nosso nascimento, e que nada se lhe poderia opor. Dele mesmo, falou da pessoa chamada a continuar a obra depois da nossa morte, dos obstáculos que certos indivíduos procurariam lançar em nosso caminho, das rivalidades ciumentas e das ambições pessoais; designou de maneira inequívoca aqueles que poderiam utilmente nos secundar e aqueles dos quais deveríamos desconfiar, retornando sem cessar sobre uns e sobre outros como uma espécie de obstinação; entrou, enfim, nos detalhes circunstanciados de uma perfeita justeza, tanto mais notáveis que a maioria não era provocado por nenhuma pergunta, e que coincidiu em todos os pontos com as revelações que muitas vezes nos fizeram os guias espirituais para o nosso governo.

Esse gênero de pesquisa saía totalmente dos hábitos e dos conhecimentos desse homem, assim como ele mesmo o dizia; várias vezes ele repetia: "Eu digo aqui muitas coisas que não diria a outros, porque não me compreenderiam; mas *ele* (nos designando) me compreende perfeitamente. Com efeito, havia coisas ditas de propósito por meias palavras, que não eram inteligíveis senão para nós. Vimos nesse fato uma marca especial da benevolência dos bons Espíritos que quiseram nos confirmar, por esse meio novo e inesperado, as instruções que nos tinham dado em outras circunstâncias, ao mesmo tempo que era para nós um objeto de observação e de estudo.

Foi, pois, averiguado por nós que esse homem é dotado de uma faculdade, e que vê realmente. Vê sempre certo? Aí não está a questão; basta que tenha visto bastante fre-

qüentemente para constatar a existência do fenômeno; a infalibilidade não é dada a ninguém sobre a Terra, pela razão de que ninguém nela goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Aí está o ponto essencial e que não pode se deduzir senão da observação.

Em conseqüência de sua falta de instrução e *dos* preconceitos do meio no qual sempre viveu, ele é imbuído de certas idéias supersticiosas que mistura aos seus relatos; assim é, por exemplo, que crê de boa-fé na influência dos planetas sobre o destino dos indivíduos, e na dos dia felizes e infelizes. Segundo o que havia visto de nós, deveríamos ter nascido sob, não sabemos mais que signo; deveríamos nos abster de empreender coisas importantes em tal dia da lua. Não tentamos dissuadi-lo, no que provavelmente não teríamos triunfado, e não serviria senão para perturbá-lo; mas, porque tem algumas idéias falsas, isso não é motivo para negar a faculdade que possui; porque de que há maus grãos num montão de trigo isso não quer dizer que não há bom trigo; e de que um homem não veja sempre certo, não se segue que não veja de todo.

Quando quase se foi dar conta do objetivo e dos resultados dos nossos trabalhos, perguntou muito seriamente e com uma espécie de ansiedade no ouvido do Sr. de W..., se nós teríamos por acaso encontrado o sexto livro de Moisés. Ora, segundo uma tradição popular em certas localidades, Moisés teria escrito um sexto livro contendo novas revelações e a explicação de tudo o que há de obscuro nos cinco primeiros. Segundo a mesma tradição, esse livro deverá ser um dia descoberto. Se alguma coisa pode dar a chave de todas as alegorias das *Escrituras, é* seguramente o Espiritismo, que realizaria assim a idéia ligada ao pretenso sexto livro de Moisés. É bastante singular que esse homem haja concebido esse pensamento.

Um exame atento dos fatos acima demonstra uma completa analogia entre essa faculdade e o fenômeno designado sob os nomes de *segunda vista, dupla vista,* ou *sonambulismo desperto,* e que está descrito em *O Livro dos Espíritos,* cap . VIII: *Emancipação da alma,* e em *O Livro Dos Médiuns,* cap. XIV...

Ela tem, pois, seu princípio na propriedade radiante do fluido perispiritual, que permite à alma, em certos casos, perceber as coisas à distância, de outro modo dito, na *emancipação da alma,* que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que vêem, é a alma que, por seus raios, atinge um ponto dado, exerce sua ação fora e sem o concurso dos órgãos corpóreos. Esta faculdade, muito mais comum do que se o crê, se apresenta com graus de intensidade e aspectos muito diversos segundo os indivíduos; nuns, ela se manifesta pela percepção permanente ou acidental, mais ou menos límpida, das coisas distantes; noutros, pela simples intuição dessas mesmas coisas; noutros, enfim, pela transmissão do pensamento. Há a notar que muitos a possuem sem disso desconfiarem, sem dela se dar conta; ela é inerente ao seu ser, e lhes parece inteiramente natural quanto a de ver pelos olhos; freqüentemente mesmo confundem essas duas percepções. Perguntando-lhes como vêem, na maior parte do tempo não sabem mais explicá-la quanto não explicariam o mecanismo da visão comum.

Sendo o número das pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade o mais considerável, disso resulta que ela é independente de todo aparelho qualquer. O copo do qual esse homem se serve é um acessório que não lhe é útil senão por hábito, porque constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem olhá-lo. Pelo que nos concernia, notadamente falando dos indivíduos, ele os indicava com seu giz, pelos sinais característicos de suas qualidades e de sua posição; era sobre esses sinais que falava olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto em seu copo que apenas olhava; mas, para ele, o crê necessário, e eis como se o pode explicar.

A imagem que observa se forma nos raios do fluido perispiritual que lhe transmitem a sensação; sua atenção se concentrando no fundo do copo, ali dirige os raios fluídicos, e muito naturalmente a imagem ali se concentra, como se concentraria sobre um objeto qualquer: um copo d'água, uma garrafa, uma folha de papel, um papelão, ou sobre um ponto vago do espaço. É um meio de fixar o pensamento e de circunscrevê-lo, e estamos

convencidos de que quem exerce essa faculdade com a ajuda de um objeto material, com um pouco de exercício, se tiver a firme vontade de nele passar, verá do mesmo modo.

Todavia, admitindo que isso não está ainda provado, que o objeto agisse sobre certos organismos, à maneira dos excitantes, de modo a provocar o desligamento fluídico, e, em conseqüência, o isolamento do Espírito, há um fato capital adquirido pela experiência, é que não existe nenhuma substância especial gozando a esse respeito de uma propriedade exclusiva. O homem em questão não vê senão num copo vazio, mantido na concha de sua mão, e não pode ver no primeiro copo encontrado nem no seu colocado de outro modo. Se a propriedade era inerente a substância e à forma do objeto, por que dois objetos da mesma natureza e da mesma forma não a possuiriam para o mesmo indivíduo? Por que o que produz o efeito sobre um não produziria sobre um outro? Por que, enfim, tantas pessoas possuem essa faculdade sem o concurso de nenhum aparelho? Assim foi que dissemos que a faculdade é inerente ao indivíduo e não ao copo. A imagem se forma nele mesmo, ou melhor, nos raios fluídicos que emanam dele; o copo não oferece, por assim dizer, senão o reflexo dessa imagem: é um efeito e não a causa. Tal é a razão pela qual todo o mundo não vê naquilo que se convencionou chamar *espelhos mágicos;* não basta para isso a visão *corpórea, é* preciso estar dotado da faculdade chamada *dupla vista,* que seria mais exatamente nomeada *visão espiritual;* e isto é tão verdadeiro que certas pessoas vêem perfeitamente com os olhos fechados.

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual,* de que tanto se falou, e que, do mesmo modo que os outros sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil; ele tem por agente o fluido perispiritual, como a visão corpórea tem por agente o fluido luminoso; do mesmo modo que a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos sobre a retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões; esse fluido, como todos os outros fluidos, têm seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis.*

Sendo o homem composto do Espírito, do perispírito e do corpo, durante a vida as sensações e as percepções se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo *sentido espiritual;* depois da morte, os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua *a* perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza cresce em razão do desligamento da matéria. O homem em que esse sentido é desenvolvido goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, o sentido espiritual não produz menos, em todos os homens, uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecer-lhe o princípio. Esta faculdade estando na Natureza, uma vez que ela se prende à constituição do Espírito, existiu, pois, de todos os tempos; mas como todos os efeitos cujas causas são desconhecidas, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Aqueles que a possuíam em um grau eminente, podendo dizer, saber e fazer coisas acima da capacidade do vulgo, uns foram acusados *de* pactuar com o diabo, qualificados de feiticeiros e queimados vivos; outros foram beatificados como tendo o dom dos milagres, ao passo que tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Retornemos aos *espelhos mágicos.* A palavra *magia,* que significava outrora *ciência dos sábios,* pelo abuso que dela fez a superstição e o charlatanismo, perdeu sua significação primitiva; hoje é desacreditada com razão, e acreditamos difícil reabilitá-la, porque doravante está ligada à idéia das operações cabalísticas, dos livros de mágicos, dos talismãs e de uma multidão de práticas supersticiosas condenadas pela sã razão. O Espiritismo, declinando toda solidariedade com essas pretensas ciências, deve evitar de se apropriar dos termos que poderiam falsear a opinião no que lhe concerne. No caso do qual se trata, a qualificação de *mágico é* tão imprópria quanto o seria a de *feiticeiro* atribuída aos médiuns; a designação desses objetos sob o nome de *espelhos espirituais* nos parece mais exata, porque ela lembra o princípio em virtude do qual os efeitos se produzem. À

nomenclatura espírita pode-se, pois, acrescentar os nomes de: *visão espiritual, sentido espiritual* e *espelhos espirituais.*

Uma vez que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que os indivíduos dotados da *visão espiritual* vejam numa borra de café, no branco dos olhos, na concha da mão ou nas cartas, o que outros vêem num copo d'água, e dizem às vezes coisas verdadeiras. Esses objetos e suas combinações não têm nenhum significado por si mesmos; isso não é senão um meio de fixar a atenção, um pretexto de falar, uma atitude por assim dizer, porque há que se notar que, nesse caso, o indivíduo os olha apenas, e no entanto se não os tivesse diante dele creria lhe faltar alguma coisa; estaria desorientado como o estaria nosso homem se não tivesse seu copo na mão; estaria embaraçado para falar, como certos oradores que nada sabem dizer se não estiverem em seu lugar habitual, ou não têm à mão um caderno que não lêem.

Mas se há algumas pessoas sobre as quais esses objetos produzem o efeito de *espelhos espirituais,* há também a multidão de outro modo grande de pessoas que, não tendo outra faculdade do que a de ver pelos olhos, e de possuir a linguagem de convenção ligada a esses sinais, enganam os outros ou se enganam a si mesmas; depois o igualmente numeroso dos charlatães que exploram a credulidade. Só a superstição pôde consagrar o uso desses procedimentos, como meio de adivinhação, de uma multidão de outros que não têm mais valor, atribuindo uma virtude a palavras, uma significação a sinais materiais, a combinações fortuitas, que não têm nenhuma ligação necessária com o objeto da pergunta ou do pensamento.

Dizendo que com ajuda desses procedimentos, certas pessoas podem às vezes dizer verdades, isso não é, pois, para reabilitá-las na opinião, mas para mostrar que as idéias supersticiosas têm às vezes origem num princípio verdadeiro, desnaturado pelo abuso e pela ignorância. O Espiritismo, fazendo conhecer a lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível, destrói, por isso mesmo, as idéias falsas que foram feitas sobre essas relações, como a lei da eletricidade destruiu, não o raio, mas as superstições engendradas pela ignorância das verdadeiras causas do raio. Em resumo: a visão espiritual é um dos atributos do Espírito, e constitui uma das percepções do sentido espiritual; é por conseqüência uma lei da Natureza.

Sendo o homem uma Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, por conseqüência, as percepções do sentido espiritual.

No estado de vigília, essas percepções geralmente são vagas, difusas, às vezes mesmo insensíveis e inapreciáveis, porque são amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. No entanto, pode-se dizer que toda percepção extra-corpórea é devida à ação do sentido espiritual que, nesse caso, supera a resistência da matéria.

No estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase, e mesmo no de sono comum, estando os sentidos corpóreos momentaneamente entorpecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendendo a entorpecer os sentidos corpóreos, provoca, por isso mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erros, pela razão de que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos avançado, e, por conseqüência, mais ou menos apto a julgar sadiamente as coisas e a compreendê-las, e que está ainda sob a influência da matéria.

Uma comparação fará compreender melhor o que se passa nesta circunstância. Sobre a Terra, aquele que tem a melhor visão pode ser enganado pelas aparências; por muito tempo o homem acreditou no

movimento do Sol; foram-lhe necessárias a experiência e as luzes da ciência para mostrar-lhe que era o joguete de uma ilusão. Assim o é com os Espíritos pouco avançados, encarnados ou desencarnados; eles ignoram muitas coisas do mundo invisível, como certos homens inteligentes, de resto, ignoram muitas coisas da Terra; a visão espiritual

não lhes mostra senão o que sabem, e não basta para lhes dar os conhecimentos que lhes faltam; daí as aberrações e as excentricidades que se notam tão freqüentemente entre *os videntes* e os extáticos; sem contar que sua ignorância os coloca, mais do que outros, à mercê dos Espíritos enganadores que exploram a sua credulidade e mais ainda o seu orgulho. Eis porque haveria imprudência em aceitar sem controle suas revelações. Não é preciso perder de vista que estamos sobre a Terra, num mundo de expiação, onde são abundantes os Espíritos inferiores, e onde os Espíritos superiores são as exceções; nos mundos avançados, ocorre o contrário.

As pessoas dotadas da visão espiritual podem ser consideradas como médiuns? Sim e não, segundo as circunstâncias. A mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mecânico. Aquele que possui a visão espiritual vê por seu próprio Espírito, e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; não é médium porque vê, mas pelo fato de suas relações com outros Espíritos. Segundo sua natureza boa ou má os Espíritos que o assistem podem facilitar ou entravar sua lucidez, fazê-lo ver coisas justas ou falsas, o que depende também do objetivo que se propõe, e da utilidade que podem apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos que se divertem às custas das pessoas muito crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios não intervém senão nas coisas sérias, e os *videntes melhores dotados podem nada ver se não lhes é permitido responder ao que se lhes pergunta, ou ser perturbado por visões ilusórias para punir os curiosos indiscretos.* Se bem que possua em si próprio sua faculdade, e por transcendente que ela seja, não lhe é sempre livre usá-la à sua vontade. Freqüentemente, os Espíritos lhe dirigem o emprego, e se dela abusa, nisso é o primeiro punido pela intromissão dos maus Espíritos.

Um ponto importante resta a esclarecer: o da previsão dos acontecimentos futuros. Compreende-se a visão das coisas presentes, a visão retrospectiva do passado, mas como a visão espiritual pode dar, a certos indivíduos, o conhecimento do que não existe ainda? Para não nos repetirmos, reenviamos ao nosso artigo do mês de maio de 1864, página 129, sobre a *teoria da presciência,* onde a questão é tratada de maneira completa. Não lhe acrescentaremos senão algumas palavras. Em princípio, o futuro está oculto ao homem pelos motivos que muitas vezes foram desenvolvidos; não é senão excepcionalmente que lhe é revelado, e ainda é mais *pressentido* do que *predito.* Para conhecê-lo, Deus não deu ao homem nenhum meio certo; é, pois, em vão que este último emprega para esse efeito a multidão dos processos inventados pela superstição, e que o charlatanismo explora em seu proveito. Se entre os ledores de boa sorte, profissionais ou não, se encontrem às vezes os que sejam dotados da visão espiritual, há que se notar que vêem bem mais freqüentemente no passado e no presente do que no futuro; é porque haveria imprudência em se fiar, de modo absoluto, em suas predições, e em conseqüência regular sua conduta.

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO.

Meu fantástico.

Sob este último título, lê-se na *Presse littéraire* de 15 de março de 1854, o artigo seguinte, assinado por *Émile Deschamps:*

"Se o homem não crê senão no que compreende, não creria nem em Deus, nem em si mesmo, nem nos astros que rolam sobre sua cabeça, nem na erva que pisa sob os pés.

"Milagres, profecias, visões, fantasmas, prognósticos, pressentimentos, coincidências sobrenaturais, etc., que é preciso pensar disto tudo? Os espíritos fortes disso saem com duas palavras: *mentira* ou *acaso',* não pode ser mais cômodo. As almas supersticio-

sas disso se livram, ou antes, disso não se livram. Prefiro de muito estas almas àqueles espíritos. Com efeito, é preciso ter da imaginação para que se possa tê-lo doente; ao passo que basta ser eleitor e assinante de dois ou três jornais industriais para sabê-lo tão longo e nisso crer tão pouco quanto Voltaire. E depois, gosto mais da loucura do que da insensatez, da superstição do que da incredulidade; mas o que prefiro a tudo, é a verdade, a luz, a razão; eu as procuro com uma fé viva e um coração sincero; examino todas as coisas, e tomei a decisão de não ter partido tomado por nada.

'Vejamos: Que! o mundo material invisível é obstruído de impenetráveis mistérios, de fenômenos inexplicáveis, e não se gostaria que o mundo intelectual, que *a vida da alma,* que se prende já a um milagre, tivesse também seus fenômenos e seus mistérios! Por que tal bom pensamento, tal fervorosa prece, tal outro desejo, não teriam o poder de produzir ou de chamar certos acontecimentos, bênçãos ou catástrofes? Por que não existiriam causas morais, como existem causas físicas, das quais não se dão conta? E por que *os germes de todas as coisas não* estariam depositados *e* fecundados *na terra do coração e da alma* para eclodirem mais tarde sob a forma palpável dos fatos? Ora, quando Deus, em raras circunstâncias, e para alguns de seus filhos, dignou-se levantar um canto do véu eterno, e difundir sobre sua fronte um raio fugidio da luz da presciência, guardemo-nos de gritar ao absurdo e de blasfemar assim a luz e a própria verdade.

"Eis uma reflexão que faço freqüentemente: Foi dado aos pássaros e a certos animais prever e anunciar a tempestade, as inundações, os tremores de terra. Todos *os* dias os barômetros nos dizem o tempo que fará amanha; e o homem não poderia, por um sonho, uma visão ou sinal qualquer da Providência, ser advertido algumas vezes de qualquer acontecimento futuro que interesse à sua alma, à sua vida, à sua eternidade? O espírito não tem, pois, também sua atmosfera da qual possa sentir as variações? Enfim, qualquer que seja a miséria do maravilhoso neste século muito positivo, haveria ainda encanto e utilidade a isso retratar, se todos aqueles que nisso refletissem fracas luzes reportassem a um foco comum todos esses raios divergentes; se cada um, depois de ter conscienciosamente interrogado suas lembranças, redigisse com boa-fé, e depositasse em alguns arquivos, o relatório circunstanciado do que sentiu, do que lhe adveio de sobrenatural e de miraculoso. Talvez um dia se encontrasse alguém que, analisando os sintomas e os acontecimentos, viesse a recompor em parte uma ciência perdida. Em todo o caso, comporia um livro que lhe valeria muitos outros.

"Quanto a mim, sou aparentemente o que se chama um assunto, porque tive de tudo isso em minha vida, tão obscura aliás; e venho o primeiro depositar aqui o meu tributo, persuadido de que essa visão interior tem sempre uma espécie de interesse. Todo o pequeno maravilhoso que vos dou, leitores, verificou-se na minha vida real; desde que sei ler, tudo o que me chega de sobre-natural, eu o consigno sobre o papel. São memórias de um gênero singular.

....

"No mês de fevereiro de 1846, eu viajava pela França; cheguei a uma rica e grande cidade, ia passear diante dos belos magazines, os quais ela tem muito. A chuva começou a cair; abriguei-me numa elegante galeria; de repente eis-me imóvel; meus olhos não podiam se desligar da figura de uma jovem, inteiramente só atrás de uma vitrina de pequenas jóias. Essa jovem era muito bela, mas não era a sua beleza que me prendia ali. Não sei que interesse misterioso, que laço inexplicável dominava todo o meu ser. Era uma simpatia súbita e profunda, livre de qualquer mistura sensual, mas de uma f orça irresistível, como o desconhecido em todas as coisas. Fui impelido como uma máquina na loja por uma força sobrenatural. Eu comprava alguns pequenos objetos que paguei, dizendo: Obrigado, senhorita Sara. A jovem me olhou com ar um pouco surpreso. -Isto vos espanta, retomei, que um estranho saiba o vosso nome, um de vossos pequenos nomes; mas se quiserdes pensar atentamente em todos os vossos nomes, eu vo-los direi sem hesitar. Pensai nisso? - Sim, senhor, respondeu ela, metade rindo e metade tremendo. - Pois

bem! continuei, olhando-a fixamente na testa, vos chamais Sara, Adèle, Benjamine N...- É verdadeiro, replicou ela; e depois de alguns segundos de estupor, ela se pôs a rir completamente, e vi que ela pensava que eu tivera essas informações na vizinhança, com o que me divertia. Mas eu, que sabia bem que disso não sabia uma palavra, fiquei assustado com essa adivinhação instantânea.

"No dia seguinte, e muitos dias seguintes, corri à bela loja; minha adivinhação se renovava a todo momento. Pedia-lhe para pensar em alguma coisa, sem ma dizer, e quase em seguida lia sobre sua fronte esse pensamento não explicado. Pedia-lhe para escrever algumas palavras com um lápis mas escondendo, e, depois de tê-la olhado um minuto, escrevi de minha parte as mesmas palavras na mesma ordem. Eu lia em seu pensamento como num livro aberto, e ela não lia no meu: eis a minha superioridade; mas ela me impunha suas idéias e suas emoções. Que ela pensasse seriamente nesse objeto; que ela repetisse nela mesma as palavras desse escrito, e súbito eu adivinhava tudo. O mistério estava entre o seu cérebro e o meu, não entre minhas faculdades de intuição e as coisas materiais. O que quer que seja, tinha-se estabelecido entre nós dois uma relação tanto mais íntima quanto mais pura.

"Uma noite, ouvi em meu ouvido uma voz forte que me gritava: Sara está doente, muito doente! Corri à sua casa; um médico a velava e atendia uma crise. Na véspera à noite Sara tinha reentrado com uma febre ardente; o delírio continuou toda a noite. O médico me tomou à parte, e me fez entender que temia muito. Dessa posição eu via inteiramente a fronte de Sara, e minha intuição o trazendo sobre minha própria inquietude: Doutor, disse-lhe baixinho, quereis saber de que imagem seu fervente sono está ocupado? Ela se crê neste momento na grande Ópera de Paris, onde jamais foi, e uma dançarina corta, entre outras ervas, uma planta de cicuta, e a atira exclamando: É para ti. O médico me acredita em delírio. Alguns minutos depois a doente despertou pesadamente, e suas primeiras palavras foram: "Oh! como é bela a Ópera! mas por que, pois, esta cicuta, que me atira esta bela ninfa? "O médico ficou estupefato. Uma poção onde entrava a cicuta foi administrada a Sara, que se achou curada em alguns dias."

Os exemplos de transmissão de pensamento são muito freqüentes, não talvez de maneira tão caracterizada como no fato acima, mas sob formas diversas. Quantos fenômenos se passam assim diariamente sob nossos olhos, que são como os fios condutores da vida espiritual, e aos quais, no entanto, a ciência não se digna conceder a menor atenção! Aqueles que os repelem certamente não são todos materialistas; muitos admitem uma visão espiritual, mas sem relação direta com a vida orgânica. O dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á se cumprir um imenso progresso, mas só então a ciência terá a chave de uma multidão de efeitos misteriosos em aparência, que ela prefere negar por falta de poder explicá-los à sua maneira e com os seus meios limitados às leis da matéria bruta.

Ligação íntima da vida espiritual e da vida orgânica durante a existência terrestre; destruição da vida orgânica e persistência da vida espiritual depois da morte; *a* ação do fluido perispiritual sobre o organismo; reação incessante do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente: tal é a lei que o Espiritismo vem demonstrar e que abre à ciência e ao homem moral horizontes inteiramente novos.

Por qual lei da fisiologia puramente material poder-se-ia explicar os fenômenos do gênero daquele relatado acima? Para que o Sr. Deschamps pudesse ler tão nitidamente no pensamento da jovem, seria preciso entre ela e ele um intermediário, um laço qualquer. Que se queira bem meditar o artigo precedente, e se reconhecerá que esse laço não é outro senão a irradiação fluídica que dá a visão espiritual, visão que não é detida pelos corpos materiais.

Sabe-se que os Espíritos não têm mais necessidade da linguagem articulada; eles se compreendem sem o recurso da palavra, tão só pela transmissão do pensamento, que é a língua universal. Assim ocorre algumas vezes entre os homens, porque os homens

são os Espíritos encarnados, e gozam por essa razão, num grau mais ou menos grande, dos atributos e das faculdades do Espírito.

Mas, então, por que a jovem não lia de seu lado no pensamento do Sr. Deschamps? Por que num a visão espiritual estava desenvolvida, e no outro não; segue-se que ele pôde tudo ver, ler nos espelhos espirituais, por exemplo, ou ver à distância à maneira dos sonâmbulos? Não, porque sua faculdade podia não estar desenvolvida senão num sentido especial, e parcialmente. Poderia ler com a mesma facilidade no pensamento de todo o mundo? Ele não o disse, mas é provável que não; porque pode existir de indivíduo a indivíduo relações fluídicas que facilitam essa transmissão, então que não existem do mesmo indivíduo a uma outra pessoa. Não conhecemos ainda senão imperfeitamente as propriedades desse fluido universal, agente tão poderoso e que desempenha um tão grande papel nos fenômenos da Natureza; conhecemos o princípio, e isso já é muito para nos dar conta de muitas coisas; os detalhes virão a seu tempo.

O fato acima tendo sido comunicado à Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a instrução seguinte:

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de julho de 1864. - Médium, Sr. A. Didier.)

Os ignorantes, e deles há muitos, ficam cheios de dúvida e de inquietação quando ouvem falar dos fenômenos espíritas. A crer neles, a face do mundo está transtornada, a intimidade do coração, dos sentimentos, a virgindade do pensamento são lançados através do mundo e entregues à mercê de qualquer um. O mundo, com efeito, estaria singularmente mudado, e a vida privada não teria mais abrigo atrás da personalidade de cada um, se todos os homens pudessem ler no espírito uns dos outros.

Um ignorante nos disse com muita ingenuidade: Mas a justiça, as perseguições de polícia, as operações comerciais, governamentais, poderiam ser consideravelmente revistas, corrigidas, esclarecidas, etc., com a ajuda desses procedimentos. Os erros estão muito difundidos. A ignorância tem isso de particular que faz esquecer completamente o objetivo das coisas para lançar o espírito inculto numa série de incoerências.

Jesus tinha razão em dizer: "Meu reino não é deste mundo," o que significa também que neste mundo as coisas não se passam como em seu reino. O Espiritismo que, em tudo e por tudo, é o espiritualismo do cristianismo, pode igualmente dizer aos ambiciosos e aos terroristas ignorantes, que seu grande objetivo não é dar pedaços de ouro a um, de entregar a consciência de um ser fraco à vontade de um ser mais forte, e de ligar juntos a força e a fraqueza num duelo eterno inevitável e censurado; não. Se o Espiritismo proporciona gozos, são os da calma, da esperança e da fé; se adverte algumas vezes por pressentimentos, ou pela visão adormecida ou desperta, é que os Espíritos sabem perfeitamente que um fato seguro e particular não transtornará a superfície do globo. De resto, se se observa a marcha dos fenômenos, o mal tem aí uma parte muito mínima. A ciência funesta parece relegada nos livros velhos dos velhos alquimistas, e se Cagliostro retornasse isso não seria certamente armado da varinha mágica ou da garrafa encantada que ele aparecia, mas com a sua força elétrica, comunicativa, espiritualista e sonambúlica, força que todo ser superior possui em si mesmo e que toca ao mesmo tempo o coração e o cérebro.

A adivinhação era o maior dom de Jesus, como eu o disse recentemente (o Espírito fazia alusão *a* uma outra comunicação). Estando destinados a se tornarem superiores, como Espíritos, pecamos a Deus uma parte dos raios que concede a certos seres privilegiados, que ma concedeu a mim mesmo, e que pude distribuir mais santamente.

MESMER.

Nota. Não há uma única das faculdades concedidas ao homem da qual não possa abusar em virtude de seu livre arbítrio; não é a faculdade que é má em si, é o uso que

dela se faz. Se os homens fossem bons, não haveria nenhuma delas a temer, porque ninguém delas se serviria para o mal. No estado de inferioridade em que os homens ainda estão na Terra, a penetração do pensamento, se ela fosse geral, seria sem dúvida uma das mais perigosas, porque se tem muito a esconder, e muitos podem abusar. Mas quaisquer que sejam os inconvenientes, se ela existe, é um fato que precisa ser aceito de bom ou malgrado, uma vez que não se pode suprimir um efeito natural. Mas Deus, que é soberanamente bom, mede a extensão dessa faculdade à nossa fraqueza; no-la mostra, de tempos em tempos, para melhor nos fazer compreender a nossa essência espiritual, e nos advertir para trabalhar pela nossa depuração para não termos do que temer.

O ESPIRITISMO NA BÉLGICA.

Cedendo às prementes solicitações de nossos irmãos espíritas de Bruxelas e de Anvers, fomos lhes fazer uma pequena visita este ano, e estamos felizes em dizer que dali trouxemos a impressão mais favorável pelo desenvolvimento da Doutrina naquele país. Ali encontramos um número maior do que esperávamos de adeptos sinceros, devotados e esclarecidos. A acolhida simpática que nos foi feita, nessas duas cidades, deixou em nós uma lembrança que não se apagará jamais, e contamos os momentos que ali passamos entre os mais satisfatórios para nós. Não podendo dirigir nossos agradecimentos a cada um em particular, rogamos-lhes consentirem em recebê-los aqui coletivamente,

Em nosso retorno a Paris, encontramos uma mensagem da Sociedade Espírita de Bruxelas, com a qual ficamos profundamente tocados; nós a conservaremos preciosamente como um testemunho de sua simpatia, mas eles compreenderão facilmente os motivos que nos impedem de publicá-la em nossa Revista. Há, no entanto, uma passagem dessa mensagem que nos fazemos um dever levar ao conhecimento de nossos leitores, porque o fato que revela disso diz mais que longas frases sobre a maneira com as quais certas pessoas compreendem o objetivo do Espiritismo; está assim concebida:

"Em comemoração de vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu a fundação de um dormitório para crianças na creche de Saint Josse Tennoode."

Nada poderia ser mais agradável para nós do que um semelhante testemunho. É nos dar a maior prova de estima nos crer mais honrado pela fundação de uma obra de beneficência em memória de nossa visita, do que pelas mais brilhantes recepções que podem gabar o amor-próprio daquele que lhe é objeto, mas não aproveitam a ninguém e nem deixam nenhum traço útil.

Anvers se distingue por um maior número de adeptos e de grupos; mas ali, como em Bruxelas e por toda a parte, aqueles que fazem parte das reuniões, de alguma sorte oficiais e regularmente constituídas, são em minoria. As relações sociais e as opiniões emitidas na conversação, provam que as simpatias pela Doutrina *se* estendem muito além dos grupos propriamente ditos. Se todos os habitantes não são espíritas, a idéia ali não encontra oposição sistemática; fala-se dela como uma coisa muito natural e dela não se ri. Os adeptos pertencendo em geral à classe do alto comércio, nossa chegada foi a novidade da bolsa e sobressaindo na conversação, sem mais importância que se tratasse da chegada de uma carga.

Vários grupos se compõem de um número limitado de membros, e se designam por um título especial e característico; foi assim que um se intitulou: *A Fraternidade,* um outro *Amor e Caridade,* etc. Acrescentamos que esses títulos não são para eles insígnias banais, mas divisas que se esforçam por justificar.

O grupo *Amor e Caridade,* por exemplo, tem por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que são de alguma sorte a parte acessória. Sua organização é muito simples e dá excelentes resultados. Um dos membros tem o título de *esmola,* nome que responde perfeitamente às suas funções de distribuir recursos

a domicílio, e freqüentemente os Espíritos indicaram com nome e endereço as pessoas às quais eram necessários. O nome de esmola é assim reconduzido ao seu significado primitivo, do qual foi singularmente desviado.

Esse grupo possui um médium tiptólogo excepcional do qual cremos dever fazer adiante o objeto de um artigo especial.

Não fazemos senão constatar aqui os muito bons elementos que permitem augurar do Espiritismo nesse país, onde não tomou raízes senão há pouco, o que não quer dizer que certos grupos não tiveram, lá como em toda aparte, desacordos e decepções inevitáveis quando se trata do estabelecimento de uma idéia nova. É impossível que, no início de uma doutrina, tão importante sobretudo quanto à do Espiritismo, mesmo todos aqueles que se declaram delas partidários, compreender-lhe a importância, a gravidade e as conseqüências; é preciso, pois, esperar encontrar através da rota das pessoas que nele não vêem senão a superfície, ambições pessoais, aqueles para quem é um meio antes que uma convicção de coração, sem falar das pessoas que tomam todas as máscaras para se insinuar tendo em vista servir os interesses dos adversários; porque, do mesmo modo que o hábito não faz o monge, o nome de Espírita não faz o verdadeiro Espírita. Cedo ou tarde esses Espíritas mascarados, cujo orgulho permaneceu vivo, causam nos grupos esfriamentos penosos, e nele suscitam entraves, mas dos quais se triunfa sempre com a perseverança e a firmeza. Essas são provas para a fé dos Espíritas sinceros.

A homogeneidade, a comunhão de pensamentos e de sentimentos são para os grupos Espíritas, como para quaisquer outras reuniões, a condição *sine qua non* de estabilidade e de vitalidade. É para esse objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que *é* tanto mais fácil atingi-lo quanto as reuniões sejam menos numerosas. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a ingerência de elementos heterogêneos que, cedo ou tarde, semeiam a divisão; mas pequenas reuniões, onde todo o mundo se conhece e se aprecia, se está como em família, o recolhimento é maior, e a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos dos quais se compõem as grandes reuniões os torna, por isso mesmo, mais vulneráveis às surdas astúcias dos adversários.

Vale mais, pois, numa cidade, cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que os reunisse todos. Esse fracionamento não pode em nada prejudicar a unidade de princípios, desde que a bandeira seja única e que todos caminhem para um mesmo objetivo. É o que parece terem perfeitamente compreendido nossos irmãos de Anvers e de Bruxelas.

Em resumo, nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos, e que serão aproveitados em tempo oportuno.

Não esqueçamos uma menção, das mais honrosas, ao grupo espírita de Douai, que visitamos de passagem, e um testemunho particular de gratidão pela acolhida que ali recebemos. É um grupo de família, onde a Doutrina Espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza. Ali reina a mais perfeita harmonia, a benevolência recíproca, a caridade em pensamentos, em palavras e em ações; respira-se ali uma atmosfera de fraternidade patriarcal, isenta de eflúvios malfazejos, onde os bons Espíritos devem se comprazer tão bem quanto os homens; também as comunicações ali se ressentem da influência desse meio simpático. Ele deve à sua homogeneidade, e aos cuidados escrupulosos que se lhe tem nas admissões, de jamais ter sido perturbado nas dissenções e nos desacordos dos quais outros sofreram; é que todos aqueles que dela fazem parte são Espíritas de coração, e que ninguém ali procura fazer prevalecer a sua personalidade. Os médiuns são relativamente muito numerosos; todos se consideram como simples instrumentos da Providência, e são sem orgulho, sem pretensões pessoais, e se submetem humildemente, e sem se machucarem, ao julgamento dado sobre as comunicações que obtêm, prontos a destruí-las, se elas são consideradas más.

Uma encantadora peça de versos foi obtida em nossa intenção e depois de nossa partida; agradecemos ao Espírito que a ditou e seu intérprete; conservamo-la como uma preciosa lembrança, mas são desses documentos que não podemos publicar e que não aceitamos senão a título de encorajamento. Estamos felizes em dizer que esse grupo não é o único nessas condições favoráveis, e de ter podido constatar que as reuniões verdadeiramente sérias, aquelas onde cada um procura se melhorar, de onde a curiosidade foi banida as únicas que merecem a qualificação de *espíritas,* se multiplicam cada dia. Elas oferecem uma pequena imagem daquilo que poderá ser a sociedade, quando o Espiritismo, bem compreendido e universalizado, lhe formará a base das relações mútuas. Então, os homens não terão nada mais a temer uns dos outros; a caridade fará reinar entre eles a paz e a justiça. Tal será o resultado da transformação que se opera e da qual a geração futura começará a sentir os efeitos.

TIPTOLOGIA RÁPIDA E INVERSA.

Dissemos que um dos grupos espíritas de Anvers possui um médium tiptólogo dotado de uma faculdade especial. Eis em que ela consiste.

A indicação das letras se faz por meio de pancadas pelo pé de uma mesinha redonda, com pé central único, mas com uma rapidez que quase alcança a da escrita, e tal que aqueles que as escrevem, às vezes, têm dificuldade em segui-la; as pancadas se sucedem como as do telégrafo elétrico em ação. Vimos fazer um ditado de vinte linhas em menos de quinze minutos. Mas o que é sobretudo particular é que o Espírito dita sempre em sentido oposto, começando pela última letra. O médium obtém, pelo mesmo meio, respostas a perguntas mentais, e em línguas que lhe são estranhas. Esse médium é também psicógrafo, e, neste caso, ele escreve igualmente em sentido oposto com a mesma facilidade. A primeira vez que o fenômeno se produziu, os assistentes, não encontrando nenhum sentido nas cartas recolhidas, creram numa mistificação; não foi senão depois de uma observação atenta que descobriram o sistema empregado pelo Espírito. Sem dúvida, isso não é senão uma fantasia da parte deste último, mas como todas as suas comunicações são muito sérias, é preciso disso concluir que há no fato uma intenção séria.

Independentemente da rapidez com a qual os golpes se sucedem, a maneira de proceder abrevia ainda em muito a operação. Serve-se de uma mesinha de três pés; o alfabeto é dividido em três séries:a1ª de **a** a **h**, a 2ª de ***i** a **p**,* a 3ª de ***q*** a **z**. Cada pé da mesinha corresponde a uma série de letras, e bate o número de golpes necessários para designar a letra desejada, começando pela primeira da série; de sorte que, para indicar o ***t,*** por exemplo, em lugar de 20 golpes, o pé encarregado da *3ˢ* série não bateu senão 4 deles. Três pessoas se colocam na mesinha, uma para cada pé, anunciando a letra indicada em sua série que é para ela um pequeno alfabeto sem que tenha que se preocupar com as outras. Várias pessoas escrevem as letras à medida que são chamadas, a fim de poder controlá-las em caso de erro. O hábito de ler em sentido oposto, freqüentemente, permite adivinhar o fim de uma palavra ou de uma frase começada, como se o faz pelo procedimento comum; o Espírito confirma se tem lugar a suposição, e passa a outra.

Essa divisão das letras, juntada à cooperação de três pessoas que não podem se ouvir, à rapidez do movimento, e à indicação das letras em sentido inverso, torna a fraude materialmente impossível, assim como a reprodução do pensamento individual. A palavra *reprodução,* por exemplo, será, pois, escrita desta maneira: NOITCUDORPER, e terá sido soletrada por três pessoas diferentes em alguns segundos, a saber: *noi* pela 2ª, **t** pela 3ª; ***c*** pela 1ª; ***u*** pela 3ª; ***d*** pela 1ª; ***o*** pela 2ª; ***r*** pela 3ª; ***p*** pela 2ª; ***e*** pela 1ª; ***r*** pela 3ª.

De todos os aparelhos imaginados para constatar a independência do pensamento do médium, não há nenhum deles que valha este procedimento. É verdade que, para isso, é preciso a influência de um médium especial, porque as duas pessoas que o assistem não estão para nada na rapidez do movimento.

Esse procedimento não tem em definitivo utilidade real senão para a convicção de certas pessoas, e como constatação de um fenômeno mediúnico notável, porque nada pode substituir a facilidade das comunicações escritas.

UM CRIMINOSO ARREPENDIDO.

Durante a visita que viemos de fazer aos Espíritas de Bruxelas, o fato seguinte se produziu em nossa presença, numa reunião íntima de sete ou oito pessoas, em 13 de setembro.

Uma senhora médium, estando chamada a escrever, e não tendo sido feita nenhuma evocação especial, ela traçou com uma agitação extraordinária, em grossos caracteres, e depois de ter violentamente riscado o papel, estas palavras:

"Eu me arrependo, eu me arrependo; Latour."

Surpresos com essa comunicação inesperada, que nada havia provocado, porque ninguém pensava nesse infeliz do qual a maioria dos assistentes ignorava mesmo a morte, dirige-se ao Espírito algumas palavras de comiseração e de encorajamento; depois se lhe faz esta pergunta:

Que motivo pôde vos convidar a vir entre nós, antes que em outra parte, uma vez que não vos chamamos?

O médium, que é também médium falante, respondeu de viva voz:

'Vi que sois almas compassivas e que teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou bem se afastam de mim com horror."

Então começou uma cena indescritível, que não durou menos de meia hora. O médium, juntando à palavra os gestos e a expressão da fisionomia, é evidente que o Espírito se identificou a com sua pessoa; às vezes, seus acentos de desespero são tão dilacerantes, pintam suas angústias e seus sofrimentos com um tom tão doloroso, suas súplicas são tão veementes, que todos os assistentes com ele ficam profundamente emocionados.

Alguns mesmo estavam temerosos da superexcitação do médium, mas pensávamos que um Espírito que se arrepende e que implora a piedade não oferecia nenhum perigo. Se emprestou seus órgãos, foi para melhor pintar sua situação e interessar mais pela sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possessivos, em vista de se apoderar dele para dominá-lo. Isto lhe foi permitido, sem dúvida, em seu próprio interesse, e talvez também para a instrução das pessoas presentes.

Ele exclama:

"Oh! sim, a piedade! tenho necessidade dela, porque não sabeis o que sofro!... não, não o sabeis; mas não podeis compreendê-lo... é horrível!... A guilhotina! o que é isso, ao lado do que sofro agora? Isso não é nada; é um instante. Mas o fogo que me devora, é pior, é uma morte contínua; é um sofrimento que não deixa nem trégua nem repouso... que não tem fim!

"E minhas vítimas que estão ali, ao meu redor,... que me mostram suas feridas,... que me perseguem com seus olhares!... Elas estão ali, diante de mim... eu as vejo todas... sim todas... eu as vejo todas; não posso evitá-las!... E esse mar de sangue!... e esse ouro sujo de sangue!... tudo está ali! sempre diante de mim!... Sentis o odor do sangue?... Do sangue, sempre do sangue!... Hei-las, essas pobres vítimas; elas me imploram... e eu, sem piedade eu firo,... eu firo,... firo sempre!... O sangue me embriaga!

"Acreditava que depois de minha morte tudo estaria acabado; foi por isso que desafiei o suplício; desafiei a Deus, reneguei-o!... E eis que quando me acreditava aniquilado para sempre, um despertar terrível aconteceu;... oh! sim, terrível!... estou cercado de cadáveres, de figuras ameaçadoras... caminho no sangue... acreditava estar morto, e vivo!... Vivo para rever tudo isso! para vê-lo sem cessar!... É horrível!... é horrível! mais horrível do que todos os suplícios da Terra!

"Oh! se todos os homens pudessem saber o que há além da vida! saberiam o que lhes custa fazer o mal; não haveria mais assassinos, mais criminosos, mais malfeitores!... Gostaria que todos os assassinos pudessem ver o que vejo e o que suporto... Oh! não, não haveria mais deles... é muito horrível sofrer o que sofro!

"Sei bem que o mereci, ó meu Deus! porque não tive piedade de minhas vítimas; repeli suas mãos suplicantes quando me pediam para poupá-las. Sim, eu mesmo fui cruel; matei-as covardemente para ter seu ouro!... Fui impiedoso; eu vos reneguei; blasfemei contra vosso santo nome... *Eu quis me atordoar; por isso queria me persuadir de que não existíeis...* Oh! meu Deus! sou um grande criminoso! Eu o compreendo agora. Mas não teríeis piedade de mim?... Sois Deus, quer dizer, a bondade, a misericórdia! Sois todo-poderoso!

"Piedade, Senhor! oh! piedade! Eu vos peço isto, não sejais inflexível; livrai-me desta visão odiosa, dessas imagens horríveis,... deste sangue,... de minhas vítimas *cujos olhares me atravessam até o coração como golpes de punhal.*

'Vós que estais aqui, que me escutais, sois almas boas, almas caridosas; sim, eu vos vejo, tereis piedade de mim, não é? Orareis por mim... Oh! vos suplico isso! não me repilais. Pedireis a Deus para me tirar este horrível espetáculo de diante de meus olhos; ele vos escutará, porque sois bons... Eu vos peço isso, não me repilais como repeli os outros... Orai por mim!"

Os assistentes, tocados com seus lamentos, lhe endereçaram palavras de encorajamento e de consolo. Deus, se lhe disse, não é inflexível; o que ele pede ao culpado é um arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fez. Uma vez que o vosso coração não é endurecido, e que lhe pedis perdão por vossos crimes, estenderá sobre vós a sua misericórdia, se perseverardes em vossas boas resoluções para reparar o mal que fizestes. Sem dúvida, não podeis restituir às vossas vítimas a vida que lhes tirastes, mas, se pedirdes com fervor, Deus vos concederá reencontrar com elas numa nova existência, onde podereis lhes mostrar tanto devotamento quanto fostes cruel; e quando ele julgar a reparação suficiente, reentrareis em graça junto dele. A duração do vosso castigo está assim em vossas mãos; depende de vós abreviá-lo; nós vos prometemos vos ajudar com as nossas preces, e chamar sobre vós a assistência dos bons Espíritos. Iremos dizer, em vossa intenção, *a* prece contida em *A Imitação do Evangelho* para os Espíritos sofredores e arrependidos. Não diremos aquela para os maus Espíritos, porque desde que vos arrependestes, que implorais a Deus, e renunciais em fazer o mal, não sois mais, aos nossos olhos, do que um Espírito infeliz, e não mau.

Dita essa prece, e depois de alguns instantes de calma, o Espírito retomou:

"Obrigado, meu Deus!... oh obrigado! tivestes piedade de mim; essas imagens horríveis se afastam... Não me abandoneis, enviai-me vossos bons Espíritos para sustentar-me... Obrigado!"

Depois desta cena, o médium, durante algum tempo, está cansado e abatido; seus membros fatigados. Ele tem a lembrança, de início confusa, do que acaba de se passar; depois, pouco a pouco, ele se lembra de algumas das palavras que pronunciou, e que dizia malgrado ele; sentia que não era ele quem falava.

No dia seguinte, numa nova reunião, o Espírito se manifestou ainda e recomeçou, durante alguns minutos somente, a cena da véspera, com a mesma pantomima expressiva, mais menos violenta; depois ele escreveu, pelo mesmo médium, com uma agitação febril, as palavras seguintes:

"Obrigado por vossas preces; já uma melhora sensível se produziu em mim. Pedi a Deus com tanto fervor, que ele permitiu que, por um momento, meus sofrimentos sejam aliviados; mas as verei ainda, minhas vítimas... Hei-las! hei-las!... Vedes esse sangue?..."

(A prece da véspera foi repetida .O Espírito continua, dirigindo-se ao médium):

"Perdão por me apoderar de vós. Obrigado pelo alívio que trazeis aos meus sofrimentos; perdão por todo o mal que vos ocasionei; mas tenho necessidade de me manifestar; só vós podeis...

"Obrigado! obrigado! um pouco de alívio se produziu; mas não estou no fim de minhas provas. Logo ainda as minhas vítimas retornarão. Eis a punição; eu a mereci, meu Deus! mas sede indulgente.

'Todos vós, orai por mim; tende piedade de mim.

"LATOUR."

Nota. Embora não tenhamos prova material da identidade do Espírito que se manifestou, não temos, não mais, motivos para dela duvidar. Em todos os casos, é evidentemente um Espírito muito culpado, mas arrependido, terrivelmente infeliz e torturado pelo remorso. A esse título, esta comunicação é muito instrutiva, porque não se pode desconhecer a profundidade e a alta importância de algumas das palavras que ela encerra; além disso, ela oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, no entanto, se entrevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é tão ridícula quanto se o crê, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus cornos e suas forcas, quanto essas vítimas servindo elas mesmas ao castigo do culpado. Em admitindo a identidade desse Espírito, se admirará talvez de uma mudança tão pronta em seu estado moral; foi assim que fizemos notar numa outra ocasião, que há, freqüentemente, mais recursos num Espírito brutalmente mau, do que naquele que é dominado pelo orgulho, ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse pronto retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem do que perversa, à qual não faltou senão uma boa direção. Comparando a sua linguagem com a de um outro criminoso citado da Revista de julho de 1864, sob o título de: *Castigo pela luz, é* fácil de ver qual dos dois é o mais avançado moralmente, apesar da diferença de sua instrução e de sua posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, ao passo que o outro trazia, na perpetração de seus crimes, a calma e o sangue frio de uma lenta e perseverante combinação, e depois de sua morte desafiava ainda o castigo por orgulho; ele sofre mas não quer nisso convir; o outro é dominado imediatamente. Pode-se assim prever qual dos dois sofrerá por mais tempo.

ESTUDOS MORAIS.

UM RETORNO DE FORTUNA.

Lê-se no *Siècle* de 5 de junho de 1864:

"Um Berlinense, Sr. X..., possuía uma fortuna muito grande. Seu pai, ao contrário, em conseqüência de seguidos revezes, tinha caído numa privação absoluta e se viu constrangido a recorrer à generosidade de seu filho. Este repeliu duramente o pedido do velho que, para não morrer de fome, precisou solicitar a intervenção da justiça. O Sr. X... foi condenado a fornecer ao seu pai uma pensão alimentícia. O Sr. X... havia tomado suas precauções. Pressentindo que, *se* recusasse a decidir-se, uma oposição seria posta sobre suas rendas, tomou a decisão de ceder sua fortuna ao seu tio paterno.

"O infeliz pai se via na sorte de levar sua última esperança. Ele protestou que a cessão era fictícia e que seu filho a ela não tinha recorrido senão para escapar à execução do julgamento. Mas lhe seria necessário poder prová-lo, e, longe de ser capaz de intentar um processo custoso, o velho não tinha *as* coisas as mais necessárias à vida.

"Um acontecimento imprevisto veio tudo mudar. O tio morreu subitamente e sem testar. Não tendo família, a fortuna veio de direito ao seu parente mais próximo, quer dizer, ao seu irmão.

"Compreende-se o resto. Hoje, os papéis estão invertidos. O pai é rico e seu filho pobre. O que deve, sobretudo, acrescer à exasperação deste último, é que não pode invocar o fato de uma cessão fictícia, a lei interditando formalmente esse gênero de transação."

Se isso fosse sempre assim com o mal, dir-se-á, se compreenderia melhor a justiça do castigo; sabendo o culpado porque é punido, saberia do que deve se corrigir.

Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se crê. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia aí, quase sempre, a conseqüência natural de alguma falta cometida. O homem recebe, a cada instante, terríveis lições das quais infelizmente bem pouco aproveita. Cego pela paixão ele não vê a mão de Deus que o fere; longe de se acusar de seus próprios infortúnios, liga-os à fatalidade, à má chance; se irrita muito mais freqüentemente do que se arrepende, e não ficaríamos surpresos se o filho do qual se fala acima, em lugar deter reconhecido seus erros para com seu pai, de ter retornado, a seu respeito, a melhores sentimentos, não teria concebido contra ele uma maior animosidade. Ora, o que é que Deus pede ao culpado? O arrependimento e a reparação *voluntária.*

Para excitá-lo a isso, multiplica ao seu redor as advertências sob todas as formas durante a sua vida: infelicidades, decepções, perigos iminentes, em uma palavra, tudo que é próprio a fazê-lo refletir; se, apesar disso, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É um grave erro crer que o mal seja, às vezes, completamente impune na vida atual; se se soubesse tudo o que chega ao mau, em aparência o mais próspero, convencer-se-ia dessa verdade de que não há uma única falta nesta vida, um único mau pendor, dizemos mais, um único mau pensamento que não tenha a sua contrapartida; de onde esta conseqüência de que, se o homem aproveitasse as advertências que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito a justiça de Deus, e não teria mais a expiar, nem a reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja numa nova existência. Se, pois, eles estão aqui, nesta vida, sofrendo o passado de sua existência precedente, é que têm a pagar uma dívida que não quitaram. Se o filho em questão morre na impenitência, sofrerá de início, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; ele sofrerá moralmente o que fez suportar materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom, ao mesmo tempo que soberanamente justo, lhe permitirá reencarnar-se para reparar; dar-lhe-á, talvez, o mesmo pai, e, em sua bondade, poupar-lhe-á a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará com ele a intuição das resoluções que terá tomado, a vontade de fazer o bem em lugar de fazer o mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando ele reentrar no mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas se fracassa nessa nova prova, isso será para ele a recomeçar, até que haja *se* despojado inteiramente do homem velho.

Cessemos, pois, de ver nas misérias que suportamos, pelas faltas de uma existência anterior, um mistério inexplicável, e digamos a nós mesmos que depende de nós evitá-las, merecendo nosso perdão desde esta vida; nossas dívidas quitadas, Deus não nos fará pagar uma segunda vez; mas se permanecermos surdos às suas advertências, então exigirá até o último óbolo, fosse isso depois de vários séculos ou vários milhares de anos. Para isso, não são vãos simulacros que ele exige, é a reforma radical do coração. A morada dos eleitos não está aberta senão aos Espíritos purificados; toda mancha interdita-lhe o acesso. Cada um pode pretendê-la: a cada um cabe fazer o que for preciso para isso, e ali chegar cedo ou tarde segundo seus esforços e sua vontade; mas Deus não diz a ninguém: Tu não te purificarás!

UMA VINGANÇA.

"Escreveu-se de Marseille:

"Um dos mais honrados negociantes de nossa cidade, cercado da estima geral, Sr. X..., vem de dar um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. Na última segunda-feira, o Sr. X... soube, por uma carta anônima, que sua mulher mantinha relações íntimas com o padre. Deram-lhe os detalhes mais circunstanciados, que não lhe deixavam nenhuma dúvida sobre a extensão da infelicidade. Ele entrou em sua casa, fez uma pesquisa junto de seus domésticos: camareira, criado, jardineiro, cocheiro, etc., todos confessam o que sabem. Essa intriga durava há quinze meses. O Sr. X...era a fábula de todo o quarteirão, e só ele disso não desconfiava. Foi depois dessa enquete que ele deu o tiro de pistola contra o vigário." *(Siècle, 7* de junho de 1864.)

Quem é o mais culpado nesse triste acontecimento? A mulher, o marido ou o padre? A mulher que, enganada por piedosos sofismas, provavelmente, se achou desculpada pela qualidade do cúmplice, e se tranqüilizou pela esperança de uma absolvição fácil? O marido que, cedendo a um movimento de indignação, não pôde dominar sua cólera? Ou o padre que, de sangue frio, com premeditação, viola seus votos, abusa de seu caráter, engana a confiança para lançar a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada? A consciência pública pronunciou seu veredicto; mas, fora do fato material, há considerações da mais alta gravidade.

Uma filosofia de consciência elástica poderá talvez encontrar uma escusa no arrastamento das paixões, e se limitará a censurar os votos imprudentes. Admitamos, querendo-se, não uma escusa, mas uma circunstância atenuante aos olhos dos homens carnais, e disso não resta menos um abuso de confiança e do ascendente que o culpado possuía em sua qualidade; a fascinação que exercia sobre sua vítima ao abrigo de seu hábito sagrado: aí está a falta, aí está o crime que, se não for punido pela justiça dos homens, certamente sê-lo-á pela justiça de Deus.

Ora, quinze meses eram mais do que suficientes para lhe dar o tempo da reflexão e retornar ao sentimento de seus deveres. Que fazia no intervalo? Ensinava à juventude *as* verdades da religião; pregava as virtudes do Cristo, a castidade de Maria, a eternidade das penas contra os pecadores; perdoava ou retinha as faltas de outrem segundo seu próprio julgamento; e ele, o refratário aos mandamentos de Deus que condenam o que ele fazia, era o dispensador infalível da inflexível severidade ou da misericórdia de Deus! É esse um caso isolado? Ah! a história de todos os tempos, infelizmente, aí está para provar o contrário. Fazemos aqui abstração do indivíduo, para não ver senão um princípio que dá lugar à incredulidade e mina silenciosamente o elemento religioso. O poder absoluto do padre, diz-se, é independente de sua conduta pessoal; seja, não discutiremos esse ponto, embora pareça estranho que um homem que, por suas infâmias, merece o inferno, possa abrir ou fechar as portas do paraíso a quem bom lhe pareça, quando, freqüentemente, os excessos lhe tiram a inteira lucidez de suas idéias. Se o medo das penas eternas não detém no caminho do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles mesmos nisso não crêem; a primeira condição para inspirar confiança seria a de pregar pelo exemplo.

VARIEDADES

SOCIEDADE ALEMÃ DOS PROCURADORES DE TESOUROS.

Leu-se o artigo seguinte nos diversos jornais franceses e estrangeiros:

"Os Espíritas acabam de recrutar novos adeptos na Alemanha. Um certo médico de Zittau, de nome Berthelen, autor de um opúsculo sobre as *mesas falantes,* organizou uma sociedade que se intitula: *Associação dos procuradores de tesouros,* e que tem por objetivo escavar o solo das localidades que passam por encerrar tesouros enterrados. As operações da empresa são conduzidas por um sonâmbulo dos mais lúcidos, senhora Louise

Ebermann, e começaram por escavações diárias que se executam a horas fixas no meio de um campo plantado de tabaco, onde se encontraria escondida uma soma de 400.000 thalers (1.500.000 francos). A sociedade não conta senão sete ou oito membros tomando parte nos trabalhos, e até o presente suas operações se limitam a dizer preces em comum e a carregar, com um certo cerimonial, as terras retiradas do solo onde se espera descobrir o feliz tesouro."

E verdadeiramente curioso ver a pressa de certos jornais em reproduzir tudo o que, segundo eles, pode lançar descrédito sobre o Espiritismo. O menor acontecimento infeliz ou ridículo, e ao qual, certo ou errado, se encontre misturada a palavra *espírita, é* a toda hora repetido sobre toda linha, com variantes mais ou menos engenhosas, sem cuidado da verdade; os próprios boatos mais inverossímeis são aceitos com uma seriedade verdadeiramente cômica. Ao aparecimento dos espectros nos teatros, todos a repetirem a polêmica que o Espiritismo esgotou a fundo, e que suas mais importantes astúcias foram enfim descobertas; um charlatão, um saltimbanco, um ledor de boa sorte crêem vestirem-se do nome de Espírita, logo os adversários o assinalam como um dos representantes da Doutrina. De tudo isto qual é o resultado? Ressonância do nome; daí o desejo de conhecer a coisa; ridículo para os zombadores que falam aturdidos daquilo que não sabem; o-dioso caído sobre os caluniadores; e, em conseqüência, crescimento do número de adeptos sérios, os únicos que se contam entre os Espíritas.

O artigo acima pertence à categoria dos que acabamos de falar. O autor se dá a si mesmo um desmentido dizendo que as pesquisas se fazem com a ajuda de um sonâmbulo dos mais lúcidos; não é, pois, com o concurso dos Espíritos. Sobre o que se funda para se dizer que é uma associação de Espíritas? Sobre o que o fundador da sociedade escreveu um opúsculo sobre as mesas girantes. Segue-se que ele seja Espírita? De nenhum modo, porque na época das mesas girantes estava-se ainda no *abe* da ciência; aliás, se ele conhecesse o Espiritismo, saberia que os Espíritos não podem favorecer nenhuma procura dessa natureza.

Desde que se conhece o sonambulismo, se o empregou na descoberta dos tesouros, e até o presente ninguém conseguiu senão despender dinheiro em escavações inúteis, como outrora os procuradores da pedra filosofal. Predizemos a mesma sorte à nova empresa. Quando se soube que os Espíritos poderiam se comunicar, um primeiro pensamento, de resto muito natural, foi também que eles poderiam servir utilmente às especulações de toda natureza; mas não se tardou a reconhecer que, sob esse aspecto, não se retirava deles senão mistificações. Para isso havia uma causa: foram os próprios Espíritos que o indicaram; também não há hoje um único Espírita esclarecido que perca seu tempo em perseguir tais quimeras, porque todos sabem que Deus não dá aos homens semelhantes meios para se enriquecerem, e é a razão pela qual não permite aos Espíritos as revelações desse gênero.

Foi, pois, abusivamente que o autor do artigo colocou a associação alemã dos procuradores de ouro sob o patrocínio do Espiritismo; não é entre aqueles que não vêem nos Espíritos senão os servidores da ambição, da cupidez e dos interesses materiais que a Doutrina recruta seus adeptos, mas entre aqueles que a consideram como uma causa de melhoria moral.

Para mais ampla instrução a este respeito, enviamos a *O Livro dos Médiuns,* cap. XXVI, *Perguntas que se podem dirigir aos Espíritos;* nº291, *Perguntas sobre os interesses morais e materiais;* nº 294, *Perguntas sobre as invenções e as descobertas;* nº 295, *Perguntas sobre os tesouros ocultos.*

UM QUADRO ESPÍRITA NA EXPOSIÇÃO DE ANVERS.

Durante nossa estada em Anvers, fomos visitar a exposição de pintura, onde admiramos as obras verdadeiramente notáveis de pintores nacionais; ali vimos com um extre-

mo prazer figurar muito honrosamente dois quadros do nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Wintz, 63, rua de Clichy: *Retorno das vacas* e um raio de *Lua.* Mas o que chamou particularmente a nossa atenção foi um quadro do gênero posto no catálogo sob o título de: *Cena do interior de camponeses espíritas.* Num interior de imóvel rural, três indivíduos em roupa flamenga estão sentados em redor de um enorme cepo sobre o qual pousam as mãos na atitude daqueles que fazem mover as mesas. Em sua fisionomia atenta e recolhida, reconhecia-se que tomam a coisa a sério. Outros personagens, homens, mulheres e crianças, estão diversamente agrupados, uns espiando com ansiedade o primeiro movimento da enorme massa, os outros sorrindo com um ar de ceticismo. Essa pintura', que não é sem mérito como execução, é original e verdadeira. Se excetuarmos deles o quadro *medianímico* que figurava como tal na exposição de artes de Constantinopla (Ver *a Revista* de julho de 1863, p. 209), é a primeira vez que o Espiritismo figura tão claramente confessado nas obras de arte; é um começo.

ALLAN KARDEC.

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO | NO. 11 | NOVEMBRO 1864

O ESPIRITISMO E UMA CIÊNCIA POSITIVA.

Alocução do Sr. ALLAN KARDEC aos Espíritas de Bruxelas e de Anvers, em 1864.

Publicamos esta alocução a pedido de um grande número de pessoas que nos manifestaram o desejo de conservá-la, e porque ela tende afazer encarar o Espiritismo sob um aspecto de alguma sorte novo. A *Revista Espírita* de Anvers a reproduziu integralmente.

Senhores e caros irmãos espíritas,

Eu me comprazo em vos dar este título, porque, se bem que não tenha a vantagem de conhecer todas as pessoas que assistem a esta reunião, gosto de crer que estamos aqui em família, e todos em comunhão de pensamentos e de sentimentos. Admitindo mesmo que todos os assistentes não fossem simpáticos às nossas idéias, não os confundiria menos no sentimento fraternal que deve animar os verdadeiros Espíritas para com todos os homens, sem distinção de opinião.

No entanto, é aos nossos irmãos em crença que me dirijo mais especialmente para exprimir-lhes a satisfação que sinto por me encontrar entre eles, e lhes oferecer, em nome da Sociedade de Paris, a saudação de confraternização espírita.

Já havia adquirido a prova de que o Espiritismo conta, nesta cidade, numerosos adeptos sérios, devotados e esclarecidos, compreendendo perfeitamente o objetivo moral e filosófico da Doutrina; sabia aqui encontrar corações simpáticos, e este foi um motivo determinante para mim de responder ao premente e gracioso convite que me foi feito por vários dentre vós, para vir vos fazer uma visita este ano. A acolhida tão amável e tão cordial que recebi, me fará levar, de minha estada aqui, as mais agradáveis lembranças.

Certamente, teria o direito de me orgulhar da acolhida que me é feita nos diversos centros que vou visitar, se não soubesse que estes testemunhos se dirigem bem menos ao homem do que à Doutrina, da qual não sou senão o humilde representante, e devem ser considerados como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios; é assim que os considero, no que me concerne pessoalmente.

De resto, se as viagens que faço, de tempos em tempos, aos centros espíritas não devessem ter por resultado senão uma satisfação pessoal, considerá-las-ia como inúteis e delas me absteria; mas, além de que contribuir para estreitar os laços de fraternidade entre os adeptos, têm também a vantagem de me fornecer assuntos de observação e de estudo, que não são jamais perdidos para a Doutrina. Independentemente dos fatos que podem servir ao progresso da ciência, ali recolho os materiais da história futura do Espiritismo, os documentos autênticos sobre o movimento da idéia espírita, os elementos mais os menos favoráveis, ou contrários, que ela encontra segundo as localidades, a força ou a fraqueza e as manobras de seus adversários, os meios de combater estes últimos, o zelo e o devotamento de seus verdadeiros defensores.

Entre estes últimos, é preciso colocar em primeiro plano todos aqueles que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem pensamento

dissimulado pessoal, que procuram o triunfo da Doutrina pela Doutrina e não para a satisfação de seu amor-próprio; aqueles, enfim, que, por seu exemplo, provam que a moral espírita não é uma palavra vã, e se esforçam por justificar esta notável palavra de um incrédulo: *Com uma tal doutrina, não se pode ser Espírita sem ser homem de bem.*

Não há centro espírita onde não haja encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores do terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, considerando seu devotamento como uma dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. Não é justo que os nomes daqueles, dos quais a Doutrina se honra, estejam perdidos para nossos descendentes e que um dia se possa inscrevê-los no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado deles, às vezes, se encontram as crianças terríveis da causa, os impacientes que, não calculando a importância de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; aqueles que, por um zelo irrefletido, idéias intempestivas e prematuras, fornecem, sem o querer, armas aos nossos adversários. Depois vêm aqueles que, não tomando do Espiritismo senão a superfície, sem *dele serem tocados no coração,* dão, por seu próprio exemplo, uma falsa opinião de seus resultados e de suas tendências morais.

Aí está, sem contradita, o maior escolho que encontram os sinceros propagadores da Doutrina, porque, freqüentemente, vêem a obra que penosamente esboçaram, desfeita por aqueles mesmos que deveriam secundá-los. É um fato constatado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo, e mesmo por seus inimigos declarados; e há a anotar-se que aqueles que o compreendem mal, geralmente, têm a pretensão de compreendê-lo melhor do que os outros; não é raro ver noviços pretenderem, ao cabo de alguns meses, ser superiores àqueles que tiveram para eles a experiência adquirida por estudos sérios. Essa pretensão, que trai o orgulho, é ela mesma uma prova da ignorância dos verdadeiros princípios da Doutrina.

No entanto, que os Espíritas sinceros não se desencorajem: é um resultado do momento de transição em que estamos; as idéias novas não podem se estabelecer de repente e sem obstáculo; como lhes é preciso sanear as idéias antigas, elas encontram forçosamente adversários que as combatem e as repelem; depois, pessoas que as tomam como contra-senso, que as exageram ou querem acomodá-las aos seus gostos ou às suas opiniões pessoais. Mas chega um momento em que os verdadeiros princípios sendo conhecidos e compreendidos pela maioria, as idéias contraditórias caem por si mesmas. Vede o que já nisso adveio com todos os sistemas isolados, eclodidos na origem do Espiritismo; todos caíram diante da observação mais rigorosa dos fatos, ou não encontram ainda senão alguns de seus partidários tenazes que, em todas as coisas, se aferram às suas primeiras idéias sem dar um passo à frente. A unidade se fez na crença espírita com muito mais rapidez do que *se* podia esperar; é que os Espíritos vieram sobre todos os pontos confirmar os princípios verdadeiros; de sorte que hoje há, entre os adeptos do mundo inteiro, uma opinião predominante que, se não é ainda a da unanimidade absoluta, incontestavelmente, é a da imensa maioria; de onde se segue que aquele que quer caminhar em sentido contrário a esta opinião, não encontrando senão pouco ou nenhum eco, se condena ao isolamento. A experiência aí está para demonstrá-lo.

Para remediar o inconveniente que acabo de assinalar, quer dizer, para prevenir as conseqüências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso se prender em vulgarizar as idéias justas, a formar adeptos esclarecidos, cujo número crescente neutralizará a influência das idéias errôneas.

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal ajudar nossos irmãos em crença em sua tarefa; portanto, delas me aproveito para lhes dar as instruções das quais podem ter necessidade, como desenvolvimento teórico ou aplicação

prática da Doutrina, quanto me é possível fazê-lo. Sendo sério o objetivo dessas visitas, e exclusivamente no interesse da Doutrina, não vou ali procurar ovações que não estão nem nos meus gostos nem em meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais se pode conversar sem constrangimento e se esclarecer mutuamente por uma discussão amigável, onde cada um traz o tributo de suas próprias observações.

Nessas viagens, não vou pregar aos incrédulos; não convoco jamais o público para catequizá-lo; em uma palavra, não vou fazer propaganda; não compareço senão nas reuniões de adeptos onde meus conselhos são desejados e podem ser úteis; dou-os de boa vontade àqueles que crêem deles ter necessidade; disso me abstenho com aqueles que se crêem bastante esclarecidos para poder sem eles passar. Não me dirijo senão aos homens de boa vontade.

Se nessas reuniões se misturassem, por exceção, pessoas atraídas pelo motivo único da curiosidade, ficariam desapontadas, porque ali não encontrariam nada que pudessem satisfazê-las, e se estivessem animadas de um sentimento hostil ou de difamação, o caráter eminentemente sério, sincero e moral da assembléia e dos assuntos que nela são tratados, tiraria todo pretexto plausível à sua malevolência. Tais são os pensamentos que se exprimem nas diversas reuniões às quais sou chamado a assistir, afim de que não se equivoque sobre as minhas intenções.

Em começando, digo que sou o representante da Doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter chamarão naturalmente a vossa atenção sobre um ponto essencial que talvez não se tenha suficientemente considerado até o presente. Certamente, vendo a rapidez dos progressos desta Doutrina, haveria mais glória em me dizer dela o criador; meu amor-próprio nisso encontraria sua conta; mas não devo fazer minha parte maior do que ela o é; longe de lamentá-lo, disso me felicito, porque então a Doutrina não seria senão uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia a sua autoridade. Ela poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas seguramente não teria podido adquirir, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Aí está um fato capital, senhores, e que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, nos fatos positivos, que se produzem a cada instante sob nossos olhos, mas dos quais não se supunha a origem. É, pois, um resultado da observação, uma ciência, em uma palavra: a ciência das relações do mundo visível e do mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que toma lugar, estejais disto convencidos, ao lado das ciências *positivas.* Disse *positivas,* porque toda ciência que repousa sobre os fatos é uma ciência positiva e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; essa lei universal existia antes dele; cada um dela fazia a aplicação e sentia-lhe os efeitos, e, no entanto, não era conhecida.

O Espiritismo vem a seu turno mostrar uma nova lei, uma nova força na Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei também universal quanto a da gravitação e da eletricidade, e, no entanto, ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foi com todas as outras leis na época de sua descoberta; é que os homens têm, geralmente, dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas, e que, por amor-próprio, lhes custa convir que estão enganados, ou que outros puderam encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas como, em definitivo, essa lei repousa sobre os fatos, e que contra os fatos não há negação que possa prevalecer, lhe será bem preciso render-se à evidência, como os mais recalcitrantes deveram fazê-lo para o movimento da Terra, a formação do globo e os

efeitos do vapor. Se esforçaram em taxar os fenômenos de ridículos, não podem impedir de existir o que existe.

O Espiritismo tem, pois, procurado a explicação dos fenômenos de uma certa ordem, e que, em todas as épocas, se produziram de maneira espontânea; mas o que sobretudo favoreceu em suas pesquisas, é que lhe foi dado poder produzi-los e provocá-los, até um certo ponto. Ele encontrou nos médiuns instrumentos próprios para esse efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. Isto, compreende-se, não é senão uma comparação que eu pretenda estabelecer.

Mas há aqui uma consideração de uma alta importância, é que, em suas pesquisas, ele não procedeu pela via das hipóteses, assim como se o acusa; ele não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob os olhos; procedeu pela via da análise e da observação; dos *fatos ele remontou à causa, e o elemento espiritual se apresentou a ele como força ativa; não o proclamou senão depois de tê-lo constatado.*

A ação do elemento espiritual, como força e como lei da Natureza, abre, pois, novos horizontes à ciência, dando-lhe a chave de uma multidão de problemas incompreendidos. Mas se a descoberta das leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais enraizadas; ele mostra o caminho sob um novo aspecto; mata a superstição e o fanatismo; engrandece o pensamento, e o homem, em lugar de se arrastar na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, se eleva até o infinito; sabe de onde vem e para onde vai; vê um objetivo para seu trabalho, seus esforços, uma razão de ser ao bem; sabe que nada do que adquire neste mundo, em saber e em moralidade, está perdido para ele, e que o seu progresso prossegue indefinidamente além do túmulo; ele sabe que tem sempre o futuro para si, quaisquer que sejam a insuficiência e a brevidade da existência presente, ao passo que a idéia materialista, em circunscrevendo a vida à existência atual, lhe dá por perspectiva o nada, que não tem mesmo para compensação a ausência, que ninguém pode recuar à sua vontade, porque aqui podemos cair amanhã, numa hora, e então o fruto de nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos está perdido para sempre para nós, freqüentemente, sem ter tido o tempo de gozá-los.

O Espiritismo, eu o repito, em demonstrando, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível, e o futuro que nos espera, muda totalmente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque ele não trabalha mais somente para o presente, mas para o futuro; sabe que se não goza hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e abre, por isso mesmo, um novo caminho ao progresso material. O homem terá, então, uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral sobre a Terra; compreenderá melhora solidariedade que existe entre os seres deste mundo, uma vez que essa solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade não é mais uma palavra vã; ela mata o egoísmo em lugar de ser morta por ele, e muito naturalmente o homem, imbuído dessas idéias, nisso conformará às suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma; assim se cumprirá, pela força das coisas, o revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isso tudo simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza que dá um outro curso às idéias, que dá um resultado a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de um outro ponto de vista.

Se os detratores do Espiritismo - falo daqueles que militam para o progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos - conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, a sua importância e seus resultados inevitáveis, em lugar de abafá-lo como o fazem, de lançar sem cessar entraves em seu caminho, nele veriam a mais poderosa alavanca para chegar à

destruição dos abusos que combatem; em lugar de lhe serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial; infelizmente, a maioria crê mais neles do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a irresistível força do Espiritismo nisso será tanto melhor constatada quanto tiver tido mais a combater. Um dia dir-se-á deles, e isso não será à sua glória, o que dizem eles mesmos daqueles que combateram o movimento da Terra e daqueles que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições, não impediram essas leis naturais de seguir o seu curso; do mesmo modo todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual que é também uma lei da Natureza.

O Espiritismo, considerado dessa maneira, perde o caráter de misticismo que lhe censuram seus detratores, aqueles pelo menos que não o conhecem; não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da Natureza enriquecido de uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites dos conhecimentos humanos recuados.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual é preciso encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não foi nem o de inventor, nem o de criador; eu vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que nisso me toca; o que fiz, um outro teria podido fazê-lo em meu lugar. Em tudo isso fui um simples instrumento dos desígnios da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem consentido em se servirem de mim; é uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforço para me tornar digno, rogando a Deus me dar as forças necessárias para cumpri-la segundo a sua santa vontade. No entanto, esta tarefa é pesada, mais pesada do que ninguém pode crer; se ela tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não ter recuado diante de nenhum obstáculo, nem de nenhum sacrifício; essa será a obra de minha vida até meu último dia, porque diante de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como os pontos diante do infinito.

Termino esta curta exposição, senhores, dirigindo felicitações sinceras àqueles de nossos irmãos da Bélgica, presentes ou ausentes, cujo zelo, devotamento e perseverança contribuíram para implantar o Espiritismo neste país. As sementes que depositaram nos grandes centros populacionais, tais como Bruxelas, Anvers, etc., não terão sido, disso estou seguro, lançadas sobre um solo estéril.

UMA LEMBRANÇA DE EXISTÊNCIAS PASSADAS.

Num artigo biográfico sobre *Méry,* publicado pelo *Journal litté-raire,* de 25 de setembro de 1864, encontra-se a passagem seguinte:

"Há teorias singulares, que são para ele convicções.

"Assim, crê firmemente que viveu várias vezes; se lembra das menores circunstâncias dessas existências precedentes, e os detalhes com uma verve de certeza, que se impõe como uma autoridade.

"Assim, ele foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Auguste Germanicus, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Foi general e comandou as linha romanas quando atravessaram o Reno. Ele reconhece nas montanhas os lugares onde acampou, nos vales os campos de batalha onde combateu. Lembra-se das conversas com Mecenas, que são o objeto eterno de seus lamentos. Ele se chamava Minius.

"Um dia, em sua vida presente, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Ali foi recebido por jovens, noviços com longas roupas castanhas, que *se* admiram a lhe falarem o latim mais puro. Méry era bom latinista, em tudo o que se prende à teoria e às coisas escritas, mas não tinha ainda tentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses Romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma tão bem harmo-

nizado com os monumentos, com os costumes da época onde era usado, pareceu-lhe que um véu caiu de seus olhos; pareceu-lhe que ele mesmo havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases inteiras e irrepreensíveis caíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção, falou latim, enfim, como fala francês; teve em latim o espírito que tem em francês. Tudo isso não podia se fazer sem uma aprendizagem e, *se* não tivesse sido um modelo de Augusto, se não tivesse atravessado esse século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

"Sua outra passagem sobre a Terra ocorreu nas índias, eis por que os conhece tão bem; eis porque, quando publicou *a Guerre du Nizam, não* houve um de seus leitores que haja duvidado que ele tivesse habitado por muito tempo a Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são os originais, faz tocar com o dedo os menores detalhes, é impossível que não haja visto o que conta, a marca da verdade ali está.

"Ele pretende penetrar nesse país com a expedição muçulmana, em 1035. Viveu cinqüenta anos, passou belos dias, e ali se fixou para não mais sair. Lá era ainda poeta, mas menos letrado do que em Roma e em Paris. Guerreiro de início, sonhador em seguida, guardou em sua alma as imagens impressionantes das margens do rio Sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos de elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala, e que se conhece ainda tão pouco.

"É preciso ouvi-lo contar esses poemas; porque são verdadeiros poemas quanto essas lembranças de Swendenborg. Ele é muito sério, não duvideis disto. Não é uma mistificação arranjada às custas de seus ouvintes, é uma realidade da qual ele chega a vos convencer.

"E suas doutrinas sobre a história, que possui admiravelmente! E esses gracejos tão finos, que lançam uma nova luz sobre tudo o que elas tocam! E seus relatos, que são romanos, onde se choraria se ousasse, depois de ter rido sem impedir de fazê-lo! Tudo isso faz de Méry um dos homens mais maravilhosos dos tempos em que viveu, e mesmo daqueles em que sua alma errante esperava sua vez, a fim de reentrar num corpo e de fazer de novo falar dele às gerações sucessivas.

PIERRE DANGEAU."

O autor do artigo não acompanha esse fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua alta inteligência, foi inconseqüente de taxá-la de loucura. Se, pois, Méry é um homem de bom senso, de um alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é nele o produto de um sistema de seu modo, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, não há ali do que despertar a atenção de todo homem sério? Vejamos a quais incalculáveis conseqüências nos conduz este simples fato.

Se Méry já viveu, ele não deve fazer exceção, porque as leis da Natureza são as mesmas para todos, e, desde então, os homens devem também ter vivido; se se viveu, não é seguramente o corpo que renasce: é, pois, o princípio inteligente, a alma, o Espírito; temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, uma vez que os lugares lhe lembram o que viu outrora, na morte do corpo a alma não se perde, pois, no todo universal; portanto, ela conserva a sua individualidade, a consciência de seu *eu.*

Méry, lembrando-se do que foi há quase dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Ele se submergiu no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não, sem isso ela não reencontraria a sua individualidade de outrora. Ela deveu, pois, permanecer na esfera de atividade terrestre, viver da vida espiritual, no meio de nós ou no espaço que nos cerca, até que tivesse retomado um novo corpo. Méry não sendo o único no mundo, há, pois, ao nosso redor uma população inteligente invisível.

Renascendo na vida corpórea, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo, no estado de alma nova, ou aproveita as idéias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: se Méry tivesse perdido as idéias adquiridas, não teria reencontrado a língua que falava outrora; a visão dos lugares não lhe teria lembrado nada.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das idéias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas idéias, que tornam o estudo mais fácil. Se um homem não é senão um meio-matemático numa existência, será preciso menos trabalho numa nova existência para ser um matemático completo; está aí uma conseqüência lógica. Se tornou metade bom, se corrigiu de alguns defeitos, ser-lhe-á preciso menos trabalho para se tornar ainda melhor, e assim por diante.

Nada daquilo que adquirirmos em inteligência, em saber e em moralidade não está, pois, perdido; que morramos jovens ou velhos, que tenhamos ou não o tempo de o aproveitar na existência presente, nós lhe recolheremos os frutos nas existências subseqüentes. As almas que animam os Franceses civilizados de hoje podem, pois, ser as mesmas que animavam os bárbaros Francos, Ostrogodos, Visigodos, os selvagens Gauleses, os conquistadores Romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, se dá um passo adiante, apoiando-se sobre os passos feitos precedentemente, e que avançarão ainda.

Eis, pois, o grande problema do progresso da Humanidade resolvido, o problema contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos outros problemas vão encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isso não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas idéias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido; um fato é um ponto de partida do qual ele deduz as conseqüências. Ora, quais são os pensamentos que o fato de Méry desperta no autor do artigo? Ele mesmo os resume nestas palavras: "Há teorias singulares, são para ele convicções."

Mas se esse autor não vê senão uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, isso não poderia ser do mesmo modo com todo o mundo. Tal encontra em seu caminho um diamante bruto que não se digna recolher, porque não lhe conhece o valor, ao passo que um outro saberá apreciá-lo e disso tirará proveito.

As idéias espíritas se produzem hoje sob todas as formas; elas estão na ordem do dia, e a imprensa, sem querer confessá-lo, as registra e as semeia em profusão, crendo não enriquecer suas colunas senão com gracejos. Não é notável que todos os adversários da idéia, sem exceção, trabalhem com seu desconhecimento para a sua propagação? Gostariam de se calar e a força das coisas os arrasta a dela falar. Assim o quer *a* Providência, -para aqueles que crêem na Providência.

Raciocinais, dir-se-á, sobre um fato isolado que não pode fazer lei; porque, se a pluralidade das existências é uma condição inerente à Humanidade, por que todos os homens não *se* lembram como Méry? A isto respondemos: Tomai o trabalho de estudar o Espiritismo e sabê-lo-eis. Não repetiremos, pois, o que foi cem vezes demonstrado relativamente à inutilidade da lembrança para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes, e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há, para esse esquecimento, uma outra causa de alguma sorte fisiológica, e que se prende ao mesmo tempo à materialidade de nosso envoltório e à identificação de nosso Espírito pouco avançado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes. O véu que obscurece o passado é menos opaco; a faculdade da lembrança retrospectiva segue, pois, o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro sobre a nossa Terra, porque a Humanidade nela é ainda muito material; mas seria um erro crer que Méry nela seja um exemplo único. Deus permite, de tempos em tempos,

que isso se apresente, a fim de levar os homens a tomar conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, única lei que lhe explica a origem de suas qualidades boas ou más, lhe mostra a justiça das misérias que ele sofre neste mundo, e lhe traça o caminho do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitamento do passado é o que se tem mais dificuldade em compreender para aqueles que não estudaram o Espiritismo; para os Espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que foi dito a esse respeito, a comparação seguinte poderá facilitar-lhe a inteligência.

O escolar percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que se ensina na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava haja perdido toda lembrança do tempo passado nessa classe, seu Espírito por isso não será menos desenvolvido, e equipado de conhecimentos adquiridos; somente não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, pelo fato do progresso realizado, está apto a aproveitar as lições da sétima. Suponhamos, além disso, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que haja sido castigado e moralizado, seu caráter tenha se rompido, e que tenha se tornado laborioso, dócil e obediente, levará essas qualidades em sua nova classe que, para ele, parecerá ser a primeira. Que lhe serviria saber se foi fustigado por sua preguiça, se agora não é mais preguiçoso? O essencial é que chegou na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim o será de classe em classe.

Pois bem! o que não teve lugar para o escolar, nem para o homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência à outra; aí está toda a diferença, mas o resultado é exatamente o mesmo, embora sobre uma maior escala.

(Ver um outro exemplo de lembrança do passado relatado na *Revista* de julho de 1860, página 205.)

UM CRIMINOSO ARREPENDIDO.

(Continuação.)

(Passy, 4 de outubro de 1864. - Médium, Sr. Rui.)

Nota. - O médium tivera a intenção de evocar Latour desde o momento do suplício; tendo perguntado ao seu guia espiritual se poderia fazê-lo, respondeu-lhe para esperar o momento que lhe seria indicado. Não foi senão em 3 de outubro que dele recebeu a autorização, depois de ter lido o artigo da *Revista,* onde dele é falado.

P. Ouvistes minhas preces? - *R.* Sim, apesar de minha perturbação, eu as ouvi e lhas agradeço.

Fui evocado quase depois de minha morte, e não pude comunicar-me em seguida, mas muitos Espíritos levianos tomaram o meu nome e o meu lugar. Aproveitei a presença, em Bruxelas, do presidente da Sociedade de Paris, e, com a permissão dos Espíritos superiores, comuniquei-me.

Virei me comunicar à Sociedade, e farei revelações que serão um começo de reparação de minhas faltas, e que poderão servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerão e refletirão sobre o relato de meus sofrimentos.

Os discursos sobre as penas do inferno fazem pouco efeito sobre o Espírito dos culpados, que não crêem em todas essas imagens, atemorizantes para as crianças e os homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito pusilânime, e o medo dos policiais age mais sobre ele do que a narração dos tormentos do inferno. Eis porque todos aqueles que me lerão serão tocados palas minhas palavras, com meus sofrimentos que não são suposições. Não há um só padre que possa dizer: "Eu vi o que dizeis, assisti às torturas dos condenados." Mas quando eu vier dizer: "Eis o que se passou depois da morte de meu corpo; eis qual foi o meu desencanto, reconhecendo que não estava morto, como eu o esperava, e o que tomei como o fim de meus sofrimentos era o começo de

torturas impossíveis de se descrever." Então, mais de um se deterá à beira do precipício onde iria cair; cada infeliz que se detiver assim, no caminho do crime, servirá para resgatar uma de minhas faltas. Assim é que o bem sai do mal, e que a bondade de Deus se manifesta por toda a parte, sobre a Terra como no espaço.

Foi-me permitido estar longe da visão de minhas vítimas, que se tornaram os meus carrascos, afim de me comunicar convosco; mas deixando-vos, revê-las-ei, e só esse pensamento me faz sofrer mais do que não posso dizer. Sou feliz quando se me evoca, porque então deixo meu inferno por alguns instantes. Orai sempre por mim; orai ao Senhor para que me liberte da visão de minhas vítimas.

Sim, oremos juntos, a prece f az tanto bem!... Estou mais aliviado; não sinto mais o quanto o peso do fardo me oprime. Vejo um clarão de esperança que brilha aos meus olhos, e cheio de arrependimento, exclamo: Bendita seja a mão de Deus; que seja feita a sua vontade!

J. LATOUR.

O guia espiritual do médium ditou o que se segue:

"Não tome os primeiros gritos do Espírito que se arrepende como o sinal infalível de suas resoluções. Ele pode ser de boa-fé em suas promessas, porque a primeira impressão que sente vendo-se no mundo dos Espíritos é de tal modo fulminante que, ao primeiro testemunho de caridade que recebe de um Espírito encarnado, é se entregar aos extravasamentos do reconhecimento e do arrependimento. Mas, às vezes, a reação é igual à ação, e, freqüentemente, esse Espírito culpado, que ditou a um médium tão boas palavras, pode retornar à sua natureza perversa, aos seus pendores criminosos. Como uma criança que tenta caminhar, ele tem necessidade de ser ajudado para não cair."

No dia seguinte, o Espírito de Latour foi de novo invocado,

O MÉDIUM. - Em lugar de pedir a Deus para vos livrar da visão de vossas vítimas, eu vos convido a orar comigo, para pedir-lhe a força para suportar essa tortura expiatória.

LATOUR. - Preferiria estar livre da visão de minhas vítimas. Se soubésseis o que sofro! O homem mais insensível ficaria emocionado se pudesse ver, impresso sobre meu rosto como com o fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei o que me aconselhais. Compreendo que é um meio, um pouco mais rápido, de expiar as minhas faltas.

É como uma operação dolorosa que deve restituir a saúde ao meu corpo muito doente.

Ah! se os culpados da Terra pudessem me ver, ficariam amedrontados com as conseqüências dos seus crimes que, ocultos aos olhos dos homens, são vistos pelos Espíritos! Como a ignorância é fatal para tantas pobres pessoas!

Que responsabilidade assumem aqueles que recusam a instrução às classes pobres da sociedade! Crêem que com os guardas e a polícia podem prevenir os crimes. Como estão no erro! Dobrar-se-ia, quadruplicar-se-ia o número dos agentes da autoridade, que os mesmos crimes se cometeriam, porque é preciso que os maus Espíritos encarnados cometam crimes.

Eu me recomendo à vossa caridade.

Nota. - Sem dúvida, é por um resto dos preconceitos terrestres que Latour diz: "É preciso que os maus Espíritos encarnados cometam crimes." Seria a fatalidade nas ações dos homens, doutrina que os desculparia a todos. De resto, é muito natural que, ao sair de uma semelhante existência, o Espírito não compreenda ainda a liberdade moral, sem a qual o homem estaria ao nível do animal; pode-se admirar que não diga mais as más coisas.

A comunicação seguinte, do mesmo Espírito, foi obtida espontaneamente em Bruxelas, pela senhora C..., o mesmo médium que havia servido de instrumento para a cena narrada no número de outubro.

"Não temais mais nada de mim; estou mais tranqüilo, no entanto, sofro ainda. Deus teve piedade de mim, porque viu o meu arrependimento. Agora, sofro *desse arrependimento que mostra a enormidade de minhas faltas.*

"Se tivesse sido bem guiado na vida, não teria feito todo o mal que fiz; mas meus instintos não foram reprimidos, e *a* isso obedeci, não tendo conhecido nenhum freio. Se todos os homens pensassem antes em Deus, ou pelo menos se todos os homens nele cressem, semelhantes crimes enormes não mais seriam cometidos.

"Mas a justiça dos homens é mal combinada; por uma falta, algumas vezes leve, um homem é encerrado numa prisão que, sempre, é um lugar de perdição e de perversão. Dali sai completamente perdido pelos maus conselhos e os maus exemplos que nela hauriu. No entanto, se sua natureza é bastante boa e bastante forte para resistir ao mau exemplo, saindo da prisão todas as portas lhe são fechadas, todas as mãos se retiram diante dele, todos os corações honestos o repelem. Que lhe resta? o desprezo e a miséria. O desprezo, o desespero, se sente nele boas resoluções para retornar ao bem; a miséria o leva a tudo. Então, ele também despreza seu semelhante o odeia, e perde toda consciência do bem e do mal, uma vez que se vê repelido, ele que, no entanto, havia tomado a resolução de se tornar um homem honesto. Para se proporcionar o necessário, ele rouba, e mata às vezes; depois o guilhotinam!

"Meu Deus, no momento em que minhas alucinações vão me retomar, sinto vossa mão que se estende para mim; sinto vossa bondade que me envolve e me protege. Obrigado, meu Deus! Em minha próxima existência, empregarei minha inteligência, meu bem para socorrer os infelizes que sucumbiram e preservá-los da queda.

"Obrigado, vós que não repugnais comunicar-vos comigo; não tenhais medo; vede que não sou mau. Quando pensardes em mim, não vos representeis o retrato que vistes de mim, mas representai-vos uma pobre alma desolada, que vos agradece pela vossa indulgência.

"Adeus; evocai-me ainda, e pedi a Deus por mim.

"LATOUR."

Nota. - O Espírito fez alusão ao medo que a sua presença inspirava ao médium.

"Eu sofro, disse ele ainda, desse arrependimento que me mostra a enormidade de minhas faltas". Há aí um pensamento profundo. O Espírito não compreende realmente a gravidade de seus crimes senão quando se arrepende; o arrependimento traz o remorso, o remorso, sentimento doloroso que é transição do mal ao bem, da doença moral à saúde moral. É para disso escapar que os Espíritos perversos se obstinam contra a voz de sua consciência, como esses doentes que repelem o remédio que deve curá-los; procuram se iludir, se atordoar persistindo no mal. Latour chegou a esse período em que o endurecimento acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração; o arrependimento nele seguiu-o; compreende a extensão do mal que fez; vê sua abjeção, e sofre com isso; eis porque ele disse: "Eu sofro desse arrependimento." Em sua precedente existência, deveu ter sido pior do que nesta, porque se tivesse se arrependido como o faz hoje, sua vida teria sido melhor. As resoluções que agora toma influirão sobre a sua existência terrestre futura; a que vem de deixar, toda criminosa que haja sido, marcou para ele uma etapa de progresso. *É* mais provável que, antes de começá-la, ele era, na erraticidade, um desses maus Espíritos rebeldes, obstinados no mal, como se vêem tantos deles.

Muitas pessoas perguntaram que proveito poder-se-ia tirar das existências passadas, uma vez de que não se lembram nem daquilo que foram, nem daquilo que fizeram.

Esta questão está completamente resolvida pelo fato de que, se o mal que cometemos está apagado, se dele não resta nenhum traço em nosso coração, a sua lembrança seria inútil, uma vez de que não temos mais a nos preocupar com ele. Quanto àquele do qual não estamos inteiramente corrigidos, o conhecemos pelas nossas tendências atuais;

é sobre este que devemos levar toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Quando se considera a dificuldade, durante a vida, da reabilitação do culpado mais arrependido, a reprovação do qual é o objeto, deve-se bendizer a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado em tempo, e mesmo se tivesse resgatado, seus antecedentes o teriam feito rejeitar pela sociedade. Quem teria querido, apesar de seu arrependimento, admiti-lo em sua intimidade? Os sentimentos que manifesta hoje como Espírito, nos dão a esperança de que, em sua próxima existência terrestre, ele será um homem honesto, estimado e considerado; mas supondo que se saiba que ele foi Latour, a reprovação o perseguirá ainda. O véu lançado sobre seu passado abre-lhe a porta da reabilitação; poderá sentar-se, sem medo e sem desonra, entre as pessoas mais honestas. Quantos deles há que gostariam, a qualquer preço, de apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre uma doutrina que melhor se concilie do que esta com a justiça e a bondade de Deus! De resto, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado de observação. Não foram os Espíritas que a imaginaram; eles viram e observaram as diferentes situações nas quais se apresentam os Espíritos; procuraram explicá-los, e dessa explicação saiu a Doutrina. Se a aceitaram, foi porque ela resultou dos fatos, e porque lhes pareceu mais racional do que todas aquelas emitidas até hoje sobre o futuro da alma.

Latour foi muitas vezes evocado, *e* isso era muito natural; mas como ele chega em semelhante caso, houve muitas comunicações apócrifas e os Espíritos levianos não perderam essa ocasião. A própria situação de Latour se opunha a que pudesse se manifestar quase simultaneamente sobre tantos pontos, ao mesmo tempo; essa ubiqüidade não é o quinhão senão dos Espíritos superiores.

As comunicações que reportamos são mais autênticas? Nós o cremos, e o desejamos sobretudo pelo bem desse Espírito. Na falta dessas provas materiais que constatam a identidade de maneira absoluta, assim como se a obtém freqüentemente, temos pelo menos as provas morais que resultam, seja da circunstância nas quais essas manifestações ocorreram, seja da concordância; sobre as comunicações que conhecemos, vindas de fontes diferentes, três quartos pelo menos estão de acordo pelo fundo; entre as outras, há as que não suportam o exame, tanto o erro de situação é evidente, e em contradição flagrante com o que a experiência nos ensina sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual.

O que quer que seja, não se pode recusar àquelas que citamos um alto ensinamento moral. O Espírito pôde ser, mesmo deveu ser ajudado em suas reflexões, e sobretudo na escolha de suas expressões, por Espíritos mais avançados; mas, em semelhante caso, estes últimos não assistem senão na forma e não no fundo, e não colocam jamais o Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Puderam poetizarem Latoura forma do arrependimento, mas não lhe poderiam fazer expressar o arrependimento contra a sua vontade, porque o Espírito tem seu livre arbítrio; viram nele o germe de bom sentimento, e é por isso que o ajudaram a expressá-los, e por aí contribuíram para desenvolvê-los ao mesmo tempo que chamaram sobre ele a comiseração.

Não há nada de mais surpreendente, de mais moral, de natureza a impressionar mais vivamente, do que o quadro desse grande criminoso arrependido, exalando seu desespero e seus remorsos; que, em meio de suas torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas eleva seu pensamento a Deus para implorar a sua misericórdia? Não está aí um salutar exemplo para os culpados? Tudo é sensato em suas palavras; tudo é natural em sua situação, ao passo que a que lhe é feita por certas comunicações, é ridícula. Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem encenação fantasmagórica. Por que não teria tido arrependimento? Por que não teria nele uma corda sensível vibrante? Está precisamente aí o lado moral de suas comunicações; é a inteligência que ele tem de sua situação; são seus remorsos, su-

as resoluções, seus projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. Ter-se-ia achado extraordinário que se arrependesse sinceramente antes de morrer; que tivesse dito antes o que disse depois?

Um retorno ao bem antes de sua morte teria passado, aos olhos da maioria de seus semelhantes, por fraqueza; sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os espera. Ele está na verdade absoluta quando diz que seu exemplo é mais próprio para conduzir os culpados do que a perspectiva das chamas do inferno, e mesmo do cadafalso. Por que, pois, não se lhes daria nas prisões? Isto nisso faria refletir mais de um, assim como disso já tivemos mais exemplos. Mas como crer na eficácia das palavras de um morto, quando se crê em si mesmo que quando se está morto tudo está acabado? No entanto, um dia virá em que se reconhecerá esta verdade de que os mortos podem vir instruir os vivos.

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

PIERRELEGAY, DITO GRAND-PIERROT.

(Paris, 16 de agosto de 1864. - Médium, senhora Delanne).

Pierre Legay era um rico cultivador um pouco interessado, morto há dois anos e parente da senhora Delanne. Ele era conhecido na região sob a alcunha de *Grand-Pierrot.*

A entrevista seguinte nos mostra um dos lados mais interessantes do mundo invisível, o dos Espíritos que se crêem ainda vivos. Ela foi obtida pela senhora Delanne, que a comunicou à Sociedade de Paris. O Espírito se exprime exatamente como o fazia quando vivo; a própria trivialidade de sua linguagem é uma prova de identidade. Tivemos que suprimir algumas expressões que lhe eram familiares, por causa de sua crueza.

"Há algum tempo, diz a senhora Delanne, ouvíamos pancadas ao nosso redor; presumindo que isso poderia ser um Espírito, pedimos-lhe para se dar a conhecer. Ele escreveu logo: Pierre Legay, dito Grand-Pierrot.

P. Eis-vos, pois, em Paris, Grand-Pierrot, vós que tínheis tanto desejo de aqui vir? - *R.* Estou aí, meu caro amigo; vim inteiramente só, uma vez que *ela* veio sem mim; no entanto, eu lhe tinha tanto dito para me prevenir; mas, enfim, aqui estou... Estava aborrecido por não me ser dada atenção.

Nota. - O Espírito faz alusão à mãe da senhora Delanne, que, há algum tempo, viera morar em Paris, em casa de sua filha.

Ele a designa por um epíteto que lhe era habitual, e que substituímos por *ela.*

P. Era vós que batíeis à noite? - *R.* Onde queríeis que fosse? Não posso deitar diante da porta.

P. Deitastes, pois, em nossa casa? - R Mas certamente. Ontem, fui passear convosco (ver as iluminações). Vi tudo. Oh! mas aquilo lá é bonito! Finalmente! pode-se dizer que fazem belas coisas. Eu vos asseguro que estou muito contente; não lamento o meu dinheiro.

P. Porque caminho viestes a Paris? Pudestes, pois, abandonar vosso lado? - *R.* Mas, diabo! não posso cavar e depois estar aqui. Estou muito contente de ter vindo. Vós me perguntais como vim, mas vim pela estrada de ferro.

P. Com quem estáveis? - R Oh bem! na verdade, eu não os conhecia.

P. Quem vos deu o meu endereço? Dizei-me também de onde vinha a simpatia que tínheis por mim? -R Mas quando fui a casa *dela* (a mãe da senhora Delanne), e que não a encontrei, perguntei àquele que guarda sua casa onde ela estava. Ele me disse que ela estava aqui; então, eu vim. E depois vede, meu amigo, eu gosto de vós porque sois um

bom jovem; vós me provestes, sois franco, e depois gosto muito de todas essas crianças. Vede, quando se gosta muito dos pais, gosta-se dos filhos.

P. Dizei-nos o nome da pessoa que guarda a casa de minha sogra, uma vez que ela guarda as chaves em seu bolso? - R Quem encontrei ali? Mas encontrei o pai Colbert, que me disse que ela lhe havia dito para dar-me atenção.

P. Vedes aqui meu sogro, papai Didelot? - R. Como quereis que eu o veja uma vez que não está aqui? Sabeis bem que ele morreu.

(*2¯* entrevista, 18 de agosto de 1864.)

O senhor e senhora Delanne tendo ido passar o dia em Châtillon, ali fizeram a evocação de Pierre Legay.

P. Viestes, pois, a Châtillon? - R. Mas vos segui por toda a parte. *P.* Como viestes aqui? - R Sois engraçados! Vim na viatura.

P. Eu não vi pagardes vosso lugar? - R Subi com Marianne e depois vossa mulher; acreditei que tínheis pago.

Eu estava sobre o teto; não se me pediu nada. É que não pagastes? Por que não o reclamou aquele que conduz?

P. Quanto pagastes na estrada de ferro de Ligny a Paris? - R Na estrada de ferro foi tudo a mesma coisa. Fui de Tréveray a Ligny a pé, e depois tomei o ônibus que paguei ao condutor.

P. Foi bem ao condutor que pagastes? - R A quem queríeis que eu pagasse? Mas, meu primo, credes, pois, que não tenho dinheiro? Há muito tempo que tinha colocado meu dinheiro de lado para vir. Não é porque não paguei meu lugar aqui que é preciso crer que não tenho dinheiro. Eu não teria vindo sem isso.

P. Mas não me respondestes quanto destes de dinheiro por vosso percurso na estrada de ferro de Nançois-le-Petit a Paris? - R Mas b... paguei como os outros. Dei 20 fr. e me devolveram 3 fr. 60 c. Vede quanto isso dá.

Nota. - A soma de 16 fr. 40 c. é, com efeito, a que está marcada no *Indicador,* o que o Sr. e senhora Delanne ignoravam.

P. Quanto tempo ficastes na estrada de ferro de Nançois a Paris?

- R Fiquei tanto tempo quanto os outros. Não fiz a máquina se apressar mais rápida para mim do que para os outros. De resto, não podia achar o tempo longo; jamais tinha viajado em estrada de ferro, e acreditava Paris mais longe do que isso. Aqui vem tão freqüentemente. É bom, com efeito, e estou contente de poder va-diar convosco. Somente não me respondeis freqüentemente. Eu compreendo; vossos negócios vos ocupam muito. Ontem, não ousei entrar convosco de manhã (a casa de comércio onde está empregado o Sr. D...), e voltei a visitar o cemitério Montmartre, creio; não é, é assim que vós o chamais? É preciso muito dizer-me os nomes para que possa contá-los quando vou aqui retornar. (O Sr. e a senhora Delanne, com efeito, tinham ido de manhã ao cemitério Montmartre.)

P. Uma vez que nada vos apressa na região, pensais partir logo?

- R. Quando tiver tudo visto, uma vez que para isto estou aqui. Depois, com efeito, os outros podem bem se mexer um pouco (seus filhos); farão como quiserem. Quando eu aqui não estiver mais, será preciso que se abstenham de mim; que me dizeis disto, primo?

P. Que achais do vinho de Paris, e da alimentação? - R. Mas não vale mais do que aquele que vos dei a beber (o Espírito faz alusão a uma circunstância em que fez o Sr. D... beber do vinho de vinte e cinco anos de garrafa); no entanto, não é mau. A alimentação me é muito igual; freqüentemente pego pão e como convosco. Não gosto de sujar um prato; isso não é o trabalho quando não se está disso habituado. Por que fazer cerimônias?

P. Onde dormistes, pois? não distingui vosso leito. - R. Chegando, Marianne foi a um quarto escuro; acreditei que era para mim; e ali dormi. Eu vos falei várias vezes de tudo.

P. É que não temeis, em vossa idade, de vos deixar esmagar nas ruas de Paris? - R. Mas, meu primo, é isso que me aborrece mais, esses diabos de viaturas; não deixo as calçadas também.

P. Há quanto tempo estais em Paris? - R. Oh bem! por exemplo sabeis bem que vim na última quinta-feira; isso faz oito dias, creio.

P. Como não vos vi de mala, se tendes necessidade de roupa branca, não vos incomoda. - R. Peguei duas camisas, e isso é bastante; quando estiverem sujas, retornarei; não quero mais vos incomodar.

P. Quereis nos dizer o que o pai Colbert vos disse antes que partísseis para Paris? - R. Ele está lá na casa de Marianne; está ali há muito tempo. Vendendo-a, quis ali ficar ainda. Ele disse que não incomoda, uma vez que guarda.

P. Dissestes ontem que não víeis meu sogro Didelot, porque está morto; como ocorre que vedes tão bem o pai Colbert, uma vez que está morto, ele também, há pelo menos trinta anos? - R. Oh bem! com efeito, me perguntais o que não sei; eu não tinha refletido nisso. O que há de certo, é que ele está bem tranqüilo; dele não vos posso dizer mais.

Nota. - O pai Colbert é o antigo proprietário da casa da mãe da senhora Delanne. Parece que, depois de sua morte, ficou na casa da qual se fez o guardião, e que, ele também, se crê ainda vivo. Assim esses dois Espíritos, Colbert e Pierre Legay, se vêem e se falam como se estivessem ainda neste mundo, nem um nem o outro se dando conta de sua situação.

(3- entrevista, 19 de agosto de 1864.)

P. (ao guia espiritual do médium). Quereis nos dar algumas instruções a respeito do Espírito Legay, e nos dizer se é tempo de fazê-lo compreender a sua verdadeira posição! -R. Sim, meus filhos, ele perturbou-se desde vossas perguntas de ontem; ele não sabe o que é; tudo para ele é confuso quando quer procurar, porque náo reclama ainda a proteção de seu anjo guardião.

P. (a Legay). Estais lá? - R. Sim, meu primo, mas não estou muito alegre; náo sei o que isso quer dizer. Nem te vás para lá sem mim, Marianne.

P. Refletistes no que vos pedimos ontem de nos dizer a respeito do pai Colbert, que vistes vivo ao passo que está morto? - R. Mas náo posso vos dizer como isso se fez; somente ouvi dizer nos tempos que ali havia fantasmas; com efeito, acreditei que ele era um deles. Dir-se-á o que se quiser, eu o vi bem. Mas estou cansado, vos asseguro; tenho necessidade de ficar um pouco tranqüilo.

P. Credes em Deus, e fazeis vossas preces cada dia? - R. Mas, com efeito; se isso não faz bem, isso não pode fazer mal.

P. Credes na imortalidade da alma? - R. Oh! isso é diferente; não posso me pronunciar; eu duvido.

P. Se vos der uma prova da imortalidade da alma, nela creríeis? - R. Oh! mas, os Parisienses conhecem tudo. Eu não peço melhor. Como fareis?

P. (ao guia do médium). Podemos fazer a evocação do pai Colbert, para provar-lhe que está morto? - R. Não é preciso ir muito depressa; conduzi tudo docemente. E, depois, esse outro Espírito vos cansaria toda esta noite.

P. (a Legay). Onde estais colocado, que não vos vejo? - R. Não me vedes? Ah! por exemplo, é muito forte. Portanto, vos tornastes cego?

P. Dai-nos conta da maneira pela qual nos falais, porque fazeis escrever a uma mulher. - R. Eu? mas, com efeito, não.

(Várias perguntas novas são dirigidas ao Espírito, e permanecem sem resposta. Evoca-se seu anjo guardião, e um dos guias do médium responde o que segue:)

"Meus amigos, sou eu que venho responder, porque o anjo guardião desse pobre Espírito não está com ele; e aqui não virá senão quando ele mesmo chamá-lo, *e* que pedir ao Senhor conceder-lhe a luz. Ele está ainda sob o império da matéria, e náo quis escutar a voz de seu anjo guardião que se afastou dele, uma vez que se obstinava em permanecer estacionário. Não era ele, com efeito, que te fazia escrever; ele falava como se disso tivesse o hábito, persuadido de que o ouvias; mas era seu Espírito familiar que conduzia tua mão; para ele, conversava com teu marido; tu, tu escrevias, e tudo isso lhe parecia natural. Mas vossas últimas perguntas e vosso pensamento o transportaram para Tréveray; ele está perturbado, orai por ele, o chamareis mais tarde; retornará depressa. Orai por ele, nós oraremos convosco."

Já vimos mais de um exemplo de Espíritos se crendo ainda vivos. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos de maneira mais caracterizada. Aqueles que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que não se pensa; em lugar de fazer exceção, de oferecer uma variedade no castigo, isso seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de uma certa categoria. Teríamos, assim, ao nosso redor, não só os Espíritos que têm consciência da vida espiritual, mas uma multidão de outros que vivem, por assim dizer, de uma vida semi-material, se crendo ainda deste mundo, e continuando a vagar, ou crendo vagar em suas ocupações terrestres. Estar-se-ía em erro, no entanto, assimilá-los em tudo aos encarnados, porque se nota em suas maneiras e em suas idéias alguma coisa de vaga e de incerta que não é própria da vida corpórea; é um estado intermediário que nos dá a explicação de certos efeitos nas manifestações espontâneas, e de certas crenças antigas e modernas.

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro, e não pode deixar de fazer sorrir os incrédulos, é o dos objetos materiais que o Espírito crê possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subir em estrada de ferro, porque a estrada de ferro é uma coisa real, que existe; mas se compreende menos que ele creia ter o dinheiro e pagar o seu lugar.

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual, e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Esse objeto não é para nós senão uma aparência, para o Espírito é uma realidade. Foi assim que um Espírito morto há pouco, se apresentou um dia numa reunião espírita, a um médium vidente, com um cachimbo à boca e fumando. Sobre a observação que lhe foi feita de que isso não era conveniente, ele respondeu: "Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso passar sem meu cachimbo." O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o médium vidente, bem entendido, e não para os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo, que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay, querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam se contentar com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestes dos quais estes se revestem à vontade, as insígnias que carregam, as diferentes aparências que podem tomar, etc.

As propriedades curativas dadas ao fluido pela vontade se explicam também por esta transformação. O fluido modificado age sobre o perispírito que lhe é similar, e este perispiríto, intermediário entre o princípio material e o princípio espiritual, reage sobre a economia, na qual desempenha um papel importante, embora desconhecido ainda pela ciência.

Há, pois, o mundo corpóreo visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos. Há a se notar que os Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, operam essas criações sem *se* darem conta da maneira pela qual se produz neles esse efeito; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como produz o trigo.

As formações fluídicas se prendem a um princípio geral que será ulteriormente o objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado.

O estado dos Espíritos na situação de Pierre Legay levanta várias questões. A que categoria pertencem precisamente os Espíritos que se crêem ainda vivos? A que se prende essa particularidade? Prende-se ela a uma falta de desenvolvimento intelectual e moral? Vemos deles muito inferiores se darem conta perfeitamente de seu estado, e a maioria daqueles que vimos nessa situação não são os mais atrasados. É isso uma punição? Sem dúvida o é para alguns, como para Simon Louvet, do Havre, o suicida da torre de François 1-, que, durante cinco anos, estava na apreensão de sua queda *(Revista Espírita,* do mês de março de 1863, página 87); mas muitos outros não são infelizes e não sofrem, como testemunha Pierre Legay. (Ver, para a resposta, a dissertação adiante.)

SOBRE OS ESPÍRITOS QUE SE CRÊEM AINDA VIVOS.

(Sociedade de Paris, 21 de julho de 1864. - Médium, Sr. Vézy.)

Já falamos, muito freqüentemente, das diversas provas e expiações, mas cada dia delas descobris novas? Elas são infinitas, como os vícios da Humanidade e como vos estabelecer delas a nomenclatura? Todavia, vindes de nos reclamar por um fato, e vou tentar vos instruir.

Nem tudo é prova na existência; a vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde seu nascimento até o infinito; para uns a morte não é senão um simples acidente que não influi em nada sobre o destino daquele que morre. Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muito freqüentemente, não fazem senão separar o Espírito de seu envoltório material; mas o envoltório perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Num dia de batalha, se eu pudesse vos abrir os olhos que possuis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuarem, muitos soldados subir ainda ao assalto, defender e atacar os redutos; vós os ouviríeis mesmo produzir seus hurras! e seus gritos de guerra, no meio do silêncio e sob o véu lúgubre que segue um dia de carnagem; o combate acabou, eles retornam aos seus lares para abraçar seus velhos pais, suas velhas mães que os esperam. Algumas vezes, esse estado dura muito tempo para alguns; é uma continuação da vida terrestre, um estado misto entre a vida corpórea e a vida espiritual. Por que, se foram simples e sábios, sentiriam o frio do túmulo? Por que passariam bruscamente da vida para a morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto, e deixa aos pobres de Espírito esse gozo, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento de suas próprias faculdades, e que possam passar com calma da vida material à vida real do Espírito.

Consolai-vos, pois, que tendes pais, mães, irmãos ou filhos que se extinguiram sem luta; talvez lhes seja permitido crer ainda que seus lábios se aproximaram de vossas frontes. Secai vossas lágrimas: os prantos são dolorosos para vós, e eles se admiram de vos ver derramá-los; envolvem vossos colos com seus braços, e vos pedem para sorrir. Sorri, pois, a esses invisíveis, e orai para que mudem o papel de companheiros no de guias; para que desdobrem suas asas espirituais que lhes permitirão planar no infinito e de vos trazer dali as doces emanações.

Não vos digo, notai-o bem, que todos os mortos logo caem nesse estado; não, mas não há um único cuja matéria não tenha que lutar com o Espírito que se reencontra. O duelo teve lugar, a carne foi dilacerada, o Espírito obscureceu-se no instante da separação, e na erraticidade o Espírito reconheceu a verdadeira vida. Agora vou dizer-vos algumas palavras daqueles para os quais esse estado é uma prova. Oh! quanto ela é penosa! eles se crêem vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e de saborear os gozos da Terra, e quando suas mãos vão tocar, suas mãos se apagam; quando querem aproximar seus lábios de uma taça ou de uma fruta, seus lábios se aniquilam; eles vêem, querem tocar, e não podem nem sentir nem tocar. Quanto o paganismo oferece uma bela imagem desse suplício, apresentando Tântalo tendo fome e sede e não podendo jamais tocar os lábios na fonte d'água que murmura ao seu ouvido, ou o fruto que parece amadurecer para ele. Há maldições e anátemas nos gritos desses infelizes! Que fizeram para suportar esses sofrimentos? Perguntai-o a Deus: é a lei; ela está escrita por ele. Aquele que fere com espada perecerá pela espada; aquele que profanou seu próximo será profanado por sua vez. A grande lei de talião está inscrita no livro de Moisés, ela o está ainda no grande livro da expiação.

Orai, pois, sem cessar por aqueles na hora de seu fim; seus lábios *se* fecharão, eles dormirão no espaço, como se tivessem dormido sobre a Terra, *e* reencontrarão, no seu despertar, não mais um juiz severo, mas um pai compassivo lhes destinando novas obras e novos destinos.

SANTO AGOSTINHO.

VARIEDADES

UM SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO.

Vários jornais, depois do *Sémaphore* de Marseille, de 29 de setembro, se apressaram em reproduzir o fato seguinte:

"Uma casa da rua Paradis, antes de ontem à noite, foi o teatro de um doloroso acontecimento. Um industrial que tem uma loja de lâmpadas nessa rua se deu à morte, empregando, para realizar sua fatal resolução, uma forte dose de um veneno dos mais enérgicos.

"Eis em que circunstâncias cumpriu-se esse suicídio:

"Esse industrial dava, há algum tempo, sinais de um certo desarranjo do cérebro, talvez produzido em particular pelo abuso dos licores fortes, mas sobretudo pela prática do Espiritismo, esse flagelo moderno que já fez tão numerosas vítimas nas grandes cidades, e que ameaça agora exercer suas devastações até nos campos. Apesar de sua boa clientela, que lhe assegurava um trabalho frutífero, X... não estava, por outro lado, muito bem em seus negócios e, algumas vezes, se encontrava sem dinheiro para efetuar seus pagamentos. Por conseqüência, seu humor era geralmente sombrio e seu caráter rabujento."

O artigo constata que o indivíduo abusava dos licores fortes e que seus negócios estavam em mau estado, circunstâncias que, muitas vezes, ocasionaram acidentes cerebrais e levaram ao suicídio. No entanto, o autor do artigo não admite essas causas senão como possíveis ou acessórias na circunstância da qual se trata, ao passo que atribui o acontecimento *sobretudo à prática do Espiritismo.*

A carta seguinte, que nos foi escrita de Marseille decide a questão, e faz ressaltar a boa fé do redator:

"Caro mestre,

"A *Gazette du Midi* e o *Sémaphore* de Marseille, de 29 de setembro, publicaram um artigo sobre o envenenamento voluntário de um industrial, atribuído à prática do Espiritismo. Tendo conhecido pessoalmente esse infeliz, que era da mesma loja maçônica minha, eu sei de maneira positiva que ele *jamais se ocupou do Espiritismo, não tinha lido nenhuma obra nem nenhuma publicação sobre esta matéria.* Eu vos autorizo a vos servir de meu nome, porque estou pronto para provar a verdade daquilo que adianto; na necessidade, todos os meus irmãos e os melhores amigos do defunto se farão um dever certificá-lo. Aprouvesse a Deus que tivesse conhecido e compreendido o Espiritismo, e nele teria encontrado a força de resistir aos funestos pendores que o conduziram a esse ato insensato.

"Aceitai, etc. CHAVAUX,

"Doutor em medicina, 24, rua do Petit-Saint-Jean."

SUICÍDIO IMPEDIDO PELO ESPIRITISMO.

Escrevem-nos de Lyon, em 3 de outubro de 1864: "Conheceis de reputação o capitão B...; é um homem de uma fé ardente, de uma convicção experimentada; dele já haveis falado em vossa *Revista.* Há algum tempo, ele se encontrava nas margens do Saône, em companhia de um advogado, Espírita como ele; esses senhores, prolongando seu passeio, entraram num restaurante para almoçar, e logo viram um outro passeando no mesmo estabelecimento; o recém-chegado falava alto, mandava bruscamente, e parecia querer monopolizar só para ele o pessoal do restaurante. Vendo esse sem-cerimônia, o capitão disse em alta voz algumas palavras um pouco severas *a* respeito do recém-chegado. De repente ele se sentiu preso de uma estranha tristeza. O Sr. B... é médium audiente; ouviu distintamente a voz de seu filho, do qual recebe freqüentes comunicações, e que murmurou ao seu ouvido: "Este homem que vês tão brusco, vai se suicidar; veio aqui fazer sua última refeição."

"O capitão se levantou precipitadamente, foi junto do alterado, e pediu-lhe perdão por ter expressado tão alto o seu pensamento; depois, arrastando-o fora do estabelecimento, disse-lhe: "Senhor, ides vos suicidar." Grande espanto da parte do indivíduo, velho de setenta e seis anos, e que lhe respondeu: "Quem pôde vos revelar uma semelhante coisa? - Deus," replicou o Sr. B... Depois, se pôs a falar-lhe tão docemente *e* com tanta bondade da imortalidade da alma, e, reconduzindo-o a Lyon, o entrelinha sobre o Espiritismo e de tudo o que, em semelhante caso, Deus pode inspirar para encorajar e consolar.

"O velho lhe contou a sua história. Antigo ortopedista, tinha sido arruinado por um sócio infiel. Tendo adoecido, necessitou ficar por muito tempo no hospital; mas, uma vez curado, sua saúde lançou-o no desemprego, sem nenhum recurso. Ele foi recolhido por uma pobre calceira, criatura sublime que, durante meses inteiros, alimentou o velho sem disso estar obrigada por nenhum outro laço senão a piedade. Mas o medo de ser carga tinha levado o velho ao suicídio.

"O capitão foi ver a digna senhora, encorajou-a, ajudou-a; mas quando é preciso viver, o dinheiro vai rápido, e ontem todo o pobre utensílio da obreira teria sido vendido se alguns Espíritas não tivessem recomprado os poucos móveis de seu único quarto: o Mont-de-Piété havia recebido, depois de um ano que ela alimentava o velho, os colchões, os lençóis, etc. Isso foi retirado, graças aos bons corações tocados desse generoso devotamento; mas isso não é tudo: é preciso continuar até que o velho tenha obtido um refúgio nas pequenas irmãs dos pobres. Cárita me fez escrever, a esse respeito, uma comunicação que vos dirijo com a expressão de todo o nosso reconhecimento por vós, caro senhor, que nos tornastes Espíritas. Quanto a mim, não me esqueço de que me haveis convidado para voltar convosco, quando retornardes."

Eis esta comunicação:

Apelo aos bons corações.

"O Espiritismo, esta estrela do Oriente, não vem somente vos abrir as portas da ciência; faz mais do que isso: é um amigo que vos conduz uns aos outros, para vos ensinar o amor ao próximo e sobretudo a caridade; não essa esmola degradante que procura na sua bolsa a menor moeda para lançá-la na mão de um pobre, mas a doce mansuetude do Cristo, que conhece o caminho onde se encontra o infortúnio oculto.

"Meus bons amigos, encontrei no meu caminho uma dessas míseras das quais a história não fala, mas das quais o coração se lembra quando foi testemunha de tão rudes provas. É uma pobre mulher; ela é mãe; tem um filho sem ocupação há vários meses; além disso, ela alimenta uma infeliz trabalhadora como ela; e, por acréscimo, um velho vem cada dia encontrá-la na hora em que se almoça, quando há bastante para almoçar. Mas no dia em que o necessário falta, as duas pobres mulheres, criaturas admiráveis de caridade, dão seu repasto aos dois homens: o velho e a criança, pretendendo que tendo tido fome, eles foram os primeiros a comer. Vi isso se renovar muito freqüentemente; vi o velho, num momento de desespero, vender sua última roupa, e querer, por um ato insígne de loucura, dizer um último adeus à vida, antes de partir para o mundo invisível onde, Deus nos julga a todos.

"Vi a fome imprimir seus apertos sobre esses deserdados do bem-estar social; mas as mulheres pediram a Deus com fervor, e Deus as atendeu. Já colocou irmãos, os Espíritas, sobre seus passos, e quando a caridade chama, os corações devotados respondem. As lágrimas de desespero já secaram; não resta mais do que angústia do dia de amanhã, o fantasma ameaçador do inverno com seu cortejo de geadas, de gelo e de neve. Eu vos estendo a mão em favor desse infortúnio. Os pobres, nossos amigos, são os enviados de Deus; eles vêm nos dizer: Nós sofremos, Deus o quer; é nosso castigo, e é ao mesmo tempo um exemplo para a nossa melhoria. Em nos vendo tão infelizes, vosso coração se enternece, vossos sentimentos se alargam, aprendeis a amar e a lamentar o infeliz; socorrei-nos, a fim de que não murmuremos, e também porque Deus vos sorri do alto de seu belo paraíso.

"Eis o que disse o pobre em seus farrapos; eis o que repete o anjo guardião que vos vela, e o que vos repito, simples mensageira de caridade, intermediária entre o céu e vós.

"Sorri ao infortúnio, ó vós que sois tão ricamente dotados de todas as qualidades do coração; ajudai-me em minha tarefa; não deixeis tornar a fechar este santuário de vossa alma onde o olhar de Deus mergulhou; e, um dia, quando reentrardes em vossa mãe-pátria, quando o olhar incerto, a providência ainda mal assegurada, procurardes o vosso caminho através da imensidade, eu vos abrirei, nos dois batentes, as portas do templo onde tudo é amor e caridade, e vos direi: Entrai, meus amados, eu vos conheço!

"CÁRITA."

A quem se fará crer que está aí a linguagem do diabo? Foi a voz do diabo que se fez ouvir no ouvido do capitão sob o nome de seu filho, para advertir que esse velho ia se suicidar, e lhe dar, ao mesmo tempo, o remorso de ter dito palavras que deveriam feri-lo? Segundo a doutrina que um partido procura fazer prevalecer, e segundo a qual só o diabo se comunica, esse capitão deveria ter repelido como satânica a voz que lhe falou; disso teria resultado que o velho teria se suicidado, que o mobiliário dos pobres obreiros teria sido vendido, e que teria talvez morrido de fome.

Entre os dons que recebemos em sua intenção, há um dos que cremos dever mencionar, sem no entanto nomear seu autor. Estava acompanhado da carta seguinte:

"Senhor Allan Kardec,

"Fui informado por um meu parente, que o teve de vós, do relato da bela ação verdadeiramente cristã realizada por uma pobre operária de Lyon para com um velho infeliz, o qual o parente me mostrou também um apelo muito eloqüente em *seu* favor por um Espírito que se dá sob o doce nome de Cárita. A seu pedido se reconhecesse ali a linguagem do demônio, ter-lhe-ia respondido que os nossos melhores santos não falariam melhor: é a minha opinião; é porque tomo a liberdade de pedir-lhe uma cópia dela. Senhor, não sou senão um pobre padre, mas vos envio o último da viúva, em nome de Jesus Cristo, por essa brava e digna mulher. Aqui inclusa, encontrareis a módica soma de cinco francos, lamentando não poder fazer melhor. Peco-vos o favor de calar meu nome.

"Dignai-vos aceitar, etc.

"O abade X..."

PERIODICIDADE DA *REVISTA ESPÍRITA.*

Suas relações com os outros jornais especiais.

O desejo de ver aparecer a *Revista* duas vezes por mês, ou todas *as* semanas, mesmo ao preço de um aumento na assinatura, nos tem sido freqüentemente manifestado. Somos muito sensíveis a esse testemunho de simpatia, mas nos *é* impossível, pelo menos até nova ordem, de mudar o nosso modo de publicidade. O primeiro motivo está na multiplicidade dos trabalhos que são a conseqüência de nossa posição, e do qual é difícil pensar aumentá-lo. Estamos na rigorosa verdade dizendo que não há para nós um único dia de repouso absoluto, e que, apesar de toda a nossa atividade, nos é materialmente impossível bastar a tudo. Dobrando, quadruplicando nossa publicação mensal, compreendemos que a maioria de nossos assinantes teriam o tempo de lê-la, mas, para nós, isso seria em prejuízo dos trabalhos mais importantes que nos restam a fazer.

O segundo motivo é a natureza mesma de nossa *Revista,* que é menos um jornal do que o complemento e o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. A forma periódica nos permite introduzir-lhe mais variedade do que num livro, e de aproveitar as atualidades. Ali vêm se agrupar os fatos mais interessantes, as refutações, as instruções dos Espíritos; ali se desenham as diferentes fases do progresso da ciência espírita; ali, enfim, vêm se tentar, sob forma dubitativa, as teorias novas que não podem ser aceitas senão depois de terem recebido a sanção do controle universal.

Em uma palavra, a *Revista é* uma obra pessoal da qual assumimos sozinho a responsabilidade, e pela qual não devemos nem queremos ser entravado por nenhuma vontade estranha; ela está concebida segundo um plano determinado para concorrer a objetivo que devemos alcançar. Transformada em uma folha semanal, ela perderia o seu caráter essencial. A própria natureza de nossos trabalhos se opõe a que entremos no detalhe das preocupações e das vicissitudes do jornalismo. Eis por que a *Revista Espírita* deve permanecer o que ela é; continuá-la-emos enquanto que sua existência, sob essa forma, nos for demonstrada necessária. Aliás, mudando-lhe o modo de publicidade, teríamos o ar de querer fazer concorrência aos novos jornais publicados sobre a matéria, o que não poderia entrar em nosso pensamento.

Esses jornais, pela sua periodicidade mais freqüente, enchem a lacuna assinalada; pela diversidade dos assuntos que eles podem tratar, e que entram em seu quadro pelo número dos Espíritas esclarecidos e de talento que podem neles fazer ouvir a sua voz, enfim, pela difusão das idéias em diferentes formas, podem prestar grandes serviços à causa; são tantos combatentes que militam pela doutrina que vemos com prazer se multiplicarem os órgãos. Apoiaremos sempre aqueles que marcharem francamente num caminho útil, que não se farão instrumentos nem de grupelhos nem de ambições pessoais, aqueles, enfim, que serão dirigidos segundo os grandes princípios da moral espírita; seremos felizes em encorajá-los e ajudá-los com os nossos conselhos, se crerem disso ter necessidade; mas aí se limita a nossa cooperação. Declaramos não ter solidariedade material com nenhum, sem exceção; consequentemente, nenhum é publicado por nós, nem

sob nosso patrocínio efetivo; deixamos a cada um a responsabilidade de suas publicações. Quando os pedidos de assinatura por sua conta são dirigidos à direção da *Revista,* nós os fazemos chegar a título de boa confraternização, sem ter nisso nenhum interesse, nem mesmo da retribuição usual aos intermediários, retribuição que não aceitaríamos, mesmo que nos fosse ofertada.

Acreditamos dever explicar o estado real das coisas para a edificação daqueles que crêem que certos jornais espíritas são ligados por interesse com a nossa *Revista.* Sem dúvida, todos têm um interesse comum, porque tendem ao mesmo objetivo nosso; a esse título todos se devem benevolência recíproca, de outro modo dariam um desmentido à sua qualificação de jornais espíritas, mas cada um age na esfera de sua atividade e de seus meios, e sob sua própria responsabilidade. A Doutrina não pode senão ganhar, em dignidade e em crédito, pela sua independência, ao passo que o acordo de objetivos e de princípios que existe entre eles e a *Revista* não teria nada de espantoso da parte daqueles que emanassem da mesma fonte. Se jamais uma outra publicação periódica se fizer por nossa iniciativa, e com o nosso concurso efetivo, nós o diremos abertamente.

ALLAN KARDEC.

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7ª ANO | NO. 12 | DEZEMBRO 1864

Aviso. – Este número contém um suplemento; tem 52 paginas em lugar de 32, compreendendo o índice geral.

DA COMUNHÃO DE PENSAMENTOS.
A PROPÓSITO DA COMUNICAÇÃO DOS MORTOS.

A Sociedade Espírita de Paris se reuniu especialmente, pela primeira vez, em 2 de novembro de 1864, com o objetivo de oferecer uma piedosa lembrança aos seus colegas e aos seus irmãos em Espiritismo, falecidos. Nessa ocasião o Sr. Allan Kardec desenvolveu o princípio da *comunhão de pensamentos* no discurso seguinte:

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar àqueles de nossos irmãos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuar as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós quando vivos, e para chamar sobre eles as bondades do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunir? por que nos afastar de nossas ocupações? Podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazer em comum? Cada um de nós não o faz pelos seus? Não se pode fazê-lo cada dia e a cada hora do dia? Qual utilidade pode, pois, isso ter em se reunir assim num dia determinado? É sobre este ponto, senhores, que me proponho vos apresentar algumas considerações.

O favor com o qual a idéia desta reunião foi acolhida é uma primeira resposta a essas diversas perguntas; é o indício da necessidade que se sente em se encontrar reunidos numa comunhão de pensamentos.

Comunhão de pensamentos! compreende-se bem toda a importância desta palavra? É permitido disso duvidar, pelo menos da parte da maioria. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas peles leis que revela, vem agora nos explicar a causa, os efeitos e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamentos, quer dizer pensamento comum, unidade de intenções, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento não seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos *da* comunhão de pensamentos. Para compreendê-lo é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; está aí o pensamento chegado a um certo grau de energia; está aí o pensamento convertido em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime, aos membros e ao corpo, os movimentos num sentido determinado. Mas se ele tem a força de

agir sobre os órgãos materiais, o quanto essa força deve ser maior sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos levam o pensamento, como o ar nos leva o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas *e* raios sonoros.

Uma assembléia é um foco de onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz a sua nota. Disso resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido.

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não há necessidade de que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer seja ela expressada ou não; se todos são benevolentes, todos os assistentes deles sentem um verdadeiro bem-estar; sentem-se comodamente; mas se a eles se misturam alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio lépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de correntes fluídicas salutares. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, uma vez que procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que tem cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

Essas considerações, senhores e caros irmãos, parecem nos afastar do objetivo principal de nossa reunião, e, no entanto, a ele nos conduz diretamente. As reuniões que têm por objeto a comemoração dos mortos repousam sobre a comunhão de pensamentos; para compreender-lhe a utilidade, é necessário bem definir a natureza e os efeitos dessa comunhão.

Para a explicação das coisas espirituais, às vezes, me sirvo de comparações bem materiais, e talvez mesmo um pouco forçadas, que não seria preciso sempre tomar ao pé da letra; mas é procedendo por analogia, do conhecido ao desconhecido, que se chega a se dar conta, ao menos aproximadamente, do que escapa aos nossos sentidos; foi a essas comparações que a Doutrina Espírita deve, em grande parte, o ter sido tão facilmente compreendida, mesmo pelas inteligências mais vulgares, ao passo que se eu tivesse permanecido nas abstrações da filosofia metafísica, ela não seria hoje o quinhão senão de algumas inteligências de elite. Ora, era importante que ela fosse, desde o princípio, aceita pelas massas, porque a opinião das massas exerce uma pressão que acaba por fazer lei, e por triunfar das oposições as mais tenazes. Foi porque me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de colocá-la ao alcance de todo mundo, ao risco de fazê-la contestar por certas pessoas com título de filosofia, porque ela não é bastante abstrata, e não saiu das nuvens da metafísica clássica.

Aos efeitos que acabo de descrever, a respeito da comunhão de pensamentos, juntando-lhe um outro que lhe é a conseqüência natural, e que importa não perder de vista, é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, há, numa reunião em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que não possui sempre um indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de se obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que se prende à imperfeição da natureza humana sobre a Terra. Quanto mais as reuniões são numerosas, mais nelas se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Isso não é assim nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará sobre a Terra, à medida que os homens nela se tornarem melhores.

Para os Espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado mais especial ainda. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; O Espiritismo nos prova que não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem como objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Só, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força,* axioma verdadeiro tanto quanto ao moral como ao físico.

De um outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos não sendo detidos por correntes contrárias, se derramarão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em seu proveito pessoal, mas em proveito de todos, segundo a lei de caridade. Descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão dos pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isso mesmo, mais poderosas para o proveito das massas, como para os indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha somente para si, mas para todos, e, trabalhando para todos, nisso cada um encontra a sua conta; é o que não compreende o egoísmo.

Todas as reuniões religiosas, qualquer que seja oculto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; está aí um efeito que deve e pode exercer todo o seu poder, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento dos constrangimentos da matéria. Infelizmente a maioria se desviou deste princípio, à medida que fez da religião uma questão de forma. Disso resultou que cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, acreditou-se quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disso resulta ainda que cada um vai nesses lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais freqüentemente, sem nenhum sentimento de confraternização com respeito aos outros assistentes; está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.

Certamente, não era assim que o entendia Jesus, quando disse: Quando vários de vós estiverdes reunidos em meu nome, estarei no meio de vós. Reunidos em meu nome, quer dizer, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os nega como seus discípulos.

Tocadas desses abusos e desses desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas, e, consequentemente, dos edifícios consagrados a essas assem-

bléias. Em seu radicalismo, pensam que valem mais construir hospícios do que templos, tendo em vista que o templo de Deus está por toda a parte, que pode ser adorado por toda a parte, que cada um pode orar em sua casa e a toda hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos têm necessidade de lugar de refúgio.

Mas do fato de que abusos são cometidos, de que se afasta do caminho reto, segue-se que o caminho reto não existe, e que tudo do que se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte dos benefícios da comunhão dos pensamentos que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que os materialistas professem semelhantes idéias, concebe-se; porque, para eles, fazem em todas as coisas abstração da vida espiritual; mas da parte de espiritualistas, e mais ainda de Espíritas, isso seria um contra-senso. O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, bastante largamente dotados pelo coração, porque sua fé e sua caridade não tenham necessidade de serem aquecidas num foco comum, é possível; mas não ocorre assim com as massas, às quais é preciso um estimulante, sem o qual poderiam se deixar ganhar pela indiferença. Qual é, além disso, o homem que possa se dizer bastante esclarecido para não ter nada a aprender com respeito aos seus interesses futuros? bastante perfeito para prescindir de conselhos na vida presente? É sempre capaz de se instruir por si mesmo? Não; é preciso, à maioria, os ensinos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo; mas por que não teriam os homens lugares especiais para os negócios do céu, como têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Isso não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos a mais que, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos demanda nos hospícios.

Se as assembléias religiosas, eu falo em geral, sem fazer alusão a nenhum culto, se freqüentemente se desviaram do objetivo principal primitivo, que é a comunhão fraternal do pensamento; se o ensino que aí é dado não seguiu sempre o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não cumpriram todos os progressos ao mesmo tempo; o que não fazem num período, o fazem num outro; à medida que se esclarecem, vêem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que não era bom em uma época, teve relação com o grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais avançado, e restabelecem o nível. O Espiritismo, nós o sabemos, é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não pecamos a uma época mais do que ela pode nos dar.

Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam para recolher-lhes os frutos.

Saibamos, além disso, fazer as concessões necessárias às épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Em razão do motivo que nos reúne hoje, senhores e caros irmãos, acreditei oportuno aproveitar da circunstância para desenvolver o princípio da comunhão de pensamentos do ponto de vista do Espiritismo; sendo nosso objetivo nos unir de intenção para oferecer em comum um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, podia ser útil chamar a nossa atenção sobre as vantagens da reunião. Graças ao Espiritismo, compreendemos a força e os efeitos do pensamento coletivo; nos explicamos melhor o sentimento de bem-estar que se sente num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que ocorre o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que se elevam a eles, como uma fumaça de perfume. Aqueles que são felizes sentem uma alegria maior desse concerto harmonioso; aqueles que sofrem dele sentem um alívio maior. Cada um de nós em particular ora de preferência por aqueles que o interessam ou que se afeiçoam mais; façamos com que todos aqui tenham sua parte nas preces que dirigimos a Deus.

SESSÃO COMEMORATIVA NA SOCIEDADE DE PARIS.

No começo da sessão, uma prece especial pela circunstância substituiu a invocação geral que serve de introdução às sessões ordinárias. Ela é assim concebida:

Glória a Deus, soberano senhor de todas as coisas!

Senhor, nós vos pedimos derramar a vossa santa bênção sobre esta assembléia.

Nós vos glorificamos e vos agradecemos de ter-vos aprazado clarear nosso caminho pela divina luz do Espiritismo.

Graças a esta luz, a dúvida e a incredulidade desapareceram de nosso espírito, e desaparecerão também deste mundo; a vida futura é uma realidade, e caminhamos sem incerteza para o futuro que nos está reservado.

Sabemos de onde viemos e para onde vamos, e porque estamos na Terra.

Conhecemos a causa de nossas misérias, e compreendemos que tudo é sabedoria e justiça em vossas obras.

Sabemos que a morte do corpo não interrompe ávida do espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que ela não quebra nenhuma afeição sincera; que aqueles que nos são caros não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que, à espera disso, estão junto a nós; que nos vêem e nos ouvem, e que podem continuar suas relações conosco.

Ajudai-nos, Senhor, a difundir entre nossos irmãos da Terra que estão ainda na ignorância, os benefícios desta santa crença, porque ela acalma todas as dores, dá a consolação aos aflitos, a coragem, a resignação e a esperança nas maiores amarguras da vida.

Dignai-vos estender a vossa misericórdia sobre os nossos irmãos falecidos, e sobre todos os Espíritos que se recomendam em nossas preces, qualquer que tenha sido sua crença sobre a Terra.

Fazei com que o nosso pensamento benevolente leve o alívio, a consolação e a esperança àqueles que sofrem.

O Presidente dirige em seguida a alocução seguinte aos Espíritos:

Caros Espíritos de nossos antigos colegas: *Jobarb ,Sanson, Costeau, Hobach e Poudra:*

Em vos convidando à nossa reunião comemorativa, nosso objetivo não é somente de vos dar um testemunho de nossa lembrança, que, vós o sabeis, é sempre cara à nossa memória; vimos, sobretudo, vos felicitar pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos, e vos agradecer as excelentes instruções que vindes, de tempos em tempos, nos dar desde a vossa partida.

A Sociedade se regozija de vos saber felizes; ela se honra de vos ter contado entre seus membros, e de vos contar agora entre seus conselheiros do mundo invisível.

Apreciamos a sabedoria de vossas comunicações, e estaremos sempre felizes todas as vezes que quiserdes bem vir tomar parte em nossos trabalhos.

A este testemunho de gratidão, associamos todos os bons Espíritos que vêm habitualmente ou eventualmente nos trazer o tributo de suas luzes: *Jean, Ev., Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas-Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianne, cura d'Ars, Jean Raynaud, Delph. de Girardin, Mesmer* e aqueles que não tomam senão a qualificação de *Espírito.*

Devemos um tributo particular de reconhecimento ao nosso guia e presidente espiritual, que foi São Luís sobre a Terra; nós o agradecemos por ter consentido em tomar a

nossa sociedade sob seu patrocínio, e as marcas evidentes de proteção que nos deu. Nós lhe pedimos consentir igualmente em nos assistir nesta circunstância.

Nosso pensamento se estende a todos os adeptos e apóstolos da nova doutrina, que deixaram a Terra, e nominalmente àqueles que nos são pessoalmente conhecidos, a saber: N. N...

A todos aqueles a quem Deus permite vir nos ouvir, dizemos:

Caros irmãos em crença, que nos precedestes no mundos dos Espíritos, nós nos unimos de pensamento para vos dar um testemunho de simpatia, e chamar sobre vós as bênçãos do Todo-Poderoso.

Nós lhe agradecemos pela graça que fizestes de sedes esclarecidos da luz da verdade antes de deixar a Terra, porque esta luz vos guiou, a vós, em vossa entrada na vida espiritual; a fé e a confiança em Deus que ela vos deu, vos preservaram da perturbação e das angústias que seguem a separação naqueles que afligem a dúvida e a incredulidade.

Ela vos deu a coragem e a resignação nas provas da vida terrestre; vos mostrou o objetivo e a necessidade do bem, as conseqüências inevitáveis do mal, e agora disso recolheis os frutos.

Deixastes a Terra sem lamento, sabendo que iríeis encontrar bens infinitamente preciosos do que aqueles que aqui deixáveis; deixastes-a coma firme certeza de reencontrar *os* objetos de vossas afeições, e de poder retornar em Espírito, para sustentar e consolar aqueles que deixastes junto a vós. Estais, enfim, no mundo dos Espíritos, como num país que vos era conhecido antes.

Estamos muito felizes de termos visto as nossas crenças confirmadas por todos aqueles dentre vós que vieram se comunicar; nenhum veio dizer que havia sido frustrado em suas esperanças, e que alimentamos ilusões sobre o futuro; todos, ao contrário, disseram que o mundo invisível tinha esplendores indescritíveis, e que suas esperanças tinham sido ultrapassadas.

A vós, agora, que gozais da felicidade de ter tido a fé, e que recebeis a recompensa de vossa submissão à lei de Deus, de vir em ajuda daqueles de vossos irmãos da Terra que estão ainda nas trevas. Sede os missionários do Espírito de Verdade para o progresso da Humanidade, e para o cumprimento dos desígnios do Mais Alto.

Nosso pensamento não se detém nos nossos irmãos em Espiritismo; todos os homens são irmãos, qualquer que seja a sua crença.

Se fôssemos exclusivos, não seríamos nem Espíritas nem cristãos; é porque compreendemos em nossas preces, em nossas exortações ou em nossas felicitações, segundo o estado em que se encontrem, todos os Espíritos aos quais a nossa assistência pode ser útil, que hajam ou não partilhado nossas crenças quando vivos.

O conhecimento do Espiritismo não é indispensável à felicidade futura, porque ele não tem o privilégio de fazer eleitos. É um meio de alcançar mais facilmente, e mais seguramente, o objetivo, pela fé raciocinada que dá e a caridade que inspira; ele clareia o caminho, e o homem, não andando mais às cegas, caminha com mais segurança; por ele se compreende melhor o bem e o mal; ele dá mais força para praticar um e evitar o outro. Para ser agradável a Deus, basta observar suas leis, quer dizer, praticar a caridade que as resume todas; ora, a caridade pode ser praticada portodo o mundo. Despojar-se de todos os vícios e de todos os pendores contrários a caridade é, pois, a condição essencial da salvação.

Depois desta alocução, preces especiais, tiradas em parte de *A Imitação do Evangelho* (n°s 355 e seg.), são ditas para cada categoria de Espíritos com designação nominativa daqueles em intenção dos quais a prece é dita mais especialmente. A série de preces terminou pela *Oração dominical desenvolvida.* (Ver a Revista de agosto de 1864, página 232.)

Os médiuns em seguida se colocaram à disposição dos Espíritos que quiseram se manifestar. Nenhuma evocação particular foi feita.

Damos adiante as principais comunicações obtidas.

I. Meus filhos, uma estreita comunhão religa os vivos aos mortos. A morte continua a obra esboçada, e não quebra os laços do coração; esta certeza enriquece ainda o tesouro de amor derramado sobre a criação.

Os progressos humanos obtidos ao preço de sacrifícios dolorosos e hecatombes sangrentas aproximam o homem do Verbo divino, e o fazem soletrar a palavra sagrada que, caída dos lábios de Jesus, reanima a Humanidade desfalecente. O amor é a lei do Espiritismo; ele alarga o coração e faz amar ativamente àqueles que desaparecem na vaga penumbra da morte.

O Espiritismo não é um som vão caído dos lábios mortais e que um sopro leva; é a lei forte e severa que proclamou Moisés no Monte Sinai, a lei que afirmaram os mártires ébrios de esperança, a lei que discutiram os filósofos inquietos, e que, enfim, os Espíritos vêm proclamar.

Espíritas! o grande nome de Jesus deve flutuar, como uma bandeira, acima de vossos ensinamentos. Antes que fôsseis, o Salvador trazia a revelação em seu seio, e a sua palavra, prudentemente medida, indicou cada uma das etapas que percorreis hoje. Os mistérios desabaram ao sopro profético que abala as vossas inteligências, como outrora as muralhas de Jerico.

Uni-vos de intenção, como o fazeis nesta reunião bendita. A cáli-da eletricidade desligada do coração preenche a distância que nos separa, e dissipa os vapores da dúvida, da personalidade, da indiferença, que, muito freqüentemente, obscurece a faculdade espiritual.

Amai e orai por vossas obras.

JOÃO, EV. *(Médium, senhora Costel.)*

II. Meus bons amigos, vossas preces e vosso recolhimento chamaram para junto do vós numerosos Espíritos, aos quais fizestes muito bem. Uma reunião como a vossa tem uma força de atração de tal modo eficaz que as vibrações de vosso pensamento emocionaram todos os pontos do espaço. Uma multidão de vossos irmãos, pouco avançados ou em sofrimento, seguiu os Espíritos superiores; antes de vos ter ouvido, estavam sem fé, agora esperam, crêem. Suas vozes, unidas à minha, saberão doravante vos abençoar; eles vos sabem fortes diantes das provas; como vós, eles quererão merecer a vida eterna, a vida de Deus.

Não esquecestes a ninguém, caro presidente. Por minha conta pessoal, estou orgulhoso pelo bom acolhimento que meu nome recebe entre meus antigos condiscípulos. Sempre ouvi dizer que um curioso, escutando à porta, jamais ouviu seu elogio; no entanto, somos testemunhas invisíveis; nosso número é infinito, o que ouvimos, contrariamente à moda terrestre, é o perdão, a prece, a benevolência; é a prática da caridade, a mais nobre das divisas.

Possa o vosso exemplo se difundir como um eco amado, a fim de que todos os Espíritos em sofrimento, em todos os lugares, possam ouvir-lhe as palavras que saberão guiá-los para as verdades eternas!

Paris é, diz-se, uma cidade de barulho e de esquecimento; os místicos pretendem que é uma Babilônia moderna. Bem alto eu proclamo, porque Paris é a cidade dos pensamentos laboriosos, das idéias fecundas e dos sentimentos nobres. É a cidade que irradia sobre o Universo; será sempre ela que ensinará os grandes princípios, as grandes abnegações e as sólidas virtudes.

Vede-a de preferência, a grande cidade, neste dia em que cada um tem uma lágrima para os queridos ausentes; ela pôs de lado a sua vida múltipla para ir se recolher nas necrópoles, e esse rio humano, silencioso, refletido, vai orar sobre os restos daqueles que lhes foram caros; e diante desse piedoso cortejo a própria incredulidade é tomada de respeito.

Paris, diz-se, não é espírita. Procurai uma cidade, no universo, onde o túmulo mais modesto seja mais venerado, melhor florido. É que a cidade das grandes criações sentem melhor as perdas dolorosas; ela chora lágrimas verdadeiras, e nada dá à aparência. Sem dúvida, Paris é uma cidade de prazeres para um certo mundo, mas é também a cidade do trabalho e do pensamento para a maioria. Ela não é essencialmente materialista. É ela que dá a luz espírita ao universo, e essa luz lhe retornará aumentada, depurada. Todos os povos virão procurar entre vós as verdades do Espiritismo, muito preferíveis aos fúteis e vãos gozos ou às paradas que nada deixam ao espírito.

Há no ar uma idéia racional aprovada por todas as pessoas progressistas, é que todo o mundo deveria saber ler. Nossa doutrina, tão bela que seja, encontra um obstáculo na ignorância. Também nosso dever, a todos nós Espíritas, é de diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, afim de que *O Livro dos Espíritos* não permaneça uma letra morta para tantos párias. Trabalhar para difundir a instrução nas massas é abrir o caminho ao Espiritismo ao mesmo tempo que é destruir o elemento do fanatismo; é diminuir igualmente os arrastamentos da ignorância; é criar homens que viverão e morrerão bem.

Realizado esse grande ato de caridade, não terei mais a dor de ver retornar, neste dia dos mortos, tantos Espíritos atrasados que pedem para se reencarnar para saberem, e para cumprir a missão prometida às suas novas faculdades. Esses Espíritos tornados inteligentes poderão, a seu turno, ir ensinar em outros mundos, e dar o pão da vida, o saber que torna digno de Deus.

Ao vosso redor legiões de ignorantes vos imploram: são vossos mortos; não olvideis o que eles pedem. Vossas preces lhes serão úteis, mas as vossas ações são chamadas a lhes prestar um serviço mais essencial.

Adeus, irmãos; vosso devotado condiscípulo,

SANSON *(Méd.* Sr. Leymarie).

III. Dia de felicidade para os Espíritos do Senhor que se agrupam para dirigir a Deus preces pelos Espíritos, porque esta santa comunhão de pensamentos se reproduz também nas regiões superiores! Oh! sim, felizes os pobres deserdados que compreenderão os objetivos de nossas preces dirigidas para apressar o seu progresso! Graças ao Espiritismo, muitos já entraram no caminho do arrependimento e puderam melhorar-se. Foi essa graça descida sobre a Terra que abriu seu coração aos remorsos e lhes deu a esperança de vir um dia junto a nós. Obrigado a todos vós, Espíritas cristãos, por terem pedido a Deus e obtido que pudéssemos vir vos dizer: Coragem! Os Espíritos que vêm vos agradecer por este bom pensamento o aproveitaram, e se sentem hoje muito felizes.

Direi em particular ao meu bom amigo Canu: Sede feliz ao pensamento de que vosso amigo Hobach é ele mesmo, e que ele está lá cercado de Espíritos amigos e protetores que vêm, atraídos por sua simpatia, elevar suas almas ao Criador, porque tudo vem dele e deve retornar a ele. Procuremos sempre, pois, as reuniões sinceras, afim de aproveitar os ensinamentos que ali são dados, e que os invisíveis e os encarnados possam progredir para o infinito, quer dizer, para o Ser supremo que nos criou para o bem e a marcha progressiva de suas obras. Sim, mil vezes obrigado, porque leio em todos os corações os sentimentos daqueles que particularmente nos amaram; mas também aqueles que choram sequem suas lágrimas, porque virão conosco reencontrar-nos num mundo melhor, onde a lei de justiça reina soberana, uma vez que lá ela emana de Deus.

HOBACH *(Méd.* Sra. Patet).

IV. Amigos e irmãos em Espiritismo, estais reunidos neste dia para dirigir ao Senhor votos e preces pelos Espíritos que vos são caros e que cumpriram *a* sua missão nesse mundo. Muitos dentre vós, meus caros amigos, cumpriram essa tarefa dignamente, e receberam a recompensa de seu trabalho nessa vida de expiação e de miséria. Oh! aqueles, meus caros Espíritas, velam sobre vós; eles vos protegem, e neste dia participam de

vossos votos e das súplicas que endereçais ao nosso Pai de todos. Em sua maioria, em vosso meio, estão felizes por verem o recolhimento em que estais neste momento solene.

Mas é sobretudo pelos Espíritos que não cumpriram sua missão nesse mundo de passagem que devem se elevar os vossos pensamentos e as vossas preces. Oh! aqueles têm necessidade que corações amigos, almas compadecentes lhes dêem uma lembrança, uma prece, mas uma prece sincera, uma prece que suba até o trono do Eterno! Ah! quantos desses Espíritos são abandonados, esquecidos, mesmo por aqueles que deveriam pensar mais neles; por parentes algumas vezes bem próximos! É que estes, meus amigos não são Espíritas; é que não conhecem o efeito que pode produzir sobre o Espírito a ação das preces. Não, não conhecem a caridade, não crêem numa outra existência depois desta, crêem que a morte nada deixa depois dela.

Quantos nestes dias de luto vão de coração frio e seco para o túmulo daqueles que conheceram! Ali vão, mas por hábito, por conveniência; sua alma não sente nenhuma esperança; não pensam mesmo que essas almas, às quais vêm prestar um dever, estão ali, junto deles e esperando deles uma prece partida do coração.

Oh! meus amigos supri, vós, por vossas preces, ao que não fazem vossos irmãos. Eles não vêem na morte senão o despojo: o corpo, e esquecem que a alma vive sempre. Orai, porque vossas preces serão ouvidas pelo Altíssimo.

Um Espírito que pede também uma parte em vossas preces,

LALOUZE. *(Méd.* Sra. Lampérière.)

V. Caros amigos, quantas ações de graças vos devemos em troca de vossas boas e generosas preces!

Oh! sim, somos reconhecidos por tanto devotamento, por tanta caridade. Em nenhum tempo preces tão calorosas, tão fervorosas, foram escutadas e levadas sobre as asas brancas dos Espíritos puros ao trono divino. Em nenhum tempo os homens compreenderam melhor a utilidade da prece em comum, cuja força moral pesa sobre os Espíritos imperfeitos que vêm, cada vez que vos reunis, haurir em vosso foco generoso efraterno. Porque ali não há distinção; os pequenos, os deserdados da Terra são recebidos por vós como os grandes, como os príncipes; orais pelo pobre como pelo rico. Oh! fraternidade divina, cresce, cresce sempre até que atinjas o sublime regenerador que te envia para reconduzir os homens ao caminho reto, do qual se afastaram há tantos séculos!

Batei e vos será aberto, disse Jesus; pedi e vos será dado. Sim, batei sobre as vossas paixões, e o raio da caridade divina inundará vossa alma. Pedi a fé e ela vos virá. Pedi a paciência e ela vos será concedida. Em uma palavra, pedi todas as virtudes necessárias para vos despojar do homem velho que deve desaparecer para sempre e dar lugar ao homem de bem.

Eu sou um Espírito desconhecido de vós, apoderei-me desta mão graças à caridade de São José.

(Méd. Sr. Lampérière.)

VI. Minha caríssima esposa, vi teus suspiros, vi tuas lágrimas. Sempre chorar! Vi também tuas preces, deixa-me agradecer por elas. Vamos, cara amiga, consola-te. Vês, perturbas a minha felicidade. Consola-te, pois, porque és mais feliz do que muitas outras: tens irmãos que te amam, que são felizes porte verem vir entre eles. Vês, minha filha, o quanto és bendita entre todas.

Não tenho senão que vos louvar, meus irmãos, pela boa acolhida que por toda a parte é feita à minha esposa; eu vos agradeço por tudo o que fazeis por ela... e me fazeis ainda a amizade de me chamar hoje!... Tenho dos primeiros sustentado e propagado, com todo o meu poder, esta santa doutrina. Ah! se houvesse sabido o que sei e vejo agora! Crede-me, crede-me, é tudo o que posso vos dizer. Fazei tudo para ensiná-lo e para

atrair os corações a vós. Nada é mais belo, nada é tão verdadeiro do que o que vos ensinam os vossos livros.

COSTEAU. *(Méd.* senhorita Béguet.)

VII. Obrigado a vós todos, irmãos bem-amados, pela vossa boa lembrança e pelas vossas boas preces. Obrigado a vós, caro presidente, pela feliz iniciativa que tomastes fazendo orar por todos numa mesma comunhão de idéias e de pensamentos. Sim, estamos todos aqui; ouvimos com alegria as vossas preces sinceras, endereçadas ao Pai de misericórdia em favor de cada um de nós. Sim, estamos felizes, porque a prece feita com sinceridade sobe até Deus, e recebemos dele a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir àqueles que trabalham com energia na obra santa. Essas preces foram para nós como uma chamada solene, e nos encontramos todos reunidos ao vosso lado. De longe, como de perto, acorremos a essa feliz chamada. É a desejar que vosso exemplo seja seguido por todos os centros sérios, porque essas preces, feitas com tanta sinceridade e desinteresse, sobem para Deus como santos eflúvios e recaem sobre cada um de nós. Obrigada, pois, ainda, meus bons amigos, e, embora meu nome não haja sido pronunciado, vedes que estou aqui. Isto deve vos provar que somos felizes e numerosos.

A mãe de um membro honorário de vossa Sociedade,
AIMÉE BRÉDARD, de Bordeaux. (Méd.senhora Delanne.)

VIII. Meus bons amigos, eu teria preferido, depois das preces que vindes de ouvir, e *às* quais vos associastes com todo o vosso coração, eu teria preferido, digo eu, ver cada um de vós se retirar no silêncio piedoso que a prece vos deixa no coração. Elevastes vossas almas a Deus por todos aqueles que partiram da Terra; lançastes doces lembranças do passado, e, no presente, não vos sentis mais fortes? Não sentistes, ainda há pouco, enquanto vossas almas subiam ao céu, num impulso comum, o hálito quente de outras almas misturando suas preces às vossas? Dele não vos impregnastes? Por que não vos recolher nesse perfume silencioso de além-túmulo, antes de nos pedir vozes? Viver com esses doces pensamentos gotejando eflúvios sagrados da prece, não é felicidade bastante?

Mas compreendo que essa linguagem muda não vos basta. Os zéfiros tépidos não são bastantes para o coração amoroso que pede aos ecos uma voz que responda à sua voz. Eu vos perdôo esse desejo, ele é muito justo. Por que cada um de vós não poderia gozar um segundo benefício que lhe concede a sua nova fé, de se comunicar com aqueles que lhe são caros, por intermédio de nossos médiuns?

Mas que vossa assembléia é numerosa para pequena quantidade de mãos que podem escrever! Quais de vossos amigos poderão dizer quais são os felizes, entre vós, que ouvirão suas vozes? Vejo um número de Espíritos bem mais considerável do que não sois aqui de encarnados; eles se comprimem ao redor de cada um de nossos intermediários: Georges, Sanson, Costeau, Jobard, Dauban, Paul, Émile, e cem outros dos quais não posso dizer os nomes, lá estão e gostariam de vos falar. Detém o seu impulso, *e* lhes digo a todos que seria seu intermediário entre eles e vós; eles muito o querem, e vós, caros amigos, o desejais também? Eu trataria de ser para uns seus pais, para os outros suas mães; para aqueles um filho, uma filha, um esposo, uma esposa, e para todos um amigo, um irmão que vos ama e que gostaria que vossos corações, reunidos num só coração, não formem senão um único pensamento, senão uma alma respondendo a esta comunicação de espírito concentrado em meu pensamento e em minha alma.

Ah! vossos caros mortos não esperaram este dia para vir a cada um de vós; não sentis a toda hora se espremer ao vosso lado, e vos dar, por essa voz que chamais a consciência, esses segredos castos e divinos do dever? Não o sentis se aproximarem

antes de vós nas horas de aflição e de desfalecimento? Eles vos dizem: Coragem! e sobretudo a vós, Espíritas, eles vos mostram o céu e as inumeráveis estrelas que rolam sobre seu azul em sinal de aliança entre o Senhor e vós.

Não, meus caros amigos, eles não vos deixam pelo pensamento. A ti, mãe, tua filha vem dizer-te: Parti primeiro, como se destaca do tronco vigoroso o ramo que a tempestade quebra, mas vivo ainda de tua seiva e de teu amor na imensidade, e nesse terço de pérolas que carrega minha alma não são algumas esmeraldas que me vieram de ti?

A ti, pai, ouço o filho dizer-te: Parti para retornar e te ajudar, na prece, a melhor amar a Deus. Parti, porque a tua fronte se inclinava diante do grande dispensador de todas as coisas; ele quis se lembrar a ti em te fazendo ouvir os acentos de além-túmulo da voz de teu filho.

A ti, irmão, ouço o irmão te recontar os jogos de outrora, vossas lutas, vossas alegrias, vosso sofrimento. Estou diante dele, te diz, mas eu não estou morto. Eu te preparei o caminho: naquele em que encontras mais glória do que sobre a Terra. Joga teu manto de púrpura e veste teu burel de lã para fazer a viagem. O Senhor, ama mais a pobreza do que a riqueza.

Ouço doces suspiros responderem a todos os vossos suspiros; os do amante respondem à amante, os do esposo à esposa. Bela harmonia!

Regozijai-vos, pois! Quantas lágrimas felizes! quantos impulsos tocantes! Esposas, senti vossas mãos pressionadas pelas mãos invisíveis de vossos esposos; eles vêm renovar nesta hora o juramento de vos amar sempre; vêm vos dizer o que eu mesmo vos disse: que a morte não quebra os laços do coração e que as uniões continuam além do túmulo.

Quanto gostaria de nomeá-los a todos, esses caros mortos; eu não o posso. Escutai vós mesmos a sua voz; cada um de vós as reconhecerá no concerto sagrado que sobe ao céu. Elas cantam juntas um cântico de ações de graça ao Senhor.

SANTO AGOSTINHO. (Méd. Sr. E. Vézy).

IX. Meu médium não podendo prestar o seu concurso a todo Espírito, venho em lugar de um Espírito que talvez tivesse desejado se comunicar; mas a instrução não estando deslocada aqui mesmo, nesta reunião especialmente dedicada aos ausentes, quero vos dar alguns conselhos sobre a maneira de proceder para obter respostas realmente emanadas dos Espíritos chamados.

Há aqui muitos médiuns e muitos Espíritos desejosos de se comunicarem, e, no entanto, poucos poderão fazê-lo, porque não terão tido o tempo de estabelecer a comunicação fluídica com eles. A identidade das comunicações é coisa difícil de se estabelecer, e raramente podereis estar perfeitamente seguros dessa identidade. No entanto, se quisésseis prestar um pouco de ajuda aos Espíritos, em vos preparando antes das evocações, mais freqüentemente haveria identidade real. Os fluidos devem sempre ser similares: sem essa semelhança, não há comunicação possível; mas vós possuis, médiuns, muitos fluidos diversos, e, entre eles, certos poderiam ser utilizados pelos Espíritos, se lhes fosse dado tempo para influenciá-los.

Geralmente chama-se este, aquele à queima-roupa, sem tê-lo chamado pelo pensamento, sem lhe ter oferecido seu aparelho fluídico, sem lhe ter deixado tempo de dispô-lo a ressoar uníssono com os seus próprios pensamentos. Credes fazê-lo bem em agindo assim? Não, porque são obrigados a tomar emprestado o intermediário de vossos Espíritos familiares, e naturalmente não podeis reconhecê-los de uma maneira tão positiva, e estais reduzidos a não constatar senão os pensamentos, freqüentemente, muito diferentes daqueles que tinham durante a sua vida, sem terem nenhuma particularidade que vos revele uma identidade. Crede-me, quando quiserdes evocar, pensai primeiro algum tempo antes naqueles que desejais chamar, e lhes oferecereis muito mais assim o meio de se comunicarem pessoalmente.

Trago a palavra em nome de todos aqueles que são da família e amigos de meu médium, e venho agradecer ao Presidente as palavras cheias de coração que pronunciou para todos. Certamente, a alegria em se unir a tantos desejos e vontades benevolentes; e nós todos, Espíritos dispostos ao bem e Espíritos instrutores, nos fazemos um dever cumprir as missões que nos são confiadas por ele e por todos os corações espíritas (Ver adiante, página 399).

UM ESPÍRITO. (Médium, senhorita A. C.)

O SR. JOBARD E OS MÉDIUNS MERCENÁRIOS.

Exemplo notável de concordância.

Uma sonâmbula médium, que pretende ser adormecida pelo Espírito do Sr. Jobard, disse ter dele recebido uma comunicação dirigida a um outro médium, ao qual aconselhava fazer pagar suas consultas pelos ricos, e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários. O Espírito lhe traçava o emprego de sua jornada, sem poupar os elogios sobre suas eminentes faculdades e sua alta missão. Tendo uma pessoa concebido dúvidas sobre a autenticidade dessa comunicação, e sabendo que o Espírito do Sr. Jobard se manifesta freqüentemente na Sociedade, pediu-nos de fazê-la controlar.

Para maior segurança, dirigimos imediatamente, a seis médiuns, estas simples palavras: "Quereis perguntar ao Espírito do Sr. Jobard se ele ditou à Sra. X..., em sonambulismo magnético, uma comunicação por um outro médium que convida a explorar a sua faculdade. Tenho necessidade desta resposta para amanhã." Tivemos o cuidado de não preveni-los dessa espécie de concurso, de sorte que cada um se acreditou chamado sozinho para resolver a questão.

Contávamos com a elevação do Espírito do Sr. Jobard para se prestar à circunstância, e não se melindrar ou se impacientar com esse pedido que deveria lhe ser dirigido, quase simultaneamente, sobre seis pontos diferentes. No dia seguinte recebemos as respostas adiante que faremos seguir de algumas reflexões.

(20 de outubro de 1864. - Médium, Sr. Leymarie.)

O quê! caros amigos, meu nome serve, pois, de alvo de motejo a todas as espécies de pessoas! Há muito tempo estou habituado a esses plagiários sem vergonha que me fazem alternativamente adotar, como um camaleão, todas as cores; toma-se-me por um pateta. No entanto, minha vida passada, meus trabalhos e as numerosas provas de identidade dadas na Sociedade de Paris, não podem fazer se enganar sobre meus sentimentos. Tal eu era simples encarnado, tal eu sou no estado de Espírito livre, e a minha missão junto a vós, meus amigos, é a do devotamento, e sobretudo do desinteresse.

O Espiritismo é uma ciência positiva; os fatos sobre os quais repousa não estão ainda completados; mas tende paciência ainda, vós que sabeis esperar, e essa ciência, que não tem nada inventado, uma vez que ela é uma força da Natureza, provará aos menos clarividentes que o seu objetivo todo moral é a regeneração da Humanidade, e que, fora de todas as ciências especulativas, seu ensino é o contrário do materialismo, que procede por hipótese. Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois de constatação, tal é a sua maneira limpa e sem evasivas; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo Espírita convicto.

Rejeito, pois, o joio do bom grão, todos os interesses mesquinhos, os meio-devotamentos, os compromissos malsãos que são a praga de nossa fé.

Do dia em que vos dizeis Espíritas, tenho o direito de vos perguntar o que sois, o que quereis ser. Pois bem! se tendes a fé, se sois caridosos antes de tudo; todos os encarnados aos vossos olhos sofrem uma prova; assistis como espectadores a muitos des-

falecimentos, e nesse rude combate da vida, onde vossos irmãos procuram a luz, vosso dever, a vós privilegiados que vistes e sabeis, é de dar generosamente o que Deus vos distribuiu generosamente também.

Médium, não deveis disso vos orgulhar, *porque a mão que dispensa pode se retirar de vós',* quando, por vosso intermédio, um Espírito vem consolar, encorajar, ensinar, deveis estar feliz e agradecer a Deus que vos permite ser a boa fonte onde aqueles que têm sede vêm se saciar. Mas essa água não vos pertence, é a provisão de todo o mundo, não podeis vendê-la, nem cedê-la, porque esse domínio não é desse mundo. Gostaríeis que vos expulsasse como os vendedores do templo?

Ricos ou pobres, acorrei e perguntai: cada um de vós tem seu sofrimento secreto; o farrapo de um tornar-se-á numa outra vida a púrpura de outro, e é por isso que a mediunidade não é a usura: diante dela todos os encarnados são iguais.

Olhai ao vosso redor: são ricos, são pobres, aqueles que fazem ofício de um dom providencial? Eles vendem a ciência dos Espíritos, e o óbolo que recolhem é a gangrena de seu espiritualismo. Fizeram bem dizer espiritualismo, porque os Espíritas reprovam, sabei-o, toda venda moral; a venalidade não é o seu fato. Rejeitamos de nosso seio todas essas escórias mentirosas que fazem rir os assistentes introduzidos em seu negócio.

Quanto a mim, caro mestre, respondei àquele ou àqueles que querem comerciar com o meu nome que por mais pateta que eu possa ser, não o serei jamais bastante para apor minha assinatura sobre traços falsificados, tirados sobre vosso devotamento.

JOBARD.

(Médium, senhora Costel.)

Venho reclamar e protestar contra o abuso que se faz em meu nome. Os pobres de espírito - e se encontram muitos deles entre os Espíritos - têm o deplorável hábito de se vestir de nomes que lhe servem de passaporte junto aos médiuns orgulhosos e crédulos.

Seguramente, eu teria a graça em defender a nobreza de meu pobre nome, sinônimo de simples; no entanto, espero tê-lo colocado bastante alto no julgamento daqueles que me conheceram, por medo de ser tornado solidário das pobrezas debitadas sob a minha assinatura. É, pois, somente por amor da verdade que protesto não ter adormecido nenhum sonâmbulo, nem exaltado nenhum médium. Eu me comunico muito raramente, tento eu mesmo muita coisa a aprender para servir de guia instrutor dos outros.

Reprovo em princípio a exploração da mediunidade, por esta razão muito simples de que o médium, não gozando de sua faculdade senão de um modo *intermitente e incerto, não pode jamais nada prejulgar nem nada fundar sobre ela.* Portanto, as pessoas pobres erraram em abandonar a sua profissão para exercer a mediunidade no sentido lucrativo da palavra. Sei que muitas dentre elas se abrigam sob o título de *missão,* ou abandono de seu lar, desertado por orgulhosas satisfações e a importância efêmera que lhes concede a curiosidade mundana. Esses médiuns se enganam de boa-fé, eu o espero, mas, enfim, se enganam; a mediunidade é um dom sagrado e íntimo do qual não se pode ter agência aberta. Os *médiuns muito pobres para se consagrarem ao exercício de sua faculdade devem subordiná-la ao trabalho que os faz viver,* o Espiritismo nisso nada perderá, ao contrário, e a sua dignidade com isso muito ganhará.

Não quero desencorajar ninguém, nem desanimar nenhuma boa vontade: mas importa que a nossa cara Doutrina esteja ao abrigo de toda acusação malsã; a mulher de César não deve ser suspeitada, nem os Espíritas tampouco.

Eis o que está dito, e desejo que não fique o menor equívoco sobre as palavras de vosso velho amigo

JOBARD.

(Médium, Sr. Rui.)

Como poder-se-ia crer que aquele que, em todas as suas comunicações, recomendou a caridade e o desinteresse, viesse hoje se contradizer?

É uma prova para a sonâmbula, e eu a convido a não se deixar seduzir pelos maus Espíritos que querem, por essa pequena especulação de além-túmulo, lançar o desfavor sobre os médiuns em geral, e sobre o médium sobre o qual *é* questão em particular. Não tenho necessidade, penso, de fazer de novo minha profissão de fé. Não é àquele que, encarnado, tão freqüentemente perseguido, teve sempre por regra de conduta a eqüidade e a lealdade, que se possa atribuir semelhantes comunicações! Estaria feliz se, a exemplo do que se faz para certos comerciantes da Terra, se pudesse apor sobre as comunicações de além-túmulo a estampilha que constataria a identidade do autor.

Não sois ainda bastante avançados, mas na falta de estampilha, servi-vos de vossa razão, ela não pode vos enganar, e desafio todos os Espíritos, por numerosos que sejam, a me fazerem sem passar, aos olhos dos meus antigos confrades, por mais bobo que eu não o seja. Adeus.

JOBARD.

(Médium, Sr. Vézy.)

Por que tantas tolices ainda entre aqueles que crêem de boa-fé? E dizer que se se lhes colocar diante dos olhos os verdadeiros princípios da coisa, eles mudam de ou golpe e se tornam mais incrédulos do que São Tome!

Ide dizer a essa cara senhora que jamais me comuniquei com ela. Ela vos dirá: é possível, e diante de vós parecerá partilhar o vosso julgamento; mas, em seu foro íntimo, ela dirá que sois insensatos. Proibir a um louco de fazer loucuras, é ser mais louco do que ele, diz-se. No entanto, seria muito preciso encontrar um remédio para curar tantos pobres de espírito que se desviam sozinhos, persuadidos de que são seres guiados por maravilhas.

Verdadeiramente, meu caro presidente, me credes capaz de escrever as coisas vãs que lestes? Este seria, então, verdadeiramente, o caso de me aplicar o nome que tinha porter ousado escrever semelhantes bobagens. O Espiritismo não se ensina a tanto a lição ou o selo. Que *aquele que não pode ir levar as nossas palavras aos seus irmãos senão em detrimento de seu próprio salário, fique em seu lar e peça à sua ferramenta ou à sua agulha para lhe continuar seu pão cotidiano;* mas se assemelhar a um doador de representações é invadir o domínio do explorador ou do charlatão. Que aquele que é pobre e que sente a coragem de se tornar o apóstolo de nossa doutrina, se cubra-se com a sua fé e com a sua coragem, a Providência virá, em sua hora, lhe dar o pão que lhe falta; mas que não estenda a mão por todos os seus esforços, porque seríamos os primeiros a lhe gritar: Retira-te daqui, mendigo, e deixa o lugar àqueles que dele podem fazer o ofício. *Encontramos sempre bastantes homens de boa vontade para cumprirem a tarefa que lhes pedimos.*

Mulheres ou homens que deixais a máquina de fiar ou a ferramenta para vos fazer pregador ou médium, e pedir um salário, não é senão o orgulho que vos guia. Quereis um pouco de glória em torno de vosso nome: o metal não tem senão feio reflexo que o tempo enferruja, ao passo que a verdadeira glória tem mais luz na abnegação. Gosto mais de Malfilatre, Gilbert e Moreau, cantando sua agonia sobre o leito de hospital do que o poeta mendigando o óbolo entregando seu coração para conservar alguns lambris dourados em torno de seu leito de morte. Os desinteressados serão os mais recompensados; uma felicidade durável os espera, e seus nomes serão tanto mais poderosos quanto terão derramado mais lágrimas, e que suas frontes tiverem se coberto de mais suor e de poeira.

Eis tudo o que posso vos dizer a este respeito, caro presidente, e aproveito a boa ocasião que a mim se apresenta para vos apertar a mão e vos reiterar todos os meus

bons desejos e meus sinceros cumprimentos. Permanecei sempre corajoso e robusto na tarefa que vos impusestes, fazei calar os ciumentos e os tagarelas que vos rodeiam por essa firmeza e essa simplicidade que vos caem tão bem. Hoje é preciso ser positivo; não vos deixeis arrastar à procura da lua quando a Terra está aos vossos pés, e tendes aí de que completar vosso trabalho. Todos os materiais são abundantes ao vosso redor. Provai as vossas teorias por fatos, e que os vossos exemplos não se apoiem sobre teoremas algébricos que todo o mundo não poderia compreender, mas sobre axiomas matemáticos. Uma criança sabe que dois e dois são quatro. *Deixai correr à frente aqueles que têm pernas muito grandes; eles romperão o pescoço, e é inútil que o sigais em sua queda.* Apressemo-nos docemente; o mundo é jovem ainda, e os homens têm o tempo diante deles para se instruírem.

O sol se esconde à noite porque é preciso a obscuridade para fazer compreender sua luz; a verdade algumas vezes se cobre de trevas para não cegar aqueles que a olham muito à face.

Perg. Então não vos comunicastes jamais a esta senhora; ela se diz, no entanto, magnetizada por vós?

Resp. Pobre mulher! ela atribui aos seres inteligentes o que só a insensatez pode ditar, ou bem algumas palavras todas boas ou todas simples de grandes oráculos. É uma doença que não é preciso contrariar; ela tem sua sede nos nervos, e se cura pela prudência e as duchas frias.

JOBARD.

(Médium, senhora Delanne.)

Saudação fraternal avós todos, meus bons amigos, que trabalhais com ardor para enxertar a Humanidade. É preciso que redobreis a atenção, porque, neste momento, uma incrível revolução se opera entre os desencarnados. Tendes também entre eles adversários que se prendem a vos suscitar entraves, mas Deus vela sobre sua obra.

Ele colocou em vossa cabeça um chefe vigilante que possui o sangue-frio, a perspicácia e uma vontade enérgica para vos fazer triunfar dos obstáculos que os vossos inimigos visíveis e invisíveis levantam a cada instante sob vossos passos. Também não se enganou lendo essa comunicação; compreendeu que Jobard não poderia falar assim nem aprovar uma semelhante linguagem. Não, meus amigos, o Espiritismo não deve ser explorado por Espíritas sinceros e de boa-fé. *Pregai contra os abusos desta natureza que desacreditam a religião, não podeis praticar o que condenais,* porque afastaríeis aqueles que o vosso desinteresse poderia conduzir a vós.

Jamais refletistes seriamente nas conseqüências funestas das reuniões pagas? Compreendei bem que se Allan Kardec autorizasse semelhantes idéias por seu silêncio ou sua aprovação tácita, dentro de dois anos o Espiritismo seria a vítima de uma multidão de exploradores, e que esta coisa santa e sagrada seria desacreditada pelo charlatanismo. Eis a minha opinião. Rejeito, pois, hoje como sempre, toda idéia de especulação, qualquer que seja o pretexto, que entravasse a Doutrina, em lugar de ajudá-la.

Aplicai-vos, no instante antes de tudo, em reformar os homens por vossos ensinamentos e vosso exemplo. Que vosso desinteresse e vossa moderação falem tão alto que nenhum de vossos adversários possa vos fazer censuras. Estando cada um de vós colocado em posições diferentes, deveis trabalhar cada um segundo as vossas forças; Deus não pede *o* impossível. Tende confiança nele, e deixai cada coisa vir a seu tempo. Se ele quisesse que o Espiritismo caminhasse mais rapidamente ainda, teria enviado mais cedo os grandes Espíritos que estão encarnados e que surgirão, quase ao mesmo tempo, sobre todos os pontos do globo, quando chegar o tempo disso; à espera, preparai os caminhos com prudência e sabedoria. Coragem, caro presidente, cada dia as rédeas se tornam mais difíceis; mas estamos aqui para vos sustentar, e Deus vela sobre vós.

JOBARD.

(Médium, Sr. d'Ambel.)

Pois bem! isto vos espanta! Mas há tantos bobos no mundo dos Espíritos, como entre vós, sem vos ofender, que um bobo pôde dar a um outro a comunicação sonambúlica em questão.

Quanto ao médium, há necessidade de se inquietar com ele demasiadamente?

Deixai passar o tempo; é um grande reformador. Aqueles que colocam a preço sua mediunidade fazem como essas pessoas que dizem aos interrogadores, expondo um jogo de carta sob seus olhos: "Eis um homem da cidade ou um homem do campo; há uma carta a caminho, eis o ás de ouros." Quem sabe se, entre alguns, esse não é um retorno ao passado, um resto de antigos hábitos? Pois bem, tanto pior para aqueles que caem na mesma rotina! Dela não tirarão seus gastos, e lamentarão um dia ter tomado o caminho de atalho.

Tudo o que posso vos dizer, é que não estando por nada neste pequeno comércio, vós bem o sabeis, lavo minhas as mãos, e lamento a pobre humanimalidade por ter ainda recorrido a semelhantes expedientes.

Adeus. JOBARD.

Observações.

A necessidade do desinteresse nos médiuns é hoje a tal ponto, que passada em princípio, que teria sido supérfluo publicar o fato acima, se não oferecesse, fora da questão principal, um notável exemplo de coincidência e uma prova manifesta de identidade, pela semelhança dos pensamentos e a marca de originalidade que levam em geral todas as comunicações do nosso antigo colega Jobard. É a tal ponto que quando se manifesta espontaneamente na Sociedade, é raro que, desde as primeiras linhas não se adivinhe o autor. Assim, não se levantou nenhuma dúvida sobre a autenticidade das que acabamos de narrar, ao passo que, naquelas que tínhamos pedido fazer controle, a fraude saltava aos olhos de qualquer que conhecesse a linguagem e o caráter do Sr. Jobard, assim como os princípios que havia constantemente processado como homem e como Espírito; teria sido irracional admitir que tivesse subitamente mudado em proveito dos interesses materiais de um indivíduo. A fraude era inábil.

Quanto à questão do desinteresse, seria inútil repetir tudo o que foi dito sobre esse ponto, e que se acha admiravelmente resumido nas respostas do Sr. Jobard. Acrescentar-lhe-emos somente uma consideração, que não é sem importância.

Certos médiuns exploradores crêem salvar as aparências em não se fazendo pagar senão pelos ricos, ou deles não aceitando senão uma retribuição voluntária. Em primeiro lugar, isso não é menos um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado daquilo que se recebe gratuitamente.

Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam e curavam, não punham preço nem às suas palavras nem aos seus cuidados, e, no entanto, não tinham rendas para viver. Por outro lado, essa maneira . de operar não é uma garantia de sinceridade, e não coloca ao abrigo da suspeição de charlatanismo. Sabe-se no que se ter sobre a filantropia das consultas gratuitas de certos médicos, e que relacionam a certos comerciantes os artigos que dão em prejuízo e algumas vezes por nada. A gratuidade, em certas ocasiões, é um meio de atrair a clientela produtiva.

Mas há uma outra consideração mais poderosa ainda. A que sinal reconhecer aquele que pode ou não pagar? A colocação muitas vezes é enganosa, e, freqüentemente, uma vestimenta limpa esconde um sem dinheiro maior do que a blusa do obreiro. É preciso, pois, declinar sua pobreza, seus títulos à caridade, ou produzir um certificado de indi-

gência? Aliás, quem diz que o médium, mesmo admitindo de sua parte a mais inteira sinceridade, terá a mesma solicitude por aquele que não paga ou que paga menos, do que por aquele que paga largamente, e que não dará a cada um por seu dinheiro? Que, se um rico e um pobre se dirigem a ele ao mesmo tempo, não fará passar o rico primeiro, este tendo em vista satisfazer uma vã curiosidade, ao passo que o pobre, que talvez espera uma suprema consolação, será adiado? Involuntariamente sua consciência estará lutando com a tentação da preferência; será levado a ver com um olho melhor aquele que paga, ainda mesmo que lhe lançasse com desdém uma peça de ouro como a um mercenário, ao passo que olhará com indiferença os poucos centavos que lhe estenderá timidamente o pobre envergonhado. Estão aí sentimentos compatíveis com o Espiritismo? Não é entreter entre o rico e o pobre essa demarcação humilhante que já fez tanto mal, e que o Espiritismo deve fazer desaparecer, provando a igualdade do rico e do pobre diante de Deus, que não mede os raios de seu sol com *a* fortuna, e que não pode subordinar-lhe antes as consolações do coração que faz dar aos homens pelos bons Espíritos seus mensageiros.

Apesar de tudo, se houvesse uma escolha a fazer, preferiríamos ainda o médium que não se fizesse sempre pagar, porque pelo menos não há hipocrisia; sabe-se imediatamente a que se ater sobre a sua conta.

De resto, a multiplicidade sempre crescente dos médiuns em todas as classes da sociedade e no seio da maioria das famílias, tira à mediunidade retribuída toda utilidade e toda razão de ser.

Esta multiplicidade matará a exploração, quando mesmo não o fosse pelo sentimento de repulsa que a isso se liga.

Assinala-se-nos o fechamento, numa cidade da província, de um grupo antigo e numeroso, organizado com objetivos interessados. O chefe desse grupo tinha, assim como sua família, abandonado seu estado sob o especioso pretexto de devotamento à causa, à qual queria consagrar todo o seu tempo; havia substituído recursos que esperava retirar do Espiritismo. Infelizmente, a exploração da mediunidade está de tal modo desacreditada na província que, na maioria das cidades, aquele que dela fizesse ofício, tivesse as faculdades mais transcendentes, não inspiraria nenhuma confiança; seria muito mal visto, e todos os grupos sérios lhe estariam fechados. A especulação não respondeu à espera, e o chefe desse grupo teria se lamentado aos seus freqüentadores, diz-se, de *seu* estado de pobreza, e teria reclamado recursos; ao que lhe foi respondido que estava pobre por sua falta; que fizera o erro de fechar suas oficinas para viver do Espiritismo, e fazer pagar as instruções que os Espíritos lhe davam por nada. Sobre isso ele declarou referir o assunto aos Espíritos. Sobre nove médiuns presentes a quem a pergunta foi posta, oito receberam comunicações censurando sua maneira de agir, uma só a aprovou: era a de sua mulher. O chefe do grupo, submetendo-se de boa vontade ao conselho dos Espíritos, anunciou que, a partir desse momento, o grupo seria fechado. Sem dúvida, teria sido mais sábio a ele escutar mais cedo os conselhos que, há muito tempo, lhe eram dados pelos amigos sinceros do Espiritismo.

Um outro grupo, em condições quase idênticas, se viu sucessivamente desertado pelos seus freqüentadores, e finalmente constrangido a se dissolver.

Assim, eis dois grupos que sucumbem sob a pressão da opinião. Escrevem-nos que o parágrafo de *A Imitação do Evangelho,* n[2] 392 e seg., sem dúvida, não é estranho a esse resultado. De resto, é impossível que todo Espírita sincero, compreendendo a essência e os verdadeiros interesses da Doutrina, se faça o defensor e o sustentáculo de um abuso que, inevitavelmente, tenderia a desacreditá-la. Convidamo-los a desconfiarem das armadilhas que os inimigos do Espiritismo tentam lhes estender sob esse aspecto. Sabe-se que, na falta de boas razões para o combate, uma de suas táticas é a de procurar arruiná-lo por si mesmo; assim vê-se com que ardor eles espiam a ocasião de encontrá-lo em falta ou em contradição consigo mesmo; é por isso que os Espíritos nos dizem sem cessar que velemos e de nos mantenhamos em guarda.

Quanto a nós, não ignoramos que nossa persistência em combater o abuso de que falamos não nos fez amigos daqueles que viram no Espiritismo uma matéria explorável, nem daqueles que o sustentam; mas que nos importa a oposição de alguns indivíduos! Defendemos um princípio verdadeiro, e nenhuma consideração pessoal nos fará recuar diante do cumprimento de um dever. Nossos esforços tenderão sempre a preservar o Espiritismo da invasão da venalidade; o momento presente é o mais difícil, mas à medida que a Doutrina seja melhor compreendida, essa invasão será menos a temer; a oposição das massas lhe oporá uma barreira intransponível. O princípio do desinteresse, que satisfaz, ao mesmo tempo, o coração e a razão, terá sempre as mais numerosas simpatias, e se imporá, pela força das coisas, sobre o princípio da especulação.

LOUIS-HENRI, O TRAPEIRO.

Estudo moral.

Lê-se no *Siècle* de 12 de outubro de 1864:

"Num horrendo casebre da passagem Saint-Pierre, em Clichy, vivia um homem chamado Louis-Henri, idade sessenta e quatro anos, mas parecendo ter noventa anos. Ele tinha descido abaixo do último degrau da vida social. Dizia-se que fora outrora um belo, um boêmio; que ele tinha feito girar muitas cabeças femininas, e que tinha levado a existência a toda pressa.

"Escapava-lhe, por momentos, com efeito, cheirando à sociedade refinada, e via-se em sua casa duas deliciosas miniaturas representando encantadoras mulheres. O círculo desses medalhões havia sido vendido há muito tempo, e a pintura havia se tornado muito falha para que se pudesse dela tirar partido.

"Louis-Henri exercia o ofício de trapeiro; mas ele era tão fraco, tão velho, tão trêmulo, que não recolhia quase nada. Deitava-se, sem tirar seus farrapos, sobre as imundícies que lhe serviam de leito. Outros trapeiros, quase tão pobres quanto ele, se cotizavam para lhe dar alguns alimentos, tais quais as cascas de pão e os restos de cozinhas provenientes de seus cestos. Era coberto de feridas e ruído de vermes. Já várias vezes, disse o *Opinion nafíonale,* os guardas da brigada de Clichy tinham feito entre eles uma coleta para pagar a esse infeliz banhos sulfurosos. Não sabiam o que

aconteceu com a sua família, e ele tinha esquecido o seu próprio nome. Ficou-lhe apenas a lembrança de seus prenomes Louis-Henri.

"Há alguns dias, o leproso, como era chamado, não fora visto. Um odor infecto, que escapava de seu alojamento, tendo atraído a atenção dos locatários, eles advertiram o comissário de polícia, que se deslocou para o local, assistido pelo doutor Massart, e fez abrir por um serralheiro. Encontraram-se, entre as imundícies, os restos, arranhados pelos ratos e decompostos, do trapeiro, que morreu aos poucos no meio de suas enfermidades e de seus males."

Está aí um triste revés de fortuna e uma prova de que a justiça de Deus não espera sempre a vida futura para pesar sobre o culpado. Dizemos o culpado por hipótese, por que uma tal degradação não pode ser senão o resultado do vício em seu mais alto grau. O homem mais rico e mais alto colocado pode cair na última classe da escala social, mas *se a* honra não foi abafada nele, na sua profunda miséria ele conserva a sua dignidade.

Presumindo que a vida desse homem poderia fornecer um ensinamento, a Sociedade de Paris acreditou dever fazer-lhe a evocação, com a esperança de lhe ser útil ao mesmo tempo.

(Sociedade de Paris, 28 de julho de 1864. - Médium, Sr. Vézy.)

Pergunta. Os detalhes que lemos sobre vossa vida e vossa morte nos interessaram, primeiro por vós, porque todos aqueles que sofrem têm direito às nossas simpatias, e em seguida para nossa instrução. Seria útil, do ponto de vista moral, conhecer como e por quais causas, de uma existência que parece ter sido brilhante, caístes numa tal abjeção, e qual é a vossa situação atual? Pedimos para um bom Espírito consentir nos assistir na comunicação que nos dareis.

I. *Resposta.* Já não paguei bastante minha dívida de sofrimentos sobre a Terra para que me sejam concedidas algumas horas de lucidez além-túmulo? É porque meu corpo está infecto e roído pelos vermes que se disputa com a podridão que o dilacera, que meu Espírito está perturbado? Deixai-me reconhecer-me um pouco.

A vós que conheceis as leis divinas da imigração das almas, não tenho necessidade de vos explicar o porquê deste estado abjeto ao qual desci. No entanto, uma vez que isso me é *ordenado,* vou contar-vos minha história... De resto, uma anedota no meio de vossa sábias discussões e de vossos sábios argumentos fará diversão. Tendes aqui um certo público que isso distrairá mais do que a vossa moral e a vossa filosofia. Eu começo, pois.

Nota.- A Sociedade tinha nesse dia uma sessão geral, quer dizer, uma daquelas onde ela admite um certo número de ouvintes estranhos; é a isto que o Espírito faz alusão.

Porque vos calei o nome que eu levava, e que, em meus últimos anos, sobretudo, eu mesmo parecia ter esquecido completamente? Não adivinhastes que a lama que me enodoava era a única causa do meu silêncio a esse respeito? Eu fazia parecer esquecer. Eu me chamo... mas não; não quero lançar lama sobre os fraques e as roupas de seda e de veludo daqueles que foram meus parentes e meus amigos, com os quais vivi durante a minha juventude, e que vivem ainda. Não quero, não mais do que essas velhas senhoras, que mudaram de residência, passando da sala ao oratório, vejam no medalhão que elas conservam ainda dependurados nos lambris de suas alcovas, sob a casaca galante do gentil-homem, o infeliz abandonado. Para uns, morri na América durante as guerras que se seguiram ao despertar de seus povos; para outros, morri nos últimos restos das escaramuças sangrentas da Vendée, gritando: Viva o Rei!

Não toquemos nesses lauréis sobre os quais repousam em seus corações!... Estou morto para todos há muito tempo!... Morri também para ela!... Ah! não zombemos aqui!... Sim, para ti, estou bem morto! morto pela eternidade! E, no entanto, que horas de êxtase e de embriaguez passamos! Quantas vezes o teu olhar encontrou o meu olhar e meus sorrisos teu sorriso! Não vives ainda senão para me mostrar as rédeas e *os* cavalos brancos. Mas quando a morte, a seu turno, te houver tocado, não te verei mais!... Não! não!... Maldição! Ouço vozes que me gritam: Maldito!... Não, não, eu não a verei mais. A ela um dia a luz e o brilho, e a mim a noite e as trevas! Arranquei as asas do anjo sobre a Terra, mas seus prantos lhe deram sua pureza, e o perdão de Deus destacará para ela asas brancas de serafim.

Ah! por que a juventude joga assim com seu coração? por que quer ela colher todas as flores sobre a sua passagem, para esmigalhá-las em seguida sob os pés? No entanto, quando seu coração fala a linguagem da alma a uma outra alma, ela não mente. Por que é preciso que o sopro das paixões impuras a empane e lance seu corpo sobre o lixo?... Deixai-me verter também algumas lágrimas; elas são doces para aqueles que sofrem!

Quanto gostaria de poder reviver minha vida de outrora, para utilizar melhor minhas horas de juventude! Oh! quanto gostaria de possuir meu coração de vinte anos! Eu o daria todo inteiro a um coração irmão do meu; daria toda inteira minha alma a uma alma irmã da minha, e em minhas aspirações pediria a Deus para nos fazer provar todas as alegrias do céu!... Mas isso está feito; porque meus prantos e meus lamentos? Homem degradado, que sonhas tu? Tudo está perdido para aquele que não soube aproveitar o tempo que lhe era dado! Tudo está perdido para o miserável que não soube aproveitar as qualidades que possuía!

Ó vós que me ouvis, sim, aquele que vos-fala era dotado de belas faculdades. De que lhe serviram elas? Para enganar com astúcia e conhecimento de causa! para cometer crimes! Mais tarde, eu abafei os remorsos na orgia para não ouvir os gritos de minha consciência. Eu era gentil-homem; manejava a palavra e a espada com audácia, e se as mulheres me chamavam o refinado, acariciando minha fronte e meus cabelos em sua alcova, os homens me chamavam o invencível e o bravo!... Orgulho! Por que essas lembranças de um outro tempo?... Infelicidade!... condenação!... Vejo sangue ao meu redor! Por que esta espada com a qual feri, não retorna contra meu seio?... Entre esses mortos, vedes este cadáver?... É meu filho!... E eis o que causam os costumes de uma sociedade na qual se ri de tudo!... Sou eu o culpado, e sabia eu que era meu filho? Sabia eu que a amante abandonada há vinte anos colocaria em meu caminho um fruto adulterino, que eu não conhecia, e que vinha a disputar uma vítima ao novo dom Juan?... E quereríeis que não tivesse esquecido meu nome depois desses crimes enormes? Ah! a mim a taça de vergonha e de infâmia! Eu deveria morrer como morri, na lama. Sinto o frio do túmulo! sinto o verme que me rói! sinto as imundícies me cobrirem! sinto as úlceras que cobriam o meu corpo! mas nada de tudo isso me faz sofrer tanto quanto a visão desta ferida escancarada que fez minha espada... Meu filho, graça! se teu pai não te deu o nome, ele riscou o seu do mundo; se te deu a morte, morreu também, ele, na lama. Ah! abre-me teus braços; ensina a teu pai o caminho de Deus pelo perdão.

Que lúgubre história! eu acreditava, tomando esta mão para escrever, que iria encontrar os meus sorrisos de outrora! Lovelace! É, pois, o meio em que me encontro, que me penetra e me muda?... Por que me evocastes? Por que me retiraram da noite, para me mostrar um pouco do dia e para me relançar em seguida nas trevas? A meu turno, vos interrogo, respondei-me.

P. Nós vos chamamos para vos ser útil, e porque nos compadecemos de vossos sofrimentos. Que podemos fazer por vós?

R. Oh! que sei eu? Cabe a vós instruir-me. Não me relanceis na obscuridade... Haveis despertado mortos; eu os vejo na noite; tenho medo!

P. Nós oraremos por vós.

R Ah! Orai. Dizem que a prece faz tanto bem àqueles que sofrem! *P.* Quereis assinar o vosso nome? *R,* Não, não! orai por mim.

Alguns dias depois, um outro médium, Sr. Rui, de Passy, fez em particular a evocação do mesmo Espírito, e dele obteve as três comunicações seguintes. Cremos supérfluo reproduzir os conselhos dados pelo médium ao Espírito; são os de um Espírita sincero, animado de uma verdadeira caridade para com os irmãos sofredores.

II. Sim, orai por mim, porque as preces de vossos irmãos já me fizeram bem. Se soubésseis o que é o sofrimento de um desencarnado! Se pudésseis ler em meu rosto espiritual os traços das paixões que o trabalharam, serieis tomado de piedade, e vossa mão fraterna, apertando a minha, sentiria a febre que me agita. Quanto sofro desde que fui evocado por vosso presidente! Reconheço a justiça divina. Só, errante entre os mortos, acreditava ser o único a conhecer meus sofrimentos, e eis que, à grande luz da publicidade, sou chamado para confessar as minha faltas! Oh! Que faltas a paixão me fez cometer! Eu não disse tudo ao vosso irmão; o pudor, a vergonha, me retinham; teria querido recuperar as declarações que fiz, e apagar esses caracteres indeléveis que me colocavam no pelourinho de vossas consciências. Mas se orou por mim, reconheço hoje o bem que vossos corações caridosos me fizeram; e, para melhor merecer a vossa compaixão, porque sois Espíritas, o que quer dizer indulgentes e compassivos, acuso-me de não ter recuado diante de nenhum crime enorme para satisfazer minhas paixões. Eu não tinha cometido nenhum dos crimes punidos pela lei dos homens, mas os vícios que vossa sociedade tolera e desculpa, sobretudo quando se tem um nome e fortuna, são justiçáveis por Deus que não os deixa jamais impunes. Cruelmente os expiei sobre a Terra; caí no último degrau da miséria, do aviltamento e do desprezo, eu que outrora brilhava e fazia invejosos e

ciumentos, e o castigo me perseguiu além do túmulo. Eu não matei como um vil assassino; não roubei, porque a minha altivez de gentil-homem se revoltava somente ao pensamento de ser confundido com os criminosos; e, no entanto, eu matei, em salvaguarda da honra, segundo o mundo; levei a ruína, a vergonha e o desespero às famílias, e me chamavam o feliz, o homem de boas fortunas! Quantas vítimas gritam vingança ao meu redor! Oh! levarei por muito tempo o fardo de meus crimes! Orai por mim, porque sofro ao sentir minha alma se cansar!

Obrigado, obrigado, caro irmão; quero te dar o nome que tu me dás; agradeço-te por tuas lágrimas, porque elas me aliviaram; agradeço-te pela prece, porque ela atraiu junto a mim Espíritos cheios de glória, que me dizem: Espera, tu que foste tão culpado; espera na misericórdia de Deus, que perdoa a todos os seus filhos que se arrependem. Persevera nas boas resoluções, e serás mais forte para suportar teus sofrimentos.

Obrigado a ti que me tiraste do nevoeiro que me envolvia; que eu possa te provar um dia que o reconhecimento de teu irmão é para a eternidade!

III. O remorso me persegue; sofro muito, mas compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza não pode se tornar pura senão depois de ser transformada ao contato do fogo.

Os bons Espíritos me dizem para esperar, e eu espero; para orar, e eu orei; mas tenho necessidade de um amigo que me estenda a mão para me sustentar e me impedir de sucumbir sob meu fardo que é muito pesado. Sé para mim esse irmão caridoso, esse amigo devotado. Escutarei os teus conselhos; orarei contigo; eu me prosternarei contigo aos pés do Eterno.

Quantas vezes vi minha espada tinta do sangue de um de meus irmãos! Fui implacável em minhas vinganças, e quando o aguilhão da carne, a vaidade, o desejo de me impor sobre meus rivais, me exaltavam, a todo preço me era necessária a vitória. Triste vitória! Sujar-se pelas mais baixas paixões. Fui cruel quando meu orgulho era excitado; sim, fui um grande culpado, mas quero me tornar um filho do Senhor, eis porque venho a ti dizer-te: Sé meu irmão para me ajudar a me purificar. Irmão! oremos juntos.

IV. Obrigado, obrigado, irmão; estou sob a impressão das palavras que acabas de pronunciar. Estou mais forte; vejo o objetivo, e sem procurar medir a distância que dele me separa, digo a mim mesmo: Eu chegarei, porque o quero e tenho confiança nos bons Espíritos que me dizem para esperar. Sobre a Terra, jamais duvidei do sucesso quando fazia o mal; como poderia duvidar, hoje que quero fazer o bem?

Obrigado, irmão, pela tua caridade, tuas boas preces, teus ensinamentos, porque neles hauro minha força e sinto crescer o meu arrependimento. Se o arrependimento dobra o sofrimento, sei que esse sofrimento não durará senão um tempo, e que a felicidade me espera depois da depuração. Quero, pois, sofrer, sofrer muito para merecer ser feliz mais depressa, desta felicidade que gozam estes Espíritos radiantes que vejo perto de ti.

Desejo vos rever logo, porque vejo que tens um outro Espírito sofredor para consolar, para fortificar em seu arrependimento. Pensa em mim, e durante a prece da noite eu estarei junto de ti.

Considerações gerais.

É evidente que esse Espírito está num bom caminho; há nele um combate de bom augúrio, porque não pede senão para ser esclarecido.

Suas idéias, no entanto, se ressentem ainda de certos preconceitos. Como muitas pessoas que crêem nisso encontrar uma desculpa, ele tudo liga à sociedade. Mas o que é que torna a sociedade má, senão as pessoas viciadas? A sociedade deixa, sem dúvida, muito a desejar sob o aspecto das instituições, mas se ali se encontram pessoas honestas e que cumprem seu dever, todos poderiam fazer o mesmo, porque ela não constrange ninguém a fazer o mal. Foi a sociedade que obrigou Louis-Henri a abandonar essa mulher e seu filho? Se não reconheceu aquela, porque perdeu-a de vista sem se preocupar com a sua existência? Foram os preconceitos sociais que o impediram de dar seu nome a essa mulher? Não, porque não tinha senão suas paixões por móvel. Era a instrução que lhe faltava? Não, uma vez que pertencia à classe elevada. Portanto, não é a sociedade que é culpada para com ele; ela nada lhe recusou, uma vez que era um dos favorecidos em todas as coisas. Foi, pois, ele o culpado para com a sociedade, porque agiu livremente, voluntariamente, e com conhecimento de causa. Quem lançou seu filho no caminho dos excessos? O acaso? Não: a Providência, a fim de que o remorso que deveria mais tarde ser-lhe a conseqüência servisse para o seu adiantamento.

A verdadeira praga da sociedade, a causa primeira de todas as desordens, é a incredulidade. A negação do princípio espiritual, a crença no nada depois da morte, as idéias materialistas, em uma palavra, altamente preconizadas por homens influentes, se infiltram na juventude que as suga, por assim dizer, com o leite. O homem que não crê senão no presente quer gozar a todo preço, e é conseqüente consigo mesmo, uma vez que não espera nada além do túmulo; ele não espera nada *e,* conseqüentemente, não crê em nada. Se Louis-Henri tivesse tido fé em sua alma e no futuro, teria compreendido que a vida corpórea é fugidia e precária, e não teria dela feito seu objetivo único; sabendo que nada do que aqui se adquire está perdido, teria se preocupado com o seu futuro, ao passo que agiu como alguém que come o seu capital e joga seu vale-tudo.

Quantas desordens, quantas misérias, quantos crimes tiveram sua fonte nessa maneira de encarar a vida! Quais são os primeiros culpados! Aqueles que o erigem em dogma, em crença, zombando *e* tratando de loucos aqueles que crêem que nem tudo está na matéria e no mundo visível. Louis-Henri não foi bastante forte para resistir *a* essa corrente de idéias; ele sucumbiu, vítima de suas paixões que encontravam uma justificativa no materialismo, ao passo que uma fé sólida e raciocinada ter-lhe-ia posto um freio mais poderoso do que todas as leis repressivas que podem atingir todas as más ações. O Espiritismo dá essa fé, e é por isso que opera tão numerosas transformações morais.

As três últimas comunicações confirmam a primeira obtida por um outro médium; evidentemente é o mesmo fundo de pensamento. Nelas se nota o progresso que se operou nesse Espírito e nelas podemos haurir mais de um ensinamento.

Na primeira, em tudo fazendo confissão de suas faltas, não há ainda o arrependimento sério nem resolução tomada; lamenta-se quase por ter sido evocado.

Na segunda, ele disse: "Quanto sofro depois que fui evocado pelo vosso presidente!" Estas palavras justificariam o dizer de certas pessoas que pretendem que se perturba o repouso dos mortos evocando-os? Não, seguramente, primeiro porque não vêm senão quando isso lhes convém; em segundo lugar, a maioria testemunha a sua satisfação em serem chamados, quando o são por um sentimento de simpatia e benevolência. Somente certos culpados vêm com repugnância, e, nesse caso, eles não são ali constrangidos pelo evocador, mas por Espíritos superiores, tendo em vista seu adiantamento. Sua repugnância é a do criminoso que se conduz diante de um tribunal. Tendo a evocação dos Espíritos culpados, por objetivo e por resultado, a sua melhoria, a contrariedade momentânea que ela lhes causa é sua vantagem, uma vez que excitando-os ao arrependimento, abreviam os sofrimentos que suportam no mundo dos Espíritos. Seria, pois, mais caridoso deixados estagnar na abjeção em que se encontram do que dela tirá-los? O sofrimento que disso

resulta é aquele do médico que faz suportar seu doente para curá-lo. Tirai da lama um homem embrutecido, ele se lamentará; ocorre o mesmo com os Espíritos.

Encontra-se nas comunicações desse Espírito um pensamento análogo ao que exprimia Latour sobre o sofrimento que o arrependimento causa. Explicamos a causa desse sofrimento (número de novembro de 1864, página336); é o mesmo que fez este dizer: "Sofro desde que fui evocado," e "o remorso me persegue; sofro muito." É, pois, o remorso que o faz sofrer, mas é esse remorso que deve salvá-lo, e foi a evocação que o provocou. Mas ele acrescenta estas palavras notáveis: "Compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza não pode se tornar pura senão depois de ser transformada ao contato do fogo." E mais adiante: "Se o arrependimento dobra o sofrimento, sei que esse sofrimento não durará senão um tempo, *e* que a felicidade me espera depois da depuração." Esta certeza lhe faz dizer: "Quero sofrer, sofrer muito, para merecer ser mais depressa feliz." É preciso, pois, admirar-se, depois disso, que um Espírito escolhesse provas terríveis numa nova existência? Não está no caso de um doente que se resigna a uma operação dolorosa para ficar bom? ou naquele de um homem que se expõe a todos os perigos, que suporta todas as misérias, todas as fadigas e todas as privações, tendo em vista adquirir a fortuna ou a glória? Não há, pois, nada de irracional no princípio da livre escolha das provas da vida. A condição, para disso aproveitar, é não recuar; ora, é recuar quem não as suportar com coragem e resignação.

Qual será a sorte de Louis-Henri numa nova existência? Como expiou cruelmente suas faltas em sua última existência; que no estado de espírito seu arrependimento é sincero e suas boas resoluções sérias, é provável que será posto de modo a reparar os seus erros, fazendo o bem; mas como pagou sua dívida de sofrimentos corpóreos, não terá mais que passar pelas mesmas vicissitudes.

É o que lhe desejamos, em vista do que oramos por ele.

NECROLOGIA.

MORTE DO SR. BRUNEAU.

A Sociedade Espírita de Paris acaba de perder um de seus membros na pessoa do Sr. Bruneau, falecido em 13 de novembro de 1864, com a idade de setenta anos, e do qual o *Opinion nationale* anuncia a morte nestes termos:

"A morte bate golpes redobrados sobre os membros sobreviventes da missão são-simoniana no Egito. Depois de Enfantin, depois de Lambert Bey, temos a deplorar hoje a perda do Sr. Bruneau, antigo coronel de artilharia, que fundou no Egito a escola de cavalaria, ao passo que Lambert Bey, seu genro, organizou uma escola politécnica. O Sr. Bruneau morreu como homem livre, cheio de esperança no progresso físico, intelectual e moral, cheio de fé nas doutrinas religiosas e sociais da juventude."

O Sr. Bruneau, antigo aluno da Escola Politécnica, era membro da Sociedade Espírita de Paris, há vários anos. Ignoramos que fé tinha no futuro das doutrinas religiosas e sociais de sua juventude, mas sabemos que tinha uma confiança absoluta no futuro do Espiritismo, do qual era um adepto fervoroso e esclarecido. Havia haurido uma fé inabalável na vida futura e nas reformas humanitárias que dela serão a conseqüência. Acrescentamos que seus colegas tinham podido apreciar as suas excelentes qualidades, a sua extrema modéstia, sua doçura, sua benevolência e sua caridade. Comunicou-se na Sociedade poucos dias depois de sua morte, e deu a prova da elevação de seu Espírito, pela justeza e profundidade de suas apreciações. Para ele o mundo invisível não teve nenhuma surpresa, porque o compreendia antecipadamente; também veio nos confirmar tudo o que a Doutrina nos ensina a este respeito. Ele reencontrou com alegria seus parentes,

seus amigos e seus colegas que o precederam e que o esperaram em sua chegada entre eles.

A Sociedade Espírita de Paris foi representada nos funerais do Sr. Bruneau por uma delegação de vinte membros. Teríamos feito um dever exprimir, nessa circunstância, os sentimentos da Sociedade, mas sabíamos que a família não era simpática às nossas idéias e tivemos que nos abster de toda manifestação. O Espiritismo não se impõe; ele quer ser livremente aceito; é por isso que ele respeita todas as crenças, e, por espírito de tolerância e de caridade, evita o que pode melindrar as opiniões contrárias às suas.

De resto, o justo tributo de elogios e de lamentos que não pode lhe ser pago ostensivamente, diante de um público indiferente ou hostil, o foi com muito mais recolhimento no seio da Sociedade. Na sessão que seguiu seus funerais, uma alocução foi pronunciada, e todos os seus colegas se uniram de coração às preces que foram ditas em sua intenção.

Na sessão da Sociedade consagrada à memória do Sr. Bruneau, o Sr. Allan Kardec pronunciou a alocução seguinte:

Senhores e caros Irmãos espíritas,

Um de nossos colegas acaba de deixar a Terra para reentrar no mundo dos Espíritos. Consagrando-lhe especialmente esta sessão, cumprimos para com ele um dever de confraternidade, ao qual cada um de nós, disto não duvido, se associará de coração e por uma santa comunhão de pensamentos.

O Sr. Bruneau fazia parte da Sociedade desde 1º de abril de 1862; membro da comissão, ele era, como o sabeis, muito assíduo às nossas sessões. Todos nós podemos apreciar a doçura de seu caráter, sua extrema benevolência, sua simplicidade e sua caridade. Não há um infortúnio mencionado à Sociedade em favor do qual não haja trazido a sua oferenda. Sua morte nos revelou nele uma outra qualidade eminente: a modéstia. Jamais exibiu títulos que o recomendava como homem de saber. Uma circunstância fortuita me havia informado que era antigo aluno da Escola Politécnica, mas ignorávamos todos que foi coronel de artilharia, e que havia cumprido uma missão superior no Egito, onde fundou uma escola de cavalaria, ao mesmo tempo que seu genro, Lambert Bey, ali fundou uma escola politécnica. Nós o conhecíamos como um Espírita sincero, devotado e esclarecido, e se ele se calava sobre seus títulos, não escondia as suas opiniões.

Essas circunstâncias, senhores, nos tornam sua memória ainda mais cara, e não duvidemos de que haja encontrado no mundo dos Espíritos uma posição digna de seu mérito.

O Sr. Bruneau havia sido um dos membros ativos da escola são-simoniana, o que os jornais que anunciaram sua morte tiveram o cuidado de fazer ressaltar, mas se guardaram bem de dizer que ele morreu na crença espírita.

Não temos a discutir aqui os princípios da escola são-simoniana; no entanto, o início do artigo do *Opinion nationale* nos leva involuntariamente a fazer uma comparação. Ali está dito: "A morte bate com golpes redobrados sobre os membros da missão são-simoniana no Egito; depois de Enfantin, depois de Lambert Bey, temos a deplorar hoje a perda do Sr. Bruneau, etc." O são-simonismo, durante algum tempo, lançou um vivo clarão, seja pela estranheza de algumas de suas doutrinas, seja pelos homens eminentes que a ele se juntaram; mas sabe-se o quanto esse clarão foi passageiro. Porque, pois, uma existência tão efêmera, se estava de posse da verdade filosófica?

Às vezes, a verdade é lenta em se difundir; mas no momento em que ela começa a despontar, cresce sem cessar e não perece, porque a verdade é eterna, e ela é eterna porque emana de Deus; só o erro é perecível porque ele vem dos homens. O progresso é a lei da Humanidade; ora, a Humanidade não pode progredir senão à medida que ela descobre a verdade; uma vez feita a descoberta, ela é adquirida e inabalável. Que teoria poderia prevalecer hoje contra a lei do movimento dos astros, da formação da Terra e tantas outras? A filosofia não é variável senão porque é o produto de sistemas criados pelos

homens; ela não terá estabilidade senão quando tiver adquirido a precisão da verdade matemática. Se, pois, um sistema, uma teoria, uma doutrina qualquer, filosófica, religiosa ou social, caminha para o declínio, é a prova certa de que não está na verdade absoluta. Em todas as religiões, sem disso excetuar o Cristianismo, o elemento divino é imperecível; o elemento humano cai se não está em harmonia com *a* lei do progresso; mas como o progresso é incessante, disso resulta que, nas religiões, o elemento humano deve se modificar sob pena de perecer; só o elemento divino é invariável. Vede-o na lei mosaica: as tábuas do Sinai estão ainda de pé, tornando-se cada vez mais o código da Humanidade, ao passo que o resto teve o seu tempo.

A verdade absoluta, não podendo se estabelecer senão sobre as ruínas do erro, forçosamente, encontra antagonistas entre aqueles que, vivendo do erro, têm interesse em combater a verdade, e lhe fazem, por isso mesmo, uma guerra obstinada, mas ela conquista prontamente as simpatias das massas desinteressadas. Ocorreu assim com a doutrina são-sominiana? Não; como prática ela viveu; não sobrevive senão no estado de teoria simpática e de crença individual no pensamento de alguns de seus antigos adeptos; mas, assim como o constata o *Opinion nationale,* cada dia levando alguns de seus representantes, não está distante o tempo em que todos terão desaparecido, e então ela não viverá mais senão na história. De onde é preciso concluir que ela não possuía toda a verdade e não respondia a todas as aspirações.

Isto quer dizer que todas as seitas e todas as escolas que caem estejam no falso absoluto? Não; a maioria, ao contrário, entreviu um canto da verdade; mas a soma de verdades que elas possuem não sendo bastante grande para sustentar a luta contra o progresso, elas não se encontraram à altura das necessidades da Humanidade. Aliás, as seitas são, geralmente, bastante exclusivas, e, por isso mesmo, estacionárias; disso resulta que aquelas que puderam marcar uma etapa do progresso numa certa época, acabam por ser distanciadas e se extinguem pela força das coisas. No entanto, quaisquer que sejam os erros sobre os quais elas venham a sucumbir, sua passagem não foi inútil: elas revolveram as idéias, tiraram o homem do entorpecimento, levantaram questões novas que, melhor elaboradas e libertas do espírito de sistema e do exagero, recebem mais tarde a sua solução. Entre as idéias que elas semeiam, só as boas frutificam e renascem sob uma nova forma; o tempo, a experiência e a razão fazem justiça às outras.

O erro de quase todas as doutrinas sociais, apresentadas como a panacéia dos males da Humanidade, é de se apoiar exclusivamente sobre os interesses materiais. Disso resulta que a solidariedade que elas procuram estabelecer entre os homens é frágil como a vida corpórea; os laços de fraternidade, não tendo raízes no coração e na fé no futuro, se rompem ao menor choque do egoísmo.

O Espiritismo se apresenta em condições todas outras. Está ele na verdade? Nós o cremos, mas estamos melhor fundados do que os outros? Os motivos que nos levam *a* crê-lo são muito simples; eles ressaltam, ao mesmo tempo, da causa e dos efeitos. Como causa, tem por ele de não ser uma concepção humana, o produto de um sistema pessoal, o que é capital; não há um único de seus princípios, e quando digo um único, não faço nenhuma exceção, que não seja baseado sobre a observação dos fatos. *Se um único dos princípios do Espiritismo fosse o resultado de uma opinião individual, este seria o seu lado vulnerável.* Mas desde que ele não avança em nada que não seja sancionado pela experiência dos fatos, e que os fatos estão nas leis da Natureza, deve ser imutável como essas leis, porque por toda a parte e em todos *os* tempos encontrará sua sanção e sua confirmação, e, cedo ou tarde, é preciso que, diante dos fatos, todas as crenças se inclinem.

Como efeito, ele responde a todas as aspirações da alma; satisfaz, ao mesmo tempo, o espírito, a razão e o coração; enche o vazio que a dúvida deixa; dá uma base e uma razão de ser à solidariedade, pela ligação que estabelece entre o presente e o futuro; assenta, enfim, sobre um fundamento sólido o princípio de igualdade, de liberdade e de fraternidade. Ele é assim o pivô sobre o qual se apoiam todas as reformas sociais sérias. Ele

mesmo se apoiando sobre os fatos e as leis da Natureza, sem mistura de teorias humanas, não arrisca de se afastar do elemento divino. Também oferece o espetáculo único na história de uma Doutrina que, em alguns anos, se implantou sobre todos os pontos do globo e cresce sem cessar; que liga todas as crenças religiosas, ao passo que as outras são exclusivas e ficam encerradas num círculo circunscrito de adeptos.

Tais são, em poucas palavras, as razões sobre as quais se apoia a nossa fé na verdade *e* na estabilidade do Espiritismo. Esperamos que nosso antigo colega e sempre irmão Bruneau consinta em nos dizer como encara a questão, hoje que pode considerar de um ponto de vista mais elevado.

Nota. A comunicação do Sr. Bruneau respondeu plenamente à nossa expectativa; ela se prende, assim como aquelas que foram obtidas nesta sessão, a um conjunto de questões que serão tratadas ulteriormente; é por isso que adiamos a sua publicação.

VARIEDADES

COMUNICAÇÃO EM SENTIDO OPOSTO.

(Anvers, 1º de novembro de 1864.)

(Fim) .larutan iel ad medro an ol-ácolocrop larutanerbos e ocitsátnaf retárac odot omsitiripsE oa siarit euqrop é; oãçiefrep a: ovitejob omsem o somiugesrep son sotrom sosson e soviv sossov euq etnemlanif ,ziuj onarebos oa adatserp atnoc somet áj só.n lauq ad oãssim amu riugesrep ed sueD rop sodagerracne e oproc o amahc es euq ertserret oirótlovne ossov me siazerpsed rezid reuq, sodanracne sotirípse, sóV. sotirípsE sodot somos són euq selpmis otium oãsulcnoc

á acot es, amla ad edadilatromi ad odatatsnoc otaf olep, aroh; anirtuoD atse racrec á zarpa es es lauq od oirbmos sezev sã e osohlivaram oigítserp o riurtsed á oinícoicar selpmis olep agehc es, ortuo o mes mu ratiejer uo ritimda airebas oán es euq, soipícnirp siod sues ed odnitrap mE. amIA ad edadilatromi a e sueD mu ed aicnêtsixe a: sedadrev sednarg saud anisne sov omsitiripsE O (oçemoC).

(Fim). edadiraC ed ota mud adahnapmoca ecerp aob amu (sodassapsert) ariefatrauq an e, otium zeugitaf sov oán: oãçadnemocer amitlú amu, ritrap ed setnA (oçemoC).

.suedA

Demos acima uma curiosa amostra da escrita tiptológica inversa, da qual falamos no número de outubro último, página 309. Notar-se-á que não são apenas as palavras que são ditadas ao inverso, mas os parágrafos inteiros; de sorte que é preciso começar pela última letra de cada parágrafo. Deixamos aos nossos leitores o cuidado da tradução.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

COMO E PORQUE ME TORNEI ESPÍRITA.

Por J.-B. Borreau, de Niort (1).

(1) Broch. in-8º. Preço: 2 fr. - Niort, em todas as livrarias: Paris, Didier e Cia. 35, cais dos Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor conta como foi levado a crer na existência dos Espíritos, em suas manifestações e em sua intervenção nas coisas deste mundo, e isto muito tempo antes que o Espiritismo fosse questão. A isso fui conduzido por uma série de acontecimentos, então que nisso não pensava de nenhum modo. Nas experiências que fazia com todo outro objetivo, o mundo dos Espíritos se lhe apresentou, por seu lado pior, é verdade, mas, enfim, se apresentou como parte ativa. O Sr. Borreau a encontrou sem o querer, absolutamente como os procuradores da pedra filosofal encontraram no fundo de suas retartas corpos

novos que não procuravam, e que enriqueceram a ciência, se não os enriqueceram eles mesmos.

O relato detalhado e circunstanciado do Sr. Borreau é, ao mesmo tempo, interessante, porque é verdadeiro, e muito instrutivo pelos ensinos que deles ressaltam para qualquer um, não se detendo na superfície das coisas, procura as deduções e as conseqüências que se podem tirar dos fatos.

O Sr. Borreau é um grande magnetizador; ele tinha podido constatar o poder do agente magnético, e a espantosa lucidez de certos sonâmbulos, que vêem à distância com tanta precisão quanto com *os* olhos, e cuja visão não se detém nem pela obscuridade nem pelos corpos opacos. Esses fenômenos foram para ele a prova palpável da existência, no homem, de um princípio inteligente independente da matéria. Seu desejo ardente era propagar essa ciência nova; mas, sem esperança de vencer a incredulidade, teve a idéia de tocar as imaginações por um fato estrondoso, diante do qual deveriam cair todas as negativas e dúvidas dos mais obstinados.

Uma vez que, disse para si mesmo, a visão dos sonâmbulos penetra tudo, ela pode penetrar as camadas terrestres. A descoberta ostensiva de algum tesouro escondido seria um fato patente, que não poderia deixar de fazer muito barulho, e imporia silêncio aos zombadores, porque não se zomba diante dos tesouros.

É a história de suas tentativas que o Sr. Borreau conta em sua brochura, tentativas penosas, perigosas, que muitas vezes puderam fazê-lo crer no sucesso, e que, depois de vinte anos, não conduziram senão a decepções e a mistificações. Um dos episódios mais emocionantes é aquele da cena terrível que ocorreu, quando faziam escavações num campo da Vendée, durante uma noite escura, ao pé de pedras druídicas e no meio de sombrias giestas, no momento em que acreditava tocar o objetivo, a sonâmbula, no paroxismo do êxtase e da superexcitação, caiu inanimada, como atingida por um raio, não dando mais sinal de vida, e tendo a rigidez cadavérica. Julgaram-na morta, e deveu-se transportá-la, com muitas dificuldades, através de ravinas e de rochedos, numa noite escura. Não foi senão a várias léguas dali que ela começou a voltar a si, sem ter consciência do que se passara. Esse fracasso não desencorajou o perseverante pesquisador, apesar de uma multidão de outros incidentes, não menos dramáticos, que vieram sem cessar por obstáculos, como para adverti-lo da inutilidade e do perigo de suas tentativas.

Foi durante o curso de suas experiências que a existência dos Espíritos lhe foi revelada de maneira patente, seja pela sonâmbula, que os via e conversava com eles, seja por mais de cinqüenta fatos de *escrita direta,* cujo original não podia ser duvidoso. Esses Espíritos se apresentaram, ora sob aspectos apavorantes, e provocavam na sonâmbula crises terríveis que toda a força magnética, do Sr. Borreau não podia chegar a acalmar, ora sob a aparência de Espíritos benevolentes que vinham encorajá-lo a prosseguir suas pesquisas, prometendo sempre o sucesso, mas do qual eles distanciavam a data. Persistir em tais condições, devemos dize-lo, era jogar um jogo bem perigoso e incorrer em grave responsabilidade. Acrescentamos que os Espíritos prescreviam novenas, das quais o Sr. Borreau acabou por deixar, achando que isso se tornava muito caro, o que o levou a esta reflexão: que as preces ditas por si mesmo poderiam ser também eficazes e não custariam nada.

Hoje que o Espiritismo veio esclarecer todas estas questões, cada um dos parágrafos dessa brochura poderia dar lugar a um comentário instrutivo, mais dois números inteiros de nossa *Revista* não lhe bastariam. Um dia, talvez, empreenderemos esse trabalho; à espera disso, toda pessoa versada no conhecimento dos princípios do Espiritismo poderá, ela mesma, tirar as conclusões. Remetemos, para esse efeito, ao capítulo XXVI de *O Livro dos Médiuns,* e notadamente aos §§ 294 e 295, assim como às reflexões que acompanham o artigo sobre a sociedade alemã dos procuradores de tesouros, publicado na *Revista* de outubro de 1864.

O Sr. Borreau disse que seu único objetivo era vencer a incredulidade a respeito do magnetismo; no entanto, embora não haja triunfado, o magnetismo e o sonambulismo não deixaram de fazer o seu caminho; apesar da oposição sistemática de alguns sábios, os fenômenos dessa ordem hoje passaram ao estado de fatos, e aceitos pelas massas e por um grande número de médicos; as curas magnéticas são admitidas, mesmo no mundo oficial; algumas pessoas as contestam ainda por espírito de oposição, mas ninguém se ri mais delas; tanto é verdadeiro que o que é verdade deve cedo ou tarde triunfar.

O êxito das tentativas do Sr. Borreau não era, pois, necessário; ele não alcançou mesmo o objetivo que se propunha, porque um fato isolado não pode fazer lei, e não teriam faltado razões aos incrédulos para atribuí-lo a toda outra causa do que a verdadeira. Dizemos mais, é que o êxito teria sido deplorável para o magnetismo.

Um princípio novo não se acredita senão pela multiplicidade dos fatos; ora, a possibilidade para um de descobrir um tesouro implicaria essa possibilidade para todo o mundo; para melhor se convencer, cada um teria querido tentar. O que de mais natural! uma vez que se poderia enriquecer tão fácil e prontamente; os preguiçosos aí teriam encontrado sua conta, *e* os ladrões também, pois, por que a lucidez se deteria diante do direito de propriedade? A cupidez, já chegada ao estado de flagelo, não tinha necessidade de novo estimulante. A Providência não o quis; mas como o magnetismo é uma lei natural, ele triunfou pela força das coisas. Sua propagação deveu-se sobretudo ao seu poder curativo; por aí ele tem um objetivo humanitário, e não egoísta como o é necessariamente a atração do ganho. Os inumeráveis fatos de cura que se repetem sobre todos os pontos do globo fizeram mais para acreditá-lo do que não teriam podido fazer a descoberta do maior tesouro, ou mesmo as experiências mais curiosas, tendo em vista que todo o mundo pode sentir-lhes os benefícios, ao passo que não há tesouros para todo o mundo, e que a própria curiosidade se cansa. Jesus fez mais prosélitos curando os doentes do que pelo milagre das bodas de Cana. Ocorre assim com o Espiritismo; aqueles que ele traz a si pela consolação estão para aqueles que ele recruta pela curiosidade na proporção de 100 por 1.

Essas tentativas, embora infrutíferas do ponto de vista material, foram sem proveito para o Sr. Borreau? Eis o que ele mesmo diz a esse respeito:

'Todas essas reflexões tinham de tal modo entristecido meu Espírito, tão alegre de hábito, que me tornei, durante o resto da viagem, triste, sonhador e injusto ao ponto de lamentar por ter dado, em meu pensamento, acesso a essa idéia fixa que me tinha lançado em todas as tribulações desses caminhos desconhecidos. "Que ganhei com isso, me dizia com amargura? O conhecimento, é verdade, de um mundo que eu ignorava, e a possibilidade de se pôr em relação com os seres que o compõe. Mas, afinal de contas, esse mundo, assim como o nosso, deve ter os seus bons e os seus maus Espíritos. Quem me dá a segurança de que, apesar do interesse que parece nos trazer e todas as suas belas e benevolentes palavras, aquele que parece que se impôs a nós não tenha senão boas intenções, e o poder, assim como o disse, de nos conduzir ao brilhante sucesso que sonhei, e que, talvez, não me foi inspirado senão para me seduzir e induzir-me em erro?"

Não é, pois, nada que a constatação do mundo invisível, da coisa que interessa no mais alto grau ao futuro da Humanidade inteira, uma vez que toda a Humanidade ali chega? Não é um resultado imenso que a descoberta dessa chave de abóbada de todos os problemas contra os quais a filosofia se choca até este dia? Não é um favor insigne ter sido um dos primeiros chamados para esse conhecimento? Não é um grande serviço prestado à causa do magnetismo, involuntariamente é verdade, o de ter fornecido, às suas expensas, uma nova prova, entre mil outras, da impossibilidade de sucesso em semelhante caso, e de afastar aqueles que seriam tentados a fazer semelhantes tentativas e se iludir de esperanças quiméricas? Foi a esse resultado que chegaram as laboriosas pesquisas do Sr. Borreau; se não encontrou tesouros por essa via, encontrou-os mil vezes

mais preciosos por outra; porque aquele que tivesse encontrado na Terra, teria sido forçado a deixá-lo em sua partida, ao passo que ele levará consigo um tesouro imperecível. Acha-se ele satisfeito? Nós o ignoramos.

O que quer que seja, não podemos nos impedir de estabelecer uma aproximação entre esse fato e o velho da fábula, que disse aos seus três filhos, que um tesouro estava escondido no campo, que lhes deixava por herança, sobre o que dois dentre eles se vêem a escavar sua porção; mas, de tesouro, nada. O terceiro, mais sábio, trabalha a sua com cuidado, tão bem que ao cabo do ano ela produz mais; de onde a máxima: 'Trabalhai, esforçai-vos, o fundo é o que menos falta." O Espírito fez como o velho, e, na nossa opinião, o Sr. Borreau encontrou o verdadeiro tesouro.

Nossa crítica não toca em nada a pessoa do Sr. Borreau, que conhecemos de longa data, e temos por digna de estima em todos os aspectos. Simplesmente quisemos mostrar a moralidade que ressalta de suas experiências em proveito da ciência e de cada um em particular. Desse ponto de vista, sua brochura é eminentemente instrutiva, ao mesmo tempo que interessante pelos fenômenos notáveis que ela constata; é porque a recomendamos aos nossos leitores.

O MUNDO MUSICAL

Jornal popular e internacional das belas artes e da literatura.

Tal é o título de um novo jornal que se publica em Bruxelles, no formato dos grandes jornais, sob a direção dos Srs. Malibran e Roselli, nomes que são ao mesmo tempo um programa e uma recomendação para a especialidade dessa folha. Não é como órgão das artes que temos que apreciá-lo; sobre este ponto nós nos referimos aos mais competentes do que nós e que o julgam à altura de seu título. Com efeito, não poderia ser confundido com essas folhas levianas que, sob a bandeira da literatura, dão aos seus leitores mais de gracejos que de fundo, e, freqüentemente, mais de brancos que de texto. O *Mundo musical é* um jornal sério, onde todas as questões de seu programa são tratadas de modo substancial e por mãos hábeis. Esta consideração não é sem importância para nós.

Esse jornal é um primeiro passo da imprensa independente no caminho do Espiritismo. Sem se colocar como órgão e propagador da Doutrina, fez este raciocínio judicioso:

'Verdadeiro ou falso, o Espiritismo tomou lugar entre os fatos da atualidade, que preocupam a opinião. As tempestades que ele levanta num certo mundo provam que não é sem importância; a sua propagação, apesar dos ataques do clero, prova que não é um fogo de palha; já, pelo número de seus adeptos, torna-se uma força com a qual cedo ou tarde será preciso contar. Se for um erro, cairá por si mesmo; se é uma verdade, é inevitavelmente uma revolução nas idéias e nada poderia se lhe opor. Numa ou noutra dessas duas alternativas, devemos, a título de informação, ter nossos leitores ao corrente do estado da questão. Falar disso ou de outra coisa, vale mais, em nossa opinião, tratar este assunto do que expor uma crônica escandalosa de bastidores ou dos salões.

"Para colocar nossos leitores em condições de julgar com conhecimento de causa, tiraremos a maioria de nossas citações dos escritos que fazem fé entre os adeptos dessa doutrina; mas, como não devemos nem queremos forçar a opinião de ninguém, nem pró nem contra, admitiremos a controvérsia quando ela não se afastar dos limites de uma discussão conveniente e honesta. Mantendo-nos sob o terreno da imparcialidade, cada um fica livre em suas convicções. As opiniões favoráveis ou contrárias que pudessem ser formuladas em certos artigos devem ser consideradas como opiniões pessoais dos autores de ditos artigos, e que não empenham em nada a responsabilidade do jornal."

Tal é o resumo do programa que nos foi apresentado, e ao qual não podemos senão aplaudir. Seria de desejar que esse exemplo tivesse imitadores na imprensa; o que censuramos nesta, não é a discussão de nossos princípios, mas a crítica cega e sistematicamente malévola do que fala sem conhecer, e os desnatura de maneira pouco leal. Os

jornais que entrarem francamente nesse caminho, longe de nele perder, não poderão senão ganhar materialmente, porque os Espíritas formam hoje uma massa de leitores cada vez mais preponderante, e cuja simpatia naturalmente se dirigirá de seu lado.

Sob esse aspecto, o *Monde* mus/ca/merece seus encorajamentos.

Nota. - O *Monde* mus/ca/aparece todos os domingos, desde 1º de outubro de 1864. Preço da assinatura: 4 francos por ano para a Bélgica; 10 francos para a Franca. Pode-se assinar a partir do 1º de cada mês; em *Bruxelles,* no escritório do jornal, rua do Ecuyer, nº18; em *Paris,* na agência do jornal, rua de Buffaut, 9.

Uma sociedade foi formada para a exploração desse jornal, com o capital de 60.000 fr. dividido em 2.400 ações de 25 fr. cada uma.

Auto-de-fé de Barcelona.

Fotografia de um desenho feito sobre os lugares, representando a cerimônia do auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona, com extrato da ata escrita pela mão do Sr. Allan Kardec.

Preço: 1 franco 25 c., *isento* para a França e Argélia, porte e embalagem 1fr. 50 c.

Ao escritório da *Revista Espírita.*

COMUNICAÇÃO ESPÍRITA.

A propósito de *A Imitação do Evangelho.*
(Bordeaux, maio de 1864; grupo de Saint-Jean. - Médium, Sr. Rui.)

Um novo livro acaba de aparecer; é uma luz mais brilhante que vem clarear o vosso caminho. Há dezoito séculos eu vim, por ordem de meu Pai, trazer a palavra de Deus aos homens de vontade. Esta palavra foi esquecida pela maioria, e a incredulidade, o materialismo, vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado sobre vossa Terra. Hoje, por ordem do *Eterno,* os bons Espíritos, seus mensageiros, vêm sobre todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são aquelas destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celeste. Sede dóceis aos seus ensinos; os tempos preditos são chegados; todos as profecias serão cumpridas.

Pelos frutos se reconhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais, onde a discórdia havia substituído a harmonia, viu-se retornar à paz e à felicidade; os homens que sucumbiam sob o peso de suas aflições, despertados aos assentos melodiosos das vozes de além-túmulo, compreenderam que caminhavam em falso caminho, e, ruborizados de suas fraquezas, arrependeram-se, e pediram ao Senhor a força de suportar suas provas.

Provas e expiações, eis a condição do homem sobre a Terra. Expiação do passado, provas para fortalecê-los contra a tentação, para desenvolver o Espírito pela atividade da luta, habituá-lo a dominar a matéria, e prepará-lo para os gozos puros que o esperam no mundo dos Espíritos.

Há várias moradas na casa de meu Pai, eu lhes disse há dezoito séculos. Estas palavras, o Espiritismo veio fazer compreendê-las. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o ardor do dia, que credes ter a vos lamentar da injustiça da sorte, bendizei vossos sofrimentos; agradecei a Deus que vos dá os meios de quitar as dívidas do passado; orai, não dos lábios, mas do vosso coração melhorado, para vir tomar, na casa de meu Pai, a melhor morada; porque os grandes serão rebaixados; mas, vós o sabeis, os pequenos nos e os humildes serão elevados.

O ESPÍRITO DE VERDADE.

Nota. - Sabe-se que tomamos tanto menos a responsabilidade dos nomes quanto pertençam a seres mais elevados. Nós não garantimos mais essa assinatura do que muitas outras, nos limitando a entregar esta comunicação à apreciação de todo Espírita esclarecido. Diremos, no entanto, que não se pode nela desconhecer a elevação do pensamento, a nobreza e a simplicidade das expressões, a sobriedade da linguagem, *a* ausência de todo supérfluo. Se se a compara àquelas que estão reportadas em *A Imitação do Evangelho* (prefácio, e cap. III: *O Cristo consolador),* e que levam a mesma assinatura, embora obtidas por médiuns diferentes e em diferentes épocas, nota-se entre elas uma analogia evidente de tom, de estilo e de pensamentos que acusa uma fonte única. Por nós, dizemos que ela *pode* ser de *O Espírito de Verdade,* porque ela é digna dele; ao passo que delas vimos massas assinadas com este nome venerado, ou o de *Jesus,* cuja prolixidade, verborragia, vulgaridade, às vezes mesmo a trivialidade das idéias, traem a origem apócrifa aos olhos dos menos clarividentes. Somente uma *fascinação* completa pode explicar *a* cegueira daqueles que nisso se deixam prender, se não for também o orgulho de se crer infalível e o intérprete privilegiado dos puros Espíritos, orgulho sempre punido, cedo ou tarde, por decepções, mistificações ridículas e por infelicidades reais nesta vida. À vista desses nomes venerados, o primeiro sentimento do médium modesto é o da dúvida, porque não se crê digno de um tal favor.

SUBSCRIÇÃO EM FAVOR DOS INCENDIADOS DE LIMOGES.

Esta subscrição foi encerrada em 1º de dezembro, assim como o anunciamos no último número da Revista. O montante se elevou a 255 francos.

Faremos notar que, em razão das férias da Sociedade, no momento do desastre, a subscrição não pôde ser aberta senão na reentrada, e anunciada na Revista do mês de outubro. Nessa época, cada um já tinha se apressado em derramar sua oferenda aos diferentes centros de subscrição, o que explica a modicidade da cifra obtida, que, para a subscrição rua nessa, se elevou a 2.833 fr. A quase totalidade dos subscritores tendo se guardado no anonimato, não publicamos a lista nominativa. Mencionaremos, no entanto, a que está inscrita por 50 fr. sob o título de *Produto da jornada de um fotógrafo de província,* com recomendação de calar mesmo o nome da cidade. A subscrição será dada em nome da *Sociedade Espírita de Paris.*

ALLAN KARDEC.
